

DINASTIA QUEBRADA



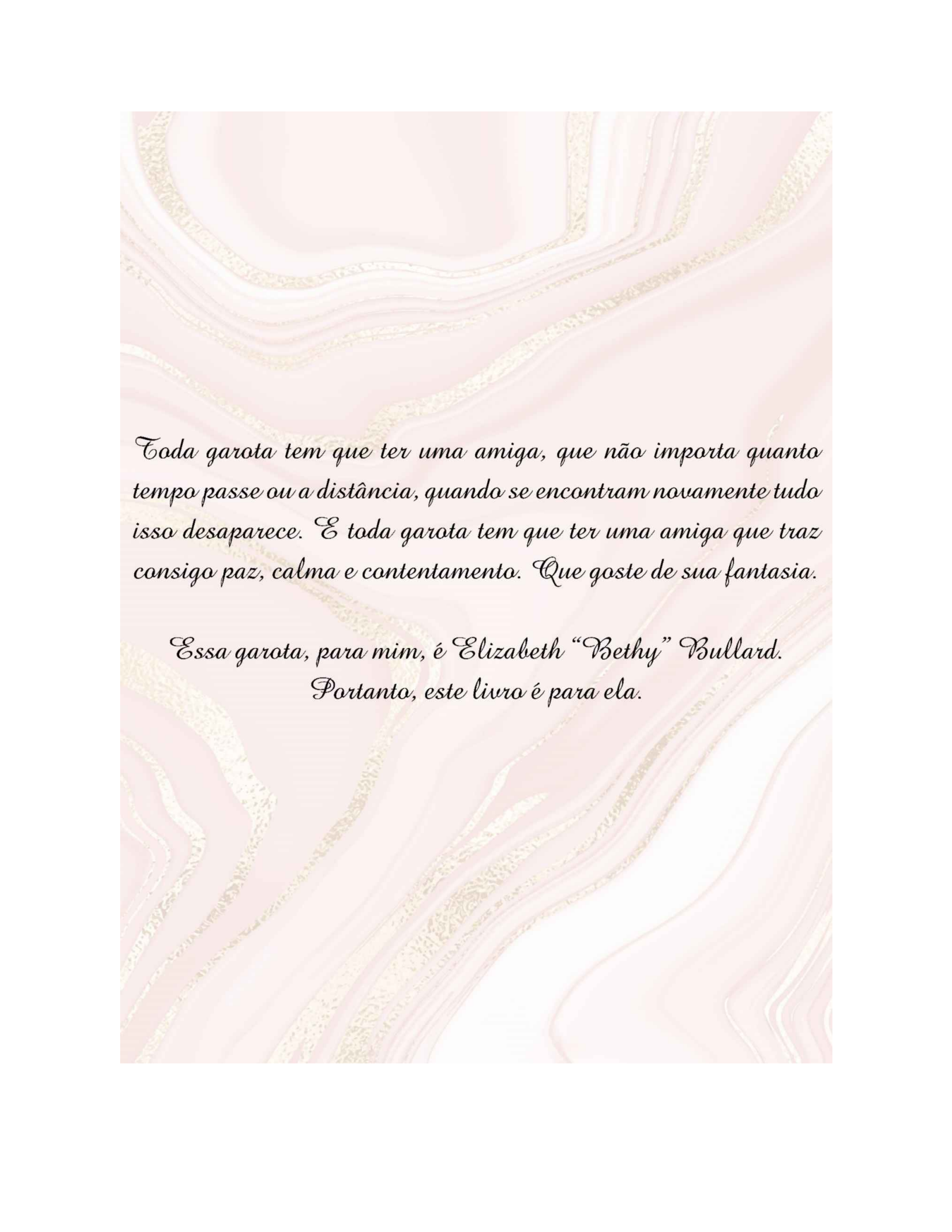
AUTORA BEST SELLER DO NEW YORK TIMES
KRISTEN ASHLEY

3000
editora



Bem-Vindos à

*F*antasy and

The background of the entire page is a soft, pink-toned marbled paper. It features delicate, wavy, and concentric patterns in shades of light pink and cream, accented with thin, shimmering lines of gold. The overall effect is elegant and feminine.

Toda garota tem que ter uma amiga, que não importa quanto tempo passe ou a distância, quando se encontram novamente tudo isso desaparece. E toda garota tem que ter uma amiga que traz consigo paz, calma e contentamento. Que goste de sua fantasia.

*Essa garota, para mim, é Elizabeth “Bethy” Bullard.
Portanto, este livro é para ela.*

Sumário

-

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)

[Glossário do Universo Paralelo](#)

Prólogo

Não Era O Plano Dele

Apollo Ulfr viu as luzes dançantes contra as suas pálpebras fechadas antes de sentir a presença na sala. Rolou para fora da cama e pegou a faca embaixo do travesseiro quando o fez. Se abaixou ao lado da cama, examinando o quarto até que os seus olhos se acostumassem com a escuridão. De repente, ele sentiu e soube que era ela.

A bruxa. Valentine Rousseau.

Aborrecido, visto que era a calada da noite e estava nu, pois pouco antes havia enviado a prostituta Beniessienne para sua própria cama e contado à bruxa sobre os seus planos — que não eram os mesmos planos que tinha compartilhado com ela, por isso a prostituta tinha ido embora — Apollo estava em Fleuridia para pegar os seus filhos no colégio interno, a fim de levá-los para um local seguro antes que a escuridão se estabelecesse na terra.

Então se endireitou e, ao mesmo tempo em que se erguia, falou:

— Bruxa, eu lhe disse a hora e o lugar para trazê-la para mim, isso não é....

Ela o interrompeu e a voz, como de costume, era irônica, mas havia certa urgência subjacente, o que fez a sua pele formigar.

— Se você quer conhecer a Ilsa do meu mundo, sugiro que mude os seus planos.

Através da escuridão, Apollo estreitou os olhos na direção da sombra magra.

— E isso significa? — perguntou quando a bruxa não disse mais *nada*.

— Significa que o Apollo do meu mundo a encontrou.

Na última vez que se falaram, a bruxa havia explicado o que isso significava.

O Apollo Ulfr do outro mundo, seu gêmeo, não era um homem bom e havia machucado a Ilsa. Por causa disso, ela fugiu dele. Entretanto, *agora* o seu gêmeo a tinha encontrado.

Maldição. Havia esperado vários anos para ter a sua esposa de volta. Não deixaria o seu maldito outro, em um universo paralelo, a levar embora.

Sem demora, Apollo se inclinou para recolher as roupas do chão, ordenando:

— Você vai me levar até ela.

— Isso é uma pergunta? — questionou em resposta.

Puxando a calça para cima, desviou o olhar para a sombra.

— Não, diabos, não é.

Felizmente, a bruxa enervante, que podia ser astuta e maliciosa, instantaneamente levantou as mãos elegantes com dedos longos e magros, adornados com unhas pintadas de escarlate, pouco antes de Apollo ver a névoa verde começar a iluminar o quarto.

— Traga as suas armas — alertou.

Diabos.

Ilsa.

— Claro — murmurou ao vestir a camisa, então calçou as botas e se moveu rapidamente até a cadeira em que havia jogado a capa e o sabre.

— Todas elas, Apollo — A bruxa continuou.

Diabos.

Ele não respondeu.

Balançou a capa ao seu redor, prendendo-a rapidamente na altura do peito. Fez o mesmo com a bainha que carregava o seu sabre. Colocou o cinto com as facas, enfiou uma lâmina na bainha e se moveu até o guarda-roupa. Abaixando, pegou mais facas em uma caixa no fundo e as enfiou em suas botas, uma de cada lado.

A névoa verde havia preenchido o quarto e Apollo junto com a bruxa foram desaparecendo enquanto ele se movia até ela e embora não tivesse caído, sentiu o chão ceder sob os seus pés e tudo desapareceu gradualmente, até ficar completamente preto.

Ao sentir algo sólido debaixo dele novamente e os arredores entraram em foco, o que Apollo viu fez o seu sangue correr, escaldante, dentro das veias, ele abriu a boca e *rugiu*.

Capítulo 01

Ternura E Dor

Cinco minutos antes...

Subi as escadas o mais rápido que podia, uma das mãos segurando as chaves sempre pronta, *sempre*, a outra mão dentro da bolsa, fuçando o bolso lateral onde eu guardava o telefone. O idiota havia me encontrado. Três anos fugindo e ele me encontrou.

Maldição! Oh, bem. Foda-se.

Estava preparada para isso e era hora de partir.

Cheguei ao local pobre em que o meu apartamento estava localizado e corri pelo corredor, a respiração rápida, o coração batendo forte, a pele gelada. Contudo, a minha mente estava clara. Vinha me preparando para isso e ele não me pegaria de novo. De novo, não.

Rapidamente, enfiei a chave na fechadura e a girei. Repeti o processo com a tranca. Abri a porta, corri para dentro e a fechei de supetão. Era uma porta de merda, mas não uma tranca de merda, já que com um monte de batidas de cílios e promessas não cumpridas eu havia convencido o meu senhorio assustador, que dava em cima de mim, a me conseguir uma melhor.

Agora, estava contando com essas fechaduras fortes para ganhar tempo.

Meu apartamento não estava situado em uma grande área da cidade, assim como a maioria deles não estava, nos últimos três anos. Era barato e nem um pouco ao meu estilo, visto que eu

gostava de coisas bonitas, sempre fui uma garota que usava roupas de marca e queria uma vida boa.

Essa era uma falha na minha natureza, que me custou muito caro. Muito. Em outras palavras, tudo.

Além disso, os meus apartamentos eram escolhidos de modo que os proprietários nem piscavam quando eu não pagava um aluguel, já que provavelmente perdiam inquilinos regularmente por uma variedade de razões nessa vida de merda, que as pessoas forçadas a viver nesses lugares de merda sempre tinham.

Esse apartamento foi alugado como todos os anteriores, com uma identidade falsa. Assim, mesmo que um proprietário quisesse me encontrar depois de eu não pagar o aluguel por três, seis, nove meses, ele não saberia a quem procurar.

Girei a fechadura, fechei a tranca e preendi a corrente e então corri para o quarto. Tendo alcançado o telefone, o meu polegar se moveu sobre a tela para clicar sobre um contato que eu tinha programado como AAA, por isso estava no topo da lista.

Cheguei ao quarto enquanto clicava na tecla “ligar” do celular.

Três anos atrás, nunca teria telefonado à polícia. Pol me ensinou a não fazer isso. Durante os anos em que estive fugindo, não os envolvi, já que aprendido bem a lição. Entretanto, *agora* precisava deles para — talvez — limpar a bagunça.

Alcansei o cofre no armário antes de ouvir:

— Nove, um, um, qual é a sua emergência?

— Meu marido — comecei a falar, apertando os dois primeiros dígitos do código no teclado do cofre, mas digitando o terceiro errado quando pulei, porque ouvi um baque alto na porta da frente.

Balancei a cabeça e fechei os olhos com força.

Concentre-se, Ilsa. Concentre-se — disse a mim mesma, abrindo os olhos e apagando o código no cofre.

— Senhora? — a atendente do 911 chamou. — Sua emergência?

— Meu marido me encontrou — disse a ela, digitando os números corretos, apertando o botão para abri-lo e ouvindo com gratidão os zumbidos da abertura da porta do cofre. — O nome dele é Pol Ulfr. Apollo Ulfr. Ele é um traficante de drogas de Portland, Oregon. É abusivo e estou fugindo dele há três anos. Agora, me achou. Estou no apartamento 3D, no número dois mil seiscentos e sessenta e um da Rua Rampart.

Ouvi outra pancada na porta, então adicionei:

— E ele está do lado de fora da minha porta.

Enfiei a mão no cofre e segurei a coronha enquanto continuava falando:

— Eu tenho uma arma. Você precisa enviar alguém logo.

Se ele chegar até mim primeiro, vou usá-la.

— Senhora, não use a arma. Estou despachando policiais imediatamente para o local — a operadora do 911 me disse, mas a ignorei.

Ela não sabia. Não fazia a menor ideia e eu pedia a Deus que nunca fizesse.

Em vez de compartilhar isso, avisei:

— Apollo vai trazer homens, pelo menos um, e confie em mim, crachás e uniformes não vão impedi-lo de conseguir o que quer.

E eles me queriam. Pelo menos, Pol queria.

Mas com a lealdade que os seus homens mostravam a ele, cairiam com uma saraivada de tiros antes de desistir de fazer o que tinham que fazer para dar ao Pol o que ele quisesse.

— Já estão a caminho — a operadora continuou. — Então, encontre um lugar seguro e por favor....

Outro baque na porta fez com que lascas de madeira voassem. Eles entrariam em breve, assim, não havia lugar seguro. Não nesse apartamento, nem em qualquer lugar.

A menos que eu o tornasse seguro.

Corri para um canto da sala e me abaixei, os olhos voltados através do escuro para a porta, dizendo:

— Tenho que ir agora.

— Senhora....

— Tchau — sussurrei, encerrei a chamada, larguei o celular no chão e tirei a bolsa do ombro.

Então, levantei a arma e a apontei para a porta.

Merda.

A porta de frente se abriu.

Merda!

Verifiquei para ter certeza de que a trava de segurança da arma estava destravada. E estava destravada, no entanto, conseguiria fazer isso? Respirei fundo pelo nariz. Eu conseguiria fazer isso, mas só porque tinha que fazer. Coloquei o dedo no gatilho e ouvi o som de passos, correndo. Um homem, não, vários.

Pol nunca corria. Esse não era o estilo dele. Ele caminhava, não corria. Não, a menos que estivesse em uma esteira ergométrica de última geração, fazendo negócios com drogas pelo Bluetooth.

Por outro lado, foi privado do seu brinquedo favorito por três anos. Não tratava bem esse brinquedo, longe disso, mas ainda era o seu favorito e iria querê-lo de volta. Pol conseguia o que queria. Sempre.

Inspirei novamente e em seguida sussurrei:

— Não hoje à noite.

Uma sombra atravessou a porta. Minha garganta fechou e eu congelei.

Tinha me preparado para isso. Porra, tinha me preparado. Tinha me preparado psicologicamente para esse exato momento durante anos. Por que ele estava chegando mais perto e eu não estava puxando o estúpido gatilho?

— Pare, eu tenho uma arma! — gritei o aviso.

Ele não parou e estava quase perto de mim quando o meu dedo lembrou dos meus planos e apertou. Pulei diante do som alto da arma, ouvi uma exclamação de surpresa, um grunhido de dor e a sombra estava cambaleando para trás.

Oh, Deus. Atirei em um homem. Merda! Eu atirei em um homem! Deus, como odiava o Pol.

Mas vi que o homem não era o Pol. Sabia disso porque pude sentir e ver isso. Pol era mais alto do que a sombra surpreendente, não tão volumoso, e estava logo atrás daquela sombra que caiu para trás.

Sabia disso porque ouvi a voz odiada, mas ainda assim profunda e atraente que eu *nunca* mais queria ouvir de novo, dizer:

— Jesus, que porra é essa?

Pol estava tão perto, eu não estava preparada para isso.

Não estava preparada no momento em que esticou a mão e pegou a minha, que segurava a arma, torcendo meu pulso com tanta força que a dor subiu rapidamente pelo meu braço, ombro e foi até o pescoço, fazendo o meu ouvido formigar.

Eu tinha me preparado. Realmente tinha, mas também já tinha me preparado antes.

Caralho, o Pol sempre leva a melhor sobre mim.

A fim de me concentrar em não ter *nenhuma* parte do meu braço quebrado, girei o corpo e larguei o cabo da arma. Então, Pol me soltou, pegou a arma e a lançou para cima, claramente para segurá-la pelo cano, porque a próxima coisa que reparei foi a coronhada descendo com força na carne da minha bochecha.

Ai, caralho.

Caí com uma mão ao meu lado e a outra, instintivamente, indo até a bochecha enquanto dor irradiava através do meu rosto e dos olhos, formando pontos negros em minha visão.

Merda, tinha esquecido.

Se me dissesse que eu esqueceria como isso me fazia sentir, não teria acreditado, mas três anos sem ele me fez esquecer o quanto *isso dói*. A novidade, porém, era que mesmo que os pontos ainda estivessem piscando atrás dos meus olhos, o resto da minha visão estava tornando um estranho verde esmeralda.

Estranho e provavelmente nada bom.

— Você atirou no Manny. Jesus, Ilsa, sua *puta* estúpida — Pol falou bem de perto e, como de costume, não hesitou.

Senti o chute em minhas costelas com tanta força, que me levantou e virou, então as minhas costas bateram contra a parede e

caí com tudo o que tinha, bem a tempo de ouvir um rugido masculino apavorante.

Não um grito. Não um berro. Um animalesco, mas ainda humano, *rugido* de autêntica *raiva*.

No início, pensei que estava vindo do Pol e fiquei rígida, me preparando para o próximo golpe. Mas quando não veio, aquela estranha luz verde brilhava tão intensamente enquanto eu levantava os olhos, que iluminava o quarto. Então, *agora*, podia ver tudo claramente.

Ainda assim, pisquei e me apoiei no antebraço, a dor no rosto e nas costelas foi completamente esquecida porque tinha certeza de que, tão claras como as coisas eram naquela luz estranha, eu não estava vendo corretamente.

Isso porque via o impossível.

E o impossível era que havia dois Pols.

Um deles era o Pol ao qual eu estava acostumada. Alto, poderosamente construído, em forma, cabelos bem arrumados, calça e camisa sob medida que o fazia parecer elegante e sexy — se você não soubesse o idiota que era, parecia.

O outro era um Pol diferente.

Ainda alto e com compleição forte, ele estava mais em forma. *Claramente*, mais em forma. Assim, *muito*. Ele fazia o outro Pol parecer pequeno e esse novo Pol era poderoso. Os cabelos escuros também não estavam bem aparados, precisavam urgentemente de um corte e parecia que havia acabado de sair da cama, além de não usar roupas elegantes e sob medida. Nem estava usando jeans e camiseta.

Pisquei novamente.

Bom Deus, estava vestindo o que parecia ser calças, botas de cano alto que iam até os joelhos, uma camisa com laço no colarinho e uma maldita *capa* por cima de todas as coisas. Sim, uma capa!

Aparentemente, receber uma coronhada fazia com que você tivesse alucinações. Lá estava, a visão diante de mim era o Pol usando uma roupa parecida com aquelas que estampavam as capas de romances históricos, preparado para *abater* o Pol normal com os punhos, um poderoso e nauseante baque, de carne contra carne, soando através da sala.

Putá merda.

O Pol que eu conhecia caiu de joelhos, mas, de repente, girou para longe do Pol de capa de romances e começou a levantar a mão que ainda estava segurando a minha arma. Foi quando ouvi uma voz atraente, culta e insanamente entediada de uma fêmea.

— Apollo, *chérie*^[1], o outro você possui uma arma mortal.

Estava prestes a afastar os olhos dos dois Pols, para olhar na direção em que a voz da mulher estava vindo, quando ouvi o que poderia jurar ser um silvar de aço.

Sim, tinha razão. Era o silvar de aço e soube disso porque o Pol com capa de romances estava, *agora*, empunhando uma espada. Uma maldita *espada*!

Que diabos!

Então, pressionei o meu corpo contra a parede quando, com um golpe experiente, econômico, legal para cacete — se não fosse assustador para caramba e incrivelmente brutal, além disso —, fez quase um círculo completo e o Pol com capa de romances *cortou* a mão direita do outro Pol.

Sim, cortou a mão dele!

Emiti um ruído enquanto engolia em seco, segurando o vômito que subiu até a garganta e Pol soltou um violento estrondo de fúria e dor, segurando a mão ainda pendurada ao seu pulso, *agora*, um toco.

Ok. Eu não estava tendo alucinações. Estava inconscientemente tendo um sonho absolutamente repugnante. Ainda assim, mesmo sabendo disso, não acordei, o que eu realmente desejava fazer. O sonho continuou e o Pol com capa de romances se aproximou para dar mais um golpe com a sua espada.

Fechei os olhos e me encolhi ainda mais, pressionando-me contra a parede atrás de mim como se quisesse que ela me absorvesse, porque parecia que ele pretendia arrancar a cabeça do Pol.

Ouvi o baque de um corpo batendo no piso, embora não ouvisse uma segunda pancada, o que indicaria uma cabeça batendo no chão, e novamente engoli em seco, ficando aterrorizada enquanto as sirenes da polícia soavam distantes.

Não sabia se isso era bom ou ruim. Poderia explicar a minha necessidade de ter uma arma e cumpriria a pena — se um júri achasse que eu merecia —, mas não poderia explicar uma decapitação.

— Devemos partir, *tout de suite*^[2] — a mulher disse e não parecia mais aborrecida, também não parecia assustada como eu estava, de uma maneira insana, mas havia uma ponta de urgência em sua voz.

Abri os olhos no momento em que fui erguida pelos braços do Pol com capa de romances.

Oh, oh.

Isso não era o que uma pessoa inconsciente sentiria. Eu tinha ficado assim muitas vezes na minha vida, não apenas dormindo. Sabia como era e não era assim. Seus braços seguraram o meio das minhas costas e por trás dos meus joelhos, me enjaulando firmemente contra o peito largo enquanto olhava para mim e se endireitava, antes de virar e andar até o meio da sala.

Eu deveria protestar. Eu *tinha que* protestar, só que não protestei. Isso porque estava olhando nos olhos do Pol, mas esse não era o Pol. Tinha visto uma infinidade de sentimentos nos olhos do Pol: amor, ódio, fúria, aborrecimento, paixão e humor. Poderia continuar e continuar citando.

Esse homem, com suas roupas estranhas, não mostrava *nenhum* dos olhares que o Pol tinha me mostrado durante os vários anos em que estivemos juntos. Estava olhando para mim com uma ternura tão aguda, que eu juraria que ele estava com dor.

E não um pouco disso, de ternura e dor.

— Você não é o Pol — sussurrei.

— Não. Não sou — respondeu, aço cortando através do tom da sua voz, a mesma voz do Pol e ainda assim... *não era*.

Seus braços me apertaram mais quando tudo ao nosso redor ficou escuro.

A perda do verde não me preocupou, mas esse cara me preocupava. Esse cara que usava roupas estranhas, sabia como manejar uma espada e não hesitava em usá-la, *agora*, olhava para mim como se eu fosse a sua razão de respirar me preocupava.

Então, continuei falando:

— Você não é uma alucinação.

Alguma ternura escapou dos seus olhos, mas apenas para que fosse substituída por diversão e isso estava longe de ser pouco atraente.

— Não sou isso também, minha pomba.

Minha pomba?

Que diabos?

— Eu tenho uma lesão cerebral? — perguntei, achando que essa seria a única explicação, e seus olhos desceram para a minha bochecha.

A ternura e o humor desapareceram, antes do seu olhar voltar ao meu.

— Veremos.

Essa não era uma boa resposta.

Quero dizer, eu estava incerta sobre a realidade em que um cara tinha espancado o Pol, decepado a sua mão e talvez a cabeça, mas apenas porque teria muito o que explicar à polícia, apesar de não me importar com o que diriam sobre mim. Talvez desmembramento fosse um castigo um pouquinho duro para todas as transgressões do Pol, mas apenas um *pouquinho*.

Não estava certa sobre *não* ter uma lesão cerebral. Pol tinha infligido uma série de danos ao longo dos anos — pulsos e costelas quebradas, concussões, contusões, tornozelos torcidos etc. —, mas nunca me deixou em coma.

Antes que eu pudesse chegar a uma conclusão, o novo Pol me deitou gentilmente em uma cama macia, na qual me senti muito bem — por isso soube que não era a cama irregular do meu apartamento, que não fazia com que eu me sentisse bem.

Apollo murmurou para o aposento em geral, “Luz”, que interpretei como uma ordem para a mulher desconhecida que sentia que ainda estava conosco, porque dentro de segundos uma luz fraca iluminou o quarto.

Não tive a chance de processar essa nova impossibilidade, de eu estar em uma cama confortável, porque ele se sentou ao meu lado e levantou a mão para apoiá-la na minha bochecha. A ponta do seu polegar estava logo abaixo da carne que ainda ardia e estava dolorida, portanto, inchada onde o Pol bateu com a coronha da arma.

Ah, inclinou-se profundamente, o rosto bem perto do meu e aquele olhar terno estava lá, novamente.

— Pelo que você passou antes da nossa chegada, Ilsa? — perguntou em voz baixa, profunda, calorosa e cheia de preocupação.

Tão terna quanto o seu olhar.

Certo. Hora de reavaliar. Estava completamente preparada para me defender quando o Pol me encontrou, por isso, me dispus a cair lutando se tivesse que fazer, embora, obviamente, essa não fosse a minha preferência. Tinha até mesmo atirado no Manny, que era um idiota e um psicótico desprezível, essas duas coisas não combinavam muito bem, mas ainda assim não o queria matar — ou qualquer um.

Não estava preparada para o que, diabos, estava acontecendo *atualmente*.

Por isso respondi:

— Uh...

— Preciso chamar um médico? — perguntou.

Sabia a resposta para isso. Vários anos poderiam ter passado e aquela coronhada vigorosa doía *pra caramba*, mas era moleza em comparação com o que o Pol já fez comigo.

— Não, obrigada — respondi e então, estupidamente, virei uma tagarela. — Estou bem. Já estive muito pior. Graças a... *uh...* você, ele não teve a chance de continuar, então vai ficar tudo bem.

Foi a coisa errada a dizer e soube disso instantaneamente.

O olhar terno foi embora. Os olhos verdes como jade ficaram intensos, a mandíbula forte enrijeceu e um músculo tremeu do queixo até a bochecha.

Oh, Jesus.

Lá estava. Esse era o Pol que eu conhecia e afundei no travesseiro enquanto meu corpo se preparava para fugir. Ele viu isso e presumi que, como o Pol, ele não deixava muita coisa passar. Ou, com o brilho de inteligência que o Pol não emanava dos seus olhos, não exatamente como esse Pol, talvez ele não deixasse passar *nada*.

— Eu não vou machucá-la, Ilsa — falou entre os dentes cerrados.

— *Aham* — murmurei de maneira pouco convincente, como qualquer um faria, vendo como eu via a ira nos seus olhos e o ouvindo falar por entre os dentes.

As pontas dos dedos dele pressionaram, com surpreendente suavidade, o meu rosto e ele se inclinou mais ainda.

— Nunca — sussurrou, sua voz ainda feroz e com raiva, mas algo me ocorreu.

Não eram apenas palavras, também não era uma promessa. Era um voto.

Que diabos está acontecendo?

Sabia o que não estava acontecendo: eu não estava na minha cama, não havia sirenes de polícia soando e o verde se foi dando um milésimo de segundo à reflexão, aquele verde não estava certo. Nada estava certo.

Assim, considerando que nada estava certo, sabia que tinha que afastar esse novo Pol do meu rosto para que eu pudesse fazer um balanço e preparar um novo plano. Portanto, sussurrei:

— Falou.

Sua cabeça se inclinou ligeiramente para o lado e as sobrancelhas escuras se ergueram.

— Falou? — perguntou.

Oh, Jesus.

Por que a sua voz profunda, falando essa palavra em um tom baixo e confuso, fazia a minha boca secar ao mesmo tempo em que me fazia querer sorrir, em um momento que estava longe de ser digno de um sorriso e não era engraçado?

Merda!

Não sabia quem era esse cara ou o que estava acontecendo. O que sabia era que já tinha estado ali antes. Fixei o olhar naquele belo rosto, com aqueles lábios fabulosos e os cabelos cheios, escuros e grossos. Olhei àqueles olhos incríveis, que eram jade puro. Sem brincadeira. Eram de um verde tão claro, tão translúcido, tão bonito, que uma vez que você o olhava, nunca mais iria querer desviar o olhar. Tudo isso em um corpo alto e em forma, que deixava os meus joelhos fracos e meus mamilos duros.

Anos atrás, olhei para tudo o que ele era e cometi o maior erro da minha vida, mas isso *não* aconteceria de novo, mesmo que

estivesse, nesse momento, em coma por causa de uma lesão cerebral atordoante e não estava vivenciando, mesmo, nada disso.

A mão na minha bochecha deslizou até o meu pescoço e concentrei-me nele quando o fez e disse:

— Eu não conheço essa palavra, minha pomba.

Quem não conhecia a palavra “falou”? Não perguntei, apenas expliquei rapidamente.

— Significa tudo bem. Bem. Bom. Tudo certo. Neste caso, acredito em você.

— Se acredita, por que ainda se pressiona contra o travesseiro? — perguntou.

— Hábito? — disse a palavra como uma pergunta, assim como uma resposta, e foi mais um erro.

Seu rosto começou a ser tomado, novamente, pela raiva. Então levantei a mão, me protegendo com ela e continuei balbuciando:

— Tudo bem, não fique todo esquisito comigo novamente. Estou legal. Estou bem. Vou relaxar — forcei-me a relaxar um pouco e apontei, indicando a mim mesma, com um movimento de mão. — Vê. Relaxada. Estou relaxando. Tudo certo. Estou bem.

— Você está mentindo — falou em voz baixa. — Mente com palavras muito estranhas, mas ainda mente.

Deus!

Precisava me recompor. Embora tenha dito isso suavemente, meu palpite era que ele não gostava de mentirosos, porque ninguém gostava de mentirosos. Eu precisava mantê-lo calmo, não o irritar.

— Eu... — comecei a encobrir a minha mentira, mas ele me interrompeu.

— Você não sabe onde está ou quem eu sou. Foi chutada e sofreu um golpe no rosto. E você testemunhou....

Fechei os olhos com força e pedi:

— Por favor, não vamos reviver aquilo.

Seus dedos deram um leve aperto no meu pescoço e abri os olhos.

— Eu precisava desarmá-lo, Ilsa — explicou, o tom da sua voz ainda estava suave.

— Cortando a mão dele? — perguntei e suas sobrancelhas se ergueram com um olhar assustador.

Oh, oh.

— Você se preocupa com o bem-estar dele? — perguntou em resposta.

— Eu realmente não me importo com o que acontece com o Pol. Só não queria *ver* aquilo acontecer, pois foi uma merda doentia, mas cortar a cabeça dele....

Ele me interrompeu, as sobrancelhas erguidas, o olhar não menos assustador.

— Não cortei a cabeça dele.

Não cortou? Bem, imaginei que foi por isso que não ouvi uma cabeça batendo no chão. Pensei nisso por um milésimo de segundo e decidi encarar como uma boa notícia.

— E se ele cuidar da ferida e for cauterizada, não vai perder a vida por ter a mão decepada — o novo Pol continuou.

Decidi encarar isso como outra boa notícia, simplesmente porque eu era um ser humano e isso era exigido de mim.

O novo Pol, em seguida, concluiu:

— Eu bati no lado da cabeça dele com o cabo da minha espada. Ele perdeu a consciência, mas não a vida.

Bem, lá estava.

— Falou — respondi, seus olhos brilharam e sua boca se curvou em um sorriso.

Oh, Jesus.

Essa não era uma aparência assustadora, era algo totalmente diferente.

— Posso interromper este momento, *chérie*, e sugerir que coloque uma compressa fria, gelo se estiver disponível ou carne crua se não estiver? — a voz feminina e polida veio até nós e fiquei feliz com isso porque o novo Pol se afastou um pouco e virou a cabeça para olhar às sombras.

Olhei além dele e vi, através da iluminação não muito boa, uma ruiva esbelta em um vestido verde fabuloso e as mais fabulosas sandálias plataforma verdes com saltos altíssimos, da cabeça aos pés tão escorregadia e cortês, como a voz dela levava a crer.

— O rosto dela está inchado, mas não deve ser tarde demais para o gelo conter um pouco do inchaço — ela continuou e o novo Pol se levantou em um *flash*.

— Vou cuidar disso — afirmou ao se mover rapidamente, a capa balançando de forma dramática atrás dele, a qual, estranha e impressionantemente, estava fixada na transversal ao longo das suas costas, por cima de um ombro e debaixo do outro. Em seguida, balançou novamente quando Pol parou e se virou para mim. — Descanse. Voltarei em breve — ordenou, olhou para a ruiva e continuou: — Cuide dela até eu voltar.

Depois de emitir as suas ordens, desapareceu nas sombras e ouvi uma porta abrir e fechar. Então, meus olhos se deslocaram para a mulher e quando o fizeram, a vi se movimentando nas sombras, mas voltou ao círculo de luz fraca puxando uma poltrona elegante com ela, posicionando-a perto da cama.

Sem dizer qualquer palavra, desapareceu novamente nas sombras. Olhei na direção em que ela sumiu e meu foco se deteve sobre mulher e no que poderia vir em seguida, nessa bizarrice toda. Notei vagamente que eu estava em uma cama um pouco grande demais, com uma cabeceira curvada que tinha um acolchoado de cor clara sobre ela, tão elegante quanto a poltrona. Constatei também que a colcha na qual estava deitada era de cetim — cetim! — e parecia, sob a luz fraca, ser de algum tom de azul.

Ela reapareceu carregando duas taças cheias de vinho tinto, mas não eram apenas taças de vinho, assim como a cadeira, a cabeceira e a colcha, as taças eram delicadas, elegantemente gravadas e graciosamente lapidadas.

Eu conhecia as coisas boas. Tinha degustado champanhe e descoberto as coisas boas da vida com grande energia e muita atenção. Pol era igualzinho a mim e obtinha o melhor da vida para si mesmo e, por extensão, para mim.

Então, sabia que tudo à minha volta *não* era, definitivamente, o meu pobre apartamento com mobília barata, em um bairro de nível baixo.

Só não sabia onde estava. Ou como cheguei ali.

Ela colocou a taça de vinho em uma mesa de cabeceira ao lado da cama e se sentou, provavelmente, como uma bailarina que se livrava de um peso, não que eu já tivesse visto isso, mesmo

assim. Lentamente, cruzou as pernas e os joelhos tombaram para o lado, mas suas costas e os ombros ficaram em linha reta, então parecia que estava posando para um retrato, não relaxando para uma conversa.

— Vinho Fleuridiano — murmurou, inclinando a cabeça ligeiramente para a taça sobre a mesa de cabeceira durante esse tempo, levando a dela até os lábios. — Tome um pouco. É excelente.

Nunca havia ouvido falar de vinho Fleuridiano, mas não perguntei. Também não peguei a taça de vinho. Apenas encarei o seu olhar e ela tomou um gole do vinho sem desviar o meu olhar. Em seguida, abaixou a mão lentamente para apoiá-la contra o braço da cadeira, e continuou a sustentar o meu olhar.

Por fim, anunciou:

— Eu sou Valentine Rousseau. Como você, não sou deste mundo. Moro em New Orleans e sou uma bruxa.

Olhei para ela, sentindo os meus lábios se abrirem e pensando em uma única palavra:

Fabuloso.

Capítulo 02

Profundo Ao Extremo

— Não é deste mundo? — perguntei baixinho quando ela não continuou.

Assentiu com a cabeça, mas disse:

— Eu aconselho, bela Ilsa, que ouça atentamente e entre em acordo com tudo o que estou prestes a lhe dizer. Tenho pouco tempo antes do Ulfr voltar. Ele vai querer se assegurar de que seja cuidada, mas não vai querer estar separado de você por muito tempo.

Ignorei isso e repeti:

— Não é deste mundo? — continuei, sem dar a ela qualquer chance para responder. — O que é este mundo? E você é uma bruxa? O que isso significa?

— Vamos começar do início — ela ofereceu.

— Essa é uma boa ideia — respondi, deslizando para cima na cama, a fim de apoiar os meus ombros na cabeceira, e consegui fazer isso com apenas um pouco de dor.

Ela observou enquanto eu me movia e seus olhos se estreitaram ligeiramente, como se eu a tivesse surpreendido, mas não falou *nada* sobre isso.

Começar desde o início, que devia ter sido uma bênção, acabou se tornando meio que uma maldição. Ou, se não uma maldição no sentido mais estrito, foi definitivamente estranho, confuso e talvez não tão bom.

— Pertenço a uma longa linhagem de bruxas — ela começou — e quando digo isso, *chérie*, quero dizer que o meu povo tem

praticado o ofício em Nova Orleans por séculos e antes disso o praticávamos na França. Antes em Roma. E antes *disso...* Egito.

Visões de rostos, que tomaram forma em tempestades de areia e enormes exércitos de gigantescos besouros rastejando por todo o lugar, como no filme *A Múmia*^[3], explodiram na minha cabeça enquanto eu piscava, em choque, diante do que ela estava dizendo.

Então tomei a melhor decisão em um longo período. Estendi a mão para a taça de vinho, a peguei e tomei um grande gole. Enquanto eu fazia isso, Valentine continuou:

— Portanto, o ofício está sendo passado através da minha linhagem por milênios, sou poderosa. *Muito*. Este poder me dá a capacidade de me mover entre os mundos, o que é muito difícil e consome uma enorme quantidade de magia. Com a força nascida em mim através de incontáveis gerações de bruxas, posso não só me mover à vontade e tantas vezes quanto eu quiser, também posso mover os outros.

Mover-se entre os mundos.

Oh, Jesus.

Já estava pronta para ela terminar, mas, infelizmente, continuou:

— E você vai ver, é claro, olhando à sua volta, que não está mais no nosso mundo. Está em um universo paralelo. Especificamente, Fleuridia, o meu país favorito nas Northlands. Embora, só para dizer, não tenho favorito nas Southlands. — Deu um leve tremor que foi apenas um ligeiro movimento, mas mostrou tudo sobre o que as malditas Southlands eram. Em seguida, concluiu: — E você deve ter notado que, neste universo paralelo, temos gêmeos, assim como já conheceu o gêmeo do seu marido.

Ok. Sério.... Quão forte o Pol tinha me atingido com àquela arma?

— Vejo que não acredita em mim — declarou, mostrando-me que eu não estava escondendo *nada* da minha reação. — Isso é o que desejo que resolva com rapidez, pois falo a verdade.

Quando parou de falar, ergui os olhos para ela e disse:

— Deixa eu ver se entendi. Vinte minutos atrás, estava fugindo do meu marido, um marido *realmente* muito ruim. Estive fugindo por anos. Ele me encontrou e começou a fazer o que faz de melhor, ou seja, infligir dor. Então você e esse outro Pol apareceram, vindos de outra dimensão. O outro Pol usa roupas com capa de romances e não hesita em cortar a mão do Pol da minha dimensão e bater na cabeça dele com o cabo da sua espada. Depois disso, você nos transportou para onde quer que seja aqui, um lugar que tem gêmeos das pessoas da nossa dimensão, camas muito confortáveis e realmente adoráveis taças de vinho.

— Nós não estamos em outra dimensão, *chérie* — ela corrigiu. — Estamos em um *universo paralelo*.

— Há alguma diferença? — perguntei.

— *Oh*, sim — respondeu. — Só há um universo paralelo, mas há muitas dimensões diferentes e você não quer ir para qualquer uma delas. — Seu lábio se curvou em um sorriso de escárnio refinado que, não importava o quanto eu estava assustada, tinha que admitir que era completamente legal. — As criaturas de lá... — sua voz sumiu enquanto balançava a cabeça.

— Bem, obrigada por não me levar para outra dimensão — murmurei e sorvi mais um razoável gole de vinho.

Ela se inclinou ligeiramente para frente, mais uma vez sustentando o meu olhar e sua voz suave estava muito séria quando declarou: — Ilsa, isto não é uma brincadeira. Não é uma alucinação. Não é um sonho. Isso é real. Tudo o que você vai vivenciar nos próximos dias e semanas vai parecer muito estranho e você deve se preparar para aceitar e se adaptar rapidamente. Dito isto, você está aqui agora, está segura e não vai voltar. Mas diante do que está por vir, é importante que se adapte rapidamente às suas novas circunstâncias.

Isso não pareceu muito bom. Nada disso parecia para ser honesta. *Realmente*, não parecia.

— Com o que está por vir? — perguntei quando ela não explicou.

Balançou a mão que não estava segurando a taça de vinho.

— Isso não é para agora. O que deve entender é que está a salvo aqui, deve aprender a confiar nisso e — se inclinou mais ainda na minha direção — o homem que acabou de sair deste aposento não é o Pol que você conhece. Ele é Apollo Ulfr, da Casa dos Ulfr, do país gelado do Norte, Lunwyn.

— Pol também é Apollo Ulfr da, *hummm...* Casa de Ulfr, acho, mas da cidade chuvosa de Portland — brinquei, talvez ficando um pouco histérica e quem iria me culpar?

— Mais uma vez, isso não é divertido — sua voz tinha uma veia de impaciência. — Isso é real e você deve compreender que estes dois não são o mesmo homem — ressaltou.

— Entendi isso — murmurei e tomei outro gole de vinho.

— *Chérie* — Se inclinou ainda mais e seus olhos ficaram meio que assustadores — eles *não...* são... o mesmo homem.

Ela estava fazendo com que eu pirasse e era um pirar que não parecia ser assim tão incrível. Dessa forma, a única coisa que pude fazer foi sussurrar.

— Falou.

Ela me estudou por um momento, antes de recostar.

— Vai ser difícil com o que sofreu na mão do outro Apollo, se lembrar disso. Mas, não esqueça.

— Você deixou bem claro — assegurei.

— Não deixei — ela discordou. — Veja, em cada mundo as pessoas iguais vivem, mas não são as mesmas.

— Você já disse isso — lembrei a ela, imaginando como Valentine achava que eu poderia esquecer, considerando que ainda estávamos falando sobre isso.

— Não, bela Ilsa, você está muito afetada por tudo o que ocorreu para considerar. Se existem dois Apollos, então existem duas Ilsas.

Oh, oh. Nada bom.

Ela ainda não havia terminado.

— Infelizmente, a Ilsa deste mundo não é mais *deste* mundo. Ela já morreu.

Meu Deus. A outra eu estava morta? Que droga!

Valentine ainda não havia terminado, mas proporcionou um colossal *grand finale*.

— Ela era a esposa do Apollo deste mundo.

Oh, Jesus.

— Caramba — sussurrei.

— Verdade — respondeu.

— Não entendo — disse a ela. — O que isso significa?

Logo, eu soube o que significava; meus olhos voaram para as sombras, onde ouvi a porta abrir e fechar quando o Apollo saiu, então olhei novamente para ela.

— Merda, Apollo acha que ela sou eu? Ou eu sou ela? Ou...
— abri as mãos — o quê?

— Não. Está ciente dos gêmeos. Sabe que você não é ela, mas isso não o impediu de contratar os meus serviços para encontrá-la e trazê-la até ele. Meus serviços estão longe de serem baratos, *chérie*, o alertei da sua situação no nosso mundo e que você poderia não o receber muito bem. No entanto, ele estava muito determinado.

Nada disso era bom. Era estranho, bizarro e inacreditável.

Fantástico.

Mas não estava ficando melhor.

— Não estou certa de que isso seja bom — compartilhei o meu entendimento.

— Concordo. Não sei como a outra Ilsa morreu. Não sei quando ela morreu. Sei que já faz algum tempo e sei também que, nesse tempo, a dor dele não desvaneceu. De modo algum.

A ternura que vi nos olhos dele e a dor. Sim. Isto não estava ficando melhor.

— Eu não sou ela — sussurrei.

— Estou ciente disso — Valentine respondeu, não em um sussurro.

Encaramos os olhos uma da outra. Quando não aguentei mais, tomei outro grande gole de vinho, ajeitei os ombros contra a cabeceira da cama e olhei para ela novamente.

— Então, estou em um universo paralelo, a salvo do Pol, o que é bom. Ele vai ficar seriamente chateado, já que não tem mais uma mão. Qualquer um ficaria, mas o Pol vai levar isso até o extremo. E o extremo dos seus extremos, no meu palpite, é catastrófico. E estou com o *outro* Pol, que não é Pol, mas Apollo, que me trouxe para cá para ocupar o lugar da sua esposa morta.

Ela balançou a cabeça novamente.

— Não confunda esse homem com um que permitiria que o sofrimento nublasse o seu intelecto — alertou. — Apollo foi impelido a trazê-la para cá, mas também está muito consciente de que você não é a mulher que amou e perdeu. Não sei as intenções dele em ter você aqui, sei apenas que é um homem de caráter, honrado, muito corajoso e, por último, um homem que tem sentimentos profundos. Mais profundos do que a maioria. Eu iria mais longe ao dizer, profundos *ao extremo*, mesmo que raramente mostre isso.

Estava achando que isso era bom e ruim. O outro Pol também era profundo ao extremo e seus extremos não eram bons, mas o Pol que eu conhecia não tinha problemas em mostrá-los. Eu é que tinha um problema com a forma como ele os demonstravam.

Essa era uma responsabilidade muito grande, mas estava começando a achar difícil me concentrar. Quer devido ao golpe no rosto ou à minha adrenalina baixa, de repente, eu estava apagando.

Valentine viu e senti a taça de vinho ser retirada da minha mão.

Pisquei para ela, o sono chegando tão rapidamente que soube não era normal e que não era *nenhuma* queda de adrenalina. Meus olhos foram até a taça de vinho.

— Se acomode, *ma chérie* — murmurou, apertando o meu ombro. Não tive escolha, apenas deslizei novamente para baixo, deitando-me na cama.

— Você me drogou — acusei e Valentine não negou.

Em vez disso, falou:

— Dormir é bom. Amanhã estará descansada e entenderá melhor tudo o que está acontecendo e se acostumar com o seu entorno.

— Você me drogou — repeti e as minhas palavras *agora* saíam ligeiramente arrastadas. Independentemente do que ela me deu, funcionou rápido.

— É para o seu bem.

Alguém te drogar sem o seu conhecimento não é o para o seu bem. Talvez fosse para o bem *dela*, mas não para o meu.

— Você...

— Durma — sussurrou.

— Mas...

Eu a ouvi suspirar, mas não disse mais *nada* porque, contra a minha vontade, fiz o que me foi dito e dormi.

* * * * *

Recuperei a consciência lentamente quando o meu corpo foi movido.

Ainda estava meio que dormindo, mas poderia afirmar que a pessoa que se deitou na cama comigo não apenas se juntou a mim. Estava mudando de posição e me levando com ela. Eu não sabia como estávamos antes, mas quando terminou de se acomodar, eu

estava prensada ao seu lado, meu rosto apoiado em seu ombro enquanto lutava para recuperar a consciência, os dedos envolveram o meu pulso e puxaram o meu braço para cima da barriga lisa. Senti a pele quente e macia sobre músculos firmes, praticamente, em todo lugar.

Merda.

Era muito ruim não conseguir protestar, no entanto, estava tão apática que não conseguia me mover, apesar de conseguir falar.

— Pol? — murmurei e o braço que me segurava contra ele enrijeceu enquanto a mão que estava em meu pulso deslizou até o meu braço, para me abraçar.

— Não — ele grunhiu com firmeza.

— Apollo — sussurrei.

Isso me rendeu um aperto de ambos os braços.

— Sim — respondeu baixinho desta vez. — Durma, minha pomba.

Oh, Jesus.

Cuidadosamente, com a voz tão sonolenta e vacilante quanto o meu cérebro, falei baixinho:

— Não acho que sou sua pomba.

Sua resposta foi imediata.

— Você é a minha pomba.

— Eu...

Outro aperto dos braços e isso não poderia ser confundido com qualquer outra coisa além de “fique quieta”, antes de dizer:

— A pomba tem grande beleza, mas é facilmente destruída.

Isso era legal e tudo, até mesmo poético, embora fosse um pouquinho assustador e completamente verdadeiro.

Que seja.

— Mas...

— Ela era a “minha beleza” — sussurrou, a dor na sua voz fez o meu estômago doer, minha garganta formigar e me sentir muito mal, não importando quão fora disto eu estava.

Apollo sabia que eu sabia, também sabia que eu não era ela.

Diante daquela dor, não sei o porquê fiz isso, mas me aninhei ainda mais perto enquanto sussurrava em resposta:

— Sinto muito.

Diante das minhas palavras, seu corpo ficou imóvel por um breve momento antes de se virar para mim e me aconchegar ainda mais perto enquanto murmurava:

— Assim como eu.

— Por que você...

Apollo me interrompeu novamente, falando:

— Eu não pude salvá-la.

Oh, Jesus.

Ele continuou.

— Mas eu posso te salvar.

Oh, Jesus.

— Apollo....

— Durma.

— Eu....

— Conversaremos mais tarde. Agora, durma.

Tinha em mente perguntar sobre os arranjos para dormir. Também tinha em mente agradecer por me salvar do Pol, mesmo sendo de forma exagerada e terrível, ainda o fez. Tinha, ainda, o desejo de explorar essa coisa de universo paralelo um pouco mais,

mas vendo como estava grogue e ainda estava lá com ele, obviamente, havia um lugar para estar.

Mesmo que tivesse tudo isso em mente, infelizmente, pisquei para afastar o sono de uma forma que não funcionou, pois, quando minhas pálpebras se fecharam, permaneceram assim.

Capítulo 03

Cuidado Com O Que Deseja

Senti a luz do sol contra as minhas pálpebras, então as abri.

Quando o fiz, vi um mar de lençóis de cetim em um lilás profundo, coberto por uma colcha também de cetim acolchoada em azul-piscina. Além deles, uma vasta extensão do quarto levava a uma parede, na qual havia quatro conjuntos de portas francesas em arco, todas cobertas por finas cortinas de um branco imaculado. A madeira trabalhada era pintada de marfim e as paredes de um azul pálido.

Entre o segundo e o terceiro conjunto de portas, havia uma mesa no estilo provençal e sobre ela um grande vaso de vidro facetado, do qual explodia um arranjo enorme de hortênsias, a maior parte delas em um delicado azul, com algumas lilases escuras e outras em cor de creme, criando um impressionante e belo contraste.

Era um quarto que nunca tinha visto antes. No entanto, havia acordado nele.

Levantei-me da cama, murmurando:

— O quê?

Em seguida, tudo retornou: universo paralelo, o gêmeo da semente ruim, o Pol, um cara, talvez, legal e uma bruxa de New Orleans.

— Merda — sussurrei, sentindo o inchaço no rosto e a dor nas costelas, ambos muito reais. Também sentindo a cama macia

debaixo de mim, os lençóis de luxo contra a minha mão, então soube que tudo aquilo aconteceu.

Aconteceu mesmo.

Olhei ao redor do aposento e como havia meio que observado na noite passada, estava em uma cama grande, maior do que uma *queen*, mas não tão grande quanto uma *king*. A cabeceira e os pés foram esculpidos com arcos, ambos acolchoados, com botões e um tecido macio, a madeira em torno deles era pintada de marfim.

Havia duas mesinhas de cabeceira, ambas no estilo provençal, a madeira foi trabalhada e ornamentada com gravuras.

Inclinei-me para o lado com cuidado, a fim de olhar mais de perto, havia o que pareciam ser extravagantes lamparinas a óleo com bases de prata brilhantes e globos leitosos, que eram adornados com babados e belas gravações. A minha taça de vinho, pela metade, ainda estava lá e sob a luz do sol que fluía através das cortinas, a taça era ainda mais extraordinária.

Sentei-me e continuei a analisar o aposento.

Um enorme guarda-roupa com quatro portas, em marfim, tinha mais entalhes e arcos no topo. Uma larga cômoda baixa com nove gavetas, as três do meio mais estreitas do que as seis dos lados, todas as suas frentes ostentando curvas ondulantes.

Havia outro buquê de hortênsias no tampo, esse ostentava, em sua maioria, flores brancas com algumas azuis claras, adicionadas para criar um contraste. Em ambos os lados, lamparinas com globos leitosos, mais altas do que as que estavam na mesa de cabeceira, eram similares.

Em cima da cômoda também havia uma garrafa elegantemente ornamentada, cheia de vinho e com duas taças de vazias, tudo acomodado em uma bandeja de prata com uma borda drapeada.

Virei a cabeça e vi, no canto mais distante, uma penteadeira no estilo barroco com um espelho de três lados e um banquinho na frente, com uma almofada acolchoada de veludo lilás. No topo não tinha *nada*, nenhuma garrafa, nenhum vaso, mas a peça não precisava de adornos. Ficou claro que não era utilizada.

Olhei para o outro lado e notei uma poltrona tipo *chaise* [4] coberta por veludo azul-claro, na sala de estar, com um encosto em forma de arco, braços e pés deslumbrantes, colocada em diagonal e virada para a vista do lado de fora das portas francesas. Em frente às portas, do outro lado, havia um arranjo de duas poltronas, incluindo a que a Valentine tinha sentado e que, claramente, tinha sido movida para o lugar. Uma mesa estava entre elas com outro vaso menor preenchido com hortênsias roxas.

Os pisos de madeira estavam cobertos por tapetes com desenhos complexos e elusivos, em tons suaves de azul, roxo, creme e cinza. Nas paredes havia mais arandelas com molduras pretas e globos leitosos entremeadas com esboços feitos a lápis, de mulheres usando trajes fabulosos e chiques, mas antigos, para a noite, para o dia e de passeios ao ar livre — reconheci os últimos porque havia chapéus e guarda-sóis espalhados ao redor.

O quarto era exuberante, mas elegante. Opulento, mas ainda de bom gosto. Era muito mais do que tudo o que eu já tinha visto nesse estilo de decoração — complexo nos entalhes, delicado nas linhas abrangentes, deslumbrante nas cores . Na verdade, era

totalmente exagerado. Mas, estranhamente, era gracioso, não berrante. Concluí a análise do aposento pensando:

Ok, isso pode não ser tão ruim.

A aparência das lamparinas a gás, o entendimento de que o Apollo era hábil com uma espada, que Valentine teve que constatar que o revólver era uma arma mortal e o que isso significava.

Estava prestes a lançar as cobertas para o lado, sair da cama e procurar um banheiro — esperava que houvesse algum por perto, para dar uma olhada no meu rosto, uma vez que sentia estar pior do que o normal — quando a porta foi aberta.

Minha cabeça se moveu e vi Apollo entrar. Ainda usava aquelas roupas de herói de romances, mas essas eram melhores. As calças marrom-escuras se encaixavam muito bem e com isso quis dizer como uma maldita *luva*. Deixava praticamente nada para a imaginação e o que deixava, as partes não mostradas diziam que o resto seria além da *perfeição*.

Novamente, isso provava que ele era o Pol, totalmente, pelo menos na aparência, Pol era tudo isso, da cabeça aos pés. Justamente o que fazia dele um idiota.

Parei de pensar no Pol e segui as calças do Apollo até as botas marrom-escuras, que brilhavam como se alguém tivesse cuidado delas, mas não eram desgastadas por causa de alguma moda. Eram apenas *usadas*.

Meus olhos subiram e vi que usava uma camisa creme, de mangas largas e gola alta, claramente destinada a alcançar o alto do seu pescoço e tampar a sua garganta, possivelmente com um daqueles lenços finos, mas ele usava o colarinho aberto na

garganta, expondo a dura coluna enquanto criava um milagre. Porque, diante da visão da sua garganta, esqueci de suas calças.

Desviei os olhos do pescoço dele para olhar o seu rosto. Sim, era o Pol poderoso. Ou Apollo poderoso. Pol não chegava aos pés desse *cara*. Nem mesmo de perto.

Vi o seu olhar deslizar sobre mim e ele virou a cabeça na direção da porta, pela qual havia acabado de passar. Olhei para o travesseiro ao meu lado, que estava amassado onde a cabeça dele descansou durante a noite, pensando distraidamente em quão tarde era e quanto tempo havia passado, visto que ele estava vestido e já tinha saído para enfrentar o dia.

Então, olhei novamente na sua direção e vi que Apollo não estava sozinho. Uma tropa de mulheres o acompanhava e parei de contar na sexta, *talvez* estivesse na metade, quando ele começou a falar. Ou, mais precisamente, *comandar* com o seu olhar fixo em uma das mulheres.

— Ela precisa ser banhada e vestida. Tome as medidas, para que você possa começar a criar o seu vestuário, sem demora. Vai ter uma semana para fornecer um guarda-roupa que irá atendê-la nas viagens, em terra e no mar.

Uh. O quê?

Ele ainda não havia terminado.

— Envie uma carta para Lunwyn, urgentemente. Eles precisam se preparar para a chegada dela. Iremos rapidamente para Lunwyn, então informe-os que têm dois meses.

Espere. Demora dois meses para chegar em Lunwyn? Dois meses?

Apollo se virou para mim, deu dois passos em direção à cama, mas parou, o que o deixou a cerca de três metros de distância. Seus olhos não demonstraram *nada* quando caíram sobre mim, o que achei estranho, mas não tive muito tempo para pensar em quão estranho era, já que ele continuou a falar:

— Obviamente, eu não estava preparado para a sua chegada e, na sua condição atual — olhou para o meu rosto, novamente para os meus olhos — as crianças não devem te ver.

Todo o ar fugiu dos meus pulmões e, devido à falta de oxigênio, começaram a queimar.

Crianças?

Apollo pareceu não notar a minha reação, então continuou:

— Na verdade, planejei cuidadosamente a maneira como será apresentada a eles, portanto, viajará separadamente e reservarei um tempo para prepará-los. Não devemos demorar a ficar juntos, pois as bruxas são coniventes com Baldur e qualquer golpe que pretendam aplicar será, possivelmente, iminente. Precisamos nos apressar para chegar na propriedade dos Ulfr em Lunwyn, onde poderei deixá-la em segurança com as crianças enquanto me reúno com Frey, Tor e o Dax.

Claramente, Apollo pensou que a Valentine foi muito mais aberta durante a nossa conversa, na noite anterior, porque eu não fazia ideia do que falava, mas ele parecia pensar que eu fazia. No entanto, não perguntei.

Eu ainda estava presa nas crianças quando sussurrei:

— Crianças?

— Sim — respondeu com naturalidade.

— *Suas* crianças? — forcei as palavras a saírem.

A expressão neutra terminou e ele pareceu levemente impaciente.

— Sim. Minhas crianças. Christophe e Élan.

Christophe e Élan. Um menino e uma menina. Talvez dois meninos, já que eu nunca havia ouvido o nome Élan. Não importava. *Crianças*. O Apollo desse mundo e sua falecida Ilsa tiveram filhos. *Dois filhos*.

De repente, tive certeza de que iria vomitar, mas, felizmente, ele voltou a falar e tive algo para me concentrar, então poderia engolir.

— Essas mulheres são criadas e costureiras. Elas irão atendê-la.

Não precisava de criadas ou costureiras. Nem precisava mais de um banheiro. Precisava da Valentine. Exatamente *agora*. Então perguntei:

— Onde está a Valentine?

— Não sei. Ela desapareceu durante a noite, como é de costume.

Desapareceu? Por quê? Merda!

— Uh... acho que ela deixou de falar muita coisa ontem à noite — informei a ele.

— Estou atrasado para chegar na escola das crianças. Conversaremos mais tarde. Mas já aviso, terei pouco tempo. Há muito a ser feito antes de embarcar na nossa jornada, então pense em suas perguntas e use esse tempo com sabedoria — afirmou e se virou para sair.

Espere. Espere um segundo. Quem era esse *cara*? Onde estava o *cara* todo carinhoso e amável, interessado e feroz?

— Espere! — falei quando Apollo estava quase na porta.

Ele se virou para mim, definitivamente impaciente, *agora*.

— Ilsa, como eu disse, estou atrasado. Eu deveria ter saído meia hora atrás.

— Eu... — hesitei e inclinei a cabeça para o lado. — Você está bem?

Sua impaciência sumiu, a máscara sem expressão sumiu do seu rosto e ele respondeu:

— Ficarei bem, se me deixar buscar os meus filhos.

— Certo — falei baixinho. — Claro.

Ele não demonstrou ter me ouvido. Nem com um aceno de cabeça, uma elevação do seu queixo ou qualquer coisa. Simplesmente se virou, saiu pela porta e, sem pausa, a tropa de mulheres avançou sobre mim.

* * * * *

Era tarde da noite.

Depois que Apollo saiu, tiraram as minhas medidas e fui levada para uma sala no fundo do corredor, que felizmente tinha um biombo com uma paisagem encantadora pintada nele, de pessoas fazendo piquenique, atrás do qual, infelizmente, havia um penico.

Não estava empolgada com o negócio do penico, pois não era algo natural para mim, ficar nas pontas dos pés sobre as hortênsias, ou o que quer que fossem, a fim de responder ao chamado da natureza, mas o usei.

O aposento também continha uma banheira de porcelana fabulosa, com pés em formato de garras feitos de prata e laterais

altas. Era seguro dizer que eu estava empolgada com *ela*. As meninas saíram e me foi permitido tomar banho sozinha, mas notei que não havia encanamento, embora houvesse um ralo. Ainda assim, a água estava quente, o *shampoo* tinha cheiro cítrico, o sabonete tinha cheiro de lavanda e a toalhinha de banho era um pouco áspera, parecida com uma bucha.

Quando saí, agarrei a toalha que deixaram em um banquinho, perto da banheira. Não era de veludo, mas era macia e absorvente, em um tom de azul fabuloso. Também deixaram um robe de seda, amarelo bem clara, enfeitado com rendas delicadas.

Ok, também era seguro dizer que eu estava ficando cada vez mais animada.

As mulheres voltaram, três delas, escovaram os meus cabelos até estarem quase secos, então os prenderam em um rabo de cavalo frouxo. Aplicaram uma maquiagem leve, tendo cuidado com a bochecha machucada. O aposento com a banheira também tinha um espelho oval com bordas recortadas na parede, olhei para ele e vi que o meu rosto não estava bom, ainda assim, mesmo que doesse tanto quanto doía, já tinha estado pior.

Elas também me deram roupas de baixo, nada de sutiã, apenas um par de calcinhas brancas, rendadas. Eram como as calcinhas do meu mundo, mas *muito melhores*.

Em seguida, me ajudaram a colocar um vestido que não ficou perfeito, era um tamanho maior, mas adorável. Um tecido de gaze sobre um fenomenal crepe da china, também na cor de um pêssago maduro. Tinha uma gola baixa que mostrava um decote grande, um corpete justo que levava a uma cintura império e as saias

deslizavam até os meus pés, a parte de trás delas terminando em uma pequena cauda incrível.

Depois que coloquei o vestido, me deram quatro pares diferentes de sapatilhas, as quais experimentei. Eram todas lindas, duas bordadas, uma com um laço plano na ponta e uma lisa, de cetim, mas nenhuma delas serviu, pois três eram muito pequenas e uma era grande demais. Então, fiquei com os pés descalços.

Por último, levaram o café da manhã, que continha *croissants*, compotas, frutas e, felizmente, café. Em seguida, saíram. Tentei conversar com elas, mas falavam em uma língua que parecia francês e consegui entender o que *tout de suite* e *chérie* significavam, mas escolhi espanhol no ensino médio, por isso, não entendi o resto.

Já que o Apollo havia falado com uma delas em inglês, presumi que sabia que ela o entendia e tentei pedir para que voltasse enquanto saía com as mulheres com a fita métrica. Isso me trouxe sorrisos, inclinações de cabeça, sobrancelhas erguidas e ombros encolhidos, então pensei que estavam no mesmo barco que eu e não faziam a mínima ideia. Por isso, desisti.

Depois que comi, vaguei até as portas francesas e as puxei para abrir um conjunto. Então dei um passo para trás e fiz uma careta, mas não foi uma careta de dor. Estremeci porque o campo extenso era de um verde tão intenso, de um verde tão extraordinariamente belo que era difícil acreditar. Na verdade, era tão bonito que não parecia natural. Pisquei cautelosamente várias vezes e saí para a varanda.

A vista era diferente de qualquer outra que já tinha visto, e eu tinha viajado bastante com o Pol. Mas, nunca tinha visto *nada*

parecido com o que estava vendo *agora*. Esse verde era muito verdejante e a estrada sinuosa era flanqueada em ambos os lados por uma brilhante profusão de flores silvestres, sua justaposição era tão gritante contra o verde que parecia irreal.

Esse verde parecia ir além e além, cortado apenas por um campanário no topo de uma igreja de pedras, que tinha cor de ferrugem suave. Em frente a ela, a alguma distância, um grande trecho de fileiras estavam cheias do que parecia ser lavanda.

Mas, à distância, o verde escurecia no que parecia ser uma floresta que subia, parcialmente, até algumas montanhas de formato irregular, suas pedras eram de um cinza-escuro, iluminadas por sulcos profundos que chegavam quase até a linha das árvores, onde as fendas estavam preenchidas com neve.

Era fenomenal. Incrível. De outro mundo.

— Meu Deus — sussurrei, finalmente acreditando, sem dúvida alguma, que estava em um universo paralelo.

Não havia *nada* parecido no meu mundo e não conseguiria criar isso em um sonho. Ninguém conseguiria criar isso em um sonho, era nada menos do que fenomenal.

Estava determinada a dar um passeio e vê-lo de perto, mas decidi fazer isso no dia seguinte, se não partíssemos antes. Após a atividade da manhã, minhas costelas estavam me matando, meu rosto não estava bom e eu não falava francês, ou o que quer que fosse, logo, não poderia perguntar às meninas se tinham ibuprofeno ou aspirina.

Em vez disso, desfrutei daquela visão até que ela se dissolveu na minha frente quando dois nomes vieram à minha mente: Christophe e Élan.

Fechei os olhos com força e inspirei profundamente, do tipo de inspiração que havia praticado uma e outra vez, durante os últimos onze anos em que o Pol havia estado na minha vida. Inspirei fundo como aprendi a fazer e, quando fazia direito, controlava a emoção que não poderia me permitir sentir. Controlando-me, abri os olhos e deixei minha mente vagar.

Christophe e Élan.

Nunca daria esses nomes aos meus filhos, mas o Pol daria. Ele nomearia nossos filhos dessa forma, com certeza. E Pol, sendo quem era, mesmo que eu já tivesse escolhido os nomes, iria nomeá-los do que *diabos* ele quisesse.

Infelizmente, Pol perdeu a cabeça com algo que não me lembrava – mas quando fazia isso as razões nunca eram, realmente, importantes. Ele me deu uma surra quando eu estava grávida de sete meses, portanto, perdi o nosso menino. Além de eu ter tido um aborto no sexto mês e perdido a nossa menina. Isso havia me proporcionado os únicos espaços longos de tempo com o Pol em que não o incluíam perdendo a cabeça com frequência.

Sendo o maior idiota que já conheci na vida, ele não era tão idiota assim para me culpar por ter perdido o nosso filho, após ter me batido e eu, por fim, ter caído no chão e rolado as escadas de tijolos que levavam à nossa fabulosa piscina. Então, ele me tratou como se eu fosse um cristal durante meses depois disso. Até que parou.

O Pol tinha me amado o suficiente, à sua maneira, para voltar aos ternos cuidados quando descobri que estava grávida de novo, me dando o primeiro indício que, desde que me mostrou o

verdadeiro Pol quatro meses após nos casamos, talvez, ele poderia mudar e seguiríamos adiante.

Além disso, Pol sabia que eu tinha ficado arrasada quando fui tão longe com a nossa menina e a perdi, então ele continuou a agir assim. Até que parou novamente e quebrou, para sempre, qualquer ilusão de que ele poderia mudar e que nós seguiríamos adiante. Um ano depois, com tudo cuidadosamente cronometrado, cuidadosamente planejado, eu escapei.

Agora estou aqui.

Meus olhos estavam abertos, mas não enxergava a vista que se descortinava de todos os lados. Não via *nada* além do Apollo desse mundo dizendo que prepararia os seus filhos para me conhecer, algo que seria difícil para eu fazer. Porque, se ele era o Pol desse mundo e eu era a sua Ilsa, então os seus filhos...

Balancei a cabeça e respirei profundamente outra vez, me controlando.

Exalando, decidi que isso não poderia acontecer. Tinha que haver diferenças entre os mundos e, obviamente, havia. Pois, o Apollo e a Ilsa desse mundo tinham filhos enquanto Pol e eu não. Seus filhos não eram o que os nossos filhos teriam sido. De jeito nenhum.

Paguei um preço muito alto pela minha indulgência, pelo materialismo e a avareza. Nenhum Deus, em qualquer universo, me faria pagar *este* tipo de preço.

Afastei os pensamentos disso e comecei a me perguntar quando a mãe das crianças do Apollo morreu, se eram jovens e se lembravam dela ou não recordavam. Se sim, não achava que era uma boa ideia me conhecerem.

De fato, seria cruel. Apollo havia se mostrado inexpressivo e impaciente naquela manhã e na noite anterior, havia ficado, mais de uma vez, seriamente assustador. Então, estava supondo que havia nele um lado cruel, mas não conseguia achar qualquer motivo para acreditar que o homem que conheci na noite anterior fosse cruel com os seus próprios filhos.

Tive que afastar a minha mente desses pensamentos e do meu futuro. Nenhuma resposta viria ao me preocupar e imaginar. Aprendi isso há muito tempo. Respostas chegariam ao considerar alternativas e executá-las.

Eu só tinha que esperar.

Deixei a varanda e fiz uma excursão pela casa, o que foi uma longa turnê, já que era uma casa enorme e a totalidade dela era muito parecida com o quarto em que dormi, elegante quase ao extremo de ser parecida com um desenho animado, no entanto, estranhamente de bom gosto e absolutamente linda.

Uma criada me encontrou — não uma que falava inglês, infelizmente — e me guiou para uma sala de jantar decorada em amarelo e azul. Ali tive um almoço leve composto de salada com pedaços de atum, quartos de ovos cozidos, pedaços de bacon crocantes e azeitonas à base de óleo suave com sabor de limão, com um pão divino para acompanhar, o qual foi servido com vinho, do qual bebi muito. O que me levou a voltar ao meu quarto e tirar uma soneca.

Depois me levantei, preocupada que as crianças pudessem estar lá e não querendo que elas me vissem, mas ainda precisando falar com o Apollo, fui em busca dele. Discretamente, deixei o meu

quarto, tendo cuidado para não fazer curvas ou entrar nos aposentos se ouvisse alguém.

Não ouvi *ninguém*, mas encontrei uma das criadas que me atendeu naquela manhã. Quando eu disse:

— Senhor Ulfr... aqui? — Olhando para o chão, ela respondeu balançando a cabeça:

— *Monsieur Ulfr, não.*

Ergui os dedos até a boca e os apontei para fora, perguntando:

— Alguém aqui fala inglês?

Inclinou a cabeça e respondeu em seguida:

— *Je suis désolée. Je ne pas comprends*^[5].

Adivinhei o que isso significava, ou parte disso, e assenti. Ela sorriu e foi embora. Eu a observei sair, imaginando a reação dela comigo, assim, não teve *nenhuma*. Foi amigável, mas só isso.

Isso me fez pensar se o Apollo havia falado a elas sobre mim, se todos sabiam sobre esse universo paralelo, ou se nunca conheceram a outra Ilsa. Logo, coloquei isso na lista de coisas para perguntar ao Apollo, no pouco tempo em que eu teria para fazer as perguntas. Porém, eu esperava convencê-lo a uma sessão mais longa, já que tinha um monte de perguntas e eram todas importantes, de forma que se tornou difícil priorizá-las.

O jantar foi tão delicioso quanto o almoço, se bem que mais pesado e, depois que terminou, o tempo passou, a noite caiu e nada das crianças retornarem. Comecei a ficar impaciente e entrei em pânico.

Estava em um mundo diferente, vestindo roupas diferentes, às quais não estava habituada a usar e não estava me permitindo

pensar na possibilidade de que fossem da *outra eu*, além de estar sem sapatos e não conseguir me comunicar com *ninguém* ao meu redor.

A única pessoa que eu “conhecia” havia estado estranha comigo naquela manhã. A outra única pessoa que conheci havia desaparecido.

Passei três anos correndo e me escondendo. Tendo o cuidado de, a cada movimento que fazia, a cada pessoa que conhecia, manter o controle de todas as mentiras que contava, sempre olhando por cima do ombro e nunca baixando a guarda.

Valentine disse que eu estava segura *aqui* e havia coisas bonitas, boa comida e grande beleza, *aqui*. Mas ter aquele bate-papo apressado e quase hostil com o Apollo, *hoje* de manhã, não fez com que eu me sentisse totalmente segura *aqui*. Com esse pensamento, ouvi o que parecia ser cascos de cavalo batendo na pedra e meu coração subiu até a garganta, por várias razões.

Primeira, havia cascos de cavalo batendo na pedra e estava com a sensação de que esse universo não era tão avançado quanto o meu, todas as evidências sugeriam que isso era muito verdadeiro.

Segundo, isso poderia ser o anúncio de que o Apollo estava em casa, o que significava que Christophe e Élan estavam com ele e, de repente, não queria me encontrar com as crianças, não sem querer, absolutamente.

Não *agora*. Nem nunca.

Estava sentada em uma cadeira na biblioteca, olhando um álbum que tinha fotos bonitas o suficiente, mas legendas em outro idioma, quando ouvi botas descendo o corredor. Deixei o álbum de lado, levantei-me e fiquei de frente para a porta, respirando fundo,

virando a cabeça de um lado para o outro, procurando um meio de escapar.

Havia uma porta e as botas estavam se aproximando dela, mas a minha respiração profunda não funcionou dessa vez e minha pulsação inchou a garganta, cortando a respiração. Ouvi apenas um par de botas, mas as crianças ainda poderiam estar com ele.

Seus filhos. Seus filhos com Ilsa. Seus filhos, que podiam ter sido meus.

Ele caminhou através da porta, a capa marrom-escura voando atrás dele. Deu seis passos e parou, a capa balançando para frente e o envolvendo ligeiramente, como se fosse uma coisa viva dando um abraço, antes de parar.

Seus olhos me percorreram dos pés à cabeça rapidamente, em seguida, encararam os meus e ele anunciou:

— Deixei as crianças na outra casa, em Benies. Uma vez que já estão preparadas para viajar. Você tem que esperar as suas roupas ficarem prontas e — fez um gesto com a mão — qualquer outra coisa que precise adquirir. Meus filhos vão embarcar no navio amanhã e vou estar com eles. Tenho homens em Benies. Eles são treinados, talentosos, leais e confiáveis. Vão chegar de manhã e, quando estiver pronta, irão levá-la através de Fleuridia até Vale. Você vai embarcar em um navio e navegará o resto do caminho até Lunwyn, sob sua guarda.

Eu vou?

Pensei nessa questão, mas não perguntei em voz alta, nem falei *nada* rápido o suficiente para o interromper, antes de ele continuar:

— Agora, você tem alguma dúvida? — perguntou.

E se eu tivesse dúvidas? Ele era louco?

— Bem... sim — respondi e todas as perguntas que eu tinha saltaram do meu cérebro.

Havia um monte delas e eu não conseguia me lembrar de uma única, então parei de falar e a impaciência apareceu no rosto bonito.

— Ilsa, tenho pouco tempo. Gostaria de estar de volta à Benies antes de as crianças irem para cama, a viagem leva uma hora.

Consegui organizar um pensamento e o compartilhei:

— Eu... bem, tenho um pequeno problema. Ninguém aqui me entende. Não falo a sua língua.

Sua cabeça se inclinou bruscamente para o lado.

— Você não fala Fleuridian?

— *Uh...* não.

Ele endireitou a cabeça e declarou:

— Valentine fala Fleuridian.

Falava? Deveria ser extremamente boa em francês, então. Ou passou muito tempo aqui.

— Bem, eu não falo — respondi.

Seus olhos brilharam antes de continuar:

— O pai da Ilsa era de Fleuridia. Ela era fluente em ambos, na língua de Fleuridia e na de Vale.

Eu não tinha ideia do que Apollo estava falando, mas pensei que era importante ir com cautela e ponderação ao apontar algo. Então, suavemente falei:

— Eu não sou ela.

Seus olhos me varreram novamente antes de encarar os meus. Então, afirmou de grosso modo:

— Isto, eu sei — disse de uma maneira que pareceu, não tão vagamente, como um insulto.

Foi não *tão* vagamente ao pronunciar essas palavras, de modo que parecia que ele havia me desferido um golpe. Um golpe que fez a minha cabeça se contorcer, mas Apollo não percebeu isso, ou decidiu ignorar, pois continuou falando:

— Isso não importa. Meus homens falam a língua de Vale, que é falada em toda Northlands, exceto em Fleuridia.

— *Oh...* bem, tudo bem — murmurei.

— Você tem outras perguntas? — questionou, levantando uma sobrancelha grossa e escura, cada linha do seu corpo indicando que queria estar em qualquer lugar, menos ali.

— Cerca de um milhão delas — falei e ele inspirou irritado, profundamente, pelas narinas.

— Não tenho tempo para um milhão de perguntas, Ilsa — afirmou.

Dei um passo adiante e parei, mas levantei uma mão.

— Apollo, estou meio que perdida aqui. Seu mundo não é como o meu mundo, assim, em *nada*. Claro, temos *tuna*^[6] e você tem tuna.

Outra guinada da cabeça acompanhada das sobrancelhas se erguendo juntas e ele me cortou com a pergunta:

— Tuna?

Certo, eles não costumavam chamá-lo de tuna. Continuando, levantei um pouco mais a mão e a girei.

— Não importa. O que estou dizendo é que as coisas são muito diferentes aqui e fui jogada em uma situação sobre a qual não sei *nada*.

Outro cenho franzido, mas esse era ameaçador.

— Você quer que eu envie os meus filhos em uma viagem como essa sem acompanhá-los?

— Não — respondi rapidamente. — Estou apenas apontando, não sei que tipo de viagem é essa, tendo em vista de que não sei *nada*.

Ele ergueu o queixo e disse:

— Vou falar com os meus homens. Eles vão explicar as coisas para você.

— Mas...

— Você estará segura com eles.

— Ok, mas...

— E vou ter tempo para explicar as coisas para as crianças, prepará-las para a sua chegada.

— E isso seria...

— Agora, se não houver *nada* mais — afirmou, o corpo se movimentando como se estivesse se preparando para sair.

Sim. Ele mal estava me dando a oportunidade de dizer alguma coisa e já se preparava para sair! Isso porque a Valentine disse que ele voltaria e não iria querer ficar separado de mim.

Dei mais dois passos rápidos em direção a ele, chamando suavemente:

— Espere!

Ele parou, mas não parecia feliz com isso.

— Ilsa...

— Você não pode simplesmente me trazer para cá e depois me deixar aqui.

— Você preferia estar com um homem que te chuta? — perguntou secamente.

— Não, claro que não. Não é isso que estou...

— Você está a salvo dele, aqui. Estará segura do que está acontecendo com os meus homens. Então, estará em casa com as crianças e poderá se acomodar.

Oh, merda.

— Talvez possamos falar sobre isso — apressei-me em dizer.

— Podemos. Vou encontrar o seu trenó na aldeia, fora da minha propriedade, e teremos uma conversa antes de você conhecer as crianças.

Meu trenó?

— Agora, estou saindo — murmurou, se virando para sair, a capa balançando atrás dele e era incrível aquela capa, como se movia com ele era estranhamente sexy.

No entanto, eu não poderia pensar sobre o quão legal e sexy a sua capa parecia, já que estava começando a perder a paciência.

— Apollo! — exclamei, dando mais dois passos em sua direção.

Ele se virou, a capa girando ao seu redor e seus olhos nivelados nos meus. Quando vi o que havia em seu olhar, parei o movimento, parei de falar e apenas o encarei. Apollo não olhou, mas falou e quando o fez, a sua voz soou como um estrondo irritado e baixo, que pareceu abalar o quarto:

— Você sabe sobre ela, ainda assim, parece não entender como isso é difícil para mim.

Eu estava acompanhando, mas não estava.

Foi ele que me trouxe para cá.

— Claro que entendo — disse baixinho — mas isso não quer dizer...

Mais uma vez, não me deixou terminar.

— Basta olhar para você e sinto como se tivesse adagas quentes nos meus olhos.

Oh, Deus.

Isso era uma merda. Uma merda séria. Era de matar e senti por ele. Realmente, *realmente* senti.

— Entendo isso — mantive a voz baixa e suave — mas...

— Você se parece com ela. Sua voz é igual a dela. Você também tem o mesmo cheiro dela.

Isso também era uma merda, das grandes.

Apertei os lábios.

— Mas você não é ela — completou.

— Sinto muito — sussurrei. — Mas você me trouxe aqui e sabia que eu não sou ela. Agora, parece que coisas urgentes estão acontecendo. Coisas que não entendo, em um mundo que não entendo. Você é o responsável por me trazer para este mundo, mas está me deixando sozinha nele e nem mesmo me dá tempo para fazer perguntas, cujas respostas podem me ajudar a saber como me comportar, com o que estou lidando, até mesmo me dar uma dica tranquilizadora.

— Eu expliquei, os meus homens responderão.

— Ok, isso é ótimo, mas temos coisas para falar sobre o meu futuro aqui e...

Ele estava me interrompendo de novo e fez isso dizendo:

— Expliquei isso também. Conversaremos quando você chegar à Lunwyn, antes de ir para a propriedade.

Ele era louco? Meu entendimento era que isso seria em dois meses, maldição, a partir de *agora*.

— Eu gostaria de fazer isso agora — solicitei cuidadosamente.

— Não tenho tempo agora — negou bruscamente.

Respirei fundo, encarei o seu olhar e compartilhei:

— É importante, Apollo.

— É importante para mim voltar para os meus filhos, me apressar e levá-los em segurança. O seu futuro aqui é seguro. Isso é tudo o que você precisa saber — fez uma pausa — por enquanto. Agora, estou saindo.

Apollo estava falando sério? Ele se virou e começou a caminhar em direção a porta. Sim, estava falando sério.

— Espere! — chamei, indo atrás dele.

Ele não esperou, apenas continuou andando e o segui, exclamando:

— Apollo! Espere um segundo!

Suas pernas eram maiores do que as minhas, então tive que correr para alcançá-lo. O alcancei na porta da frente e cometi um erro. Chamei o nome dele e passei os meus dedos ao redor do seu bíceps. No instante em que o fiz, ele o puxou com força dos meus dedos, recuando. Com toda a minha história, parecia que Apollo estava se preparando para me bater.

Instintivamente, coloquei as mãos na frente do meu rosto com as palmas viradas para ele e recuei, tropeçando nos meus pés, mas conseguindo me equilibrar antes de cair no chão. Endireitei-me

e dei mais um passo para trás, meus olhos estavam colados nele, meu corpo preparado para qualquer coisa.

Parei de me mover para trás, respirando pesadamente. Quando notei que ele não estava se preparando para me atacar, abaixei as mãos, pressionando-as em meu peito. No meio de tudo isso, seus olhos também estavam grudados em mim, mas não conseguia decifrá-los.

Por alguma razão, nos encontrávamos no absurdamente elegante *hall* de entrada da sua casa de campo, absurdamente fabulosa, situada na absurdamente bela paisagem de um universo paralelo e ficamos olhando fixamente nos olhos um do outro, sem falar *nada*. Seus pensamentos estavam encobertos. Quanto aos meus, eu duvidava que estivessem assim.

Em seguida, ele compartilhou os seus pensamentos e se o seu comentário anterior foi um insulto, que me acertou com um golpe invisível, esse foi o tiro mortal.

— Tenha cuidado com o que deseja — Apollo sussurrou, seu olhar fixo ao meu enquanto eu puxava o ar. — Você pode conseguir. — Colocou a mão na maçaneta da porta e concluiu: — E não quero isso.

Então, se foi.

Capítulo 04

Eu Estava Acostumada A Isso

Era seguro dizer que eu estava chateada.

Na manhã seguinte, depois que o Apollo desferiu o seu golpe mortal, eu estava usando outro vestido, que era muito bonito, mas não cabia direito em mim. Tinha tomado banho, bebido algo e me alimentado. Uma criada que não falava a minha língua havia acabado de chegar ao meu quarto, gesticulando de uma maneira que me fez entender que estava sendo convocada para alguma coisa.

Havia ouvido os cascos de cavalos na pedra do lado de fora, então descobri que a minha guarda estava lá, mas não ligava. Não tinha dormido, sequer fechei os olhos. Isso porque, a princípio, eu estava machucada. Não. *Ferida*. Ferida era a palavra exata para descrever. Eu estava ferida *profundamente*, mas não sabia o porquê. Só sabia que estava. *Profundamente*.

Então, comecei a pensar nas coisas e fiquei com raiva.

Claro, uma coisa que eu poderia afirmar era que não queria voltar para o Pol e passar uma vida com ele, pisando em ovos, tomando as minhas surras sempre que o que quer que estivesse na sua cabeça rompesse e ele pirasse de vez. Planejando a minha fuga e escapando apenas para ser encontrada, espancada, arrastada de volta e ver o processo iniciar novamente e fazer todas essas coisas, não muito divertidas, até o dia em que eu morresse.

Isso não funcionava para mim. Tipo, *realmente* não funcionava.

Entretanto, havia sido transportada por uma maldita *bruxa* para um inimaginável *universo paralelo* e estava ao lado de um homem de luto por sua esposa, que era minha gêmea. Então, ele me pegou, segurou-me em seus braços enquanto eu dormia — e sério, o que foi *aquilo* tudo? —, e por alguma razão decidi que não me queria. Não que eu o quisesse também, pelo amor de Deus. Não bastando, me jogou aos proverbiais lobos.

Não que houvesse lobos, de verdade. A equipe parecia agradável, sorridente, simpática, solícita e não era como se eu estivesse em uma prisão, sem um lugar para dormir, apenas a pedra fria e nada para comer além de pão bolorento e água fétida, mas, mesmo assim!

Logo, seria desnecessário dizer que tudo isso significava que eu não dormi. O que não ajudou para me deixar menos chateada. Porém, forcei um sorriso para a criada e a segui, embora fizesse isso pisando duro e até mesmo isso me deixou puta, porque eu ainda estava com os pés descalços e a minha pisada não era muito eficaz.

Vi um homem quando estava no meio da escada e, não surpreendentemente, era alto, loiro, bem construído e com boa aparência. Também usava roupas de romances históricos. Exausta e de mau humor, isto me irritou ainda mais.

Enquanto descia as escadas, ele levantou os olhos para mim e sua boca se abriu. Ele conhecia a outra Ilsa. *Tanto faz*. Ele fechou a boca e seu rosto ficou inexpressivo. Já havia visto isso antes e mais de uma vez: *tanto faz*.

Caminhei até ficar diante dele e parei.

— Presumo que você seja minha guarda — adivinhei.

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto, demorando-se no hematoma em minha bochecha, ou o que quer que fosse, antes de sustentar o meu olhar.

— Sim, senhora. Eu e os sete homens lá fora.

Sete homens? Parecia muita coisa, o que não era um bom sinal, mas, não compartilhei esses pensamentos com ele. Apenas me apresentei, mais ou menos.

— Acho que você sabe que eu me chamo Ilsa.

— Sei — ele respondeu.

— E você é? — perguntei.

— Derrik.

— É um prazer conhecê-lo — rebati.

Seus olhos brilharam e os seus lábios tremeram. Achei essa reação estranha, então perguntei:

— Isso é engraçado?

— Sim. Vendo como você diz palavras gentis que, tão obviamente, não quer dizer e não estou inteiramente certo do que fiz, nos últimos três segundos, para ganhar a sua ira, depois de ter feito nada além de ficar parado aqui e cumprimentá-la — partilhou.

Merda. Ele *não tinha* feito nada e eu estava sendo rude.

Eu não era contra ser rude, se a situação justificasse. Digamos, um operador de telemarketing ligando na hora do jantar... ou nunca. Era avessa a ser rude e decidi explicar.

— Estou irritada — falei. — Não é com você — acrescentei apressadamente. — Só com o seu mestre, ou líder... ou... seja lá quem ele for.

Ele abaixou o seu queixo e olhou para mim por debaixo das sobrancelhas, a voz soou gentil.

— Sou da Casa de Lazarus. Treinei sob a Casa de Ulfr. Apollo e eu crescemos juntos, compartilhamos um vínculo que foi forte o suficiente para que, quando voltasse para minha própria casa, fosse escolhido para ficar com ele e comandar os seus homens em seu lugar, quando está ausente. Não estou na fila para ser Chefe da minha própria Casa, portanto, é uma boa posição. — Ele sorriu e ergueu o queixo, não deixando de lado o meu olhar. — E as mulheres da Casa de Ulfr são mais agradáveis de se olhar e nenhuma delas é minha prima ou irmã.

Diante das suas palavras, senti o meu próprio lábio se curvar e presumi:

— Então, você é o segundo no comando.

— Sim — afirmou.

Decidi encarar isso como uma coisa boa, Apollo deixar o seu segundo em comando. Estava supondo, pela forma como os ombros desse *cara* pareciam ser sob a camisa, as coxas delineadas pelas calças, pela forma ocasional com a qual carregava a espada inclinada em suas costas, que ele não era influenciável. Assim, pelo menos, o idiota me deu alguma coisa.

— Você fala francês, ou... *hum*, a língua de Fleuridia? — perguntei.

— Pouco, mas posso me fazer entender — fez uma pausa — eventualmente.

— Não é muito para um intérprete — murmurei, olhando para os meus pés.

— Não sou um intérprete, minha senhora, sou o encarregado da sua segurança — respondeu, olhei para ele e vi que parecia irritado.

— Desculpe — falei baixinho. — É que eu não falo *absolutamente nada* da língua de Fleuridia e parece que ficarei aqui por um tempo. Então, estava esperando que você ou um dos seus homens pudessem ajudar.

O olhar irritado desapareceu e respondeu:

— Um dos... *rapazes* pode ajudar. Na verdade, três deles podem.

Finalmente, uma boa notícia.

Sorri e os olhos dele desceram até a minha boca e a dor perseguiu o seu caminho através deles, antes que se fixassem em mim.

Sim, ele conhecia a Ilsa.

— Você sabe quem eu sou — sussurrei.

— Sei — ele concordou e os seus olhos até podiam estar fechados, mas não conseguia mascarar a veia de tristeza em sua voz.

— Dói olhar para mim? — perguntei. — Se assim for, eu posso... — ofereci, começando a dar um passo para trás, mas ele levantou a mão, a palma virada na minha direção.

— Eu gostava dela. Ela significava muito para mim e a sua perda ainda é sentida por todos que a conheciam, mas você não é ela. Apollo disse a todos os homens quem você é e de onde você é. Ele nos avisou sobre como isso nos faria sentir. Nós estamos preparados.

Encarei a informação como uma indicação de que a outra Ilsa era amada pelos seus homens e, obviamente, havia estado perto deles para conhecê-los. A constatação fez com que mais perguntas inundassem o meu cérebro, mas *agora* não era o momento de fazê-las. Então, mais uma vez, estava pensando que nunca haveria um tempo. Não como *este*.

— Preparados ou não, vou tentar me manter no meu canto — disse a ele.

— Isso não é ne...

— Por favor — falei baixinho. — Posso imaginar como isso o faz sentir. Se você me fizer a gentileza de tentar imaginar como me sinto, simplesmente parada aqui, falando e respirando, levando as pessoas a reviverem a dor. Não é nada agradável e, para não ser rude ou qualquer outra coisa, prefiro não estar por perto.

Ele inspirou, curta e rapidamente, assentindo.

— Você pode me dizer uma coisa antes de eu o deixar em paz?

— Claro — respondeu.

— As pessoas nesta casa — estendi a mão ao redor. — Elas a conheciam?

— Apollo adquiriu esta casa depois que ela nos deixou, minha senhora — compartilhou.

Balancei a cabeça e decidi encarar isso, também, como uma coisa boa, sem mencionar a indicação de que as roupas que eu usava, era mais provável, não serem dela. Então, me sentindo estranha, gaguejei:

— Eu vou, *uh...* não sei quanto tempo vai demorar para providenciar o que é necessário e o que eu preciso... bem, *adquirir*,

mas estou supondo que alguém será capaz de se comunicar com você quando eu estiver pronta para partirmos.

— Sim, eles vão nos dizer e vou compartilhar com você, então tem tempo de sobra para se preparar.

Meneei a cabeça e ele deu um passo para trás, indicando a porta atrás dele com a mão.

— Os homens estão lá fora. Você daria a honra de conhecê-los?

Balancei a cabeça.

— Agora não. Por favor?

— Claro — respondeu com a voz suave.

— Obrigada. — Engoli em seco. — Eu só vou... — Outro gesto do meu braço, indicando as escadas, mas parei porque não tinha ideia do que fazer.

Não tinha visto todos os livros da biblioteca, mas os que olhei estavam em uma língua que não consegui ler. Não havia TV. Não havia *nada* em torno de nós, apenas o que parecia ser um celeiro, um pequeno prédio quadrado com fumaça saindo da parte superior e nada mais. Nem mesmo um jardim formal para passear.

Estava sozinha, sem nada para fazer. Aqueles com quem eu poderia falar conheciam e amavam a outra eu, por isso, não podia ficar perto deles sem causar dor. Os que não a conheciam não me entendiam.

Eu não tinha nada para fazer, nem ninguém com quem compartilhar o meu tempo. Isto era triste e terrível. Isso sempre havia sido terrível, mas havia um ponto: eu estava acostumada.

— Vou indo... — terminei e Derrik assentiu.

Dei um pequeno sorriso para ele e saí.

* * * * *

Estava deitada no meu quarto terrivelmente fabuloso, lamentando a minha situação, como vinha fazendo durante todo o dia, quando ouvi. Estava escuro, já era tarde e eu estava cansada, mas não conseguia dormir porque estava triste, chateada e preocupada.

Contudo, o barulho era parecido com o que eu imaginava ser o trote de um cavalo e uma carruagem na estrada de pedra. Estava curiosa para ver se estava certa. Sem mencionar que também estava curiosa para ver como seriam o cavalo e a carruagem. Então, me levantei e caminhei até as portas francesas.

Estava usando uma camisola, já tinha três e todas minhas, sabia disso porque as experimentei e todas cabiam perfeitamente. Era de cetim, da mesma tonalidade púrpura das amoras pretas e chegava até os tornozelos. Também tinha um tecido sobreposto da mesma cor do laço, que começava estreito, sob o meu braço, e se alargava à medida que seguia o comprimento da camisola até a bainha. Em outras palavras, era irada.

Dito isto, era para ser usada somente no quarto, pois as cortinas eram finas e várias das lamparinas no quarto tinham sido acesas, dando à sala inteira um brilho suave, que significaria que, se estivesse do lado de fora, veria dentro do quarto. Portanto, me aproximei com cuidado das portas francesas, que estavam abertas, puxei um pouco as cortinas e olhei para fora.

O exterior estava iluminado também, ou iluminado como você conseguiria imaginar sem eletricidade. Pude ver que uma mulher

descia de uma carruagem preta coberta; o homem com roupas rústicas, dessas que os estilistas de algum filme usariam como guarda-roupa para vestir um camponês, estava sentado no banco da frente e nem se preocupou em ajudá-la a descer.

Entretanto, eu não tinha tempo para o homem. Estava olhando para a mulher. Ela tinha cabelos escuros e lisos, arrumados em um penteado elaborado com cachos grandes. Só consegui ver o seu perfil, mas poderia dizer que a maquiagem era muito exagerada. Na verdade, estava beirando ao berrante e o seu vestido era ostentoso, mesmo que, aparentemente, bem feito. Não estava no limite, apenas *era* o limite. E o decote era — não havia qualquer outra palavra para descrevê-lo — indecente. Por último, ela estava usando um monte de joias, que transformava o berrante em espalhafatoso.

Independentemente de tudo isto, ela era linda e, além da beleza *de tirar o fôlego*, sua aparência era tão exuberante, as curvas tão abundantes, que ela era de arrasar.

Que diabos? Quem é ela?

Ela caminhou para os degraus curvos que levavam até a casa enquanto um homem alto, de ombros largos e com um lustroso cabelo vermelho-escuro, que eu nunca tinha visto antes, saía da casa e descia os degraus. Não surpreendentemente, estava usando roupas de heróis de romances. Não consegui ver o seu rosto, apenas o topo da sua cabeça ao passo em que ele se aproximava dela diretamente.

Eu os vi ter uma conversa, ela gesticulando enquanto o ruivo balançava a cabeça. Sua cabeça se inclinou para o lado e ela deu um sorriso e disse algo que o fez alcançar o bolso. Ele pegou uma

pequena bolsa, a abriu, tirou alguma coisa e colocou na palma da mão dela, que instantaneamente a fechou. Então, minha respiração falhou.

Putá merda.

Seus olhos se ergueram até a minha janela e o rosto estava melancólico. Parei de respirar completamente quando os seus olhos encontraram os meus e a melancolia deixou a sua expressão, dando lugar a um sorriso malicioso e sábio, que curvou a sua boca.

Ela levantou a mão, gesticulou com o dedo e rapidamente me afastei da janela, respirando profundamente.

— Caramba — sussurrei.

Aqui ou no meu mundo, diabos, em qualquer lugar, eu sabia o que ela era. *Eu sabia*. Era uma prostituta e estava aqui para ver o Apolo. Já tinha estado aqui antes e as atividades que exerceram, ela gostou... uma mulher não ficava melancólica à toa. Eles haviam feito neste quarto.

Balancei a cabeça e me movi para o interior do ambiente, meus pés se moviam com o objetivo de ir até a cômoda, que *agora* tinha uma garrafa cheia de vinho fresco. Tirei a pesada tampa de cristal e servi uma grande dose.

Coloquei a rolha na garrafa, levei o vinho até os lábios e tomei um gole, olhando, sem realmente ver, as hortênsias. Valentine estava certa, o vinho de Fleuridia, realmente, era excelente

Isso não deveria me surpreender. Apolo era um homem e teria que obter algum prazer, mas, uma prostituta? E me colocar na mesma cama em que ela esteve?

— Meu Deus — sussurrei, balançando a cabeça e me movendo até a penteadeira, do outro lado do quarto.

Sentei-me no banco e olhei para o meu reflexo. Deus havia me dado muito, mesmo que tivesse me tirado o dobro. No entanto, uma das poucas recompensas eram os meus cabelos. Eram ruivos e tinham cachos suaves, alguns deles anelados. Não era crespo ou grosseiro, era espesso e sedoso.

Sempre amei o meu cabelo.

Deus também havia me dado uma pele linda, apenas uma pitada de sardas no nariz, que o Pol não gostava muito e pedia — ok, exigia — que eu cobrisse com base antes de sairmos. Acatava isso para não o deixar com raiva, mas sempre achei que eram bonitas.

O meu pai achava que eram adoráveis, verdade seja dita, era uma das poucas coisas que ele gostava em mim, ou de qualquer pessoa, sobre *qualquer coisa*. O que ele não achava adorável era me envolver com um traficante de drogas. Ele não achou isso adorável, absolutamente. Mamãe também não. Por outro lado, minha mãe pensava igual ao meu pai em qualquer coisa, pois fazer isso era muito menos problemático.

Fechei os olhos, balancei a cabeça, respirei fundo e os abri, tomando mais um gole de vinho.

Tenho feições suficientemente agradáveis — pensei.

Um nariz fino e reto, queixo decente, maçãs do rosto bem-feitas. Olhos castanho-escuros em um formato encantador. Eu era alta, media um metro e setenta e seis. Tinha bunda e peitos, que não eram muito acima da média, mas não deixaria de ver que existiam. Também tinha uma cintura bem fina, por isso o meu quadril e os seios ficavam mais pronunciados.

Minha segunda coisa favorita eram as minhas pernas. Eu tinha belas pernas. Não que desse para vê-las com as roupas desse mundo, mas eram boas. Entretanto, eu não parecia em nada com a beleza exuberante que veio procurar o Apollo. Em outras palavras, ele não fodia alguém que poderia lembrá-lo da sua Ilsa.

Entendi. *Realmente* entendi, mas... *uma prostituta?*

A evidência sugeria que o Apollo desse mundo não era tão bom assim. Na verdade, o indício sugeria que o Apollo desse mundo era um idiota autoindulgente. Eu sabia tudo sobre isso. *Cara*, eu sabia. Então olhei para mim mesma, saindo da minha autopiedade e começando a achar que era bom.

O local era incrível, as roupas eram lindas, a comida fabulosa e o povo parecia amigável. Claro, não havia eletricidade, carros ou salas de cinema, mas se eu colocasse a cabeça para funcionar, poderia achar divertido explorar um mundo como esse.

Além disso, eu estava a salvo do Pol. Ele *nunca* chegaria até mim, *aqui*. E o Apollo não queria ter nada a ver comigo.

Onze anos atrás, aos vinte e dois anos, eu trabalhava em uma loja de departamento e conheci o Pol, cometi erro após erro até destruir a minha vida. Fui seduzida por sua boa aparência, os maços de dinheiro sempre nos bolsos, o sorriso fácil e ele me levando pela cidade em seu Corvette, que trocou por um Porsche, em seguida, um Maserati e, finalmente, um Aston Martin — as coisas sempre eram boas no tráfico de drogas.

Eu queria aquela vida e consegui — menos a parte do tráfico de drogas, é claro. Pensei até mesmo que, junto com a deliciosa aparência do Pol, eu teria tudo o que sempre quis. Um homem rico,

poderoso e bonito e a vida que ele podia me ofertar, mas fiquei com nada.

Agora, estava diante de uma segunda chance. A chance de fazer uma vida para mim. Isso veio de uma forma bizarra que nunca, nem nos meus sonhos mais selvagens, imaginaria ser de verdade. Mas, eu tinha.

— Então, vou aproveitá-la — prometi ao meu reflexo no espelho e meu olhar se prendeu novamente em mim, determinado e esperançoso.

Eu gostava desse olhar em mim. Fazia muito tempo que não via isso, não tinha certeza de que já havia visto, mas *agora* estava vendo.

Então, iria atrás disso.

Capítulo 05

Fazendo Eu Me Sentir Livre

Eu havia perdido o controle do cavalo debaixo de mim, que cavalgava indomável entre as flores selvagens atrás da casa. Os seus movimentos faziam as minhas costelas sacudirem e isso doía, mas não estava focada nisso. Imaginei que ele sabia o que estava fazendo, que só estava me levando para um passeio.

Não, estava focada no vento em meus cabelos, o sol brilhando na minha pele e na beleza ao meu redor. Pierre, que estava me ensinando a montar, estava correndo atrás de nós, gritando em francês. No entanto, a sua voz estava desaparecendo enquanto o cavalo e eu galopávamos através das flores.

Dois dias se passaram desde que a prostituta *veio*. Dois dias gloriosos e *agora* eu estava sobre um cavalo, pois me ocorreu que, ao ver que não havia carros aqui e eu não sabia montar, deveria aprender. Então, eu tinha falado — ok, feito gestos — para os empregados.

Com muitos sorrisos e risadas diante das minhas mímicas, finalmente passei a mensagem adiante e fui apresentada ao Pierre. Não sabia o que ele fazia na casa, mas isso não importava. Enquanto eu sorria e ria das suas gesticulações, ele concordava em me ensinar a montar, mas só entendi isso quando me levou para os estábulos e me mostrou como selar um cavalo, também me mostrou como montar. Continuou a partir daí.

Já sabia todos os nomes das criadas, além de saber como dizer “cavalo” em francês — *cheval*. Lembrei-me de *bonjour* e *merci*, que comecei a usar, fazendo a criadagem sorrir feliz e acenar com entusiasmo, bem como aprendi *bonne nuit*. Claro, não era muito, mas já era alguma coisa.

Além disso, fiz uma caminhada pela alameda de flores silvestres por perto, indo quase até a igreja, que era muito mais longe do que eu havia imaginado, parei e voltei. No entanto, se a vista já era uma coisa da minha sacada, era muito melhor de perto.

Isso significava que já tinha sapatilhas que cabiam em mim — seis pares, todas *impressionantes* e encaixavam como se tivessem sido feitos para mim, porque tinham sido! Também tinha vestidos que cabiam e eram ainda mais surpreendentes do que os que eu tinha usado.

Tive tempo para examinar cuidadosamente as prateleiras da biblioteca e, quando o fiz, encontrei vários livros em inglês. Dois eram de poesia, que teria tentado ler, mas não era do meu gosto. Um era drama gótico, o qual estava lendo e era muito bom, mas o livro mais importante que encontrei narrava a história das casas de Lunwyn. Esse, eu li com grande interesse.

Não tinha o nome do Apollo nele e presumi ser antigo, mas recuava um bom tempo, o que significava que tinha um monte de histórias sobre Lunwyn, incluindo dragões e elfos! Bem como a explicação do porquê uma “Casa” de Lunwyn fazia parte da aristocracia. Alguns eram mais ricos do que outros, alguns possuíam mais terras ou mais poder — que passava de mão em mão, como dinheiro e terras —, mas todos estavam ali havia séculos.

Lendo-o, descobri que a Casa dos Ulfr era muito poderosa e, de acordo com o livro, muito respeitada. O que não foi exatamente uma surpresa, talvez a parte do ser respeitada, considerando que o chefe dela era um idiota. Poderia afirmar que o Apollo desse mundo era um verdadeiro turrão e meu palpite era que o dinheiro, em qualquer mundo, significava poder.

Além disso, após os meus exercícios, no dia anterior, as criadas animadamente me entregaram um jornal em inglês. Estava datado e compartilhava a feliz notícia de que o amado Príncipe Negro, Noctorno Hawkvale, governante de Bellebryn, e sua noiva, Cora, a Benévola — que apelido de arrasar — entregaram com sucesso ao Vale outro herdeiro do trono, o Príncipe Hayden.

Boa notícia para Vale, como o nascimento de uma criança sempre era, mas um herdeiro ao trono significava que o país inteiro comemoraria e eles festejaram com eventos programados para uma semana.

Por último, eu estava tendo a minha segunda aula de montaria e, apesar de não ir muito bem, era divertido. Sabia que deveria puxar as rédeas e falar “ôaaa”, mas simplesmente não conseguia. Montar não fazia bem às minhas costelas, mas isso não significava que não era *ruim*. Então, segurei-me e suportei a dor, curvando-me para frente sobre as costas do cavalo e permitindo que a beleza ao meu redor voasse enquanto deixava a minha mente vagar.

Até que ouvi a batida de cascos de cavalo atrás de mim. Virei-me para olhar e vi um dos homens do Apollo atrás de mim. Nos *últimos* dois dias, conheci todos os homens, embora não tivesse trocado uma palavra com qualquer um deles — ainda assim,

para não ser rude, se eles chamavam a minha atenção, eu sorria e eles geralmente retribuíaam o sorriso.

Fazia isso de propósito e custava um grande esforço fazê-lo. Estava desfrutando de um encanto feliz e uma lembrança da outra Ilsa, principalmente, por causa do Apollo, que poderia sofrer um duro golpe por esse esforço.

Eu não estava pronta, mas estaríamos “partindo” em algum momento, provavelmente, em breve, já que viajaria com eles e não teria qualquer outra escolha, apenas essa. Então, faria isso.

Mas esse — de cabelos escuros e feições que me diziam que ele poderia muito bem ter algum parentesco com o Apollo — achava que eu estava em apuros e estava vindo em meu socorro. Isso tudo era doce e tal, mas a única coisa que eu conseguia pensar era, *merda*.

Puxei as rédeas e o cavalo abrandou o galope, mas não rápido o suficiente. Sabia disso porque, de repente, o cara atrás de mim estava bem ao meu lado e engasguei quando percebi que ele *em cima do meu cavalo, comigo*.

De alguma forma, em um piscar de olhos, estava sentado atrás de mim, o braço serpenteando através da minha barriga para me segurar contra ele. Pegou as rédeas da minha mão e as puxou novamente. Também senti o aperto das suas coxas no cavalo, que desacelerou até parar.

Sem demora, ele desmontou e, uma vez que colocou os pés no chão, suas mãos se estenderam para a minha cintura e me puxou para baixo com ele. Foi gentil, mas não significava que eu não tinha batido no chão e que o baque que enviou dor através da minha barriga, o suficiente para me fazer estremecer.

Ouvi mais cascos batendo e se aproximando, mas não pude me virar para olhar, porque ele começou a falar comigo.

— Você está bem?

Olhei para ele e reparei em suas sobrancelhas fortes, muito parecidas com as do Apollo e os cabelos eram exatamente iguais, embora estivessem mais curtos — no entanto, não era curto. Além disso, os seus olhos eram de um rico castanho chocolate.

Pol tinha uma família grande, eu sabia disso, embora nunca a tivesse encontrado. Eles não gostavam de traficantes de drogas também, aparentemente. Então, Pol havia mostrado sinais de que iria para o lado escuro no início da vida. Sabia disso porque, em um raro momento de honestidade, ele compartilhou que durante a adolescência teve um registro criminal. Quando o conheci, ele já havia sido renegado.

Isso fez com que o nosso casamento fosse um evento solitário e menti para mim mesma, dizendo estar bem com isso. Eu o tinha e era tudo que precisava — isso era uma mentira, naquele momento e muito mais tarde também.

Olhando nos olhos gentis e inteligentes do homem junto a mim, desejei ter conhecido alguns familiares do Pol. Eles teriam me avisado, mas eu não escutaria de qualquer maneira.

— Tudo bem. Só as costelas estão doendo um pouco — respondi com a cabeça inclinada e rapidamente continuei. — Obrigada por ter vindo em meu socorro.

— Minhas desculpas, madame. Fui muito brusco ao puxá-la de cima do cavalo — respondeu. — Você perdeu o controle e eu não queria que ficasse sozinha sobre ele, comigo no chão. Quando um cavalo sente que tem o controle, pode tirar proveito.

Balancei a cabeça.

— Não foi você que me machucou. É que... antes de chegar aqui, neste mundo, quer dizer, eu... — parei quando os seus olhos fitaram o hematoma em minha bochecha, que já estava desaparecendo.

Ouvi alguns “oaaas” à minha volta e soube que vinham de várias pessoas, mas, uma vez mais, ele falou e não pude olhar ao redor.

— Claro, o Apollo nos contou. Ótimo.

— Está tudo bem — assegurei a ele enquanto sentia os outros se juntarem a nós.

— Não está. Também, não é uma boa ideia você estar na garupa de um cavalo no seu estado. Especialmente se você não sabe como montar, precisamente, devido ao que aconteceu. Você podia ter se ferido mais ainda.

— Você precisa usar as pernas — disse outra voz, olhei para a minha esquerda e vi o *cara sexy*, com seus cabelos brilhantes, que falou com a prostituta e o menino que eu tinha notado por perto, nos dois últimos dias.

Porém, ele não era exatamente um menino, estava mais para um menino-homem. Achava que tinha entre dezesseis e dezessete anos. Os cabelos eram loiros escuros, olhos azuis escuros e eu sabia que, quando crescesse, se tornaria um espetáculo, já era um.

— E a boca — a voz continuou, aquela voz vinha do menino-homem.

— A boca? — perguntei e um lado do seu lábio se curvou.

— Para falar “oaaa” — ele instruiu e continuou. — Também seria uma boa ideia usar as rédeas.

Pressionei os lábios, mas não tive sucesso em suprimir o sorriso, antes de responder:

— Vou me lembrar disso, na próxima vez.

— As costelas dela estão feridas — o homem que me salvou informou ao homem com cabelos brilhantes.

— Então, por que ela está em cima de um cavalo? — O homem com cabelos brilhantes perguntou e o olhar irritado deslizou para mim. — Especialmente se ela não sabe como montar um.

Caramba.

— Esta é uma boa pergunta — o homem que me salvou observou, então olhei para ele.

— Nunca montei. Sequer estive perto de um cavalo, na verdade, até ontem — expliquei e seus olhos se arregalaram em choque imediato.

— Você está brincando — o homem com cabelos brilhantes chamou a minha atenção e também parecia chocado.

— Não temos cavalos, de onde venho. Quer dizer, até temos — falei a última frase rapidamente porque o seu choque se transformou no que parecia ser um alarmado espanto. — Mas só pessoas ricas os possuem. Ou, se você ama cavalos o suficiente, sacrifica outras coisas para mantê-los ou pagar para montá-los.

— Os pobres andam a pé? — O homem-menino perguntou com desgosto, incrédulo.

— Bem, não — respondi. — Quase todo mundo tem carro.

O menino-homem piscou e os outros dois estreitaram os olhos para mim com perplexidade. Levantei as mãos e meus dedos se curvaram ao redor de um volante inexistente, deslocando-os de um lado para o outro, como se estivesse dirigindo. — Veículos com

quatro rodas e um motor. Eles têm a sua própria potência e não precisam de um cavalo.

Os três observaram as minhas mãos, então ergueram o olhar para mim.

— Vocês teriam que ver para entender — murmurei, abaixando as mãos.

O de cabelo escuro se virou para o de cabelos brilhantes e anunciou:

— Não podemos dar início à viagem se a senhora feriu as costelas e não sabe como montar um cavalo.

Oh, oh.

Isso não era bom e estava achando que Apollo não iria gostar desse desenrolar. Então, exclamei rapidamente:

— *Oh*, não! — Dei um passo para mais perto deles e levantei uma mão. — Não deixem que eu atrase a nossa partida.

O *cara* de cabelos escuros olhou para mim.

— Você estremeceu ao ser puxada de cima de um cavalo — me lembrou.

Balancei a cabeça, mas disse:

— Sim, mas estou bem. Verdade. Está tudo bem.

— Não está — rebateu.

— Nosso progresso será retardado se ela cavalgar ferida, especialmente se não conseguir lidar com o seu próprio cavalo — disse o rapaz de cabelos brilhantes e olhei para ele.

— Vou me manter na sela — prometi.

Os olhos azuis se voltaram para mim.

— E quebrar o seu pescoço?

— Vou tentar me manter na sela sem fazer isso — prometi.

Ele olhou para mim por um momento, em seguida, olhou para o seu companheiro.

— Vou falar com o Derrik. Ela vai precisar de aulas e tempo para curar os seus ferimentos. Vamos enviar uma mensagem ao Apollo informando que adiaremos a viagem por duas semanas.

Oh, Jesus.

— SÉRIO — falei apressadamente. — Estou bem. Posso praticar equitação durante a nossa, *humm...* jornada.

Isso me rendeu um olhar do homem de cabelos escuros.

— No primeiro dia, após a viagem, você vai ter nada além de dores e mais dores. Na manhã seguinte, seu corpo vai protestar contra o movimento mais simples. Você não aguentará estando ferida.

— Que tal eu fazer uma tentativa — sugeri, não querendo nos atrasar porque realmente achava que o Apollo não gostaria. Claro, ele não receberia a informação de que estávamos atrasados antes de dois meses, mas, pensando bem, teria duas semanas inteiras para remoer isso dentro dele e, provavelmente, não seria uma coisa boa.

Afastei-me desses pensamentos quando notei que ninguém estava falando. Estavam todos olhando para mim de novo. Finalmente, o homem de cabelos escuros ofereceu a mão grande e calejada.

— Eu sou Achilles, da Casa dos Ulfr. Primo do Apollo.

Sim. Eu tinha razão, ele era da família.

Segurei a mão dele e murmurei:

— Achilles.

— Eu sou Draven, da Casa dos Sinclair — o cara de cabelos brilhantes falou, soltei a mão do Achilles e peguei a mão dele.

— Oi — falei e seus olhos brilharam com humor.

— Sou Aleksander, da Casa dos Lazarus — disse o menino-homem, sorrindo para mim e oferecendo a mão. Eu a segurei e ele concluiu. — Alek.

— Prazer em conhecê-lo, Alek — falei, dei um aperto na sua mão e a soltei.

— Você vai voltar caminhando, não cavalgando — Achilles decretou e meu olhar voltou para ele. — Conversaremos amanhã, para ver como você se sente. Quando estiver bem o suficiente, Hans lhe dará aulas sobre equitação. Ele é o nosso cavaleiro mais talentoso.

— Realmente, isso não é... — comecei, mas ele se aproximou de mim.

Não foi nada demais, não foi um movimento agressivo projetado para chamar a minha atenção, mas ele teve a minha atenção. No entanto, o olhar sério estava acompanhado por uma *boa* quantidade de compaixão e isso foi o que *realmente* chamou a minha atenção.

— Conheci pessoas que a vida ensinou a se manterem isoladas — afirmou baixinho. — É sempre uma tolice e nunca acaba bem. Não importa quais experiências tivemos, devemos nos manter abertos para ter outras. Não concorda?

Respirei fundo e assenti, porque ele estava certo.

— Os homens estão ansiosos para conhecê-la e seria bom para você conhecê-los — me informou. — Agimos como seus protetores por dever e entendemos muito bem o que é um dever.

Contudo, temos esse dever por lealdade ao Apollo e à Casa dos Ulfr. — Manteve o meu olhar, mas abaixou o rosto um centímetro e sua voz ficou mais baixa quando concluiu: — Se os homens a conhecê-la, minha senhora, se permitir que *realmente* a conheçam, não tenho dúvidas de que atuarão como os seus protetores por razões muito diferentes.

— A Ilsa do seu mundo — sussurrei, o compreendendo inteiramente.

— Não. A senhora colocou a si mesma em cima de um cavalo, mesmo ferida, porque estava determinada a aprender algo novo, para o seu mundo. É a mulher que aperta uma mão em saudação enquanto sustenta o olhar, ainda que o seu olhar esteja hesitante, é inabalável. Por último, é a mulher que faz o possível para abraçar um novo mundo muito estranho, mesmo quando as circunstâncias não estão ao seu favor. Sei de tudo isso tendo conhecido você, oficialmente, momentos atrás e a observado por apenas dois dias. O que quero saber é o que mais há para descobrir.

Ok, talvez eu não o tivesse compreendido inteiramente. E, quando ele terminou de falar, eu estava prendendo a respiração e fazia isso porque as lágrimas ardiam nos meus olhos, visto que tudo o que ele disse era muito bom.

Uma vez que ele calou a boca e ninguém estava dizendo *nada*, percebi que era minha vez de quebrar o silêncio.

— Eu estava tendo um piti — compartilhei. — Pensei que já tinha superado isso, mas, talvez ainda tenha sobrado alguma coisa.

Enquanto eu falava, ele se moveu ligeiramente para trás e suas sobrancelhas se ergueram. Quando parei de falar, ele

perguntou:

— Um o quê?

— Um piti — respondi. — Estava sentindo pena de mim mesma e sendo autoindulgente. É uma fraqueza.

— Na minha opinião, uma fraqueza admitida não é nenhuma fraqueza — Draven falou e nesse momento olhei para ele. — Se você sabe que a tem, mesmo que não possa controlá-la, pode fazer concessões. São aqueles que ignoram ou não compreendem os seus pontos fracos que são vencidos por eles.

Pisquei e então falei:

— Todos os soldados são filósofos ou o quê? Isso me fez ganhar um sorriso do Achilles, uma risada do Draven e uma explosão de risos do Alek. Tinha que admitir, os três pareciam maravilhosos.

— Venha — disse Achilles, me oferecendo o braço enquanto inclinava a cabeça em direção aos nossos cavalos, seus olhos sobre o Alek. — Vou acompanhá-la até em casa.

Peguei o seu olhar quando me fitou, segurei o braço dele e sussurrei:

— Gostaria disso.

Ele ergueu o queixo, Alek nos circulou, indo em direção aos cavalos. Draven sorriu para mim, antes de se virar para a sua montaria, e Achilles me puxou para mais perto, nos guiando para frente.

* * * * *

— Está ficando tarde, minha senhora. Devemos colocá-la em sua carruagem, a fim de voltar à casa de campo a tempo do jantar.

Meu coração despencou, me virei, agarrei o braço do Derrik e me inclinei na sua direção, captando o seu olhar e implorando:

— Não. Por Favor? Não podemos ficar em Benies para o jantar?

Ele olhou para mim e era o suficiente dizer que eu *amei* Benies.

Pol havia me levado para Munique, Londres, Barcelona e Atenas. Tínhamos passado férias nas praias das Bahamas, Antigua e Montserrat. Já tinha visto muitas coisas, todas elas maravilhosas, incluindo esse mundo, de onde vi muito mais durante o passeio de carruagem pela cidade, a fim de “adquirir” as coisas que eu precisava — essas descobri serem joias, perfumes, maquiagem, produtos para o cabelo, xales e afins. Poderia apenas dizer que fazer compras em um universo paralelo era uma *loucura*. Mas, nunca vi *nada* como Benies.

Não havia arranha-céu e não havia *nada* parecido com uma Torre Eiffel ou ruínas, mas, ainda assim, era além do além. Algumas edificações foram pintadas com uma opulenta cor marfim, mas a maioria delas eram em tons pasteis e quase todas possuíam algum detalhe em ferro preto, magnificamente forjado, nas sacadas, varandas ou apenas decorando as fachadas das janelas.

Todas as edificações tinham flores por toda parte, em floreiras, em vasos nas soleiras, nos degraus e em arbustos. Na verdade, os arbustos de lá eram de arrasar, feitos em uma variedade de formatos surpreendentes, na frente das casas, ao longo de avenidas ou em pequenos parques da cidade. Qualquer

formato, desde simples cones, flore de lis e até pessoas. Já havia visto alguns trabalhos de formatos diferentes no meu tempo, mas nada como aquilo.

Por outro lado, não era sobre a arquitetura. Era sobre cores e enfeites em cada edifício, loja ou casa, que parecia tentar ser mais bonita do que a próxima, tornando tudo magnífico. Depois, havia a agitação da cidade. Tanta coisa acontecendo, pessoas por toda parte. E as suas roupas!

As minhas roupas eram boas, mas as mulheres ao meu redor com suas luvas, chapéus, as penas nos seus cabelos, os xales delicados ao redor dos seus ombros, os guarda-sóis com babados, as joias brilhando ao sol. Eram inacreditáveis, de tirar o fôlego.

Então, havia cafés com mesas ao ar livre, grandes toldos listrados com bordas recortadas, serventes usando calças pretas sob aventais brancos, o cabelo repartido ao meio, grudado no couro cabeludo e bigodes extravagantes, correndo para anotar e trazer pedidos.

Em seguida, as confeitarias com tais preparações em suas vitrines que dava água na boca só de olhar para elas. Derrik reparou, entrou comigo em uma delas e comprou a melhor *éclair*^[7] e os melhores *profiteroles*^[8] — sim, ambos, pois não consegui escolher — que já comi *na minha vida*.

Havia também restaurantes elegantes, ainda não estavam abertos; Derrik explicou que os restaurantes mais formais só abriam para o jantar, e as lojas! Lojas que continham milhares de rolos de tecidos em todas as cores e padrões que se poderiam imaginar. Grandes cestos de lã ou enormes barris de especiarias com cheiros incríveis. Joias. Fitas. Louças. Cristais. Prateleiras e prateleiras de

vinho. Dezenas e dezenas de caixas de queijos e salsichas penduradas no teto.

Por último, havia o Mar Marhac, uma vasta extensão de água parecida com um oceano, que se estendia por todo o comprimento da cidade no extremo sul, o sol brilhando sobre as águas tranquilas, a própria água dando ao ar da cidade um frescor límpido e cristalino. Além disso, havia o clamor das gaivotas, gritando para quem vivesse no litoral que estavam em *férias*.

Eu amei. Não conseguia ter o suficiente, ver o suficiente. Queria ficar lá dias e dias, não horas. Claro, a sessão de compras começou um pouco estranha, comigo olhando ao redor enquanto o Derrik me instruía a pegar *qualquer coisa que eu gostasse*, mas como eu usaria o dinheiro do Apollo, não queria pegar *nada*.

Achilles, que tinha vindo conosco, percebeu e teve uma boa conversa comigo, então decidi comprar algumas coisas para apaziguá-los. Laures e Hans também foram conosco.

Laures tinha cabelos escuros, olhos castanho-escuros como os de Achilles e aparentava ser da Casa dos Ulfr, mas era um pouco mais baixo, também um pouco mais largo e tinha uma pequena cicatriz no formato de meia-lua, perto da boca, onde uma covinha o tornava mais sexy ainda. Enquanto Hans era muito loiro, tinha olhos azuis cristalinos, era mais magro do que os outros e mais alto.

Laures e Hans notaram a minha hesitação e fizeram algo a respeito, o que emocionou o meu coração, visto que estavam *realmente* tentando me ajudar a encontrar coisas que eu gostava, mas ambos tinham muito mau gosto, assim, sempre que me mostravam algo, era hediondo e eu não compraria nesse mundo ou em *qualquer* outro.

Sabia que estavam fazendo isso para que pudéssemos seguir em frente, já que compras não eram, claramente, um dos seus passatempos favoritos. E, finalmente, perceberam que eu estava brincando com eles quando arrastei os pés pelas lojas, gaguejando e hesitando nas decisões sobre as várias coisas que eles me apresentaram, para me apressar a comprar e podermos dar o fora dali.

Todos entraram no *jogo*, então, Hans e Laures começaram a escolher uma variedade de coisas intencionalmente horríveis ou berrantes para mim, as quais não foram compradas, fazendo-me rir até os meus lados doerem. Derrik acabou com a brincadeira após a quinta loja e disse para nos mantermos focados, embora tenha feito isso com um sorriso.

Os homens também notaram que eu estava com os olhos arregalados de admiração e me divertindo imensamente, logo, *eles* começaram a arrastar os pés e me guiaram através de várias avenidas para me mostrar fontes, estátuas e edifícios dignos de nota. Proporcionando-me um grande dia.

Já fazia uma semana desde que eu havia sido levada para esse outro mundo e *agora* eu já conhecia todos os homens. No início, eles jantaram comigo à noite como cortesia, mas *agora*, esperava que estivessem ali por vontade própria. Um, dois ou mais deles estavam sempre à mesa do café, na parte da manhã, chegando ou saindo, descansando e conversando comigo enquanto eu comia.

Havia o Derrik, Achilles, Draven, Alek, Hans e Laures. Também Remi e Gaston.

Hans deu início às minhas aulas de equitação enquanto Laures, Gaston e Remi me ensinavam a falar Fleuridian. Achilles estava me ensinando um jogo de tabuleiro chamado Ricken, que era muito parecido com o xadrez, mas muito mais violento.

Em outras palavras, cada peça tinha uma arma e quando você a pegava, sacava a arma. Aparentemente, os “servos” remendavam as peças quando você terminava de jogar, embora não soubesse como, uma vez que eram muito bem esculpidas e não pareciam consertadas.

Perguntei e o Achilles também não sabia como, então percebi que o que os “servos” faziam não era da conta dos seus mestres, contanto que fizessem. Por falar nisso, eu era muito ruim no Ricken.

Achilles achava isso hilário, bem como Draven e Hans, que muitas vezes assistiam, balançando a cabeça e sorrindo para mim a cada movimento que eu fazia. Era possível notar, pois balançavam as cabeças e sorriam, mas não me davam qualquer dica.

Entretanto, todos os homens estavam me ensinando o Tuble, um jogo de cartas. Jogávamos à noite, após o jantar, e eu era boa nele. Também estavam me ensinando a trapacear, o que, aparentemente, era algo que *deveria* ser feito. Eu era *ótima* nisso.

Agora, estavam me dando apelidos.

Não seria necessário dizer, mas os últimos dias havia sido melhores do que os primeiros, tipo, *muito*. Sendo esse o melhor de todos e eu não queria que ele acabasse. Então, tive a sensação de que os meus olhos estavam implorando enquanto olhava para o Derrik e aguardava a sua resposta.

Ele continuou a olhar para mim com seus olhos azuis claros e eu prendi a respiração. Em seguida, murmurou:

— Vamos levá-la para jantar no *Le Pont de L'eau*.

Inclinei-me para trás, bati palmas e gritei:

— *Uhuuu!*

Ele sorriu com indulgência para mim.

— Incrivelmente fantástico — Laures murmurou. — A melhor vitela de Benies.

— Esqueça a vitela, o melhor uísque de Benies — Hans, também murmurando, colocou.

Eles já estavam se movendo até a elegante carruagem preta que me levou até ali — eu iria sozinha enquanto cavalgariam ao meu lado — quando senti a mão do Derrik em meu cotovelo.

Ao olhar para ele novamente, a deslizou para o interior do meu antebraço e a grande mão se curvou em torno da minha, puxando e colocando-a ao lado do seu peito. Portanto, me levando para o seu lado enquanto nos guiava até a carruagem.

Era bom andar de mãos dadas e estar ao lado de um cara sexy e protetor em uma cidade bonita, em um universo paralelo, de modo que segui assim.

— Além disso, minha senhora, a melhor vista de Benies e do Mar Marhac — falou baixinho, seus olhos em mim — é bem em cima da água e tem quatro andares.

— Uau — respondi baixinho em resposta e seus olhos se iluminaram.

Sorri para ele e na direção da carruagem, onde Achilles estava parado, mantendo a porta aberta ao passo que também sorria para mim.

Sim, esse foi o melhor dia *aqui*, de longe, e só melhorava.

* * * * *

Achilles

— *Oh* meu Deus, não!

Achilles ouviu a voz da Ilsa enquanto se aproximava da porta da cozinha, vendo Derrik parado, encostado na soleira e com as costas viradas. Ele parou atrás do Derrik, quase ao seu lado, olhando para dentro e vendo a Ilsa sentada em um banquinho, apoiando os antebraços sobre a desgastada mesa da cozinha, ouvindo, ou melhor, observando com muita atenção enquanto uma das servas fazia algo.

Havia algumas palavras entrecortadas, já que a Ilsa estava melhorando no Fleuridian a cada dia, mas a maior parte do que dizia era com gestos selvagens, uma paródia de mímica e já que era uma paródia, então ele pôde ver, em segundos, o que era tão divertido.

Achilles viu quando todas as outras servas, paradas ao redor, assim como Ilsa, começaram a rir, Ilsa batendo o punho na mesa e abaixando a cabeça na direção da mesa. Ela jogou a cabeça para trás, de repente, e gritou:

— Isso é *muito* engraçado!

Todas as criadas assentiram e ostentaram grandes sorrisos para ela, embora, provavelmente, não soubessem o que estava dizendo. Ou soubessem, entendendo a língua do Vale por causa da outra Ilsa.

Achilles virou a cabeça a fim de olhar para Derrik, que estava assistindo tudo aquilo ou, mais provavelmente, observando Ilsa com

atenção ainda mais arrebatada do que a própria Ilsa prestava atenção na história contada através de mímica.

— Hans disse que a montaria dela já é segura — Achilles observou em voz baixa.

Derrik se sobressaltou e virou a cabeça para olhar nos olhos de Achilles.

— Ele relatou isso para mim.

— Deveríamos ter partido há três semanas — Achilles lembrou.

— Ela está se divertindo — Derrik respondeu e Achilles puxou uma respiração curta. Então, se aproximou e baixou a voz.

— É nossa responsabilidade levá-la em segurança.

— Ela tem oito guardas e Apollo disse que está praticamente certo de que a bruxa do outro mundo está cuidando dela — Derrik rebateu.

— Praticamente certo não é certo e suas ordens são para levá-la para solo Ulfr o mais rapidamente possível — Achilles retrucou.

Derrik sustentou o seu olhar, ergueu o queixo, voltou o seu olhar para a cozinha e murmurou:

— Vamos partir depois de amanhã. Amanhã, levaremos a senhora até Benies, uma última vez. Ela gostou dos dias que passou lá.

Ele estava certo. Ilsa gostou de todos os quatro dias e Achilles abafou um suspiro, mas não os seus receios. Teria que se manter vigilante.

Seu olhar se moveu para a cozinha e viu que Ilsa estava olhando em sua direção. Ela levantou a mão, acenou com

entusiasmo e, caramba, juntamente com o Derrik, Achilles ergueu a mão e acenou em resposta.

* * * * *

Laures

Laures virou a sua montaria e fincou os calcanhares no cavalo para ir a galope.

Quando o fez, viu Maddie — como *agora* chamavam de Ilsa em vez de *madame*, de modo que não tinham que se dirigir a ela formalmente, nem a chamar pelo nome da sua gêmea — e suas saias estavam levantadas em uma mão, a sombrinha na outra, balançando sobre sua cabeça, os pés a levando através da arena em direção a ele, os gloriosos cabelos ondulando atrás dela.

Diante dessa visão, esqueceu a dor dos golpes que levou da espada sem corte do seu concorrente e sorriu. Ela parou subitamente, oscilando ao seu lado enquanto ele puxava as rédeas e Maddie erguia a mão, a palma virada para ele, enquanto gritava:

— Você venceu!

Ele tinha vencido.

Como acabou participando dos jogos que estavam acontecendo, não sabia. Por outro lado, enquanto cavalgavam para Fleuridia, pararam em uma feira em Aisles, a qual não estava programada para participarem. Também, depois que cruzaram Hawkvale, foram persuadidos a assistir um festival de tosquia de ovelhas em Drinton, para o qual não tinham tempo, mas assistiram.

— Não me deixe esperando! — ela exclamou.

— Perdão? — perguntou.

Maddie balançou a mão no ar.

— Toca aqui!

Laures arregalou os olhos, sem ter a mínima ideia do que Maddie estava falando, e ela largou o guarda-sol no chão, estendeu a mão, agarrou a sua mão enluvada sobre a sua coxa e a moveu para bater contra a dela.

— Toca aqui em cima — declarou, movendo a mão para baixo com a palma virada para cima, então bateu contra a mão dele novamente. — Toca aqui embaixo. — Virou a mão para o lado, bateu a mão contra a dele mais uma vez e disse: — do lado. — Por fim, envolveu a mão ao redor da mão dele, a junção do polegar conectada com a dele, seus dedos se curvaram e ela balançou as mãos para trás e para frente, dizendo animadamente: — Você é o *cara!*

Era uma das coisas do mundo dela, entre muitas que aprenderem. Algumas eram divertidas, todas fantásticas.

Sorriu para Maddie novamente.

— Você ganhou! — Alek gritou e Laures olhou para cima, ainda segurando a mão dela, para ver que todos os homens se reuniram ao redor dos dois. — Isso significa que vai ter que entrar na arena amanhã, para a final do campeonato!

Ele entraria, de fato.

— Enviarei um pássaro ao Apollo, dizendo que nos atrasaremos, pelo menos, mais uma semana — Hans murmurou, se afastando do amontoado e caminhando para longe.

Laures olhou de Hans para Maddie e se inclinou. Soltou a mão dela, mas colocou o braço em volta da sua cintura e a puxou

para cima do cavalo, na frente dele.

— Que tal a volta da vitória, docinho? — perguntou.

Maddie virou a cabeça e Laures viu os seus olhos se iluminarem enquanto acenava alegremente. Ele se inclinou na direção dela, fincou os calcanhares nos flancos do cavalo e cavalgou. Quando o fez, a risada escancarada da Maddie ecoou pela arena e isso aqueceu o coração de Laures.

Por outro lado, toda vez que Maddie ria, aquecia o seu coração.

* * * * *

Achilles

— Então, como você pode imaginar, pelo fim da história, não era essa maravilha toda viver no meu mundo — Maddie murmurou seu eufemismo com os olhos no chão, os dedos puxando pedaços de grama e, distraidamente, jogando-os para o ar.

Estava deitada na relva macia de lado, mas apoiada em um cotovelo, a cabeça sustentada pela mão, as pernas dobradas, os pés enfiados em sapatilhas de cetim azul que espreitavam debaixo das saias cor de lavanda. Os restos do almoço estavam espalhados por todo o cobertor, alguns metros longe do trio.

Derrik se sentou de frente para ela, as pernas dobradas na altura dos joelhos, o corpo inclinado para trás, o peso apoiado nas mãos enquanto Achilles estava sentado com as costas contra um tronco de árvore, um joelho erguido. Apoiava um pulso no joelho, balançando a mão, tendo a outra perna esticada.

Ambos os homens tinham os olhos sobre Maddie.

O sol brilhava e eles pararam de cavalgar para almoçar. Estavam a dois dias de viagem da cidade portuária de Hawkvale, onde embarcariam no navio para Lunwyn. Os demais estavam inspecionando os cavalos em preparação para a viagem, sendo poucos os pertences dos homens — exceto pelas armas que carregavam consigo —, os pertences abundantes da Maddie estavam sendo separados entre os alforjes dos nove cavalos.

Deveriam ter usado uma carruagem, mas Apollo instruiu a não fazerem isso. A carruagem seguiria mais lentamente e atrasaria a viagem por algum tempo, mas, no fim das contas, a viagem foi adiada por muito mais tempo do que uma carruagem faria.

Achilles não tinha dúvidas de que o desejo de Apollo — de chegarem à Karsvall sem demora — ser ignorado, não deixaria o seu primo feliz. Entretanto, não queria pensar no assunto e estava refletindo sobre o que Maddie contou a eles.

O sol e o vinho durante o almoço, talvez, tivessem soltado a sua língua. No entanto, era mais provável que ela se sentisse confortável o suficiente, com eles, para compartilhar. Seria impossível não se relacionar com aqueles que a rodeavam em uma longa viagem, pois havia passando dia após dia com eles.

Juntos, tiveram um bom número de dias e aventuras, mas a maneira como a tristeza constantemente brilhava nos olhos de Maddie e a alegria que ela mostrava abertamente, revestindo-a, tornava impossível não se relacionar.

Algo nela fazia com que qualquer homem desejasse protegê-la. Havia alguma coisa nela que fazia com que qualquer homem ansiasse conhecê-la, incitando a ver sob o verniz, que Achilles

estava certo de que Maddie acreditava ser um escudo, mas que não percebia ser frágil. Ela fazia qualquer homem querer cavar fundo e descobrir o que havia sob o verniz.

Maddie só mostrou um pouco do que estava por baixo. A história de como chegou lá, fugindo do seu marido, o fato de ter sido espancada quando ele a encontrou, também sobre Apollo e a bruxa, a magia verde do outro mundo e como a salvaram. Esse foi o final da sua história, mas o que compartilhou foi suficiente.

Achilles desviou o olhar dela sentindo a boca se contrair e olhou para Derrik. Com um olhar, soube que ele estava sentindo o mesmo, talvez mais. Então virou-se novamente para Maddie.

— Você está aqui agora, besourinho, a salvo de tudo isso.

Maddie levantou os belos olhos castanhos para Achilles, olhos que ele olhou um milhão de vezes, antes mesmo de conhecê-la. No entanto, ainda assim, não conhecia. Olhando para eles, *agora*, definitivamente não conhecia.

Havia sido chocante no início, Maddie se parecer com a Ilsa, mas eles se acostumaram com isso. Então, a Ilsa que viram em Maddie havia desaparecido e *agora* era só ela.

Depois dessa história, era apenas ela.

— Eu sei — Maddie sussurrou.

Maddie disse *eu sei*, mas quis dizer *obrigada*.

Achilles sorriu para ela, desencostou da árvore e se inclinou para beijar o lado da sua cabeça. Quando se afastou, Maddie inclinou a cabeça e sorriu em resposta.

— Obrigado por compartilhar isso conosco — Achilles disse suavemente.

— Obrigada por serem confiáveis o suficiente para eu poder fazer isso — ela respondeu.

Achilles piscou e seus olhos brilharam.

— Se os bundões preguiçosos já terminaram, precisamos partir — Remi falou de cima do seu cavalo, a dez metros de distância.

Achilles se endireitou para ficar de pé e quando o fez Derrik já estava oferecendo a mão para a Maddie.

— Vamos te ajudar a levantar — Derrik murmurou e seu tom foi carinhoso.

Ela segurou a mão do Derrik, que a puxou para cima e deslizou desnecessariamente a outra mão em torno da sua cintura, para firmá-la, quando ficou de pé.

Achilles olhou por cima da cabeça da Maddie e viu Laures. O olhar do seu primo estava na Maddie e no Derrik. Sentiu Achilles olhando para ele, encarou os olhos do Achilles e balançou a cabeça.

Achilles balançou a cabeça em resposta e se moveu para trás dos dois enquanto Derrik guiava Maddie até a sua montaria.

* * * * *

Derrik

— *Eu sou um Ramblin' Wreck da Georgia Tech e sou uma engenheira dos infernos*^[9] — Maddie gritou, balançando a caneca de cerveja de um lado para o outro enquanto Derrik e todos os outros homens a observavam e sorriam.

De repente, ela colocou a caneca em cima da mesa e se inclinou na direção deles.

— Na verdade, não sou. Fui para a Universidade do Oregon e não estudei engenharia. — Balançou a cabeça. — *Nããão*. Estudei história medieval, mas não deixem isso enganá-los. — Se inclinou um pouco mais. — É *difícil*. — Se reclinou no assento e anunciou: — Também não coloca pão na mesa. Assim, eu deveria ter escutado o meu pai e estudado algo que realmente me garantiria um emprego.

Derrik não tinha ideia do que ela estava falando. O que sabia era que a Maddie tinha mergulhado tão fundo nas canecas que ao acordar, no dia seguinte, ainda estaria nadando nelas.

— Dito isso, no meu mundo, você deve cantar essa canção quando está bêbado — Maddie prosseguiu até que, de repente, os seus olhos se arregalaram e revirou as órbitas, então Derrik ficou alarmado e ela olhou para os homens, comentando: — Talvez, seja só eu que canto essa música quando estou bêbada. Espero que não tenha ofendido alguém da Georgia Tech. — Repentinamente, encolheu os ombros e soltou um riso suave. — No entanto, isso não importa. É seguro dizer que nenhum deles está aqui.

Diante disso, começou a rir, assim como todos os homens, mesmo que não tivessem ideia do que *diabos* ela estava falando. Por outro lado, a risada de Maddie era contagiante e era assim porque, claramente, não fazia isso com muita frequência.

Não até os *últimos* quatro meses e Maddie deixou claro que estava grata por ter o seu riso de volta, o que animava cada um dos homens naquela mesa. Inclusive Derrik. Era como se estivesse dando um presente sem saber que estava dando, tendo um valor inestimado, além de qualquer comparação.

Isso estava longe de ser um sentimento ruim. Então, ela espalmou a mão na mesa e olhou ao redor com seu corpo balançando em um círculo, observando:

— Navios balançam, tipo, *muito*.

Assim, dando o sinal de que a noite havia terminado para ela, Derrik se levantou e se aproximou dela, murmurando:

— Vamos levá-la até a sua cabine.

Eles atravessaram o Vale e embarcaram em um galeão na metade do caminho pelo mar até Lunwyn. Estavam atrasados e sua chegada aconteceria dois meses após a data em que o Apollo os queria no reduto dos Ulfr, em Karsvall.

Contudo, enquanto Maddie absorvia o seu novo mundo e desfrutava cada minuto dele com abandono, Derrik — ou qualquer um dos outros homens, incluindo até mesmo Achilles — não tinha coragem de apressá-la. Então fizeram paradas e participaram de torneios, festivais, feiras, cafés, lojas, altares, igrejas, museus e qualquer outra coisa que chamasse a atenção da Maddie, ensinando a ela tudo o que podiam sobre o novo mundo.

Apollo não estava muito satisfeito, Derrik sabia disso, mas ao experimentar o mundo através dos olhos da Maddie, ouvir as histórias do seu próprio mundo enquanto cavalgavam, notando o quão significativas as diferenças eram, compartilhando do seu entusiasmo e alegria, nem se importava. Explicaria ao Apollo e se o seu amigo não entendesse, não faria diferença. Já estava feito.

Ajudou Maddie a se levantar do banco enquanto ela o encarava com os seus embriagados, mas extremamente belos, olhos castanhos. Então declarou:

— Devemos jogar Tuble.

— Você precisa ir para a cama, Maddie — Derrik respondeu. — Não jogar cartas. Em seu estado, irá se confundir nas trapaças e pagará por isso.

— Mas... — ela começou enquanto Derrik a empurrava suavemente na direção do corredor.

— Cama — ordenou.

— É irritante quando vocês ficam todos machões — Maddie murmurou.

Não tinha a mínima ideia do que ela queria dizer, mas isso acontecia com frequência, com Derrik e com todos os homens. Às vezes, eles perguntavam. Às vezes, não. Em outras, quando ela respondia, ainda não tinham ideia do que estava falando, mas o que quer que perguntassem, se entendiam ou não, a resposta era sempre interessante.

Maddie não protestou mais, olhou em volta enquanto Derrik a guiava para longe, acenando e dando “boa noite”. Recebendo o mesmo em troca, ele a levou até o corredor.

— Este navio é muito maior do que eu esperava — comentou quando ele pressionou os dedos na parte de baixo das costas dela, para colocá-la na frente dele.

— *Humm* — Derrik respondeu.

— Também é muito legal. Estou praticamente esperando o capitão Jack Sparrow saltar para dentro a qualquer momento — Maddie prosseguiu.

Derrik sorriu, balançando a cabeça, mas não falou *nada*. Então, ela continuou falando:

— E isso não é *nada* indesejável. Johnny Depp^[10] é sexy.

Derrik permaneceu em silêncio, exceto por sua risada. Chegaram na porta da cabine. Lá, ela parou e se virou, erguendo os olhos para ele, mas não viu a Ilsa que havia conhecido anos antes.

A Ilsa, sua amiga mais próxima e adorada. A Ilsa que o fazia rir de uma forma seca, não uma exuberante. Cujas inteligências combinava com a do seu marido, portanto, frequentemente desafiava a todos para jogos de perguntas e respostas, divertida e sincera, assim como frequentemente vencida essas batalhas, mesmo contra o seu marido. Não. *Agora* só via a Maddie, que — exceto pela sua aparência — não era parecida com a Ilsa.

Ela inclinou a cabeça para o lado e compartilhou:

— Sei que estou bêbada.

Derrik sorriu e respondeu:

— Você não está bêbada, Maddie. Você é *bêbada*.

Ela sorriu para Derrik e o sorriso iluminava todo o seu rosto, de forma que ele sentiu o coração bater mais forte.

— Ok, sei que estou *bêbada* — concordou e ele balançou a cabeça, ainda sorrindo. — E quando se está bêbado, a verdade vem à tona — o informou.

Derrik ergueu os olhos para o teto e brincou:

— Que os Deuses me livrem.

Maddie bateu no peito de Derrik, que olhou para ela, quando disse:

— Estou falando sério, Derrik.

Ele controlou a expressão e prometeu:

— Você tem toda a minha atenção, Maddie.

Maddie revirou os olhos, quando parou, o seu rosto ficou sóbrio e ela encarou o seu olhar. Então falou:

— Apollo desejava o meu retorno, o retorno da minha *gêmea*, mas ao fazer isso me trouxe para cá. Ele conseguiu, eu acho, a mim. Então não quis mais isso, sendo, bem... *eu*. É uma merda, machucou e ficar aqui, completamente sozinha, me assustou, me deixou deprimida porque já estava sozinha há muito tempo. Um tempo *realmente* muito longo. Perdi os meus pais porque eles viraram as costas para mim quando escolhi o marido errado. Fugi dele porque me machucava.

Ela respirou fundo enquanto o Derrik engolia em seco, diante das suas palavras.

— Mas, sei que estamos chegando cada vez mais perto de Lunwyn — continuou. — Então, queria ter certeza de que diria “obrigada” para você e para todos os rapazes, por transformar uma situação ruim em algo bom. — Sorriu, mas não era o seu sorriso normal. Era menor, um pouco abandonado, mas ainda *sexy*. — Não, uma *ótima*. A começar por você.

O coração de Derrik não bateu mais rápido diante disso, ele se aqueceu.

— Nós que agradecemos, Maddie — respondeu baixinho.

Seu sorriso ficou ainda maior e ela sussurrou:

— Você é demais.

Ele já havia ouvido isso antes, várias vezes. Então, sabia que era uma coisa boa.

— E você é muito doce — rebateu.

— Eu sou — concordou descaradamente e finalizou: — Quando não estou te dando uma surra no Tuble, quer dizer.

Diante disso, Derrik inclinou a cabeça para trás e riu novamente. Quando olhou para Maddie, viu que estava rindo junto

com ele.

Ela ficou séria novamente e disse baixinho:

— Obrigada, Derrik.

Seu coração se aqueceu ainda mais e ele ergueu o queixo. Então, Maddie deu outro sorriso, uma piscadela antes de virar para a porta e Derrik se virou para o corredor, mas algo que ela disse ficou registrado, portanto, parou e se virou novamente.

— Maddie, só para dizer — falou e ela colocou a cabeça para fora da porta. — Apollo partiu antes de você para levar os seus filhos para um lugar seguro. Você não deve encarar isso como se ele não te quisesse aqui.

O desamparo voltou ao seu rosto enquanto ela balançava a cabeça e respondeu:

— *Oh*, ele não me quer.

Derrik se virou totalmente e começou:

— Isso não... — mas ela o interrompeu.

— É, Derrik. Ele disse isso na minha cara. “Cuidado com o que você deseja, você pode conseguir e eu não quero isso”. Foi o que ele disse. Palavra por palavra. Acho que isso deixa bem claro que ele não me quer, não é?

Derrik não respondeu, isso porque estava se concentrando no sangue que fervia em seus ouvidos.

— De qualquer forma, já deixei isso para lá — continuou. — Estive pensando sobre isso e tenho um plano. Vou ter uma conversa com ele quando chegarmos lá e tudo vai ficar bem.

Derrik não disse nada.

— Boa noite — falou.

— Boa noite, Maddie — se esforçou para dizer.

Maddie deu um pequeno aceno e fechou a porta da cabine. Então, Derrik olhou para ela por um longo momento; as mãos fechadas em punhos, as palavras dela soando em sua cabeça.

Em seguida, se moveu a fim de chegar em um lugar que havia cerveja e uísque.

* * * * *

Ilsa

Estava um frio do caralho em Lunwyn.

Congelante.

Então, fiquei feliz quando chegamos na estalagem, mais apropriadamente, *dentro* dela, onde uma lareira estava acesa e Derrik providenciou um quarto para mim, ordenando:

— Acenda o fogo no quarto imediatamente — e o filho do estalajadeiro saiu correndo.

Isso foi, é claro, enquanto o estalajadeiro olhava para mim em choque. Claramente, conhecia ou já tinha visto a Ilsa. Sorri para ele e abaixei os olhos.

— Ela vai precisar de vinho, um pouco de queijo, pão, frutas, um banho quente e uma criada — Derrik continuou.

O gerente estalou seus dedos e sua esposa, que também estava olhando para mim, se sobressaltou e saiu correndo também.

— Vou acompanhá-la até o seu quarto. Haverá uma guarda no corredor e fora da pousada. Sete homens. Depois que eu a levar até o quarto, cavalgo até Karsvall — Derrik prosseguiu.

O estalajadeiro assentiu.

— A chave? — Derrik solicitou.

O gerente pulou, se virou e pegou uma chave com um coração enorme na parte de cima. Se virou para o Derrik e entregou a chave.

— O melhor da casa, no piso superior ao final do corredor, à direita — disse o gerente ao Derrik.

Derrik acenou com a cabeça, colocou a mão em meu cotovelo e me guiou para as escadas. Caminhei ao lado dele, tentando não chorar. Tinha acabado. Meus dias com os rapazes tinham acabado. Nada mais de Ricken. Nada mais de Tuble.

Nada mais de jogos que pareciam torneios, mas sem lanças e acusações entre si. Tinham espadas sem fio e venciam uns aos outros sobre os seus cavalos. No início, achei que isso era um pouco brutal. No entanto, percebi que Laures era realmente bom no que fazia e todo mundo em torno de mim, na arena — com arquibancadas reais e enormes, fitas coloridas pendendo dos postes em toda a volta —, estava realmente envolvido nisso. Então, me envolvi totalmente.

Não haveria mais as deliciosas carnes assadas com ervas em um espeto, compradas de vendedores em feiras, também não veria mais as meninas que dançavam com saias esvoaçantes e laços fofos em festivais.

Além disso, não contaria mais histórias inventadas sobre piratas ao Alek enquanto ficávamos deitados, de costas, sobre o convés do navio, cobertores de lã áspera sob nós, puxados até o queixo enquanto olhávamos para as estrelas.

Estávamos em Lunwyn.

Encontramos alguém que os homens não me apresentaram e ele entregou um baú com mais coisas para mim. Isso incluía botas, roupas mais pesadas, capas, chapéus e luvas — os três últimos feitos ou forrados com peles.

Como não estava cavalgando, fui colocada em um trenó — um trenó! Ele era incrível com um baú na parte de trás — e viajamos três dias pela paisagem gelada.

Precisava admitir, era lindo, assim como a requintada graciosidade de Fleuridia e o suntuoso esplendor de Hawkvale. Completamente coberta de neve e gelo. *Gelada*.

Tive quatro meses para organizar o meu plano e sabia o que faria, *agora* que havíamos chegado. Isso me assustava, mas também me excitava. Um novo começo. Uma nova vida. Um novo eu. Tudo isso era *meu*. Tudo feito pelas minhas mãos, minhas decisões e meu trabalho. Ou seria.

Estava apavorada e mal conseguia esperar. No entanto, depois que subimos as escadas e Derrik abriu a porta, me entregando a chave, soube que sentiria falta dos rapazes. *Muita falta*.

Respirei fundo e recuperei o controle enquanto soltava a respiração. Então olhei para ele.

— Obrigada novamente por tudo, querido — sussurrei.

— Maddie, vou vê-la novamente em poucas horas — ele respondeu, sem sussurrar.

Não iria. Eu tomaria um banho, comeria, tomaria vinho e conversaria com o Apollo — para quem o Derrik estava indo anunciar a nossa chegada e trazer até a pousada para a nossa conversa. Então, diria adeus.

Porém, não disse isso ao Derrik. Talvez, por causa daquela vez em que anunciei que me casaria com o Pol e o meu pai me disse que eu não deveria me casar, porque o Pol era um criminoso. Eu estava dizendo a ele que tinha vinte e três anos e poderia fazer o que quisesse, então, nunca mais vi o pai novamente, exceto quando fui forçada a voltar e ele fechou a porta na minha cara duas vezes, mas eu não estava contando essas.

Sim, talvez fosse por isso que eu odiava despedidas e não tinha intenção de dizer. Simplesmente, iria partir. Escreveria cartas para eles mais tarde, talvez.

— Vejo você à noite — Derrik murmurou e se moveu para sair, mas chamei o nome dele e ele voltou.

— Obrigada — repeti.

— Maddie...

Balancei a cabeça, levantei a mão e senti tanta emoção que não consegui falar em um tom de voz normal. Portanto, o que eu tinha a dizer saiu trêmulo e baixo, mas me obriguei a falar.

— Você sabe sobre ele — falei e a mandíbula do Derrik enrijeceu.

Ao longo dos meses, dos jantares, dos longos passeios, nas reuniões em bares ou na grama, ou sob as estrelas e conversando, contei a ele. Primeiro, só um pouco. Em seguida, muito. Para ele e para o Achilles, contei tudo sobre o Pol.

Ele sabia.

— Havia onze anos que eu não me sentia livre — sussurrei.

Um músculo saltou em seu rosto e o seu olhar perfurou o meu. Então, entrei no quarto, fechei a porta e disse a mim mesma

que um dia esqueceria o amor e a ternura que tomaram o rosto do Derrick diante das minhas palavras, mas eu estava mentindo.

Capítulo 06

Não Me Tornou Sua Maior Fã

Apollo tamborilou os dedos no tampo de sua escrivaninha, olhando com cara feia para os papéis que ali estavam enquanto seu secretário resmungava, mas não estava ouvindo uma palavra que o homem dizia. Estava olhando para a pilha de mensagens que relatavam os atrasos — e as razões por trás deles — da chegada da pequena comitiva do Derrik em Lunwyn.

Pela última carta, estimou que estavam para chegar a qualquer dia e ele tinha uma maldita guerra para planejar. Pelo amor dos deuses, não tinha tempo para ficar sentado à espera de uma tropa de guardas, vigiando uma única mulher que se divertia através de três países, levando o dobro do tempo que deveria para fazer a viagem, simplesmente porque uma mulher de outro mundo queria ver Laures vencer um desafio.

— Meu senhor, você me ouviu? — Jeremias, o seu secretário, chamou.

Apollo levantou a cabeça e transferiu a sua carranca para o homem. Jeremiah percebeu e, nervosamente, levantou um dedo para empurrar os óculos de meio aro até a ponte do nariz.

— Como eu disse, recuse todos os convites. A minha agenda deve ser mantida livre no futuro próximo — afirmou Apollo.

Jeremiah e apenas os governantes, alguns generais e soldados confiáveis, sabiam que a qualquer dia e momento a escuridão desceria, varrendo a terra com magia negra e dragões em

guerra, vidas estavam em jogo, homens pegando em armas e ninguém a salvo. Sendo essa a maldita razão para não ter tempo de ficar sentado no escritório, esperando uma mulher de outro mundo apreciar o novo em que se encontrava.

Os olhos do Jeremiah se arregalaram.

— Mas, há caçadas e bailes que você comparece todo ano.

— Não vou comparecer este ano — Apollo rebateu.

— Mas...

— Envie as minhas desculpas — Apollo ordenou. — E Achilles deve chegar em breve. Ele cuidará dos meus assuntos enquanto eu estiver fora. Assim que a comitiva que estou aguardando chegar, partirei para Bellebryn.

— Mas...

Apollo o interrompeu, levantando a mão enquanto ouvia alguém correr do lado de fora. Então, voltou os olhos para a porta segundos antes de ela ser aberta e seu jovem servo, Nathaniel, correu e parou abruptamente, tinha flocos de neve em seu cabelo loiro-claro, a capa curta, de menino, ainda vestida.

— Você disse para avisar no momento em que visse cavaleiros e vi um cavaleiro, senhor. É o Derrik — anunciou.

Maldição dos infernos. Finalmente.

— Vá até o Torment^[11], coloque a sela nele e o traga para frente. Então, vá se aquecer — Apollo ordenou e olhou para Jeremiah. — Saia.

Os olhos do Jeremiah se arregalaram.

— Mas, senhor, nós temos...

Apollo se levantou, apoiou ambos os punhos na mesa e retumbou:

— Saia.

Jeremiah assentiu, reuniu rapidamente as pilhas de papéis que tinha em seu colo, aquelas na beira da mesa do Apollo e também as da cadeira, que tinha puxado para perto. Ele as enfiou na maleta aberta e maltratada, a agarrou e saiu correndo.

Nathaniel já tinha ido embora quando Jeremiah fechou a porta atrás de si. Assim, Apollo se moveu até a janela que tinha vista para a frente da casa e olhou para fora, vendo Derrik galopando em seu cavalo, já à vista, na alameda ladeada de pinheiros.

Inspirou profundamente pelo nariz, mas isso não acalmou a sua irritação, por isso, inspirou novamente. Também, falhou e parou de tentar. Quando Derrik parou nos degraus em frente à casa, Apollo se afastou da janela e se moveu até a sua mesa. Parou ao lado dela, encostou a coxa contra a borda, cruzou os braços sobre o peito e as botas na altura do tornozelo.

Olhou para a porta e, enquanto fazia isso, não se preocupou em inspirar profundamente para manter a calma. Momentos depois, ela foi aberta sem uma batida e Derrik surgiu através dela, a capa e o cabelo polvilhados com neve, a primeira rodopiando em torno dele. Estava tirando as luvas, mas fazia isso com os olhos sobre Apollo.

— Feche a porta — Apollo ordenou.

Derrik a chutou, fechando-a, deu dois passos para dentro da sala e parou, ainda olhando fixamente para Apollo.

— Você está atrasado — Apollo soltou um grande eufemismo e Derrik não disse *nada*. — Por dois malditos meses — continuou e Derrik permaneceu em silêncio. — A guerra está por um fio — o lembrou, mas não houve resposta.

Apollo se segurou nos fios desgastados do seu controle e convidou:

— Gostaria de explicar o porquê está atrasado?

Derrik, finalmente, falou:

— Acredito que foi explicado em nossas mensagens.

— De fato — Apollo grunhiu.

Jogos. Feiras e a Ilsa do outro mundo querendo comer peixes cozidos em uma grossa crosta de sal, derivando, por alguma razão louca, em uma guerra de cozinheiros por dois dias, onde ela tentou vencer um chef local com uma preparação de frutos do mar.

Ela ganhou, Remi tinha relatado com júbilo aparente, com algum prato que incluía salmão envolto em massa folhada. Diante da lembrança, Apollo cerrou os dentes, mas afrouxou o aperto para perguntar:

— Ela está no *O Cisne*?

— *Ela* está — Derrik respondeu e Apollo não entendeu a ênfase no *ela*, também não se importou.

Afastou-se da mesa, abaixou os braços e murmurou:

— Então, estou indo para o *O Cisne*.

— Se você não a quer, eu vou tê-la.

Diante das palavras do Derrik, Apollo parou e perfurou o seu amigo com os olhos.

— Perdão? — sussurrou.

Queria acreditar que não tinha entendido o seu amigo, mas tinha a sensação de que o compreendeu. Observou enquanto Derrik afastava os pés e colocava os punhos nos quadris.

Oh, sim. Ele tinha entendido o seu amigo.

— Se você não a quer, vou tomá-la — repetiu. Pelos deuses, tinha que estar brincando.

— Você está falando da minha esposa? — Apollo perguntou em voz baixa.

— Ela não é sua esposa — Derrik rebateu.

— É minha esposa — Apollo vociferou.

— Não é sua esposa, maldição — Derrik o cortou.

— Deuses, homem! — Apollo explodiu, chegando ao final da sua paciência e balançando a mão. — Você sabe que ela é, assim como não é.

— Não, Lo. Só sei que ela *não é* — Derrik devolveu e Apollo sentiu os olhos se estreitarem. — Você enlouqueceu?

— Nem um pouco. Ela me contou que você disse que não a queria. Se for esse o caso, irei levá-la. Vamos partir esta noite, para o Vale, Fleuridia, algum lugar em que você não saiba onde, mas também, algum lugar longe de você para que nunca a veja comigo.

De repente, as mãos do Apollo coçaram, sua pele se arrepiou e diante disso advertiu:

— Sugiro que você pare de falar.

Derrik balançou a cabeça.

— Não vou parar. Você a deixou sozinha, desamparada e assustada. Ela não vai mais ficar sozinha, não vai ter medo e *nunca* vai estar desamparada. Não comigo — Derrik afirmou.

Apollo encarou o olhar do seu amigo *mais próximo* e uma sensação de mal-estar serpenteou até a sua garganta. Por causa disso, sua voz era de uma calma mortal quando perguntou:

— Ao anunciar isso, está dizendo que tem sentimentos por Ilsa?

— Não seja idiota — Derrik vociferou. — Ao afirmar isso, estou dizendo a você que tenho sentimentos pela Maddie.

A cabeça do Apollo se ergueu.

— Quem diabos é Maddie?

— A nossa Ilsa — Derrik respondeu.

Apollo cruzou os braços sobre o peito e perguntou:

— Nossa Ilsa?

— Minha e dos meus homens. Maddie é a nossa Ilsa. A chamamos de senhora por respeito e porque era muito difícil chamá-la de Ilsa, lembrando da gêmea. Por causa disso, ela se tornou Maddie.

Essa intimidade e história partilhada, não importava o quão recente fosse, atingiu Apollo no estômago e o veneno novamente começou a subir para sua garganta. Não tinha tempo para essa discussão ou para esses sentimentos. Precisava acabar com isso, *agora*, chegar até Ilsa, conversar com ela, levá-la até Karsvall e seguir o seu caminho.

— Você fala da minha esposa, então, já sabia a minha resposta antes que fizesse o seu pronunciamento — declarou. — Você não vai levá-la. Ela não é sua para ter, é minha.

— Não é. Ela é Maddie e é livre para fazer o que quiser, com quem desejar — Derrik rebateu.

Seu significado, claro, foi outro golpe e mais veneno o sufocou.

— Cuidado, irmão — Apollo sussurrou.

— Eu te entendo — Derrik falou com a sua voz suave. — Entendo o que está sentindo.

— Você não tem nem ideia, maldição — Apollo vociferou.

— Tenho — Derrik retorqui.

— Se tivesse, saberia que o seu amigo mais próximo, um irmão de cavalo, senão de sangue, entrar em seu escritório dizendo que vai levar a mulher, que é a cara da sua esposa morta, para Vale, para Fleuridia, para a *sua cama*, está além do inaceitável. Você poderia levá-la para as estrelas e eu ainda ficaria acordado à noite, sabendo que eu estaria deitado, acordado a noite inteira, atormentado por saber que estaria deitada ao seu lado. Você faria isso, sabendo lá no fundo que foi a pior traição que se poderia imaginar.

Apollo viu Derrik vacilar, mas não recuou, apenas disse:

— Você não pode desprezá-la e ainda a ter, Lo.

— Posso fazer o que os malditos deuses quiserem, Rik — Apollo rebateu. — Paguei para ela estar aqui. Ela é *minha* esposa, *eu vou* cuidar dela e *eu vou* protegê-la.

— Como? Fazendo a mesma coisa que o marido dela fez, no outro mundo? — Derrik rebateu. — Abusando dela por negligência e não com os punhos?

Sua visão escureceu e Apollo andou a passos largos para frente. Derrik se preparou quando ele fez isso, enrijecendo, pronto para um confronto.

Não teve um. Apollo se moveu em torno dele e abriu a porta. Virou-se para ele e nivelou o olhar com o do seu amigo.

— Pense nisso — ordenou.

— Pensei, durante quatro meses — Derrik respondeu.

— Então, pense mais — Apollo falou entre os dentes, bateu à porta e caminhou como um furacão até o fim do corredor.

* * * * *

Caminhou pela sala isolada, que solicitou para esse encontro, o fogo estava acolhedor na lareira, mas Apollo não se sentia quente.

Sinto muito.

Ouviu as palavras sussurradas, sua voz estava sonolenta, mas aquelas palavras eram sinceras e sentiu o corpo mole afundando contra o dele.

Sinto muito.

Parou de andar e fechou os olhos, mas, quando o fez, viu os seus olhos apavorados, confusos e com dor, olhando profundamente nos seus.

Você não é uma alucinação.

Ele abriu os olhos e murmurou para si mesmo.

— Onde *diabos* Ilsa está?

Ele estava no *O Cisne*. Conseguiu conduzir Torment, seu *ruão*^[12], através da neve e até a cidade, com a mente consumida em encontrar razões para não matar o seu amigo mais próximo, mas já estava na pousada havia vinte minutos, à espera *dela*, mesmo assim estava com dificuldade para controlar os seus pensamentos.

Pensamentos que manteve firmemente amarrados desde aquela manhã, em que se afastou do seu corpo sonolento e entendeu que havia cometido um erro colossal. Não, salvá-la de seu marido não foi o seu erro, mas poderia ter feito isso sem vê-la.

Não, o erro foi vê-la, tocá-la, ouvi-la, sentir o seu cheiro e compreender imediatamente que ela não era a sua Ilsa, mas uma Ilsa perigosa. Algo que, *agora*, sabia categoricamente considerando a sua conversa com o Derrik.

Portanto, enquanto deveria estar se planejando para um ataque, estava fazendo outros planos. Os quais o incluíam negociando a compra de uma moradia, uma grande e luxuosa, mas a quilômetros de distância de qualquer uma das suas propriedades.

Já havia aberto uma conta e depositado dinheiro suficiente nela, para ela poder viver e fazer isso tendo cada desejo atendido, mas sem nunca ter a necessidade de ir até ela e pedir qualquer coisa. Viver longe e bem cuidada seria o que ela faria, depois de lidarem com o que estava por vir.

Infelizmente, até esse momento e para a sua segurança, ele precisava estar em Karsvall com os seus homens, com a bruxa que estava ajudando todos eles e também com seus filhos. Explicou tudo sobre a Ilsa, cuidadosamente, para Christophe e Élan, observando-os de perto depois que o fez.

Sua filha tinha um ano e meio quando a mãe morreu, *agora* ela tinha seis. Não se lembrava da mãe, embora estivesse animada sobre o encontro com a Ilsa, assim como estava animada sobre qualquer coisa sob o sol.

Não precisava de muito para a sua Élan, o voo de um pardal poderia iluminar o dia dela. De onde ela conseguiu isso, não tinha ideia. Não foi dele e também não foi de sua mãe.

Sua Ilsa era rápida em sorrir, divertida com as palavras e, deuses malditos, tão inteligente que, às vezes, era alarmante. No entanto, não era uma sonhadora. Não esperava algo excitante em cada esquina. Não saía correndo para enfrentar a vida, como a sua filha.

Christophe, por outro lado, tinha quatro anos quando a Ilsa foi perdida para ele. *Agora* tinha oito, quase nove. Ele se lembrava dela e essas recordações eram indescritíveis, devido à sua idade, mas carregava um medalhão com um pequeno retrato da mãe dentro dele, desde que o encontrou na cômoda do Apollo, quando tinha cinco anos. Nunca ficava sem ele.

Também não estava animado para conhecer Ilsa. Tentou esconder isso do seu pai e da irmã, mas falhou. Isso preocupava Apollo, mas teria uma conversa com Achilles sobre o assunto, para que ele mantivesse um olho nas coisas. Diante desse pensamento, a porta se abriu e Ilsa entrou na sala.

Apollo cerrou os dentes e se preparou interiormente para a visão dela. Ela se parecia exatamente como a sua esposa, falava como ela e ainda tinha o cheiro dela, mas não se movia como ela. Não tinha o seu andar, nem a inclinação de cabeça ou o movimento das mãos. Nada.

Seu olhar se aproximou dele e aqueles olhos não eram os olhos da sua beleza. Sua Ilsa havia levado uma vida cheia de abundância e serenidade. Quando era criança, quebrou o dedo do pé, mas essa foi a maior dificuldade que enfrentou até encarar a dificuldade que encerrou os seus dias na terra.

Eles se conheceram jovens, se apaixonaram jovens e casaram jovens. Tiveram um casamento cheio de promessas e paixão, riso e contentamento. Sua Ilsa teve uma boa vida desde a sua primeira respiração, mas não até a última. Não durante os seis meses que padeceu com a sua doença.

Na verdade, mais, embora não a tivessem percebido desde o início. Então, ela deu seu último suspiro e aquela respiração, como as

anteriores durante meses, tinha sido dolorosa. Contudo, essa Ilsa e o que se escondia por trás dos seus olhos era tão profunda que poderia cavar durante séculos e nunca chegar ao fundo da questão.

Também não sabia se encontraria riquezas ou desespero caso se esforçasse para descobrir. O que sabia, o que veio a descobrir em seu breve tempo juntos, contra o que deveria se proteger, era o enorme desejo que sentia de encontrar uma pá e começar a cavar.

— Obrigada por ter vindo tão rapidamente — falou, observando-o com as suas contemplações e ele soube, por sua expressão, que ela poderia não saber os seus pensamentos exatos, mas suspeitava que eram sobre a sua gêmea.

Ilsa estava certa, assim como errada.

Havia, também, dor em seus olhos, talvez por ela, talvez por ele, talvez por ambos. Além disso, havia tristeza e isso, provavelmente, por causa dele. Também parecia zangada e isso foi uma surpresa.

— Não sabia que você chegaria aqui tão rápido — continuou. — Fiz uma refeição leve, bebi um pouco de vinho e tomei um banho. Se soubesse, teria atrasado o banho.

Seguramente, não precisava ouvi-la falar sobre tomar banho. Isso o fez lembrar dela pressionando o corpo contra ele enquanto estava em seus braços, na sua cama em Fleuridia. Quando fez isso, estava completamente vestida com as roupas do mundo dele. Pensamentos sobre isso, pior, pensamentos sobre ela nua era o que não precisava.

Portanto, para acabar com eles, declarou:

— Eu deveria ter dado um tempo, para você se refrescar. No entanto, *agora* estamos aqui, então devemos continuar.

Ela assentiu com a cabeça, deu um passo para dentro da sala e começou a falar, quando o fez, Apollo não pôde acreditar no que estava ouvindo.

— Você está certo. Devemos proceder para seguir em frente. Eu gostaria de começar agradecendo a guarda, as roupas, bem... tudo.

— É meu dever para... — Apollo começou, mas ela o interrompeu.

— Peço que me permita mantê-las quando eu for embora.

Ele piscou lentamente e Ilsa continuou:

— Também pedirei um empréstimo. Pequeno e vou deixar você definir a quantia porque vai saber melhor do que eu o quanto vai custar para me levar onde preciso ir e para poder fazer o que preciso fazer. Só precisa ser o suficiente para me levar de volta para Vale, talvez Fleuridia e ajudar a me estabelecer.

Ela levantou a mão e rapidamente continuou.

— Quero lhe garantir o que é bastante óbvio. No seu mundo, você tem um bocado de dinheiro, mas ainda assim, não me aproveitarei disso. Mantereí o controle e, quando tiver um trabalho, vou começar a devolvê-lo.

— Quando você tiver um trabalho? — Apollo repetiu as suas palavras em uma pergunta porque não estava certo do significado de cada palavra, mas achou que tinha certeza do seu significado.

Ele só não conseguia acreditar.

— Sim — ela confirmou.

— Um trabalho em Fleuridia ou Vale — afirmou.

— Sim. É muito bonito aqui, mas também é muito frio e, *uh...* bem, tipo, muito perto de você — respondeu.

Apollo não disse *nada*, mas sentiu uma série de coisas e nenhuma delas era boa.

— Eu realmente gostaria de estar a caminho hoje à noite — ela o informou. — Isso é muito rápido para você? Para fazer um empréstimo, quero dizer. Ou melhor, se você concordar em me dar o empréstimo. Se não concordar, eu entendo. Vou pedir ao Achilles ou ao Derrik.

Ele tinha algo a dizer sobre isso.

— Você não vai ver o Derrik por algum tempo — Apollo declarou e viu a sua cabeça dar um pequeno salto.

— Perdão? — perguntou.

— Você e o Derrik não vão se ver por algum tempo — afirmou.

— *Humm...* bem... eu sei. Como disse, estou indo embora, tipo, hoje à noite. Não sou boa em despedidas, por isso, se pudesse pedir mais uma coisa, gostaria que falasse aos rapazes que eu disse *adeus* e que agradeço — colocou a mão no peito — do fundo do meu coração, por terem sido tão legais. Apreciei demais. — Sua cabeça se ergueu novamente e ela esclareceu. — Quer dizer, não vou ver o Derrik novamente, a menos que tenha que pedir dinheiro. Depois disso, provavelmente não o verei nunca mais.

Ela disse isso, mas não gostou de dizer. Ilsa o estava surpreendendo de muitas maneiras, mas essa mensagem foi clara. Sentiria falta dos homens, mais especificamente, do Derrik.

Apollo sentiu a pele começar a formigar novamente.

— Você não vai vê-lo novamente, não porque está partindo para algum lugar e se *estabelecendo* — disse, tentando manter o aborrecimento fora do seu tom de voz. — Você não vai vê-lo novamente porque eu não permitirei.

Suas costas enrijeceram abruptamente e ela sussurrou:

— Você não vai permitir?

— Não — respondeu.

— Mas...

— Você também não vai a lugar algum, a não ser Karsvall.

— Eu...

— E você não vai trabalhar, de forma alguma. Uma mulher da casa dos Ulfr não trabalha.

Ela piscou e então o encarou.

— Você pode não ser deste mundo, mas é uma Ulfr — completou.

— Como vou ganhar dinheiro se não posso trabalhar? — perguntou.

— Se você precisar de alguma coisa, peça. Será fornecida a você — ele respondeu.

— Mas...

— Agora — ele a interrompeu novamente. — Quanto às crianças...

Foi ela que o interrompeu nesse momento, falando:

— Espere um segundo.

— Ilsa...

— Não — Ilsa continuou falando e, *agora*, estava avançando; a mão para cima, apontando o dedo para ele, espetando no ar. — Você, me ouça agora e pare de me interromper. É rude. — Parou de

se mover e abaixou a mão. — Você não pode me dizer o que posso ou não fazer; aonde irei e quem posso ver.

Ela parou de falar, assim, Apollo perguntou:

— Posso falar?

— Só se não me deixar fula da vida quando fizer isso — concedeu e ele, na verdade, não queria achá-la engraçada, mas *maldição*, achou. Só não demonstrou isso.

— Tenho medo de que o que estou prestes a dizer vai fazer isso... se entendi o seu significado, quando descobri o que essas palavras significam com Finnie, Cora e Circe.

Sua cabeça se inclinou para o lado.

— Finnie, Cora e Circe?

— As mulheres do seu mundo casadas com homens do meu.

Seus olhos se arregalaram e isso não foi engraçado, foi cativante. Deuses, ele havia cometido um erro colossal ao levá-la para lá.

— *O quê?* — Exclamou.

Ele inspirou profundamente e explicou:

— Finnie, a princesa de gelo de Lunwyn, Cora, a Benévola, princesa de Hawkvale, e Circe, a Rainha Guerreira de Korwahk, são todas do seu mundo.

Seus olhos ficaram ainda maiores e mais cativantes.

Diabos.

— Cora, a Benévola, é do meu mundo? — sussurrou.

— Você já ouviu falar sobre ela — Apollo deduziu.

Ela acenou com a mão e exclamou:

— Claro! Todos a elogiam em Vale.

— Ela é muito amada — Apollo concordou.

— Totalmente — declarou. — Caramba. Ela veio lá de casa? Apollo cruzou os braços sobre o peito.

— Sua casa, assim como a dela, é aqui *agora*, Ilsa.

— Bem, sim. Eu sei — respondeu imediatamente. — Você sabe o que quero dizer.

— Minha opinião é que seria bom parar de pensar no outro mundo como a sua casa.

Ilsa não respondeu, mas a animação e a surpresa sumiram das suas feições delicadas enquanto encarava o olhar dele. Tentou não pensar que gostava mais da surpresa e da animação iluminando as suas feições e voltou ao tema anterior.

— Como eu estava dizendo, tenho medo de deixá-la fura da vida com o que eu tenho a dizer, mas, neste mundo, você é uma mulher. Você é a minha responsabilidade e você é uma Ulfr. Além disso, pertence à aristocracia por nascimento, bem como por casamento. Seu pai, em Fleuridia, era um conde. Portanto, de qualquer forma, você é uma aristocrata e deve se comportar como tal.

Seu tom era cauteloso quando ela perguntou:

— Posso supor que é amplamente conhecido que sua esposa faleceu.

— É — afirmou laconicamente.

— Então, todo mundo vai saber que eu não sou ela. De qualquer maneira, se não estiver aqui, então não tenho que agir do modo que se espera de mim.

— Decidi explicar a sua... — fez uma pausa — aparência, dizendo que é uma prima distante da Ilsa, que tem uma estranha semelhança com ela, mas que cresceu em Vale, portanto, não sabe

falar Fleuridian. Você veio para cá para ser abrigada devido à morte prematura dos seus pais e ao seu recente estado de viúva, pois o seu marido também teve um final prematuro.

Ela deu outro passo na direção dele e parou, dizendo:

— Você não vê, Apollo? Se eu partir, não haverá necessidade de explicações.

— Você não vai partir, Ilsa — Apollo negou.

Ela o imitou, cruzando os braços sobre o peito.

— Eu não vou ficar, Apollo.

Ele estava perdendo a paciência, não que tivesse muita, em primeiro lugar.

— Não é seguro — falou secamente.

— Eu estive fugindo do Pol por três anos. Sim, este mundo é diferente, mas acho que posso cuidar de mim mesma.

— Vou lembrá-la que estava fugindo e ele a encontrou. Quando pus os olhos em você, pela primeira vez, não estava indo tão bem em se manter segura.

Ilsa manteve a boca fechada e ele soube que tinha ganho essa argumentação. Assim, seguiu em frente.

— É minha responsabilidade... — começou a dar prosseguimento, mas foi interrompido.

— Eu não sou um dever. Sou uma pessoa.

— Estou ciente disso.

— Posso trabalhar e *posso* cuidar de mim mesma. Se eu não puder, francamente, isso não é da sua conta. Vou lidar com isso também.

Ele tentou uma nova tática e perguntou:

— E como você vai se alimentar?

— Não decidi ainda, mas não é como se não existissem restaurantes ou cafés. Vou conseguir um emprego como garçone.

Suas sobrancelhas se ergueram e, quando olhou para Apollo, por algum motivo, deu um passo para trás, mas ele ignorou isso.

— Uma *garçone*? — perguntou, a voz cheia de escárnio e, ao som dela, sua coluna se endireitou tão rapidamente que era de se admirar que não tenha escutado o estalo.

— Sim — sussurrou. — Uma *garçone* — imitou o seu tom e em seguida defendeu a sua escolha questionável de profissão. — É um trabalho honesto.

— Você é uma Ulfr — ele lembrou.

— Sim, esse é o meu sobrenome, dado a mim por um homem que eu, *agora*, detesto. Por isso, é um sobrenome que não quero. E o outro homem que tem esse nome, não gostei muito dele. Então, voltarei a usar o meu nome de solteira e ninguém vai saber que sou uma Ulfr. Está tudo bem para mim porque durante o tempo em que eu fui — ela se inclinou — “*tudo* isso” — enfatizou, deixando o seu significado claro: — não gostei muito.

Ele não gostou do que Ilsa quis dizer, nem um pouco. Por isso, não hesitou em se opor a isso.

— Você sofreu nas mãos dos meus homens? — perguntou.

— Não, eles foram incríveis. Cada um deles, mas você não foi toda essa maravilha.

— Bem, você pode ficar sossegada, minha pomba, pois não terá que se preocupar comigo — rebateu. — Vou partir para Bellebryn no momento em que a deixar em Karsvall.

— Essa é uma notícia fabulosa — Ilsa respondeu sarcasticamente. — Mas, mesmo que eu não tenha que me

preocupar com você, *tenho* que me preocupar com os seus filhos.

Desta vez ele não entendeu o significado, mas sabia que não gostaria. Portanto, sussurrou:

— Cuidado, Ilsa.

— Sabe, tenho vivido por mais de uma década tendo cuidado — começou a conversa, então se inclinou novamente e sussurrou: — estou *cansada disso*. Também fui controlada por um homem por mais de uma década e estou — se inclinou ainda mais — *cansada disso, também*.

Apollo descruzou um braço para apontar na direção dela, abaixando-o para indicar o seu corpo e o cruzando novamente antes de declarar:

— Você usa roupas finas. A sua passagem foi paga por mim e você dormiu na melhor cabine no navio, nas melhores pousadas e comeu os melhores alimentos que poderiam ser encontrados durante a viagem. Eu sei, pois ordenei e os meus homens seguem ordens com precisão. Você parece bem, saudável e descansada. Tudo o que foi feito para você, desde que veio para este mundo, foi feito com a sua proteção, segurança e conforto em mente. Pode falar pelos próximos quatro dias e não vai me convencer de que não estive *muito* confortável nos últimos *quatro meses*, tudo às minhas custas.

— Você me trouxe para este mundo, idiota — ela rebateu —, mas me deixou lá — apontou com o braço na direção do Mar do Inverno, ao norte, não em Fleuridia, que era para o sul. Então, continuou falando:

— E, só dizendo, é assim que tudo começa, todas as coisas boas com o meu *conforto* em mente. Então toda a merda desaba e

não é *nada* confortável.

Sua paciência diminuiu e começou a desaparecer rapidamente.

— Eu não sou ele, Ilsa — grunhiu.

— Não, mas tudo o que está jogando na minha cara me diz que você acredita que estou em dívida contigo, por me dar roupas, comida e uma viagem segura. Bem, coloque isso na sua cabeça, gostosão, você está sendo ridículo. Apenas me deixe ir e nunca mais me verá, não custarei a você mais nem um centavo.

— Para você ir embora, precisa das roupas que eu comprei e um empréstimo — Apollo lembrou e ela levantou a cabeça abruptamente, estreitando os olhos.

Ele a pegou e quase sorriu. Então, Ilsa provou que não.

— Vou sair daqui nua, não dou a mínima.

Apollo ergueu uma das sobrancelhas.

— E morrer no mau tempo?

— Pelo menos, será uma escolha minha — ela retrucou, descruzando os braços e apoiando as mãos nos quadris.

Apollo inspirou profundamente pelo nariz, pois isso já estava indo longe demais. Ele tinha que recuperar o controle. Logo, deixou escapar o fôlego e, a fim de controlar a discussão, forçou calma e declarou:

— Temos um problema, você e eu.

— Você acha? — Ilsa perguntou com sarcasmo.

— Deixe-me terminar — exigiu em voz baixa.

Ilsa tirou as mãos dos quadris e as cruzou sobre o peito novamente quando Apollo voltou a falar:

— Você não consegue deixá-lo para trás e estou tendo dificuldade em deixá-la para trás também. — Ilsa não respondeu, mas um *flash* em seus olhos indicou que ela concordava. — Tempos sombrios estão à frente, para todos nós. Levaria algum tempo para explicar isso, mas farei o que puder *agora*.

Quando ele não disse mais *nada*, Ilsa acenou para que continuasse e Apollo assim o fez.

— Sei que a magia não é praticada abertamente no seu mundo. Você pode ou não saber que aqui é. Há pessoas que acumularam grandes poderes, uma delas está em Vale e é tão poderosa que é considerada uma deusa.

Ilsa arregalou os olhos ao ouvir essas palavras e ele realmente desejou que parasse de fazer isso. Com dificuldade, Apollo a ignorou e continuou falando:

— As pessoas que nos preocupam não usam a magia para o bem. Agora, se uniram a um rei deposto que, sem dúvida, tem uma vingança em mente. Também sequestraram a Cora deste mundo, que não é uma boa mulher, ela é fria até os ossos, egoísta e traidora. Esta não é uma característica nobre. Visam o mal e têm o poder de fazer a infelicidade descer sobre a terra, o tipo de infortúnio que nunca foi experimentado em nosso mundo. O tipo de infortúnio que ninguém esperaria passar, neste mundo ou em qualquer outro.

— Caramba — Ilsa sussurrou.

— Sim — concordou. — Por esta razão, você não está segura aqui, não sem proteção. Você também não estará segura no seu mundo. Eu me sentirei melhor e com mais controle sobre a sua segurança se você estiver aqui. Depois que passarmos este período

tenso, poderemos discutir novamente sobre como será o seu futuro neste mundo. Mas, por enquanto, estou pedindo que me permita cuidar da sua segurança. Significaria muito para mim saber que a manteve a salvo dele e também a manteve segura aqui.

Apollo conseguia ver, pelo calor que invadiu os olhos dela e a suavidade que se instalou sobre a sua boca, que Ilsa estava a caminho de ceder e que relaxou, mas ela não cedeu.

— Não posso ir para Karsvall — o informou.

— Ilsa....

— Não posso ficar perto dos seus filhos.

Respirou fundo novamente e ao presumir o motivo da sua hesitação, explicou:

— Eles já sabem sobre você e entendem.

Ela o encarou nos olhos por um momento, antes de olhar para o lado e Apollo observar o perfil dela. De repente, ocorreu a ele uma coisa que eletrificou todo o seu corpo: não sabia o que Ilsa estava pensando. Não poderia prever o que sairia da boca dela. Não compreendia os *flashes* nos olhos dela e mal conseguia adivinhar as expressões faciais daquela mulher. Não da mesma forma como fazia com a sua Ilsa.

A Ilsa diante dele era uma novidade e Apollo entendia isso, simplesmente não entendia que ela era *original*. *Inteiramente original*. Deuses.

Ela o encarou novamente, direto em seus olhos, mas a sua voz era tão baixa que mal pôde ouvi-la quando disse:

— Eu perdi dois bebês. Um menino — inspirou suavemente — e uma menina.

Oh, sim, ela era uma novidade.

O seu estômago se contorceu e *agora* sabia que havia extraído uma daquelas coisas profundas, que se escondiam por trás dos seus olhos. Só queria saber o que havia extraído. Entretanto, mais, muito mais, desejou que essas perdas não estivessem enterradas em sua alma.

— Logicamente — ela continuou com a voz baixa —, entendo que eles não são meus. Só que irracionalmente, tentei me convencer de que eles não são o que eu poderia ter tido no meu mundo. No entanto, sei que, da forma como as coisas são em os nossos mundos, *são eles*.

— Ilsa....

Os olhos dela se encheram de lágrimas e sussurrou:

— Eu não posso fazer isso. Eu... — engoliu em seco e admitiu: — Isso iria me matar.

Foi então que se viu dizendo:

— Hoje à noite você fica aqui, no *O Cisne*, e descansa. Amanhã, estaremos a caminho de Bellebryn.

Ela piscou antes de sussurrar:

— O quê?

— Amanhã estaremos a caminho de Bellebryn.

— Amanhã... Bellebryn... — Ela balançou a cabeça rapidamente e perguntou: — O que você quer dizer com “nós”?

— Nós, significa você e eu.

Toda a estrutura dela se enrijeceu visivelmente.

— Mas, eu não posso... você não pode... — balançou as mãos. — Nós nem *gostamos* um do outro.

— Eu não te conheço o suficiente para não gostar de você, Ilsa — ressaltou.

— Bem, você não estava ansioso para me conhecer — devolveu, o fogo de volta aos seus olhos. — E da maneira como comunicou isso, não me tornou a *sua* maior fã.

Apollo lutou para que seus lábios não se curvassem, mas falhou nesse esforço e os olhos dela observaram a sua boca. Ele sentiu os olhos dela lá e os sentiu em outros lugares também.

Maldição dos infernos.

Ir para Bellebryn com Ilsa não era um bom plano, mas, para salvá-la da dor de cabeça de encontrar Christophe e Élan, era o único. No entanto, ela faria a escolha.

— Você tem duas opções, minha pomba — compartilhou. — Karsvall com as crianças ou Bellebryn comigo. — Apollo começou a se mover até a porta. — Você tem até amanhã de manhã para fazer a sua escolha. Estarei aqui ao nascer do sol. Ou te levarei de volta à minha casa ou te levarei comigo. — Ele parou com a mão na maçaneta da porta, os olhos sobre Ilsa. — Estarei preparado, de qualquer maneira.

— Eu... você... não podemos... isso é... — balbuciou.

— Até amanhã — falou como despedida, abriu a porta, a atravessou e a fechou.

Apollo esperou que ela o seguisse, chamando o seu nome, suplicando ou cuspiendo fogo. Se fosse honesto, não estava esperando por isso. Estava ansiando por qualquer uma das opções, não importava qual. Embora estivesse inclinado a preferir *cuspiendo fogo*. No entanto, Ilsa não fez *nada* disso.

Ele lutou contra a decepção, sabia que não era saudável sentir isso, então, pegou a capa no gancho da porta e levantou o queixo para Henri, o gerente. Quando Henri deu um aceno, Apollo se moveu para o frio, afivelou o manto e caminhou até os estábulos, onde havia deixado Torment, para mantê-lo protegido do frio.

Levou Torment para fora, o montou, estalou a língua contra os dentes, se inclinou para frente, fincou os calcanhares e o cavalo disparou pela neve. Apollo voltou para casa sabendo que deveria pensar em uma variedade de coisas, fazendo planos, priorizando conversas, mas não cavalgou pensando em *nada* disso.

Voltou para casa imaginando qual seria a resposta dela, no dia seguinte.

* * * * *

Enquanto Apollo cavalgava em direção aos estábulos, viu Achilles sair deles. Logo, freou Torment perto do seu primo e desmontou, levando o cavalo até ele.

Achilles olhou além dele, então, novamente para Apollo.

— Maddie não está com você — observou e Apollo sentiu a sua boca se contrair diante do nome familiar com o qual chamavam Ilsa.

Se forçou a relaxar, a fim de dizer:

— De fato. Ela permanecerá no *O Cisne* esta noite. Envie novos guardas para substituir os que estão na pousada.

Achilles concordou, mas observou atentamente os olhos do seu primo. Apollo sabia, não perdendo *nada*.

— É uma mudança nos planos — o primo observou.

— Assim como tem sido, quando se trata da Ilsa do outro mundo, desde a sua chegada — Apollo rebateu e levantou uma sobrancelha. — Quatro meses, Achilles?

Os lábios do primo se curvaram e Apollo não achou *nada* divertido.

— Você sabe os perigos que espreitam e, portanto, a pressa que deveria ter tido.

— É difícil negar algo a ela — Achilles respondeu.

Apollo já estava preocupado e o inabalável Achilles caindo sob os encantos dela o deixou mais ainda.

— Estou sentindo isso — Apollo falou e compartilhou em seguida — Derrik e eu trocamos algumas palavras.

— Eu tinha medo disso — Achilles murmurou. Sim, ele não perdia muita coisa.

— Derrik não ficará perto dela por algum tempo — Apollo afirmou e Achilles, uma vez mais, o observou de perto e apenas assentiu, sem se pronunciar. — Como você observou, os planos mudaram — Apollo disse. — Ela tem algumas preocupações sobre estar perto do Christophe e da Élan. Dei a opção de ir comigo para Bellebryn, amanhã, ou ficar aqui.

Apollo ignorou o olhar de surpresa de Achilles e continuou.

— Ilsa tem até o amanhecer para tomar uma decisão. Quando eu partir, se ela não voltar, saberá que escolheu ir comigo. Você deve ficar aqui, assim como o Derrik. Despache Remi, Laures, Hans e Draven para seguir conosco até Bellebryn. Agirei como guarda na viagem e eles cuidarão dela em Bellebryn.

— Quatro meses atrás — Achilles começou com cuidado —, você não parecia disposto a passar algum tempo com ela, primo.

— Ilsa e eu tivemos uma conversa que me fez mudar de opinião. — Achilles soltou um suspiro e Apollo sabia o que aquilo significava. — Não é desse jeito — ele assegurou.

— Não foi desse jeito para o Derrik, no início. Você deve saber que não era desse jeito para o Laures ou o Remi, também. Para Derrik, demorou cerca de uma semana. Remi e Laures caíram não muito depois. Tenho suspeitas sobre o Hans e Gaston.

Era pior do que Apollo pensava, mas não pior do que poderia imaginar. Não depois de passar algum tempo com ela, no início e na pousada. Ainda assim, sussurrou, irritado:

— Maldição.

— A boa notícia é que serão excelentes guardas. Darão a vida por ela — Achilles declarou.

— Eles cobiçam a minha esposa — Apollo vociferou e viu Achilles inclinar a cabeça para o lado.

— Ela é? — perguntou em voz baixa.

Pela segunda vez, naquele dia, Apollo se viu falando antes de a sua cabeça funcionar.

— Será.

Achilles piscou e perguntou:

— O quê?

Acelerando o pensamento, explicou:

— A história compartilhada, quando as pessoas conheceram Ilsa, será que ela é uma prima distante da minha Ilsa, que é viúva e perdeu os pais recentemente. Veio até Lunwyn para ficar sob a minha proteção. É costume um viúvo tomar como esposa uma viúva da família, de parentesco distante, a fim de proporcionar socorro e proteção, não é?

— Pelos deuses, primo — Achilles sussurrou. — É, mas não deixarão de perceber, nem uma alma por milhas ao redor, ao longo das Casas, que Maddie é a imagem da sua falecida esposa.

— Uma casualidade que, provavelmente, não será questionada, considerando que não escondi os meus sentimentos pela minha esposa ou o que sinto depois que a perdi. Por isso, não seria uma surpresa me sentir atraído por alguém que se pareça com ela.

— Também é verdade, mas isso é loucura, Lo. — Achilles ainda estava sussurrando. — Uma vez que os problemas acabarem e Maddie tomar o lugar ao seu lado, todo mundo saberá que ela é uma substituição de alguém que importava muito para você.

Tendo acabado de tomar essa decisão, obviamente, Apollo não havia pensado nisso, o que causou uma certa quantidade de desconforto, que não foi pequena. No entanto, tinha tomado a decisão e Apollo Ulfr era muitas coisas, decidido era uma delas. Por isso, perguntou ao seu primo:

— Alguma vez me importei com o que as pessoas pensavam?

— Não, mas já lhe ocorreu que Maddie pode se importar? — o primo perguntou.

Apollo não havia pensado nisso, é claro, então essa ideia também o perturbou. Entretanto, o tempo nunca parou e as pessoas se acostumavam com uma variedade de coisas, se tivessem o suficiente. Logo, teriam que se acostumar à nova Ilsa. Se ela ficasse desconcertada com isso nesse meio-tempo, iria apenas mantê-la por perto e evitar a sociedade. Tendo essa resolução em mente, explicou a sua decisão, dizendo:

— Ela esteve na companhia da sua guarda por quatro meses, Lees, e cinco se apaixonaram. O Derrik, tão profundamente, que me confrontou e pediu para levá-la embora.

— Deuses — Achilles resmungou, choque aparecendo em seu rosto, mas não surpresa.

O choque foi por Derrik enfrentar o Apollo, mas a falta de surpresa partiu de que Achilles sabia que isso poderia acontecer.

— Precisamente — Apollo falou de forma lacônica —, ela é extremamente espirituosa. Também é de uma rara beleza e sei que você não deixou de perceber as outras coisas sobre ela que atrairiam qualquer homem.

— Será que atraíram você? — Achilles perguntou calmamente, mas Apollo não respondeu.

Em vez disso, declarou:

— Para a sua própria proteção, devo tomá-la como esposa. — Achilles permaneceu em silêncio. Apollo, não. — Portanto, se ela escolher ficar aqui, o encarrego de mantê-la protegida das atenções que possam vir até ela, bem como cuidar dos meus assuntos e manter um olho em Christophe e Élan. Élan não terá qualquer problema com ela. Christophe pode ter dificuldade em lidar com isso.

Achilles assentiu e Apollo continuou:

— Se Ilsa escolher ficar aqui, quando a trouxer na parte da manhã, pegarei Derrik e o levarei comigo. — Achilles assentiu novamente e Apollo prosseguiu. — Após o meu regresso, providenciaremos um casamento tranquilo.

Achilles não assentiu diante disso, apenas encarou o olhar do Apollo e não disse *nada*. Apollo ignorou as reservas nos olhos do

seu primo e continuou falando.

— Se Ilsa for comigo, despache a guarda como eu instruí, no entanto, não os homens que escolhi. Você deve escolher quem enviar, mas envie quatro. Casarei com ela ao longo do caminho.

Mais uma vez, Achilles não assentiu, em vez disso, aconselhou:

— Imploro que leve algum tempo para considerar isso, primo.

— Não tenho outra escolha — Apollo respondeu e viu o seu primo respirar fundo, exalando rapidamente.

Em seguida, viu Achilles assentir e isso não o surpreendeu. Eles cresceram juntos, ao lado de Laures, Draven e Derrik. Achilles sabia que, quando Apollo tomava uma decisão, não mudava de ideia. Enquanto Apollo sabia que o seu primo o defenderia, se não com palavras, naquele momento, quando chegasse a hora. Achilles defenderia com palavras e atos, tanto ao Apollo quanto a Ilsa também, sem dúvida alguma.

Portanto, Apollo acenou em resposta e encerrou a conversa, levando Torment para os estábulos.

* * * * *

A mão bombeava o pênis e os olhos estavam fechados enquanto a visão dela passando a língua até a parte inferior estava no seu cérebro. O rosto dela, Apollo conhecia, mas nunca havia conhecido a língua ou aqueles olhos.

Olhos que o estavam queimando e o atravessando, *agora*, mesmo que apenas na sua imaginação. Eram insondáveis, um mistério. *Seu* mistério.

Diante desse pensamento e do pequeno sorriso enigmático que ela deu antes de deslizar a língua ao redor da ponta, Apollo empurrou a cabeça contra os travesseiros e sufocou o gemido enquanto gozava sobre a própria barriga. Abrindo lentamente os olhos para a escuridão do seu quarto, ordenhou as últimas gotas do seu membro enquanto ela continuava a roubar os seus pensamentos.

Então, alcançou a mesinha de cabeceira, abriu a gaveta e pegou um lenço. Limpou sua semente e jogou o pano de lado. Então puxou as cobertas e se virou de lado, esticando o braço para abraçar o travesseiro e puxá-lo para si.

Hoje à noite, um travesseiro. Amanhã, algo completamente diferente.

Apollo mentiu para o seu primo. Não pretendia dormir em qualquer lugar, pretendia dormir *com* alguém. Sim, ele cometeu um erro colossal. Um que não tinha intenção de prorrogar, enviando-a para longe.

Diante desse pensamento, Apollo fechou os olhos e gradualmente deslizou para o sono.

* * * * *

Ao nascer do sol, no dia seguinte, Apollo estava com uma mão enluvada sobre a rédea de um cavalo, atrelado ao trenó. Havia se preparado para levar Ilsa para frente ou de volta quando a viu em pé, na escada da pousada.

Ilsa usava uma capa feita de pele, segurando um gorro de pele na mão enquanto os cabelos castanhos brilhavam ao sol e os

olhos estavam voltados para ele, que se aproximou, montado no Torment, então parou e a olhou. Ela ergueu o olhar e, antes que Apollo pudesse falar, disparou:

— Bellebryn. — Sem demora, Ilsa marchou através da neve até o trenó.

Sabendo que estava amaldiçoado e não se importando nem um pouco quando ela o fez, Apollo sorriu.

Capítulo 07

Indo Para A Cama

Eu estava aprendendo algo novo; que não poderia extravasar a raiva enquanto um homem estava com a mão enfiada na dobra do meu braço ao passo que me guiava por alguns degraus, atrás de um estalajadeiro. Também não poderia fazer isso quando estava na presença de um aristocrata, mesmo que eu não fosse *eu mesma*, oficialmente, porque não seria a coisa certa.

No entanto, eu já sabia que não poderia dar um chilique em público porque seria rude, tanto nesse mundo quanto no meu mundo, ou em *qualquer* outro, não importava o quanto tivesse razão. Dito isso, eu *daria um* quando chegássemos ao *nosso* quarto. Sim, *nosso* quarto.

O primeiro dia, deslizando sobre a planície gelada com Apollo, tinha ido relativamente bem. Isso teve a ver, principalmente, com ele cavalgando ao meu lado, através da neve, sem tentar conversar.

No caminho através de Lunwyn, pela primeira vez, enquanto os homens cavalgavam perto do meu trenó e conversávamos, a minha atenção foi desviada para a paisagem. Sem distração, fui capaz de observar plenamente a beleza que estava ao meu redor. As planícies cobertas de neve fofa brilhavam ao sol, os pinheiros verdes na paisagem pontilhada estavam adornados de branco, também havia as pequenas aldeias pelas quais passávamos, que permaneciam adormecidas e fechadas para escapar do frio, a

fumaça saindo preguiçosamente das chaminés, além dos telhados cobertos com mantas de gelo, parecidas com marshmallow.

Enquanto o glorioso cavalo branco com sua crina cinza — ao contrário da besta fantástica do Apollo, que era cinza e com uma juba branca incomum — puxava o meu trenó envernizado em um tom de verde-escuro, percebi que eu poderia dar a ele toda a minha atenção. Vi que o cavalo era muito mais bonito do que eu havia reparado no caminho até *aqui* e isso me incomodou.

Era tolo e até mesmo infantil, mas não queria gostar de qualquer coisa que viesse do Apollo. Considerando o rumo dos últimos acontecimentos, depois de quatro meses maravilhosos, que foram os mais felizes, talvez, da minha vida toda, eu estava me sentindo bem em ser boba e infantil. No entanto, uma das piores partes dessa sucessão de eventos era que isso incluía estar na presença do Apollo.

Ele era pior do que eu imaginava e já havia sido muito ruim antes. Claro, havia razões para eu não poder seguir em frente e começar a minha nova vida, livre para ser o que eu quisesse. Quero dizer, a magia maléfica era iminente e não queria parecer uma covarde, mas não achava que seria a decisão mais inteligente sair sozinha por um mundo totalmente novo, quando bruxas más e vingativos governantes depostos estavam tramando para desencadear a infelicidade na terra.

Além disso, Apollo tinha sido legal — ok, tinha que admitir, ele foi relativamente gentil — quando expliquei sobre Christophe e Élan. Só que, na maioria das vezes, ele era ditatorial, orgulhoso, arrogante e *realmente* me incomodava quando me interrompia,

como se o que eu tivesse a dizer não fosse tão importante quanto o que ele tinha a dizer.

Eu havia pensado sobre isso e cheguei à conclusão de que estar com ele seria mais fácil do que estar perto dos seus filhos. Então, escolhi isso porque decidi, ao mesmo tempo, ignorá-lo tanto quanto pudesse, quando estivesse com ele.

Poderia ignorar um ditatorial, altivo e arrogante homem adulto, talvez, mas não podia ignorar as crianças. Definitivamente. Com a decisão tomada, a coloquei em prática quando paramos brevemente para o almoço e ele tentou me envolver em uma conversa. Sem um pio, desviei os olhos, mordi o sanduíche de carne de porco assada que um dos seus servos — sem dúvida alguma, ainda não enxergava o Apollo em uma cozinha fazendo sanduíches — tinha fornecido e o ignorei, mas o sanduíche estava delicioso, por sinal.

A parte boa sobre isso era que estava funcionando. Apollo parou de tentar falar comigo a partir do momento em que desviei os olhos para longe dele. A parte ruim era que, quando os meus olhos deslizaram para ele, momentos depois, estava encostado na lateral do trenó, olhando para o chão com a boca curvada. Eu sabia que era a *mim* que achava divertida. Isso me incomodou, então também decidi ignorar.

E lá fomos nós. Cerca de dez minutos depois, ele continuava em ritmo acelerado ao lado do meu trenó, mas sem dizer *nada*. Também não disse *nada* quando nos guiou até uma aldeia maior, essa ao lado de um lindo riacho que possuía rochas negras brilhando em suas margens. Ele nos levou direto para uma edificação que

tinha uma placa pendurada, que dizia: *Rock Creek Inn* — nada original, mas apropriado —, onde paramos.

Também não disse *nada* quando passou as rédeas em torno de um poste, na frente da pousada, se virou para mim e ofereceu o braço enquanto eu saltava do trenó. Eu era, é claro, uma motorista de trenó, visto que Gaston me ensinou quando chegamos à Lunwyn e fiquei no comando do meu trenó desde então. Embora, na verdade, não fosse muito para me gabar, uma vez que não era tão difícil assim.

Aceitei o seu braço, mas fiz isso com o rosto virado e nem olhei para ele, porque não queria ver se isso o divertia ou não, uma vez que sabia que me irritaria. Ele curvou os seus dedos ao redor da minha mão, levando-a até a dobra do seu cotovelo, mas ignorei isso também. Já que as minhas mãos estavam com luvas forradas com pele de coelho, eu poderia até mesmo fingir que a mão dele não estava lá. Foi o que fiz.

Então, Apollo me guiou até a pousada, foi direto para a recepção e imediatamente pediu ao estalajadeiro o seu melhor quarto. Isso, *um* quarto, no singular. Não tinha o padrão *Holiday Inn*^[13], mas que havia mais de um quarto, eu tinha certeza. Eu duvidava seriamente que o Apollo tivesse a intenção de dormir no meu trenó. Além disso, a única outra vez em que ficamos sob o mesmo teto foi durante a noite e, por algum motivo insano, ele dormiu na cama, comigo.

Assim, ele tinha a intenção de partilhar o quarto comigo ou encontrar outro lugar quente para deitar a cabeça. Ou não deitar a cabeça, considerando com quem havia compartilhado sua cama em Fleuridia, antes de mim – era duvidoso que ele tivesse muito descanso quando pagava pelo tempo da pessoa com a qual estava. Portanto, eu estava fervendo, mas me controlei.

Teríamos uma conversa no *nosso* quarto, que foi aonde o gerente nos levou, abrindo a porta do quarto no final do *hall*, no segundo andar. O homem se virou para o Apollo, entregou a chave de ferro com uma grande cruz no topo e disse:

— Chamarei um garoto para acender o fogo assim que puder, meu senhor. Gostaria de um vinho, cerveja ou chá para aquecê-lo depois da vossa cavalgada?

Senti os olhos do Apollo sobre mim e não olhei para ele, mas tomei isso como um sinal de que estava me perguntando se eu queria qualquer uma dessas coisas.

— Vinho, por favor — pedi, forçando a minha voz a soar calma e também desejando pedir tequila. Aliás, tinha perguntado aos *caras* e copiosamente provado as várias bebidas alcoólicas disponíveis nesse mundo, mas tequila não estava entre elas.

— Claro, minha senhora — o homem murmurou e olhou para o Apollo quando ele grunhiu:

— Vinho está bom — o gerente acenou com a cabeça e nos contornou com dificuldade, uma vez que o Apollo não tinha me soltado e estávamos ocupando o corredor, poderia acrescentar que nos moveu para fora do caminho do pobre homem quando estava, obviamente, se contorcendo para deslizar por nós. Então, correu para longe.

Apollo me guiou para dentro do quarto e no minuto em que fechou a porta, puxei a minha mão do seu cotovelo, dando três passos para dentro do quarto, inspirando profundamente. Logo, me virei para Apollo enquanto dava vários olhares ao redor do aposento, observando tudo, antes de levantar o olhar para ele.

Quando os meus olhos o atingiram, notei que Apollo estava no processo de controlar a expressão em seu rosto e o que estava contendo era diversão. Para o que mudou, quando os meus olhos focaram nos seus, para uma falsa interrogação cortês. Ignorei isso e comentei:

— Este é um quarto adorável.

Apollo olhou ao redor e eu soube o que ele viu, já que tinha acabado de olhar para a cama de casal, no máximo, com um edredom acolchoado e dois travesseiros macios, os travesseiros sendo as únicas coisas boas no quarto.

O restante incluía um tapete espesso e trançado no chão, que parecia precisar ser retirado e batido, isso cerca de doze meses atrás. Não havia *nada* nas paredes, nem mesmo um espelho quebrado. Havia uma mesa e duas cadeiras junto à janela. A mesa estava cortada e arranhada. As cadeiras pareciam ter o seu nível de conforto fixado em “câmara de tortura”. Sobre as janelas, as cortinas pesadas e enfadonhas eram em uma cor indefinível, pois a cor que tinham originalmente desbotou até o *nada*, provavelmente, há duas décadas.

Seus olhos vieram até os meus e o seu rosto estava cuidadosamente sem expressão quando replicou:

— De fato.

— Vou aproveitar a minha breve estada aqui — compartilhei, ignorando o olhar vazio que escorregou enquanto os seus olhos brilharam com humor, e perguntei: — Você se importaria de compartilhar onde vai dormir?

Ele encarou meus olhos e respondeu:

— Aqui.

Inclinei a cabeça para o lado.

— Então, vou dormir no trenó?

— Não, a menos que você goste de ter os dedos amputados amanhã, devido à forte geada — respondeu.

— Não, eu não gostaria disso — informei, fazendo um grande esforço para manter a minha voz neutra. — Então, serei eu ou você a dormir no chão?

— Nenhum dos dois.

Inspirei profundamente, encontrando a calma na expiração, e perguntei:

— Você se importaria de explicar?

Ele realmente não se importava em explicar, mas imediatamente o fez.

— Preciso chegar à Bellebryn sem demora. Você precisa de um guarda constantemente vigilante. Como você está vindo comigo, farei a sua guarda. Portanto, a estou mantendo segura.

— Dormindo comigo? — rebati sua resposta, falhando completamente em manter a voz neutra.

— Não posso mantê-la segura se não puder ficar com o olho em você.

— Os rapazes conseguiram me manter segura na viagem até aqui, sem que um deles dormisse comigo — apontei e os seus olhos

brilharam de uma forma diferente diante da minha observação.

Já tinha visto esse *flash* antes. Era a mesma maneira que o tinha visto piscar no dia anterior, quando estávamos falando sobre o Derrik.

— Havia oito deles — afirmou, cortando os meus pensamentos. — Com oito deles, conseguiam manter a segurança dentro e fora. Há apenas um de mim e serei incapaz de manter um olho em você se estiver em um aposento diferente e não puder, realmente, *ver* você.

Isso era lógico e totalmente irracional, ao mesmo tempo.

— Estou em perigo iminente de ser sequestrada? — perguntei.

— Não tenho ideia do que um perigo iminente seja. Só sei que é iminente, então não vou correr risco.

Infelizmente, isso foi apenas lógico, o que achei chato. Eu não saberia, é claro, mas achava que bruxas malévolas com o poder dos deuses eram mais do que uma vaga ameaça para praticamente todo mundo, por isso, provavelmente, era bom estar preparada.

— Talvez — comecei a sugerir — possamos solicitar um quarto com duas camas.

Ele inclinou ligeiramente a cabeça para o lado e perguntou:

— Isto é algo disponível no seu mundo?

— Sim — respondi com a sensação de que isso não estava disponível no mundo presente e ele confirmou esse sentimento deprimente.

— Bem, não está disponível aqui.

Fabuloso.

— Apollo...

Ele me interrompeu.

— Vamos dormir juntos, Ilsa.

Cerrei os dentes, forçando-me a inspirar profundamente, outra vez, antes de tentar novamente.

— Ok, talvez possamos pedir um quarto com uma cama maior.

— Você se hospedou em estalagens durante a sua viagem, não?

Sim, em várias delas e todas, embora a maioria fosse mais limpa e mais bonita do que essa, tinham camas iguais. Havíamos encontrado hotéis maiores e pousadas ao longo da nossa viagem, que possuíam quartos muito mais bonitos e camas muito maiores, mas não em uma aldeia desse tamanho.

Droga.

Ele intuiu qual era a minha resposta, que ainda não havia sido verbalizada, e continuou.

— Também vai ser mais quente.

Mais do que definitivamente, seria assim, considerando que ele era um cara grande e eu não era exatamente pequena. Partilhar essa cama significaria que o espaço pessoal no colchão seria mínimo. Ou, possivelmente, inexistente.

Merda.

Não pude responder, pois houve uma batida na porta e, já que Apollo estava parado na frente dela, se virou e a abriu. Então, um menino com cerca de dez anos estava parado do lado de fora, olhou para o Apollo e abaixou o queixo. Quando Apollo saiu do seu

caminho, ele entrou com os braços carregados de madeira cortada, um balde pendurado em uma das mãos.

— Senhora — murmurou para mim e não esperou pela minha saudação. Caiu de joelhos ao lado da lareira e começou a trabalhar imediatamente.

Apollo não conseguiu fechar a porta antes que uma menina a atravessasse, carregando uma bandeja com uma garrafa escura sobre ela, o topo selado com cera azul, duas taças simples de vinho sobre ela.

— Na mesa — Apollo murmurou para ela.

Ela se inclinou em uma pequena reverência, deu dois passos, me prestou uma pequena reverência também. Em seguida, caminhou até a mesa, sendo cuidadosa ao depositar a bandeja e saindo.

Antes de sair, no entanto, Apollo ordenou:

— Água para Lady Ulfr poder se refrescar.

A menina assentiu brevemente e correu.

Humm.

Essa coisa de Lady Ulfr era nova, os *caras* tinham se dirigido a mim como madame. Não sabia como me sentia sobre isso, mas decidi ignorar. Ignorei, principalmente, porque o que sentia era que me irritava e, ao mesmo tempo, tinha que admitir — contra a minha vontade — era meio legal.

Também ignorei a reverência curta, algo que aconteceu com frequência ao longo da minha jornada de Fleuridia para Lunwyn, a qual eu ainda não tinha me acostumado. Em vez disso notei, como observei repetidamente ao longo da minha jornada, que funcionários em pousadas não recebiam gorjetas, mas funcionários em hotéis e

hospedarias, sim. Achei isso um pouco irritante, pois todos eles — por sua aparência, especialmente aqueles que trabalhavam em estalagens — pareciam precisar do dinheiro.

Apollo se moveu na direção do vinho e já tinha aberto a garrafa e servido as taças no momento em que o menino terminou com a lareira e estava se afastando dela.

— Traga mais lenha — Apollo ordenou e os olhos do menino se ergueram para ele. — O suficiente para essa noite. Teremos uma longa viagem e precisamos estar descansados no dia seguinte. Assim, não precisaremos ficar pedindo, constantemente, por lenha.

O menino deu um aceno, uma reverência truncada e partiu, fechando a porta atrás dele. Apollo me entregou uma taça de vinho e aceitei, perguntando:

— Vocês não conhecem a palavra “por favor”?

Ele encarou o meu olhar sobre a borda da taça de vinho enquanto tomava um gole. Quando terminou e tinha abaixado a mão, respondeu:

— Conheço.

— Posso perguntar por que você não a usa? — forcei.

Seu corpo se moveu de uma forma quase que sem se mover, absolutamente, mas poderia dizer que estava se acomodando, o que achei um pouco estranho e fez isso enquanto perguntava:

— E o que foi que eu fiz para te contrariar, Ilsa?

Tomei um gole do meu vinho, que estava bem longe da qualidade do vinho Fleuridian, o que não era legal. Portanto, tive que lutar para não fazer uma careta e respondi:

— Não estou contrariada.

— Você falou uma palavra para mim o dia todo, sendo essa palavra hoje de manhã. Até chegarmos na pousada. Então, chegamos ao quarto e você também deixou claro que nada que eu faço lhe agrada. Pode explicar o motivo?

Apontei com o braço e disse:

— Eles são servos, mas são pessoas. Você dá ordens por aí como se fossem escravos e estivessem sob o seu comando.

— Eles têm muitos deveres para atender, desde o amanhecer até o anoitecer, provavelmente mais cedo e mais tarde, presumo. Eles não têm tempo para cortesia e conversa.

— Todo mundo tem tempo para cortesia — rebati e acrescentei: — Achilles falava por favor — pensando nisso, incluí: — Assim como o Remi e o Derrik, depois, é claro, que mencionei isso a ele.

A última parte era verdade. No caminho para Fleuridia, tive que ter uma conversa com o Derrik e isso trouxe um outro *flash* no olhar e uma resposta irritada.

— Bem, eu não sou Achilles, Remi *ou* Derrik.

— Estou *bem* consciente disso — respondi.

— E nenhum deles é chefe da sua Casa — Apollo observou.

— Então, o chefe de uma Casa tem carta branca para ser descortês e mandão? — perguntei.

Seus olhos se estreitaram e ele perguntou em resposta:

— Vou ser tratado com essa disposição intratável na totalidade da nossa jornada?

— Provavelmente — retruquei.

— Quando você não estiver fingindo que não existo, é claro — ele continuou.

— Claro — concordei levemente.

— Excelente — resmungou e bebeu um grande gole de vinho antes de colocar o copo sobre a mesa. Olhou para mim e continuou falando, mas o seu rosto desmentia as suas palavras. — Por favor, continue e me divirta.

— Meu objetivo é agradar — murmurei.

— Duvido muito — rebateu.

De repente, desejei nunca ter dito *nada* e tê-lo apenas ignorado completamente. Então, dormiríamos na mesma cama. E daí? Já tínhamos feito isso antes. Eu estaria dormindo e poderia ignorá-lo lá, também.

— Talvez possamos parar de falar — pedi.

— Excelente ideia — concordou e imediatamente se moveu até a porta. — Se você quiser jantar, me encontre lá embaixo, depois de ter o seu momento para se refrescar.

Estava com fome e tinha que comer, só que precisava dele e do seu dinheiro para isso, o que era irritante, mas tive que dizer:

— Vou descer em poucos minutos.

Apollo não disse *nada*, apenas abriu a porta, passou por ela e se virou, abaixando o queixo na minha direção antes de a fechar atrás dele.

Olhei para a porta pensando que, talvez, deveria ter suportado tudo e ido para Karsvall, mas risos de crianças imaginárias passaram pelo meu cérebro. Não, não teria sido capaz de aguentar isso e ir para Karsvall.

Tomei um gole do vinho e murmurei quando terminei, parecendo uma criança mimada:

— Estúpidas bruxas malvadas e governantes depostos arruinando tudo.

Tinham arruinado os meus planos, para mim e para o meu futuro. Também o meu sentimento breve, mas carregado de liberdade. *Agora*, estava de volta onde comecei, minha vida não era minha, mas controlada por um homem rico e poderoso.

Houve uma batida na porta, então exclamei:

— Entre.

A menina entrou carregando um cântaro com o que, felizmente, pareciam panos secos e limpos, dobrados sobre o seu antebraço. Ela se moveu direto até a mesa de cabeceira, os colocou lá e quando saiu, me assegurei de agradecer.

* * * * *

O jantar não foi dos melhores.

Fomos até um *pub* no final da rua e a parte que não foi tão boa assim não tinha a ver com a comida. Sem *nenhuma* surpresa, sem perguntar a minha preferência, Apollo fez o pedido, ordenando:

— Vinho tinto e torta de empada para nós dois.

Não tinha ideia do que torta de empada era, mas não parecia bom. Durante o tempo que passei com os caras, sempre pediam aos garçons para explicar as minhas opções, para que eu pudesse decidir.

Não o Apollo. *Oh*, não.

Após a nossa discussão na pousada, sabiamente decidi deixar isso para lá e, por sorte, cada um recebeu a própria caçarola com a torta de empada, a qual era preenchida com um suave purê

de batata coberto com queijo derretido, que parecia realmente bom. Sob ele descobri milho, cenouras e ervilhas envoltas em um delicioso e encorpado molho ferrugem. Tudo isso sobre almôndegas de carne moída temperada com cebola. Em outras palavras, uma espécie de torta de carne inglesa, mas com uma crosta de carne.

Enfiei a cara na comida, decidindo que estava gostosa. O fiz ignorando Apollo e os olhares que estávamos recebendo. Isso também aconteceu nos estabelecimentos menos chiques, quando eu estava com os rapazes. Meu palpite era que a maioria dos olhares tinha a ver com o fato de que as nossas roupas, apesar de estarem desgastadas pela viagem, eram de melhor qualidade do que os trajes que a população vestia.

Em outras palavras, não importava em que país estivesse, poderia apenas dizer que nesse mundo, definitivamente, havia uma divisão entre os que tinham e os que não tinham. *Aqui*, isso incluía o Apollo vestindo um suéter de lã grossa com gola alta, marrom-escuro, que ele preenchia primorosamente, se ajustando aos ombros e ao peito largo perfeitamente. Esse, em cima de calças justas de lã marrom-escura e botas lustrosas, obviamente, de alta qualidade. A capa, que tirou e jogou descuidadamente em uma cadeira não ocupada na nossa mesa, era de couro marrom-escuro, o interior forrado com pele marrom-escura, quase preta, brilhante e sedosa.

Eu estava usando um longo vestido de macio *cashmere*^[14] verde, que destacava a minha silhueta perfeitamente, tinha decote cavado e mangas em formato de sino — que eram meio irritantes ao

comer, mas lindas, apesar disso — as barras tinham um bordado muito bonito e delicado. Também tinha um cinto fino do mesmo *cashmere*, mas entrelaçado com fios de prata, que eu amarrei para que ficassem pendurados nos meus quadris.

Nos pés, usava botas de salto baixo, mas que iam até o meio das coxas, de camurça bege forrada com pele em cor de creme. Minha capa tinha gola alta, a pele do lado de fora era de uma cor amarelo-amarronzada, sendo a pele no interior dela de um creme luxuriante. Tinha tirado a capa, também, mas fui mais cuidadosa ao colocá-la ao lado da capa do Apollo, na cadeira.

Devo dizer, de todas as minhas roupas nesse mundo, as de Lunwyn eram as melhores. No entanto, enquanto bebíamos o nosso vinho e comíamos a nossa comida, silenciosamente evitando os olhos do Apollo ou olhando em sua direção, notei que a atenção que estávamos recebendo não era pelo que vestíamos, obviamente, ou por não pertencíamos aquela região.

Não. Quando olhei disfarçadamente ao redor, percebi que era outra coisa. Peguei os olhos em mim antes que desviassem e vi surpresa em alguns rostos. Curiosidade extrema em outros e desconforto em alguns. Então soube.

Estávamos a um dia de distância da sua casa, mas tinha uma sensação nada vaga de que eles sabiam quem era o Apollo e o haviam visto com a outra Ilsa. Uma Ilsa que deveria estar morta. Uma Ilsa que era igualzinha a mim.

Não tinha notado isso no caminho para Lunwyn. Por outro lado, os homens me mantiveram abrigada e havia muitos deles,

todos grandes e teria sido difícil notar olhares como esses. Ou, talvez, estivesse tão envolvida com eles que apenas não percebi.

Entretanto, com o Apollo e eu dando “um gelo” um no outro, não tinha *nada* mais para fazer a não ser reparar. Então, terminei a minha refeição, vi a sua mão levar a garrafa de vinho até o meu copo e ele o serviu. Inspirei profundamente e com isso ganhei calma e controle. Só então levantei os olhos para ele.

Apollo também havia terminado a sua comida e enquanto o olhava, ele serviu o seu próprio copo e colocou a garrafa em cima da mesa. Em seguida, afastou um pouco a cadeira da mesa e recostou, esticando as longas pernas na minha frente e cruzando os pés na altura do tornozelo. Pegou a taça de vinho, a segurou diante dele com as duas mãos e abaixou o queixo, se acomodando.

Parecia estar contemplando as botas e que essa contemplação era meditativa.

Humm.

Deve ter sentido os meus olhos sobre ele porque, antes que eu pudesse desviar o olhar, virou a cabeça para mim.

— Os homens, eles a chamam de Maddie — anunciou.

Brevemente, considerei ignorá-lo, mas por razões desconhecidas, não o fiz.

— Sim — confirmei.

— Expliquei a história que estamos contando sobre você estar aqui — afirmou e olhei em volta para ver se alguém estava perto o suficiente para ouvir enquanto assentia. — Obviamente, você precisará de um nome que não seja Ilsa. É assim que deseja ser chamada?

Súbita e estranhamente, sua pergunta acendeu algo no meu peito. Era como se os meus pulmões estivessem torcidos, mas tinha vivido com isso por tanto tempo que nem percebi que estava ficando difícil respirar.

Assim, tão subitamente quanto esse alívio preencheu o meu peito, me ocorreu o porquê. Bem ali, naquele restaurante e no futuro próximo, eu estaria de volta onde comecei: dependendo e sendo controlada por um homem rico, bonito e poderoso. Contudo, não significava que a minha vida não era nova.

Nunca tinha dado muita atenção ao meu nome, depois, é claro, que cresci. Era incomum e crescer com um nome incomum fez com que as crianças, por vezes, fossem más. Bem, era uma merda.

Depois disso, se tornou apenas um nome. Um nome que meus pais me deram e, após estragar tudo regamente e me casar com Pol, era a única coisa que me restava deles. Eu ferrei tudo e quando, finalmente, me dei conta de que estava em uma situação muito ruim, que estava ficando pior, deixei o Pol.

Meu pai havia me dito para não ir chorando de volta para casa quando percebesse isso e é claro que, quando me toquei de tudo e precisei de um refúgio seguro, voltei chorando para ele. Literalmente. Então, meu pai fechou a porta na minha cara. Duas vezes.

Ele e a minha mãe tinham desligado o telefone na minha cara e fizeram isso tantas vezes que perdi a conta. Quem fez isso com a filha deles? Eu ferrei tudo, definitivamente, mas, me calar para sempre só porque me apaixonei pelo homem errado, tomei uma decisão estúpida e obstinada com a idade de vinte e três anos?

— Ilsa? — Apollo chamou e pulei, saindo dos meus pensamentos e olhando para ele.

— Vocês usam o nome Madeleine, nesse mundo? — perguntei.

— Sim — Apollo respondeu.

— Então, é quem eu serei. Madeleine. Maddie — declarei, suas sobrancelhas ergueram ligeiramente e o seu olhar ficou mais intenso quando o fez.

Eu sabia o porquê.

Era uma declaração. Firme. Definitiva. Inflexível. Não havia necessidade de ser tão dura, mas fui, absolutamente. Uma vez que fiz isso, queria comemorar. Levantar-me e dançar. Por alguma razão, parecia que eu tinha deslizado para fora da velha pele desgastada e cansada, nascido de novo. Tinha tanta energia e emoção borbulhando dentro de mim, que era difícil me manter no lugar.

— Madeleine — ele murmurou, mais uma vez capturando a minha atenção, a voz profunda e rica murmurando esse belo nome fez com que um arrepio subisse pelas minhas costas.

Droga.

Talvez, devesse ter escolhido Agnes. Enquanto pensava sobre isso, ele me surpreendeu, observando:

— Você notou que a conhecem, aqui.

Comprimi os lábios e assenti.

— Ela esteve aqui muitas vezes e também estive nesta vila mais de uma vez, ao longo dos anos — continuou e isso me confundiu.

Confundi-me porque isso implicava que Ilsa havia estado aqui sem o Apollo e Pol nunca me deixou ir a qualquer lugar sem

ele.

Apollo não era o Pol, mas não era fácil chegar a lugares como esse e não era como se essa aldeia ficasse logo na esquina e ela pudesse subir em um trenó, vir aqui para o chá e estar de volta para o jantar.

Já que ele aparentava estar bem ao falar sobre a Ilsa, me aventurei:

— Ela vinha de onde?

— Nós vivemos a maior parte do ano em Karsvall. — Isso não esclareceu a minha confusão.

— Você está dizendo que ela viajava sem você?

— Muitas vezes — respondeu e isso me surpreendeu.

Apollo olhou para longe, tomou um gole de vinho e, mais uma vez, contemplou as botas, mas continuou falando.

— Tenho muitos empreendimentos e, por causa deles, viajo bastante. Às vezes, ela ia comigo. Às vezes, ficava aqui. Normalmente, quando ficava aqui, era porque havia alguém necessitando dos seus cuidados. Ela saía de Karsvall, com bastante frequência, a fim de fazer isso, cavalgando dias de distância. Às vezes, até três dias.

A curiosidade diante das suas palavras me forçou a perguntar:

— Alguém sob os seus cuidados?

Ele olhou para mim novamente.

— Ela era médica.

Oh, Jesus.

Querida, morta, saudosa, amada, fabulosa, a Ilsa era uma médica nesse mundo. Eu tinha graduação e bacharel em Artes com

especialização em história medieval. Meu último emprego foi como vendedora de bolsa e acessórios em uma loja de departamentos exclusiva. Fora isso, não tinha trabalhado ou feito muita coisa, havia quase doze anos.

Senti minha garganta fechar e me forcei a responder:

— Isso é... *hummm*, impressionante.

Apollo olhou novamente para as botas e murmurou:

— Ela era, de fato.

Tomei um gole de vinho e olhei para qualquer lugar, menos para ele, pois não estava gostando do que sentia. Sem compreender tudo, mas sabendo, definitivamente, que não gostava. Não era dor, mas ainda a sentia como dor.

Ele parecia disposto a se mover, a fim de voltar para a pousada, o que me livrou da miséria dessa conversa. Seria certo dizer que me senti desconfortável sentada lá, olhando para o chão, então perguntei em tom de conversa:

— É normal uma mulher, neste mundo, ser médica?

— Não — falou, olhando para as botas. — Parteira, sim. Uma herbalista. Uma curandeira. Até mesmo farmacêutica, mas, médica... não.

Balancei a cabeça, mesmo que não estivesse olhando para mim. Apollo não disse mais *nada*.

— *Hummm...* apenas dizendo, pensei que você tinha mencionado que as mulheres da casa dos Ulfr não trabalhavam — observei.

— Vou corrigir isso — falou, novamente olhando para as botas. — Ela trabalhava e era dedicada ao seu trabalho, mas não recebia pagamento.

Uma médica que não recebia pagamento? Pensei nisso, mas não perguntei e ele não compartilhou mais.

Tomei um gole do meu vinho, pensando na Ilsa viajando através da neve, praticando boas ações enquanto me reclinava na cadeira e tentava não me concentrar em qualquer um me dando olhares estranhos, no Apollo, em *qualquer coisa* — incluindo Ilsa e suas boas ações — enquanto mordida o lábio.

Eventualmente, não consegui aguentar mais, então olhei novamente para Apollo e vi que suas feições haviam se tornado pensativas mais uma vez. Ele estava pensando na sua querida, falecida, saudosa, amada, fabulosa e *benevolente* Ilsa.

Merda, talvez devesse ter suportado toda aquela *porcaria* e ficado com os filhos dele. Recompondo-me, decidi que uma mudança de assunto era necessária. Para fazer isso, perguntei:

— O que são esses empreendimentos?

— Óleo — respondeu imediatamente, ainda olhando para as botas, então ergueu a cabeça e olhou para mim. — A Casa dos Ulfr possui vastas faixas de terra. Em algumas delas, óleo foi encontrado. Óleo utilizado em lamparinas.

— *Oh* — murmurei, pensando que, se fosse o caso, ainda que não fosse tão procurado no mundo dele como no meu, ainda era, provavelmente, muito procurado.

Não admirava que ele parecesse rico.

— E outra terra tem gás — completou. *Sim, rico*. Apollo prosseguiu. — Estamos atrás de Fleuridia em equipar edifícios e casas com luzes a gás e calor, mas estamos nos aproximando rapidamente. A Casa dos Ulfr também possui participação majoritária na empresa que está fazendo esse trabalho.

Definitivamente, rico.

— Nós temos eletricidade no meu mundo — comentei.

Ele balançou a cabeça e desviou o olhar, dizendo:

— Sim. Finnie explicou isso para mim. É um conceito intrigante e, depois que lutamos para unir Lunwyn e Middleland, coloquei pesquisadores para trabalhar nisso.

— Isso foi inteligente — murmurei sem convicção.

Eu havia descoberto, através dos *caras*, sobre a guerra recente em que Apollo e todos os seus homens lutaram para reunir os países de Lunwyn e Middleland, que foram divididas por um rei já falecido, a fim de dar aos seus filhos gêmeos terras para governar.

Felizmente, o lado dele venceu.

— Também possuo uma mina que produz diamantes de gelo Sjofn, assim como pedras importadas de Korwahk, que mandou cortar e vender para joalheiros ao longo das terras das Northlands — Apollo me informou. — Além disso, a Casa dos Ulfr possui uma variedade de fazendas que criam mink, ermine, sable, coelho, gado e outros semelhantes. Vendem a carne e curtem as peles para fornecer pele e couro para roupas.

Ele parou de falar, então observei:

— Com tudo isso acontecendo, você deve estar muito ocupado.

— Estou — concordou.

— Então, presumo que eu e as bruxas malvadas somos, realmente, meio que um pé no seu saco — notei, tentando injetar uma, muita necessária, dose de humor na conversa.

Rapidamente obtive a atenção dos seus olhos e não estavam piscando com diversão.

— Bruxas malvadas, sim. Você, não. Não quando está agindo como agora. Quando está sendo grosseira, sim.

De repente, me senti como uma cadela e isso não foi legal.

— Apollo...

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, não que tivesse alguma ideia do que dizer, ele se endireitou na cadeira, se virou para mim e inclinou a cabeça para a mesa.

— Você terminou?

— Sim — falei baixinho.

— Então, estamos indo para a cama.

Indo para a cama. Droga.

Ele levantou e estendeu a mão para a cadeira na qual estavam as nossas capas. Levantei-me também, começando:

— Talvez devêssemos...

Seus olhos vieram até os meus enquanto se movia ao redor da mesa, segurando a minha capa.

— Vou levá-la para a pousada e lhe darei tempo para se preparar para dormir. Vou me juntar a você depois que terminar de se arrumar.

Tudo bem, então. Isso parecia um plano.

— Falou — sussurrei e vi, novamente, um brilho nos seus olhos, um que não tinha visto antes.

Não tive a chance de compreendê-lo totalmente, antes que ele ficasse atrás de mim e colocasse a capa sobre os meus ombros. Então, enfiei as mãos nas mangas enquanto ele afivelava a sua capa e o esperei jogar algumas moedas na mesa.

Logo, Apollo ofereceu seu braço e aceitei. Como o Derrik, ele não hesitou em me puxar para mais perto, colocando o braço que

apoiava a minha mão mais perto dele. No entanto, ao contrário do Derrik, fez isso de uma maneira superficial, mesmo que tivesse entrelaçado os dedos quentes nos meus.

Em seguida, *entramos* na noite caminhando sobre as passarelas de madeira cobertas de neve, que serviam como calçadas nessa aldeia. Ou seja, indo para a cama mais uma vez.

Droga.

Capítulo 08

Sem Arrependimentos

— Vejo... *hummm*, você, daqui a pouco — falei para Apollo, na frente da porta, a qual ele tinha destrancado e aberto, colocado a cabeça para dentro, dado uma olhada rápida ao redor e, *agora*, estava parado ao meu lado.

— Verá — respondeu, entregando-me a chave. — Tranque-a quando eu sair.

Balancei a cabeça, em seguida, o observei enquanto se virava e se afastava. Estava fora da vista, descendo as escadas, antes que eu entrasse no quarto, fechasse a porta e a trancasse atrás de mim.

— Ok. Qual, *diabos*, é o problema comigo? — perguntei para o aposento vazio.

Claro, não recebi nenhuma resposta.

Reparei que o fogo estava dançando alegremente enquanto estalava, uma grande grade de ferro apoiada na sua frente com as bordas curvadas, de forma que nenhuma faísca voava. Havia grandes pilhas de lenha cortada, em abundância, para o seu senhorio manter a lareira acesa durante a noite toda e não se preocupar em chamar um criado para fazer isso por ele.

Notei, também, que os nossos baús foram levados até o quarto, o que significava que eu tinha a minha camisola, mas não fui pegá-la. Caminhei até a mesa de cabeceira mais próxima de mim, abri a gaveta e achei o que sempre achava quando ficava em uma

pousada em Lunwyn ou Hawkvale. Um suprimento de fósforos rudimentares.

Acendi a lamparina ao lado da cama, me movi até o outro lado e acendi aquela também. Fui até a lareira, removi cuidadosamente a grade, joguei os palitos de fósforo usados nela, coloquei mais lenha e ajeitei a grade no lugar. Recuei e olhei para ela.

Não tinha ideia de quanto tempo o Apollo me daria para trocar a roupa, mas sabia que deveria me mexer. Entretanto, enquanto olhava para as chamas, não comecei a me arrumar. Em vez disso, minha mente estava repleta com outras coisas, uma dessas coisas era o fato de que eu *meio que* esqueci o porquê estava tão chateada com ele.

Ele me salvou do Pol. Suas razões para fazer isso consistia no fato de que a esposa que adorava, obviamente, estava morta e ele a queria de volta. Claramente, sendo um homem de ação, quando se deparava com o impossível — se houvesse algo que pudesse fazer sobre isso — ele fazia. Isso era um pouco desequilibrado, mas eu entendia.

Apollo se deparou com a realização desoladora que, ao me ter, não a teve de volta. Claro, foi um idiota ao me informar isso, mas eu *meio que* podia entender isso também. Então, compreensivelmente, partiu para levar os seus filhos para um lugar seguro e ficou longe de mim, a mulher que o machucava só de olhar.

Fez isso deixando-me em uma bela casa, em um belo país, com pessoas amáveis. Tinha me dado roupas deslumbrantes e providenciou uma guarda com caras maravilhosos, que me levaram

até ele e, ao fazê-lo, me deram os melhores momentos da minha vida.

Agora, era forçado a suportar a minha presença e estava fazendo isso como uma gentileza, para que eu não tivesse que ficar perto das crianças desse mundo, que não pude ter no meu. Contudo, era arrogante e autoritário. Era o chefe de uma linhagem aristocrática nesse mundo. O que eu sabia sobre o modo como se comportavam? Ele era o único que eu conhecia. Inferno, os outros poderiam até ser piores do que ele.

Verdade seja dita, se pensasse sobre isso — o que eu não tinha feito até então —, seus homens disseram uma coisa sobre ele. De fato, se eu *realmente* pensasse sobre isso, Apollo tinha mostrado muitas vezes que tinha senso de humor e, definitivamente, mostrava um senso de dever. Era claramente, inteligente e também era generoso. Havia razões pelas quais ele inspirava a lealdade daqueles homens, especialmente aqueles provenientes de diferentes Casas. Eles não tinham obrigação de ficar com ele e ele vinha revelando essas razões desde a noite em que o conheci. Principalmente, ao viajar para um outro mundo a fim de me salvar do Pol.

Ok, esse mundo vivia sob a constante ameaça de ter infortúnio caindo sobre ele, ordenada por uma deusa bruxa. No entanto, o infortúnio que o Pol fazia cair sobre mim era muito pior e ameaçava durar uma vida, mas eu estava a salvo disso. Para sempre. Graças ao Apollo.

Então, por que eu tinha que ser uma cadela sobre isso?

Tirei a fabulosa capa de pele — outro motivo para não ser uma cadela, sério, a capa era maravilhosa —, caminhei até a mesa

para colocá-la sobre uma cadeira enquanto pensava que teria que me arrumar sozinha. Essa situação não era fácil para nenhum de nós. Não havia motivos para torná-la mais difícil.

Joguei a capa sobre a cadeira e estava prestes a ir até o meu baú quando reparei que o vinho e as taças, que estavam sobre a mesa, sumiram. Em seu lugar havia um bule e duas xícaras de chá. Minha cabeça se inclinou para o lado enquanto eu olhava para eles.

Não era incomum, nos estabelecimentos mais finos, ter uma jarra de chá ou uma garrafa de conhaque esperando, no quarto, para quando chegasse do jantar. No entanto, geralmente esses itens eram pedidos. Talvez, enquanto o Apollo estava lá embaixo sem mim, tenha pedido.

Estranhei que o bule e as xícaras fossem feitos de fina porcelana, enfeitados com gravuras douradas em torno das quais havia belas esmeraldas desenhadas. Diante da minha experiência nesse mundo, não era algo que uma pousada teria.

— Talvez reservem as melhores coisas para a nobreza — murmurei, estendendo a mão para levantar a tampa do bule de chá.

Fiz isso porque estava curiosa, mas não pretendia tomá-lo. Precisava dormir rapidamente, antes de o Apollo aparecer, e o chá *daqui* tinha cafeína. Contudo, a tampa caiu, fazendo barulho sobre a mesa quando a soltei com surpresa enquanto um brilho suave emanava do pote.

— O quê? — sussurrei, inclinando-me para olhar mais de perto.

Sim, lá estava um brilho suave. Um *belo* brilho suave.

— Que estranho — murmurei sem medo porque tinha vivido mais de quatro meses nesse mundo, de forma que havia visto

algumas coisas incríveis, todas belas, tanto que o chá incandescente não me perturbou.

Envolvi os dedos em torno da alça delicada, a levei até o nariz e dei uma cheirada.

— Uau — suspirei.

Tinha um cheiro *divino*, parecido com hortelã-pimenta misturada com alcaçuz e baunilha. Ficou claro que era um chá de ervas e imaginei que o serviam para acalmar e ajudar a dormir. Talvez, Apollo o pediu por esse motivo. A única coisa que eu sabia, com certeza, era que o cheiro era reconfortante e eu poderia usar para me acalmar. Também poderia desfrutar a fim de ter algo quente na barriga. A lareira era boa, mas aprendi, no tempo que passei em Lunwyn, que não estaria quentinha e confortável até que estivesse debaixo das cobertas.

Coloquei a tampa de volta no bule e me servi de uma xícara, sorrindo com fascinação enquanto observava a dança do brilho no chá. Não era de admirar que brilhasse e tomei um gole cauteloso, fechando os olhos lentamente.

Êxtase.

Então, tomei um gole não tão cauteloso, desfrutei imensamente e coloquei a xícara na mesa. Caminhei até a cama, ergui as saias e tirei as botas. Também estava usando uma calça justa de lã macia, cor de creme. Puxei-a para baixo e a senti deslizar magnificamente através de cada centímetro da minha pele.

Apesar de não ter acontecido nas vezes em que fiz, não fiquei surpresa. A lã da calça não era *cashmere*, mas a sua suavidade estava perto disso e era quente, por isso não foi uma surpresa que o frescor da sala acertasse as minhas pernas quando perdi esse calor, que fizesse com que eu estremecesse.

Fui até o baú, o destranquei e o abri, jogando a calça lá dentro e pegando uma camisola que tinha colocado bem em cima. Era lamentável que, com esse arranjo para dormir, todas as minhas camisolas fossem incríveis, tipo, impressionantemente *sensuais*. Entretanto, esperava estar debaixo das cobertas antes de o Apollo ver algumas delas.

Voltei até a mesa e peguei a xícara, tomando mais dois goles rápidos enquanto caminhava de volta para a cama. Joguei a camisola na cama para liberar as mãos e tirar o vestido, mas quando o fiz, não o tirei.

Envolvi as duas mãos ao redor da xícara e bebi mais desse chá celestial. Então, mais um pouco e fiz isso porque, de repente, eu não estava mais tomando chá. Eu o estava *vivenciando*, uma explosão nas minhas papilas gustativas e um calor que se espalhava através de mim, de dentro para fora.

Minhas pálpebras ficaram pesadas quando tomei outro gole e me tornei vagamente consciente de cada centímetro da minha pele. Isto porque ela estava formigando de uma maneira que eu *realmente* gostava. Tirei uma mão da xícara e a coloquei em torno da barriga, para me envolver enquanto o experimentava.

— Fabuloso — sussurrei, erguendo a xícara e bebendo mais.

De repente, minhas pernas ficaram inquietas, se movendo sem eu ordenar. Meus joelhos indo para frente e para trás,

esfregando as coxas, o atrito as aquecendo e deslizando para o meio das minhas pernas, uma área que observei, naquele momento, estar encharcada de tão molhada.

— *Oh, Deus* — suspirei, olhando para os resíduos cintilantes do chá.

Isso não estava certo.

Minha mão se moveu da cintura até a barriga, mais para baixo e eu não conseguia parar com isso. Deus, tinha que tocar a mim mesma, *agora*. Engoli em seco e coloquei a xícara na mesa. Levando a outra mão até o cabelo, retirei a fita que o prendia em um rabo de cavalo na nuca. O deslizar do cabelo pelas minhas costas foi suave, através do *cashmere* do vestido, mas, ainda assim, o senti queimar através de mim, deixando os meus mamilos duros. Tão duros que estavam doendo.

— *Oh, Deus* — sussurrei, sabendo que algo naquele chá estava me fazendo sentir desse jeito, mas já era tarde demais.

A mão na barriga se moveu para cobrir a junção das minhas pernas. Apollo voltaria a qualquer momento, mas eu tinha que me tocar. Eu *precisava* disso, ou melhor, tinha que encontrar alguém para me tocar. *Oh*, sim. Encontrar alguém para me tocar, pois fazia anos. *Anos*.

Diante desse pensamento, movi as mãos para os lados da saia, segurei o tecido e o puxei para cima. Uma batida suave veio da porta e o meu olhar se voltou para ela, então minha mente foi preenchida pela imagem do Apollo com aquele suéter de gola alta e aquela calça. Especialmente, aquela *calça*.

O sangue correu para os meus seios e fiquei mais molhada entre as pernas.

— IIs... Madeleine? — a voz profunda soou na porta. Eu estava do outro lado do quarto em um *flash*. Girei a fechadura, abri a porta e estendi a mão. Segurei-o pelo suéter e o puxei para dentro do quarto.

— Caramba, o quê?

Eu sabia que devia parar. Sabia, só não conseguia. Corri as mãos pelo suéter sobre o seu peito, sentindo a lã grossa e macia, a sugestão da dureza debaixo dela e, juro por Deus, quase gozei ali mesmo. Meus joelhos ficaram fracos e tive que me inclinar para ele, minha mão subindo e envolvendo o seu pescoço.

Coloquei pressão sobre ele, inclinei a cabeça para trás e o vi olhando para outro lado da sala. Distraidamente, reparei que ele colocou a mão na minha cintura, mas o seu corpo estava tenso e imóvel enquanto eu tentava, sem sucesso, puxar a cabeça dele para baixo ao mesmo tempo em que pressionava profundamente o meu corpo contra o dele.

Finalmente, depois do que pareceu ter demorado anos, ele abaixou o queixo, os inacreditáveis olhos verdes, como jade, olharam nos meus.

— Madeleine, minha pomba, você bebeu aquele chá? — perguntou delicadamente, mas o seu tom também parecia cauteloso, urgente e alarmado.

— É delicioso — sussurrei, ficando na ponta dos pés, chegando mais perto do seu corpo, colocando mais pressão sobre o pescoço dele, a outra mão deslizando para baixo, sobre o seu peito, com um objetivo específico.

Ele segurou o meu pulso, puxou a minha mão de volta para seu peito e a manteve lá.

— Ouça — disse, parecendo apenas urgente.

— Ok — respondi e encostei o nariz na mandíbula dele.

Percorri o comprimento dela e senti os dedos em torno do meu pulso se contraírem. Encarei isso como um bom sinal, por isso, quando percorri novamente a mandíbula dele, usei os lábios. Ele se afastou e me chacoalhou com cuidado.

— Maddie, olhe para mim e escute.

— Chegue mais perto — implorei.

— Preciso te amordaçar e amarrar na cama — declarou.

Oh, Deus. Impressionante.

— *Sim* — sussurrei, me aproximando dele novamente.

Os olhos dele brilharam, as pontas dos dedos que estavam na minha cintura e segurando o meu pulso apertaram a minha pele e ele disse:

— Não, minha pomba, não para isso. Para o seu próprio bem. Você tomou chá de adela e os efeitos não vão sumir por algum tempo. Preciso deixá-la sozinha e para que não entre em apuros, preciso amarrá-la.

— Estou *ok* com você me amarrar, um pouco, mas não com você sair — disse a ele.

— Devo.

— Não deve.

— Maddie, devo.

Balancei a cabeça e me aproximei ainda mais.

— Por favor, não vá.

— Mas eu devo — repetiu.

Eu o ignorei e o puxei para mim enquanto dava um passo para trás, insistindo:

— Venha para a cama.

— Não posso.

Segurei o seu queixo e fiquei na ponta dos pés, implorando:

— *Por favor.*

Moveu ambas as mãos para o meu rosto e aproximou o dele, mas o seu aperto sobre mim era tão firme que não conseguiria chegar até a sua boca. Sabia disso porque tentei.

— Minha papoula, se concentre nos meus olhos e me escute.

— Estou escutando — assegurei a ele —, mas posso ouvir melhor na cama.

— Se deitarmos naquela cama, nenhum de nós vai falar.

— Estou interessada nisso também — compartilhei.

— Acho que entendo o que você quer dizer com isso e, se eu fizer isso, também posso assegurar que não estará *interessada* nisso de manhã.

— Vou estar — respondi rapidamente. — Prometo. *Juro.*

— Maddie...

Fiquei na ponta dos pés para me aproximar dele, o mais perto que podia, mas Apollo se afastou imediatamente, o que foi um saco.

Tentei uma tática diferente e sussurrei:

— Já faz mais de três anos.

— Deuses — ele sussurrou, o som daquela única palavra me atravessando de tal forma que precisei abafar um gemido de prazer.

— Preciso de você, *baby* — implorei.

— Isso não está certo, minha pomba. Você não sabe disso agora, mas vai me agradecer amanhã.

— Está certo. Está *muito* certo. — Aproximei-me mais. — Já faz anos, querido. Preciso das suas mãos em mim, da sua boca em mim.

— Maddie... — ele começou, o som parecendo um gemido, estimulando-me a seguir em frente.

Encarei os seus olhos e segurei o rosto dele com as mãos como se ele fosse meu, então sussurrei:

— Eu preciso de você.

— Você não precisa, minha pomba. É o chá — sussurrou em resposta.

Olhei para ele, os seios pesados, a respiração entrecortada, o meu sexo encharcado, cada centímetro da minha pele sensível quando pensei: *foda-se*.

Eu o soltei e recuei, para que me soltasse. Observei as suas mãos descerem até os lados do seu corpo, analisei tudo o que ele era e era bastante. Tudo isso era bom, então ataquei. Caí sobre Apollo com os braços ao redor dos seus ombros e enrolei as pernas em torno dos quadris dele. Automaticamente, as suas mãos foram até a minha bunda para me segurar e um gemido deslizou pela minha garganta diante do seu toque enquanto abaixava a boca até a dele.

A mão dele deslizou pelas minhas costas e pelo meu cabelo, o que foi muito bom. Até que ele virou a cabeça, interrompendo o contato dos lábios. Enfiou o rosto no meu pescoço e murmurou:

— Deuses, maldição.

Esperava que isso fosse uma rendição e tinha essa esperança porque estava me levando para a cama. Em seguida,

deitou-me, mas uma vez que fez isso, segurou **as** minhas duas mãos e as levantou sobre a minha cabeça. Mantendo-as seguras por uma das suas, a outra mão foi até o seu cinto. Tive a sensação de que sabia o que isso significava, Apollo não me daria o que eu queria e usaria o cinto para me amarrar à cama, depois cairia fora.

— Você vai me deixar? — Engoli em seco, procurando uma confirmação.

— Para o seu próprio bem, minha papoula — confirmou.

Balancei a cabeça.

— Então não me amarre. Se você tem que ir, vá... mas eu *preciso* das minhas mãos.

Ele captou o que eu quis dizer e soube disso quando o seu olhar se anuviou, alcançou acima da minha cabeça enquanto os seus lábios murmuravam:

— Eu deveria ter amordaçado você primeiro. — Debatí o meu corpo na cama.

— Se você vai me deixar assim, eu *preciso* das minhas mãos, Apollo. — Eu estava me contorcendo incontrolavelmente na cama e ele estava me observando.

Deus, aqueles olhos. Aquela boca. Deus.

— Se não posso ter você, me deixe usar as mãos. — Eu parecia desesperada e que estava implorando, principalmente porque eu estava.

Alguma coisa tinha que acontecer, logo. Por isso, passei a língua nos lábios e observei um músculo enrijecer na mandíbula dele, aquilo foi *sexy*. Tão *sexy* que gemi.

Diante do meu gemido, sua voz rouca exigiu:

— Você não está sã, mas jure para mim, agora, Madeleine. Jure que não haverá arrependimentos amanhã.

Meu Deus. Ele estava.... Decidi não perder tempo perguntando e balancei a cabeça freneticamente.

— Nenhum, nadinha.

Tudo estará bem amanhã. Tudo muito bem.

Seu olhar encarou o meu e ele fez isso, tipo, *para sempre*. Assim, por tanto tempo que não conseguia me lembrar de um momento mais longo e sussurrei:

— *Baby*.

Seus olhos se moveram para a minha boca.

— Esta palavra me atravessa como uma faca.

— Isso é bom? — perguntei e seus olhos voltaram para os meus quando me soltou, saindo da cama.

Merda.

Caminhou para a porta.

Merda!

Parou na frente dela, a trancou e caminhou até a mesa.

Oh, Deus. Sim.

Fiquei de joelhos, tirei a saia de debaixo deles para engatinhar até o outro lado da cama e parei na beirada. Ele serviu o chá e só de ver a delicada xícara na mão enorme fiquei excitada ao extremo — não que eu já não estivesse — e quase gozei. Meu corpo inteiro estremeceu quando ele levou a xícara à boca e jogou a cabeça para trás, tomando tudo de uma vez só.

Oh, Deus. Sim.

Colocou a xícara na mesa e se virou para mim.

Deus, oh, Deus, ele é lindo.

Ajoelhei-me novamente na cama com a parte interna das coxas tremendo. Olhei para Apollo e ele retribuiu o meu olhar.

— Você é lindo, Apollo — sussurrei.

Eu o vi passar a língua sobre o lábio inferior, diante dessa visão a minha vagina *estremeceu* e gemi. Diante do meu gemido, Apollo avançou.

Finalmente.

Eu estava de costas na cama com Apollo sobre mim e aquilo era tão bom, incrivelmente *bom*. O melhor era a sua boca na minha e a língua dele na minha boca. Isso não era bom, era *impressionante* e eu queria mais. Ele me fez esperar muito tempo, então pegaria o preço.

Deslizei as mãos sobre o seu suéter e o puxei para cima. Ele interrompeu o contato com a minha boca para se inclinar para trás, levantando os braços. Puxei o suéter e o joguei longe. Apollo se voltou para mim, seus lábios nos meus, as línguas entrelaçadas, então gemi na sua boca enquanto levantava os quadris. Ele me deixou virá-lo, mas suspeito que foi só porque sabia que me moveria junto com ele e eu o fiz. Ele rolou de costas comigo em cima, em seguida interrompeu o contato dos nossos lábios.

No entanto, os meus lábios não romperam o contato com ele. Eu os deslizei para baixo, para o seu pescoço, pela linha da sua garganta, pelo seu peito, pelos sulcos do seu estômago, até o cócs da calça. Ali, interrompi o contato, mas apenas para me erguer por cima dele. Segurei o vestido e o puxei, o *cashmere* deslizando na minha pele de uma forma que fez os meus mamilos doerem e meu clitóris pulsar.

— Deuses — ele resmungou.

Eu estava vestindo nada além da calcinha de cetim verde, um sutiã de cetim bege com fitas verdes e o meu palpite, pelo tom da sua voz, era que ele tinha gostado. Olhei para Apollo, que me encarava com a expressão carregada, os olhos calorosos enquanto eu sentia os meus lábios se curvarem em um sorriso, que o fez dizer “*Deuses*” novamente, mas em um gemido, dessa vez.

Senti aquele gemido entre as minhas pernas e soube que era hora de partir para cima. Então o fiz, saindo da cama. Agarrei a parte de trás do seu joelho e levantei a sua panturrilha. Parada, com uma perna de cada lado, arranquei a sua bota e a meia. Fiz o mesmo com o outro pé e em seguida me movi para ele. Apollo já tinha desabotoado a calça quando envolvi os dedos no cós, puxando-a para baixo. Ele ajudou, erguendo os quadris da cama.

Eu a lancei atrás de mim e subi na cama, rastejando até ele de quatro, os meus olhos focados em um objetivo. E *que* objetivo. Seu pau estava duro, sendo grosso e longo, as veias dilatadas de uma maneira que exigia o deslizar da ponta de uma língua. Era tão grande, tão bonito e estava tão inchado. Eu precisava tê-lo.

Não perdi tempo. Envolvendo a mão em torno dele, levando os lábios até a ponta e tomando-o tão profundamente, o senti no fundo da minha garganta e o meu reflexo de vômito desapareceu, *sumiu*.

— Pelos malditos *deuses* — ele grunhiu, deslizando os dedos de ambas as mãos pelos meus cabelos e curvando-os ao redor do meu couro cabeludo.

Deslizei-o para fora, mas não precisei tomá-lo novamente. Ele ergueu os quadris e o deslizou para dentro.

Sim. Oh, caralho, sim.

Tomei as suas estocadas, gemendo e me movendo contra o seu pau, meu corpo tremendo, meu clitóris latejando e, de repente, o senti se levantar. Suas mãos me seguraram debaixo dos braços e ele me puxou para cima do seu corpo.

— *Baby*, não... — comecei a protestar.

Apollo me virou de costas, deslizou a calcinha pelas minhas pernas e se moveu, de modo que estava de quatro em cima de mim, invertido.

Sim. Oh, maldição, sim.

Levantei as mãos e segurei a sua bunda, usando-a para erguer a cabeça e os ombros para fora da cama enquanto ele abria as minhas coxas. Então, sua boca estava lá. *Lá*. Assim, enquanto eu deslizava a ponta do seu pênis entre os meus lábios, ele mergulhava.

Ele fodeu a minha boca ao mesmo tempo em que a sua saqueava o meu sexo e eu estava pronta, estava prontíssima. Gozei, gemendo contra o seu pênis, apertando a bunda dele, absorvendo os seus impulsos. Foi tão intenso que me dominou por inteiro e empurrei os quadris a contra a sua boca.

Enquanto eu ainda gozava, ele se levantou e me encontrei sozinha na cama. Então, se deitou em cima de mim. Um dos seus braços enganchou por trás do meu joelho, empurrando-o para cima. Seus quadris se encaixaram entre os meus e senti que ele segurava o outro joelho para erguê-lo, então soube que isso seria bom.

Diante disso, tudo o que conseguia ver eram os extraordinários olhos verde-jade encarando os meus. Ele estava lá, bem ali e eu podia senti-lo, mas não estava se entregando para mim. Em vez disso, estava me encarando, como se estivesse esperando a resposta para uma pergunta.

Dei a ele a única resposta que eu tinha.

— Por favor — sussurrei e ele me penetrou.

Meu pescoço se arqueou para trás e meus três membros livres o envolveram e apertaram. Ele enterrou o rosto no meu pescoço e grunhiu:

— Maddie.

Em seguida, empurrou, pressionou e deu uma *estocada* profunda, forte, rápida e rude. Deus, muito profunda com muita força e *incrivelmente* rude. Sua boca veio até a minha e sussurrei:

— Não goze muito rápido, não estou perto de gozar.

— Minha papoula, eu bebi o chá para acompanhar você. Vou permanecer duro a noite toda.

Excelente.

Senti um sorriso aflorar na boca e não fazia ideia se com os meus olhos aconteceu o mesmo, mas eles se fecharam em seguida porque Apollo me beijou tão forte, profundo e rude quanto estava me fodendo. Era brilhante. Tão brilhante que cheguei ao limite novamente e gritei quando a última onda de orgasmo me sacudiu, o grito indo direto para a sua garganta. Momentos depois, ele gemeu durante o seu orgasmo.

Estava deslizando a língua na lateral do seu pescoço quando ele nos virou e me puxou para cima do seu corpo, me posicionando de uma maneira que deixou claro o que ele queria.

— Mas... você ainda está dentro de mim — engasguei enquanto as mãos grandes seguravam os meus quadris e ele me puxava até a sua boca. Minha cabeça arqueou para trás, novamente.

Ele se alimentou vorazmente de mim enquanto eu deslizava as mãos sobre o corpo, rebolando na sua boca. De repente, se tornou demais. Eu não conseguiria aguentar mais do que ele estava fazendo entre as minhas pernas. O ar sobre a minha pele estava queimando dentro de mim; o cabelo, roçando nas minhas costas, estava me deixando louca.

Levantei os braços e puxei o cabelo para cima, segurando-o na nuca, procurando o máximo contato com os lábios e a língua talentosa do Apollo, até mesmo enquanto uma das mãos nos meus quadris me puxava com mais força ainda. Senti uma outra coisa, olhei por cima do ombro e vi a outra mão dele em volta do glorioso pênis, o masturbando.

Oh, Deus. Sério. Quão sexy era isso? Era tão sexy que gemi novamente e arqueei o corpo mais uma vez, gozando. Intensamente. Primorosamente.

Apollo me levantou e colocou de barriga para baixo, sobre a cama. Senti o seu joelho separando as minhas pernas e, ainda no auge do orgasmo mais recente, o ajudei, afastando-as ainda mais. Em seguida, ele estava entre as minhas pernas, levantando os meus quadris. Então, me penetrou e quando estava todo dentro de mim, ergui a cabeça, o cabelo flutuando sobre a pele e gemi:

— *Sim* — enquanto começava a me levantar, apoiada nas mãos.

Não fui muito longe porque, ainda me levantando, senti a mão dele no meio das minhas costas, me empurrando para baixo.

— Não, Maddie, quero apenas o seu belo rabo.

Eu poderia fazer isto. Eu *poderia* e ofereci a minha bunda, empinando-a. Ele a segurou, ainda me fodendo, e senti o dedo molhado deslizando entre as nadeegas, então pressionou o local sensível e foi *fenomenal*.

Gemi enquanto a sensação do orgasmo iminente tomava conta de mim mais uma vez, retribuindo os seus golpes violentamente ao mesmo tempo que ele estocava e pressionava o dedo na minha bunda.

— Lindo, lindo. Maldição, *magnífico* — grunhiu, mergulhou profundamente e ouvi os seus grunhidos se transformarem em um rugido.

Só de ouvir isso, outro orgasmo sobrepujou o que ainda estava tendo. Com os olhos enevoados, ainda estremecendo, diminuindo a intensidade dos movimentos e, mesmo diante disso, enrijecendo novamente, Apollo puxou o pênis para fora. Gentilmente, me virou de costas e me penetrou novamente, deslizando lenta e instantaneamente para dentro, os olhos encarando os meus, os seus lábios exalando um suspiro.

— Mais? — sussurrou.

— Você dá conta? — sussurrei em resposta.

Senti os seus lábios tocarem os meus e estavam sorrindo, assim como os seus olhos. Entre tudo de fabuloso que havíamos acabado de compartilhar, aquela poderia ser a melhor parte.

— Absolutamente — murmurou.

— Então, sim — sussurrei e envolvi as pernas em torno dos seus quadris. — Mais. — Passei os braços ao redor dos seus ombros. — Por favor. — Deslizei a língua ao longo dos lábios dele.

Apollo inclinou a cabeça e os seus lábios capturaram os meus, sua língua duelou com a minha e ele me deu mais.

* * * * *

Pouco depois, eu estava por cima e Apollo dentro de mim. Estava deslizando lentamente para cima e para baixo, o rosto enfiado no pescoço dele, minhas pálpebras fechando. Eu precisava dormir. Tipo, *muito*, mas tinha algo a dizer.

Deslizando para baixo, totalmente preenchida por ele, meu sexo encharcado, assim como o dele, pressionei o rosto no pescoço dele, deslizei a mão até o outro lado e passei o polegar ao longo do queixo com a barba por fazer.

— Obrigada por não me deixar — sussurrei.

Uma das suas mãos descansava levemente, quase de forma casual, na minha bunda. Paradoxalmente, tinha um braço enrolado, possessivamente, no meio das minhas costas. Diante das minhas palavras, ambos *estremecemos* poderosamente.

Não tive tempo para avaliar essa reação porque, com voz baixa e carinhosa, disse:

— Durma, Maddie.

Minha mente levou um momento, de forma meio vaga, para perceber que durante toda a noite ele me chamou apenas de Maddie, Madeleine, minha pomba ou minha papoula e esse

pensamento vago me deixou quente por dentro. Foi quando caí no sono.

Capítulo 09

Um Coração Tão Grande Quanto Golias

Apollo não dormiu.

Maddie estava em cima dele com os joelhos elevados e dobrados na lateral do seu corpo, apoiando um pouco do seu peso enquanto o corpo dele suportava, alegremente, o restante do peso dela. Deslizando os dedos sobre os cabelos macios, sentiu o cheiro cítrico no seu cabelo, o cheiro de lavanda na sua pele, ambos misturados com o aroma de suor e sexo.

Olhou fixamente para o teto escuro, pensando que nunca havia sentido cheiro mais agradável, mas não era o cheiro da Ilsa. Depois que tomava banho, a pele da Ilsa cheirava a rosas e os seus cabelos tinham cheiro de hortelã.

Maddie se mexeu um pouco e o seu pau deslizou naturalmente para fora. Quando o fez, sua semente, misturada com os fluidos dela, escorreu à deriva na junção das suas coxas. Suas essências estavam misturadas, as partes mais íntimas deles unidas, mas continuou a olhar para o teto, pensando que nunca havia sentido nada mais doce.

Além disso, estava imaginando o porquê se sentia assim, considerando a profundidade do amor que tinha por sua esposa. Sem mencionar a profundidade da paixão que compartilhavam na cama. No entanto, nunca havia tido com a Ilsa nada parecido com o que havia tido com a Madeleine na noite passada.

Obviamente, foi o chá de adela. No entanto, *agora*, já não estava sob a influência do chá e esses pensamentos ainda o assaltavam, de forma que achava que cometeu outro erro colossal, que deveria tê-la amordaçado, amarrado na cama e a deixado. Mas não, em vez disso, se aproveitou.

Incentivado, provavelmente, por sua súplica, seduzido por sua beleza e pelo seu toque, despertado após Maddie compartilhar que cuidaria de si mesma, se ele a deixasse... deuses, despertado por tudo isso, ele tinha se aproveitado e não poderia nem mesmo se culpar por perder o controle. Ele estava vacilando, mas não o tinha perdido.

Não, Apollo a quis, desejando-a antes mesmo que Maddie o pressionasse e implorasse. Definitivamente, a quis durante todo o tempo e a fez jurar que não haveria arrependimentos, mas ela estava sob a influência do chá de adela e Apollo conhecia os efeitos dessa bebida. Maddie não sabia o que estava dizendo, mas ele sabia que diria qualquer coisa para ter o que o chá a fazia necessitar.

Apollo deu para ela e se aproveitou ao fazê-lo. Ele não tinha a confiança dela para perder. Se tivesse, havia perdido em Fleuridia, antes de deixá-la. No entanto, se tivesse conquistado alguma confiança desde a sua união — o que era duvidoso — ele a tinha destruído na noite anterior.

Quando os olhos dela se abrissem, ainda naquela manhã, os efeitos do chá teriam diminuído e ela saberia. Maddie o odiaria por isso e ele suspirou com a constatação, fechando os olhos e parando de deslizar os dedos pelos cabelos, para envolver os braços em

torno dela. Estava certo de que isso seria tudo o que obteria, pois quando acordasse, Maddie estaria perdida para ele. Para sempre.

Não haveria como conquistá-la. Apollo tinha passado apenas um dia ao seu lado e a teimosia adorável, até mesmo o mau humor irritante dela, o fez perceber que queria conquistá-la, mais do que antes. Diante da teimosia adorável e a exasperante impertinência, também percebeu que isso seria ainda mais desafiador do que suspeitava anteriormente. O que o fez desejar conquistá-la mais ainda, mas *agora*, seria impossível.

Apollo se surpreendeu diante da intensidade desse sentimento, que caiu com um peso esmagador sobre o seu peito. Contudo, ele tinha uma pomba devastada em suas mãos e, em vez de pensar em uma maneira de restaurá-la, desde o momento em que a levou para o seu mundo, tinha feito nada além de intensificar o seu controle, danificando-a ainda mais.

Abriu os olhos, deslizando as mãos sobre a pele macia e ela, dormindo, aninhou o rosto mais profundamente no pescoço dele, ligeiramente arqueou o torso contra o dele e depois relaxou com um suspiro inconsciente que ele sentiu reverberar no estômago. Foi então que viu o *flash* verde que atravessou o quarto. Um *flash* de aviso.

Diabos.

Apollo sabia o que aquilo significava e também compreendia o porquê ela estava chegando. Foi ela que deixou o chá e essa constatação fez o seu corpo enrijecer. Gentilmente, tirou Madeleine de cima dele, rolou para longe dela e colocou os pés no chão, ao lado da cama. Tinha todos os botões da calça fechados quando a névoa verde começou a rodopiar no quarto. Vestiu o suéter e estava

parado com as mãos nos quadris quando ela se materializou na frente dele, a um metro de distância.

— Fale baixo — ele ordenou imediatamente. — Madeleine está dormindo.

A bruxa olhou para a cama e em seguida para Apollo.

— Madeleine? — perguntou com a voz era baixa, felizmente.

— O nome dela nesse mundo — explicou.

— Madeleine — pronunciou o nome como se o saboreasse na língua. — Aprovo este nome — compartilhou.

Apollo não respondeu porque não se importava se ela aprovava ou não. Maddie aprovava. Na verdade, aprovou com uma vivacidade que era vagamente perturbadora e o nome significava alguma coisa para ela, pois partiu dela e não importava o que a bruxa pensava sobre isso.

— O chá de adela — afirmou e sentiu o seu olhar se intensificar sobre ele. Apollo viu a sombra da bruxa levantar os ombros delicadamente. — Você estava demorando demais.

Estava certo sobre o que deduziu assim que Valentine emitiu o *flash* de aviso, indicando que estava chegando. Ela tinha deixado o chá de adela para Maddie o encontrar e beber. Essa certeza o fez sentir a pele ao redor do pescoço enrijecer e sua voz se tornou apenas um grunhido quando disse:

— Isso foi malicioso e intrigante.

Ele a viu inclinar a cabeça para o lado.

— Você está questionando os resultados?

Ele não respondeu, em vez disso, falou:

— Você não tornou mais fácil o caminho que Madeleine deve seguir.

— *Oh, chéri* ^[15] — a bruxa ronronou. — Não sei *nada* sobre isso.

Apollo lutou contra a vontade de se inclinar ameaçadoramente para ela.

— Em um momento como esse, uma mulher dessa, e você brinca?

— Não fui eu que brinquei na noite passada, Ulfr... — Valentine hesitou e finalizou — *durante cinco horas*.

Apollo continuou lutando para controlar a raiva enquanto vociferava:

— Você olhou?

— Foi seriamente irritante, o seu comportamento cavalheiresco. — Apollo apertou os dentes. — Mas — ela prosseguiu — a sua rendição foi espetacular.

Ele estava perto de perder a luta e advertiu:

— Gostaria que saísse agora, bruxa.

— Calma, *chéri* — Valentine se apressou a falar. — Só fiquei olhando até você a abordar. Tão magnífico foi que saí, deixando vocês apreciarem um ao outro. Esperei o tempo que os efeitos do chá de adela duram. Considerando a sua óbvia — moveu a mão na direção dele — *virilidade*, lhes dei ainda mais tempo. Então, só dei uma checada para ter certeza de que poderia visitá-lo. Na hora em que chequei, o momento de aconchego tinha começado.

Pelo menos, Valentine deu um pouco de privacidade, o que fez Apollo seguir em frente.

— Qual é a razão para você vir até aqui? — perguntou.

A bruxa parou de brincar e não hesitou em responder de maneira cáustica.

— A razão pela qual vim até aqui se resume a avisá-lo que deve parar de ficar brincando e reivindicá-la — sussurrou e sua voz era suave quando avisou: — Se não fizer isso, eu farei.

Apollo sentiu o seu corpo inteiro enrijecer e seu tom de voz era perigoso quando perguntou:

— Perdão?

Ela balançou uma mão na sombra.

— Permiti que você a tivesse porque pensei que conhecia o homem que você era, Ulfr. Um coração tão poderoso quanto Golias. Ainda assim, quando chequei dentro dela, ela estava com o Hans, com o Remi e estava com o *Derrik* — colocou uma nuance significativa quando falou o último nome e continuou. — Quem, posso acrescentar, te seguiu e está no quarto do outro lado do corredor. Apenas um aviso, *chéri*, ele ouviu as suas atividades com — fez uma pausa — a Madeleine, na noite passada, e não está muito satisfeito.

Os olhos do Apollo se viraram para a parede oposta e a bruxa continuou falando.

— O que não estava, nos momentos em que a chequei, era com você.

Apollo olhou novamente para ela enquanto prosseguia.

— Eu deixei que você a tivesse porque acreditei que consertaria as asas quebradas da nossa pequena pomba, mas você não consertou. Nem tentou. Se não fizer isso, irei levá-la de volta

comigo e a deixarei em segurança. O Apollo do meu mundo vai ter muito mais do que uma mão decepada se chegar perto dela.

— Você não vai... — ele respirou fundo e terminou — levá-la.

A bruxa ficou em silêncio, Apollo não.

— Você não vai se intrometer nos nossos assuntos novamente — ordenou e Valentine permaneceu em silêncio. — Você vai parar com as suas maquinações desonestas contra ela — concluiu.

— A partilha do chá de adela com um parceiro é uma bela experiência, a criação de memórias para acalantar e uma proximidade insuperável. Não é uma *maquinação desonesta*.

— Só se você se preocupa e confia no parceiro com quem está compartilhando — rebateu. — E é desonesto quando tomado sem o conhecimento ou dado contra a sua vontade.

— Acho que você se engana em relação a como ela se sente sobre você — Valentine compartilhou.

— Penso que você não prestou atenção o suficiente, enquanto espionava, para saber do quão ciente estou de como ela se sente sobre mim. Além disso, acho que você está enganada.

— Não, *chéri* — ela sussurrou. — Você está muito ciente do quanto ela se esforça para encontrar o equilíbrio em um mundo novo, com uma nova vida, perto de pessoas que se preocupam com ela e não abusam dela ou a negligenciam, algo que ela não tem desde o seu nascimento. De fato, *mon loup*^[16], você está arcando com o ônus disso. No entanto, com um coração tão poderoso quanto Golias, estou contando com a sua perseverança.

Aquele coração sobre o qual ela falou se contraiu diante das suas palavras e ele grunhiu:

— Explique.

— Acho que isso deve vir da nossa *colombe*^[17], você não acha? — Apollo não respondeu, apenas sentiu o corpo dela relaxar enquanto ela perguntava: — Você gostaria de ter notícias de Bellebryn?

— Você tem? — perguntou em resposta.

— É claro, *chéri*.

— Então, as compartilhe — ele exigiu e ouviu o sorriso na voz dela enquanto dizia:

— Não são boas. Devo dizer, não há muitas. Felizmente, os grupos de reconhecimento voltaram, todos intactos. No entanto, sem encontrar qualquer um dos seus alvos, infelizmente.

— Então, Minerva, Baldur e os outros permanecem escondidos — Apollo resmungou, frustrado e preocupado.

— Permanecem — Valentine confirmou. — Imediatamente, Drakkar quis enviar outro grupo de reconhecimento, liderado por ele, mas tivemos uma conversinha e mudou de ideia.

Isso, Apollo não entendeu.

— Frey e os seus homens são muito bons nesse tipo de missão, bruxa.

Ela balançou a cabeça e respondeu:

— Durante a situação em que se encontrava, Frey foi separado do seu amor devido a um ferimento, mas sabia que voltaria para ela. Você vai reparar que Dax Lahn e Noctorno não se ofereceram para tal missão. Quando eles foram separados dos seus amores, não tinham como saber se voltariam a se reencontrar. Então, eles não estão ansiosos para serem separados novamente.

— A bruxa fez uma pausa, que foi pesada. Quando voltou a falar, sua voz era a mesma. — Sugiro que você aprenda com isso.

Apollo não respondeu, pois sabia tudo sobre os assuntos do Frey, do Drakkar e sua Finnie — ao qual a bruxa se referiu —, Dax Lahn e sua Circe, o Príncipe Noctorno e sua Cora.

Ao começar a guerra com Middleland, Frey havia sido gravemente ferido e foi levado pelos elfos até o seu mundo sob o gelo, para ser curado. Finnie não sabia que ele continuava vivo e foi uma tortura para ela, mas Frey sempre soube que voltaria.

A Circe do Lahn havia voltado para o outro mundo, ele enviou um homem para descobrir uma maneira de trazê-la de volta, procurou por meses e a angústia, causada pela possibilidade não encontrar uma solução, o acompanhou enquanto estavam separados.

Minerva havia unido as almas de Tor e Cora ao nascerem, foi uma crueldade inimaginável separá-los e isso trouxe tanto a dor física quanto a emocional. Ambos lutaram com a agonia durante semanas, desesperados, procurando nos seus mundos uma maneira de superaram esse desafio.

Apollo perdeu Ilsa, portanto, ele sabia como isso era, muito pior do que os outros, porque não havia alguma maneira, em qualquer mundo, de recuperá-la.

Seus olhos se moveram para a cama e, antes que pudesse formular um pensamento ou forçar o seu coração a bater sem que a tensão o envolvesse, a bruxa falou outra vez e Apollo olhou novamente para ela.

— Você está ciente de que Lavinia e eu estamos preocupadas que haja coincidências demais ligadas aos nossos

inimigos e aos casais unidos ao longo dos mundos. Dax Lahn e Noctorno levaram isso em conta, eu diria, a cada respiração. Insisto que você lembre disso, em seu relacionamento com Madeleine.

Ele *estava* ciente e de acordo que havia muitas coincidências envolvendo os casais que se encontraram, de universos paralelos, e aqueles que eles temiam conspirar contra a paz e a prosperidade em ambas as terras, do Norte e do Sul, da qual se beneficiavam atualmente.

Eles tinham as suas próprias forças, no entanto. A bruxa mais poderosa de Lunwyn, Lavinia, estava alinhada com a sua luta e tinha se aproximado da Valentine, que por um pagamento, concordou em ajudar — não por coincidência, parte desse substancial pagamento incluía o saco de chá de adela, agora de valor inestimável.

As bruxas formavam uma dupla formidável, mas ainda restava ver se eram mais formidáveis do que o *nosso* adversário.

— Tomei o cuidado de mantê-la segura — Apollo lembrou.

— Por um dia. No resto do tempo, seus homens o fizeram — Valentina lembrou e ele não respondeu, pois não tinha resposta, já que ela estava certa.

O amanhecer começou a forçar o seu caminho através das cortinas, mas o quarto ainda estava, na sua maior parte, envolto nas sombras quando ela declarou:

— Agora, vou te deixar. — Se virou e apontou para a porta. — Você tem coisas com as quais deve lidar do outro lado do corredor.

A névoa verde estava se formando, mas Apollo se dirigiu a ela.

— Tenho o banho e o café da manhã para providenciar à Maddie. Em seguida, abordarei a questão do outro lado do corredor.

A névoa iluminava o quarto e a bruxa, então, ele viu o seu sorriso felino antes de ronronar:

— Aí está o meu Golias.

Apollo não tinha ideia sobre o que ela estava falando e não tinha intenção de perguntar. Mesmo se quisesse, não teria a chance, pois ela desapareceu e quando o fez, Apollo foi até as janelas.

Afastando um pouco a cortina, avaliou os raios do sol e notou que o amanhecer estava mais adiantado do que imaginava. Com um suspiro, soltou a cortina e caminhou até lareira. Retirando a tela, colocou mais lenha e a mexeu, até que estivesse em chamas. Então recolocou a tela e caminhou até a cama, sentou-se sobre ela e envolveu a mão ao redor do pescoço da Maddie.

— Madeleine, minha pomba, acorde — sussurrou, dando um aperto.

Observou os seus olhos piscarem, antes de virar a cabeça sobre o travesseiro e olhar, sonolenta, para ele.

Apollo não deixou de perceber que não viu *ninguém* além da Maddie. Nada. Assim como não sentiu mais nada, apenas ela, na noite anterior. Sua boca no pênis dele. Seu sexo estremecendo ao torno dele. Seus olhos queimando dentro dele. Seu pequeno sorriso inescrutável fazendo o seu pau doer.

Também não sentiu o gosto de mais *nada*, apenas o dela. Não ouviu *nada* além dos seus sussurros, gemidos e gritos. Seus

apelos por mais, ou mais forte, ou mais rápido. Mais nada além disso. Apenas ela. Logo, sentiu o seu pau se contorcer.

— É manhã, já? — sua voz sonolenta perguntou, tirando-o dos seus pensamentos calorosos e ele deu outro aperto.

— Infelizmente, minha papoula. Você tem que se levantar, pois devemos partir.

Ela piscou novamente. Adorável.

Deuses, como desejava ter isso pela próxima hora, pelo dia seguinte, enquanto pudesse ter. Não ser privado disso quando ela tomasse consciência de tudo e entendesse o quanto ele se aproveitou.

— Vou pedir para providenciarem o banho e o café da manhã — falou baixinho. — Me desculpe, mas tem que se preparar para nos colocarmos a caminho. Você pode dormir no trenó.

Maddie se apoiou no antebraço e perguntou:

— Se estiver dormindo, como vou dirigir o trenó?

Ela não precisaria. Para que pudesse descansar, viajaria nele com ela, se permitisse, Apollo o faria. Torment não gostaria de ser atrelado ao trenó, mas o seu cavalo sofreria essa indignidade por ele. Com dois cavalos puxando a carga, viajariam em menor tempo.

— Deixe isso comigo. Agora, levante-se. Vou lhe dar um tempo e estarei de volta.

Maddie piscou mais uma vez e inclinou a cabeça para o lado. Felizmente, a compreensão do egoísmo dele não surgiu e ela balançou a cabeça. Apollo se inclinou e roçou os lábios nos dela. Ao se fastar, ela piscou de novo, os olhos e a pele em volta da boca

relaxados. Apollo sentiu essa suavidade envolver o seu coração, memorizando o seu olhar porque tinha certeza de que era tudo o que tinha.

— Levante, minha papoula — murmurou e Maddie assentiu, então ele a deixou a cama.

Pegou as meias e as botas, calçando-as. Preparou-se para sair do quarto, olhando para ela, na cama. Madeleine estava sentada com as cobertas puxadas até o peito, as ondas e os cachos do cabelo despenteados, emoldurando gloriosamente o seu rosto e caindo suavemente sobre os ombros e o peito. Estava olhando em volta, parecendo confusa. Parecia adorável, também. Algo que, provavelmente, não duraria muito.

Com uma pedra pesando em seu estômago, abriu a porta e saiu do quarto. Seus olhos fixaram a porta do outro lado, mas caminhou pelo corredor e encontrou um servo. Ordenou um banho quente e um café da manhã para Maddie e um para si mesmo em outro cômodo, ordenando que pegassem roupas limpas no baú em seu quarto e finalizou com:

— E quero um rapaz no corredor. Se o homem no quarto em frente ao meu se aproximar da minha porta, quero saber imediatamente.

O servo assentiu e saiu correndo.

Enquanto o observava correr, pensou distraidamente que deveria ter agradecido. Contudo, não pensou mais nisso e continuou a cuidar das coisas.

As preparações da manhã levaram algum tempo, já que a água demorou para aquecer e a hora pareceu se arrastar. Havia

pouca coisa para distraí-lo e não pensar no desagrado que, tinha certeza, encontraria em breve.

Duas vezes.

Então, não pensou em mais *nada* além dos próximos confrontos, exceto quando foi para os estábulos e ordenou que o trenó fosse engatado e os baús carregados. Finalmente, banhado e alimentado, voltou a subir as escadas e viu o jovem rapaz, que acendeu a lareira, do lado de fora da porta dele e da Maddie.

Ergueu o queixo para o menino, que abaixou o dele e correu para as escadas. Apollo foi para a porta oposta e bateu levemente. Em poucos segundos, Derrik abriu a porta e suas roupas estavam amarrotadas, o cabelo em desalinho, os olhos vermelhos.

Ele não tinha dormido e quando viu Apollo, seu rosto enrijeceu e seu olhar se tornou afiado.

— Não demorou muito, irmão — vociferou.

Sim, ele tinha ouvido.

— Precisamos conversar — Apollo disse —, mas não no corredor.

— Há alguma coisa a dizer? — Derrik perguntou acidamente.

— Sim — Apollo respondeu. Torceu o tronco exageradamente e olhou significativamente para a porta atrás dele, antes de voltar os olhos para o amigo —, mas não no corredor.

Derrik olhou para a porta, antes de hesitar e, finalmente, entrou no quarto. Apollo o seguiu, fechando a porta atrás de si. Observou as lamparinas ainda acesas, mas havia apenas brasas na sua lareira. Também observou que a cama estava desarrumada, mas não foi utilizada para dormir. Então voltou a olhar para Derrik.

— Gostaria de explicar o que está fazendo aqui? — perguntou com voz baixa.

Diante das suas palavras, as sobrancelhas do Derrik se ergueram, mas a sua resposta foi rápida.

— Gostaria de explicar o porquê o seu intenso, longo e *sonoro* jogo na cama com a *Maddie*, pelos deuses malditos, pôde ser ouvido por toda a *aldeia*, diabos?

— Nós não vamos falar sobre isso — Apollo disse.

— Não? — Derrik rebateu.

— Não — Apollo falou com firmeza e Derrik o observou.

Em seguida, declarou em tom ameno:

— Deuses, homem, se eu não achasse que iria matá-lo à primeira vista, teria ido até lá unicamente para avisá-lo que as suas atividades poderiam quebrar a cama ou fazê-lo cair de cara no chão — sua voz baixou quando acrescentou: — Ou, talvez, elogiá-lo por sua maldita resistência. — Apollo não disse nada e os olhos do Derrik se estreitaram. — Quantas vezes você a teve?

Apollo permaneceu em silêncio.

— Eu contei doze orgasmos dela, apenas nove seus. Se pudesse contar aos homens, você viraria uma lenda. — Apollo se manteve em silêncio e Derrik perdeu a paciência, também a cortesia. — Pelos sons que você fez quando ela não podia ser ouvida, posso assumir que ela tem muito talento com a boca.

Apollo deixou de permanecer em silêncio.

— Cuidado, irmão — alertou.

Derrik se inclinou em direção ao Apollo e sua voz continha censura.

— Pelos sons que *ela* fez quando *você* não podia ser ouvido, definitivamente, vocês compartilham o mesmo talento. Digame, *irmão*, ela é tão doce quanto promete?

O corpo inteiro do Apollo enrijeceu pela segunda vez naquele dia. Mas, dessa vez, não manteve o mais leve controle sobre os fios que seguravam o seu temperamento.

Derrik era homem, Valentine, mulher. Se Derrik fizesse algo por merecer, Apollo não hesitaria em dar uma lição.

— Cuidado — grunhiu.

— Ela não é a Ilsa — Derrik provocou e Apollo piscou.

O entendimento o atingiu, levando-o a cruzar os braços sobre o peito e dizer calmamente:

— Deuses, irmão, eu sei disso.

Diante disso, Derrik piscou.

— Você... — ele começou.

— Perdi a minha esposa há vários anos — Apollo o interrompeu para dizer. — E cheguei a um acordo com isso apenas quatro meses atrás. A mulher na minha cama é Madeleine.

— Madeleine?

— O nome que ela adotou neste mundo. Um nome escolhido a partir do que você e os homens deram — Apollo explicou e quando Derrik não respondeu, compartilhou: — Ela gosta bastante dele.

Derrik olhou para a parede atrás do Apollo, a dureza saindo do seu rosto. Então olhou para ele novamente.

— Estou apaixonado por ela — admitiu com a voz rouca, sua admissão arrancada de algum lugar profundo.

— Sinto muito — Apollo respondeu e não disse mais nada, porque não havia o que dizer.

Seu amigo poderia amar Madeleine, mas não poderia tê-la, por mais que Apollo o considerasse. Então o rosto de Derrik ficou duro novamente e ele exigiu:

— Me convença que você se importa com ela.

— Isso não é da sua conta — Apollo rebateu e a mandíbula do Derrik se contraiu antes de Apollo concluir. — É da conta dela.

Com isso, a mandíbula dele relaxou. Apollo se importava profundamente com seu amigo, mesmo assim, não tinha tempo para isso.

— Devo lembrá-lo que ela está lá por conta própria.

As costas do Derrik ficaram rígidas.

— Se você a machucar...

Apollo não o deixou terminar.

— Vai ser minha dor para curar.

Derrik insistiu.

— Ela não é...

Diante disso, Apollo falou rapidamente, controlando o seu humor. Um humor que tinha a ver com o fato de que Derrik, mais do que provavelmente, sabia *muito* sobre o que Maddie era ou não enquanto Apollo sabia um pouco de ambos. Ao constatar, Apollo não gostou disso e gostou menos ainda que *ele* mesmo tivesse provocado isso.

— Ela pode ter compartilhado os seus mistérios com você, mas são seus mistérios para compartilhar. Agora, também são os

meus para descobrir.

Eles se encararam, mas não falaram por algum tempo. Apollo ficou impaciente e estava prestes a quebrar o silêncio quando Derrik o fez para anunciar:

— Estou deixando Karsvall e retornando à Casa de Lazarus.

O estômago de Apollo se contraiu diante dessa perda, mas balançou a cabeça e pediu:

— Entendo a sua necessidade, mas peço que continue a cuidar da segurança dos meus filhos em Karsvall, até Madeleine e eu retornarmos.

Derrik levantou uma mão com a palma virada para fora, mesmo que não conseguisse evitar com sucesso que ela tremesse ao ouvir as palavras “Madeleine e eu”, quando murmurou:

— É claro.

Mais uma vez, os homens se encararam e diante da necessidade de encarar o que a Maddie o faria encarar, Apollo desviou o olhar e se moveu até a porta. Ele a abriu, se virou e olhou novamente para o amigo.

— Entendo a sua necessidade de se afastar de Ulfr, Derrik, mas quando isso acontecer, sei que a sua falta será sentida. Então, será recebido de volta se esse desejo retornar ao seu coração.

Derrik não fez qualquer movimento ou ruído, apenas encarou os olhos do Apollo.

Que seja.

Apollo se moveu para sair, mas Derrik finalmente falou:

— Cuide dela.

Mais uma vez, olhou diretamente nos olhos do Derrik e, quando pronunciou as palavras, Derrik o conhecia bem o suficiente

para saber o que eram. Eram um voto.

— Cuidarei.

Apollo o deixou com isso e saiu pela porta, fechando-a atrás de si. Durante o caminho até chegar à sua própria, respirou fundo e se preparou. Então a abriu e entrou no quarto, fixando o olhar em Madeleine, sentada à mesa com uma tigela de mingau intocada à sua frente.

Maddie estava usando um vestido, graças aos Deuses, com um forro vermelho-alaranjado. Ele a via de perfil, mas conseguia ver o capuz largo que caía sobre o seu peito, escondendo a pele sob ele. As mangas eram justas nos braços e a saia longa estava espalhada no chão, ao redor da cadeira. Seus cabelos, assim como na noite anterior, estavam puxados para trás, presos na nuca com uma fita de cetim da mesma cor de um cogumelo.

Normalmente, ela seria uma visão, mas a sua mão segurava uma xícara de café esquecida e o cotovelo estava sobre a mesa. Sua cabeça estava virada para a janela, mas as suas costas estavam inclinadas, para que ela pudesse apoiá-la na mão. Apollo sentiu a garganta se contrair ao testemunhar a pose de derrota.

Fechou a porta e quando ela ouviu o barulho, saltou. Ao dar dois passos para dentro do quarto, Madeleine lentamente se afastou da mesa e voltou o olhar para ele, que parou assim que viu os lindos olhos cheios de lágrimas.

Deuses, *deuses*, ele a tinha magoado mais do que imaginava.

— Madel... — começou, mas ela o interrompeu.

Com voz trêmula, sussurrou:

— Sinto muito — não era o que ele esperava ouvir.

— Perdão?

— Sinto muito, muito mesmo — prosseguiu sussurrando.

— Madeleine.

Ela balançou a cabeça.

— Muito, muito, *muito* mesmo, Apollo.

Ela sentia muito?

— Minha pomba...

— Eu sou egoísta — declarou e ele a encarou. — É uma fraqueza. Egoísta, autoindulgente, imprudente e estúpida.

Não gostando das suas palavras, deu um passo na direção dela, que se recostou na cadeira e ergueu a mão, interrompendo o seu avanço.

— Aquele chá era... — ela começou quando Apollo parou de se mover. — Eu não sei o que ele era, mas você estava tentando ser legal. Tentando cuidar de mim. Tentando ser gentil e eu o forcei porque queria uma coisa e....

De repente, ela olhou para longe, girando o pescoço tão *profundamente*, que só conseguia ver a parte de trás da sua orelha e da cabeça, até que girou o pescoço novamente e ele viu as lágrimas que caíam pelas suas bochechas.

— Como de costume, eu tive o que eu queria, danem-se as consequências — sussurrou de maneira entrecortada e continuou com a voz torturada. — Eu o feri no processo.

Apollo permaneceu onde estava, distante, como a precaução ditava para fazer no estado dela, e perguntou:

— Minha papoula, como *diabos* você me feriu?

— Eu pareço com ela — Maddie informou, sua voz *agora* agonizante e ele finalmente entendeu. — Eu pareço com ela e você

sente falta dela. Me joguei em cima de você e você é homem, em primeiro lugar. O que vai fazer? Recusar uma coisa certa? — Balançou a cabeça. — Não, de jeito nenhum. Ainda mais com alguém que parece exatamente a sua....

Diante disso, Apollo a interrompeu. Caminhou até ela, a levantou da cadeira e passou os braços ao seu redor, puxando-a contra o seu corpo. Desceu a mão até o seu pescoço e o cabelo deslizando para frente o fez fechar o punho, puxando-o para trás enquanto, suavemente, deslizava a sua bochecha contra a dele, ficando com os lábios na orelha dela.

— Eu não fiz amor com a minha esposa, ontem à noite, Madeleine. Fiz amor com você — falou.

— Bem, sim... eu sei. Eu estava lá, mas....

Sua mão apertou o cabelo mais um pouco e ele levantou a cabeça dela para capturar os seus olhos.

— Mas, nada.

Madeleine olhou no fundo dos olhos dele, os seus ainda molhados, e chegou a uma conclusão. A errada.

— Você está apenas sendo gentil.

— Mad....

— Assim como foi gentil o tempo todo.

— Maddie....

— Desde o começo. Exceto aquela vez que você não foi legal, mas foi compreensível.

— Minha pomba, você vai para de falar para eu poder....

— E tenho sido uma cadela. — Apollo fechou a boca.

Maddie precisava desabafar? Então, permitiria. Apollo soube que ela precisava desabafar porque não parou.

— Uma idiota, infantil, egoísta e imprudente *cadela*. — Apollo não respondeu. — Já não era legal, mas a noite passada foi *muito* pior. Foi cruel. Eu sou cruel! — seu tom de voz estava subindo, mas Apollo manteve o silêncio. — Eu sou uma *cadela* idiota, infantil, egoísta, imprudente e *cruel*!

Apollo permaneceu em silêncio e Madeleine também se calou. Depois de algum tempo, os seus olhos rolaram para lá e para cá. Finalmente, encarando os dele.

— *Humm...* por que você está me segurando nos seus braços? — perguntou, hesitante.

— Porque você estava chorando e dizendo coisas loucas, eu queria te consolar e assegurar que estava sendo tola. No entanto, você não ficava quieta e não me deixava falar, não pude assegurar que você estava sendo tola, de modo que só me restou te abraçar em um esforço para consolá-la.

Madeleine olhou para ele por um momento, antes de perguntar:

— Você quer me consolar?

Ele deu outro aperto e respondeu:

— Sim.

— Mas, eu sou uma cadela leviana, cruel e egoísta — lembrou e com esforço Apollo teve sucesso em segurar a risada.

Depois que conseguiu isso, ele declarou:

— Minha pomba, quanto mais tempo passo com você, quanto mais descubro sobre você, mais venho a entender que há muito mais a descobrir. O que descobri é que você é divertida. Espirituosa e consegue ser charmosa. Também consegue ser desagradável. Você consegue ser entediante, ainda. É irritantemente boa em uma

discussão, mas isso significa, simplesmente, que você tem raciocínio rápido, o que não é algo ruim, a menos que alguém se encontre em uma discussão com você.

Maddie piscou de forma cativante e ele concluiu:

— Com certeza, o que você não é: egoísta, imprudente ou cruel.

Ela o observou atentamente, como se o rosto dele pudesse mostrar a veracidade das suas palavras e deve ter lido errado, uma vez que os seus olhos ficaram enevoados novamente.

— Mas, Apollo — começou suavemente, a dor voltando a permear sua voz. — Eu pareço....

Ele deu outro aperto e puxou o seu rosto ainda mais perto.

Sua voz soou como aço quando ele declarou:

— Ilsa se foi, Madeleine. Você está aqui e se parece com ela, de fato. Só que você *não* é ela.

— Mas, você disse que olhar para mim é como sentir um ferro em brasa queimando os seus olhos.

Caramba, ela lembrava das palavras exatas.

— E isso, minha pomba — ele sussurrou — fui *eu* sendo egoísta, imprudente e cruel. Quando te disse essas palavras, eu realmente fui e você... — balançou a cabeça. — Você tinha bebido chá de adela e não estava no controle de si mesma. Isso não é ser egoísta, imprudente ou cruel. Isso é simplesmente o que foi.

— Chá de adela? — perguntou.

— Vou explicar depois — ele disse.

Os olhos dela, de repente, se estreitaram e Apollo quase sorriu. Lá estava ela.

— Você o pediu? — perguntou.

— Conspirações da Valentine — respondeu e os olhos dela se arregalaram, diante disso, ele *realmente* sorriu.

— Ela esteve aqui? — questionou.

— Duas vezes — afirmou.

— *Duas vezes?* — sua voz estava estridente e ele sentiu o sorriso aumentar.

— Duas vezes. Vou explicar isso mais tarde, também.

Ela encarou o seu olhar, o espanto deixando o dela e escuridão começando a preenchê-lo novamente, mas através dela, perguntou, com voz *agora* quase tímida. — Então, você não me odeia?

Apollo a puxou para mais perto e sussurrou:

— Não, minha papoula, não odeio você.

A escuridão recuou e o corpo dela começou a relaxar em seus braços, mas ela não havia terminado o interrogatório.

— Sua papoula?

A mão que ainda estava sobre o cabelo dela puxou o rabo de cavalo por cima do seu ombro e entre os seus rostos. Deslizando o dedão e o dedo indicador juntos, através dos fios macios, capturou um fio como se estivesse procurando por ele, o segurou e olhou novamente para ela.

— A cor das papoulas — falou em voz baixa e passou a dizer abertamente — Ilsa não tinha papoulas no cabelo dela.

A pele em torno da sua boca relaxou e ela perguntou:

— Ela passava muito tempo ao ar livre?

— Ela não gostava de ficar fora de casa.

— Eu gosto — Maddie sussurrou timidamente, mais uma vez, mas dessa vez ele sabia o porquê.

Estava compartilhando algo de si mesma com ele e estava preocupada em como reagiria ao fazer isso. Soltou os cabelos dela e passou os braços ao seu redor, puxando-a para perto novamente.

— Isso me agrada — ele sussurrou em resposta.

Os olhos de Maddie desceram até a boca dele e os pequenos dentes brancos morderam o lábio. Apollo estava tão exultante por essa cena ter sido muito melhor do que imaginava, com os olhos dela na sua boca, que soube que precisaria encerrar e teria que fazer isso imediatamente ou não estariam a caminho por várias horas.

Naquela noite, depois que conversassem, tirariam algum tempo para conhecer um ao outro sem o chá de adela, mas *a gora*, infelizmente, tinham que se colocar a caminho.

— Temos que partir, minha pomba — lembrou e ela ergueu o olhar para o dele.

— Falou.

Com aquela palavra, Apollo soube que estava tudo bem e, novamente, sorriu.

Capítulo 10

Como Ele Valorizou Aquilo

Sentia-me quente e aconchegada, com exceção do nariz, que estava frio, mas tinha algo fazendo cócegas nele. Também sentia uma movimentação ao meu redor. Finalmente, o sol que brilhava contra as minhas pálpebras deslizou pela minha consciência fluorescente e, por um segundo, as coisas não pareciam certas.

Então, lembrei. Eu estava exposta à natureza gelada de Lunwyn, em um trenó com o Apollo. Mais precisamente, estava no trenó do Apollo *com* ele enquanto um enorme cobertor de pele repousava sobre o nosso colo, também estava embrulhada no meu manto, o mesmo da noite anterior.

Depois dos transtornos emocionais da manhã, não tive ânimo para procurar um que combinasse melhor com a minha roupa — a propósito, eu tinha *quatro*. Estava aninhada contra o Apollo, o braço descansando no estômago dele, meu rosto no seu peito e o que estava fazendo cócegas no meu nariz era a pele que forrava o manto *dele*.

Oh, Deus. Eu estava aconchegada no Apollo. *Droga*. Não me mexi ou abri os olhos, em vez disso, fingi que ainda dormia. Fiz isso porque não podia encará-lo, ainda não. Precisava reorganizar as minhas ideias antes de fazer isso, já que ele havia sido legal, durante a manhã, realmente muito doce e muito compreensivo.

Tinha passado todo o tempo, desde que Apollo deixou o quarto, me torturando sobre o que eu fiz, mas a forma como ele agiu

e as coisas que disse me fizeram sentir melhor, completamente. Sobre aquilo. Não negava o fato de que ele foi gentil comigo, do jeito dele, desde que eu cheguei lá, também, que eu vinha sendo uma cadela com ele.

Definitivamente, não negava o fato de que, na noite anterior, havia ferrado com o seu cérebro, que ele tinha ferrado o meu cérebro e tudo isso começou quando me joguei em cima dele. Ficou claro que tudo isso aconteceu porque eu bebi aquele chá, ainda assim, era embaraçoso.

No entanto, Apollo parecia não ter problema com isso, de modo algum. Era quase como se aquilo não tivesse acontecido. Por outro lado, os homens, muitas vezes, conseguiam separar vida do sexo. Acontece e segue em frente. Talvez, algumas mulheres conseguissem também, mas eu não conseguia. Definitivamente, não diante do que fizemos na noite passada.

Deus, eu queimava de humilhação só de pensar nisso.

Eu tive um amante antes do Pol. Então, houve o Pol e ele era bom de cama, na verdade, ótimo. Nunca tivemos problemas com isso. Na verdade, essa foi uma das razões pelas quais, no início, eu mantive alguma esperança. Se ele conseguia ser generoso, às vezes, até mesmo doce e terno na cama, achei que ele poderia e, eventualmente, traria isso para a nossa vida cotidiana.

Até conversei com ele sobre o assunto, só que fiz isso muitas vezes, o que começou a irritá-lo e, por razões óbvias, me esforçava para não irritar o Pol. Então, parei. Ele tomava conta de mim o tempo todo e, uma vez, na época em que eu gostava de pensar que foi quando concebemos a nossa filha, cuidou de duas pessoas de uma só vez.

Quer dizer, cuidou de mim até que comecei a ter que fingir, porque não podia suportar as suas mãos em cima de mim e se ele soubesse disso, iria realmente ficar irritado. No entanto, nunca havia tido nada parecido com o que tive com o Apollo, na noite passada.

A necessidade. O calor. A liberdade. Não pensei em *nada* do que fiz, não estava lúcida, absolutamente. Só fui atrás do que queria. De fato, a verdade era o que Apollo liderou o caminho e eu o segui, completamente, pensando apenas nele e no que estava fazendo com o meu corpo. Nenhuma neurose. Nada, apenas ele e eu, o que eu poderia fazê-lo sentir e o que ele estava me fazendo sentir.

Tinha feito com ele coisas que nunca fiz com Pol, nunca sequer pensei em fazer com *alguém*. Na hora, não me importei. Agora, aquilo me deixava mortificada. Porque eu mal o conhecia.

Não sabia *nada* sobre os limites das relações sexuais nesse mundo, mas, considerando que as mulheres ainda cobriam os seus tornozelos, eu realmente, *realmente* esperava que ele entendesse tudo sobre o que quer que aquele chá fosse, para que, então, não achasse que eu era uma grande prostituta.

— Maddie, você está acordada?

Fiz uma nota mental para lembrar que eu era muito ruim em fingir estar dormindo e percebi que o peso nas minhas costas era seu braço me segurando contra ele, quando me apertou.

— Papoula, você se mexeu. Está acordada?

— Sim — murmurei.

— Venha cá, minha pomba — ele murmurou em resposta e eu não sabia quanto mais “para cá” eu poderia ir, ainda assim, me

endireitei, ergui a cabeça e olhei para ele, que olhava para mim com ternura no olhar.

Já havia visto isso antes, mas tinha sido há tanto tempo e era tão bonito que senti o ar deixar os meus pulmões.

— Como está se sentindo? — perguntou delicadamente.

A verdade era que eu estava dolorida e ainda *meio* cansada. Ferrar a mente de alguém arrancava tudo de mim, mas não compartilhei isso.

— Tudo bem — falei.

— Você está com fome? — perguntou.

Estava, pois não tinha tomado café da manhã. Quer dizer, foi servido, mas não o comi.

— Eu poderia comer — respondi.

— Bom — ele murmurou, olhou para frente e eu também.

Mais uma vez, senti o braço nas minhas costas, que ele não tinha removido. Ainda estava me segurando contra ele e o fazia de uma maneira que demonstrava que não me soltaria. Decidi que isso, provavelmente, tinha a ver com o fato de que ficarmos abraçados era muito mais quente do que ficarmos separados.

Estávamos viajando entre pinheiros, que tinham crescido *bem* distantes uns dos outros, mas ele guiou os cavalos para perto de um deles e fez isso falando:

— Vou cuidar dos cavalos. Desembale os sanduíches, sim?

— Falou — murmurei, seu braço me deu um aperto e não me soltou, então fui aconchegada mais confortavelmente contra o seu corpo.

Ok. O que foi aquilo?

Ele puxou as rédeas e os cavalos pararam. Levando-me junto com ele, se inclinou para frente e as colocou em um gancho na nossa frente, em seguida, se virou para mim, ainda me segurando perto de si.

Olhei para ele bem a tempo de ver a mão enluvada segurar a minha mandíbula e sua cabeça abaixar. Ele roçou os lábios contra os meus, abertos de surpresa, e murmurou:

— Já volto.

Ele ergueu a cabeça para beijar a minha testa e saiu de debaixo da pele para deixar o trenó.

Ok. O que foi aquilo?

Certo, ele tinha sido muito legal, durante a manhã, me abraçando e confortando enquanto eu chorava e pirava. Também tinha sido solícito quando saímos da pousada, oferecendo o braço, me puxando para perto quando o aceitei, envolvendo a mão sobre a minha, no cotovelo dele, caminhando dessa maneira todo o caminho através da pousada e fora dela, quando me acompanhou até o trenó. Não dei um pio quando vi ambos os cavalos atrelados a ele e não falei *nada* quando ele entrou no trenó comigo.

Nós partimos e a nossa maratona de sexo selvagem, a falta de sono e a minha crise de choro, tudo isso desabou em mim. Eu estava fora do ar quinze minutos depois de termos partido, *agora*, ele não estava só sendo muito legal. Estava sendo muito doce e afetuoso. *Muito* afetuoso.

Apollo tinha ido até a parte de trás do trenó e o observei caminhar para frente com as bolsas que continham alimento para os cavalos nas mãos. Decidi que era melhor me apressar porque ele estaria de volta em breve e esperando o seu sanduíche.

Então me inclinei para um canto do trenó, onde havia uma cesta na qual Apollo havia acondicionado o nosso almoço, ontem. Enquanto fazia isso, vi alguma coisa pelo canto do olho. Relanceei o olhar para o lado do trenó e vi um belo coelho com pele cinza e cauda branca se aproximando.

Era tão adorável que fiquei imóvel e sorri. Ele parou, se ergueu nas patas traseiras e emitiu um monte de ruídos. No entanto, na minha cabeça, ouvi:

— Senhora, você tem um pouco de alface?

Continuei imóvel e olhando para o coelho. Ele olhou para a direita, em seguida, novamente para mim e emitiu mais ruídos, mas, na minha cabeça, ouvi:

— Senhora, perguntei se você tem um pouco de alface?

— Esse coelho está falando comigo? — sussurrei para ninguém.

Exceto, é claro, para o coelho.

Ele emitiu mais ruídos, um monte, mas, na minha cabeça ouvi:

— É claro que estou falando com você. Com quem mais eu estaria falando? Agora, você tem alface?

— *Oh*, meu Deus — sussurrei, me levantei, virei e corri para fora do trenó, sobre a neve. Cruzei com Apollo, que estava voltando.

— Maddie, o que houve? — perguntou.

Mas, continuei correndo com dificuldade, pois a neve estava na metade das minhas panturrilhas. Ainda assim, continuei correndo principalmente porque, *diabos*, um coelho estava falando dentro da *minha cabeça*.

— Madeleine! — Apollo gritou e continuei correndo.

Parei de correr porque um braço enlaçou o meu corpo e fui puxada contra um corpo rígido.

— Maddie, o que você viu? — Apollo exigiu saber, a boca contra a minha orelha e estava me arrastando de volta para o trenó.

Eu não queria ir para o trenó. O belo coelho pequeno que podia falar na minha mente estava no trenó. Então empurrei os seus braços, lutando contra o seu aperto enquanto ele continuava me arrastando.

Apolo parou e me inclinei com ele enquanto se abaixava na direção do trenó, procurando por alguma coisa. Ouvi o silvo do aço e fui balançada suavemente. Novamente, Apollo falou no meu ouvido:

— O que você viu?

Retorci-me em seu braço e olhei para o rosto desconfiado.

— Será que o chá faz *a gente* ter alucinações? — perguntei e suas sobrancelhas se ergueram.

— Perdão?

Coloquei as mãos no seu peito e me segurei, ficando na ponta dos pés, sobre a neve.

— Aquele chá, Apollo, *aquele chá*. Ele faz você ter alucinações?

— Para homens e mulheres, aumenta significativamente o desejo sexual e melhora, ainda mais significativamente, a excitação. Para os homens, aumenta o fluxo sanguíneo e a resistência — finalmente respondeu.

Isso era interessante, muito interessante, mas não respondia a minha pergunta. Então, ele respondeu a minha pergunta:

— Nunca ouvi falar que causava alucinações.

Merda!

De repente, estava cara a cara comigo.

— Maddie, minha pomba, *o que você viu?*

— Um coelho.

Ele levantou a cabeça abruptamente.

— O quê?

— Eu vi um coelho — falei.

Ele olhou para mim como se quisesse tirar a minha temperatura ou, mais provavelmente, me fazer passar por uma bateria completa de testes psicológicos — se tivessem esse tipo de coisa nesse mundo.

Então, cautelosamente perguntou:

— Você tem medo de coelhos?

— Não — respondi. — Eu tenho medo de coelhos — fiquei na ponta dos pés novamente — que *falam dentro da minha cabeça*.

De repente, ele relaxou e seus olhos brilharam com diversão ao mesmo tempo em que as suas feições suavizaram. Também manteve o aperto sobre mim, mesmo enquanto se virava e jogava a espada no assento do trenó. Então se virou para mim, levou a mão até a lateral do meu pescoço e abaixou o rosto novamente.

— Tudo bem, papoula, acredito que todas as três outras mulheres do seu mundo tiveram essa mesma reação e, infelizmente, não mencionei isso para você. Embora, devo admitir, que estou um pouco surpreso por isso não ter acontecido ao longo da sua viagem.

— Essa mesma reação a quê? — perguntei e não esperei que ele respondesse. Fiz outra pergunta. — O que não aconteceu ao longo da minha viagem?

— Essa mesma reação ao fato de que, em nosso mundo, os animais podem falar com você.

— *O quê?* — exclamei com os olhos arregalados e, em troca, os seus olhos se tornaram calorosos, mas ainda continham humor.

— Eles falam com você.

Não disse *nada*, só fiquei olhando para ele.

— Nem todos — ele manteve o fluxo de informações — mas muitos deles. Ambos os sexos não entendem as mesmas criaturas. Por exemplo, como homem, posso entender algumas delas: cavalos, lobos e cobras. Você, como mulher, será capaz de compreender coelhos, gatos e ratos.

Ok, pensando nisso, essa coisa de falar com animais não era uma grande surpresa, embora ainda me assustasse. Parei de me sentir surpresa com várias coisas que aconteciam ao meu redor, uma vez que cheguei nesse mundo. Claro, quando um coelho falou na minha cabeça, me senti em choque, de imediato. No entanto, sabendo que era uma coisa desse outro mundo, bem... era isso.

Mesmo assim, ao descobrir essas nuances, franzi o cenho e perguntei:

— Por que os caras conseguem falar com os animais mais legais? Quer dizer, os coelhos são bonitinhos e não tenho dúvida, gatos são interessantes, mas quem realmente se interessa com o que um rato tem a dizer? Sem querer ofender os ratos, é claro — me apressei a dizer, apenas no caso de algum estar por perto e

poder me ouvir. — Agora, não gosto de cobras tanto assim, mas aposto que ficaria interessada no que uma cobra tem a dizer.

Por um momento, ele só me observou. Então jogou a cabeça para trás, a mão que estava no meu pescoço deslizando para se juntar ao outro braço que me envolvia, ambos balançando quando começou a rir. Eu nunca o tinha visto gargalhar. Era fascinante e surpreendentemente não era nada parecida com a do Pol.

Claro, parecia com a gargalhada do Pol, mas ele nunca riu com essa genuinidade profunda, que parecia se derramar sobre a pele de uma forma calorosa e feliz, como a do Apollo fazia. Ele ficou sério, um pouco, seu grande corpo ainda tremendo porque estava rindo e continuou me abraçando enquanto olhava para mim.

— Se nos depararmos com uma cobra, vou atuar como intérprete — ele ofereceu.

Esperava que não acabássemos encontrando uma cobra, já que não menti, realmente não gostava muito delas. Mesmo assim, falei:

— Legal.

Apollo sorriu para mim e olhei para ele. Deus, era lindo e eu não sabia como isso era possível, mesmo sendo tão semelhante ao Pol, era bonito de uma maneira que não era nada parecida com o seu gêmeo.

— Então, superou o seu medo? Podemos comer? — perguntou.

Não tinha superado o meu medo. Ainda estava pirando com o fato de que animais podiam falar comigo nesse mundo, mas não estava mais tentada a sair correndo pela neve.

— Podemos comer — murmurei e ele me soltou, mas, apenas para me guiar até o trenó.

Peguei a cesta e quando me virei com os nossos sanduíches, ele tinha colocado a espada na bainha e estava sentado no banco, debaixo das peles, a beirada levantada para mim. Entreguei o sanduíche dele, me acomodei e joguei a pele em cima do meu colo. Desembrulhei o guardanapo de musselina que envolvia o meu sanduíche e dei uma mordida.

A carne fria estava longe de ser tão saborosa quanto a que o pessoal do Apollo fornecia, mas, não havia mais *nada*, nem condimentos, apenas uma carne terrível, na maior parte, e um pão meio amanhecido.

Eca.

— Estaremos em Vasterhague logo após o anoitecer. Ao contrário de ontem à noite, poderemos escolher e vou levá-la para um belo jantar.

Meus olhos deslizaram para os dele, eu os vi sobre mim e, meu palpite sobre o seu comentário era que ele sabia que eu não tinha gostado muito do sanduíche.

— Está bom — assegurei, levantando o sanduíche estupidamente para indicar que estava falando sobre ele, algo que ele tinha que saber.

— É um lixo — rebateu, sorrindo para mim e mordendo o dele.

Retribuí com um sorriso hesitante e voltei a atenção para a minha comida, para desviar dele. Mantive a atenção afastada, mas, depois que havia comido metade do sanduíche, me ocorreu que, no dia anterior, eu o tinha ignorado. *Hoje*, estava tentando não ser uma

cadela estúpida, egoísta, infantil ou boba, mas, ainda assim, eu o estava ignorando novamente. Claro, por razões diferentes, mas não era legal.

Então levantei os olhos para a paisagem e perguntei:

— Há mais alguma coisa louca, tipo, além de animais falarem com pessoas, que eu deveria saber sobre esse mundo?

— Você já sabe sobre os dragões e os elfos? — Deslizei o olhar para ele, mastigando e assentindo. — Sei que você sabe sobre a nossa magia — ele continuou e me mantive mastigando quando balancei a cabeça.

Seus belos olhos encararam os meus e ele retomou a apresentação.

— Verdade seja dita, papoula, a partir do que aprendi com a Finnie, o nosso mundo é muito mais simples do que o seu mundo. Seu mundo parece muito complicado. E, baseado nas descrições dela, não tenho intenção de ofendê-la com estas palavras, mas, o meu mundo parece menos apressado que o seu mundo, a terra menos molestada, o ar menos poluído e pesado, portanto, ele é muito mais atraente.

Olhei para a paisagem. Fora as pegadas do coelho, a neve estava intocada. Pinheiros verdes brilhavam contra o branco e o azul intenso do céu, tufo de neve pousados nos ramos grossos das árvores, pesados e fofos. O ar estava sereno e não havia *nenhum* barulho. Nada de aviões sobre as nossas cabeças, trilhos de trem, nada de carros, ou estradas, ou *outdoors*. Realmente, parecia um cartão de Natal ou a visão de um filme de férias animadas tomando vida, não uma coisa real. No entanto, era real e extraordinário.

— Acho que você está certo — concordei em voz baixa, dando outra mordida do sanduíche.

Nesse momento, vi o seu guardanapo de musselina voar e aterrissar na cesta aberta. Virei os olhos para ele e o vi alcançar o *odre*^[18] com água, pendurado em outro gancho na frente do trenó. Estupidamente, o observei se sentar, inclinar a cabeça e beber. Ainda mais stupidamente, já que podia ver a parte de cima da garganta dele subindo e descendo enquanto bebia, pois tive os meus lábios — e a língua — naquele pescoço e gostei.

Fitei Apollo, fascinada. O suéter de gola alta que estava usando hoje era de um verde floresta, não menos espetacular do que o do dia anterior, exceto pelo fato de que a cor fazia coisas incríveis com os seus olhos.

A calça, notei *hoje* de manhã, era de outro tom de marrom-escuro, mas, essa tinha um pedaço grande de couro marrom mais escuro, costurado na totalidade das costuras, até mesmo na virilha.

Diante desse pensamento, trouxe à minha mente uma parte dele na qual prestei uma boa dose de atenção na noite passada, mas essa parte não era a sua garganta e ele a tinha usado brilhantemente em mim, várias vezes.

Todos esses pensamentos fizeram os meus seios incharem, a minha respiração acelerar e esvaziaram minha mente de tudo, exceto dele.

O que significava que, quando abaixou o queixo e seu olhar se moveu para mim, ele focou o olhar em meu rosto. Um olhar no qual eu comunicava pensamentos que não estavam escondidos

enquanto os seus olhos, instantaneamente, ficavam enevoados e sua mão envolvia a minha nuca, me puxando para si.

Os olhos enevoados e a mão dele me puxando para perto fizeram o meu clitóris pulsar e eu estava tão focada nesse sentimento inebriante que, quando ele se inclinou para mim, os seus lábios roçaram a minha bochecha e deslizaram sobre ela até que a sua boca estivesse no meu ouvido, ao passo que não movi um músculo.

Em seguida, contra a minha orelha, ele grunhiu:

— Você tem que parar de olhar para mim dessa maneira, papoula. Se não fizer isso, vou cobrir o chão deste trenó com essa pele e tomá-la no frio.

Oh, Deus. Eu queria isso. *Oh*, *Deus*, o que estava acontecendo?

— E, por necessidade, seria apressado — ele prosseguiu. — Estou muito ansioso para me familiarizar novamente com o seu gosto e com essa sua bela bunda, hoje à noite. Quero demorar bastante tempo fazendo isso. Então, quanto mais cedo chegarmos à Vasterhague, mais tempo teremos.

Ok. O que estava acontecendo?

Apollo se afastou de mim, mas o calor não tinha deixado os seus olhos, por isso, continuei a olhar estupidamente para eles.

— Sim? — perguntou.

— *Humm...* sim — forcei-me a falar. — Ok.

— Ok — sussurrou e se inclinou, tocando um dos meus olhos com os seus lábios, depois tocou o outro e isso foi tão doce que a minha barriga aqueceu. Se afastando, continuou. — Termine o seu sanduíche, papoula. Vou verificar os cavalos e partiremos.

Diante disso, forcei-me a acenar com a cabeça e ele sorriu para mim. Mordi o lábio e observei os seus ombros enquanto ele saía do trenó. Apollo tinha ombros maravilhosos. Largos e poderosos. Eu sabia que, sob todas aquelas roupas, eram primorosamente musculosos.

Oh, Deus.

Voltei a atenção para o meu sanduíche e descobri, depois de algumas mordidas, que a minha boca seca não aguentava mais. Eu o embrulhei na musselina, o joguei na cesta e a fechei. A essa altura, Apollo já tinha verificado os cavalos e estava voltando para o trenó, por isso, deslizei sobre o banco e não ficaria tão perto dele.

Distância seria uma coisa boa. Eu conseguiria me controlar se ele não estivesse sentado tão perto. Ficar muito perto seria ruim. Quero dizer, em várias circunstâncias, era bom, bom demais. Mas, naquele momento, também era ruim. *Muito* ruim. Apollo entrou no trenó, agarrou as rédeas e se sentou, puxando as peles sobre o colo. Estalou a língua, sacudiu as rédeas e lá fomos nós.

Ok. Colocando a cabeça no lugar, aparentemente, Apollo achava que, ontem à noite, tínhamos quebrado o gelo. Então, em vez disso acontecer, ele ser legal e deixar para trás, achava que o nosso relacionamento havia mudado e eu não poderia dizer que não estava bem com isso.

Na verdade, depois da noite passada e a maneira como ele estava agindo *hoje*, eu estava *muito* bem com isso, mas sabia que não deveria estar. As coisas entre nós eram estranhas e complicadas. Ele me disse que fez amor comigo ontem à noite, não com sua esposa morta, e acreditei nele.

Acreditei nele por causa da maneira como disse e a forma como se comportou comigo. Além disso, lembrei-me de cada minuto da noite passada e ele não tinha escorregado nem uma vez e me chamado de Ilsa ou “minha beleza”. Só usou os nomes pelos quais me chamava. Por isso, era apenas eu para ele. Quanto a ele, não pensei no Pol, nem mesmo uma única vez. Então, era apenas ele para mim.

Só tínhamos estado na presença um do outro, eu contei, seis vezes. Se contasse o jantar desconfortável, só tivemos meio que um tipo de encontro e esse encontro passou longe de ser bom. Logo, essa mudança não era certa. Ou, se não exatamente certa, foi muito rápida.

O trenó deslizava sobre a neve e eu mordia o lábio enquanto isso. Apertei os lábios quando o braço dele se moveu ao longo das costas do assento, me envolvendo e me puxando sobre o assento para perto dele. Sem demora, uma vez que me tinha próxima, se curvou para mim.

Oh, Jesus.

— Apollo? — chamei.

— Sim, minha pomba — murmurou.

Deus, sério, ele me chamar de “minha pomba” era absolutamente adorável.

— *Humm...* nós somos, nós temos...

Basta desembuchar e falar com ele sobre isso, Ils... merda, Madeleine!

Respirei fundo e perguntei:

— O estado da situação entre nós mudou?

Sua voz profunda soou confusa quando perguntou em resposta:

— O estado da nossa situação?

Criei coragem. Inclinei a cabeça para trás, a fim de olhar para ele, notando que já estava olhando para mim. Sim, era confuso.

— Você parece, quero dizer... — Respirei profundamente. — Você está sendo muito carinhoso.

Sua cabeça se inclinou para o lado.

— Isso te incomoda?

— Tivemos, *humm...* meio que uma briga ontem e, é claro, no dia anterior e, bem, o jantar não foi uma....

Seus olhos começaram a se tornar calorosos e calei a boca, portanto, ele pôde dizer:

— Nós não estávamos brigando na noite passada.

Nós, absolutamente, não estávamos.

— Não — concordei, sem fôlego.

— E gostei muito da noite passada.

Eu havia sentido isso. Ainda assim, era bom ele confirmar.

— Bom — ainda estava falando de maneira ofegante.

Apollo me puxou um pouco mais para perto até ficarmos quase cara a cara. Quer dizer, quase cara a cara com os nossos rostos a cerca de um centímetro de distância.

— O chá de adela — começou com a voz mais profunda e mais calorosa do que o normal e isso foi um golpe duplo. — Vem da árvore adela. Já explicaram para você sobre os deuses do meu mundo?

Assenti, pois sabia tudo sobre os seus deuses e o fato de que havia um monte deles.

— Gaston me contou — disse e Apollo assentiu em resposta.

— Então, você sabe que Adele é a deusa do amor, que ela criou essas árvores. Da casca dessas árvores, se forem pegas e infundidas com água, é que faz o chá de adela. Elas têm muitos usos e são sagrados. O chá é um desses usos. Entende-se que a deusa Adele o criou para melhorar a conexão física, juntamente com a ligação emocional, que deve existir entre os amantes. Ele funciona como já expliquei antes, mas também acaba com as inibições.

Oh, certamente fazia isso.

Seu braço me deu um aperto antes de continuar a explicar.

— Mesmo que não percebamos isso, certas coisas na nossa cabeça podem erguer barreiras para desfrutarmos de diversas maneiras, inclusive na cama. Com essas barreiras afastadas, os amantes podem entender melhor uns aos outros. O que dá prazer, onde tocar para se sentirem melhores, os cheiros, os ruídos, o gosto, o que melhora a gratificação.

Certamente, fazia isso também. Apollo não havia terminado.

— E, através das relações futuras, a compreensão de tudo isso nunca será perdida, mesmo que o chá não seja consumido. Por isso, continua a deixar a relação mais intensa, mais profunda, uma bela experiência cada vez que você se envolve.

Oh, Jesus. Isso parecia incrível.

Ele prosseguiu.

— Se há uma conexão emocional, ou uma conexão que está se construindo, serve para melhorar tudo isso também, mais precisamente, a confiança.

Seu rosto se aproximou mais do meu, assim, ele estava agora a apenas meio centímetro de distância e minha respiração ficou presa.

— Entre outras coisas, sinto que é o que tem feito por nós, minha papoula. Você tem que admitir, independentemente das circunstâncias incomuns que nos uniram, que não iríamos discutir com tanto ardor se não houvesse alguma ligação emocional para alimentar essa paixão.

Isso fazia sentido, é claro, mas *havia* uma história anterior, para nós dois, o que podia ser a causa da referida “paixão”. Então, comecei a protestar.

— Mas...

Ele sabia o teor do meu protesto porque os seus olhos ficaram um pouco duros e declarou:

— Não é sobre *e/le* para você e não é sobre *ela* para mim. Nós dois sabemos disso. Eles não estavam lá ontem à noite.

— Não, não estavam — sussurrei e a dureza desapareceu dos seus olhos.

— Eles estavam entre nós, Maddie. *Estavam*. Ontem à noite, com o chá e a maneira como você se entregou para mim tão livremente, tão magnificamente. Como eu valorizei isso, *agora*, eles se foram.

Ok. Merda. Como ele valorizou aquilo? Eu gostei disso. Gostei muito, mas....

— Ok, entendo — falei. — Se esse é o caso, se estamos, *hummm...* melhorando a relação, talvez devêssemos fazer isso lentamente.

Sua cabeça recuou um pouco, em seguida, sua mão deslizou até a minha nuca. Puxou o meu rosto até o pescoço dele enquanto começava a rir. Eu não estava exatamente certa do que era tão engraçado, mas antes que eu pudesse perguntar, seus dedos seguraram cuidadosamente o meu rabo de cavalo, ele o puxou um pouco para trás e sua boca encontrou a minha com um beijo de boca fechada, duro, antes de recuar minimamente.

— Você acha, pomba, que pode me dar a abundância e a beleza da noite passada e me fazer esperar para ter você de novo?
— *Humm*. — Vou responder a isso — falou, com os olhos ainda iluminados pelo humor. — Não pode.

— *Humm...* bem.

— Madeleine, da maneira como está olhando para mim, é muito claro que você não quer.

Tinha que admitir, ele não estava errado sobre isso. Então, comecei a morder o lábio e seus olhos desceram até ele, em seguida, o vi sorrir. Aquele sorriso se tornou caloroso quando declarou:

— Vou lhe fazer uma promessa. Hoje à noite, iremos mais devagar e serei mais cuidadoso. Que tal isso?

Apollo sendo lento e cuidadoso. Merda. Meu clitóris estava pulsando novamente.

— *Humm...* ok.

Ele sorriu mais uma vez, se inclinou, encostou a sua boca na minha novamente e finalmente se sentou, retirando a mão dos meus cabelos para envolver as minhas costas e me abraçar com força, sim... *novamente*.

Ok. Acabei de concordar em iniciar um relacionamento sexual... não, a *aprofundar* um relacionamento com o Apollo desse mundo?

Acho que sim. Certo. Merda.

Capítulo 11

Chegando Lá

Observei a porta se fechar atrás do Apollo e, atordoada, me virei e olhei para os meus baús. *Baús*. Sim, havia três.

Fui com apenas um baú, preenchido com as coisas que levei de Fleuridia, e somente um havia sido levado até o quarto, ontem à noite. Eu não tinha verificado o que foi embalado atrás de nós, sob a lona verde de seda do nosso trenó, mas *agora*, para a minha surpresa, eu tinha três.

Estávamos em Vasterhague, que era muito maior do que o que vilarejo em que ficamos na noite anterior. Na verdade, era tão grande quanto uma cidade pequena. Quando os rapazes estavam me levando para Lunwyn, nós ficamos lá e eles me falaram muito sobre ela.

No entanto, enquanto Apollo conduzia o trenó, direcionando a nossa conversa para algum assunto muito mais confortável, me falou sobre ela, também. Como precisava manter a conversa em um nível mais confortável e já que ele parecia disposto a compartilhar isso comigo, não disse que já sabia muito do que ele tinha a dizer.

O que consistia no fato de que Vasterhague era uma espécie de posto comercial cosmopolita. Situada equidistante de duas grandes cidades portuárias, tinha grandes armazéns nos limites externos onde a mercadoria era entregue pelos navios e distribuída. Devido a isso, havia uma intensa atividade, comerciantes iam até lá para vender os seus produtos, compradores iam até lá para fazer

negócios, trenós de entregadores iam para lá para pegar os carregamentos. Naturalmente, uma variedade de outras coisas havia se desenvolvido em torno dela.

Fora os armazéns, as quatro longas fileiras de enormes estufas foram construídas um pouco afastadas da cidade, o resto parecia com qualquer outra aldeia dormente que já tinha visto em Lunwyn. Havia edifícios muito mais altos, maiores e mais grandiosos, porém, a sensação era de simplicidade rústica. Talvez mais elegante do que as outras aldeias, ainda assim, rústica. Acolhedora.

Draven falou sobre as estufas — assim como Apollo — e sua existência fazia sentido. Nessa paisagem congelada, elas eram essenciais. Mantinham árvores frutíferas, videiras e hortas que eram forçadas a crescer durante grande parte do ano — três quartos dele! — na qual Lunwyn estava sob a neve.

Apollo tinha me contado o que Draven não contou, que as estufas de Vasterhague eram uma pequena amostra. Através de Lunwyn, havia acres e acres delas, espalhadas por todo o país — e ele, não surpreendentemente, possuía dois desses “empreendimentos”. Muitos dos cidadãos mais ricos, com grandes casas e dinheiro suficiente para ter funcionários, também tinham suas próprias pequenas — e grandes — estufas para suprir as suas residências, bem como aqueles que viviam em torno delas.

— Tenho estufas em todas as minhas casas — ele disse.

Esse comentário me fez olhar para ele e perguntar:

— Quantas casas você tem?

— Quatro em Lunwyn — falou olhando para a paisagem, em seguida, olhou para mim. — Além de apartamentos em Bellebryn, a

casa onde se hospedou em Fleuridia, uma residência urbana em Benies e há o meu castelo em Hawkvale.

Oh. Castelo?

— Você tem um castelo? — perguntei e por alguma razão esta questão o fez franzir o cenho.

— Sim, claro. Você não ficou nele quando viajou através de Vale?

— *Humm...* não — respondi.

Isso fez com que ele contraísse a boca e olhasse novamente para a planície nevada enquanto murmurava:

— Curioso, pois estava no seu caminho.

Ele disse “curioso”, mas estava começando a ter a sensação de que não estava curioso sobre isso. Estava irritado, só não sabia o porquê. Também não sabia o porquê os *caras* não me levaram para lá, assim, definitivamente, fiquei curiosa. Embora, já que pareceu irritado, não tenha insistido no assunto.

Ao entrar na cidade, Apollo me falou outra coisa que os *caras* não tinham contado. Foi apontando o enorme armazém — que eu podia dizer, era o maior da fileira —, informando que era dele.

— Parece que contém muitas joias e peles — mencionei, olhando para Apollo enquanto deslizávamos pela pista incrustada de gelo, que levava até a cidade.

— Posso não ter mencionado que também comercializo madeira — respondeu em um murmúrio, um comentário que me fez olhar para ele novamente.

— Portanto, em outras palavras, você é endinheirado. — Ele desviou o olhar da pista para mim. — Endinheirado?

— Endinheirado — repeti. — Assim, tipo, muito rico.

Apollo sorriu e me deu mais um aperto enquanto olhava novamente para a trilha e confirmava:

— De fato. Sou *endinheirado* — a maneira discreta e humilde com a qual disse isso me fez rir, o que me garantiu outro aperto.

Absorvi o movimento e a animação da cidade — definitivamente, havia mais atividade lá do que nas aldeias apáticas — enquanto Apollo nos levava diretamente para Treeburn Lodge, onde Derrik e os *caras* me levaram na última vez em que estive nessa cidade.

Treeburn Lodge era, de longe, a maior e mais elegante de todas as estalagens em que eu havia ficado em Vasterhague, mas ainda rústica. Também sabia que tinha quartos maiores e muito mais agradáveis do que o quarto no qual ficamos ontem à noite, além de ter camas maiores e muito mais confortáveis.

No minuto em que esse pensamento atingiu a minha mente, o expulsei. Eu necessitava superar o próximo minuto, então o próximo, fazendo isso sem hiperventilar ou, possivelmente, ter um orgasmo espontâneo.

Quando fizemos o *check-in*, Apollo solicitou o mesmo que Derrik havia pedido, a “suíte”. Era uma suíte porque tinha uma pequena sala de estar, um quarto grande, um pequeno banheiro e um aposento menor, onde ficava a pavorosa *latrina*. Pelo menos, esse último proporcionava a sensação de ser um banheiro, o que não era muito, mas já era alguma coisa.

Também pediu que “Lady Madeleine” tivesse vinho para beber e água para se refrescar e que “todos os nossos baús” fossem entregues o mais rápido possível em nossa suíte. Gostei de “Lady Madeleine”, era bastante impressionante. Só não tinha certeza

se gostava mais disso do que de “Lady Ulfr”. Diante desse pensamento, soube que estava em apuros porque não era só o Apollo conduzindo tudo muito rápido, meu cérebro estava encarando isso em uma velocidade ultrarrápida.

Apollo me guiou até a nossa suíte e quando o vinho chegou, serviu uma taça para mim, mas não uma taça para si mesmo. Explicou que estaria “se preparando para o jantar” em outro lugar e quando os baús foram entregues, também aproveitou para me esclarecer:

— As roupas que você adquiriu em Lunwyn eram para a viagem através desta terra, mas um guarda-roupa condizente com uma dama da minha Casa foi criado para você, incluindo vestes para uma variedade de ocasiões, bem como para usar durante a viagem em diferentes países. — Indicou os baús com um movimento de mão. — Como vamos para Bellebryn, esses baús adicionais incluem trajes adequados para lá e para Vale, assim como mais alguns trajes para usar enquanto estiver aqui.

Apollo se aproximou enquanto eu olhava para ele e ergueu a mão para segurar o meu pescoço, abaixando o rosto.

— Essa noite, vou levá-la para jantar no *O Javali*, mas não se engane por causa do nome. Começou como um *pub* simples, que serve comida excelente. Ao longo dos anos, a sua reputação se espalhou largamente. Então, cresceu e *agora* é um lugar requisitado, muitos percorrem longas distâncias para chegar. Pessoas realizam casamentos lá. Ocasiões especiais são comemoradas lá também — fez uma pausa. — As pessoas se arrumam quando vão lá.

Tive uma ideia do que isso significava, foi legal da parte dele me avisar e eu estava feliz por ter mais dois baús porque, embora

as roupas que adquiri em Lunwyn fossem fabulosas, elas não eram o que usaria quando precisava “me arrumar”.

Apollo explicou melhor o que queria dizer ao afirmar:

— Você não precisa se arrumar como se estivesse indo para um baile ou um Gales, trajes de viagem não são apropriados.

Eu sabia o que era “Gales”, os *caras* me contaram. Em essência, era um baile, só não sabia o porquê ele fez essa distinção. Também não perguntei, apenas balancei a cabeça e murmurei:

— Entendi.

Apollo sorriu, se inclinou e tocou os seus lábios nos meus e tinha se afastado poucos centímetros quando disse:

— Vou lhe dar algum tempo e depois iremos jantar.

Balancei a cabeça novamente.

A mão do Apollo no meu pescoço deu um leve aperto e ele partiu. Como eu disse, depois que saiu, olhei para os meus baús, no plural, maravilhada com outro *show* de generosidade da parte dele. Contudo, eu estava quase enlouquecendo porque teríamos o nosso primeiro e autêntico encontro.

— Puta merda — murmurei.

Sem pensar mais nisso, parti para a importante tarefa. Deixei a taça de vinho de lado, me ajoelhei e abri o primeiro baú, que estava repleto de trajes apropriados para Bellebryn. Sabia disso porque eram de tecido mais leve e no mesmo estilo que as mulheres usavam em Vale.

Queria explorá-lo, mas não o fiz porque tinha um encontro e precisava me preparar. No entanto, tinha que admitir: estava animada, também estava ansiosa e quase em pânico. Por isso,

precisava livrar a minha mente do pânico e qual a melhor maneira de fazer isso, do que me arrumando? Então, fechei aquele baú e abri o próximo.

Apollo estava certo.

Rapidamente e sem fôlego, tirando as roupas do baú, descobri que o conteúdo cuidadosamente embalado não só incluía uma variedade de vestidos adoráveis, que eram muito parecidos com o que eu estava vestindo, mas quentes e funcionais. Também incluía outra capa, essa era de couro tingido de preto do lado de fora, uma espessa e longa pele prateada com alguns tufo de pelo preto por dentro. Por último, incluía quatro vestidos de baile – *quatro* – todos graciosos, sofisticados, bem cortados e deslumbrantes. Contudo, foram os vestidos que não eram para uso diário, nem para viagem, que chamaram a minha atenção e me fixei em um.

Era um vestido de malha com decote quadrado, o corpete e a parte de cima das mangas em um tom fabuloso de lilás, pálido. Sob os seios e mais para baixo, ao longo dos quadris, se unindo em um ponto, na frente e nas costas, bem como do cotovelo ao pulso e nas mangas era de um roxo profundo, divino, feito de camurça macia. Nas laterais, do meio da coxa até a barra, onde a bainha alcançava os meus calcanhares, na parte de trás, fluía em uma linha fina, mas elegante, mais tecido feito de malha lilás.

Era *meio* que um tipo de encontro entre o *rock and roll* e Lunwyn, ousado, mas elegante. Eu amei.

Sorvendo mais um pouco de vinho, usei a água para “me refrescar”. Então fiz uma maquiagem para a noite, mais escura e esfumaçada. Depois disso, coloquei o vestido, que encaixou como

uma luva, mas não dava para ver o quanto o decote era baixo enquanto não colocasse o vestido.

Ao vestir, a forma como a malha e camurça delineavam o meu corpo, a maneira como foi cortado e o design, destacavam tudo o que uma mulher gosta de destacar: peitos, bunda, o colo e até mesmo as pernas.

— Caramba — sussurrei, virando-me para verificar cada centímetro no espelho de corpo inteiro.

Sim, amei esse vestido, mas não tinha três anos para ficar me admirando com ele. Precisava estar pronta no momento em que o Apollo retornasse. Então, fui arrumar os cabelos.

Em Fleuridia, várias vezes as servas arrumaram os meus cabelos em coques intrincados, que realmente arrasavam. No entanto, eu não tinha muito talento para arrumar os cabelos, infelizmente. Então, o ajeitei usando o pequeno *kit* de *bobs* de cabelo, que havia comprado em Benies e foi complementado com as coisas que o Apollo me deu em Lunwyn, o puxei levemente para trás, afastando-o do meu rosto e o preendi em um — não tão ruim, se concedesse isso a mim mesma — coque desarrumado e sexy na lateral do meu pescoço, atrás da orelha.

Em seguida, calcei um par de botas de camurça cinza-chumbo e estava correndo com os preparativos de última hora, borrifando perfume, prendendo grampos com pedras roxas no meu cabelo, colocando brincos com pingentes de prata e contas roxas nas orelhas, quando bateram na porta.

Meu coração subiu até a boca, meus olhos voaram para o espelho e a maçaneta girou. *Merda*, eu iria vomitar.

Virei-me para a porta quando ela se abriu e Apollo entrou. Não. Eu não vomitaria. Teria aquele orgasmo espontâneo que estive temendo a tarde inteira, isso porque ele havia colocado uma camisa em um tom de verde mais escuro do que o da floresta. Não sabia qual era o nome dessa cor, só sabia que ficava realmente, *realmente*, bem nele.

O colarinho era alto e estava aberto, mas Apollo não usava um lenço no pescoço como alguns homens que vi em Vale, ele expunha a forte coluna da sua garganta, algo dentre as muitas, *muitas* coisas que compunham tudo o que o Apollo era e que eu, especialmente, gostava.

Sobre a camisa, estava vestindo uma jaqueta com faixas de couro preta na altura dos ombros e calça preta justa, enfiada nas botas de cano alto, também pretas. Seus cabelos, quase sempre desalinhados, *agora* estavam afastados do rosto, mas as pontas se curvavam em volta do pescoço e das orelhas, de uma forma que fazia as minhas mãos coçarem para tocá-los.

Em outras palavras, ele estava muito *sexy*.

— Me encontre lá embaixo — ordenou com voz concisa e meu olhar saltou dos cachos em torno das orelhas para os olhos, por alguma razão, tempestuosos.

— O quê? — gaguejei.

— Se quiser comer, me encontre lá embaixo.

Confusa, perguntei:

— Por quê?

— Porque se eu der mais um passo para dentro desse quarto, não vamos sair daqui.

Cada centímetro da minha pele começou a formigar, como se eu tivesse acabado de tomar um gole de chá de adela.

Oh, Jesus.

Estava percebendo que Apollo tinha gostado do vestido também.

— Certo. Te encontro lá embaixo — sussurrei.

Seus olhos deslizaram pelo meu corpo e juro que tive a sensação de que as mãos dele fizeram isso. Então, eu estava tremendo no momento em que inclinou a cabeça para mim de uma forma galante, que eu gostava bastante. Em seguida, se moveu para a porta e olhei para ele novamente, me virando para encarar a mim mesma no espelho.

Sim. Sim, definitivamente. Eu amei esse vestido.

Sorrindo, caminhei até a minha nova capa, a joguei sobre os meus ombros e me dirigi até a porta.

* * * * *

Se Vasterhague era cosmopolita, mas rústica, *O Javali* era singelo e cosmopolita *também*. Na verdade, era de uma elegância cosmopolita. Sem brincadeira, poderia ser pego, centímetro por centímetro, e transportado para Benies, de tão elegante.

Se as mulheres usassem vestidos de baile não destoariam da decoração, felizmente, não usavam. Usavam vestidos eram no mesmo estilo que o meu, mas o meu era o mais bonito.

O lustre pendente, as toalhas brancas de mesa, a prataria e a porcelana sobre as mesas, as paredes cor de pêssego com estampa de coroas no interior do *O Javali* eram tão incríveis que

conseguiram até mesmo chamar a minha atenção, que foi desviada de outras coisas, já que não era exatamente perto da nossa hospedaria e tivemos que ir até lá no cavalo do Apollo.

Ir até lá no cavalo de Apollo significava que ele me ergueu e me sentou de lado, montando atrás de mim. Em seguida, passou o braço ao redor da minha cintura, me puxando com força e me mantendo perto do seu corpo, minha bunda confortavelmente acomodada contra a virilha dele.

Estar sentada junto a ele, daquela maneira, era prazeroso. Assustadoramente prazeroso, também parecia assustadoramente bom. Deus.

Além disso, o que estava tornando épica essa curta jornada era o fato de ele ficar o tempo todo com os lábios no meu ouvido, apontando as diferentes lojas ou cafés que eu poderia conhecer depois, se “nós” tivéssemos tempo para apreciá-los enquanto estivéssemos em Vasterhague.

A voz profunda soando intimamente no meu ouvido, o cheiro dele nas minhas narinas — Apollo usava colônia, era sutil, mas tinha toques de cedro e almíscar, que se misturava com o seu cheiro natural de macho e isso realmente me abalou —, o braço apertado em volta da minha barriga e, no momento em que chegamos ao restaurante — o que imaginei ser a cerca de dez quadras —, no ritmo lento do cavalo, eu estava naquele estado.

Felizmente, o restaurante tirou a minha mente desse estado e fui capaz de me comportar com decoro ao ter a minha capa retirada, ser levada até uma mesa, onde Apollo puxou uma cadeira para mim, ajudou-me a sentar e ter um menu nas mãos.

Então, Apollo ordenou:

— Tragam uma garrafa de Belle St. Michel e peça ao nosso garçom para dar à Lady Madeleine um tempo para examinar o menu.

O maître se curvou e se afastou. Não olhei para o menu, olhei para Apollo.

— O que é Belle St. Michel? — perguntei.

Seus olhos se ergueram do menu para mim.

— Você tem vinho branco com bolhas no seu mundo?

— Champanhe?

— De fato — acenou com a cabeça. — Belle St. Michel é um champanhe de uma região de Fleuridia.

Sorri para o meu menu, pensando: fabuloso. Champanhe de Fleuridian. Esta noite está ficando melhor e melhor.

— Isso te agrada? — perguntou e eu soube que Apollo havia visto o meu sorriso.

Olhei para ele.

— Gosto do vinho de Fleuridia.

Diante disso, os seus lábios se inclinaram para cima e olhou para o seu menu, murmurando:

— Uma dama de bom gosto.

Foi um elogio, mas me surpreendeu, não de uma forma positiva, pois eu era aquela dama. Eu era exatamente aquela dama. O tipo de mulher que sabe a excelência da qualidade das suas botas, da capa, do vestido, desse restaurante, do vinho fino. Eu conhecia tudo isso, muito mais do que bem, nesse mundo e no meu.

Mordi o lábio, li o menu e percebi os olhares sobre mim. Espreitei em torno e vi Apollo e eu recebendo olhares furtivos, os

clientes eram muito bem-educados para olhar diretamente. Ficou claro que eles o conheciam aqui. E à Ilsa.

Fabuloso. Oh, bem. Tanto faz.

Não era a primeira vez, também não seria a última, por isso, eu teria que me acostumar e poderia muito bem começar *agora*.

O vinho chegou e deixei o menu de lado para vê-lo sendo servido. Reparei que não havia o teste de paladar por aqui. O garçom apenas o serviu delicadamente, preenchendo as taças de champanhe facetadas, na nossa frente, após tirar a rolha da garrafa. Em seguida, anotou os nossos pedidos e, dessa vez, Apollo permitiu que eu escolhesse. Logo, o garçom foi embora e eu estava sozinha, com Apollo e o champanhe.

Peguei a taça e tomei um gole.

Maravilhoso.

— Era o que você imaginava? — Apollo perguntou, meus olhos foram até ele, vi que estava fazendo essa pergunta com os olhos em mim, por cima da borda da sua taça e, como tudo sobre ele, estava muito sexy.

Apollo tomou um gole enquanto eu respondia:

— Muito melhor.

Seus olhos sorriram enquanto ele tomava mais um gole e colocava a taça de lado. Foi então que me dei conta de que o nosso encontro havia começado e senti as mãos ficarem molhadas. Contudo, lá estava eu, em um mundo novo. Só sabia de uma coisa, eu não tinha outra escolha, a não ser aproveitar o melhor da situação. Na verdade, tinha feito isso desde o início.

Uma coisa poderia afirmar, até o momento, com alguns lapsos menores que foram, na sua maior parte, minha culpa, eu não

tinha ido muito mal. Então deixei a taça de lado, juntei as mãos no colo e procurei um tema fácil para conversar. Decidi começar por:

— Qual é o nome do seu cavalo?

Apollo se recostou na cadeira, nivelou os olhos com os meus e mais uma vez, com um simples movimento, postura simples e absolutamente *sexy*, respondeu:

— *Torment* — respondeu e pisquei, pois, apesar de ser um nome incrível, também era estranho.

— Sêrio?

— Sim. — Eu não sabia o que dizer e Apollo prosseguiu. — A irmã dele guia o seu trenó.

— Qual é o nome dela? — perguntei.

— *Anguish*^[19].

Pisquei novamente e gesticulei com uma mão.

— Eles são, bem... nomes interessantes.

— Eles nasceram da mesma égua ao mesmo tempo, o que é raro e perigoso — disse. — Geralmente, se uma égua produz gêmeos, um ou ambos os potros, ou a égua, perecerá durante o parto. Se um potro sobrevive, é pequeno, frágil e não dura muito tempo. Excepcionalmente, *Torment* e *Anguish*, ambos, eram potros fortes e saudáveis, ainda que pequenos. — Estendeu a mão para a taça e tomou um gole, terminando sua história enquanto colocava a taça de volta sobre a mesa. — No entanto, mataram a mãe ao nascerem.

— *Oh*, meu Deus — sussurrei.

— Ela era da Ilsa. Eles nasceram uma semana depois da morte dela.

Merda. Bem, lá estava a razão para os nomes deles. De forma que decidi não responder.

— Surpreendentemente — ele prosseguiu —, cresceram saudáveis e fortes. Um milagre. Advindo de uma tragédia, mas um milagre, mesmo assim.

— Sim, um milagre — murmurei, pegando a minha taça de vinho e olhando para longe enquanto tomava um gole.

— Temos que falar sobre eles.

Diante das suas palavras, olhei novamente para Apollo, sem entender.

— Perdão?

— Eles existiram, não podemos fingir que não. Enterrar memórias, preciosas ou odiadas, não é saudável — explicou.

Ele estava falando sobre Ilsa e Pol com naturalidade. Também estava certo, é claro. Contudo, ainda não me sentia empolgada para falar sobre o Pol durante o nosso *meio que* primeiro encontro.

Apollo se inclinou para mim e falou baixinho:

— Reviver memórias infelizes é sempre desagradável, Maddie. Estou dizendo que, provavelmente, irei me referir a ela porque esteve na minha vida e, para me conhecer, você deve saber da minha vida. Além disso, Ilsa é a mãe dos meus filhos e sempre será uma parte da minha vida, de alguma forma, por causa disso — sua voz ficou ainda mais baixa e os seus olhos estavam nos meus, os dele intensos, mas calorosos quando continuou. — Por último, eu a amava profundamente, então ela simplesmente sempre será uma parte de mim.

Balancei a cabeça, pois isso era verdade. No entanto, ele não havia terminado.

— Também estou dizendo que, se você sentir necessidade de compartilhar as suas memórias, infelizes ou não, se precisar de alguém para falar sobre elas e, no caso de serem infelizes, se precisar de alguém para ajudar a lidar com elas, estou aqui.

Deus, isso foi doce. Sério, esse cara poderia ser ainda melhor?

— Obrigada — sussurrei, embora tenha acrescentado: — Mas, pode não ser agora?

— De fato, pode não ser agora ou pode ser nunca. É sua decisão, se desejar compartilhar... ou não.

Sim. Esse cara conseguia ser melhor. Então, ficou ainda melhor ao se recostar e mudar de assunto, o que, naquele momento, era exatamente o que eu precisava.

— Eu ainda tenho que lhe contar sobre a visita da Valentine.

Balancei a cabeça e apoiei os cotovelos na mesa, já que queria saber sobre isso. Inclinei-me sobre ela, colocando o queixo entre as mãos, os dedos envolvendo as minhas bochechas. Quando o fiz, o seu olhar se tornou carinhoso e as minhas entranhas se derreteram diante dessa visão. Entretanto, o que ele disse não me fez sentir quente e mole.

— Preciso pedir, minha pomba, que me conte se Valentine te visitar. É, novamente, uma escolha sua, mas prefiro saber caso ela se intrometa.

Isso me surpreendeu.

— Ela não é uma pessoa legal?

— Não sou inexperiente em ler as pessoas. No entanto, eu não sei dizer sobre essa bruxa. Ela parece ter um senso de proteção bastante forte por você. No entanto, deixou o chá sem que você soubesse da sua potência ou dos efeitos. Isso nos levou a partilhar algo bonito, mas não termina por aí. Na verdade, é totalmente desaprovado. Já houve homens e mulheres levados sob a acusação de usá-lo contra aqueles que estavam desavisados.

— Ele é usado como uma droga do estupro — deduzi calmamente.

— Explique isso — ordenou.

Ergui o queixo das minhas palmas e fiz exatamente isso.

— No meu mundo, homens e mulheres se encontram antes do casamento. É uma espécie de cortejo, acho. Um período para conhecerem um ao outro. Às vezes, isso leva a uma união, casamento ou algo do tipo. Às vezes, não funciona e você segue em frente. Também, no meu mundo, existem drogas que são usadas para deixar as mulheres inconscientes ou incapazes de se defender, são usadas principalmente nas mulheres. Assim, os homens com os quais estão se encontrando podem tirar proveito disso. São chamadas de drogas de estupro porque, quando se resume tudo, mesmo que não tenha havido violência ou luta, isso só aconteceu porque a mulher estava incapacitada. Por isso, ainda é um estupro. Usar o chá de adela não é a mesma coisa, mas é meio parecido.

Ele acenou com a cabeça uma vez, bruscamente, concordando.

— Exato.

Recostei-me, estendi a mão para a taça e tomei um gole, deixando-a sobre a mesa e murmurando:

— Então, acho que essa é a segunda vez que ela me drogou sem o meu conhecimento.

— A sua primeira noite no nosso mundo — declarou e olhei para ele novamente.

— Sim.

Apollo olhou para longe, mas o fez parecendo irritado e tive certeza disso quando ele murmurou:

— Me perguntei como você adormeceu tão facilmente depois daquele trauma.

— Foi por isso — afirmei e Apollo olhou novamente para mim.

— É precisamente por isso, papoula, que desejo que me informe se ela te procurar. Em palavras e atos, ela parece ter os melhores interesses no coração, mas tudo depende da pessoa e das suas ações, se os interesses dela também são os seus, não?

Ele estava *bastante* certo e acenei em acordo. Apollo novamente se inclinou para mim e baixou o tom quando solicitou:

— Por favor, de agora em diante, não toque, aceite ou consuma nada a menos que esteja certa de que foi fornecido a você por mim. Pode fazer isso?

— Sim — falei baixinho.

Seus lábios se curvaram e ele sussurrou:

— Obrigado, papoula.

Ok. De acordo. Esse *cara* estava se tornando cada vez melhor e eu estava começando a me perguntar se ele era mesmo real.

— Temos que discutir algo mais sensível antes da nossa comida ser servida, para que ela possa ter a nossa total atenção e

então possamos desfrutar da noite sem impedimentos por tal discurso.

Oh, Jesus. Até o momento, esse encontro não teve conversas muito fáceis.

— Ok — falei lentamente.

— Ontem à noite, fomos apenas eu e você — declarou.

Senti o meu cenho se franzir em confusão, mas concordei com o óbvio.

— Sim.

— O que estou dizendo é, considerando o que você compartilhou comigo sobre o período de tempo em que você foi ativa, antes da noite passada, duvido que esteja tomando pennyrium e nenhuma vez usei uma bainha.

Balancei a cabeça, ainda confusa.

— Eu não....

— Para se proteger de uma concepção.

Put a merda. Meu corpo inteiro ficou imóvel, mas Apollo obviamente não notou porque continuou falando:

— Antes de deixarmos Vasterhague, vamos obter algum pennyrium e, hoje à noite, vou usar uma bainha.

Eu não tinha ideia do que era pennyrium, apesar de imaginar o que era uma bainha. Essa última era legal e tal, mas meu coração estava disparado e minha mente estava cambaleando. Tentei contar as vezes que ele gozou dentro de mim na noite passada, mas não consegui. Foram muitas. Pelo menos cinco. Talvez mais. Merda!

Eu não tinha pensado nisso. Ao despertar dos efeitos do chá, só pensava nele estar magoado e com raiva. Então, é claro, eu

adormeci. Depois disso, tudo girou em torno de ele ser doce e carinhoso, me preparando para o nosso encontro.

Merda. Merda!

— Maddie — Apollo chamou e me esforcei para me concentrar nele.

— *Humm...* eu diria que tudo isso é bom, Apollo. Muito bom. Gosto disso. — Indiquei ele, eu e a mesa com uma mão circulando, quando terminei, abaixei a mão e a descansei em cima da mesa. — Mas uma gravidez neste momento é, definitivamente, levar as coisas incrível e demasiadamente rápido — compartilhei.

— Concordo — falou lentamente, estendendo a mão, pegando a minha e a segurando apertado. — Devo compartilhar que Ilsa não se dava bem com pennyrium e queríamos um tempo juntos depois que nos casamos, antes do Christophe nascer. A bainha nos deu esse tempo, assim como o tempo entre Christophe e Élan. É frequentemente utilizado e bastante confiável. Se você puder tomar pennyrium, vai ser ainda melhor.

— O que é pennyrium? — perguntei.

— Um pó que, ingerido uma vez por dia, a impede de conceber. É preciso ter cuidado ao usá-lo se você deseja engravidar, pois, mesmo se parar de ingerir, pode demorar algum tempo para deixar o seu organismo e o uso a longo prazo pode tornar difícil a concepção, mas é eficaz.

— Ok, vamos providenciar um pouco dele — falei rapidamente e a mão dele apertou as minhas, então os seus lábios se curvaram.

— Cuidarei disso, sem demora.

Balancei a cabeça entusiasticamente e Apollo apertou os lábios, seus olhos brilharam com humor e levou as minhas mãos à boca, tocando os meus dedos com os lábios. Parei de surtar sobre todo o sexo sem proteção que fizemos ontem à noite e meu coração capotou.

Ele manteve a minha mão em seus lábios e sua voz era tão calma e tão gentil que tive que me inclinar para frente, ainda mais, para poder ouvi-lo quando fez uma pergunta bastante séria com duas palavras simples:

— Seus filhos?

— Podemos não falar sobre isso agora? — sussurrei.

— Claro, papoula — respondeu.

Eu o agradei com o olhar enquanto forçava o meu corpo a relaxar.

— Ulfr!

O nome dele sendo chamado jovialmente me fez pular e virar a cabeça para ver um homem com o mesmo estilo de roupa que o Apollo — mas com um lenço no pescoço e camisa azul — se aproximar da nossa mesa. Ele também era forte, tinha um pouco de cabelo branco mesclado com o cabelo negro nas têmporas e meu palpite era que o homem era mais baixo do que o Apollo uns sete centímetros. Também, mais velho do que o Apollo uns dez anos. Ele estava sorrindo para o Apollo, mas o seu sorriso ficou estranho quando os seus olhos foram até mim.

— Danforth — Apollo falou, dando um aperto nos meus dedos e os soltando.

Levantou-se e estendeu a mão, o homem a aceitou e a apertou com força, ao mesmo tempo em que batia com força no

ombro do Apollo uma meia dúzia de vezes, de uma maneira que um homem menor cairia de joelhos.

Apollo não se moveu, se não levar em contar que seu queixo enrijeceu. Encarei isso como se ele não gostasse muito da saudação ou do homem. Então, de repente, soltou o Apollo, se virou para mim com um movimento brusco e algo um pouco mais assustador do que curiosidade brilhou em seus olhos.

— E quem é essa? — perguntou.

Foi então que me lembrei com quem eu parecia e meu interior congelou.

— Esta é Madeleine, Lady Ulfr — Apollo disse e os olhos do homem se voltaram imediatamente para ele enquanto o seu corpo estremecia visivelmente.

— Lady Ulfr? — falou em um tom carregado, que não entendi muito bem, mas também não achei que era um bom presságio. Achei que não era um bom presságio não porque parecia exatamente com a Lady Ulfr, que não estava mais entre nós, mas por outra razão. Só não sabia qual era.

— Lady Ulfr — Apollo repetiu de forma firme, que não admitia qualquer questionamento.

— Eu tinha... bem, — o homem jogou ambas as mãos para o ar — tinha ouvido falar que uma prima da Ilsa estava viajando através de Karsvall para Vale, mas..., mas... — Seus olhos voltaram para mim e estavam arregalados, me avaliando de uma forma que me fez sentir desconfortável, mesmo quando concluiu: — Estas são, certamente, boas novas.

Boas novas?

— São — Apollo concordou e o homem olhou para ele.

— Para você, meu amigo. — Olhou novamente para mim. — E para você, senhora. — Então levou a mão até a cabeça e me prestou uma pequena reverência.

Eu não sabia o que fazer diante disso, então, quando ele se endireitou, inclinei a cabeça. Ele estendeu a mão com a palma para cima e murmurou:

— É, certamente, um prazer conhecê-la, Madeleine, Lady Ulfr.

Coloquei os dedos nos dele e respondi:

— E eu a você, senhor.

Os dedos dele seguraram os meus em um curto aperto e então os soltaram. Felizmente, o garçom apareceu naquele momento com as nossas entradas.

— Ulfr. — Danforth bateu nas costas do Apollo e foi um milagre que ele não tenha caído para a frente com a força do golpe. — Vou te deixar com a sua refeição, sua dama e suas — olhou significativamente para o champanhe — celebrações.

— Meus agradecimentos — Apollo respondeu com suas palavras curtas e a voz firme.

O homem se virou para mim.

— Muito prazer.

— Sim — concordei, me sentindo estranha sobre o que estava acontecendo, também estúpida porque não tinha ideia de como agir nessa situação, como “Lady Ulfr”.

Ele se foi e Apollo se sentou enquanto o garçom colocava os pratos na nossa frente. Quando Apollo estava sentado, murmurou:

— Maldição.

O garçom fez uma reverência, se afastou e eu me inclinei imediatamente.

— O que foi isso? — perguntei em voz baixa.

Apollo moveu o olhar furioso, que estava direcionado para o prato, para mim e reorganizou os seus pensamentos imediatamente. Estava escondendo alguma coisa e isso não era bom.

— Vou explicar mais tarde, minha pomba — ele murmurou.

Ah, não. Ele não se safaria com aquele negócio doce e adorável de “minha pomba”.

— Apollo, o que foi isso? — repeti.

Seus olhos fitaram intensamente os meus e ele também repetiu:

— Vou explicar mais tarde, Maddie.

Dizendo a mim mesma que ele não era o Pol, não era o Pol, *não era o Pol*, ainda assim, não conseguia parar de pensar no Pol que negociava drogas para ganhar a vida e, portanto, escondia uma enorme quantidade de coisas de mim. Não que eu quisesse saber, mas não era *nada* agradável, como segredos nunca eram.

Um Pol que decidiu em qual casa moraríamos, sem muita opinião da minha parte, tipo, *nenhuma*. Um Pol que também decidiu qual carro eu dirigiria, sem contar com a minha opinião. Sobre esse tipo de coisa eu poderia continuar falando e falando.

Era um Pol que tinha uma variedade de coisas estressantes na sua cabeça, na sua vida e já que era um traficante de drogas, um nível alto na cadeia alimentar, não compartilhava essas

preocupações comigo, pelo menos, não com qualquer outra coisa além dos punhos.

Apollo não era Pol, mas descobri com o Pol que não gostava que as coisas fossem escondidas de mim. Eu não queria saber dos negócios do Pol, pois o que eu descobria, não gostava. O que eu descobria era mais um motivo para deixá-lo e ele sabia disso. Assim, não me falava muita coisa e, no final, simplesmente não me dava mais *nada*, apenas sexo satisfatório e maus momentos.

Talvez, não o fizesse porque sabia que se contasse tudo, eu o entregaria à polícia. Ou eu o odiaria e faria isso por outras razões, além do fato de me fazer guardar segredos demais. Segredos que eu detestava. O maior deles era que eu vivia com medo dele e, a cada segundo de cada dia, tinha que viver uma mentira e esconder isso.

Contudo, isso era discutível *agora*. Entendi que Apollo não era o Pol, mas não iniciaria um relacionamento com um homem que escondesse qualquer coisa de mim. Por isso, me inclinei ainda mais sobre a mesa e pronunciei claramente:

— Apollo... o que... foi... *isso*?

Ele me observou por um longo tempo com o olhar em conflito. Então, tomou a sua decisão e, por alguma razão, a decisão naquele exato segundo significou tudo para mim. Absolutamente tudo. Porque eu sabia que, se ele tivesse tomado a decisão errada, o dano seria irrevogável.

— Neste país — começou devagar e eu soube que tinha escolhido o caminho certo, então inspirei suavemente, aliviada. —

Às vezes, é habitual tomar uma esposa da mesma Casa, quando um homem está livre, geralmente viúvo. Isso poderia, é claro, ser uma união natural, onde se conhecem, se acham mutuamente agradáveis e se casam. Outras vezes, um homem toma uma esposa, uma parente não de sangue, digamos, a viúva de um primo...

Apollo hesitou e preparei-me, fiquei feliz por isso, quando ele prosseguiu.

— Ou uma parente da sua falecida esposa, a fim de proporcionar um lar ao qual ela se acostumou. Isso acontece, na sua maioria, somente entre aqueles que são membros de uma mesma Casa e acontece com mulheres que, às vezes, têm filhos, mas também acontece se ela estiver sozinha, ou um homem que tem filhos e, portanto, eles não têm mãe. Isso geralmente acontece a fim de que a mulher, que é improvável ser capaz de se sustentar com uma renda, consiga viver entre as pessoas da sua própria classe com conforto e proteção.

Deixei escapar a minha respiração com um ruído, tendo a sensação de que sabia aonde isso iria e não sabia como me sentia sobre isso.

— Em qualquer caso, entre as Casas, quando um homem tem a intenção de tomar uma mulher como esposa, se essa intenção fica entendida e acordada entre as partes, sendo a união inevitável, antes disso, ela começará a ser tratada como senhora dessa Casa. Neste caso — ele encarou o meu olhar — você está sendo tratada como Lady Ulfr.

Sim, sabia aonde isso estava indo.

— Com quem da sua Casa vou me casar? — perguntei imediatamente.

— Comigo — respondeu tão instantaneamente quanto perguntei e eu o encarei por um longo momento.

Ele desviou o olhar e disse:

— Então, você acabou de dizer para aquele homem que estamos noivos.

— Sim — ele confirmou.

Putá merda!

— Nós estamos noivos? — perguntei.

— Sim — ele respondeu, imediata e decisivamente.

Respirei fundo e quando expirei, observei:

— Acho que essa é praticamente a definição de ir muito rápido, Apollo.

Apollo não disse *nada*.

— Perdi sua proposta? — perguntei.

— As palavras não foram proferidas — ele respondeu. — Mas, acho que a sua resposta foi “por favor”.

Pisquei e perguntei:

— O quê?

De repente, ele se inclinou para frente, esticando a mão e apertando a minha. Este não foi um gesto carinhoso, foi um gesto de posse e seus olhos estavam ardendo nos meus. *Oh, merda.*

— Quando estava em cima de você, ontem à noite, antes de tomá-la, você disse “por favor”.

Lembrava-me disso. Inferno, jamais esqueceria. Mas, sério? Senti os meus olhos se arregalarem.

— Aquilo foi uma proposta de casamento?

— Vai ser, para nós.

Oh, meu Deus! Talvez ele *não conseguisse* ficar melhor. Inclinei-me também e sussurrei:

— Apollo, isso é loucura.

— Eu estava desembainhado. — *Merda!* — E gozei dentro de você várias vezes — continuou.

Merda! Eu sabia o que ele estava dizendo. Estava dizendo que sexo sem proteção, muitas vezes, é igual a gravidez. Que, muitas vezes, gravidez é igual a casamento. Obviamente, até mesmo neste mundo.

Eu não precisava lidar com isso *agora*. Era muita coisa para lidar e decidi, nesse momento, que não deveria me preocupar com uma coisa, quando nem sabia se havia alguma coisa para me preocupar. Em vez disso, me preocuparia com isso só quando soubesse que havia alguma coisa com a qual lidar. *Agora*, precisava lidar com o assunto em questão.

— Apollo....

— E vou ter você de novo, esta noite. — Lá vamos nós, voltando para o Apollo arrogante. — *Repetidamente* — ele continuou.

Senti o coração bater, bem como o meu clitóris pulsar. Tentei puxar a minha mão da sua, mas a dele apertou a minha e falhei.

— Na noite seguinte e na próxima. Acho que você me entende — afirmou e olhei para ele. — Vamos viajar juntos e dormir no mesmo quarto.

— Por proteção — rebati.

— Até ontem à noite, sim.

— Ontem você me chamou de Lady Ulfr para a equipe da pousada, isso foi *antes* do que aconteceu ontem à noite.

— De fato, já que a minha intenção era tomá-la como esposa naquele momento também.

Meu Deus! Isto estava acontecendo?

— Isso é loucura — declarei.

— Não, não é — discordou.

Inclinei mais e vociferei:

— Sim, é, totalmente.

— E você ficaria satisfeita em permitir que eu lhe trouxesse para este mundo, após tirá-la do seu, onde viveu com medo e em fuga, para deixá-la seguir adiante, trabalhando como garçonne? — perguntou secamente. — Subsistindo de moeda em moeda. Comendo alimentos muito piores do que os nossos sanduíches de hoje, porque não poderia pagar por nenhum melhor. Uma mulher que conhece e aprecia o melhor champanhe, reduzida a isso e eu me impondo a você?

— Não se trata de champanhe — rebati, o comentário dele demasiadamente próximo da verdade. — E não seria você se impondo a mim. Seria a minha escolha.

— Seria eu me impondo a você, Maddie. Tirá-la do outro mundo não foi escolha sua. foi minha. Você tem grandes ideias sobre como sobreviveria neste mundo, mas não tem ideia de como aqueles que trabalham em pousadas, bares ou em outro lugar sobrevivem. Tenho certeza de que há contentamento e até mesmo felicidade, mas você não é simplesmente uma mulher que aprecia o melhor champanhe. Você é uma mulher que o merece.

Diante daquele elogio inesperado e incrivelmente bom, apertei os lábios enquanto sentia o meu coração ser capturado.

— A minha primeira mulher era uma médica. Ela tinha a vida dela, eu tinha a minha e conseguimos, com sucesso, unir as duas coisas. Você não acha que é uma ideia melhor estar alimentada, confortável e segura enquanto decide como gostaria de passar o tempo no seu novo mundo? Ser você mesma enquanto vai fazendo isso?

Meu coração explodiu e estava batendo tão rápido que me assustou terrivelmente, então me concentrei nisso, nas suas palavras e não respondi, mas ele não pareceu se importar e continuou falando:

— Você pode ir de gales a gales, baile a baile, caça a caça, usar roupas finas e joias, eu não me importaria, simplesmente, ficaria contente por ter você ao meu lado. Ou pode querer aprender uma profissão e colocá-la em prática, eu não me importaria, mas só se você compartilhasse os seus dias comigo quando estivessem no fim. Você pode desejar, em vez disso, fazer os melhores bolos de todos em Lunwyn, eu não me importaria, pois iria começar a comê-los. Diabos, você poderia desejar apenas aprender alguma coisa sobre os meus negócios e se envolver com eles, eu aceitaria de bom grado.

Totalmente. Sericamente. Completamente. Esse cara era de verdade?

A mão dele apertou a minha.

— Em outras palavras, não me importo com o que você faz. A única coisa que me importa é que você esteja segura e feliz ao fazê-lo. Você não tem que compartilhar nada comigo, mas sabe que

eu compreendo que teve uma vida, onde você não era qualquer uma. Nem um pouco. Eu não te trouxe aqui para lhe dar a mesma feiura, mas de uma maneira diferente, ser escravizada em um *pub* para poder se alimentar. Eu te trouxe para cá para lhe dar algo — sua mão apertou a minha — *melhor*.

Meu Deus. De repente, a visão dele estava se desvanecendo porque os meus olhos se encheram de lágrimas. Então, sua mão era gentil ao redor da minha e sua voz soou bastante suave quando sussurrou:

— Papoula.

— Agora, *isso* — comecei, com voz trêmula — foi uma proposta de casamento?

Apollo não respondeu e desviei o olhar enquanto pegava o guardanapo para enxugar os olhos, na esperança — embora fosse duvidoso — de que ninguém estivesse olhando. Quando o fiz, Apollo puxou mais uma vez a minha mão sobre a mesa e senti os seus lábios roçarem os meus dedos. Então, fechei os olhos com força.

Eu estava certa antes, esse cara ficava cada vez melhor.

Ele colocou nossas mãos sobre a mesa, mas deu um aperto suave na minha.

— Isso é um sim, minha pomba?

Respirei fundo para me acalmar e mais uma vez, com as lágrimas sob controle, mas não as batidas do meu coração, levantei os olhos para ele.

— Isso está indo muito rápido — reiterarei.

— Sim — concordou, sem soltar a minha mão ou o meu olhar.

— Isso é assustador.

— Sim — concordou novamente e observei com fascínio quando os belos olhos, verdes como jade, se tornaram duros e determinados. — E isso, minha papoula, será a última coisa neste mundo, ou em qualquer outro, da qual você terá medo.

Oh... meu... Deus. Meu estômago revirou e esqueci como se respirava.

— Agora, é um sim? — repetiu.

Com esforço, me recompus e perguntei:

— Posso ter algum tempo para pensar sobre isso?

— Sim — ele respondeu e senti o meu corpo relaxar —, mas só se, quando esse tempo acabar, a resposta for sim.

Olhei para ele. Então, não pude evitar e comecei a rir. Quando acabei, ele ainda estava segurando a minha mão, mas fazia isso sorrindo para mim.

Deus, Deus, ele é lindo.

— Só vou dizer que este é apenas o primeiro dia em que as coisas estão legais entre nós e você já está fazendo um estrondoso trabalho em chegar lá — disse a ele.

Seu olhar se transformou para algo completamente diferente e Apollo respondeu:

— Não entendo a sua língua, minha pomba, uma vez que, na noite passada, já estive *lá*.

Meus mamilos ficaram duros.

Oh, droga.

— Bem, no meu mundo — me apressei a explicar: — “chegar lá” significa... — hesitei e comecei a rir enquanto compartilhava: — Bem, é muito parecido com o que você acabou de dizer.

Seus olhos brilharam com diversão e ele virou as nossas mãos, usando o polegar para acariciar a pele no interior do meu pulso.

— Que tal encerrarmos essa discussão, eu lhe dou o tempo que você deseja e começamos a desfrutar as nossas refeições? — sugeriu tranquilamente.

— Ok — respondi tão tranquilamente quanto ele.

Seu polegar deu ao meu pulso um último aperto, que me fez sentir incrivelmente bem, antes de soltar a minha mão. Logo, Apollo pegou o garfo e eu também. Então, olhei para ele e chamei:

— Apollo?

Ele levantou o olhar para o meu com uma sobrancelha erguida e os olhos dele estavam cheios de curiosidade. Sim, eram lindos.

— Mesmo sabendo que eu poderia perder a calma — comecei —, obrigada por me contar — minha voz ficou rouca quando compartilhei: — isso significa muito, querido.

Seu olhar se intensificou sobre mim e eu soube que ele queria mais, mas não pediu por mais, apenas disse:

— De nada, papoula.

Ele não insistiu e fiquei mais grata.

Só para dizer, com isso, ele conseguiu chegar mais *lá*.

Capítulo 12

Tesoura De Poda

Estávamos caminhando pelo corredor em direção ao nosso quarto na hospedaria, minha mão não na curva do braço do Apollo, mas segura pela sua, erguida e mantida perto do peito dele.

O restante do “encontro” tinha ido bem. Muito bem. Não houve propostas de casamento bizarras ou discussões profundas sobre controle de natalidade. Em vez disso, teve boa comida, excelente champanhe e continuei a descobrir que ele conseguia ser uma excelente companhia.

Eu tinha razão, Apollo possuía um grande senso de humor e sabia que estava certa porque o fiz rir várias vezes durante o jantar. Também descobri que gostava de fazer isso. Muito mesmo. Principalmente, porque compreendia que ele havia lutado com a perda da sua esposa por um longo tempo, então, a sua risada profunda e os sorrisos rápidos me faziam sentir como se tivesse escalado montanhas.

De fato, foi o Apollo que levou a conversa para águas mais calmas, perguntando sobre o meu mundo e rindo sobre coisas como *reality shows* na TV e esteiras.

— Por que diabos alguém andaria em uma máquina e não através de um prado... Ou correr apenas? A menos que fossem obrigados e não seria por razões positivas? — perguntou enquanto ria e eu não respondi porque também estava rindo muito.

Também me contou um pouco mais sobre o seu mundo, principalmente sobre as Casas, explicando que eu estava certa sobre Danforth. Ele era da Casa do Apollo, mas não era uma pessoa bem quista pelo Apollo.

— Não há *nada* de verdadeiro naquele homem. Por outro lado, há vários como ele nas Casas menores, onde este é o caso. Sempre tramando para melhorar as suas posições ou tentando esconder as suas fragilidades.

Isso não me fez sentir bem sobre socializar com a casta superior, mas aprendi que conhecer o que enfrentaria era muito melhor do que não conhecer, então, estava grata por saber disso. Em outras palavras, o encontro foi incrível e Apollo tinha sido maravilhoso.

Contudo, o encontro tinha acabado. Então, nesse exato momento, minha mente se encontrava em uma batalha totalmente irracional, sobre o pânico que sentia acerca do que estava prestes a fazer, que provavelmente seria bom, mas esse bom não estava sob a influência de um chá mágico criado por uma deusa. Era uma batalha contra a excitação extrema, na qual entraria e provavelmente seria maravilhoso.

É claro que eu tinha reparado que, em todas as nossas conversas sobre o chá de adela, Apollo não havia falado que um dos seus efeitos era tornar a pessoa em um amante excelente. Então, meu palpite era que se a pessoa fosse uma porcária na cama, antes do chá de adela, ela continuaria a mesma porcária, mas de forma acentuada por causa da bebida. Também, que o oposto era verdade.

Então, Apollo estava longe de ser uma porcaria na cama. *Muito* longe. Em outras palavras, na minha batalha interna, a emoção estava ganhando. Logo, meu coração começou a bater mais rápido quando Apollo tirou a chave do bolso, destrancou a porta, girando a chave e estendendo a mão para a maçaneta da porta, quando a minha mão apertou a dele e falei:

— Espere.

Ele se virou e olhou para mim com uma sobrancelha erguida. Pol não conseguia levantar só uma sobrancelha e gostei que o Apollo conseguia, pois era **sexy**. Ok, por outro lado, praticamente tudo sobre ele era sexy, mas não era o que eu pretendia compartilhar.

Olhei para a sua garganta e para o seu ombro, tentando encontrar as palavras. Não, tentando encontrar coragem. Merda.

— Papoula?

Olhei nos olhos dele, antes de ir em frente, pensando: *foda-se*.

— No meu mundo, depois de um encontro — comecei e a mão dele apertou a minha. — O *cara*... bem, ele... — respirei fundo e concluí em um sussurro: — Na porta dela, ele a beija.

Seus olhos suavizaram e a mão que segurava a minha deslizou até o peito, na direção do ombro, enquanto estendia a outra mão até a minha mandíbula e murmurava:

— Vejo que há coisas no seu mundo que eu poderia gostar.

Um formigamento subiu pela minha espinha ao passo que o observava abaixar a cabeça. Em seguida, decidi que Apollo não

deveria fazer todo o trabalho, então, fiquei na ponta dos pés e a sua boca finalmente encostou na minha, seus dedos deslizaram para a parte de trás dos meus cabelos enquanto ele moldava os lábios aos meus, se demorando. Logo, a ponta da sua língua tocou os meus lábios e abri a boca. A língua dele deslizou para dentro e diante do seu gosto, um gosto que eu realmente gostava, me derreti contra o contra o seu corpo.

Quando o fiz, a sua mão soltou a minha e me abraçou mais forte. Passei o braço em volta dos seus ombros, me esticando mais ainda sobre a ponta dos pés enquanto Apollo inclinava a cabeça e eu inclinava a minha, em um beijo que passou de doce e molhado para doce, molhado e *selvagem*.

Então, se aquele beijo fosse uma indicação, estava certa sobre ele não precisar do chá de adela para ser bom nisso. Apollo era bom nisso. *Muito bom*. Cedo demais, ele interrompeu o beijo, mas não a conexão entre os nossos lábios.

Sua voz era rouca quando disse:

— *Oh*, sim, há coisas no seu mundo que eu gosto.

Eu sabia o que ele queria dizer e foi tão doce que sorri. Se afastando, agarrou a minha mão, abriu a porta e me puxou para dentro. Ele a bateu atrás de mim e virou a chave, tudo isso com a mão ainda na minha, o que foi bom. Foi bom porque, no minuto em que a porta foi trancada, deu um puxão firme no meu braço.

Caí na direção dele, colidindo com o seu corpo, visto que ele estava se movendo na minha direção e os meus braços envolveram os seus ombros quando os dois braços dele me enlaçaram. Apollo

passou a andar para trás e sua cabeça começou a abaixar na direção da minha, mais uma vez.

Meus olhos estavam se fechando, minha cabeça se inclinando para trás, pronta para ele, querendo *tudo* dele, quando Apollo parou e ergueu a cabeça repentinamente. Eu estava prestes a perguntar o porquê ele havia parado quando, inesperadamente, fui jogada para o lado e dei um pequeno grito de surpresa. Minha coxa bateu em uma cadeira e caí sobre uma mesa enquanto cambaleava, então, vi Apollo se curvar para sua bota.

— Corra, Maddie, *agora!* — grunhiu, mas não corri.

O meu sangue se transformou em gelo ao ver não um, não dois, mas *três* homens, empunhando *espadas* assustadoras, invadindo a pequena sala de estar da nossa suíte. Como eu disse, tinham espadas e havia três deles. Mas, apesar do Apollo pegar uma faca, não tinha espada e era apenas um. Eles não perderam tempo em atacar.

Merda! Que diabos?

Observei enquanto, com movimentos ligeiros dos pés, ele se esquivava e atacava, sua pequena lâmina batendo contra as deles, mais longas. Apollo estava resistindo, no entanto, mesmo quando executou uma estocada e se abaixou, pegando outra faca na outra bota, eu soube que não conseguiria resistir por muito tempo.

Ninguém conseguiria. Havia três deles! Com espadas!

Um pensamento me ocorreu, eu não poderia correr porque, se o fizesse, estaria o abandonando e não havia qualquer dúvida na minha mente que, se eu o abandonasse, nunca mais o veria novamente. Não iria vê-lo enquanto estivesse respirando e eu gostava dele respirando. Eu gostava *dele*.

Nós tínhamos acabado de ter um grande primeiro encontro. Claro que começou *meio* aos solavancos, mas acabou com aquele beijo. Eu estaria ferrada se ele morresse no *grand finale*. Então, o priorizei imediatamente e passei correndo pela briga para ir até o quarto. Alcancei o sabre dele, que estava descansando sobre o seu baú, o agarrei e tirei da bainha enquanto ouvia o choque da batalha. Vou assinalar o quão difícil isso foi porque essa coisa era incrivelmente *pesada*, mas, ainda assim, consegui.

Estava pensando que, no cinema, se a pessoa joga uma espada para alguém que sabe usá-la, ela conseguirá pegá-la pelo cabo e continuar lutando, sem demora. Quando Apollo lutou com Pol, demonstrou que sabia usar uma espada. Só esperava que ele fosse realmente bom nisso.

Alcancei o aposento externo e fiquei emocionada além da conta porque ele ainda estava resistindo, mas a sua atenção estava *meio* que tomada. *Merda*. Não havia *nada* a fazer quanto a isso. Eu precisava criar uma distração.

Agarrei o punho da espada com ambas as mãos, a movi de modo que o plano era que cantasse através do ar e fizesse o que Apollo fez com Pol. Acertei um dos vilões na cabeça com ela. Com força e ele cambaleou para o lado.

Entrar na briga causou a distração, da qual Apollo se aproveitou, porque surpreendeu os homens, mas não a ele. Sem perder tempo, enfiou uma das facas na cintura, estendeu a mão para mim e gritou:

— Espada!

Deus, esperava que ele fosse tão bom quanto aqueles *caras* dos filmes. Então, eu a joguei para Apollo com o cabo virado para cima e ele a pegou pelo cabo com uma mão, a desviou e com um *meio* giro de corpo eviscerou um dos *caras* maus.

Caralho! Quando as entranhas do cara apareceram, senti os meus olhos se arregalarem enquanto bile subia até a minha garganta e cambaleava para trás, mas, Apollo gritou:

— Maddie, inferno, vá!

Aquele que o Apollo havia golpeado estava deitado de costas e eu achava uma boa suposição que ele continuasse a luta de espadas em algum plano celestial. No entanto, o que eu atingi entrava em ação novamente e Apollo, mais uma vez, estava bastante ocupado. Dois contra um, nem um pouco justo.

Tentei me concentrar, não pensando na onda de náusea. Em vez disso, foquei em uma lamparina sobre uma mesa próxima. Eu a peguei e a levantei sobre a cabeça. Esquivando-me, aqui e ali, em torno da batalha, tentei achar uma brecha para esmagá-la na cabeças dos *caras* maus.

— *Maddie, o que foi que eu disse?* — Apollo gritou enquanto ainda brandia a espada, mas eu o ignorei porque lá estava ela, a minha brecha.

Crash!

Aterrissei a lamparina de vidro com força na cabeça do *cara* e ele caiu, instantaneamente inconsciente.

Virei-me para o Apollo bem a tempo de vê-lo ter pouco trabalho com o último. Assim sendo, ele o desarmou com um floreio que realmente arrancou a espada da mão do *cara*, mas mantendo o

controle com a ponta da sua espada, quando Apollo girou para o lado, longe do alcance.

Oh, sim. Ele era bom nessa coisa de espadas. Infelizmente, enquanto isso estava acontecendo, Apollo ficou momentaneamente distraído, de modo que o cara pegou a faca no cinto e antes que eu pudesse gritar um aviso, Apollo se virou e desferiu um golpe com a espada através do pescoço do rapaz.

Um esguicho nojento de sangue jorrou. Engoli em seco e dei um passo para trás. O *cara* levou uma mão ao pescoço, seus olhos deslizaram para o Apollo e, em seguida, caiu de joelhos, depois caiu para frente.

Ok, bem. Estava pensando que ele, também, era um caso perdido. *Putá merda*. Olhei para os corpos e o sangue que bagunçavam a nossa pequena sala de estar e fiz isso por um milésimo de segundo, antes do Apollo rugir:

— Quando eu disser para você correr, diabos, *faça o que eu digo!*

Olhei para ele e vi que os seus olhos estavam flamejando, não de um bom jeito. Não que houvesse alguém com quem falar, que não estivesse morto ou inconsciente, ainda assim, aqueles olhos estavam fixos nos meus.

— Eu... — iniciei.

Apollo começou a se mover na minha direção e me interrompeu.

— Ocorreu a você que, se corresse, poderia ter pedido ajuda?

Ele parou na minha frente, tão perto que a minha cabeça estava totalmente inclinada para trás, para encarar o seu olhar.

Sério. O nosso encontro, que incluía o início instável, também incluía champanhe excelente, comida deliciosa, Apollo e eu, eventualmente, conversando e rindo, uma outra cavalgada fabulosa no retorno com ele, um beijo brilhante e a promessa de um orgasmo — ou mais de um, pois ele disse que nós faríamos aquilo *repetidamente* — acabou em morte e destruição, com ele gritando e sendo sarcástico comigo. Não achava que alguém iria me culpar por suas palavras me irritarem.

— Ocorreu a você que, como não corri, *eu* fui a sua ajuda? — respondi.

Sua boca se fechou e um músculo pulsou da parte superior da mandíbula até a bochecha. Encarei isso como um “não”. Também decidi encarar como “obrigado por me ajudar a derrotar os vilões” quando ele se afastou de mim e foi para o quarto.

Decidi que o quarto era um lugar muito melhor para ficar do que entre a bagunça terrível na sala de estar, então o segui. Quando o fiz, vi que ele estava puxando uma corda de veludo com um pendão grosso no final e não o fez só uma vez. Contei onze vezes antes de ele fazer uma careta para mim e voltar para a sala de estar.

Na verdade, não queria voltar para lá, mas depois do que aconteceu, também não queria ficar longe do Apollo e da sua espada. Então o segui novamente e o vi se curvando sobre um dos *caras*, o inconsciente, o punho no cabelo dele, erguendo sua cabeça.

— Inconsciente — vociferou. — Inútil — grunhiu enquanto soltava a cabeça do *cara* e ela bateu novamente contra o chão.

Coloquei a mão na barriga, a imagem horrível me atingindo completamente enquanto Apollo marchava como um furacão para um dos dois corpos. Inclinou-se e começou a vasculhar os bolsos dele.

— O que você está fazendo? — perguntei, decidindo me focar nele, então não me concentraria em qualquer outra coisa que pudesse me fazer vomitar.

Seu olhar desviou para mim e ele não respondeu à minha pergunta. Não. Em vez disso, declarou:

— Quatro homens nesta sala. Quatro armas e você.

— Apollo....

— Você poderia ter se ferido.

Ok, tinha que admitir, era bastante doce ele estar preocupado comigo. Então decidi me preparar para mais dessa atitude e sussurrei:

— Não.

— Você podia ter morrido — falou entre os dentes, o belo rosto ainda impregnado com raiva.

Engoli em seco porque, depois da luta de espadas na sala de estar, percebi, ridiculamente tarde, que era isso o que estava causando a reação dele.

— Não podia, *baby* — falei baixinho.

Ele me perfurou com um olhar furioso e voltou a vasculhar os bolsos do homem, murmurando rispidamente para si mesmo:

— Ela me seduz com esta palavra. Também acha que pode usá-la para escapar dessa loucura.

Foi então que decidi que ficar em silêncio seria melhor, então concedi isso. Ele parou de vistoriar o corpo de um morto e estava se

movendo para o outro quando bateram na porta. Ele foi até ela, a destrancou, abriu e dei uma olhada na serva do lado de fora, que deu uma olhada para dentro da sala e seu rosto empalideceu de tal maneira que temi que fosse desmaiar.

Felizmente, Apollo começou a emitir ordens, então os seus olhos e sua atenção voltaram para ele.

— Envie alguém até a guarda da cidade imediatamente e um homem para cá com cordas. Um deles ainda está vivo e o quero amarrado. Encontre os cavalos desses homens. Se eles têm pertences, eu os quero neste quarto sem demora.

Ela engoliu em seco visivelmente, assentiu e correu. Eu não a culpava.

Apollo fechou a porta, foi até o outro corpo e me mantive em silêncio enquanto ele vasculhava os bolsos, em seguida, passava as mãos ao longo do interior da sua capa. Vi o seu corpo, de repente, ficar imóvel e se levantar, a cabeça inclinada, os dedos ocupados em desdobrar um pedaço de papel.

— O que é isso?

— Um maldito código — ele vociferou, parecendo frustrado.

— Posso ver? — perguntei e seu olhar se voltou para mim.

— Você pode lutar contra inimigos e decifrar códigos? — questionou ironicamente.

Decidi deixar isso passar e fiz uma anotação mental para me lembrar que o Apollo fica mal-humorado depois de uma luta de espadas.

— Posso ver, querido? — perguntei baixinho.

Ele me lançou um olhar irritado, mas, finalmente se encaminhou até mim, a capa flutuando atrás dele e, vamos apenas

dizer, Apollo mal-humorado depois de um embate de espadas ainda era *sexy*. Quando se aproximou, não me entregou o bilhete. Se moveu para o meu lado e o ergueu, para que pudéssemos ler.

Fiquei olhando para o papel, que dizia:

*C, E em K – Tr, Br, L, Le, C, Da, Z, Fe, Fah, Te U, I em TL, V – Be,
Gr, St*

Sim, um código. *Merda*.

Eu era habilidosa com caça palavras por ter tido um marido que era traficante, zero amigos ou família, porque ele era um traficante e ninguém gostava de sair com traficantes — ou suas esposas. Eu não tinha trabalho porque o meu marido traficante e achava que refletia negativamente sobre a sua capacidade de me dar uma boa vida através do tráfico de drogas, então, tinha que encontrar alguma maneira de gastar o meu tempo e não era fã de novelas.

Contudo, isso não era como palavras cruzadas, jogo da forca, caça palavras ou qualquer um dos quebra-cabeças que eu estava acostumada a resolver. Ainda assim, continuei olhando para o papel, estreitando os olhos e tentando fazer com que as letras falassem comigo.

Continuei a fazer isso quando bateram na porta e Apollo grunhiu:

— Entre! — Ouvi a porta abrir. Apollo, então, ordenou: — Este aqui. Amarre-o. A guarda da cidade foi chamada?

— Sim, senhor. Estamos procurando os cavalos — uma voz masculina respondeu.

— Bom — Apollo murmurou, mas parecia distraído e eu soube que o bilhete tinha captado a sua atenção novamente.

Enquanto tudo isso se passava, de alguma forma, algumas das letras pareciam fazer sentido para mim, principalmente porque não podia ser coincidência.

— Eu acho que... — comecei, mas a minha voz sumiu.

— O quê? — perguntou Apollo.

— Eu acho que... — repeti, mas não disse mais *nada*.

— Madeleine, *o quê?* — Apollo gritou, impaciente.

— Eu, bem... isso podia significar... — Levantei a mão para apontar para o bilhete, a ponta do dedo deslizando sob a linha de baixo. — Ulfr, Ilsa em Treeburn Lodge, Vasterhague. Os outros três grupos de letras, eu não sei... — Olhei para os homens no chão, em seguida, para Apollo. — Talvez as iniciais dos nomes ou sobrenomes dos nossos atacantes?

Ele encarou o meu olhar com o maxilar contraído, então o seu olhar voltou para o bilhete e os meus também, fiz isso murmurando:

— Mas a linha superior. Eu não...

Parei de falar abruptamente e senti como se uma mão gelada apertasse o meu coração quando, de repente, decifrei o seu significado. Soube que o Apollo também o decifrou ao mesmo tempo, porque gritou:

— Deixe-o! Sele os nossos cavalos, *agora!*

— Senhor? — perguntou o funcionário que estava amarrando o homem, *agora* gemendo, deitado no chão.

— Cavalos. Imediatamente — Apollo ordenou e quando o homem não se moveu, rugiu: — *Agora!*

O homem se levantou e saiu correndo da sala. Meu coração estava falhando enquanto Apollo pegava a minha mão e me puxava para o quarto.

— Mas... não tenho uma sela — falei estupidamente às costas dele.

Ele se abaixou para pegar a bainha onde a deixei, caída no chão, e me soltou para afivelá-la, afirmando:

— Está na parte de trás do trenó.

Oh. Ok, então. Ainda assim, senti a minha frustração aumentar, tudo isso se concentrando no meu pescoço, fechando minha garganta porque, sério, esse mundo era incrível, mas havia momentos em que os celulares vinham a calhar.

Como em um grande momento, tipo, *agora.*

— Você precisa partir sem mim — sussurrei.

— Não vou deixar você desprotegida — ele falou, se movendo para o baú e o abrindo.

Isso era muito doce, mas também não era muito esperto.

— Querido, você irá mais rápido se...

Ele se virou para mim e o olhar no seu rosto me fez calar a boca.

— Rápido, Madeleine, um vestido quente. *Bem* quente.

Olhei nos olhos dele por um breve momento antes de balançar a cabeça e correr para o meu baú. Isso porque, se eu estivesse certa sobre a linha de baixo, então a de cima significava *Christophe, Élan em Karsvall*. Dez homens estavam indo para lá.

Peguei o meu gorro, as minhas luvas e desperdicei um tempo precioso, pelo qual não sabia se ficaria feliz mais tarde, tirando as botas, a fim de trocar as finas meias de lã para noite por grossas meias-calças de lã, mais quentes. Calcei as botas novamente e mal tinha me endireitado quando Apollo pegou a minha mão e me arrastou para a porta.

No entanto, se deteve diante do homem que estava sentado no chão, as costas descansando contra um baú pesado, as mãos amarradas, assim como os pés. Ainda estava grogue, mas consciente.

Apollo me soltou para se ajoelhar ao lado dele.

— Eles mandaram dez homens até os meus filhos? — quis saber.

O bandido piscou para ele e então sorriu. Não era verbal, mas era uma resposta e meu coração bateu com força, o que doeu. Prendi a respiração enquanto Apollo se levantava, desembainhava a espada, a virava de modo que a lâmina estava segura pela mão enluvada, acertando o *cara* no rosto com o cabo.

Sangue voou da sua boca enquanto a sua cabeça pendia. Estava fora do ar novamente e não tive chance de absorver essa última monstruosidade, pois, Apollo pegou minha mão e nos colocamos a caminho.

* * * * *

Cavalgamos arduamente pelo resto da noite e no dia seguinte.

Paramos cinco vezes para trocar os cavalos. Diante da presença imponente do Apollo e de um pesado saco de moedas, demoramos menos de cinco minutos a cada troca. Só demoramos mais trinta segundos na primeira troca de cavalos para pedir que Torment e Anguish fossem enviados para Karsvall.

Ele perguntou apenas duas vezes, quando paramos, se eu precisava comer. Em ambas as vezes, balancei a cabeça em negativa. Nas duas vezes que obtive essa resposta, os olhos do Apollo mostraram alívio. Em ambas as vezes, sem mais demora, estávamos novamente a caminho. Ele não perdeu tempo perguntando o porquê, já que sabia a minha resposta.

Eu não estava com fome, também não estava cansada, estava apavorada. Tão aterrorizada que a minha mente estava agarrada a isso durante a longa viagem. O frio, a paisagem, as aldeias pelas quais passávamos rapidamente, o cavalo se esforçando embaixo de mim, o bater dos meus ossos, nada disso penetrava o terror. Nada disso.

Apollo tinha os seus *caras* na casa dele e já tinha visto Laures em ação nos jogos, então, tinha certeza de que eles sabiam o que estavam fazendo, mas, aqueles três homens estavam à nossa espera. Se os homens que foram enviados até Christophe e Élan fossem tão bons em ser subservientes...

Não deixei minha mente ir além. Ela continuava *tentando* ir para lá, mas eu a mantive desligada. Iríamos lidar com o que encontrássemos quando encontrássemos. Só precisávamos chegar lá para descobrir o que havia para encontrar.

Assim, debrucei-me sobre o cavalo e me esforcei para o manter nos calcanhares do Apollo, agradecendo a Deus que Hans foi

realmente bom em me ensinar a andar a cavalo e eu já tinha quatro meses de prática.

Sabia que Apollo estava aterrorizado demais, mas o terror do *cara sexy* e durão do outro mundo se manifestava através da fúria. O tipo de fúria que emanava dele era de uma maneira que parecia que até mesmo a brisa estava com muito medo de aparecer.

Entretanto, me mantive nos seus calcanhares enquanto o crepúsculo do dia seguinte se transformava em uma noite escura e, finalmente, galopamos através da aldeia onde eu havia passado a noite, no *O Cisne*. A aldeia próxima à Karsvall.

Dez minutos mais tarde, galopamos até uma linha de pinheiros e vi claridade, mas não era da lua. Saímos em uma clareira e Apollo não diminuiu a velocidade, eu também não. No entanto, vi que tochas e barris com fogo estavam por todos os lados, iluminando o espaço. Havia um monte de cavalos, vários trenós e muitos homens. Também, uma grande edificação que não observei atentamente, mas atentei para o fato de que cada janela estava iluminada.

Esse não era um bom sinal e Apollo freou, fiz o mesmo ao lado dele, diante da porta da frente. Observei que havia corpos alinhados sobre sangue respingado na neve e os meus olhos deslizaram freneticamente sobre eles, embora alguns deles estivessem virados para baixo e nenhum fosse conhecido.

Não tive tempo para sentir alívio. De repente, fui arrancada da sela. Apollo tinha as mãos na minha cintura e estava me puxando para baixo. Quando eu estava de pé, pegou a minha mão e me arrastou até a casa, gritando:

— Minhas crianças?

— Eles estão bem, Lo — ouvi Achilles dizer. — Estão no quarto da Élan...

Ele não disse mais *nada* quando Apollo o empurrou e continuou arrastando-me atrás de si. Consegui desviar a minha atenção para, pelo menos, lançar um sorriso aliviado para Achilles enquanto Apollo o rodeava, mas tive que me manter atenta e olhar por onde passávamos, então não absorvi o choque.

Foi um bom plano porque, muito rápido para perceber, estava subindo escadas. Em seguida, caminhando por um corredor e, então, estava sendo puxada para um aposento iluminado com a mão dele me puxando para o seu lado, parei abruptamente, ergui os olhos e vi as crianças na cama.

Minhas defesas se fecharam instantaneamente e tudo o que consegui fazer era olhar. Um menino, que eu sabia que tinha oito anos, quase nove. Uma menina, que eu sabia que tinha seis anos.

Eles puxaram completamente ao Apollo, a menina, uma versão feminina dele, uma versão bonita, muito bonita, mas ambos puxaram a ele. Nada de cabelo vermelho. Nada de olhos castanhos. Nenhuma sarda.

Cabelos escuros, tom de pele cor de oliva, olhos verdes como jade. Eram lindos. *Lindos* e meu coração começou a sangrar.

O menino estava na cama com a garota, abraçando-a com força, enquanto ela estava tremendo tanto que balançava o irmão. Eu também conseguia ver as borlas no dossel da cama balançando.

Ela estava aterrorizada, o rosto tomado pelo terror. Não havia sangue. Nem ferimentos visíveis, mas um deles tinha chegado até ela. Senti que essa descoberta atingiu Apollo enquanto sua raiva

permeava o quarto. A menina sussurrou um trêmulo “Papa” e diante do som da pequena voz assustada, aconteceu.

De repente, eu estava em chamas. Cada centímetro da minha pele borbulhava. Meus olhos queimavam e meu cérebro entrou em ebulição. Sem pensar, sem nem mesmo saber o que pretendia fazer, soltei a minha mão do Apollo e corri para fora do quarto, atravessei o corredor, desci as escadas e saí pela porta da frente, meu pesado manto esvoaçando atrás de mim.

Parei na neve com a minha capa esvoaçando para frente, me envolvendo quando contei. Oito corpos. Virei-me imediatamente para o homem mais próximo de mim. Gaston. O encarei, envolvi o meu punho na sua camisa e vociferei:

— Onde estão os outros dois?

— Maddie...

Agarrei a camisa na altura do seu peito, fiquei na ponta dos pés e gritei:

— *Onde estão os outros dois?*

Seus dedos envolveram o meu bíceps e ele começou:

— Talvez devêssemos...

Afastei-me dele, olhei para longe e vi.

Faixas e marcas de arrasto na neve que passavam ao longo da frente da casa e viravam a esquina.

Parti naquela direção, seguindo as faixas. Corri para o lado da casa, pelo jardim dos fundos, passando por um belo gazebo, uma grande estufa, chegando até a floresta, onde vi duas tochas que iluminavam o exterior de uma pequena dependência. Sem hesitar, corri até ela e a invadi.

Havia um homem pendurado pelas mãos em um gancho. Estava sem camisa e sangrava profusamente a partir de várias feridas, bem como de graves golpes que levou no rosto. Hans e Remi estavam parados perto dele e havia outro homem, também sem camisa e sangrando, amarrado a uma cadeira no centro do espaço. Derrik estava atrás dele enquanto Laures estava se ocupando dele.

Quando entrei, todos os homens olharam para mim com surpresa e mantiveram os olhos em mim quando caminhei direto para o homem na cadeira, empurrando Laures para me aproximar e me inclinar, ficando cara a cara com o homem.

— *O que você fez com ela?* — gritei.

Uma mão se apoiou no meu ombro e ouvi o sussurro do Remi:

— Maddie...

Balancei os ombros, envolvi a mão enluvada sob a mandíbula do homem e a levantei. Ele resmungou, mas abaixei o rosto novamente até o dele e gritei:

— *Ela é só uma menina!* — Aproximei-me mais ainda, os meus dedos cravando profundamente a sua carne. — Seu monstro! O que você fez com ela?

— Mad — Remi tentou novamente, mas me virei e passei por ele.

Estiquei a mão e peguei a faca no cinto do Laures.

— Maldição — ouvi Hans murmurar, mas não hesitei. Não, não hesitei.

Não hesitei *ou* pensei. Eu estava completamente *focada*.

Virei-me para o homem amarrado na cadeira, encostei a ponta da faca na articulação da sua mandíbula e exigi:

— Quem enviou você?

Os olhos do homem encararam os meus e ele não disse *nada*. Pressionei a ponta na sua carne, ele se encolheu contra a cadeira e gritei:

— Quem enviou você?

Ele não disse *nada*, de novo.

Controlada pela emoção, ainda queimando por dentro e por fora, afastei a faca da sua mandíbula e a afundei violentamente na carne do seu ombro. Ele deixou escapar um gemido de dor que não me abalou. Apenas puxei a faca diante de três masculinos e simultâneos “*diabos*” e um “*pelos deuses*”, colocando-a novamente contra a sua mandíbula.

— *Quem enviou você?*

Então, de repente, não estava mais cara a cara com ele, nem segurava mais a faca. Em vez disso, estava segura contra o corpo do Apollo, com o braço em volta da minha barriga.

Junto com Apollo, nos inclinamos para frente enquanto ele manuseava a faca com rapidez. Foi quando vi o corte na garganta do homem se abrir, o sangue escorrendo pelo seu peito. Ele respirou fundo, não conseguiu inalar o ar e, um instante depois, encontrou a morte com surpresa nos seus olhos.

Não tive qualquer reação diante disso. Também não tive tempo para ter uma reação.

Sem hesitar, Apollo nos girou e estávamos do outro lado da sala, rápidos como um tiro. Segurou-me na sua frente enquanto apoiava a faca na garganta do homem pendurado ao gancho.

— Agora, você sabe que não vou vacilar — grunhiu. — Quem te enviou?

O homem estava olhando com os olhos arregalados para o homem recém-morto na cadeira, mas quando Apollo pressionou a faca na sua garganta, seus olhos se voltaram para ele e observei enquanto o seu olhar se tornava frio.

— A Rainha é justa — anunciou bizarramente.

— A Rainha não está aqui — Apollo rebateu.

— Ela não vai ficar muito satisfeita se você fizer justiça no barracão do seu jardineiro — afirmou e finalmente olhei em volta.

Sim. Estávamos em um barracão de jardineiro.

Virei a cabeça, inclinei-me novamente e fixei os olhos no rosto duro como pedra do Apollo.

— Querido, aposto que posso fazê-lo falar com essas tesouras de poda. — Apontei uma mão na direção da virilha do homem. — Ele não vai precisar *disso* na prisão.

Apollo me lançou um olhar enquanto ouvia a risada do Laures, mas tão rapidamente quanto olhou para mim, olhou novamente para o homem.

— Informações ou pego para a minha senhora alguma tesoura de poda — compartilhou.

Os olhos do homem se arregalaram por meio segundo, antes de se recompor e declarar:

— Exijo um julgamento.

— Você não vai para a prisão, distribuindo informações em troca de clemência — Apollo rebateu. — Você fala aqui, ou morre aqui.

Legal. Essa foi uma boa fala.

— Você já vai responder à Rainha Aurora por assassinato a sangue frio — o homem respondeu, apontando com a cabeça para o homem na cadeira.

— A Rainha é justa — Apollo sussurrou —, mas também perdeu o marido por causa de esquemas de traidores.

O homem empalideceu. Muito bom. *Agora*, estávamos chegando a algum lugar. Apollo se direcionou novamente para o alvo.

— Quem te enviou?

O homem não disse *nada*.

— Mais uma vez, quem te enviou? — Apollo repetiu. O homem permaneceu em silêncio.

Observei a luta entre os olhares de perto e era assustadora, além de frustrante.

— Pelo amor de Deus, alguém apenas me traga a tesoura de poda? — exclamei.

Apollo olhou novamente para mim. Um segundo depois, puxou-me para longe do homem, me empurrou suavemente para o lado e me encontrei não mais segura por ele, mas, olhei para cima, pelo Achilles.

— Leve-a para a casa anexa — ordenou. — Fique com ela.

— Mas — comecei quando Achilles envolveu a minha cintura com um braço e começou a me guiar.

Os olhos do Apollo se voltaram para mim.

— Minha pomba — disse ele em voz baixa. — Vá.

Olhei para ele, então olhei para o homem pendurado ao gancho e voltei o olhar novamente para o Apollo quando falei, soltando um suspiro.

— *Oh*, tudo bem.

Os olhos do Apollo se moveram sobre o meu rosto, mas o perdi de vista quando Achilles me virou até a porta.

Estava do lado de fora, mas a porta ainda não havia se fechado atrás de mim quando o ouvi dizer:

— Hans, me alcance aquela tesoura.

A porta bateu e eu sorri.

Capítulo 13

Leoa

No meu sonho louco, que estava tingido de sangue, ouvi Apollo ordenar de longe com um grunhido:

— Saia. Agora.

Meu sonho derivou para algumas ruínas ao redor de uma piscina cheia de sangue e depois que o Achilles finalmente conseguiu fazer com que eu me deitasse, senti que o manto, que havia enrolado à minha volta para me aquecer, foi arrancado.

Pisquei e minhas saias foram levantadas. Pisquei mais duas vezes, rapidamente. Por fim, despertei quando as meias-calças foram deslizadas pelas minhas pernas. Meu coração acelerou instantaneamente e me movi de forma apressada, me arrastando para cima da cama, mas não fui muito longe, já que duas mãos fortes seguraram os meus tornozelos, me arrastaram para baixo e os afastaram.

Engoli em seco quando um homem me cobriu. Através da luz do fogo, que lançava um brilho fraco através do aposento, vi o rosto do Apollo. Deveria relaxar ao ver que era ele, mas o olhar em seu rosto fez todo o meu corpo ficar ligado. A mão dele foi até o meu cabelo, agarrando-o enquanto grunhia:

— Você é uma leoa.

Hein?

— O quê? O que está acontecendo? Você está.... — comecei, mas ele me interrompeu.

— Não são sangue do seu sangue, trocaram nem mesmo uma palavra, apenas um olhar para eles e você afundou uma faca na carne de um homem.

Pensei que soubesse sobre o que ele estava falando, então disse:

— Bem, sim. Enfiei, mas... por que você está...

Sua boca veio até a minha e me calei porque conseguia ver os seus olhos em chamas. Estavam me queimando e faziam isso de uma maneira muito particular. Eu conhecia essa maneira, era um pouco diferente. Não provocada pelo chá de adela, mas *também* era parecida.

As próximas palavras dele provaram que eu estava certa.

— Você vai me ter agora, Maddie. Já aviso, minha pomba, não serei gentil.

Sim, seus olhos estavam queimando de uma forma muito particular e meu estômago afundou.

— Apollo — suspirei e ele se foi, mas não para muito longe.

Minhas saias foram levantadas, minha calcinha foi puxada pelas pernas, então, sua boca estava lá. Puta merda. Diante do toque dele, mais precisamente, do quão bom ele era, as minhas costas se arquearam sobre a cama e os meus calcanhares cravaram o colchão, mas não por muito tempo.

Apollo agarrou a parte de trás dos meus joelhos e colocou **as** minhas pernas sobre os seus ombros. Depois que o fez, segurou minha bunda com ambas as mãos, a ergueu, me

pressionando com mais força contra a sua boca, e se alimentou.

Menino, *como* se alimentou.

As minhas mãos foram até a cabeça dele, os dedos deslizando pelos cabelos espessos. Meus calcanhares se cravaram nas suas costas. Com o pescoço arqueado e os lábios entreabertos, murmúrios sem sentido eram sussurrados enquanto Apollo não desperdiçava, absolutamente, *nenhum* tempo para me levar ao orgasmo. Então, eu estava lá, oscilando sobre a borda, o orgasmo ao meu alcance, que estava mostrando que seria muito bom, e sussurrei:

— *Baby*.

Sua boca se afastou e antes que pudesse reclamar, fui virada de bruços e meus quadris foram puxados para cima rudemente quando ele me penetrou.

— Caralho, sim — sussurrei, meus dedos agarrando as cobertas.

— Monte o meu pau, Maddie, tome o controle — ele ordenou e senti a palmada afiada da mão dele na parte externa da minha coxa.

Pulei, mesmo quando o calor irradiou diretamente entre as minhas pernas e fiz o que ele ordenou, me impulsionando para trás, fodendo o seu pau. Outro tapa na coxa, outro sobressalto, mais fogo ardendo diretamente no meu coração e:

— Mais forte, papoula.

Oh, Deus. Isso era bom. Nunca apanhei enquanto fazia sexo e eu queria mais. Por isso, me mexi com mais rapidez, com mais

força, ofegando e empurrando contra ele.

— Está bom? — ele grunhiu.

Oh, sim. Caralho, sim. Estava muito bom.

— Sim — sussurrei.

As mãos dele seguraram os meus quadris, os dedos apertando a minha carne, impedindo que eu me movesse, me penetrou mais profundamente.

— Está bom, Madeleine?

— Sim — engasguei-me.

Ele começou a golpear rápida e profundamente e recebi outro tapa na minha coxa.

— Tire o vestido. Quero ver sua pele.

Com ele me fodendo por trás, me esforcei para tirar o vestido, o mesmo que tinha usado no nosso primeiro encontro e nas últimas vinte e quatro horas. Isso me deixou com mais nada, além do bustiê ^[20]preto. Os meus peitos escapavam dos bojos com os movimentos violentos, meus mamilos roçavam as cobertas e ele começou a se mover em cima de mim, novamente.

— Este traseiro, *deuses*, que bela bunda — Apollo gemeu, passando a mão sobre uma nádega, mesmo enquanto continuava a empurrar dentro de mim.

Eu o senti, meu clímax. Estava quase lá e tentei alcançá-lo, mas Apollo se afastou. Deus!

— Não! — exclamei.

Suas mãos vieram até as minhas costelas e me puxou para cima, me erguendo na frente dele com uma mão indo direto para o

meu seio, envolvendo-o enquanto a outra ia para o meio das minhas pernas.

— Não sem mim, pomba — grunhiu no meu ouvido.

— Depressa — implorei.

Seu dedo acertou o alvo enquanto esfregava o pênis contra a minha bunda e minha cabeça caiu para trás, se apoiando no ombro dele.

Maravilhoso.

— Você é magnífica — sussurrou.

— O-obrigada — gaguejei, apertando a mão entre as minhas pernas, ao mesmo tempo em que abaixava a bunda para empurrar contra o seu pênis.

O polegar encontrou o meu mamilo, o apertou e o puxou. Meu corpo inteiro estremeceu e gemi:

— *Baby.*

Ganhei um outro aperto no mamilo e um comando.

— Mais uma vez.

— *Baby* — sussurrei e Apollo enterrou o rosto no meu pescoço.

— *Deuses* — gemeu antes dos dentes afundarem na minha carne.

Deus. Deus. Incrível.

Em seguida, os dentes desapareceram. Eu fui virada, colocada com as costas sobre a cama, as mãos dele segurando a parte de trás dos meus joelhos. Ele os empurrou para cima ao mesmo tempo em que os separava. Suas mãos soltaram os meus joelhos e foram até os meus quadris. Ele estava sentado, novamente, sobre os tornozelos e me puxou para cima das suas

coxas, a pele sensível da minha bunda deslizando contra os pelos ásperos das coxas dele, me fazendo arrepiar dos pés à cabeça. Uma das mãos soltou o meu quadril e foi para o pênis. Guiou a ponta para dentro, a mão voltou para o meu quadril e ele me puxou para cima, me penetrando.

Aí sim.

— Sim, *baby* — gemi.

Com os olhos presos aos meus, se enterrou em mim enquanto caía para frente, as coxas saindo de debaixo de mim, as mãos se apoiando na cama, ao meu lado, os braços esticados, se mantendo em cima de mim enquanto estocava profundamente. Ergui as mãos até o seu peito, deslizando-as febrilmente sobre a parede quente e dura quando disse:

— Você é magnífico também.

— Mantenha os joelhos erguidos e as pernas afastadas, papoula — grunhiu, estocando energicamente e percebi que estava cruzando as pernas sobre ele.

Parei de fazer isso e afastei as pernas, me expondo. Era selvagem, era belo, era *sexy*, e eu *amava* isso para caralho. Tanto, que estava quase lá.

— Eu estou quase gozando — eu me engasguei. — Você está comigo?

Apollo parou de empurrar, começou a girar os quadris e pediu:

— Olhe para mim.

Eu olhei, implorando.

— Apollo.

Ele deixou o corpo cair contra o meu, os olhos perfurando os meus, esticando a mão no meio de nós dois, o polegar acertando o alvo, deslizou o pau para fora e o enterrou novamente, gemendo.

— Estou inteiramente com você.

Em seguida, ambos gozamos. O dele parecia, de fato, incrivelmente bom. O meu foi muito melhor e eu sabia disso porque senti os seus quadris estremecendo contra os meus, através do orgasmo. Eu ainda estava desfrutando gloriosamente o meu clímax quando ele relaxou, ainda me penetrando, e seu nariz acariciou a pele atrás da minha orelha no momento em que comecei a relaxar.

Apollo sentiu e soube disso quando ele parou de me acariciar e os seus dentes beliscaram a minha orelha antes de falar no meu ouvido:

— Na próxima vez, irei lenta e suavemente.

Quase sorri, mas não o fiz. Quando ele relaxou contra mim, tinha prendido as minhas mãos entre nós. Eu as deslizei sobre o peito dele, pelo pescoço e segurei o seu rosto, levantando-o e virando-o para olhar nos olhos dele.

— As crianças estão bem?

Com ele dentro de mim, as suas feições suavizaram e se tornaram ternas, isso normalmente era bom — não somente bom, era *bom*. O seu rosto estava próximo e depois de um orgasmo fabuloso, era bom além do possível.

Então, levou a mão até as minhas bochechas com o polegar se movendo para tocar entre as minhas sobrancelhas, deslizando para baixo, sobre o meu nariz, até os meus lábios, o olhar

acompanhando o rastro do polegar, aquele olhar carinhoso não desaparecendo do seu rosto.

Aquilo foi doce, *muito* doce e eu gostei. Muito mesmo, mas, ele não respondeu à minha pergunta.

— Apollo — chamei e os olhos dele vieram até os meus.

— Élan tem muita exuberância pela vida, mas também tem uma alma sensível — sussurrou. — Mal ouviu os homens que lutavam e se assustou. Ela não viu *nada* e nunca esteve em perigo. Nenhum dos dois esteve.

— *Oh* — murmurei, de repente, me sentindo estúpida. Também estava imaginando que ele, talvez, tenha achado um pouco estúpido e assustadoramente insano, me ver esfaquear um homem e ameaçar a masculinidade do outro com uma tesoura de poda, por nada. — Tudo bem, então. Talvez eu tenha exagerado.

Seu corpo começou a tremer de tanto rir, mas parou abruptamente, fechou os olhos, encostou a testa na minha e alinhou o seu nariz com o meu. Certo. Talvez ele não achasse que eu era assustadoramente louca.

Deslizei as minhas mãos até o seu pescoço e ele ergueu a cabeça alguns centímetros.

— Me conte sobre as crianças que você perdeu, papoula — sussurrou.

Isso foi totalmente inesperado, um ataque furtivo, e os meus dedos se flexionaram espasmodicamente na carne dele.

— Apollo...

Ele pressionou o corpo contra o meu e pediu gentilmente:

— Me conte, minha pomba.

Passei a língua nos lábios e ele esperou. Mordi o lábio inferior e ele não se moveu.

Merda. Ok.

Olhei profundamente nos seus olhos e vi que ele não iria a lugar algum até que obtivesse as respostas.

Merda. Ok.

Não que eu quisesse que Apollo fosse para qualquer lugar, mas não podíamos ficar nessa competição de “encarar” fixamente para sempre. Assim, hesitante, compartilhei:

— *Uh...* perdi o meu filho quando ainda estava grávida. Pol ficou irritado por algum motivo e começou a....

— Não fale mais *nada* — ele grunhiu e fechei a boca quando sua ira inundou o quarto.

Comecei a morder o lábio novamente e Apollo fixou o olhar sobre ele, mas sua voz soou rude quando perguntou:

— E a sua filha?

— Aborto aos seis meses — sussurrei.

Apollo fechou os olhos e encostou a testa na minha novamente. Foi a minha vez de esperar e ele não me fez esperar por muito tempo. Afastou a testa da minha, deslizou suavemente e saiu de cima de mim. Virei-me para o lado e me enrolei quando ele puxou as cobertas debaixo de mim e as atirou por cima.

Depois, nu, caminhou até a lareira, jogou algumas toras nela e voltou para mim. Entrou sob as cobertas e me puxou para os seus braços, segurando-me bem perto, cara a cara, nós dois deitados de lado, a mão se movendo para cima da minha espinha e começando a acariciar os meus cabelos.

Respirei fundo e exalei, me forçando a relaxar, quando ele falou em voz baixa.

— Estamos na casa anexa. É linda, acolhedora e calorosa. Você vai gostar. Também é, como sabe, perto da casa principal. Você está aqui para controlar quando verá os meus filhos, em vez de esbarrar neles nos corredores ou se esconder, em um esforço para evitá-los.

Ok. Tinha que admitir, realmente gostei que, no meio de tudo o que estava acontecendo, Apollo não só pensou em me dar isso como também havia dado.

Ele continuou.

— Enviei mensagens para Vasterhague, para o retorno do nosso trenó e nossos pertences, assim como para Bellebryn, a fim de explicar a minha demora e as informações que obtive do agressor.

Inclinei a cabeça para trás para olhar para ele.

— Então, você conseguiu tirar alguma coisa dele?

Apollo abaixou o queixo para olhar para mim.

— Sim — respondeu e não disse mais *nada*.

— Você vai compartilhar o que conseguiu? — perguntei.

— Amanhã de manhã.

Abri a boca e Apollo tirou a mão dos meus cabelos para pressionar os dedos contra os meus lábios.

— Amanhã de manhã, minha pomba.

Olhei nos olhos dele e, dessa vez, vi que não saberia de *nada* até o dia seguinte. Então, fechei a boca e ele tirou os dedos dos meus lábios, voltando a deslizá-los pelos meus cabelos enquanto falava.

— Como os meus filhos se tornaram extremamente conscientes dos perigos à espreita, obviamente, quero passar algum tempo com eles, a fim de amenizar seus medos, bem como para avaliar quando tiver conseguido.

— Claro.

— Também gostaria que você os conhecesse, assim, você poderia passar mais tempo com eles também.

Não respondi, mas o meu corpo o fez ao enrijecer. A mão nos meus cabelos se moveu para segurar o meu queixo e inclinou o rosto para mais perto.

— Você vai amá-los e eles vão amar você — Apollo sussurrou e a minha respiração ficou presa diante dessas palavras. — Sei disso porque você nem os conhecia, apenas sabia que estavam assustados, quando se moveu imediatamente para vingá-los. Pode ser desagradável e até mesmo difícil para você, a princípio, mas se você faria o que fez esta noite, mesmo sem conhecê-los, o que poderia acontecer se os conhecer?

Apollo não me deu a oportunidade de responder, ele mesmo fez isso.

— Algo de grande beleza. Estou ansioso para que você possa dar isso aos meus filhos. Contudo, minha papoula — chegou mais perto ainda —, estou mais ansioso para você poder ter isso.

Deus, aquilo foi lindo e olhei nos olhos dele, a fim de me controlar enquanto sentia as minhas defesas ruindo, soquei o seu braço.

— Não me faça chorar — respondi. — Tive um par de dias realmente ruins.

Apollo sorriu, se aproximou ainda mais e encostou a sua boca na minha. Depois que se afastou, declarou:

— Eu vou, naturalmente, passar as noites aqui. Nesta cama. Com você.

Revirei os olhos e os dele brilharam com humor antes de continuar.

— Como sinto que você vai precisar de um período, antes de passar algum tempo com Christophe e Élan, também quero passar mais tempo com você. Não quero as crianças por perto quando estiver fazendo os planos, após as informações que descobrimos esta noite, serão feitos aqui. Então, você irá hospedar os meus homens.

Não parecia algo ruim. Na verdade, senti tanta falta dos *caras* que pareceu incrível.

— Ok — concordei e isso fez com que eu ganhasse um sorriso.

Seus braços me envolveram, ele me puxou para mais perto e me aconcheguei no seu calor.

Depois de uma longa viagem, eu ficando temporariamente insana e o Apollo fazendo... o que quer que ele tenha feito naquela noite, a parte mais difícil estava finalizada. A parte boa ainda estava por vir. O que veio a ser sono, uma vez que ainda estava escuro lá fora e demorou um pouco para Achilles me acalmar — ele usou bebida, o que foi uma boa escolha — e me convencer a deitar.

Estava supondo que não havia tido muito descanso. Portanto, ansiava pelo sono. Sabia disso porque os meus olhos estavam se fechando.

— Você cavalgou arduamente nos meus calcanhares, sem comer, sem dormir, sem falar. Esteve ao meu lado durante todo o caminho para chegar até os meus filhos — ele sussurrou.

Eu não disse nada e Apollo prosseguiu sussurrando enquanto me aconchegava ainda mais perto, beijando o topo da minha cabeça:

— Obrigado, minha pomba.

Minha resposta foi pressionar o rosto em seu peito e ele ficou em silêncio. Eu estava quente e aconchegada sob as cobertas, abraçada por ele após ter um orgasmo realmente incrível, por isso, as minhas pálpebras começaram a se fechar novamente.

— Você gostou do nosso jogo — Apollo falou e os meus olhos pararam de se fechar, principalmente, porque eu não sabia sobre o que ele estava falando.

— Perdão? — falei e os seus braços me apertaram.

— Nosso jogo, Maddie, foi brusco. Muito. Você gostou. Muito mesmo.

Ele poderia dizer isso de novo, mas, quão vergonhoso seria?

— Bem... *uh...* o chá de adela....

— Sim, eu sinto que isso abriu mais portas para nós, mais cedo do que eu imaginava.

Inclinei a cabeça a fim de olhar para ele novamente.

— Desculpe?

— Você tomou o meu pau. Eu pude sentir a sua excitação crescer enquanto batia em você. Além disso, se manteve aberta para mim, ao meu comando — Apollo parou e eu tinha certeza de que estava corando. Seus olhos se estreitaram ligeiramente e se

tornaram quase pensativos. — Na verdade, você fez tudo o que eu ordenei.

Oh, Jesus.

— Apollo....

— E o seu orgasmo foi bem longo — sim. Eu estava corando.

— Ap...

Os seus braços me apertaram e ele prosseguiu enquanto a sua mão se afastava das minhas costas, indo para o topo da minha cabeça e pressionando o meu rosto contra a sua garganta.

— Vamos explorar isso — *Oh, Jesus!* —, profundamente — decretou.

Oh, Deus. Apollo me puxou para mais perto e entrelaçou as pernas pesadas nas minhas, murmurando:

— Vou aproveitar para te deixar de joelhos, admirando a sua bunda vermelha por causa da minha mão.

Deus. Eu já não estava corando, *estava* exausta e mortificada, mas ele estava conseguindo me deixar excitada.

— Agora, vamos dormir — anunciou. Graças a Deus.

Aconcheguei-me mais e comecei a fingir que estava adormecendo rápido, então, ele não poderia fazer ou dizer mais alguma coisa para me deixar assustada. No entanto, essa missão falhou e isso aconteceu quando ele sussurrou, com voz rouca e outro aperto dos seus braços, feroz.

— Você é uma leoa — disse e fechei os olhos com força, sem dizer *nada*. Então, prosseguiu. — Gosto disso.

Aconcheguei-me mais ainda e suspirei.

Oh, Jesus.

Capítulo 14

Um Coração Mole Demais Para Um Soldado

Apollo se sentou na beirada da cama, afastou a pesada cabelereira ruiva da Maddie do seu pescoço e o envolveu com a mão. Se inclinou mais e falou gentilmente:

— Acorde, Madeleine.

Ela não acordou até que Apollo, cuidadosamente, pressionou os dedos no seu pescoço. Então, os seus olhos lentamente se abriram e ela virou a cabeça no travesseiro ainda sonolenta, com o foco nele.

— Oi — Maddie murmurou e ele sentiu o estômago se contrair.

Como conseguia ser tão doce com uma única sílaba?

— Você não precisa se levantar — sussurrou. — Só queria lhe informar que estou de saída para tomar o café da manhã com os meus filhos.

— Tudo bem, querido — ela respondeu.

Apollo já havia ouvido esse tratamento carinhoso ser usado por outras mulheres do mundo dela, com os seus homens. Entretanto, nunca ocorreu que um dia o teria. Se tivesse ocorrido, não saberia que iria gostar tanto.

— Provavelmente, estarei ocupado durante todo o dia, mas jantarei com você — disse a ela.

— Tudo bem — Madeleine concordou, sonolenta.

— Volte a dormir, minha pomba — completou.

— Certo, *baby* — ela murmurou em resposta.

Esse carinho, não tinha ideia do porquê, sentiu em seu pênis. Todas as vezes. Mesmo quando ela o fez enquanto vasculhava os bolsos de um homem morto. Com esse pensamento, todo o seu corpo se acalmou quando ela virou a cabeça e tocou os lábios no interior do seu pulso, doce e suavemente, com amor.

Ainda não havia se recuperado do breve toque antes que ela virasse o rosto e o esfregasse nos travesseiros, murmurando:

— Até mais tarde.

Apollo não se moveu, nem mesmo quando sentiu a mente dela escorregar de volta para o sono. Em vez disso, ficou sentado, olhando para ela, perguntando o que motivaria um homem a machucá-la. Intimidá-la. Deixá-la viver com medo. Fazê-la suportar uma vida em fuga. Machucá-la, de qualquer forma.

Jamais.

Não poderia se permitir pensar no seu outro eu levantando a mão e matando o Christophe daquele mundo enquanto ele crescia dentro da sua Madeleine. Pensaria sobre isso mais tarde, quando visse Valentine novamente. Então, daria a ela outro diamante Sjöfn, ou um baú deles, para providenciar o que precisava ser feito com o Apollo do outro mundo. No entanto, isso não era para agora. Por hora, não havia muito a ser feito.

Com relutância, pois preferia muito mais tirar a roupa e voltar à suavidade quente na cama, deixou Madeleine e a casa. Foi até o

pequeno estábulo para quatro cavalos da casa anexa e selou o cavalo que havia deixado lá. Montou o cavalo e foi para casa.

A curta viagem, até a casa principal da Karsvall, deveria ser feita com os seus pensamentos nas diversas coisas que precisava fazer, ou nos seus filhos. No entanto, não foi assim. Os seus pensamentos estavam ocupados por Madeleine.

Sua Madeleine, que correu para vingar os filhos dele. Sua Madeleine, cujos gritos de fúria ele ouviu enquanto corria para o galpão do jardineiro, na noite anterior. Sua Madeleine, que ele viu afundar uma faca em um homem e ameaçar outro, tudo em defesa dos filhos dele.

Sua Madeleine, que foi empalada por trás pelo pênis dele, choramingou e gemeu enquanto ele a montava, gozando com tanta força que o seu sexo estremeceu em torno do seu pau, o ordenhando e prolongando o orgasmo de uma maneira que nunca havia experimentado. De um jeito que ele gostou muito.

Mantendo o cavalo em um galope tranquilo, seus pensamentos voltaram a se conturbar quando se desviaram para Ilsa. Sua esposa não havia sido aventureira durante o sexo. Ele não se importava, seus apetites eram fortes e saudáveis, independentemente de serem conservadores. Ilsa o havia excitado bastante e ele era saciado quase todas as noites, durante todo o seu casamento.

Não passou despercebido para ele que havia muito mais coisas que queria, desejos que apresentou no seu leito conjugal, que não foram desprezados, mas foram negados suavemente. Apollo havia, mais de uma vez, considerado sugerir o chá de adela para Ilsa, quando ainda estava viva. No final, o tempo e o fato de

que ficou sem ele, o fez deixar para lá essa discussão. Contudo, em apenas duas sessões, Madeleine havia ido mais longe com ele do que Apollo foi nos anos em que esteve com Ilsa.

Na primeira vez, quando Madeleine havia tomado o seu membro tão profundamente que ele conseguia sentir a ponta encostar no fundo da sua garganta, também quando ela aceitou o polegar na bunda dela, gemendo e contraindo em volta dele violentamente, atribuiu ao chá de adela. Mas, a noite passada, não.

Na noite passada, sem o chá, ela se entregou com igual abandono. Apollo havia ido até Madeleine forjado com a emoção, por tudo o que ela tinha feito, queimando com necessidade e a tomado no meio disso tudo.

Contudo, ela não estava com medo ou repulsa. O igualou em sua paixão e até mesmo o superou. Durante o sexo, não precisou ser cauteloso, conter os seus desejos, fazer ou ser qualquer coisa, apenas ele mesmo e tomar o que desejava, Maddie se entregando a ele. Alegrementemente.

Estava muito consciente de que, quando se tornassem sintonizados um com o outro, descobrissem mais um sobre o outro, se acostumassem um com o outro, faria comparações entre o que estava construindo com Madeleine e o que tivera com Ilsa. Isso aconteceria, mesmo que ela não se parecesse com a Ilsa.

O que Apollo não teria imaginado, após o trauma que sofreu quando perdeu Ilsa, foi que Madeleine, em um tempo muito curto, estava começando a superar toda a beleza, a inteligência e a força que tinha sido a sua esposa.

Quinze anos atrás, os seus olhos caíram sobre Ilsa e ele rapidamente foi afetado, não muito tempo depois, se apaixonou.

Com Madeleine, havia algo mais. Não conseguiria mudar o seu jeito e os seus sorrisos pareciam presentes. Sua risada era um triunfo. Cada “querido”, um tesouro. Cada “baby” enviava um estímulo para o seu pênis.

Apollo não estava afetado, estava sendo consumido e se percebia preocupado com isso. Não com o que estava acontecendo. Não que alguma parte dele sentisse que essa resposta rápida à Madeleine fosse uma traição com Ilsa. Não, porque se o mundo conseguia ficar sombrio com a perda da Ilsa e se esses sentimentos que tinha pela Madeleine crescessem, o que seria dele se a perdesse?

O cavalo chegou à clareira das árvores e a atenção do Apollo foi desviada da Maddie quando viu Achilles e Draven nos degraus da frente de Karsvall, um cavalo parado, Derrik o preparando.

Tudo o que precisava ser feito, na noite passada, foi executado com a rapidez necessária. Logo, teve pouco tempo para falar com qualquer um dos seus homens enquanto fazia isso, além de dar ordens. Havia ido diretamente para Maddie, por isso não houve tempo, após tudo ser feito.

Independentemente disso, não conseguiria falar com Derrik, pois, depois de terem extraído as informações do assassino, Derrik se ausentou totalmente. Na hora, Apollo não teve tempo, nem o desejo, de procurá-lo e compartilhar a gratidão por seus esforços em manter Christophe, Élan e Karsvall segura.

Agora, Apollo tinha esse tempo e esperava que o ocorrido, desde que tinha visto o seu amigo pela última vez, tivesse ajudado a arrefecer a sua ira. Então, enfiou os calcanhares no cavalo para movê-lo até um trote e freou quando chegou perto da montaria do

Derrik, enquanto observava o amigo preparar o cavalo para uma viagem.

Derrik, claramente, estava voltando à Casa de Lazarus. Talvez, a sua ira não tivesse arrefecido. Com essa constatação, seus olhos deslizaram através de Achilles e Draven, que parecia irritado ao passo que Achilles estava pensativo. Isso, no entanto, não disse *nada*.

Embora Draven não ficasse irritado com frequência, sabia que ficava assim de vez em quando. Em contrapartida, Achilles era muito parecido com qualquer Ulfr. Na maioria das vezes, mantinha as suas emoções para si mesmo e era um mestre nisso.

Apollo desmontou e se aproximou dos homens. Todos eles o observaram, mas apenas Derrik o fez com um olhar frio.

— Bom dia, Lo — Achilles falou.

Apollo acenou com a mão para Achilles e Draven, então, voltou a sua atenção para Derrik quando parou a um metro dele.

— Vai viajar para Lazarus? — perguntou em voz baixa.

— Vou para a Ilha do Espectro — Derrik anunciou com a voz não tão tranquila, fria.

Suas palavras despertaram a ira do *Apollo*, que estreitou os olhos para Derrik quando rebateu, impaciente:

— Não seja tolo.

Na Ilha do Espectro, descobriram na noite passada, era onde Minerva, Baldur e as duas bruxas Valearianas, Edith e Helda, com as quais conspiravam, estavam escondidos. Isso se pudessem acreditar no conspirador.

Vendo a mandíbula do Derrik enrijecer, Apollo continuou.

— Passei a metade da noite escrevendo mensagens que....

— E a segunda metade passou trepando com a Maddie —
Derrik o interrompeu, vociferando, e Apollo cerrou os dentes.

Ele não compreendeu todas as palavras, mas não precisava entender para saber o seu significado. Isso foi provado quando Draven grunhiu:

— Cuidado, Rik.

Derrik não tirou os olhos do Apollo e o conhecia o suficiente para sondá-lo. De forma que o fez inclinar a cabeça para o lado, perguntando com uma curiosidade fingida:

— Ela não compartilhou isso com você? O significado dessa palavra no seu mundo de merda? Tem muitos usos, irmão. Quando ela toma algumas cervejas, algumas taças de vinho, fica com a língua solta. — Levantou o braço para apontar para Achilles e Draven. — Ela compartilhou com todos nós os xingamentos do outro mundo. Essa é a minha favorita, em particular.

— Fascinante — Apollo respondeu, seu tom de voz saindo seco.

— Embora ache que, se *você* der algumas cervejas a ela, com a língua solta, você encontraria outros usos para ela.

Diante disso, Apollo e Draven resmungaram, logo, ambos se moveram e Achilles se moveu também, mas Achilles só conseguiu segurar o Draven. Não impediu Apollo e, assim, o punho dele atingiu com força a mandíbula do Derrik. Com satisfação, viu a cabeça do seu amigo girar para o lado, o sangue esguichando da sua boca, espirrando na neve. Depois disso, Derrik deu imediatamente um passo para trás, mas levantou os punhos, o corpo preparado.

Pronto.

Apollo não levantou os punhos, apenas manteve os olhos fixos em Derrik, não deu nem isso. Seu amigo sabia, depois de anos de treino para batalhas, quem seria vencido no final. E não seria o Apollo.

Achilles se moveu entre eles com os braços levantados e falou:

— Pensem, irmãos.

Apollo não iria pensar, iria advertir.

— Mais uma palavra como essa, vinda da sua boca, sobre Madeleine e você vai catar os seus dentes na neve.

— Pelos deuses, Derrik, você está falando da Maddie — Draven falou com raiva. — Só mais uma palavra como essa e metade dos homens lançarão os seus dentes na neve.

Derrik baixou os punhos, cruzou os braços sobre o peito e não disse *nada*. Através desses movimentos, não tirou os olhos do Apollo. Achilles deu um passo hesitante entre os homens, se aproximou mais e sugeriu:

— Vamos em frente com isso. Deveríamos estar discutindo sobre a sua viagem, Rik. Obviamente, Lo concorda com o que Draven e eu tentamos te convencer, durante toda a manhã. É mais do que imprudente.

Derrik tirou os olhos de Apollo para olhar para Achilles.

— Eu só vou dar uma olhada.

As sobrancelhas do Achilles se ergueram.

— Sozinho, sem um único homem na sua retaguarda ou uma bruxa para protegê-lo? — Balançou a cabeça. — Você sabe que isso é imprudente. Dificilmente ajudaria a causa, perder um homem bom e, definitivamente, não vai ajudar, perder um irmão.

— Nada será perdido. Sou qualificado para isso — Derrik rebateu e Apollo sabia que não estava errado. Se precisavam de um olheiro, Derrik sempre aceitava a missão. Não era apenas hábil nisso, ele se destacava.

Entretanto, estavam falando sobre uma deusa e duas bruxas que eram conhecidas por possuir tanto poder quanto Minerva. Ele nem mesmo colocaria os olhos na Ilha do Espectro sem ser detectado e despachado.

— As aves foram enviadas para Houllebec ontem à noite — Apollo disse. — Frey pode providenciar alguns homens da aldeia e será apenas uma cavalgada de três dias...

— Uma cavalgada árdua — Derrik o interrompeu. — Você acha, *irmão*, que temos três dias antes de enfrentarmos algo ainda pior, depois do que aconteceu ontem à noite?

— Foi uma jogada, Rik — afirmou Achilles, então, Derrik olhou para ele. — Você ouviu o homem. Eles foram enviados para assassinar Lo, Maddie e as crianças como um aviso para os outros cederem sem lutar. Nem usaram magia.

— Foi um primeiro ataque — Derrik contrariou. — Estamos em guerra.

Infelizmente, ele não estava errado.

— Uma primeira batalha, na qual prevalecemos — Achilles o lembrou.

— E o quê? Ficamos sentados e esperamos pela segunda? — Derrik perguntou ironicamente.

— Uma guerra travada em várias frentes enfraquece o inimigo — Apollo disse baixinho e Derrik olhou para ele. — Você sabe disso. Se Frey, Lahn, Tor e eu estivéssemos reunidos em um só

lugar, Minerva teria que conjurar um feitiço e enviar um exército de criaturas. Conosco separados, ela tem de criar pelo menos dois exércitos e enviá-los para dois locais, dependendo de onde os outros homens estão agora. Sua magia já ficou enfraquecida depois que enviou Tor para o outro mundo e você sabe que a magia não se renova rapidamente. Se precisar fazer isso, custará muito a ela.

— Claramente, essa estratégia foi decidida por você, somente por você, na noite passada — Derrik retrucou. — Apenas alguns dias atrás, você estava fora de Bellebryn para se encontrar com os outros.

— E não fui chamado pelo Frey e pela Rainha Aurora para fazer exatamente isso? — Apollo rebateu. — Providenciar uma estratégia?

Derrik fechou a boca, pois sabia que tinha sido assim.

— Com esse inimigo, o plano sempre foi buscar informações, estratégias, preparativos e não atacar até que eles o fizessem, portanto, até estarem enfraquecidos — Apollo afirmou.

— Então, suportaremos o que atirarão em nós nesse meio-tempo? — Derrik pressionou. — Sozinhos. Os outros suportarão o que está acontecendo com eles e que se danem?

— Estamos limitados pela comunicação lenta, irmão. Um pássaro em voo leva menos tempo para percorrer a distância do que um homem a cavalo, menos tempo do que um homem escoltando uma mulher em um trenó. Se os outros discordarem e eu sentir que há segurança nos números, isso será discutido. Contudo, derrotei três homens com espadas, armado apenas com as minhas facas. Eles eram bastante habilidosos e não gosto de pensar no que teria acontecido se a Maddie não estivesse lá para me ajudar. —

Seus olhos se focaram, afiados, no Derrik. — Nem quero pensar no que aconteceria com ela se eu tivesse sido derrotado e eles se voltassem para ela.

A mandíbula do Derrik enrijeceu novamente e Apollo soube que o seu ponto de vista foi entendido. Então, continuou.

— Os meus filhos foram ameaçados — disse com uma calma mortal. — Não vou deixá-los. Ficarei para proteger a minha família e a minha Casa. Esta é a minha decisão e é estratégica, também é a decisão de um homem, um marido e um pai. Portanto, não é “os outros que se danem”, pois eu sei, sem dúvida alguma, que Frey, Lahn e Tor fariam exatamente a mesma coisa.

— Então, você se casou com ela ao longo da viagem — Derrik respondeu.

Apollo respirou fundo, irritado, por estar de volta ao assunto Maddie.

— Não.

— Então, você não é o marido dela.

— Ainda não.

— Mas, é a sua intenção tomá-la como esposa — Derrik continuou.

Apollo encarou o seu olhar por longos momentos antes de dizer:

— Sim.

Algo lampejou no olhar do Derrik, algo que Apollo, em todos os anos em que se conheciam, e eram muitos, nunca havia visto. Em seguida, Derrik disse suavemente:

— Então, ela é Maddie para você, mas quem é você para ela, irmão?

— Essa baboseira é necessária? — Draven o interrompeu ao perguntar.

No entanto, Derrik não desviou o olhar de Apollo e continuou a falar.

— Já lhe ocorreu que, quando ela olha para você, enquanto a toma, ela vê o marido do outro mundo, que parecia errado em amar, o marido do outro mundo que desejava ter, e não você?

Apollo ficou completamente imóvel, porque se não ficasse, não seria responsável pelo que faria. Também, porque isso não o ocorreu. Nem uma vez. Maddie chamava o seu *outro eu* de “Pol”. Ela não havia cometido *nenhum* deslize ou até mesmo começou a chamá-lo pelo mesmo nome. Portanto, isso não seria possível. Seria?

— Convivi com ela por quatro meses e ela me contou muito sobre aquele homem — Derrik afirmou.

Diante disso, estranhamente, Achilles perdeu a paciência e o fez desviar o olhar.

— Ela lhe contou várias coisas e fez isso porque confiava em você. Não traia a confiança dela agora, Rik.

A máscara do Derrik escorregou, remorso brilhando através dela, quando olhou para Achilles e depois para Apollo, abrindo a boca para falar.

— Agora, prove o sangue que Lo colocou na sua boca, Rik — Draven afirmou, antes que Derrik pudesse dizer qualquer palavra.

Se moveu para ficar perto do Apollo e finalizou: — Se mais alguma palavra sair da sua boca sobre a Maddie, você não vai catar os seus dentes na neve. Você terá que os cuspir do seu intestino.

Diante disso, Apollo permaneceu quieto e silencioso. Após algum tempo, Derrik olhou para Apollo. Quando não conseguiu nada, transferiu o olhar para Draven, em seguida para Achilles e, finalmente, se moveu até o seu cavalo, murmurando:

— Estou partindo para a Ilha do Espectro.

— Você gostaria de ser enterrado na terra dos Lazarus ou dos Ulfr? — Draven perguntou após ele ter montado e Derrik olhou para todos eles.

— Se essa decisão precisar ser tomada, estarei morto. Assim, o que me importa?

Depois disso, estalou a língua, cravou os calcanhares no seu corcel e avançou pelo meio da neve. Quando Apollo o perdeu de vista, se virou para os outros homens e perguntou:

— Foi decisão do Derrik não ficar no meu castelo em Vale?

— Ele decidiu a nossa rota, Lo — Achilles respondeu calmamente.

— Ele compartilhou a razão pela qual se desviou das acomodações de luxo quando estava ao longo da rota mais direta para o porto? Sem falar que ele parecia bastante interessado em mostrar à Maddie muito deste mundo. Perguntei e ela não viu um único castelo, exceto de longe, quando viu Bellebryn do navio.

— Não — Draven respondeu em seguida.

Apollo olhou novamente para a pista, murmurando:

— Ele não está bem.

— Lo, você deve saber. Derrik parecia bastante encantado por ela, quase desde o começo — Achilles compartilhou.

Apollo olhou mais uma vez para o seu primo, repetindo:

— Ele não está bem.

— Ele é um homem apaixonado — Achilles respondeu cuidadosamente, os olhos astutos sobre Apollo. — Homens apaixonados fazem muitas coisas que não são certas.

— Você, ao meu lado, cresceu junto com esse homem, primo. Aquele homem que acabou de partir não é o homem com o qual cresci. Mais uma vez, ele... não... está... *bem*.

— Eu concordo com o Lo — Draven afirmou. — Ele não está bem.

— E por que você acha isso? — perguntou Achilles.

— Acho que, depois do que Minerva forçou Tor e Cora aguentarem, a escuridão na alma que Baldur sempre teve, a magia sob o seu comando, devemos ficar bem atentos a tudo o que não parece certo — Apollo respondeu e olhou para Draven.

— Escolha um homem para segui-lo.

Draven assentiu e se virou imediatamente para a casa. Apollo olhou para Achilles, que falou em voz baixa:

— Ele pode não estar agindo como o Derrik, mas não estava errado antes. Você passou a noite com Maddie.

— Esta é a sua preocupação? — Apollo perguntou.

— Só faz alguns dias. Como chegou tão longe e tão rápido, primo? — perguntou Achilles, em resposta.

— Vou repetir, esta é a sua preocupação?

— Você acabou de observar que devemos estar atentos a qualquer coisa que não pareça certa — Achilles ressaltou.

Ele o fez, de fato. Então, Apollo suspirou e compartilhou:

— A bruxa com a magia verde a apresentou ao chá de adela.

— Parou e encarou os olhos do seu primo, antes de concluir. — Eu estava perto.

As sobrelhas do Achilles se ergueram.

— Você se aproveitou?

Apollo endireitou as costas e seu tom era baixo quando afirmou:

— Maddie e eu estamos lidando com isso.

— Você se aproveitou — Achilles murmurou, o observando, e Apollo sentiu a sua pele formigar.

— Vou responder à pergunta anterior para você. Isto não é problema seu.

— Ela é vulnerável — Achilles advertiu.

— Concordo. É por isso que ela precisa de mim.

Achilles inclinou a cabeça para o lado, o olhar não se desviando do Apollo quando observou:

— Você se importa com ela.

Apollo não hesitou e sua voz era firme quando respondeu:

— Muito. — Os lábios do seu primo se curvaram diante da resposta.

— Não é uma surpresa que *isto* não tenha demorado muito.

Apollo não tinha uma resposta, pois o primo falou a verdade e Achilles continuou a encarar o seu olhar quando disse baixinho:

— Ela também compartilhou algumas coisas comigo, primo. Não iria aceitá-lo. — Apollo sentiu o seu cenho se franzir com a declaração.

— Perdão?

— É escolha dela compartilhar com você, aquilo que confiou a mim. Só que você precisa saber que a semente de dúvida plantada pelo Derrik não tem fundamento. Ela não iria aceitá-lo na sua cama. Não pela vontade dela. Nunca mais. O que quer que eles tivessem, Pol destruiu há muito tempo atrás. Se ela está te aceitando, é a você que ela está aceitando.

Apollo sentiu o fluxo de tensão deixar o seu corpo diante dessas palavras. Então, ergueu o queixo e se moveu para os degraus, murmurando:

— Estou indo tomar o café da manhã com meus filhos.

Já estava quase na porta quando Achilles chamou o seu nome. Ele parou, se virou e olhou para o primo.

— Durante anos, tenho visto você de luto — Achilles começou. — Isso me entristecia. Agora, me agrada vê-lo novamente alcançar a felicidade. — Fez uma pausa e concluiu. — Desejo que não demore a desfrutá-la.

Sua garganta formigou, mas os lábios disseram:

— Seu coração é mole demais para um soldado.

— Diz o homem que ficou de luto pela esposa por quatro anos e meio — Achilles rapidamente rebateu.

Infelizmente, para isso, Apollo não tinha réplica e Achilles sabia disso, então, sorriu antes de se virar e caminhar para longe.

Apollo suspirou novamente e se encaminhou para os seus filhos.

* * * * *

— Quando a dama com cabelos de fogo vai vir nos ver, Papa?

Élan estava de joelhos ao lado dele no sofá, inclinada, descansando o corpo pequeno na sua lateral. Também estava, em um gesto tipicamente feminino, enrolando as pontas do cabelo com os dedos. Porém, diante da sua pergunta, os olhos do Apollo se fixaram em seu filho.

Christophe estava deitado de barriga para baixo no chão, os joelhos dobrados, tornozelos cruzados, os pés no ar. Tinha uma lousa na frente dele e um giz na mão. Estava desenhando, mas diante da pergunta da irmã, o giz pousou na lousa e isso não prenunciava *nada* de bom.

Virou a cabeça a fim de olhar para a sua filha e a observando de perto, cauteloso com as palavras para não reacender os seus temores da noite anterior, disse:

— Ela cavalgou comigo durante a noite, assim como o fez durante o dia, para chegarmos até você, menina preciosa. Por causa disso, está cansada e vai descansar, hoje.

Não demonstrando *nenhum* sinal desse lembrete a ter afligido, Élan assentiu, mas perguntou:

— Será que ela vai vir amanhã?

— Talvez — Apollo respondeu.

Élan inclinou a cabeça para o lado e observou:

— Ela é muito bonita.

— É — Apollo concordou.

Élan escancarou a boca antes de declarar:

— Ela parecia muito zangada.

Apollo sentiu alguma coisa vindo do seu filho, mas manteve os olhos na filha.

— Ela estava chateada porque vocês estavam com medo.

— Eu estava chateada porque estava com medo, também — declarou ela.

Apollo sorriu, se virou para ela e a puxou para os seus braços. Élan gritou em protesto simulado, como sempre fazia, mas, quando o pai depositou um beijo molhado no seu pescoço, ela riu. Quando levantou a cabeça, ela colocou a mão em seu rosto e disse:

— Estou contente por não estarmos mais na escola, Papa.

Apollo estava contente também. Mesmo quando os tempos não eram difíceis, não gostava de estarem tão longe. Podia ser errado, mas sentia isso, especialmente naquele ano, o primeiro da Élan. Entretanto, ele era pai e Élan era a sua filha, não podia imaginar qualquer pai ficando feliz ao enviar a sua garotinha, através de dois países, para a escola.

Seu filho não era apenas um menino, mas o filho mais velho. Também era muito parecido com a mãe, extremamente inteligente e autoconfiante. Christophe, estranhamente, tinha apresentado esses sinais desde muito jovem. Embora Apollo não tivesse gostado de o enviar, também, isso havia causado menos desconforto.

No entanto, Ilsa havia ido para a escola, assim como o seu pai, e o seu avô, antes dele. Era, na verdade, a melhor escola que havia nas Northlands e sempre havia sido o seu desejo que seus filhos a frequentassem.

Então, cedeu a esse desejo, mesmo depois da sua morte. Talvez, especialmente, depois da sua morte. Quando ela estava viva, tinham planos e, claro, passavam muito tempo em Benies

enquanto as crianças estavam na escola. Quando fosse seguro para eles voltarem, Apollo decidiu que ele e Madeleine fariam exatamente isso.

Estou feliz que você esteja em casa também, minha menina querida — respondeu e adotou uma expressão de gravidade simulada. — Mas não pense que, com seu pai em casa hoje, permitindo que fique longe dos estudos, pode ser preguiçosa todo dia. Estará de volta aos estudos amanhã de manhã.

Ela fez uma careta, claramente não ansiosa por isso, e ele sorriu mais uma vez.

— Élan, minha querida, hora do banho — Bella, a babá das crianças, falou da porta.

— *Oh*, não! — Élan gritou, se virando e sentando no colo do pai, a fim de olhar para a babá. — Não quero tomar banho agora.

Bella colocou as mãos nos quadris.

— Então, pode me dizer quando deseja tomar o seu banho, senhorita?

— Em uma hora — Élan tentou.

— Em uma hora, você estará na cama, de olhos fechados, tendo bons sonhos — Bella rebateu.

Élan fez uma pausa e veio com um plano diferente.

— Que tal ignorá-lo hoje à noite e tomar banho amanhã? — ela insistiu.

— Não me importo se você não tomar banho — Apollo declarou e os olhos felizes da sua filha foram até ele. — Na verdade, não há problema algum em não tomar banho nunca mais. No entanto, isso a deixaria fedida e eu não vou segurar a minha menina no colo se ela estiver malcheirosa.

Élan fez outra careta, dessa vez enrugando o nariz, mas suas palavras também serviram para fazê-la se mover. Ela saltou do colo dele só para correr dois passos na direção da Bella, parar e correr de volta.

Ela pulou novamente no sofá, jogou os braços em torno do Apollo e sussurrou em seu ouvido:

— Estou feliz por você estar de volta, Papa.

Apollo passou os braços em volta dela, a puxou para si e absorveu o seu cheiro, que estava longe de ser desagradável. Em seguida, voltou a sussurrar em seu ouvido e disse:

— Dê ao seu pai um beijo de boa noite e vá com a Bella.

Ela se afastou, segurou o rosto dele com as duas mãos e deu um sonoro beijo na bochecha, antes de novamente pular do sofá e correr até Bella. Segurando a sua mão estendida, seguiu a empregada enquanto Bella falava:

— Chris, você será o próximo.

— Certo, Bella — Christophe respondeu e os olhos do Apollo foram até ele.

— Filho? — Christophe olhou para o seu pai. — Sente-se aqui ao meu lado — ordenou.

Rolando pelo chão, como só uma criança faria, se levantou e foi até o sofá. Apollo o observou enquanto fazia isso. Christophe tinha, já há algum tempo, se negado a usar o que ele chamava de “roupas de menininho” e exigiu usar calções, ou calças e botas de cano alto, não apenas calções e botas até o tornozelo. Também havia começado a usar capas compridas, que iam até os tornozelos, não as curtas, que iam até as suas costas.

Apollo tinha permitido isso. Se seu filho queria ser um pequeno-homem, não havia *nenhuma* razão para que não pudesse ser. Ele era excelente nos estudos e talentoso com um cavalo, sem mencionar que mostrou ser uma grande promessa com o arco e com sua espada de madeira.

De qualquer maneira, Apollo também tinha odiado aquelas botas até os tornozelos quando tinha a idade do Christophe, então, não viu *nenhum* motivo para forçar o seu filho a usá-las até que tivesse treze anos.

Apollo observava enquanto Christophe se sentava no sofá, na extremidade oposta a ele, acomodando o corpo de menino, representando exatamente o do seu pai o melhor que podia com o seu corpo muito menor. O que queria dizer que se recostou com uma perna cruzada, o tornozelo repousando sobre o outro joelho.

No entanto, não tinha os braços abertos ao longo das costas e do braço do sofá, pois os seus braços não os alcançavam. Apollo reprimiu o riso e encarou o olhar do filho.

— Como a sua irmã já saiu, pensei em conversarmos de homem para homem — começou, o peito do Christophe estufou e Apollo foi forçado a esconder outro sorriso.

— Você está bem? — perguntou em voz baixa e Christophe assentiu.

— Sim, papa. Estou bem. E Élan também. Eu sabia que Achilles e Derrik não deixariam que eles chegassem até nós.

— Não é sobre isso que estou falando, filho — Apollo colocou cuidadosamente e Christophe olhou para o tapete. Ele sabia sobre o que estavam falando. — Olhe para mim, Chris — Apollo pediu e Christophe olhou novamente para o pai. — Madeleine, que é como

ela deseja ser chamada neste mundo, está muito ansiosa sobre o encontro com você, sabendo como ela parecerá para você.

Christophe disse nada por longos momentos, mas não desviou o olhar do seu pai. Em seguida, deixou escapar:

— Nathaniel me disse. — Apollo piscou.

Perplexo com a mudança de assunto, perguntou:

— Nathaniel disse o quê?

— Ele estava olhando através de uma fresta — Christophe continuou, ainda sem fazer sentido.

— Filho — Apollo começou. — Explique.

— Uma fresta — ele hesitou — no galpão do jardineiro.

Apollo respirou afiado e Christophe tirou o tornozelo de cima do joelho, se inclinou, apoiando a mão no sofá e perguntando com entusiasmo:

— Ela realmente golpeou um homem com uma faca, Papa?

Apollo olhou para os olhos brilhantes do filho e não respondeu. Em vez disso, declarou:

— Nathaniel não deveria ter feito isso, nem deveria compartilhar o que viu com você.

Christophe sustentou o olhar dele e sussurrou em seguida:

— Ela golpeou. — *Diabos*.

— Ela estava cansada e zangada — Apollo disse e viu a boca do seu filho se curvar, antes do menino comentar:

— Ela teria que estar muito cansada e muito zangada para golpear um homem.

Em outras circunstâncias, não essas, concordaria com o seu filho que isso era divertido. Dessa vez, não o fez, pois tinha outras preocupações.

— O que mais Nathaniel disse que viu?

Christophe se recostou, os ombros caindo.

— Nada. Lees o viu quando estava levando a dama... quero dizer, Madeleine, para fora, que apontou para ele e assim achou melhor fugir.

Apollo relaxou.

— Lees disse que ela era ainda mais malvada do que o Laures

— Christophe continuou.

— Mais uma vez, ela não estava em um bom estado de espírito — Apollo respondeu.

Um lado da boca do seu filho se curvou para cima quando comentou.

— Nathaniel disse que foi impressionante. Ela segurou o rosto do homem, tomou a faca do Laures e...

Parou de falar quando Apollo tirou os braços do sofá, se inclinou para ele e compartilhou baixinho:

— Você lembra do que eu disse no navio, a caminho de casa, sobre os dois mundos?

— Sim, Papa — Christophe respondeu.

— Em seu mundo, ela perdeu você e a Élan. — Christophe manteve a boca fechada. — No mundo dela, os *seus gêmeos* nunca nasceram. Contudo, ela carregou ambos e os *seus gêmeos* foram tirados dela antes que tivessem suas primeiras respirações.

Christophe olhou nos olhos do seu pai e os dele ficaram, *agora*, tristes. No entanto, Apollo continuou falando.

— Ela ainda sofre por isso. Quando viu as crianças que nunca teve, as viu com medo e reagiu. Fez o que teria feito se vocês

fossem os seus próprios filhos. Não foi impressionante o que ela fez, Chris. Foi lindo. Você não acha?

Christophe balançou a cabeça lentamente.

— Sua irmã não entende isso, porque não se lembra de perder a sua mãe. Mas, eu acho que você entende. Ela perdeu o seu Christophe e a sua Élan. Você perdeu a sua mãe. Entre todas as pessoas, você e eu, nós compreendemos. Concorda?

Seu filho, mais uma vez, balançou a cabeça lentamente.

— Ela vai precisar de algum tempo para ter coragem e conhecer você e a sua irmã. Pode me ajudar a conter a excitação da sua irmã, a fim de dar a Madeleine esse tempo?

— Sim, Papa — Christophe sussurrou.

— Obrigada, meu filho — Apollo murmurou, levantando a mão e a colocando na lateral do pescoço do seu filho. — Agora, vá tomar o seu banho. Vejo você no café da manhã, amanhã.

— Tudo bem, Papa.

Apollo o observou pular do sofá e não ganhou *nenhum* abraço do filho. Mesmo com oito — quase nove — anos, Christophe era muito velho para isso. Entretanto, ele se virou quando chegou na porta e disse:

— Quando a vê-la, vai dizer a ela que Élan está animada para conhecê-la?

Isso significava uma coisa completamente diferente e Apollo sentiu o aperto no estômago diminuir antes de responder:

— Direi.

Christophe assentiu e saiu da sala. Apollo respirou fundo e exalou a respiração. Então, levantou do sofá e saiu da sala. Encontrou um servo e ordenou que um cavalo fosse levado até ele.

Então, encontrou Laures e falou sobre Nathaniel. Também ordenou que encontrasse Nathaniel, descobrisse tudo o que ele tinha visto, extraísse uma promessa que ele pararia de falar sobre isso, assim como uma outra, de que não *faria* nada tão tolo novamente.

Finalmente, Apollo pegou a sua capa e a vestiu, saiu da casa e foi até o cavalo selado, que esperava por ele na frente da casa. Não foi uma viagem tranquila até a casa anexa, mas, quando entrou na pequena clareira, puxou as rédeas diante do que viu. Duas tochas iluminavam a porta da frente e lançavam um brilho na clareira, na qual havia não um, não dois, mas três bonecos de neve.

Olhou com mais atenção e viu que tinha que se corrigir. Dois bonecos de neve e uma *boneca* de neve. Obviamente, Maddie havia encontrado uma maneira de se manter ocupada naquele dia. Então, seus lábios se curvaram antes de estalar a língua contra os dentes e conduzir o cavalo para o estábulo. No entanto, quando foi preparar o cavalo para a noite, viu que três baias estavam ocupadas.

Isso significava que, quando entrou na sala da frente, viu Remi, Alek e Draven acomodados na mobília da sua falecida mãe. Maddie estava sentada no chão e um jogo de tuble estava em andamento, na mesa baixa em que todos estavam sentados ao redor.

Todos os homens tinham canecas de cerveja e Maddie segurava uma taça de vinho. Apollo caminhou até eles, onde todos estavam rindo. Remi o viu em primeiro lugar e imediatamente compartilhou:

— Maddie está dominando a arte da trapaça.

Apollo cruzou os braços sobre o peito e perguntou:

— É mesmo?

— Ela está vencendo todas as mãos! — exclamou Alek e prosseguiu. — Ela tem dedos muito ágeis.

Seus olhos foram até Madeleine e viu sua cabeça inclinada para trás, a fim de poder olhar para ele. Sua voz estava muito alterada quando repetiu:

— É mesmo?

Um rubor tomou as suas bochechas enquanto ela desviava o olhar.

— Gostaria de se sentar e participar de uma rodada? — Draven perguntou, juntando as cartas para embaralhá-las.

— Nada me agradaria mais, mas, veja bem, a minha senhora e eu fomos atacados há apenas duas noites e os meus filhos, ontem à noite, então receio que eu não vou conseguir me concentrar nas cartas.

Os homens se entreolharam sorridentes e Maddie rapidamente ficou de pé.

— Vou pegar uma cerveja para você. Ou prefere vinho? — perguntou.

Madeleine perguntou para Apollo, ele sabia disso. No entanto, estranhamente, não fez a pergunta olhando no rosto. Ela o fez olhando para o peito dele.

— Vinho, minha pomba — respondeu.

— Há uma senhora, *hummm...* na cozinha. Ela disse que está aqui para cozinhar e servir a refeição. Eu disse a ela que os homens vão ficar para o jantar — Maddie compartilhou, dessa vez, olhando para o ombro dele.

Isso não o agradou, pois, queria jantar a sós com ela. No entanto, não compartilhou a sua frustração com Madeleine, na sala ocupada pelos os seus homens. O que também não o agradou foi que, por alguma razão, ela parecia incapaz de encarar os seus olhos.

— Espero que ela tenha lhe dito que seu nome é Cristiana e que está aqui para cuidar desta casa para você, Maddie — murmurou.

Madeleine assentiu e fez isso olhando para a orelha dele.

Que diabos?

Quando ela não se moveu, ele solicitou:

— O vinho pode ser aquecido, papoula.

Seus olhos deslizaram pelos dele antes de o contornar e se mover rapidamente pelo corredor. Ele a observou até a sua atenção ser desviada para a porta da entrada. Olhou por cima do ombro e viu Achilles e Gaston se juntarem a eles.

— As crianças — disse para eles.

— Laures e Hans estão patrulhando os arredores — afirmou Achilles, parando perto do Apollo. — Você passou o dia com seus filhos e há muito a ser discutido.

Apollo assentiu com a cabeça e entrou no aposento. Isso deu início à discussão na qual permaneceram até a hora do jantar. Por isso, quando a sua mente não estava sobre os assuntos em pauta, estava no fato de que Maddie estava lá, mas, ao mesmo tempo, não estava.

Com isso, queria dizer que ela estava lá, sorrindo, respondendo a uma pergunta se fosse feita por um dos homens, respondendo suavemente, até mesmo rindo duas vezes de algo que

o Remi disse. O que não estava fazendo era dar qualquer indicação de que sabia que Apollo existia.

A única vez que forçou a sua existência a ela foi quando Cristiana retirou os pratos. Fez isso porque Maddie se levantou para ajudá-la, mas quando se aproximou dele, Apollo pegou sua mão e a forçou a se sentar na cadeira ao lado dele, uma cadeira deixada vaga por Gaston, que havia ido para a casa principal.

Apollo se inclinou para ela e compartilhou:

— Lady Ulfr não retira os pratos.

Madeleine virou os olhos arregalados para ele, em seguida, os desviou e assentiu. Foi nesse ponto que a sua estupefação diante do comportamento dela se transformou em aborrecimento. E esse aborrecimento aumentou quando se levantaram da mesa de jantar e foram até a sala de estar com os seus uísques — embora Maddie ainda estivesse bebendo vinho. Ela continuou a ser jovial e animada com os seus homens, mas distante com ele, a ponto de o ignorar.

Dessa maneira, ficou contente quando os negócios foram concluídos, os planos feitos e os homens tinham as suas incumbências, então se despediram.

Apollo e Maddie os acompanharam até a porta e, no minuto em que a última despedida foi proferida, ela se virou e entrou na casa. Muito mais devagar, ele a seguiu. Para irritá-lo ainda mais, a encontrou recolhendo os copos na sala de estar. Os olhos dela desviaram dos seus mais uma vez enquanto passava por ele e a observou caminhar até a cozinha.

Ele entrou na sala, se sentou e inspirou profundamente para se acalmar. Madeleine voltou, os olhos ainda evitando os seus, mas

se inclinou, não muito perto, também não tão longe, para pegar um copo. Apollo se inclinou profundamente para agarrar os quadris dela. Então, recostou novamente, puxando-a com ele e acomodou a bunda dela no seu colo. Maddie ficou completamente imóvel, exceto por olhar para o rosto dele, em seguida, desviar o olhar para sua garganta.

— O que eu disse sobre ajudar na limpeza? — perguntou baixinho.

Seus dentes apareceram quando, parecendo preocupada, mordeu o lábio por um breve momento, antes de desaparecerem e ela murmurar:

— Desculpe.

Apollo manteve a voz baixa quando arguiu:

— Há alguma coisa errada?

— Errada? — Ela perguntou em resposta, mas perguntou olhando para a sua orelha e ele deu um aperto suave.

— Maddie, olhe para mim.

Os olhos dela, com dificuldade e após um maldito momento, finalmente encontraram os dele e havia medo neles. Caramba, será que ele a assustou, na noite anterior, com o seu jeito de fazer amor?

Diante desse pensamento, suavizou o tom de voz ainda mais e deslizou a mão, da sua espinha até o pescoço, puxando-a para ele, o outro braço envolvendo a sua cintura e comentou:

— Você está se comportando de maneira estranha hoje à noite.

— *Humm...* — ela murmurou, mas não disse mais *nada*.

— Maddie — ele insistiu e os olhos dela começaram a se desviar, mas Apollo apertou a mão no pescoço dela, o que a fez

olhar para ele novamente. No entanto, não disse uma palavra. — Madeleine — grunhiu, o tom suave desaparecendo, assim como a sua paciência.

— Eu não sou louca — ela sussurrou.

Apollo piscou diante dessa declaração bizarra.

— Perdão?

Ela balançou a cabeça rapidamente e anunciou em seguida:

— Você está sendo muito legal. — Outra declaração bizarra.

Quando ela não explicou, cautelosamente, perguntou:

— Como estou sendo muito... legal?

— Não trazendo o assunto à tona ou insistindo em falar sobre ele. Quero dizer, certo, você cortou a garganta dele, mas você é um cara de um universo paralelo. Você cortou a mão do Pol. Eviscerou o outro cara. Em seguida, houve o corte no pescoço com o qual você golpeou aqueles outros *dois caras*. Estou começando a entender que aqui, as coisas são um pouco mais vio...

Ela estava divagando e o que falava fazia pouco sentido, então, Apollo deu outra chacoalhada suave e a interrompeu, falando:

— Maddie, não sei do que *diabos* você está falando.

— Eu esfaqueei um homem — sussurrou, sua voz estava horrorizada. — E acho, acho que... bem, não sei neste mundo, mas no meu mundo, não gostamos, de verdade, disso. Então, estou achando que tudo isso não é, *hummm... atraente*, que você pode pensar que ser impulsiva é, na verdade, bem... *louca*.

Apollo sentiu a tensão desaparecer dos seus ombros. Maddie estava preocupada sobre o que ele achava do comportamento dela, na noite anterior.

— Você estava exausta — lembrou em voz baixa.

— Você pode repetir isso — Maddie murmurou.

Ele baixou o tom da voz ainda mais.

— Você vai lembrar de como reagi ao seu comportamento, quando me juntei a você na cama, ontem à noite.

Madeleine fechou a boca e um rubor tingiu novamente as suas bochechas. Ela lembrava.

— Depois disso, Maddie, como pôde interpretar mal a minha resposta às suas ações?

— Ele estava amarrado à uma cadeira — ainda estava sussurrando, a voz trêmula. — Indefeso.

— Aquele homem não estava indefeso — Apollo declarou.

Surpreendendo-o com a rápida mudança no tom, ela gritou:

— Estava, Apollo! Ele estava amarrado à uma cadeira!

— Papoula, ele veio à minha casa com a intenção de matar os meus filhos. Ele poderia estar indefeso naquele momento, mas não duvide, minha pomba, nem por um momento que, se não estivesse amarrado naquela cadeira e tivesse a oportunidade de ter uma arma, não teria acabado com você. Comigo. Com qualquer um dos meus homens. Ou com Christophe e Élan.

Madeleine estava com os olhos arregalados, porém, não menos adorável, mas teve pouco efeito sobre ele devido a situação. Também estava respirando pesadamente e através da respiração declarou:

— Talvez eu precise entender o que *diabos* está acontecendo.

— Você está ciente de que eu estava preocupado que estivéssemos em perigo, Maddie, e os últimos dias mostraram que estamos.

— Mas... as crianças? — perguntou baixinho.

— Infelizmente, isso define bem a maldade dos nossos inimigos. Embora, infelizmente, sejam perversos a esse ponto, é uma benção meio distorcida, porque agora sabemos o que esperar.

De repente, ela se virou para ele e levantou uma das mãos para colocá-la em volta do pescoço dele, aproximando o rosto do seu.

— Certo. Aqui vai. Estou colocando tudo para fora. — Começou e anunciou em seguida: — Estou com medo, Apollo. *Aterrorizada pra caralho*. Esta merda é louca. Completamente *louca*. Tive um dia para pensar em toda essa merda e isso *me deixou louca!* Esfaqueei um homem. Você matou *três*, bem na minha frente. Seus filhos estão em perigo enquanto os seus homens estão bebendo cerveja e jogando tube como se não houvesse qualquer problema, quando *há!* Ontem à noite, você torturou um assassino para obter informações! Hoje à noite, você está sentado à mesa falando sobre bruxas, mensagens, missões de exploração e inventariar o arsenal, como se estivesse discutindo a pontuação do jogo dos Lakers contra os Celtics. Essa merda não está certa!

— Minha pomba... — Apollo começou, mas ela balançou a cabeça com veemência e enterrou os dedos no pescoço dele.

— *Uhum*, você não pode falar o doce, sexy, carinhoso e incrível “minha pomba” e acalmar a tempestade, *baby*. Eu estou... *surtando!*

Ele lutou contra o riso diante das palavras dela e comentou:

— Posso supor que isso significa medo.

— Caralho, sim! — Maddie gritou.

Ele começou a acariciar suas costas e sussurrou:

— Calma.

Os seus olhos se arregalaram novamente, ainda parecia adorável e o efeito foi o mesmo de sempre, quando ela continuou.

— Calma? Você está tranquilo! — rebateu. — Eu esfaqueei um homem!

— Madeleine...

De repente, encostou a testa na sua e sussurrou:

— Eu esfaqueei um homem e... honestamente? E se você me desse àquela tesoura de poda? Naquele momento, não sei o que teria feito. Estava totalmente fora de controle. Você sequer piscou antes de cortar a garganta dele.

Apollo estava, tardiamente, vendo o seu erro. Um que ele corrigiria a partir de então.

— Eu deveria ter mantido você afastada de tudo aquilo. Infelizmente, não estava pensando com clareza no momento — disse e ela levantou a cabeça.

— Acho que é seguro dizer que nenhum de nós estava.

— Isso acontece quando você ama os seus filhos — Apollo disse a ela, que respirou audivelmente.

Ele passou os braços à sua volta e a puxou para mais perto.

— Ouça — falou baixinho. — Coisas importantes aconteceram nos últimos dois dias e, infelizmente, em algumas delas você não foi protegida conforme a necessidade. Vou lembrá-la do fato de que, no início, quando estávamos sendo atacados em Vasterhague, eu lhe disse para correr e você não correu, então, *não pude* impedi-la de me ver fazer o que precisava ser feito.

Seus olhos se aguçaram e ele quase sorriu, mas não sorriu, apenas prosseguiu:

— E os homens falavam livremente na sua frente, hoje à noite. Você estará protegida contra isso no futuro, também.

— Prefiro saber o que está acontecendo.

— Eu prefiro que não, se você for ficar assustada.

Ela inspirou profundamente e se sentou, saindo do seu abraço. Apollo não a puxou para perto novamente porque, por alguma razão estranha, ela desenhou uma cruz sobre o seu coração e levantou dois dedos. Em seguida, declarou:

— Vou colocar as minhas calcinhas de menina grande e aguentar firme a partir de agora, de coração, palavra de escoteiro. Eu juro. — Maddie abaixou a mão. — Mas, realmente, prefiro não esfaquear alguém no futuro, especialmente se estiver amarrado a uma cadeira.

— Vou ver o que posso fazer — ele murmurou.

Ela inclinou a cabeça para o lado e os seus olhos se estreitaram exatamente antes de perguntar:

— Você acha isso engraçado?

— A situação? Não. A sua reação a isso? Absolutamente.

Madeleine olhou para Apollo, que tinha permitido que ela se afastasse, mas, *agora* estava pronto para acabar com isso. Assim, novamente, a puxou para os seus braços e seu tom era muito gentil quando explicou:

— Maddie, por muitos, *muitos* meses temos vivido sob a ameaça de saber que conspiradores muito poderosos, com motivos perversos, podem desencadear o caos em toda a terra. Hoje, você respira, meus filhos respiram, eu respiro. Então, sinto alívio e agora que conseguimos rechaçar o seu primeiro ataque, aprenderemos o

que pudermos com ele e nos prepararemos. Tudo isso é estranho para você, meio assustador. Mas, no fim das contas, é bom.

— Não tenho certeza se posso ver alguma coisa boa, Apollo — admitiu.

— Então, devo compartilhar que não usaram magia. Isto pode significar que Minerva está mais fraca do que achávamos, as bruxas com as quais está associada não são tão poderosas como presumimos, ou temem a magia combinada da Lavinia e da Valentine, sem mencionar Frey, que comanda os dragões e os elfos.

— Nada disso parece definitivo — ela observou.

— Não é, mas nunca soube de uma batalha onde um tiro de advertência fosse disparado com um dardo.

Ela piscou e perguntou:

— O quê?

— Se você tem um canhão ou uma flecha em chamas, você os usaria.

— *Oh* — Madeleine sussurrou e ele sentiu os lábios se curvarem.

Envolveu o comprimento dos seus cabelos com a mão e levou o rosto dela para mais perto.

— Já começou. Não vivemos sob essa ameaça, ela está acontecendo. Pode não parecer uma vantagem, minha pomba, mas é. É muito melhor fazer algo do que aguardar o desconhecido. Agora, aumentei o número de homens na minha casa para manter você e os meus filhos seguros, porque *sei* que não estão, em vez de ficar pressupondo como poderia protegê-los disso. Agora, a Rainha Aurora pode reunir as suas tropas. Agora, Lavinia e Valentine serão capazes de centrar a atenção, já que sabemos onde os

conspiradores se escondem. Enfim, papoula, agora poderemos fazer *alguma coisa*.

— Estou vendo os benefícios disso para um homem de ação — observou e ele sorriu. — Mas, para uma garota de outro mundo, essa merda ainda é pirada — concluiu.

— Então, vamos combinar que eu protejo a minha *garota* do outro mundo de tudo isso, para que ela possa desfrutar os seus dias fazendo bonecos de neve, jogando tube com os seus amigos e passar as noites com uma companhia em sua cama, tudo isso enquanto reúne coragem para conhecer os meus filhos e tenta descobrir o que tem a intenção de fazer com a sua vida em seu novo mundo, certo?

— Eu realmente não gosto que escondam as coisas de mim, Apollo — Maddie sussurrou.

— Recebi essa mensagem claramente, Madeleine — Apollo sussurrou em resposta. — Então, parte do nosso negócio será que você confiará em mim para compartilhar o que precisa saber, o resto manterei para mim a fim de que você seja livre para encontrar a finalidade da sua nova vida. Estamos de acordo?

Madeleine encarou o seu olhar e fez isso por algum tempo. Apollo se esforçou para não prender a respiração e, por fim, ela concordou. Graças aos deuses.

— Excelente — ele murmurou, se levantando e a puxando junto com ele. — Vamos para a cama.

Enquanto se movia através da sala, a ouviu murmurar:

— Oh, Jesus.

E, mais uma vez, ele sorriu.

* * * * *

— *Baby* — Maddie sussurrou.

Apollo deslizou o membro lentamente para fora, mas não a penetrou novamente. Deu a ela somente a ponta do seu pênis e sussurrou contra a pele do seu pescoço:

— Diga de novo.

Diante disso, de imediato, ela sussurrou em resposta:

— *Baby*.

Deslizou lentamente para dentro, em seguida, para fora mais uma vez e novamente, as suas mãos se moveram sobre a pele dela, seus lábios deslizaram sobre o seu pescoço, seu queixo, para baixo e para cima. Com os olhos abertos, mantendo os dela cativos, tomou a sua boca, deslizando a língua para dentro e persuadindo a dela a dançar com a sua. Satisfatoriamente, depois de apenas um momento de persuasão, Maddie deu o que ele queria. Quando Apollo interrompeu o beijo, mas não a conexão dos seus lábios, ela sussurrou:

— Você precisa ir mais rápido, querido.

Instantaneamente, concedeu o que ela queria. Apollo a sentiu apertar as pernas, que estavam cruzadas em torno do seu quadril, e deslizar a bochecha contra a dele, levantando a cabeça para enterrar o rosto em seu pescoço. Incrivelmente doce.

— Maddie — gemeu, penetrando-a.

— Mais forte, *baby* — implorou e a mão que estava na lateral dela desceu pela cintura, até a parte inferior das suas costas e mais para baixo ainda, no topo da sua bunda.

Apollo a ergueu e a penetrou com mais força, mais profundamente. Ele a ouviu suspirar e ela deslizou os dentes ao longo do seu ombro. Quando o fez, um tremor o atravessou. Colocou todo o seu empenho nos quadris e suas estocadas se tornaram marteladas.

— *Apollo* — Maddie sussurrou e sentiu o seu sexo o apertando com força.

Deuses. Magnífica.

— Você está quase lá — grunhiu. — Olhe para mim, papoula. Gostaria de ver o seu rosto enquanto o orgasmo toma conta de você.

Madeleine recostou a cabeça nos travesseiros com os olhos aquecidos, ao vê-lo, ela engasgou, Apollo a penetrou e o orgasmo a atingiu enquanto empurrava a cabeça contra o travesseiro, erguendo a mão e agarrando os cabelos dele.

— *Magnífica* — Apollo grunhiu.

O seu orgasmo a sacudiu, então, começou a diminuir e encarou os olhos, pouco antes de jogar a cabeça para trás, sentir os músculos do pescoço enrijecerem, os quadris arquearem, antes de abaixar a cabeça e enterrar o rosto no pescoço dela. Penetrando-a profundamente, permaneceu assim e ele gemeu. Sim, era magnífica.

Maddie o segurou contra si enquanto ele estremecia através do orgasmo, e Apollo sentiu pressionar os lábios dela em seu pescoço. Tão incrivelmente doce. Finalmente, ele respirou fundo antes de deslizar a língua pelo pescoço dela. Ao fazer isso, absorveu o seu arrepio. Ele levantou a cabeça e encarou os seus olhos.

— Esse foi *mais forte*, minha pomba?

Ela levantou a cabeça, aproximou o rosto da garganta dele e soltou uma risadinha. Essa risadinha, outro triunfo. Apollo virou o pescoço e roçou a testa dela com os lábios. Madeleine recostou a cabeça no travesseiro e ele sorriu. Então, a mão dela se moveu dos cabelos dele para o rosto e sussurrou:

— Deus, você é lindo.

Essas palavras o atravessaram e ele fechou os olhos, virou a cabeça e beijou a palma da sua mão. Então, moveu os lábios até o nariz dela, onde a beijou antes de se afastar um centímetro e olhar nos seus olhos.

— Não sei o que você prefere, Maddie, mas tenho que dizer, prefiro que você durma sem *nada*. Quero sentir sua pele contra a minha, hoje à noite.

— Ok — ela concordou em um sussurro e ele abaixou a cabeça, para roçar a boca contra a dela.

— Vou lidar com a bairra e já volto.

— Falou.

Com isso, Apollo tocou novamente os lábios dela e com grande satisfação os viu se abrirem quando retirou lentamente o membro. Uma vez que estava fora, abaixou a cabeça ainda mais e deslizou os seus lábios pela garganta dela, antes de rolar para fora da cama.

Jogou as cobertas sobre Maddie e a observou, por sua vez, se virar para o lado, curvando-se sobre si mesma. Só quando ela se acomodou, Apollo se afastou da cama e foi para as sombras. Se desvencilhou rapidamente da bairra e emergiu da escuridão. Ele sentiu os olhos dela sobre quando, nu, se moveu até a lareira, jogou mais algumas toras e se juntou a ela na cama, puxou as cobertas

até a cintura e a puxou para os seus braços, entrelaçando os seus membros e a abraçando com força, então, Maddie aninhou o rosto em seu peito.

— Estou supondo, a partir do que acabou de acontecer, que você também gosta do modo suave e lento — observou, deslizando os dedos pelos cabelos dela.

Madeleine emitiu um riso curto e doce ao responder:

— Sim, isso funciona para mim.

Apollo parou de deslizar os dedos pelos cabelos dela e a puxou para mais perto. Ela se aconchegou ainda mais e, então, a sentiu inspirar profundamente antes de murmurar:

— Só para você saber, querido. Se a sua intenção, ao me trazer para este mundo, foi me dar o melhor, luta de espadas e derramamento de sangue, não obstante, você está conseguindo.

O peito dele aqueceu e seu coração apertou, o braço ao redor dela a segurou com mais força e sentiu um estrondo tomando conta do seu peito, mas, ao invés de uivar sua exaltação, Apollo colocou a outra mão no queixo dela e o ergueu, para que a sua boca pudesse encontrar a dela. Ele tomou a boca aberta e molhada, profundamente. Completamente. Ele a sorveu, tomando tanto quanto queria, pelo tempo que queria, enquanto queria, o que significava que fez isso por um longo tempo.

Quando finalmente afastou a boca, ela gaguejou:

— E fica cada vez melhor.

— Chega de conversa, Madeleine. As crianças estarão me esperando para o café da manhã. Se você não fizer isso, nós dois vamos ficar sem dormir esta noite, eventualmente, vou dormir tarde e eles comerão sozinhos.

Ele a viu apertar os lábios e balançou a cabeça, mas fez isso sufocando um sorriso, antes de virar de costas, puxando-a para que ficasse em cima dele. Apagou a lamparina ao lado da cama, virou novamente e os colocou na mesma posição em que estavam.

Madeleine se aninhou mais profundamente e murmurou:

— Boa noite, *baby*.

Seus braços a envolveram com mais força e ele sussurrou:

— Boa noite, minha pomba.

Sentiu o movimento do rosto contra seu peito e soube que ela deu um sorriso. Apollo a abraçou e em poucos minutos a sentiu cair no sono.

Só para você saber, querido, se sua intenção é me dar o melhor... você está conseguindo.

Lá estava. Aliás, era ele que Madeleine via quando olhava em seus olhos enquanto a tomava, ou em qualquer outra hora em que o fitava. Ele estava dando o melhor e não reprimiu o sorriso. Apollo se permitiu desfrutá-lo antes de se juntar a ela no sono.

* * * * *

Três horas mais tarde, Apollo abriu os olhos para um quarto muito escuro, o fogo leve lançando apenas um brilho fraco. O corpo nu e macio da Maddie estava pressionado contra ele, o rosto em seu ombro, o braço apoiado em seu estômago. Sentiu o calor dela, a sua proximidade, a respiração suave contra sua pele.

Contudo, tendo-a como queria, nesse momento a sua mente pôde, finalmente, pensar em outras coisas. Quando o fez, os seus lábios sussurraram para o escuro:

— Por que não usaram magia?

Capítulo 15

Mais Feliz

Passei a camisola sobre a cabeça e a deixei deslizar sobre o meu corpo, a batinha do cetim, cor de safira, encostando nos meus tornozelos. Apollo estava no quarto se despindo para ir para a cama e eu estava no *closet* anexo ao quarto, fazendo o contrário.

Já fazia três dias desde a nossa louca cavalgada de volta à Karsvall. A boa notícia era que, nesse período, Apollo não tinha matado *ninguém* e eu também não tinha ameaçado *ninguém* com uma tesoura de poda. No demais, não havia más notícias. Isso não significava que as coisas não estivessem agitadas, pois estavam. No início, fiquei preocupada porque poderia ser um tédio.

Claro, quando morava com Pol, tínhamos uma senhora que fazia a limpeza, muitas das roupas dele eram lavadas a seco e, já que eu não tinha emprego, não havia muito a fazer. Contudo, ainda lavava as nossas roupas, colocava a louça na máquina, fazia a comida. Não era como se tivéssemos uma casa cheia de crianças, onde passava o tempo arrumando os brinquedos ou fazendo curativos nos joelhos, mas eu tinha coisas para fazer.

No segundo dia em que eu estive ali, Cristiana fez tudo, como arrumar o conteúdo das minhas malas, que tinham chegado de Vasterhague, e até mesmo arrumou a cama, o que me deixou sem *nada* para fazer. Já havia feito bonecos de neve e os *caras* tinham

preparativos para a guerra a executar, assim, fiquei sem saber o que fazer, uma vez que não podia sair com eles.

Na parte da tarde, Loretta e Meeta chegaram, elas eram as minhas servas pessoais. A chegada delas fez com que o trabalho da Cristiana ficasse ainda mais fácil, quando Apollo as levou para a casa, as apresentou a mim e explicou que as suas funções eram cuidar do meu “dormitório” e da minha “pessoa”, por isso Cristiana não tinha mais que arrumar as minhas roupas ou fazer a cama.

Ao ver que nem mesmo tinha que cuidar da minha “pessoa”, a presença da Loretta e da Meeta significava que eu teria absolutamente *nada* para fazer. Além disso, Loretta conhecia ou tinha visto a *outra eu* por aí, porque ficou assustada para caralho no minuto em que me viu de uma forma tranquila, com isso diria que sua boca se escancarou e os olhos ficaram esbugalhados. Essa reação não era incomum, mas estava ficando cansativo. Felizmente, Meeta não ficou.

Meeta me surpreendeu porque era negra e não eu tinha visto qualquer negro durante todo o tempo em que estive nesse mundo. Ela também era bonita, com o cabelo cortado bem curto, a pele escura, macia e um belo pescoço elegante, muito longo, que era de matar. *Oh*, era muito inteligente e tinha olhos muito observadores. Por último, tinha um sorriso fácil que me fez gostar dela instantaneamente.

Contudo, a introdução de Loretta e Meeta se tornou uma benção porque, como nenhuma das mulheres tinha muito a fazer, poderíamos gastar as nossas tardes tagarelando, o que fizemos.

Felizmente, como todos que conheceram a Ilsa antes de mim, Loretta se recuperou da semelhança rapidamente.

Infelizmente, a conversa incluiu Meeta compartilhando com naturalidade que Ilsa era das Southlands, de um país chamado Maroo, onde Meeta era uma escrava. Sim, *uma escrava*.

Então, ela contou que foi capturada quando era uma jovem mulher e levada para outro país, chamado Keenhak, onde foi colocada a serviço contra a sua vontade. Também contou que não estava gostando nem um pouco desse negócio de ser escrava, um eufemismo. Por isso, atingiu o seu “mestre” na cabeça, roubou alguns dos seus objetos de valor, fugiu na calada da noite e trocou os itens roubados por uma passagem em um navio pirata que a levou para as Northlands.

Sim, um navio pirata. Sem brincadeira, essa era a sua história. Meeta foi tão longe quanto podia, sendo isso, Lunwyn.

— Eu vou aguentar o frio e todas essas roupas — disse com a voz suave, mas com sotaque, a mão graciosa apontando para a sua roupa. — Vou fazer isso feliz por ganhar um salário e deitar a minha cabeça livre todas as noites.

Eu concordava totalmente com ela.

Também descobri que Loretta tinha se deitado com o Hans. Soube disso porque os *caras* ainda apareciam por aqui, mesmo que as reuniões sobre estratégia não fossem mais realizadas na casa. Soube quando ele entrou, a ignorou completamente e me cumprimentou como se eu fosse a sua irmã perdida há muito tempo, embora tivesse me visto apenas dois dias antes.

Loretta observou isso, ficou com os olhos marejados de lágrimas, murmurou uma desculpa e saiu do quarto. Cristiana depois contou o porquê, Loretta tinha dormido com Hans e ele não

havia voltado para uma segunda vez, logo, ela ainda tinha uma grande e antiga paixão pelo Hans.

Cristiana também aproveitou a oportunidade para compartilhar que os homens de Apollo eram bastante ativos na aldeia e entre os servos, dizendo:

— Qualquer outra ajudante que você tiver, querida, vai ter conhecido a estocada do pênis de um soldado Ulfr.

Por falar nisso, durante as conversas com as meninas, descobri que os costumes sexuais naquele mundo eram muito mais liberais. O que foi demonstrado pelas palavras da Cristiana. Também, por falar nisso, ao saber desse fato sobre os meninos, fiquei feliz por Cristiana ter mais de cinquenta anos e ser casada “com o amor da minha vida, o teimoso e inútil Cuss” — palavras dela. Portanto, não estava em perigo de conhecer o pau de um dos *caras*, eu esperava.

Gostei muito dessas senhoras e foi divertido fazer amigas novamente. Houve um tempo em que tinha amigos, mas Pol, sendo apenas o Pol, também fazendo o que ele fazia, afugentou todos. Por isso, foi bom conversar com as meninas, conhecê-las e me sentir mais confortável nesse mundo.

Outra coisa boa era a casa anexa. Do lado de fora, era feita de madeira entalhada e entrelaçada que tinha resistido ao tempo, até criar um revestimento escuro que me fazia pensar nos chalés nos Alpes. No interior, era o que Apollo disse que era, calorosa e acolhedora, mas não havia *nada* de rústico na casa anexa de Karsvall. Sua decoração era suntuosa, embora não tão refinada quanto a da casa em Fleuridia, mas de bom gosto. De modo que parecia regularmente usada e amada.

Havia belas pinturas de flores nas paredes e graciosos vasos e estatuetas aqui e ali. Também havia mantas quentes e almofadas macias, que tornavam o ato de se acomodar para ler um livro ou bater um papo com as meninas ser aconchegante e acolhedor.

Ela tinha uma sala de estar e de jantar formais, bem como uma grande cozinha no térreo. Além de um escritório que dividia o espaço com uma biblioteca — graças a Deus, mais livros! — uma pequena sala de costura. No entanto, a melhor parte do andar de baixo era o jardim de inverno na parte dos fundos, feito de vidro e repleto de plantas nas mesas, pendendo de cestas, as janelas embaçadas com a umidade.

O andar de cima tinha três quartos e um “dormitório master”, possuindo um *closet*, uma sala de banho e uma pequena sala adicional — sim, para a *latrina*. Também tinha uma enorme lareira com a cornija feita de mármore cor de creme, que proporcionava um belo contraste com os painéis de madeira escura das paredes. Era decorado em tons de creme e amarelo-claro com toques de pêssego e bastante feminino, o edredom até mesmo rebordado com passa-fitas.

Descobri que a mãe do Apollo havia morado ali, mas não soube muito mais depois da troca de olhares entre Loretta e Cristiana, que mudaram de assunto antes que ela sequer fosse citada. Não insisti, pois não queria fazê-las se sentir sem graça ou forçá-las a compartilhar qualquer coisa que pudesse irritar o Apollo.

De qualquer maneira, queria que ele mesmo me contasse, no seu tempo.

Quanto ao Apollo e eu, nossos dias entraram em um ritmo. No qual ele se levanta no início da manhã, me acordando para informar que estava indo tomar o café da manhã com seus filhos e encostando a sua boca na minha antes de sair.

Durante o dia, ele ficava a maior parte do tempo longe, a menos que tivesse algum tempo livre. Se tivesse, vinha me visitar, mas nunca por muito tempo. Ainda assim, era muito bom quando fazia isso. E, à noite, ele chegava bem a tempo para um jantar tardio, depois que os seus filhos tomavam banho e iam para a cama.

A próxima era a melhor parte de qualquer dia, quando *nós* íamos para a cama e ele fazia amor comigo. Passávamos algum tempo sussurrando depois que fazíamos amor, na maior parte, coisas doces, enquanto nos abraçávamos — a segunda melhor parte de qualquer dia. Então, ele fazia amor comigo novamente ou dormíamos.

Durante essa noite, entretanto, enviou Alek com a mensagem de que se atrasaria, que eu deveria jantar e, se ficasse muito tarde, ir para a cama sem ele, o que eu estava me preparando para fazer quando o ouvi bater na porta do quarto e falar:

— Maddie!

Ao que respondi:

— Estou me trocando.

Depois disso, não ouvi mais *nada*, apenas as botas e o cinto batendo no chão, o que significava que estava se preparando para ir para a cama. Também tivemos uma outra alteração nas circunstâncias desde que as coisas se estabeleceram, Apollo

conseguiu o pennyrium, que tinha trazido junto com Loretta e Meeta. Então, estava tudo bem nesse sentido e as bainhas já não eram necessárias.

Contudo, não passou despercebido para mim que não tínhamos “explorado” o “jogo” que havíamos engajado na noite em que chegamos à Karsvall, profundamente ou de qualquer outra forma.

Quando fazia amor comigo, era doce e lento. Demorávamos a alcançar o orgasmo, construindo-o e deixando-o explodir em seguida. Isso também era incrível, mas tinha que admitir, aquela noite foi quente. Tipo, *muito quente*. Também tinha que admitir que não me importaria de explorá-la, absolutamente. Profundamente ou de qualquer outra forma.

Sendo assim, mesmo de maneira lenta e suave, todas as vezes foram boas e não havia como negar que o chá de adela nos levou a compreender um ao outro melhor, o que desfrutávamos, aprofundando a experiência, tornando-a mais impressionante do que qualquer outra que já tive ou poderia, até, imaginar ter. Havia liberdade nisso, em não estar preocupada com o que ele achava do meu corpo ou se estava fazendo algo certo. Tínhamos uma espécie de harmonia na cama. Era sobre nós mesmos, unidos, a experiência e o clímax, tudo isso tornando a união mais significativa. Mesmo fora da cama. Era incrível.

Na verdade, Apollo era incrível. Carinhoso, doce, comunicativo, engraçado e carinhoso. Valia outra menção, especialmente, a forma como Apollo demonstrava isso. O que significa que ele agia exatamente da maneira que era. Claro, havia certa arrogância nele que, provavelmente, vinha da sua posição na

sociedade e da sua família. Porém, também vinha naturalmente. Sendo um homem com a sua aparência, riqueza, *status* e inteligência, isso poderia acontecer. Com Apollo, aconteceu.

Assim, essa era simplesmente uma pequena nuance da sua personalidade. O resto, ou o Apollo que ele me mostrava, era muito mais. Um exemplo era que já havia passado três dias que tinha deixado clara a sua opinião sobre eu conhecer os seus filhos e não mencionou isso de novo. Sem pressão. Eu estava a dez minutos de distância a cavalo, mas ele era um *cara* ocupado e ainda dividia seu tempo entre mim e eles, não pronunciava uma palavra. Nada. Ele apenas fazia isso, sem drama. Não forçava *nada* e eu tinha que admitir, amava isso.

Na verdade, estava percebendo que havia um monte de coisas que amava no Apollo e, enquanto passava as mãos sobre a camisola em meus quadris, sabia que estava animada para entrar no quarto e estar com ele. Não me importava se faríamos amor ou se apenas conversaríamos. Se não conversássemos, apenas ficaríamos abraçados. Eu só queria estar com ele.

Nunca pensei que me sentiria assim sobre um homem. Novamente, não. Estava de saco cheio de todos os homens após o Pol. Então, me sentir assim sobre o *gêmeo* do Pol era insano. Todavia, com o passar dos dias, Apollo estava tornando bela essa insanidade e diante desse pensamento, saí do *closet*, entrei no quarto e parei.

Ele estava na cama, bem no meio, sentado. O edredom estava puxado até a cintura, o peito enorme à mostra, os cabelos escuros bagunçados pelo galope até a casa e ele ainda não havia

se dado ao trabalho de passar as mãos sobre eles, a fim de colocar um pouco de ordem.

Também tinha um maço de papéis nas mãos, os olhos sobre ele. Havia algo no cara grande, musculoso e poderoso, que emanava masculinidade entre todo aquele creme, amarelo, pêssego e o bordado inglês, que me deu água na boca.

Por outro lado, sempre que o via, me dava água na boca. Também, havia o simples fato de que sabia que ele estava nu sob aquele edredom. Apollo nunca ia para a cama vestido, a menos que estivesse fazendo isso enquanto as retirava.

Levantou a cabeça e os seus olhos imediatamente deslizaram pelo meu corpo, em seguida, se moveram para cima, e quando fizeram isso, falei baixinho:

— Oi.

Sua expressão mudou com aquele olhar carinhoso que sentia na barriga e em torno do meu coração.

— Venha cá, minha pomba — falou baixinho, em resposta.

Eu fui e enquanto ele jogava os papéis em cima da mesinha de cabeceira, levantei a camisola até os quadris e me arrastei pela cama de joelhos. Quando o alcancei, joguei uma perna por cima dele e montei no seu colo. Suas mãos descansaram na minha bunda ao passo que os meus olhos encontravam os dele.

— Mudei de ideia sobre preferir você junto a mim, dormindo nua — declarou, os dedos acentuando a sua opinião, deslizando sobre o cetim que cobria a minha bunda.

— Tenho um monte de camisolas incríveis que você está perdendo, querido — respondi.

— *Humm* — ele murmurou, esse ruído também reverberando na minha barriga, mas de uma maneira diferente.

Seus olhos desceram até o meu peito e as mãos começaram a deslizar pelos lados do meu corpo. Segurei os seus pulsos e ele olhou novamente para mim.

— *Baby*, temos que conversar.

Apollo fez o que sempre fazia. Passou os braços ao meu redor, me puxou para perto e me deu o que eu pedi, instantaneamente.

— Sobre o que, papoula?

Deus, eu adorava quando ele agia dessa maneira e coloquei as mãos no peito dele.

— Sobre três coisas. Então, podemos passar para as coisas boas.

Seus lábios se curvaram, seus braços me deram um aperto e ele disse:

— Continue.

— Bem — comecei. — Chegou ao meu conhecimento que seus caras *são* do tipo... — hesitei — *ativos*, na casa principal e na aldeia.

Sua cabeça se inclinou ligeiramente para o lado.

— Ativos?

— Bastante ativos.

— Eles são realmente ativos, Maddie. Embora esteja achando que não entendo o que você está falando, na verdade.

— Hans dormiu com Loretta.

— E?

— E, Loretta é minha criada pessoal.

— Sim?

Olhei para ele e disse:

— Bem, Hans é um dos seus homens e meu amigo. Ele frequenta a casa, não sempre, mas vive por perto.

— É verdade — afirmou, paciente, mas confuso.

Ok, surpreendentemente, parecia que tinha que explicar isso para ele.

Aproximei-me um pouco mais, deslizando as mãos pelo seu peito para apoiar os dedos nos seus ombros e compartilhei:

— Ele esteve aqui duas vezes desde que a Loretta chegou e sequer olhou para ela. Ele já é o *crush* dela há bastante tempo....

— *Crush?* — perguntou, franzindo o cenho.

— Ela gosta dele.

— *Ah* — ele murmurou, relaxando a testa.

— É esquisito — falei.

— Ela não deveria tê-lo aceitado na sua cama.

Pisquei, então disse:

— Na verdade, estava pensando que você poderia ter uma conversa com os meninos, assim, *e/les* seriam mais discretos. Com isso quero dizer, apropriados, que podem querer ir um pouco mais longe, quando estiverem escolhendo suas parceiras de... jogo.

Dessa vez, Apollo me encarou. Então, os braços à minha volta balançaram e ele começou a rir. Quando a sua risada estava diminuindo, levantou os braços para segurar o meu rosto nas mãos. Puxou a minha boca até a dele e me deu um beijo rápido e intenso, com os lábios ainda sorridentes, antes de me abraçar novamente e dizer:

— Você me diverte, papoula.

— Eu estou falando sério.

Ele *ainda* estava rindo, mas piscou diante das minhas palavras.

— Perdão?

— Eu estou falando sério — repeti. — Veja, é meio... — procurei por uma palavra e a encontrei. — Grosso modo os caras *sexys* da mansão se divertem por aí, deixando um rastro de corações quebrados em seu caminho. Deve haver outro lugar que possam ir para obter o seu... — lutei novamente para encontrar a palavra certa. — Divertimento.

— E perder tempo montado em um cavalo quando podem cavalgar um pouco menos até a casa? — perguntou com leve incredulidade.

Meus olhos se arregalaram, os lábios dele se curvaram em um sorriso, abri a boca para falar, mas ele fez isso antes de mim.

— É desse jeito que as coisas são aqui, Maddie.

— Eu...

Ele colocou os dedos sobre os meus lábios e sussurrou:

— Quieta. Por favor?

Fiquei quieta, mas só porque ele falou “por favor”, realmente apreciei, também gostei da voz profunda quando pronunciou essas palavras. Ele se certificou de que eu ficaria calada, afastou a mão para poder me abraçar novamente e prosseguiu.

— As pessoas deste mundo são bastante livres... — fez uma pausa — sexualmente. Em Vale, há mais restrições do que em Lunwyn. Em Fleuridia, menos. Mas, aqui, homens e mulheres apreciam um ao outro, abertamente e com frequência. Se Loretta

tem sentimentos pelo Hans, que não são retribuídos, é lamentável. Mas acontece. Isso não acontece no seu mundo?

Na verdade, acontecia. Mordi o lábio e ele balançou a cabeça, lendo corretamente a minha resposta não verbalizada.

— Sinto muito que as coisas estejam estranhas, minha pomba — disse baixinho. — Mas, ela não está sendo enganada, tenho certeza. Ela conhece a nossa cultura e é muito provável que vá encontrar alguém para direcionar as suas atenções. Mas isso pode acontecer novamente, até ela encontrar o homem que sinta que ela é o seu *crush*.

Era o que acontecia na minha cultura também. Droga.

— Encerramos esse assunto? — perguntou, sabendo a resposta ao olhar o meu rosto.

No entanto, a minha resposta foi diferente:

— Mais ou menos.

— O que mais? — questionou.

Pensei na prostituta em Fleuridian e o fato de que Apollo era, definitivamente, um homem que gostava de ter prazer.

— Você, *humm*... — parei.

— Nunca — afirmou.

Foi a minha vez de piscar.

— Nunca?

— Nunca... recentemente — emendou e lá estava.

— *Humm* — murmurei.

Ele me puxou, suavizou a voz e explicou.

— Há Chefes das Casas que fazem essas coisas, não sou um deles. Eu era casado, minha esposa era meu primeiro e único amor. Contudo, descobri antes de casar, minha pomba, e achei

desconfortável estar perto de criadas que me conheciam dessa maneira.

— Em outras palavras, todas elas se apaixonaram por você — deduzi.

Ele assentiu.

— É difícil se sentar para jantar com a mulher que está lhe servindo enviando olhares ardentes, você já teve o que queria e não pretende beber mais desse copo.

Desviei o olhar, murmurando:

— Aposto que sim.

Quando não respondi mais *nada*, a mão do Apollo na minha mandíbula levou o meu olhar de volta para ele.

— Há algo mais em sua mente?

Olhei nos olhos dele, tentando decidir se deveria ou não trazer aquele assunto à tona. Então, o trouxe.

— Houve aquela mulher que foi até a casa, uma noite depois de você me deixar em Fleuridia.

Suas sobrancelhas se ergueram, não de maneira confusa, mas de um jeito irritado.

— Celise foi até a casa enquanto você estava lá?

— Bem... sim.

— Ela não foi convidada — afirmou.

— Ela parecia... — hesitei — bem, parecia que ela...

— Eu a tive — compartilhou, sendo bem direto. — Repetidas vezes. Ela me visita quando estou em Fleuridia.

Oh, Jesus.

Ele prosseguiu.

— Ela possui grande beleza e é bastante cara por isso, assim como por seu talento com a boca.

Ok. Lá estava a minha resposta. Tarde demais. Eu não deveria ter tocado no assunto.

— *Uh*, talvez devêssemos parar de falar sobre isso — sugeri.

— Não existem prostitutas no seu mundo? — perguntou.

— Bem, sim, mas não é uma coisa para se gabar.

— Por que não? — Olhei para o Apollo. — É uma profissão honrosa — declarou e continuei olhando para ele.

— Só as melhores a praticam. Há aquelas que oferecem os seus serviços para uma chupada, é claro, mas custam poucas moedas. No entanto, ganham muito mais do que — fez uma pausa para dar ênfase — uma garçonete.

Eca!

Ele continuou falando.

— Mas, há aquelas que servem aos que podem pagar pelo serviço mais qualificado, elas são muito talentosas. Algumas são até mesmo famosas. Celise é uma delas.

— Isso é loucura — sussurrei.

— Como assim? — perguntou.

— Por que não? — retruquei em resposta.

— Isto não é uma resposta à minha pergunta, papoula. As prostitutas não são prestigiadas no seu mundo? — questionou.

Balancei a cabeça.

— Não.

— Estranho — murmurou, então se concentrou em mim.

— Há homens e mulheres que tiram férias em Fleuridia, apenas para visitar as prostitutas Fleuridianas. Elas são as melhores

das Terras do Norte.

— Isso é... bem, presumo que achei meio que chocante — disse a ele.

— Como eu acho igualmente chocante o provimento desse serviço, serem celebradas por seu talento, ser desprezado no seu mundo, assim como a sua reação afirma claramente que é.

Parecia que ele estava desapontado comigo.

— Não somos tão livres sexualmente quanto vocês, eu acho — expliquei.

Seus olhos escureceram e eu gostaria de saber o porquê quando ele perguntou:

— Você se sente culpada pelo que faz comigo?

— Não — respondi rapidamente.

— Se o nosso relacionamento seria repudiado no seu mundo, por que não?

— Porque eu o aprecio e gosto de você. Gosto de passar o tempo com você e ficar com contigo. Tanto que, se estivéssemos no meu mundo, não ligaria para o que as pessoas pensam.

Seu olhar se tornou, imediatamente, carinhoso e ele disse em voz baixa:

— Esta é uma boa resposta, minha papoula.

Senti a ternura nos seus olhos deslizando pelo meu interior, no entanto, senti que era necessário salientar:

— Apenas para ressaltar, no meu mundo, os homens que pagam e as mulheres que são pagas por isso são desprezados, Apollo. Há mais liberdade sexual para aqueles que são livres para serem... *hummm*, sexualmente livres.

— Muito estranho — ele murmurou e novamente estreitou o olhar para dizer: — Se Celise a deixou desconfortável, minha papoula, peço desculpas. Não estava programado que ela se encontrasse comigo naquela noite. No entanto, ela tem os seus clientes favoritos e sou um deles, por isso, não estou surpreso.

Eu não estava surpresa que ele fosse um dos favoritos da famosa Celise, seja lá quem quer que ela fosse, mas fiquei imaginando se alguma vez ele bateu nela, tomou chá de adela com ela ou “explorou” outras coisas com ela. Eu sabia que, por alguma razão, se tivesse feito isso, eu ficaria chateada. Muito.

— Agora, terminamos esse assunto? — perguntou.

— Sim — respondi, sem querer saber o quanto ele explorou a bela Celise.

Suas mãos se moveram sobre a minha camisola e ele pediu:

— Então, vamos passar para os outros, para que eu possa tirar essa encantadora camisola do caminho.

De repente, não estava muito a fim de falar sobre os outros assuntos, uma vez que eram mais difíceis, mas também porque queria que ele tirasse a minha camisola. No entanto, perseverarei ao afirmar:

— O que aconteceu e nos fez voltar para Karsvall, você não mencionou isso de novo.

— Não — ele confirmou prontamente. — Porque nada mais aconteceu. Estamos esperando homens e mensagens chegarem, mas não espero *nenhum* dos dois até amanhã.

Adorei que ele tenha explicado isso para mim, mas não era aonde eu queria chegar.

— Obrigado por compartilhar isso comigo, *baby* — sussurrei e suas mãos pararam de vagar para me abraçar novamente. — Mas, não foi por isso que mencionei esse assunto. Eu tenho uma pergunta.

— E essa pergunta seria?

— Bem, os rapazes falaram diversas vezes, no jantar daquela noite, que nós estamos *meio* que em guerra.

— Sim — ele afirmou.

— Estive pensando sobre isso e parece estranho.

— Tudo sobre isso é estranho — ele concordou.

— Não, quero dizer, a parte sobre estar em guerra e isso estar acontecendo porque alguém atacou você e a sua família. Quero dizer, um rei de algum lugar, eu entenderia, mas, por que você era o alvo?

Seu corpo ficou imóvel.

Oh, oh.

— Apollo? — chamei, mesmo ele estando ali. Seus olhos ficaram distantes e não gostei disso tanto assim.

Apollo se concentrou em mim e preendi a respiração quando fez isso, por um bom tempo, sem falar. Soltei a respiração quando ele quebrou o silêncio:

— Há duas razões possíveis para isso — disse.

— Ok — respondi quando não disse mais *nada*.

— Uma delas é que eu sou o estrategista da Rainha Aurora. Também servi ao Rei Atticus nesta mesma posição. Isto incluiu, principalmente, negociações, mas houve algumas escaramuças. Baldur sempre esteve conspirando, fez algumas tentativas de usurpar terras de Lunwyn quando era o governante da agora extinta

Middleland. A maioria do povo de Lunwyn não sabe sobre isso, porque os meus homens e eu o impedimos antes que ele conseguisse.

— *Oh* — sussurrei, sem ter certeza sobre onde isso iria, embora ainda achasse legal para caramba que o Apollo e seus *caras* fodões tenham cortado essa merda pela raiz.

— Frey é um corsário — Apollo prosseguiu. — Ele não é um guerreiro. Lahn é um guerreiro, mas o seu país, nas Southlands, é muito diferente do que os das Northlands. Seu exército é altamente treinado, altamente qualificado, grande em número e, portanto, imbatível.

— Certo — murmurei, achando que essa era uma boa notícia.

— O que estou dizendo é que, apesar do Lahn ser muito inteligente e estratégia ser um fator importante no que ele faz, seus guerreiros são tão treinados, que precisam de poucas instruções, tão poderosos que sempre levam a melhor em um desafio. São conhecidos por isso. Isso nos leva ao Tor, que também é um guerreiro e estrategista. No entanto, contra os nossos inimigos, devemos colocar todas as melhores mentes em conjunto e a Rainha Aurora me convocou para estar envolvido desde o início. Isso pode ter me tornado um alvo, como qualquer governante ou alguém em um alto escalão seria.

Isso fazia sentido. Era uma merda, mas fazia sentido.

— E a outra razão possível? — solicitei.

Ele encarou os meus olhos e hesitou, mas ainda assim, disse:

— Pode ser que você fosse o alvo.

O quê? E por quê?

Escolhi uma pergunta e a sussurrei.

— *O quê?*

— Baldur tem motivos para estar irritado com todos os casais que foram unidos ao longo dos dois mundos. Minerva conspirou para manter Tor e Cora separados, dividindo a alma do Tor e colocando a outra metade em uma mulher do seu mundo. Isso, nós achamos, não é uma coincidência.

Oh, Jesus.

— E você e eu somos, *agora*, um casal reunido através dos dois mundos — concluiu.

Senti-me bem ao ouvi-lo dizer que éramos um casal. Não tínhamos estado juntos por muito tempo, mas o tempo em que estivemos juntos foi intenso. Então, sim, definitivamente, me senti bem. Só não me senti bem sendo um possível alvo de furiosos ex-governantes e Deusas.

— Isso não me faz sentir acolhida e aconchegada, Apollo — disse a ele.

— A mim também não, papoula. Mas, não temos como saber o porquê eles fazem o que fazem. Só podemos imaginar e coincidência não é algo que podemos ignorar.

— Será que Baldur tem motivo para estar irritado com você?

— Exceto por lutar na guerra contra os traidores que mataram Atticus e aprisionaram Aurora e Finnie, uma batalha na qual o seu filho foi morto, não especialmente.

Bem, pelo menos aquilo era bom.

— E... *hummm*, ele tem alguma razão para estar zangado com a outra eu? — perguntei hesitante e os seus braços me deram um

aperto.

— Não. Embora o tenha encontrado em uma variedade de reuniões de assuntos de Estado, em algumas delas, Ilsa estava ao meu lado. Contudo, esses encontros foram breves e insignificantes para um homem como Baldur.

Balancei a cabeça, já que isso era muito bom. Exceto por uma coisa:

— Então o ataque foi, provavelmente, direcionado a você — presumi.

Dessa vez, ele balançou a cabeça.

— Estive pensando sobre isso, Maddie, uma vez que não faz sentido. A única coisa que posso considerar é que eles lançaram o seu dardo para fazer uma declaração. Sendo que não precisariam usar as armas mais poderosas do seu arsenal para fazer esse primeiro ataque. Os homens que nos atacaram em Vasterhague eram hábeis. Não gosto nem de pensar em como ele teria terminado, se você não tivesse intervindo.

Eu sabia que o meu rosto dizia “eu falei” quando os seus lábios se curvaram e seus olhos brilharam com humor, então decidi não falar em voz alta e ele continuou:

— Lees relatou que os homens que vieram para cá eram igualmente qualificados. Embora, felizmente, ninguém tenha ficado ferido, porque os meus homens são mais hábeis, além de conhecerem a disposição do terreno. — Fez uma pausa antes de, com voz mais profunda e mais rouca, declarar: — Não gosto de pensar no que poderia ter acontecido se esse não fosse o caso.

Movi a mão para o seu pescoço.

— Então, não pense sobre isso, querido.

Ele encarou o meu olhar e balançou a cabeça novamente.

— O que estou dizendo é que eles levaram a sério esses ataques. Não enviaram adversários facilmente derrotáveis. Planejavam ter sucesso e isso tornaria bastante clara a declaração, de que poderiam chegar até mim, até você, aos meus filhos, invadindo a minha casa e tomando todas as nossas vidas, mesmo sem usar todo o poder sob o seu comando. Seria uma declaração que poderia causar medo. Frey, Lahn e Tor não são homens facilmente intimidados pelo medo ou, talvez, *já* tenham se sentido intimidados por ele. Mas acho que é seguro dizer que, se suas esposas ou famílias estivessem em maior perigo do que se pensava, isso iria atingi-los.

Quanto mais Apollo falava sobre esses homens, Frey, Lahn e Tor, mais eu sabia que gostaria deles.

— Já terminamos com esse assunto? — perguntou.

— Só mais uma coisa — respondi.

— Fale — ele ordenou e sorri.

Em seguida, o interoguei:

— Onde está Derrik? Vi todos os rapazes, menos ele, desde aquela noite no galpão do jardineiro.

Uma sombra passou pelo seu rosto antes de responder:

— Está fora, em uma missão. Uma atribuição autoimposta, mas está nela.

Não achava que o Apollo parecia satisfeito com isso.

— Autoimposta? — perguntei.

— Não ordenei que ele se encarregasse dessa tarefa. Não queria que ele estivesse nessa tarefa. Ele está sob o meu comando,

mas ainda toma suas próprias decisões. Eu não tive outra escolha, a não ser deixá-lo ir.

Eu o observei de perto.

— Você está preocupado — falei baixinho.

— De fato — concordou.

Isso significava que, *agora*, eu estava preocupada e queria saber mais. Contudo, não queria forçar Apollo a me dizer mais quando ficou claro que não gostava de falar sobre isso.

— Ok, então, vamos parar de falar sobre esse assunto — ofereci.

— Eu ficaria grato — ele concordou, sua voz suave. — Agora, encerramos o assunto?

Balancei a cabeça e as mãos dele começaram a vagar.

— Tenho mais um tópico — o lembrei.

— Fale rápido, estou ficando impaciente — respondeu com a voz baixa e rouca novamente, mas de uma maneira diferente, maneira essa que senti entre as minhas pernas.

— Ok. Então, lá vai. Fiz *cookies* com gotas de chocolate — anunciei.

Suas mãos pararam de vagar e ele piscou.

— Perdão?

— Bem, estão mais para pedaços de chocolate, já que vocês não têm gotas de chocolate aqui e eu tive que socar um pouco de chocolate para fazer os pedaços e alguns dos pedaços estão na massa, então são mais do tipo *cookie* de chocolate, com pedaços de chocolate...

Eu estava balbuciando. Apollo ouviu e me interrompeu com:

— Pare e explique.

Claramente. Viu? Arrogante. Também ditatorial e, infelizmente, ainda sexy. Tanto faz. Afastei-me e ele me soltou.

— Ok. Você sabe o que são cookies?

Ele balançou a cabeça.

— *Cookies* são como bolos pequenos. Exceto que, mais úmidos, com sabor mais intenso, mais saborosos. Os que eu fiz são os favoritos de todo mundo, no meu mundo.

— E você os fez hoje? — perguntou.

— Sim — respondi.

Sua expressão mudou e as suas mãos deslizaram novamente pelas minhas laterais, mas fizeram isso me puxando para ele e a sua voz era *muito* baixa e rouca quando perguntou:

— Para mim?

Encarei o seu olhar e sussurrei:

— Sim, para você. Também para poder levar para Christophe e Élan.

Todo o seu corpo enrijeceu. *Oh*, Jesus. Ok, veja bem, eu tinha um plano. Ganhar o coração deles pelo estômago. Eram crianças. Iria funcionar. Certo? Quando ele não disse *nada*, falei, hesitante:

— Eu, bem... pensei em dar um... um pouco do meu mundo. Uma coisa que as crianças pequenas no meu mundo gostam. E eles podem, *hummm*... gostar.

— Você está pronta para conhecê-los — era uma pergunta feita como uma afirmação.

— Sim, talvez... — respirei fundo e terminei com uma pergunta: — Depois de amanhã?

— Vamos jantar juntos — decidiu.

Merda. Droga. Merda.

— Ok — murmurei.

Apollo passou os braços à minha volta.

— Eles vão gostar dos seus *cookies*, papoula. Ambos têm um fraco por doces.

Balancei a cabeça e ele me puxou para mais perto.

— Também vão gostar de você. — Engoli em seco. — Vão gostar — insisti.

— Ok — murmurei.

— Isto me faz feliz, minha pomba — sussurrou.

Ok. Bem, ele estar feliz me fazia feliz.

— Que bom — sussurrei em resposta.

— Agora, já cobrimos tudo o que você queria discutir? — perguntou e as suas mãos começam a vagar novamente, seu olhar se tornou cálido, as pálpebras piscaram e tudo isso era *sexy*.

Ele e toda a sua beleza masculina na cama, com o edredom cor de creme, os lençóis amarelo-claros com os bordados em cor de pêssago, os ombros largos apoiados na cabeceira, o peito à mostra e, de repente, eu tinha outra coisa para discutir.

— Tenho mais um tópico — compartilhei.

— Fale — ordenou e dei um pequeno sorriso que, por algum motivo, fez o calor nos seus olhos incendiar.

Não falei. Estendi a mão para os pulsos dele e os segurei. Então, afastei as suas mãos do meu corpo e estendi um dos seus braços ao longo do topo da cabeceira da cama, curvando os dedos dele na beirada.

Quando os meus olhos foram do seu braço para os olhos dele, vi que, *agora*, estavam *realmente* pegando fogo. Diante disso,

me contorci sobre o seu colo, tomei coragem porque parecia que ele estava gostando do que eu estava fazendo, levantei o seu outro braço e fiz a mesma coisa.

Quando olhei para ele, seus olhos estavam em chamas e não pude evitar de me contorcer.

— Você disse que iríamos explorar — sussurrei e seus olhos me aqueceram por dentro. — Eu quero explorar — continuei, sussurrando.

Ele não disse *nada*, apenas encarou o meu olhar, o dele queimando no meu, causando uma queimadura em *mim*.

— Você vai se segurar na cabeceira da cama enquanto eu exploro, *baby*?

Diante disso, seus olhos flamejaram e sua voz era um grunhido quando disse:

— Por você, papoula, vou tentar.

Senti o meu sexo convulsionar diante da sua resposta.

— Muito obrigada, querido.

O seu olhar era tão *sexy*, me deixou tão quente, que não perdi tempo. Coloquei os lábios sobre ele, o explorando. Deslizei a língua até o seu pescoço, pela garganta, ao longo da sua clavícula, fui descendo e usei as mãos também. Segui as protuberâncias dos peitorais com os lábios, em seguida, me movi para os mamilos. Com o polegar, acariciei um deles enquanto a língua deslizava sobre o outro.

Os seus quadris se levantaram e um gemido abafado retumbou no seu peito. Ele gostou. Graças a Deus, ele gostava disso. Dei mais, me demorando e, às vezes, erguendo os olhos para ver a face enevoadada, os olhos calorosos me observando. Gostei

disso, assim, dei mais ainda. Deslizando para baixo, puxei as cobertas comigo e lá estava ele. Duro, longo e grosso, orgulhosamente ereto, um convite pela minha atenção.

Deus, maravilhoso.

Acomodei-me de maneira que soubesse o que eu queria e ele abriu as pernas. Acomodei-me entre elas e Apollo levantou os joelhos com as pernas afastadas. Eu o apreciei. Estava ali para mim, seu belo pau, duro como uma rocha. Para mim. Todo o seu poder contido e à espera. Por mim. Toda a sua beleza... para mim. *Oh, sim.*

Os meus mamilos latejavam, meus seios estavam pesados, o cetim contra eles uma gloriosa tortura, a área entre as minhas pernas molhada, me curvei entre as pernas dele, me aproximei e deslizei a ponta da língua até a parte inferior do pênis duro, da base até a ponta.

Outro gemido, dessa vez não sufocado, outro empurrão dos seus quadris. Olhei para ele e vi os músculos dos braços e do peito esticados, as veias dos braços estufadas. Suas mãos estavam agarrando a cabeceira da cama com força e engoli um gemido ao ver o poder e a paixão controlados. Por mim.

Dei um pequeno sorriso.

— Tome o meu pau — ordenou com voz rouca.

Abaixei a cabeça e beijei a ponta, mas não fiz mais do que isso.

— Maddie...

Movi o meu corpo e passei a língua ao longo da junção do quadril com a coxa. Ele se mexeu com agitação. Eu também, então, me movi para deslizar a língua ao longo da outra junção.

— Tome o meu pau, Maddie — ele grunhiu.

Olhei para ele, encarando os seus olhos enquanto corria a língua ao longo da parte de baixo do seu membro.

— *Deuses* — Apollo gemeu, jogou a cabeça para trás, as veias da garganta saltando, a mandíbula forte, exposta. Diante de tudo isso, senti o meu clitóris começar a pulsar.

— Você é bonito *pra* caralho — sussurrei e ele inclinou o queixo para baixo.

— Tome o meu pau — me interrompeu.

— Tão incrivelmente belo.

— Faça, Madeleine.

Coloquei a língua para fora lentamente, tocando a ponta da língua na ponta do pênis dele. Um estrondo retumbou no seu peito e vi os músculos do braço esticados pelo esforço, os dedos segurando a cabeceira da cama com tanta força que temi que fosse quebrá-la.

Diante disso, decidi que estava na hora de dar mais. Envolvi a mão em torno do seu pênis, o puxei para mim e o abocanhei profundamente.

— *Graças aos deuses* — murmurou, arqueando o pescoço novamente.

Então, dei tudo a ele, boca, língua e mãos. O suguei profundamente. Minha mão o segurou com mais força e o acariciei. Notei, vagamente, que *agora* todo o seu corpo estava enrijecendo, até mesmo as suas pernas, soube que ele estava

lutando para não se levantar e foder minha boca, o que me excitou ainda mais.

Seus grunhidos se transformaram em gemidos, me estimulando e, quando se aprofundaram e senti o seu corpo se contrair, tirei o pênis da boca e me sentei. Ele ergueu a cabeça e seus olhos queimaram dentro de mim.

— Quero que você engula a minha semente — ele ordenou e, diante das suas palavras, outra onda de umidade saturou o meu sexo.

Contudo, levantando os quadris, puxei a camisola e tirei a calcinha. Rapidamente, me movi até ficar em cima dele, agarrei a camisola e a puxei sobre a cabeça, jogando-a longe.

— Outra hora, *baby* — ofereci, levando a mão entre nós dois e envolvendo os dedos em torno do seu pau.

— Me tome profundamente e monte com força, papoula.

Ele não teria isso, não ditaria as ordens. Mas, caramba, gostava quando fazia isso. Ainda assim, deslizei a ponta através da minha umidade e sussurrei:

— Em um minuto.

— Agora.

Eu a movi para o meu clitóris, me esfreguei com força contra ela e isso me fez sentir *incrível*.

— Em um minuto — balbuciei.

— Agora, Madeleine.

Esfreguei a ponta com mais força contra mim e cometi um erro. Minha cabeça havia caído para trás, o que ele estava me dando e *eu* estava recebendo, estava me consumindo, repeti para mim mesma. Contudo, acrescentei a palavra “*baby*”.

De repente, senti a minha mão sendo puxada do seu pênis. Levantei a cabeça assim que ele se posicionou na minha entrada e suas mãos agarraram a minha cintura. Com os dedos cravados na minha pele, ele me penetrou. Minha cabeça se inclinou novamente para trás enquanto eu sussurrava:

— Caralho, sim.

Antes que eu pudesse me mover sobre ele, **OS** seus braços se fecharam à minha volta. Ergui a cabeça com surpresa e vi o seu rosto. Toda ternura se foi, exatamente como na noite em que chegamos em Karsvall. Não havia controle. Não havia nada além de necessidade. Fome. Calor.

Ele se apoiou nos joelhos, me movendo junto com ele. Enquanto fazia isso, me ergueu, meu peso e a força dos seus braços me puxando brutalmente para baixo, contra o seu pênis.

Eu amei. Apollo me penetrou profundamente, me deixando no limite. Estava quase gozando quando ele caiu para frente, me colocando de costas na cama, mas se levantou rapidamente. Os seus dedos seguraram os meus tornozelos, ele puxou as minhas pernas para cima, pressionando-as contra o seu tronco, apoiando os meus calcanhares nos seus ombros enquanto os seus quadris batiam contra os meus e os nossos olhos se encontravam.

— *Baby* — sussurrei.

— Toque a si mesma — ordenou, me penetrando violenta e profundamente, os dedos apertando os meus tornozelos.

— Estou quase gozando — engasguei. — Se fizer isso, não vou conseguir me segurar.

— Toque-se, Maddie — grunhiu e balancei a cabeça.

— Baby, eu...

Ele se retirou, moveu as minhas pernas a fim de me virar de barriga para baixo e puxou os meus quadris para cima, assim, eu estava de bruços, mas com a bunda levantada na cama. Então, a sua mão estalou contra a minha bunda.

Oh, Deus. Deus, Deus, Deus. Sim.

Os meus quadris balançaram, minha bunda ardeu, meu corpo *queimando* para caralho.

— Toque-se — exigiu.

Imediatamente, levei a mão entre as minhas pernas e me toquei. Em apenas um segundo, estava gemendo incontrolavelmente e sua mão estalou contra a minha bunda novamente.

— Sim — sussurrei, pressionando os dedos e os deslizando com mais força, erguendo a bunda para comunicar que queria mais e ele me deu.

— *Oh*, meu Deus, Lo — gemi, senti outra palmada e arqueei a cabeça.

— Sim.

Mais uma.

— Deus, Lo, *sim* — exclamei e gozei *intensamente*, os meus gritos agudos penetrando a escuridão.

Continuei gozando enquanto o sentia me penetrar por trás e continuar fazendo isso. Continuei gozando enquanto os dedos cravados nos meus quadris me puxavam com força, até mesmo enquanto me penetrava com firmeza. Meu orgasmo estava diminuindo quando ele estocou uma última vez, enrijeceu e ouvi o

seu gemido de gozo, tão profundo que o senti vibrar através do seu membro direto no meu coração.

Um arrepio remanescente me atravessou só de ouvi-lo, sem mencionar *senti-lo*. Ele ainda não tinha terminado de desfrutar do seu orgasmo quando se retirou, me puxou para cima e pressionou o pênis, assim, ele ficou aninhado ao longo da fenda da minha bunda. Seus braços me apertaram, um na altura das minhas costelas, o outro no meu peito e enterrou o rosto no meu pescoço.

— Você me chamou de Lo — ele disse, a respiração acelerada e a voz rouca.

De repente, vacilante, sussurrei:

— Sim. Ouvi os rapazes chamarem você...

Ele aninhou o rosto mais profundamente na minha pele e me apertou tão forte com os braços que a minha respiração saiu em um jorro.

— Isso me agrada — sussurrou a resposta.

Graças a Deus. Relaxe contra ele, que continuou sussurrando palavras suaves contra a minha pele.

— Você me agrada.

Fechei os olhos, mas levei as mãos até os antebraços dele, segurando-os com força. Ele me deu outro aperto enquanto empurrava os quadris, pressionando o pênis profundamente no meio das bochechas da minha bunda.

— Você está confortável, minha pomba?

— Sim.

— Sua bunda está bem?

— *Oh*, sim — sussurrei.

Isso me rendeu outro aperto. Em seguida, os seus braços relaxaram levemente e os seus lábios deslizaram do meu pescoço até o meu ouvido.

— Da próxima vez, vou tomar esta bunda — seus quadris empurraram novamente para que eu soubesse sobre o que ele estava falando.

Um tremor sacudiu o meu corpo. Nunca tinha feito isso, mas queria que Apollo fizesse isso comigo. Queria que ele me tomasse de todas as maneiras que pudesse. Queria tomá-lo de todas as maneiras que eu pudesse. Queria possuí-lo e queria que ele me possuísse. Essa constatação me abalou e ele não tinha terminado.

— Com a bunda vermelha de novo, seus dedos trabalhando entre as pernas, você vai gozar comigo enterrado dentro dela.

Ok, agora estava achando que queria isso imediatamente.

— Vamos precisar de óleo — falei baixinho e os seus dentes se cravaram no lóbulo da minha orelha, o que me causou outro estremecimento, antes que ele movesse os lábios para a pele da parte de trás da minha orelha.

— Vou providenciar — ele murmurou.

Bom.

Seus braços se moveram. O que estava no meu peito se dobrando para envolver o meu seio. O que estava sobre as minhas costelas fazendo o mesmo com o meu sexo.

— Você me dá isso — falou suavemente.

— Sim.

— Livremente — acrescentou.

— Sim.

— Com abandono — concluiu e não escondeu que isso o agradava também.

Não disse *nada*, mas senti muito. Deus, tanto. Era quase impossível de conter. Ele me puxou com mais força para o seu corpo e novamente enfiou o rosto no meu pescoço.

— Isso me deixa feliz.

Oh, Deus.

— Estou feliz, Lo.

Sua boca voltou para o meu ouvido.

— Minha pomba está feliz? — perguntou com ternura, mordeu o lábio e me senti ainda *melhor*.

Tão melhor, que estava me devorando. Não me importaria em desvanecer dentro disso, o que me abalou muito.

Meus dedos apertaram os antebraços dele e respondi:

— Sim, estou feliz, Apollo.

Ele não disse *nada* por um longo momento. Apenas me segurou intimamente, bem perto, ambos de joelhos sobre a cama quando, finalmente, ele quebrou o silêncio.

— Você está melada. Vou te limpar e vamos dormir.

— Ok — concordei.

Isso me rendeu outro aperto e um beijo na nuca. Em seguida, se moveu para me acomodar suavemente na cama e se inclinou para roçar os lábios na minha mandíbula antes de me soltar. Em seguida, começou a arruinar minhas defesas.

Fez isso ao me lavar, colocar a camisola em mim passando as mãos sobre o tecido, me colocando na cama, puxando as cobertas até os meus ombros e me puxando para perto, me aninhando contra ele. Fez tudo isso com ternura, com aquele olhar

no rosto que eu sentia nas minhas entranhas e em volta do meu coração.

Também fez isso como se eu fosse frágil, mas preciosa. Amada. Ninguém tinha me tocado dessa forma. Nunca na minha vida. Apollo me segurou com firmeza junto a ele enquanto rolava para um lado, depois para o outro, a fim de apagar as lamparinas nas mesinhas, ao lado da cama, nos deixando apenas com a iluminação da lareira. Quando nos acomodou de lado, me puxou ainda mais perto e senti os seus lábios no topo da minha cabeça.

— Preciso dizer a você agora, minha papoula. Durante anos, nunca pensei que voltaria a ser feliz. Nunca mais. — Levou-me mais para perto e terminou em um sussurro rouco. — Por isso, nunca imaginei que poderia ser *mais feliz* ainda.

Diante das suas palavras e de tudo o que elas queriam dizer, meu coração acelerou dentro do peito, mas me aconcheguei mais ainda, aninhando o meu rosto na sua garganta, incapaz de dizer qualquer coisa. Capaz, apenas, de sentir.

— Durma, Maddie — murmurou.

— Ok, querido — forcei-me a falar.

Senti os seus lábios se afastarem dos meus cabelos, mas ele manteve um braço em volta dos meus ombros, me segurando com firmeza enquanto o outro deslizava pelas minhas costas, a fim de alisar o meu traseiro, o tocando levemente como se quisesse acalmar o ardor que a mão deixou lá. Ardor com o qual não me importava nem um pouco.

Eu deveria ter dormido. Tudo o que eu sabia, tudo o que aprendi, tudo o que eu era, me diziam para manter a boca fechada.

No entanto, nos braços dele, diante de tudo o que ele disse, tudo o que tinha feito, tudo o que ambos demos um ao outro, não mantive.

Com voz tão baixa, que foi difícil até para eu mesma ouvir, disse a ele:

— Em toda a minha vida, nunca fui feliz. Portanto, nunca imaginei que poderia ser, muito menos dessa maneira. Até agora.

Apollo me ouviu e eu soube disso porque ele me deu outro aperto poderoso, que me tirou o fôlego, e senti os seus lábios novamente no meu cabelo.

— Quero que você compartilhe porque isso foi comigo, Madeleine.

— Vou compartilhar, querido — ofeguei.

Ele ouviu o chiado e afrouxou o aperto dos braços.

— Agora, não. Agora, vamos dormir — ele ordenou e diante do comando arrogante e mandão, sorri contra a sua pele.

— Certo — murmurei.

— Mas, quero que você durma sabendo o quanto significa para mim, saber que te fiz feliz.

Inspirei de maneira trêmula, mostrando que eu sabia o quanto significava, esperando que soubesse o quanto tudo o que ele disse significava para mim, pressionei os lábios na pele da sua garganta, aplicando um leve beijo. Então, virei a cabeça e pressionei a bochecha na sua base.

Ele continuou me segurando bem perto, me aninhei ainda mais, apertando os braços ao torno dele e dormi.

Capítulo 16

Me Escondendo

— Não posso acreditar que estamos fazendo isso — Meeta disse.

— *Shh!* — Loretta advertiu.

Estávamos nos escondendo através da floresta, indo em direção à casa principal. Fazíamos isso porque Apollo me disse duas coisas na noite anterior. Primeira, os homens pelos quais estava esperando chegaram e foram direcionados ao patrulhamento, assim, toda a terra dos Ulfr, *agora*, estava protegida. O que significava que era seguro sair de casa e passear sem escolta.

Aparentemente, os seus soldados que estavam fora voltaram e eu *meio* que tinha a sensação de que “estar fora” significava “sair em missões”, que Apollo não achava que fosse necessário eu saber e eu realmente não queria saber, então, estava bem com isso.

Segunda, ele havia dado os meus biscoitos às crianças e elas adoraram.

— Foi uma sorte ter provado um antes de entregá-los ao Christophe e Élan — ele disse, sorrindo. — Porque quando voltei para pegar mais, já tinham acabado.

Isso me fez feliz. Não só as crianças tinham gostado, mas Apollo **também** havia voltado para pegar mais, o que significava

que *e/le* também gostou. Naquela noite, eu jantaria com eles e seria suficiente dizer que estava pirando.

Queria pedir ao Apollo mais um dia, ou sete, nos quais eu poderia fazer uma variedade de coisas para eles. *Snickerdoodles*^[21]. *Fudge* de chocolate. Torta de limão com merengue. Isso porque os queria bem e preparados para me conhecer.

Contudo, disse ao Apollo que iria jantar com eles naquela noite e não poderia voltar atrás *agora*. Ele estava animado por eu fazer isso, no seu jeito mauzão de guerreiro do outro mundo, então eu tinha que fazer. Para ele.

Mas, pensando sobre o assunto — ok, me preocupando com isso —, decidi que não poderia estar na mesma sala que eles e manter a calma. A menos que eu os visse antes. Portanto, durante o jantar na noite anterior, quando Apollo sem querer me contou a programação deles, decidi espreitar através da floresta com Meeta e Loretta, a fim de espioná-los durante as suas “atividades ao ar livre” — o que quer que aquilo fosse.

A programação deles consistia em café da manhã, estudos, almoço, atividades ao ar livre, em seguida, voltar para os estudos antes de passarem mais algum tempo com o pai, à noite. Logo, para ter apoio moral, levei Meeta e Loretta junto comigo.

Por razões óbvias, não tinha compartilhado com nenhuma das duas mulheres, ou com Cristiana, que eu era de um outro mundo. Mas, sabendo que eu parecia bastante com a outra Ilsa, em outras palavras, com a mãe morta deles, Loretta compreendeu as minhas preocupações sobre como as crianças reagiriam a mim, se

não compreendeu todas as minhas aflições e o porquê estava do jeito que eu estava sobre as crianças.

Meeta, no entanto, observou-me de forma astuta, de modo que senti, estranhamente, como se ela tivesse pegado as coisas no ar, algo que ela não poderia fazer porque, de acordo com Apollo, somente aqueles que precisavam saber sobre os dois mundos tinham ciência deles. Ele me disse isso com o aviso de que eu deveria manter dessa maneira, não importando o quão próxima eu ficasse das mulheres.

Assim, Meeta havia concordado em ir, relutantemente. Embora, na maior parte, isso tenha ocorrido porque estar no frio não era uma das suas atividades favoritas. Uma vez que nasceu e foi criada no sol, calor e areia das Southlands, eu sabia disso porque ela descreveu.

Então, *agora* estávamos nos ocultando e eu fui rebaixada a me esconder. Senti que deveria estar um pouco envergonhada, porém, estava ansiosa sobre o jantar naquela noite e não tinha outro sentimento em mim, não dava para estar tão envergonhada *quanto* ansiosa. Portanto, a ansiedade ganhou.

— Eles mal podem nos ouvir a esta distância — Meeta apontou para Loretta enquanto eu continuava me aproximando cada vez mais, usando as pegadas do cavalo na neve como guia para a casa.

— Você não sabe — Loretta rebateu.

— Será que eles têm uma audição sobrenatural? — Meeta replicou.

— Não que eu saiba — respondeu Loretta.

— Então, eles não vão ouvir — Meeta afirmou e sua paciência estava, claramente, se esgotando.

Eu já nem ouvia a conversa um tanto ridícula, uma conversa que normalmente me faria dar risada ou, pelo menos, sorrir. Nos últimos dias, tiveram várias dessas conversas. Principalmente porque Meeta era bastante inteligente, altamente lógica e nem um pouco emocional. Pelo menos, não demonstrava. Ela era como um *Spock*^[22] de Maroo. Loretta, por outro lado, não era estúpida, mas era excitável e emocional, então, não era exatamente uma *Uhura*^[23] ou mesmo o *Dr. McCoy*^[24]. Estava mais para uma líder de torcida do quadro de honra, que tinha sido teletransportada para a *Enterprise*^[25].

Isso me tornava o *Capitão Kirk*^[26], pois estava levando-as para um empreendimento equivocado e esperava, como Kirk parecia ser capaz de fazer, poder ultrapassá-lo ileso. Com esse pensamento, olhei através das árvores para a casa principal.

Karsvall. Que casa. Eu não tinha reparado em nada quando cheguei lá, dias antes. Agora, enquanto olhava entre as árvores, ficando atrás de uma delas, olhei em volta e percebi que não tinha outra escolha, a não ser apreciá-la. Isso porque era enorme, larga e com quatro andares.

Também era feita da mesma madeira entalhada e entrelaçada, escura como a da casa anexa, mas havia muito mais. *Toneladas*. As janelas do andar inferior eram todas em arco e cada uma delas, da altura de um homem. Ao longo da frente da casa, havia tochas de ferro decorado fincadas a cada um metro e meio, em diagonal, apontando para longe da casa. No segundo andar, a

cada janela, havia portas francesas que levavam à varandas com uma balaustrada de madeira entalhada à sua volta.

Reparei, absorvendo tudo enquanto me movia através de uma linha de árvores, que a coisa toda se destacava na neve branca. Tudo ao redor era aberto, portanto, os pinheiros escuros e árvores desfolhadas a enquadravam à distância, fazendo com que parecesse algo saído de um cartão-postal.

Notei também, quando alcancei a parte de trás, que era simétrica. A frente não possuía uma estrada pavimentada que conduzia até ela, apenas uma trilha através de um caminho de orgulhosos pinheiros, que claramente foram plantados de maneira que parecessem altos soldados verdes em guarda.

Na parte de trás havia gazebos iguais, um de cada lado. Além dos gazebos, havia uma estufa enorme com telhados pontiagudos trabalhados em ferro, apontando para o céu em harmonia. Também havia uma linha de arbustos verdes e baixos, aparados na forma de cones perfeitos entre os gazebos e a estufa, arbustos que delineavam o que, um palpite, era o quintal, que era de uso exclusivo da família e, a partir dali, provavelmente mais relacionado aos servos, a estufa.

De alguma forma, não tinha ideia de como, dois córregos gêmeos corriam em linha reta na floresta até uma fonte assentada entre os gazebos. Talvez, foram cavados à mão. Suas águas caíam do topo até o que parecia ser um sabre esculpido em mármore. Essa água corria por cima do gelo, a água e o gelo lançando

respingos que pareciam diamantes cintilantes sob o sol. O fluxo de água se derramava sobre a base da fonte, indo em direção à casa e desaparecendo sob ela.

Absorvi aquilo tudo e achei que era de tirar o fôlego em sua simplicidade serena e congelante. Entretanto, o que tirou o meu fôlego completamente foi ver Christophe vestido como um mini Apolo, incluindo uma longa capa. Ele segurava um arco e uma flecha, visando um alvo a alguma distância.

Não muito longe dele, Élan estava de joelhos na neve, não construindo um boneco de neve, mas construindo o que parecia ser um castelo de neve. Notei duas coisas imediatamente. Uma delas consistia no fato de que eles eram ainda mais bonitos lá fora, sob o sol, fazendo coisas que gostavam, não se encolhendo em uma cama, insanamente apavorados. A outra era que ambos necessitavam colocar os chapéus.

— Eles deveriam estar usando chapéus — murmurei, olhando para eles e sentindo o meu coração acelerar, os meus olhos começando a doer só de contemplar toda a beleza que eles eram.

— Tente colocar um chapéu no jovem mestre Christophe — Loretta murmurou. — Ouvi dizer que é teimoso, aquele ali. Seu pai não usa chapéu, então, ele também não usa.

Diante das suas palavras, senti os meus lábios se curvarem, mesmo enquanto os meus olhos se mantinham alertas.

— Eles são lindos — sussurrei.

— De fato, Maddie — Meeta concordou, se aproximando e esticando a mão para segurar a minha.

Christophe lançou a flecha, que acertou bem na beirada do alvo, e lutei para não vibrar, ao mesmo tempo em que lutava para não chorar.

— Eles precisam de uma mãe — Meeta falou e meu coração apertou quando a mão dela apertou a minha. — Uma mãe iria colocar chapéus neles.

Ela iria. A mãe iria colocar chapéus sobre eles e diria para comer os seus legumes. Se alegraria quando quase atingissem o alvo e os ajudaria a fazer castelos de neve. Minha garganta começou a queimar, ao mesmo tempo em que o meu couro cabeludo arrepiou em uma advertência estranha, essa última me chamou a atenção.

Desviei os olhos das crianças para fazer uma varredura na área e vi dois homens, que nunca havia visto antes, na floresta, atrás do gazebo mais distante. Eles também estavam se escondendo e os seus olhos, eu tinha certeza embora estivesse longe, visavam as crianças.

Merda!

Os homens do Apollo não iriam se esconder. Não tinham *nenhuma* necessidade disso. Fiquei surpresa ao perceber, diante da presença de dois homens se escondendo, homens que obviamente que não deveriam estar ali, que os homens do Apollo estavam falhando no trabalho de manter segura a terra dos Ulfr. No entanto, não poderia perder tempo pensando nisso.

Tudo o que eu conseguia pensar era que dois homens de aparência rude estavam se escondendo e indo em direção às

crianças. Exceto pelo jeito que Loretta, Meeta e eu estávamos fazendo isso, sabia que isso não levava a *nada* de bom.

Portanto, soltei rapidamente a mão da Meeta e me afastei da árvore atrás da qual estava me escondendo, olhando de um lado para o outro e ordenando em voz baixa, mas urgente:

— Vão! Pela frente. Direto para a casa. Encontrem alguém e digam que há uma ameaça para as crianças no jardim de trás.

— Maddie... — Loretta começou quando encontrei o que estava procurando, corri para a frente e peguei um galho robusto caído na neve.

Olhei na direção das mulheres.

— Vão! — vociferei e não esperei para ver se faziam o que disse para fazer, apenas me movi.

Atravessei a linha das árvores, na beira da clareira, mantendo os olhos nos homens que estavam se aproximando das crianças pelo outro lado. Eles não estavam correndo, não dá correr enquanto se esconde, mas eu estava. Então, me aproximei rapidamente enquanto eles se moviam até a clareira, seus olhos sobre as crianças, os corpos curvados de forma ameaçadora, as roupas quentes, mas grosseiras, barbas compridas em suas faces.

Movi o meu corpo por trás deles. O que estava atrás ouviu o som das minhas botas na neve, se virou e vi os seus olhos se arregalarem com a surpresa porque eu estava pronta para atacar. Eu carregava o ramo levantado e me aproximei rapidamente, o girando na direção dele com toda a minha força.

Infelizmente, ele teve tempo de levantar um antebraço, então, recebeu a força do meu golpe com ele, quando eu estava mirando a

sua cabeça. Felizmente, tinha outra arma à disposição, a minha boca grande.

— *Crianças! Corram!* — gritei bem na hora em que o cara grande, com a barba desalinhada, pegou o galho e o arrancou das minhas mãos. — *Corram!* — gritei novamente, me lançando para ele sem saber o que faria, só faria alguma coisa.

Não fiz, não porque ele me rechaçou, mas porque um braço duro como ferro segurou minha cintura por trás e fui puxada para trás contra um corpo forte. Eu conhecia esse corpo e esse aperto.

— Maddie, que *diabos* você está fazendo? — Apollo falou no meu ouvido ao mesmo tempo em que Élan gritava:

— *Tio Quincy!* —

Depois, ouvi Christophe gritar:

— Tio Balthazar!

Então, vi as crianças correrem através da neve na direção dos dois homens rudes. O que eu acertei, pegou Élan e deu um abraço. O que estava na frente permitiu que Christophe desse um breve abraço em torno da sua cintura antes de Christophe dar um passo para trás e o homem colocar a mão enorme no ombro do menino e o apertar enquanto esse sorria para ele.

Oh, merda. Parecia que eu tinha exagerado novamente. Girei o pescoço para olhar para Apollo e vi seus olhos em mim, então, expliquei em um sussurro:

— Eles estavam se escondendo.

Suas sobrancelhas se ergueram, ambas ao mesmo tempo, enquanto os seus olhos brilhavam com humor e ele respondeu:

— Se escondendo? Bem, graças aos deuses você colocou um fim nisso.

Merda. Mordi o lábio e o braço do Apollo me deu um aperto feroz quando explodiu em risadas. Merda!

Evitando os olhos das crianças, olhei novamente para o homem no qual bati e, quando a risada do Apollo diminuiu, murmurei:

— Desculpe por ter batido em você com um galho. Pensei que fosse uma ameaça.

— Imaginei isso — ele respondeu, os dentes muito brancos em contraste com a barba castanho-avermelhada, os vi porque estava sorrindo amplamente. — Ou, ao menos, espero que essa não seja a sua forma de dar boas-vindas, porque não posso dizer que fiquei muito empolgado com isso.

Ouvi Apollo emitir uma risada suave — embora eu não risse, mesmo que o cara estivesse sendo engraçado, sem mencionar agradável, sobre eu bater nele com um galho — enquanto me soltava, mas pegava a minha mão.

Apoiando-a na curva do seu braço, puxou-me para perto dele e nos moveu para a frente.

— Quincy, Balthazar, conheçam a Lady Madeleine.

Recebi dois acenos com o queixo e dois grandes sorrisos dos homens.

— Maddie — a voz do Apollo ficou mais baixa quando continuou — conheça os meus filhos, Christophe e Élan.

— Olá! — Élan cantarolou com uma adorável e profunda reverência e meu coração falhou uma batida.

— Lady Madeleine — Christophe falou.

Olhei para ele e vi que era muito parecido com o pai, nesse momento, isso incluía os olhos verdes brilhando com diversão e ele

estava lutando contra o riso.

Eu me fiz completamente de boba. O Capitão Kirk nunca fez papel de bobo. Engoli em seco, nervosamente. Apollo falou e olhei para ele.

— Agora que você já explicou o seu corajoso, mas errôneo, ataque em um dos homens do Frey... — Ótimo, eram homens do Frey. — Talvez possa explicar o porquê está aqui. O jantar é bem mais tarde.

— Loretta, Meeta e eu estávamos fazendo um passeio — compartilhei um pouco desonestamente — ok, desonestamente.

— Certo — Apollo respondeu, a voz retumbante mesclada com humor. — Eu vi vocês três na floresta. — Ele se inclinou para mim e finalizou com um sussurro, que esperava que somente eu pudesse ouvir: — *Se escondendo*.

Deus! Alguém me mate.

Seus belos lábios carnudos se abriram em um sorriso e decidi que ficar chateada com isso era melhor do que ficar mortificada, então, estreitei os olhos para ele. Ele riu, me puxou para mais perto e olhou para os nossos espectadores.

— Christophe, Élan, é hora de voltar para os estudos. Vocês vão receber a visita da Madeleine no jantar.

Isso rendeu um aceno do Christophe, mas Élan abriu a boca para falar e Apollo a interrompeu.

— Estudos, menina preciosa — ele disse com firmeza, mas gentilmente.

Ele a chamava de “menina preciosa”. Era tão incrivelmente doce que fez a minha mandíbula doer e fechei olhos.

— Vejo você no jantar, Lady Madeleine — Christophe disse e abriu os olhos.

Acenei e me forcei a falar:

— Estou esperando ansiosamente por isso, querido.

Ele sorriu para o pai, foi até a irmã e agarrou a mão dela, puxando-a enquanto caminhava para a casa.

— Eu gostei dos seus *cookies*! — ela falou animadamente enquanto era arrastada pelo irmão.

— Fico feliz, querida — respondi.

— Você precisa fazer mais — ela compartilhou.

— Élan — Apollo disse com um tom de aviso na voz.

— Farei — respondi rapidamente. — *Cookies* açucarados da próxima vez.

— *Uhuuu!* — Ela gritou, embora soubesse que não tinha ideia do que eram *cookies* açucarados, enquanto seu irmão a puxava na direção da casa, murmurando:

— Venha *agora*, Élan.

Ela acenou para mim e eu acenei em resposta. Então, eles desapareceram dentro da casa. Ok, bem, pode-se dizer que o capitão Kirk era muito melhor em colocar e tirar a tripulação do *Enterprise* de problemas do que eu, mas, eu tinha feito a parte de colocar.

— Quincy, Zar, vamos nos reunir — Apollo afirmou.

Parei de me recriminar, olhei para ele e para os homens.

— Talvez isto tenha que ser adiado, pois vou precisar que um médico olhe o meu braço. Acho que está fraturado — Quincy, o cara alto, robusto, loiro e com a barba castanho- avermelhada declarou.

Oh, merda.

— Se for o caso, vou enviar um pássaro direto para o Kell, para que ele possa compartilhar com os rapazes que você teve o braço quebrado por uma mulher — Balthazar, o *cara* alto, robusto, de cabelos e barba escuros disse enquanto caminhava até Quincy e parava.

Um pássaro? Antes que eu pudesse perguntar sobre o pássaro, Quincy disse a Balthazar:

— Ela partiu para cima de mim e me atacou com um galho, Zar.

— Ela partiu para cima de você e o atacou com um galho, Quincy, e a palavra ativa nisso tudo é *ela* — Balthazar rebateu, sorrindo amplamente.

— *Ela* também é hábil com uma faca — Apollo colocou — e espadas. Bem como luminárias.

— Parece que há uma história aí — Quincy observou.

— Duas — Apollo concordou e então deve ter comunicado algo em sinais de homens, porque todos os três explodiram em gargalhadas.

Bem!

— Se vocês terminaram de se divertir às minhas custas — interrompi a diversão. — Vou *me esconder* novamente na minha casa e volto mais tarde para o jantar.

Apollo virou os olhos sorridentes para mim e garantiu calmamente:

— Nós não estamos tirando sarro de você, papoula.

— Sério? Sou apenas uma *mulher*, mas posso falar ing... quero dizer, a linguagem de Vale, por isso estou bastante certa de que não estou errada em achar que *vocês estão*.

Ele olhou para os homens e explicou:

— Ela é muito temperamental, também.

— *Ela* está bem aqui — rebati.

Ele olhou novamente para mim e aquele olhar terno invadiu os seus olhos.

— Calma, minha pomba — disse baixinho. — Você acha que eu ou esses homens, que são amigos da minha família, pensam que é indecoroso você se esconder ou agir... *novamente*... para proteger os meus filhos?

Humm. Provavelmente, não. Decidi não responder. Apollo sabia o que a minha falta de resposta significava e se virou para mim, então estávamos frente a frente.

— Agora, você já está aqui e não há *nenhuma* razão para voltar. Tire um tempo, faça um *tour* pela minha casa. As crianças estão estudando, então, você não irá vê-los. Vou encontrá-la antes e levá-la até eles. Vamos nos sentar e conversar, a fim de que você possa começar a conhecê-los um pouco melhor, antes do jantar.

Eu estava vendo o erro da minha escolha — ou erros, no plural — em me engajar na missão de me esconder com Loretta e Meeta, mas já era tarde demais. Tínhamos uma audiência, um público que estava assistindo e não se movimentando. Não poderia ter a conversa que precisava ter com o Apollo, *agora* mesmo. Poderia dizer, pelo olhar nos seus olhos, que Apollo queria muito que eu ficasse, conhecesse a sua casa e o encontrasse antes de me levar para jantar com os seus filhos. E eu queria muito que Apollo tivesse qualquer coisa que quisesse.

Merda.

— Ok — disse a ele. — Farei um *tour* pela sua casa. Vendo o tamanho dela, devo demorar umas sete horas. Então, se eu me perder, envie uma equipe de busca.

Os seus lábios tremeram antes que ele se inclinasse para mim e beijasse o meu nariz. Recuou, encarou meus olhos e murmurou:

— Obrigado, papoula.

Balancei a cabeça, respirei fundo e me virei para os dois homens.

— Foi um prazer conhecer vocês. Depois, é claro — olhei para Quincy —, que o ataquei.

— O prazer foi meu — Quincy respondeu — depois, é claro, que me atacou.

Ele realmente era engraçado e, debaixo de toda aquela dureza, *meio* que bonito. Infelizmente, eu não estava com vontade de rir ou apreciar a sua fofura, mas dei um sorriso para ele e Apollo me soltou, colocando a mão na parte inferior das minhas costas e me dando um suave empurrão em direção à casa enquanto murmurava:

— Vá, Maddie.

Eu fui tentando entrar no jogo. Então, me virei e acenei brevemente. Não recebi acenos de volta. Em vez disso, recebi um aceno com o queixo do Balthazar — que também era bonito debaixo de toda aquela aspereza —, um sorriso do Quincy e uma piscadela do Apollo, que acrescentou um sorriso. A piscadela foi doce e sexy.

Diante desse pensamento, me movi para a casa rapidamente e desapareci dentro dela, me sentindo uma idiota, mas pensando que algo de bom tinha vindo daquele fiasco. Tinha conhecido as crianças. Tinha até mesmo falado com elas. Ok, também tinha agido como um idiota na frente delas.

Contudo, a parte mais difícil estava feita. *Agora* eu poderia seguir em frente. Então, talvez eu não fosse tão ruim em agir como o Capitão Kirk. Embora percebesse que ainda restavam muitas coisas a serem vistas.

* * * * *

Estava parada em frente a enorme imagem na janela, que mostrava duas histórias. Uma janela idêntica à janela do outro lado da enorme e alta lareira, o aparador de mármore cor de chocolate com veios em cor de creme, prata, ouro e jade alcançando o teto. Estava olhando para o jardim dos fundos e pensando.

Não surpreendentemente, a casa do Apollo era incrível. Muito maior, mas não menos calorosa e acolhedora do que a casa anexa, embora, também fosse muito mais masculina.

Demorou eras para visitá-la, já que tinha uma sala de estar formal, um saguão formal, uma biblioteca enorme, uma sala de jantar formal — com uma longa mesa, na qual poderiam se sentar vinte e seis pessoas, sim, *vinte e seis* —, uma sala para o café da manhã, uma sala de estar e sala de jantar informais, bem como um jardim de inverno em formato octogonal, saindo da sala de estar informal.

Também havia cozinhas, mas não fui até lá porque estava evitando as pessoas, por razões óbvias. Além disso, havia um aposento que parecia meio que uma sala de bilhar, mas a mesa era muito maior e alguns dos buracos levavam a uma coisa que expulsava a bola de volta para a mesa.

Havia uma porta fechada que presumi ser o escritório do Apollo e, por último, um grande salão rebaixado que era o destaque digno de aplausos da casa. Era enorme, os tetos abobadados. O convidado entrava pela porta, caminhava sobre o piso polido de madeira escura com tapetes fabulosos e era isso o que via diante de si: aquela lareira. As janelas altas em arco. O teto.

Naquele salão rebaixado, havia uma vasta gama de confortáveis sofás de couro dispostos de modo a convidá-lo a se afundar neles com uma boa companhia, uma garrafa de vinho e relaxar por várias horas. O enorme salão era de arrasar. Nunca tinha visto *nada* assim e, provavelmente, nunca veria novamente. Nem mesmo nesse mundo fantástico, de tão impressionante.

Durante o tour, também descobri que no segundo andar — que era dividido ao meio para dar lugar ao teto alto do salão — ficavam os quartos, no terceiro andar havia um salão de baile, um salão de festas que percorria todo o comprimento da casa, enorme! Além do andar de cima, onde não passei muito tempo porque parecia um lugar para armazenamento e era onde ficavam os quartos dos serviçais. Sem falar que conseguia ouvir as crianças do corredor, provavelmente, conversando com o tutor.

Demorei duas horas para explorar todos os cômodos, não apenas porque havia muitos deles, mas porque havia muitas coisas dentro deles. Pinturas, objetos de arte, tapetes, tapeçarias, até mesmo a maneira como a mobília e os estofados eram feitos prenderam a minha atenção.

Não foi uma surpresa que, com todo aquele dinheiro, Apollo tivesse uma bela residência. Também não era de surpreender que fosse confortável e convidativa. O que foi uma surpresa era que a residência fosse *muito* desse último tipo. Ele era o único membro da aristocracia que eu conhecia naquele mundo, ou no meu próprio, mas, mesmo tão grande quanto a sua casa era, não era imponente.

Era um lar e eu amei isso. Era nisso que eu estava pensando quando ouvi o barulho de botas no chão. Dei as costas para a janela e vi Apollo se movendo na minha direção. Camisa de gola alta bordô, calça marrom, as botas brilhantes, mesmo desgastadas, e o cabelo incomumente penteado para trás do seu rosto, me fazendo imaginar se gostava dele despenteado mais do que gostava arrumado.

— Ei — falei, tirando a minha atenção dos cabelos fantásticos. Para ser honesta, da calça dele também.

Ele sorriu, mas não falou até estar na minha frente, envolver os braços frouxamente à minha volta, então coloquei as mãos no seu peito e a sua voz profunda retumbou:

— Ei.

Essa não era uma palavra que ele já tivesse usado. Era uma palavra do meu mundo e alguma coisa no fato de usá-la fez meu coração suspirar. Para desviar a minha atenção disso, compartilhei:

— Gosto da sua casa.

O seu olhar caloroso ficou mais caloroso e me puxou para mais perto, mas *meio* que me assustou quando fez isso, ao mesmo tempo que questionava:

— Eu presumi que, com as atividades nefastas do meu *outro eu*, ele poderia fornecer uma casa grande para você.

— Você... presumiu corretamente — confirmei, hesitante.

— A minha é maior? — perguntou. Diante disso, entendi.

Era Apollo querendo me dar o melhor. Então, sorri e me inclinei para ele.

— Sim, tipo, *muito*.

Ele retribuiu o meu sorriso, me puxou para mais perto ainda e murmurou:

— Gosto disso.

Eu me senti excessivamente efusiva porque Apollo estava satisfeito e gostava quando ele ficava satisfeito. *Diabos*, eu estava desvanecendo rapidamente. Desvanecendo nesse mundo. Desvanecendo nele. Entretanto, eu não me importava. Nem mesmo um pouco. Foi o fato de não me importar que me assustou.

Sendo assim, não me afetei até que ele anunciou:

— Como a minha casa é agradável para você, vou mandar Loretta e Meeta arrumarem as suas coisas e vamos fazer a sua mudança para cá amanhã de manhã.

Esqueci tudo sobre desvanecer e pisquei.

— O quê?

— Amanhã, vamos fazer sua mudança para cá. Não é demorado chegar até você, minha pomba, mas vai ser muito melhor jantar com você aqui, ir para a cama com você, aqui também, o que significa que vou acordar aqui, também.

Humm... Mudar para cá. Amanhã?

Ele era louco?

— *Uh*, Apollo, até amanhã eu já terei feito, duas vezes, algo insano na frente dos seus filhos, uma vez que, esperamos, eu aja como uma pessoa sã enquanto janto com eles. Não é a hora certa para me mudar para cá.

— Você já terá se encontrado com eles. Já os terá conhecido melhor. Assim, não haverá mais razões para evitá-los. Você gosta da minha casa e não vejo propósito em continuarmos com o nosso arranjo atual.

— É muito cedo — disse a ele, por um milagre, tendo sucesso em não deixar o tom da minha voz subir, em pânico.

— Muito cedo? — perguntou, claramente perplexo.

— Sim. Cedo demais para eles. Cedo demais para você e para mim.

— Maddie, como pode ser muito cedo?

Sim. Ele estava perplexo e eu fiquei perplexa em como ele podia estar assim. Então, inclinei-me para trás nos seus braços.

— Eu só — levantei as mãos e fiz uma contagem levantando os dedos no ar — *conheço* você há uma semana. Uma semana é muito cedo para morarmos juntos.

— Já não vivemos juntos, *agora*? — perguntou. — Nós jantamos juntos. Vamos para a cama juntos. Acordamos juntos.

Infelizmente, esse era um bom argumento. Felizmente, eu também tinha um bom argumento.

— E as crianças?

— O que tem elas? — perguntou e pisquei novamente.

— Apollo, você não pode estar falando sério, sugerindo que eu more com duas crianças com as quais troquei meia dúzia de palavras.

— Não. Estou sugerindo que você se mude após o jantar, amanhã de manhã, depois que vocês conversarem muito mais.

Eu poderia afirmar que ele estava ficando impaciente porque o tom da sua voz estava beirando ao limite do sarcasmo. Então, abaixei a voz, pensando que isso iria acalmá-lo quando expliquei:

— É muito cedo para as crianças, querido... — hesitei e lembrei de algo que sabia que não precisava recordar a ele — eu pareço com a mãe deles.

— Élan não lembra da mãe — Apollo respondeu instantaneamente. — E Christophe é um macho Ulfr. Isso significa que ele pode não demonstrar, mas sente profundamente. Seu amigo compartilhou com ele o que você fez para vingá-lo e ele admira isso. Falei com Chris sobre a perda que você sofreu e ele simpatiza como se ele mesmo a tivesse sofrido. Portanto, está ansioso para conhecê-la.

Apollo continuou falando, embora, no meio do seu discurso, eu tenha ficado boquiaberta e os meus olhos se arregalaram. Quando ele terminou de falar, perguntei:

— Ele sabe que esfaqueei um homem?

— Maddie, como você mesma já vem descobrindo, nosso mundo é bastante diferente do seu. Ele é um garoto que quer crescer e ser um soldado como o pai. Essas coisas não o perturbam, como fazem com você. Ele, de fato, sabe que esfaqueou um homem. Também admira isso.

Isso eu podia deixar para lá. Meninos do meu mundo, provavelmente, pensariam a mesma coisa. Apollo não havia terminado.

— Mas, saber sobre as crianças que você perdeu, minha pomba, ele respeita isso.

Isso eu *não poderia* deixar para lá.

— Como você pôde contar isso a ele? — sussurrei e Apollo ergueu ambas as sobrancelhas.

— E por que não?

— Porque é um assunto meu.

As suas sobrancelhas abaixaram e ele tentou me trazer para mais perto, mas quando enrijeci o corpo e me afastei, ele desistiu e só inclinou o rosto para mais perto.

— Você não acha — ele começou com o tom de voz suave — que um dia, não apenas um dos meninos, mas os dois irão entender o que acontece com os nossos mundos e imaginar? Perguntar o porquê não há nem um deles no seu mundo ou se você deixou os seus *gêmeos* para trás? Você não os conhece ainda, papoula, mas Christophe é brilhante, assim como Élan. Eles acabariam por pensar nessas coisas.

— Ok, tenho que concordar — respondi — mas, isso tem que acontecer agora?

— Desejo que os meus filhos conheçam a mulher com a qual pretendo me casar e desejo o mesmo para a mulher que está para se tornar a minha esposa. Então, sim, isso deve acontecer agora. Não há *nenhuma* razão para adiar.

— Será que você pensou em, talvez, discutir comigo o que poderia ou não compartilhar com os seus filhos *sobre* mim ou,

digamos, a qualquer outro *alguém* neste momento, ou em qualquer outro momento, sobre esse assunto? — perguntei.

— O que eu gostaria de saber é — ele respondeu, mas o fez com cuidado — por que isso é um segredo? Maddie, você não fez *nada* errado.

Ele não estava certo sobre isso. Não compartilhei porque ele não estava certo. Eu disse, em vez disso:

— Essa não é a questão.

— Você poderia, por favor, explicar o seu argumento? — perguntou baixinho.

Apollo estava sendo gentil e pediu “por favor”, mas, ele queria que eu morasse com ele e com os seus filhos *amanhã*!

— A questão é que isso está indo muito rápido.

Seu tom foi menos gentil quando observou:

— Você diz isso muitas vezes.

— Porque você vai muito rápido, muitas vezes.

— Nós discordamos claramente sobre isso — ele rebateu.

— Apollo, só passou *uma semana*.

— Mais uma vez, afirmo que compartilhamos a mesma mesa todas as noites e a mesma cama todas as noites. Não entendo o porquê isso tem que ser feito em casas separadas.

— Porque há crianças envolvidas — vociferei.

— E isso influencia como? — Apollo também vociferou, definitivamente menos gentil e ficando impaciente novamente.

Mas, senti as minhas sobrancelhas se erguerem.

— Como?

— Foi o que eu perguntei — rebateu. — Veja bem, minha pomba, não é você que se despede dos seus filhos e cavalga pela

neve todas as noites.

Tudo bem. Certo. Eu conseguia entender isso.

— Ok. Se isso é um chute na sua bunda, posso ver que seria, noite após noite, então vou me esgueirar para casa depois que eles forem para a cama.

Ele franziu o cenho.

— Se esgueirar?

— Sim.

— Por que você iria se esgueirar?

Ele *era* louco.

— Porque, querido, eu rastejaria para a sua cama e faria coisas indecentes com você.

Sua mandíbula enrijeceu e seus braços ficaram tensos.

— O que fazemos na cama *não* é indecente.

Oh, oh.

Obviamente, ele teve uma ideia errada sobre isso. Balancei a cabeça rapidamente e comecei a corrigir o erro.

— Não. Não foi isso o que eu quis dizer. É uma expressão no meu mundo.

Ele abaixou os braços e deu um passo para trás.

— Não me surpreende que as pessoas do seu mundo usem essa palavra para descrever o ato de fazer amor. No entanto, estão errados e você está errada por utilizá-la para se referir ao que nós fazemos.

Agora conseguia ver que ele estava ficando com raiva, então, desfiz o espaço que ele colocou entre nós e coloquei a mão no seu peito.

— Você está certo. Nunca tinha pensado nisso assim, mas você está certo e absolutamente não define, de modo algum, o que fazemos na cama ou o que eu penso sobre isso.

— No entanto, você propõe se esgueirar até a minha casa, para evitar que os meus filhos saibam que você está aqui, na minha cama, então você deve sentir algum desprezo ou culpa pelo que fazemos — ele rebateu.

— Não — balancei a cabeça novamente, chegando mais perto dele. — De jeito nenhum. Mas eles são crianças, Apollo. Jovens crianças. Não precisam saber que o pai deles tem uma parceira de cama.

— Eu não vou estar, exatamente, compartilhando nosso ato, segundo por segundo, à mesa do café, Madeleine — afirmou, sua voz se tornando fria. — Mas, compartilhar a cama com a mulher que me importa não é algo para me envergonhar.

— Não, claro que não, mas....

— E não vou expressar isso ao esconder quem você é para mim.

Isso foi bom, muito bom. No entanto, não significava que ele não estava indo muito rápido.

— Isso é doce, baby, mas....

— Não vou deixá-la comunicar aos meus filhos... de qualquer maneira... que o ato de amor entre dois adultos que se gostam é algo para esconder porque é indecente.

— Certo, eu entendo, querido. Entendo completamente, mas....

— Se entende, então, se mudará amanhã — ele declarou.

— Ouça....

— Amanhã, Madeleine — decretou.

Infelizmente, Apollo estava me interrompendo, sendo arrogante e mandão, tudo ao mesmo tempo e isso estava servindo para me irritar.

— Ok — comecei. — Você conhece os seus filhos melhor do que eu, obviamente. Então, vou apenas dizer que isto está indo muito rápido para mim.

— Não entendo como — ele retrucou.

— Apollo — com esforço, controlei o tom da voz. — Eu não tive nem a chance de descobrir o que vou fazer com a minha vida, sem contar a guerra e tudo o mais.

— E isso requer que você esteja na casa anexa?

— Isso requer tempo para pensar. — Quando ele abriu a boca, me apressei a acrescentar: — Sozinha.

— Maddie, as crianças ficam com os seus tutores o dia todo e eu fico igualmente ocupado. Você terá bastante tempo sozinha.

— Você não entende — apontei o óbvio.

— Não, não entendo — ele concordou com o óbvio. — O que eu realmente entendo é que tudo o que você fará com a sua vida, fará como minha esposa, vivendo comigo e com as minhas crianças nesta maldita casa. Então, você está correta. Não entendo o porquê você precisa estar em uma casa, a dez minutos de distância, para descobrir isso, adiando o inevitável, mudando para cá.

Tentei ser cuidadosa quando disse:

— Não é inevitável. Nada disso foi decidido, Apollo.

Não fui cuidadosa o suficiente, soube disso quando o brilho em seus olhos apagou, seu rosto ficou duro como pedra e perguntou:

— As suas escolhas são vastas?

Oh, Jesus. Agora *eu* estava ficando irritada.

— Apollo....

— Tão vastas que requerem grandes períodos de tempo *sozinha* para considerar todas as suas opções?

— O que estou dizendo é....

— E essas opções incluem escolhas que são melhores do que o que eu dou e poderia dar a você? — ele esticou um braço e se inclinou para mim em seguida — se você se mudar para cá, *maldição*.

— Você não entende... — comecei, mas não terminei.

— Não, não entendo — me interrompeu. — Nós combinamos isso.

— O que eu quero dizer é — comecei a rebater —, você não me entende e, principalmente agora, não o faz porque não vai me deixar terminar de falar, *diabos*.

Ele fechou a boca, cruzou os braços sobre o peito e mostrou uma carranca para mim. No entanto, quando o fez, eu estava com tanta raiva que tudo o que ele disse começou a atingir o meu cérebro — porque ele estava certo, minhas escolhas *não eram* vastas. Na verdade, eram praticamente inexistentes —, que não conseguia colocar as ideias em ordem o suficiente para dizer uma palavra.

— Então — acenou com a mão e convidou —, fale.

— Eu preciso de um segundo — falei.

— Eu não tenho um segundo, Madeleine. Tenho uma reunião com o meu secretário, a qual deveria ter começado há dez minutos.

Infelizmente, isso me levou direto para o *modo cadela*.

— Bem, peço desculpas por ocupar o seu tempo e desviá-lo da sua programação. Se está tão ocupado, por favor, não deixe que eu o atrase. Quero dizer, nós estamos apenas discutindo o nosso futuro.

— De acordo com você, minha pomba, não temos um futuro.

— Não foi o que eu disse — vociferei.

— *Oh*, sim — ele sussurrou. — Foi. Sério?

— Apollo...

Ele não estava sussurrando, quando disse:

— Se você puder lidar com isso sem atacar *ninguém*, te vejo em casa. Darei as suas desculpas às crianças, pois você não poderá ir ao jantar hoje à noite. Também não vou me juntar a você mais tarde, hoje à noite. De qualquer maneira, isso servirá para lhe dar um tempo sozinha, para poder tomar as decisões importantes sobre o seu futuro. Quando o fizer, por favor, compartilhe-as comigo para que eu possa fazer algo sobre o meu também.

Com isso, girou nos calcanhares e foi embora, sem perceber que me deixou destroçada. Talvez, ele tivesse percebido e, simplesmente, não se importou, já que foi ele que me destruiu.

Capítulo 17

Urra!

Estava na frente da sala da casa anexa, os braços cruzados apoiados sobre a parte de cima do encosto de um sofá, a cabeça baixa, a bochecha repousando sobre eles, olhando para a neve que caía, fraca, lá fora.

Era realmente bonito. Como um filme, tão perfeito que era inacreditável, mas isso irritava. Pela primeira vez, desde que cheguei ali, queria voltar para o meu mundo. Fazia quatro dias desde que o Apollo e eu brigamos. Eu não o tinha visto ou ouvido falar dele esse tempo todo. Não tinha nem mesmo visto algum dos rapazes.

Aparentemente, Apollo contou aos rapazes sobre a nossa briga. Nada surpreendente, mas fazia as coisas parecerem piores do que já eram. E estava tendo a sensação de que não o ver, deixava as coisas muito piores. Em outras palavras, não havia sido quatro dias bons.

No início, fiquei chateada com Apollo e o modo como se comportou, como um idiota arrogante, para conseguir o que queria. Quando não conseguiu, virou um macho alfa irracional. Também fiquei chateada com ele porque, embora estivesse irritada naquele momento, perdi o jantar com as crianças e isso doía. Ele estava certo, as crianças pareciam ter gostado de me conhecer — eu, definitivamente, gostei de conhecê-los, se não contar com a parte em que fiz papel de idiota. Então, já que a parte mais difícil estava

ultrapassada, queria que a segunda parte, menos difícil, acontecesse, queria *muito*.

É claro, visto que ele era um idiota arrogante, mas também era o Apollo e eu gostava dele, quando um dia virou dois, comecei a sentir sua falta. *Agora*, no quarto dia, eu sabia onde estava. Portanto, sabia que precisava bolar um plano, que era descobrir o que fazer com a minha vida nesse mundo. Uma vida sem o Apollo e os seus filhos nela.

O problema era que eu não tinha a mínima ideia do que fazer com essa vida. Veja bem, eu realmente não queria ser uma prostituta. Mesmo que elas fossem reverenciadas, ainda achava que isso seria degradante. Eu não poderia ser uma serva e sabia disso porque não conseguia arrumar nem os meus cabelos, além de que não tinha a mínima ideia de como passar roupa nesse mundo.

Ser garçõete parecia *meio* divertido, mas elas não usavam roupas bonitas ou saíam com as melhores companhias. O Senhor sabia que, com a minha atração por encrenca, ela iria me encontrar. As encrencas muitas vezes começavam em bares, uma vez que o álcool estava embebido nelas.

Provavelmente, poderia trabalhar em uma cozinha, já que sabia cozinhar, mas posso apenas dizer que assar aqueles biscoitos foi um pé no saco. Valeu a pena, no final, mas eles não tinham copos de medida nesse mundo. Ou fornos que tinham controle de temperatura. Eu poderia continuar enumerando. Esses biscoitos foram tentativa e erro desde o início e considerei um milagre terem ficado bons.

Considerei a opção de iniciar o meu próprio negócio. Eles não tinham pizza nesse mundo e todos gostam de pizza. Gostam

mais quando é entregue em casa, a única coisa que têm que fazer é comer e jogar a caixa fora. Mas, infelizmente, descobri que a pizza não se manteria quente ao ser entregue em um tremó e começar o meu próprio negócio exigiria dinheiro, que eu não tinha.

Em outras palavras, não havia realmente uma série de oportunidades para as mulheres desse mundo. No meu mundo, eu poderia sobreviver. Claro, teria que ir atrás disso. Mas, antes de fugir, roubei um monte de dinheiro do Pol, que tinha escondido em lugares seguros por toda parte, então, eu realmente não tive que ganhar a vida. Apenas fugi e me escondi. Contudo, eu não poderia voltar ao meu mundo.

Por outro lado, eu tinha formação em história medieval e experiência em uma loja de departamentos, em um mundo que estava *meio* que vivendo na era medieval e não tinha lojas de departamentos. Eu estava fodida e Apollo estava certo, minhas opções não eram vastas. Na verdade, só tinha uma: casar com ele.

Honestamente, quando não estava sendo um idiota arrogante, estava longe de ser uma má escolha. Apollo vinha com uma bela casa, filhos fofos e um bando de bons amigos, sem mencionar as roupas de arrasar. Ele também vinha com olhares carinhosos, conversas interessantes, o riso, a capacidade de me fazer sentir acarinhada e o sexo maravilhosamente incrível. No entanto, *agora*, não tinha *nada* disso porque ele estava deixando claro que não me queria mais.

Sim, eu estava fodida e soltei um suspiro, um dos grandes. A única boa notícia, nos últimos quatro dias, foi que o meu período

começou. Então, eu não estava grávida. Entretanto, ficar menstruada não era divertido, visto que os produtos de higiene eram tão medievais quanto o resto desse mundo.

Descobri isso na viagem até Fleuridia e devo dizer, não era divertido iniciar o período perto de um monte de *caras* aos quais você não podia perguntar sobre absorventes, descobrir uma maneira de encontrá-los. Assim como com os penicos, ainda não tinha me acostumado.

Respirei fundo e suspirei novamente.

— Senhorita Maddie?

Virei a cabeça e vi Cristiana parada na porta. A única graça concedida a mim nesses últimos quatro dias foi que Apollo me deixou com as minhas meninas. No início, elas agiram da mesma forma, exceto por estarem um pouco cautelosas por causa do meu humor. *Agora*, estavam vigilantes, de uma maneira carinhosa, é claro, visto que elas eram assim.

Contudo, eu não havia falado sobre o que aconteceu e duas vezes vi Loretta abrir a boca, só para ganhar uma cotovelada da Meeta, nas costelas. Então, sabia que elas estavam preocupadas. Também sabia que deveria me abrir com elas, pois eram minhas amigas. Ou, estavam se tornando minhas amigas.

Até mesmo o capitão Kirk conversava com Spock e Bones. Na maior parte das vezes, discutiam sobre algum assunto leve ou brincavam, mas compartilhava os seus problemas com eles. *Nenhum homem é uma ilha*. Claro, a tripulação da *Enterprise* estava sempre em uma situação de vida ou morte e isso favorecia o compartilhamento.

Ainda assim. Fazia tanto tempo que eu não tinha amigas, ou *alguém* com quem desabafar, que tinha esquecido como fazer isso. Pensando sobre isso, o que tentei não fazer e falhei, me ocorreu que eu realmente nunca tive bons amigos com os quais pudesse me abrir.

Quando era criança, não queria levar os amigos até a minha casa porque eu sequer gostava de estar na minha casa, logo, não queria fazer os meus amigos irem lá. Isso significava que os convites para ir às casas deles secaram e eu era frequentemente ignorada. Pensando sobre isso, percebi que, enquanto crescia, minha solidão *meio* que se tornou um hábito. Eu tinha amigos, mas, nunca foram próximos.

Mesmo que eu não tivesse contado *nada* às meninas, não deixaram de perceber que as coisas não estavam bem. Isso porque eu estava deprimida e também porque Apollo não aparecia havia quatro dias.

— Oi — falei para Cristiana.

Ela deu um pequeno sorriso, seus olhos me avaliando de uma forma gentil quando entrou no quarto.

— Posso lhe trazer alguma coisa? — perguntou. — Um chá, talvez?

— Estou bem, querida, obrigada — murmurei e ela se sentou no sofá, olhando para a janela.

Olhei lá para fora também.

— Ulfr não vem.

Quando ela falou, olhei novamente para ela.

— Perdão?

Ela me encarou, seus olhos não menos avaliadores, não menos gentis, mas também astutos.

— Há quatro noites ele não vem aqui.

— Não — concordei.

— Será que vamos vê-lo hoje à noite?

Olhei novamente para a neve que caía e sussurrei:

— Duvido.

Houve um longo momento de silêncio antes da Cristiana o quebrar.

— Posso perguntar, senhorita Maddie, por que você demora tanto tempo para promover a reconciliação?

Virei os olhos surpresos para ela.

— Desculpe?

— Você é a responsável pela reconciliação e a posterga. Não está certo.

— Eu... — comecei e parei.

Do que ela estava falando? Como era *minha* responsabilidade a reconciliação? Apollo tinha dito alguma coisa para ela?

— *Humm...* Cristiana, sem ofensa — organizei os meus pensamentos para dizer: —, mas você não sabe o que aconteceu. Não tenho certeza de que é minha responsabilidade promover a reconciliação.

— Para nós, mulheres — ela começou — raramente é, mas *sempre* é. Aprenda comigo. Estou há trinta e cinco anos com o meu marido. Ele é orgulhoso e teimoso. Por isso, quando discutimos e ficamos distantes, cabe a mim a aproximação.

Lá estava, uma coisa que era igual em ambos os mundos.

— Não é certo — disse a ela a verdade.

— Não, mas há um monte de coisas que não são certas ou justas neste mundo e que também dizem respeito às relações entre homens e mulheres.

Ela não estava errada sobre isso.

— De uma coisa eu sei — Cristiana começou e me preparei, pois o tom de sua voz abaixou e se inclinou para mim quando falou. Eu os encarei como sinais de alerta e fiquei feliz por tê-lo feito quando ela continuou. — Trabalho em Karsvall há vinte e três anos. Assim, estava lá quando Ulfr levou a sua noiva para casa.

Respirei fundo e ela prosseguiu.

— Honestamente, não conhecia um marido e uma mulher que se estabeleceram no casamento e na paternidade com a facilidade com que os dois fizeram. Eles tinham uma firmeza que pareceria pouco natural se não fosse tão bonito.

Isso, eu não precisava ouvir. No entanto, já que eu sabia que Cristiana estava tentando ser legal, não disse isso a ela, que continuou falando.

— Quando a esposa ficou doente, Ulfr ia até ela várias vezes ao dia, todos os dias. Do meu quarto de dormir, ouvia o riso deles. Você acharia que nada estava errado pelos ruídos provenientes desse quarto, mas quando Ulfr saía e a porta se fechava atrás dele, uma nuvem parecia descer. Ela estava em sua cama e nunca a senti, mas essa nuvem o seguia a cada passo que dava. Ele é um bom homem. Nenhum servo ou soldado suportou o peso da doença corroendo a mulher que amava. Enquanto a doença a corroía, o corroía também. Quando a perdeu, aquela nuvem desceu e ficou

presa, imóvel, como uma sombra, onde quer que ele fosse, exceto quando estava com os filhos.

Apertei os lábios quando senti os meus olhos arderem com lágrimas. Isso era tão Apollo, ir até a Ilsa quando ela estava doente. Visitá-la e fazê-la rir, mas, cada vez que fazia isso, devia matá-lo mais e mais. Odiei que Apollo tivesse passado por isso. *Odiei*.

— Então, você chegou — afirmou e diante disso os meus lábios se separaram. Logo, Cristiana continuou. — No começo, quando coloquei os olhos em você, sua semelhança... extraordinária. Temia ter entendido a atração dele por você e ela não era saudável.

Encarei os seus olhos e ela prosseguiu.

— Mas, o que vi não foi uma tentativa de recriar o que teve com Lady Ilsa. Foi a construção de algo novo com você. Embora ela o fizesse rir, o ar não soava com essa riqueza como acontece com você. Embora ela fosse sua esposa e mãe de seus filhos, ele é daquele tipo de homem que daria a vida para proteger a deles, mas Ulfr não olhava para ela como se precisasse saltar para o seu lado em determinado momento, para protegê-la de uma tempestade.

Oh, Deus. Apollo olhava para mim assim?

Meu coração se contraiu e ela continuou falando, mas o fez baixinho.

— O que vocês têm é novo. Então, pode não o conhecer bem o suficiente para entender que, mesmo que seja ele quem deve cavalgar até você, para consertar o que foi quebrado, seu orgulho não vai permitir isso. Pode ser que o que aconteceu entre vocês o mantenha acordado durante a noite. Ainda assim, não virá até você. Ele é um homem, mas também é um Ulfr. Eles têm várias

qualidades, que são muito boas, e essas qualidades tornam a Casa deles a melhor Casa de Lunwyn. Mas, com as coisas boas, vêm as ruins. Eu mencionei que ele é orgulhoso, mas também é teimoso. Por último, é um homem habituado a trilhar o seu próprio caminho. Estas três características juntas tornarão as coisas difíceis, às vezes, para as pessoas que convivem com ele, mais especificamente, a mulher que aquece a sua cama.

— Entendi, Cristiana. Menina, como te entendi — disse a ela.
— Mas, quando ele tem algo a dizer, não me deixa falar uma palavra sequer.

— Então, querida — ela se inclinou na minha direção, pegou a minha mão e a segurou com força —, você deve encontrar uma maneira de se comunicar, *fazê-lo* ouvir, de uma forma que pode não ser através de palavras.

O que ela estava dizendo fazia todo o sentido, era um eufemismo dizer que eu gostei, não, tinha que admitir que *amei* algumas das coisas que ela disse. Mas, não entendi aquilo e falei:

— Me desculpe, não entendo o que você está dizendo.

— Preste atenção, senhorita Maddie — ela sussurrou. — Se uma mulher é inteligente e presta atenção, todo homem dará pistas de como a vontade dela será feita, até mesmo como fazê-la conseguir que sua vontade seja feita, sendo *e/le* o único responsável por isso.

Putá merda.

— Você está falando em usar sexo? — sussurrei.

Ela se sentou e soltou a minha mão para poder acenar com a dela.

— Se isso funciona em um homem particular, completamente — respondeu e respirei fundo.

Ela estava indo muito bem, mas, não achei que fosse um bom conselho. Não com Apollo.

— No entanto, Ulfr não é desse tipo de homem — ela continuou e soltei o fôlego. — Se você não o agradasse na cama, ele não voltaria noite após noite. Isso é certo. Mas, ele não é um homem que é governado pelo corpo.

Ok, Cristiana estava no caminho certo novamente.

— Não, você para ele é algo completamente diferente — declarou.

— Então — comecei de forma hesitante —, você está dizendo que eu deveria usar jogos mentais.

— Não — respondeu. — Estou dizendo que você deve encontrar um caminho para chamar a atenção dele. Pode ser a honestidade. Pode ser a emoção, enquanto também for honesta. Ulfr também não é um homem que iria tolerar jogos, como você chama. Manipulação não é a chave para um homem como Ulfr.

Definitivamente, voltando ao caminho certo. Sabia disso porque Apollo tinha deixado claro, várias vezes, que queria mais de mim, isso era compartilhar com ele mais do que tempo e sexo. Então, sussurrei:

— Certo. — Cristiana assentiu, mas continuou.

— Ele também não é um homem que desperdiça tempo. Sabe melhor do que a maioria como é precioso. Se tiver tempo, porque alguém o está desperdiçando, ele pode tomar uma decisão que será triste... — fez uma pausa, me olhando direto nos olhos — para ele, para você e para os seus filhos.

— Desistir de mim — imaginei e verbalizei com a voz calma, o coração batendo forte.

Em seguida, ficou tão no caminho certo que parecia que estava em um maldito trilho.

— É crucial, não só construir algo com alguém, mas mantê-lo, para mostrar que se importa com as coisas com as quais ele se preocupa — disse. — Também é crucial demonstrar que lidará com as suas necessidades com cuidado, assim como ele faz com você. Apollo Ulfr não se aproximaria de ninguém como um homem carente. Isso não significa que não é um homem que tem necessidades.

Ela estava certa. Por Apollo ser tão forte e tão imponente, não havia percebido antes que tinha necessidades. Ele precisava proteger tanto aos seus filhos quanto a mim contra o que estava acontecendo lá fora. Além disso, procurava fazer mais, queria deixar a todos felizes e nos dar uma boa vida, mesmo quando os tempos eram incertos. Também, precisava fazer o tudo o que pudesse para manter o seu povo — o povo da sua Casa, seus soldados, *inferno*, todas as pessoas de Lunwyn e a totalidade de dois malditos continentes — seguros.

Não precisava ficar se preocupando com os meus problemas, já que os dele eram muito mais importantes do que eu descobrir que não queria uma carreira na prostituição e não poderia começar um serviço de entrega de pizzas. Em outras palavras, eu tinha ferrado tudo. *Merda*, eu tinha fodido tudo! *Agora*, precisava resolver esse problema. Imediatamente. Então, me ergui e anunciei:

— Tenho que ir até a casa principal.

Sorrindo, Cristiana parou ao meu lado.

— Você precisa, de fato.

Respirei fundo e dei um sorriso trêmulo. Quando fiz isso, mas não me movi, ela observou:

— Você não está se apressando para Karsvall.

— Certo — falei e me apressei, caminhando rapidamente até a porta, mas parei diante dela e me virei. — Obrigada, querida — sussurrei.

— Vá, senhorita Maddie — respondeu.

Balancei a cabeça e corri até os ganchos fixados ao lado da porta da frente. Peguei um dos meus casacos e o coloquei. Abri o baú sob eles, peguei luvas e as coloquei. Então, estava do lado de fora da porta.

Não tinha o meu próprio cavalo nos estábulos, por isso, não tive escolha a não ser ir a pé até a casa principal. Fiz isso o mais rápido quanto podia, seguindo a trilha na neve — já que ninguém mais tinha vindo da casa principal — que Apollo e os cavalos dos homens dele tinham feito.

Era uma caminhada de quinze minutos e, até mesmo com o casaco e as luvas forrados de pele, estava congelada no momento em que alcancei a porta da frente de Karsvall. Fiquei parada, sem saber o que fazer. Deveria bater? E se as crianças me vissem?

Então, percebi que era início da tarde, logo após o almoço e as atividades ao ar livre. Eles deveriam estar estudando. Assim, pelo menos, eu estava a salvo deles. Conversar com Apollo, no entanto, era outra história.

Levantei a mão, sem saber se girava a maçaneta da porta ou batia nela, quando foi aberta. Achilles estava ali.

— Oi — eu o cumprimentei.

— Maddie — ele respondeu, os olhos me estudando abertamente, mas não hesitou em estender a mão, envolver os dedos no meu cotovelo e me puxar para fora do frio. — Já faz um longo tempo desde que a vi — observou, fechando a porta.

— *Uh...* sim — respondi, olhando nervosamente para a casa, sem ver *nada* além da decoração fabulosa.

— Você tem passado bem? — Achilles perguntou e me virei para ele.

— Sim... não. Isto é, tipo *quase* sim, mas não devo dizer mais *nada* — respondi e ele inclinou a cabeça para o lado.

Eu poderia dizer que ele estava confuso diante da minha resposta, mas eu não tinha tempo para isso. Tinha acabado de caminhar por quinze minutos, um tempo que minou a minha coragem. Precisava fazer isso e logo.

— Ouça, querido — continuei, me aproximando dele. — Adoraria conversar, mas preciso falar com o Apollo.

— Há alguma coisa errada? — perguntou.

— Não e... sim — respondi.

Seus lábios se curvaram enquanto murmurava:

— Ela fala em enigmas.

— Preciso falar com o Apollo — repeti em um sussurro.

Seus olhos se moveram sobre o meu rosto e, dessa vez, foi Achilles que se aproximou e sua voz ficou mais baixa quando disse:

— Sinto muito, Maddie, mas ele está partindo para a Casa dos Drakkar.

Meu coração bateu com tanta força que doeu.

— Partindo? Quer dizer, indo embora?

— Não. Ainda não, mas está se preparando para partir e fará isso em breve e com pressa. Ele tem uma longa jornada e deve fazê-la a tempo para o Gales.

Merda!

— Eu realmente preciso falar com ele, Achilles.

Achilles hesitou por um momento e tive que reconhecer, sua voz era gentil quando soltou a bomba.

— Ele não veria com bons olhos essa conversa, pequena.

Merda!

Apollo tinha falado com ele ou estava com um humor sombrio e Achilles, que não era *nada* burro, tinha percebido.

— Ainda assim, preciso falar com ele — declarei com mais ousadia do que bravura.

Achilles encarou os meus olhos por um momento muito doloroso, antes de assentir.

— Ele está no quarto. Sabe onde é?

Não havia sido levada até lá oficialmente, mas, durante a minha visita, me deparei com a suíte master. Sabia que era aquele aposento porque era gigantesco, ricamente decorado — uma vez que todo o resto era ricamente decorado, falar que esse quarto era *ricamente* decorado, dizia algo — e incrível. Também exalava o cheiro da colônia dele.

— Sei — disse ao Achilles.

— Então, vá — insistiu.

Exibi um sorriso trêmulo e corri na direção da ampla escadaria de madeira esculpida. Corri tão rápido quanto podia porque, a cada passo que dava, estava perdendo a coragem de dar o próximo.

E se ele ainda estivesse chateado e bancasse o idiota de novo? E se, nos últimos quatro dias, descobriu que eu não valia o esforço? E se eu chegasse lá e estragasse tudo, dissesse algo estúpido e danificasse o que já estava quebrado, até o ponto de não poder ser reparado? — esses pensamentos me assaltaram enquanto caminhava até os seus aposentos e via a porta aberta.

Sem bater, apressei-me ao entrar.

Os aposentos dele eram decorados em tons de creme, jade e marrom, principalmente os dois últimos. Também tinha uma pequena antessala, que imaginava que ele não usasse muito, principalmente porque só continha uma bela mesa redonda com um suporte entalhado, que tinha quatro pés em formato de garras. Estava ao lado de uma espreguiçadeira de couro marrom café e uma luminária de chão. Eu a atravessei, virei à direita e parei onde o enorme quarto ficava.

Apollo estava caminhando pelo quarto, passando a capa por cima do ombro, a cabeça abaixada para poder prender a cinta debaixo do braço. O corpo alto e poderoso em movimento, a capa esvoaçando atrás dele, a camisa de gola alta e lã em cor de chocolate com calça combinando, me fizeram lembrar da sua presença dominante e minha boca ficou seca.

Ele ergueu a cabeça e parou. Foi quando meu coração parou, também. Porque não havia nem um *flash* lá, nem mesmo um lampejo, não havia *nada*. Seus olhos pousaram em mim e estavam neutros, o belo rosto esculpido em pedra. Não havia calor. Também não havia raiva. Definitivamente, não havia ternura. Não havia nada. Era tarde demais.

— Agora não é um bom momento, Madeleine — afirmou, encarando os meus olhos enquanto começava a andar novamente, afivelando o manto sobre o peito. — Estou partindo em uma missão importante e preciso sair imediatamente.

Passou por mim e me virei para ele ao mesmo tempo em que forçava os meus lábios a se moverem.

— O que tenho a dizer é importante — falei.

Mais uma vez ele parou e se virou para mim.

— Então diga, rapidamente.

Era muito menos atraente ser mandão e arrogante quando estava olhando para mim com os lindos olhos, vazios de emoção. Não. Não era atraente, era esmagador.

— Eu... bem, pensei que você gostaria de saber que eu, *hummm...* não estou grávida.

Merda! Não era isso o que eu queria dizer!

— Excelente — ele respondeu com voz fria e se moveu novamente, como se estivesse indo embora.

— Espere! — gritei, dando um passo em direção a ele, mas parei quando se virou para mim novamente.

Quando encarei os seus olhos, as palavras presas na garganta, finalmente, me mostraram algo. Impaciência distante.

— Madeleine, como já disse, preciso partir imediatamente. — Ele me varreu da cabeça aos pés com um olhar e terminou. — Se você tem preocupações sobre a minha ausência, não há *nada* a temer enquanto eu estiver fora. Você estará protegida. A maioria dos meus homens retornou e a propriedade está fortemente vigiada. Lavinia também está a caminho. Ela garantirá que a bruxa que eu

contratei se assegure que encantamentos não possam ser lançados sobre a casa ou a terra.

— Eu... isso é bom — gaguejei. — Obrigada. Mas, Apollo, — dei um passo hesitante na direção dele — temos que conversar.

— Se você tem algo para discutir comigo, pode fazer isso quando eu voltar, daqui a três semanas. — Três semanas! Ele ficaria fora por três semanas? — Agora, tenho que ir — completou.

Ele me deu as costas e começou a caminhar para a porta. Sem sequer se despedir. Abaixei olhos para o chão, minha garganta se fechando. Eu estava certa, era muito tarde.

— Você virá comigo, ou ficará no meu quarto olhando para o chão? — perguntou e ergui a cabeça abruptamente. Suas palavras eram o primeiro raio de esperança de que queria me levar com ele, mas quando encontrei os seus olhos, suas próximas palavras me sufocaram. — Vou acompanhá-la até a porta da frente e providenciar um homem para levá-la até a casa anexa.

Sim. Tarde demais.

— Você está com pressa, não precisa se incomodar comigo. Eu consigo chegar na casa, não se preocupe — disse baixinho.

— Madeleine, está nevando intensamente agora — ele respondeu com paciência, claramente tenso.

Olhei para as janelas e vi que estava certo. A neve caía com muito mais intensidade. Mantive os olhos na janela e disse:

— Vou ficar bem.

— Vai ficar melhor se for escoltada por um dos meus homens.

Olhei para ele, sua visão toldada pelas lágrimas que tinham se formado nos meus olhos, mas engoli em seco e me forcei a falar:

— Vou ficar bem.

Ele não se moveu, então eu o fiz. Abaixando o queixo para olhar para os pés, andei na sua direção e, quando me aproximei, murmurei:

— Que você faça uma viagem segura, Apollo.

Não cheguei a passar por ele, pois, segurou o meu bíceps e me puxou para perto. Inspirei profundamente e inclinei a cabeça para trás para olhar para ele.

— Você está aliviada por não estar grávida? — perguntou e me forcei a engolir novamente, agora, com a garganta inchada.

Deus, homens.... Em qualquer mundo, eles eram totalmente sem noção.

— Não — respondi com voz rouca.

— Então, se importaria de compartilhar o porquê andou através da neve para falar comigo?

— Você está partindo para uma missão importante — eu o lembrei. — Isso pode esperar.

— Não gosto de deixar mulheres chorando no meu quarto.

— Não estou chorando — informei a ele e isso era verdade.

Eu *queria* chorar. Eu *iria* chorar quando o grandalhão lindo e *sexy*, que não me queria mais, finalmente partisse. Com certeza, havia lágrimas nos meus olhos, mas eu não estava *chorando*.

— Madeleine, seus olhos estão cheios de lágrimas.

De repente, estava farta de tudo aquilo.

— Apollo, só me deixe ir, então você pode ir.

— Fale — ele exigiu.

Torci o braço sob o seu aperto, repetindo em voz baixa:

— Por favor, me deixe ir.

— Madeleine — ele aproximou o rosto do meu, definitivamente impaciente *agora*, não remotamente — *fale*.

— Eu cometi um erro — sussurrei.

— Ao vir até aqui? — ele perguntou.

— Ao me casar com Pol.

Apollo ficou imóvel. Ele estava certo, os meus olhos estavam nadando em lágrimas, assim, a imagem dele estava toldada, mas ficou tão imóvel que eu conseguia sentir.

— Eu tenho essa... particularidade sobre mim — prossegui.
— É uma fraqueza. Uma falha, na verdade. E eu... bem, isso me levou ao Pol. Na verdade, isso me levou à várias coisas ruins, mas todas elas vieram através do Pol. Devido a esta falha, não tomei as decisões corretas. Não ouvi as pessoas que estavam dizendo coisas que eu deveria ouvir. Eu vi o que queria e fui atrás disso, as consequências que se danassem.

Ele não disse *nada*, não se moveu e não tirou a mão de cima de mim. Assim, continuei:

— Meu pai me disse que eu não deveria me casar com Pol. Na primeira vez que as coisas ficaram ruins, *realmente* ruins, de um modo que eu sabia que não iriam melhorar, só piorar, deveria ter ido ao hospital. Em vez disso, fui até a casa dos meus pais. — Dei um suspiro trêmulo e desviei os olhos para o ombro dele. — Ele abriu a porta para mim, eu tinha um olho fechado pelo inchaço, meu nariz sangrava, cada respiração enviava fogo através de mim porque as minhas costelas estavam quebradas, então, meu pai deu uma olhada em mim e fechou a porta na minha cara.

Apollo apertou o meu braço, mas foi só isso.

— Eu não sei... não sei como ser cuidada por alguém — gaguejei a minha confissão. — Porque nunca tive isso. Olhando para trás, meu pai sempre foi assim. Era motorista de ônibus e minha mãe também trabalhava muito, mas ela fazia questão de ir correndo para casa e colocar o jantar na mesa porque era o que meu pai esperava. Ela trabalhava tantas horas quanto ele, ainda assim cozinhava o jantar, lavava os pratos, a roupa, fazia as compras e limpava a casa. O trabalho dele era dirigir um ônibus, assistir televisão e reclamar sobre tudo o que acontecia no mundo, *o tempo todo*. O presidente e suas políticas. O treinador ofensivo dos Seahawks^[27]. O número de carros japoneses na estrada. Acho que ela fazia o que fazia porque se intimidava diante de todos os caprichos dele, apenas para não ter que ouvi-lo se queixar que ela não fazia.

Balancei a cabeça novamente e continuei falando, ainda com o olhar fixo nos ombros de Apollo.

— Essa negatividade... constante — prossegui. — Minha mãe, no momento em que eu consegui cogitar, estava enterrada sob ele. Tão enterrada que mal estava lá. Aquilo consumia o ar que ela respirava. Minha mãe parecia apenas se deixar levar por aquela vida com ele, juro, como se estivesse aguardando, esperando por mais.

Apollo não disse *nada* e fixei o olhar na garganta dele.

— Eu estava tentando fazer o certo — falei baixinho. — Desde que cheguei a este mundo. Desde que tive um novo começo. Estava tentando fazer o certo, encontrando uma maneira de cuidar de mim mesma e, ao fazê-lo, não depender de ninguém para cuidar de mim. Finalmente, pela primeira vez, ser inteligente e aprender a

cuidar de mim. Eu dependi de alguém para cuidar de mim e ele não era apto ao trabalho, pior, era dele que eu precisava me proteger — minha voz ficou mais baixa ainda. — Pensei que precisava aprender com isso. Ser esperta e encontrar uma maneira de cuidar de mim.

Finalmente, ele me soltou e falou:

— Eu não sou o seu marido.

— Eu sei — sussurrei.

— Se sabe, então, falou dele agora porque... — ele parou bruscamente.

— Porque você está me dando tudo o que ele me deu, exceto que *mais e melhor*. Ele também me deu tudo, mas transformou isso em uma maldição.

A voz dele ainda estava fria quando declarou:

— E você supõe que vou fazer o mesmo.

— Não suponho *nada*. — Ergui os olhos até os dele, tão queridos, mas ainda sem expressão. — Não acho *nada*. Não sei coisa alguma. Nem mesmo quem eu sou. Esse é o ponto. Não sei quem eu sou. Não sei como ser eu mesma. Tudo o que conheci foi viver rodeada pela negatividade dos meus pais, um pai que vivia irritado com o mundo, sem qualquer razão, uma mãe que tinha se anulado tanto, que parecia um fantasma. Por toda a minha vida, ambos pareciam nem saber que eu estava por perto e, claramente, não se importaram muito depois que eu fui embora. Então, eu estava vivendo com medo do Pol e me libertei, só para viver fugindo, me escondendo dele, com medo por um motivo diferente, o medo de que ele me encontraria.

— Maddie, aonde quer chegar — ele instigou e meu coração afundou.

Afundou porque eu estava provando o meu argumento, fazendo isso com honestidade, me abrindo completamente e ele ainda não estava escutando. Então, cheguei ao último argumento, assim, estava feito.

— Bem, *eu* precisava me encontrar, precisava de um tempo para fazer isso.

A voz dele era gelada quando declarou:

— Um tempo sozinha.

— Não, Apollo. — Balancei a cabeça novamente. — Só de *tempo*. — Levantei uma mão. — Você tem alguma ideia do que é viver fugindo, viver com medo, saber que se o homem te que procura o encontrar, pode ter que tirar a vida dele para salvar a sua? Você tem alguma ideia do que é viver por mais de uma fodida *década* sabendo que você cedeu por fraqueza e cometeu um erro pelo qual pagou, não apenas com dor e miséria, mas também com a morte dos seus *filhos*?

Cruzei os braços sobre a barriga e olhei para as janelas.

— Tem sido adorável e incrível, tudo isso, tudo o que você me deu. Até mesmo brigar com você, porque me mostrou que era seguro. Eu poderia dizer o que tinha a dizer, sem o seu punho atingir a minha cara — disse baixinho. — Mas, é preciso mais do que um mundo de conto de fadas para consertar o que está quebrado em mim. Isso porque eu vivo todos os dias sabendo que fui *eu* que o quebrou.

De repente, senti ele se mover e olhei na sua direção, notei que estava se dirigindo ao cordão de brocado cor de jade, com uma

borla dourada que ficava ao lado da cama. Parou diante dele e o puxou.

Então, o vi se mover em direção às janelas e fez isso para contornar a pesada mesa de madeira escura, que estava colocada em diagonal no canto, de frente para o aposento. Confusão se mesclou com a tristeza enquanto ele abria uma gaveta e pegava uma folha de papel.

Apollo estava pegando uma pena — sim, uma pena. Meses atrás descobri que não havia canetas Bic nesse mundo — e abrindo um pote de tinta, quando me recompus.

— Sinto muito — sussurrei. — Estou sendo egoísta e você precisa ir.

— Quieta, Madeleine — ele murmurou, deslizando a pena no papel.

Permaneci quieta e observei. De volta ao tinteiro e ao papel. Tinteiro. Papel. Outra linha. Mais tinta. Outra linha. Estava tão estranhamente encantada com isso, presa na minha melancolia, que pulei quando um rapaz entrou correndo no quarto.

Ele olhou para mim, abaixou e levantou a cabeça, em seguida, olhou para Apollo.

— Senhor?

— Um momento, Nathaniel — Apollo respondeu e continuou a escrever.

O menino e eu o observamos até que, finalmente, Apollo largou a pena, colocou a tampa sobre o tinteiro e pegou o papel. Se endireitando, contornou a mesa, os olhos voltados para o menino.

— Envie alguém até a casa anexa. Se certifique de que digam à Loretta e Meeta que precisam preparar a Lady Ulfr para uma viagem até a Casa dos Drakkar — ele ordenou e prendi a respiração, sentindo os meus olhos se arregalarem. — Se certifique, também, que seja explicado a elas que Lady Ulfr precisa estar preparada para ir a um Gales, que elas também irão acompanhá-la.

Apollo estava dobrando o papel quando parou na frente do menino. Uma vez dobrado, entregou a ele e continuou falando:

— Elas devem se apressar. Partiremos em uma hora.

— Certo, senhor — o menino murmurou.

— E entregue isso ao Achilles — Apollo apontou com a cabeça para o papel e o garoto balançou a cabeça. — Vá, Nat — ordenou baixinho e o menino saiu correndo.

Apollo se virou para mim no momento em que me forcei a começar a respirar novamente. Quando o fiz, ele disse baixinho:

— Venha cá, Maddie.

Sem demora, caminhando rigidamente, com os olhos colados aos seus, fui até ele. Estava olhando nos seus olhos porque eles não estavam sem expressão. Seu rosto não estava frio. Em vez disso, o seu olhar era caloroso, seu rosto terno.

Não queria ter esperança, mas, diante do que ele disse, com o rosto daquele jeito, eu estava esperançosa. Quando cheguei perto dele, Apollo estendeu a mão e fechou os dedos em volta da minha cintura, me puxando para perto e me aninhando em seus braços em seguida.

— Quando voltarmos — ele continuou com a voz suave — você permanecerá na casa anexa tanto tempo quanto precisar, a fim de... — ele hesitou e finalizou — se encontrar.

Meu Deus! Isto estava acontecendo?

— No entanto, gostaria de pedir que fizesse isso e também passasse algum tempo comigo e com os meus filhos.

Putá merda, estava acontecendo e concordei rapidamente. Então, seus braços ficaram mais apertados ao meu redor.

— Infelizmente, nas próximas três semanas, não posso garantir que você terá algum tempo sozinha.

— Eu, *hummm...* bem, está, *hummm...* tudo bem — gaguejei e fiz isso rapidamente também.

— Nós vamos viajar com guardas — continuou e seu abraço se intensificou ainda mais — e com os meus filhos.

Oh, Jesus. Eu estava pirando sobre uma variedade de coisas, incluindo essa nova adição, mas não disse *nada*.

— Depois do que aconteceu, não posso deixá-los — continuou. — Não queria deixar você, mas da forma como as coisas estavam entre nós....

Ele parou e assenti novamente, dessa vez tendo entendido. Uma das mãos dele subiu para envolver a minha mandíbula enquanto abaixava o rosto até ficar muito perto do meu.

— Você deve se abrir mais comigo, papoula — insistiu gentilmente. — Deve fazer isso para que eu possa saber como a sua mente funciona e não chegar a conclusões equivocadas apenas tendo suas palavras, que muitas vezes falam bastante e não dizem *nada*.

Ele estava certo, muito certo. Logo, balancei a cabeça mais uma vez e sussurrei:

— Vou tentar.

O polegar roçou meu rosto, sua voz ficou ainda mais baixa e mais profunda quando continuou, ainda gentilmente. — Agora, entendo que é difícil para você falar sobre essas coisas. Então, em troca, tentarei ser mais paciente.

Deus. Deus . Ele era lindo, tão lindo. Em mais de um sentido.

Senti novamente as lágrimas arderem nos meus olhos.

— Me desculpe, estraguei tudo — eu ainda estava sussurrando. — Eu estava apenas... sendo cuidadosa....

— Pare, minha pomba, eu sei que estava — diante das palavras, respirei fundo e exalei.

— Bem, já que estou explicando as coisas, você também deve saber que no meu mundo, quando algo acontece e há crianças envolvidas, quando, você sabe, um dos pais — engoli em seco — morreram ou há um divórcio ou algo assim, vamos muito mais lentamente quanto a introdução de um novo, bem... parceiro para as crianças. Eu entendo — continuei rapidamente — que você pense de forma diferente e são os seus filhos, por isso é uma decisão sua. Mas, foi estranho para mim. Muito estranho. Quando discutimos, eu estava pensando na minha necessidade de tempo, mas também estava pensando que eles deveriam ter um tempo para se acostumar comigo e me conhecer antes que tivessem que me ver na mesa de jantar todas as noites. Achei... bem, pensei que seria mais gentil dar a eles um período de adaptação. Quer dizer, não sou uma cadela ou *nada* do tipo, mas, você sabe, para crianças que durante muito tempo tiveram seu pai apenas para elas, introduzir uma mulher na vida delas pode ser demais.

— Não apresentei os meus filhos para outra... — fez uma pausa, arqueando a boca — *parceira*. Então, em retrospecto, vejo que é sábio.

Ele via isso como sábio. Graças a Deus.

Relaxe nos seus braços e ele deslizou a mão até o meu pescoço, dando um aperto e dizendo:

— Temos que aprender a conversar assim, Maddie.

Mais uma vez, ele estava *bastante* certo e assenti novamente.

Aquele olhar carinhoso tomou conta dos seus olhos antes de inclinar o pescoço para encostar a boca na minha e, juro, era louco. Sabia disso, mas tive que lutar para não explodir em lágrimas, pois senti falta daquele olhar e daquele toque... assim... *muito... pra caralho*.

— Não gosto de pensar no seu pai deixando você para aquele homem, quando se aproximou dele pedindo ajuda — Apollo sussurrou e eu apertei os lábios, inalando pelo nariz em um esforço contínuo para lutar contra as lágrimas. — Você não vai encontrar tal desrespeito aqui, minha pomba. Portanto, exijo que, juntamente com a descoberta de si mesma, encontre uma maneira de se acostumar com isso.

Levantei as mãos até as laterais da sua camisa, dobrando os dedos, a agarrando e me forçando a acenar com a cabeça, enquanto piscava para afastar as lágrimas que ameaçavam inundar meus olhos.

Sim. Ele era lindo. E em *muito* mais do que um sentido.

Apollo deslizou a mão até o meu queixo para poder acariciar novamente a minha bochecha e se moveu para beijar a minha testa.

Em seguida, se afastou, as pontas dos dedos me apertando com cuidado ao anunciar:

— Agora, vamos dizer ao Christophe e a Élan que você viajará com a gente para Brunskar.

Meu estômago embrulhou, mas eu não disse *nada*. Crise contornada, um novo trauma bem no seu encaixe. Essa era a minha vida. *Oh*, Jesus.

* * * * *

Dez minutos mais tarde, eu estava no grande salão tentando não torcer as mãos enquanto Apollo estava parado na entrada, ouvindo algo que Laures tinha a dizer, mas os seus olhos estavam em mim.

No minuto em que chegamos lá embaixo, encontramos uma criada e ele havia mandado chamar as crianças. Eu estava tentando me conter, mas temia que, se tivesse que esperar mais um segundo, desmaiaria. Diante desse pensamento, felizmente *meio que* ouvi um barulho e vi Élan virar a esquina correndo, Christophe vindo mais lento atrás dela.

Ela parou quando me viu e apertei as mãos, tentando não hiperventilar. Seu olhar saltou para o pai antes de perguntar:

— A senhorita Madeleine vai com a gente? — a voz de Élan soou através do salão, para o pai.

— De fato, menina preciosa — Apollo respondeu.

Ela jogou instantaneamente as duas mãos para o ar e gritou:

— Urra! — Empinou o bumbum e o balançou de um lado para o outro.

De repente, parou e se virou para o irmão, apontando para ele com um olhar triunfante no rosto. Então, anunciou:

— *Ah*, Chris! Outra garota vai vir com a gente. Isso significa que, quando pararmos para almoçar, não vamos ter que atirar em coisas com flechas e ter lutas de bolas de neve. Significa que vamos poder fazer castelos de neve e conversar com os coelhos! — Élan colocou a língua para fora e fez aquilo de novo, balançando os braços ao lado do corpo e exclamando: — Urra! Urra-urra-urra!

Olhei para Christophe e ele estava observando a irmã com um ar de desgosto no rosto. Merda. Ele virou os olhos para mim, que pareciam ter ficado calorosos e sorriu. Meu coração acelerou e retribuí o sorriso, em seguida, olhei para o Apollo, que estava sorrindo para os filhos. Então, eu disse:

— Vamos.

Élan correu para mim, pegou a minha mão e começou a me puxar em direção às escadas. Sentir a pequena mão na minha me fez recuperar o fôlego com tanta força que doeu, mas não me importei com a dor.

Eu a deixei me guiar pelos degraus, Christophe se juntou ao seu pai e saíram primeiro. Élan agora pulava ao meu lado enquanto os seguíamos e tentei segurar a sua mão de forma casual, mas queria abraçá-la tão forte que nunca mais a soltaria.

Apollo olhou por cima do ombro ao passo que descia os degraus da frente, seus olhos descendo até a filha e chegando aos meus. No seu rosto, aquele olhar tenro foi muito, muito, *muito* além dos malditos parâmetros. Assim, cada centímetro meu se aqueceu de uma maneira que eu sabia que poderia colocar um biquíni e o frio de Lunwyn não me atingiria.

Élan estava certa. Urra!

* * * * *

Uma hora e quinze minutos depois, meus baús acomodados em um dos dois trenós, todos os rapazes montados em cavalos — incluindo Quincy e Balthazar, Apollo, é claro, e Christophe em sua própria montaria, igual ao pai —, entrei no trenó que dirigiria com os meus olhos sobre Élan, que estava quicando na parte inferior do assento, as peles seguras por suas mãos, gritando:

— Sente-se, senhorita Madeleine. Sente-se. *Sente-se!* Vamos partir!

Olhei para o trenó atrás do meu, que levava Loretta, Meeta e Bella, a babá das crianças. Então, olhei para Apollo, que estava conversando com o Remi. Finalmente me sentei e Élan jogou as peles em cima de mim enquanto eu pegava as rédeas.

— A senhorita Madeleine está pronta, papa! — Christophe falou.

— Excelente — Apollo respondeu e ordenou ao grupo de dez cavaleiros e dois trenós: — Em frente!

Estalei as rédeas, os cavalos se moveram, o trenó começou a deslizar sobre a neve facilmente, flocos macios ainda caíam e os cavalos em torno de nós cerraram fileiras. Contudo, olhei novamente para a casa e vi Cristiana parada na frente da porta aberta. Quando me notou, acenou, piscou e eu sorri, soprando um beijo para ela.

Então, me virei para frente quando Élan perguntou:

— Você sabe como fazer castelos de neve, senhorita Madeleine?

— Não, querida — respondi calmamente.

— Vou te ensinar — ela declarou e os meus lábios se curvaram.

Hu... Maldito... Urra!

Capítulo 18

Brunskar

— Acorde ela, Maddie.

Ouvi as palavras suaves do Apollo e olhei para ele, parado ao lado do trenó. Élan estava aninhada ao meu lado, dormindo. Por experiência própria, os dias eram sempre curtos em Lunwyn, por isso estava escuro. Dito isso, também era tarde quando havíamos chegado em Brunskar, a Casa dos Drakkar.

Tínhamos viajado por dez dias através de Lunwyn, eu sabia que a distância era longa e a incumbência importante, porque as nossas horas em trânsito eram mais longas do que quando Apollo e eu estávamos em nossa viagem abortada para Bellebryn.

Isso significava que, geralmente, comíamos o almoço e o jantar, parando ao longo do caminho. Significava também que Christophe estava prestes a cair do seu cavalo — mas ele nunca faria isso, como o seu pai nunca faria isso. Chris, eu tinha descoberto, estava ansioso para fazer *tudo* igual ao seu pai.

Geralmente, no final do dia, Élan estava dormindo ao meu lado. Então, quando parávamos, era para providenciar a uma sonolenta Élan e a um exausto Christophe os seus banhos, Bella supervisionava isso. Também, para tomar os nossos, Meeta e Loretta cuidavam do meu, antes de partir novamente.

Durante a longa viagem, descobri que Christophe gostava de estudar matemática e também inglês, ou a linguagem do Vale. Timidamente, compartilhou que gostava de estudar a linguagem do Vale porque escrevia histórias — essa timidez evaporou quando Apollo constantemente se gabava de quão grande elas eram, o que significava que fui capaz de convencer Chris a me deixar ler uma delas quando voltássemos para Karsvall. Somando-se à sua inclinação artística, ele gostava de desenhar.

Mas, o melhor de tudo era que Chris gostava de atirar com seu arco e flecha, logo, aquele alvo que atingiu não foi por acaso, ele praticava a qualquer chance que tinha, mesmo enquanto comia um sanduíche, e vi de perto que era bom nisso. Esse último porque ele queria ser um soldado, *exatamente* igual ao pai. Algo que compartilhou comigo, apesar de o seu pai já ter compartilhado.

Élan, havia descoberto, não gostava de *nenhum* estudo. No entanto, gostava de “servir o chá”, quando isso foi descrito, soube que estava falando sobre festas de chá, já que Bella, várias criadas de Karsvall e suas bonecas eram as participantes habituais. Também gostava de fazer castelos de neve e bruxas de neve, que eram referidos como anjos de neve no meu mundo, exceto que você perfurava um chapéu na neve quando terminava. Ela gostava de praticamente tudo no mundo.

Quando crescesse, por outro lado, estava determinada a se casar com Frey Drakkar, “o homem mais bonito de Lunwyn”, Élan sussurrou. Era o desejo do seu coração e não se importava que fosse velho demais para ela. Também não se importava que fosse casado com Sjöfn, ou Finnie, a princesa de gelo de Lunwyn. Como pretendia superar esses obstáculos bastante grandes, eu não fazia

ideia e não perguntei. Ela não precisava saber quão grandes eles eram, então, não compartilhei. Ela iria crescer e encontrar o seu próprio — um com idade apropriada, eu esperava — cara *sexy*.

Descobri tudo isso porque Christophe, muitas vezes, cavalgava ao lado do nosso trenó e conversávamos. Ele também fazia as refeições com a irmã e comigo. Parte disto, pensei, era porque ficou intrigado comigo, não porque eu me parecia com a sua mãe. Ao contrário disso, porque esfaqueei um homem e atingi outro com um galho, uma mulher fazendo essas coisas nesse mundo era intrigante, especialmente, para um menino. Mas, na maior parte das vezes, era porque o seu pai fazia as refeições com a gente e quase sempre cavalgava ao lado do nosso trenó. Chris fazia o que Apollo fazia.

Descobri tudo o que tinha descoberto sobre Élan porque ela viajava comigo no trenó, era extremamente falante e ficava animada a cada floco de neve, grupo de árvores ou coelho que pulasse em nosso caminho, ela sentiu que eu precisava compartilhar a sua emoção. Não importava se ela falasse até minha orelha cair. Ouviria, mesmo que durasse uma eternidade.

Desnecessário dizer que os nossos dias no trenó eram pequenos pedaços do paraíso para mim. Adorei conhecer as crianças, especialmente porque eram brilhantes, engraçadas, abertas e interessantes. Com as noites era o mesmo, pequenos pedaços do paraíso.

Isso porque, sem eu pedir, na primeira pousada em que paramos para passar a noite, Apollo solicitou um quarto para cada um de nós e continuou fazendo isso durante toda a viagem. Isso significava, se a oportunidade surgisse, que as crianças o viam indo para o seu quarto e eu para o meu. Mas, uma vez que estavam acomodados, Apollo ia dormir comigo, no meu quarto. Antes de dormir, porém, ele se assegurava de que *eu* gozasse, repetidamente.

Seria suficiente dizer que Apollo sentiu a minha falta também. Na primeira noite em que ficamos juntos novamente, ele comunicou isso me segurando nos braços por toda a noite, uma vez que eu estava no final do meu período, mas não demorou para me tomar de maneira rápida e tórrida, embora a segunda vez naquela noite tivesse sido lenta, suave e doce, assim como a terceira. Desde aquela noite, ele só me tomava lenta, suave e docemente.

Todas as noites, em seus braços, contei a ele histórias de ninar não tão divertidas — embora, ele tenha pedido por elas —, sobre a minha vida, minha mãe, meu pai, meus *meio que* amigos e sobre a escola. Qualquer coisa e tudo o que pedia, eu sussurrava para ele enquanto me segurava, me acariciava e falava para dormir.

Ele ainda não havia me pedido para falar sobre Pol, mas eu sabia que estava por vir. Também não tinha compartilhado muito sobre si mesmo, mas eu teria isso, uma vez que soubesse que tinha dado a ele o que precisava de mim. Em outras palavras, embora essa viagem longa e fria pudesse ser tediosa, não chegou nem

perto disso. Amei cada segundo e a faria novamente em um piscar de olhos.

Então, fiquei desapontada por termos chegado em Brunskar, sede da família do Frey Drakkar. Seu Gales anual seria na noite seguinte e tínhamos chegado a tempo. Olhei do Apollo para Élan e dei a ela um aperto suave.

— Acorde, doçura, é hora do banho e de ir para a cama.

Ela se aconchegou mais ainda e meu coração parou. Queria deixá-la dormir a noite toda, abraçando-a e mantendo-a quente, mas sabia que não poderia fazer isso — tanto quanto eu queria. Então, dei outro aperto.

— Vamos, Élan. Hora de ficar limpa e se aquecer em seguida.

— Eu estou quente — ela murmurou contra o meu manto.

— Você vai ficar mais quente na cama — seu pai se intrometeu, entrando no trenó.

Tirou as peles de cima dela e colocou as mãos sob os seus braços, a levantando. Quando ele a acomodou no colo, Élan aninhou o rosto em seu pescoço, colocou os braços ao redor dos seus ombros e as pernas ao redor da sua cintura.

Ele olhou para mim, mas eu já estava olhando para ele. Toda vez que eu o via com os filhos, carregando a sonolenta Élan, sorrindo enquanto Chris conversava com ele, achava que nunca pareceu tão bonito. Incluindo agora.

— Vou levá-la para dentro. Fique perto do Draven, minha papoula, até chegar ao seu quarto — ordenou em voz baixa e balancei a cabeça.

Apollo caminhou com a filha no colo até a porta da frente da pousada e vi Christophe e Hans parados, Chris segurando a porta aberta para Bella precedê-lo e manter controle sobre a porta, para que o seu pai pudesse fazer o mesmo.

Desviei o olhar e apontei os meus olhos para frente e para cima. Eu o tinha visto de longe e quando o fiz, fiquei feliz por Élan já ter adormecido. Isso porque Brunskar não era parecido com a casa do Apollo ou qualquer uma das casas mais finas pelas quais tínhamos passado.

Brunskar era arrepiante no seu grau máximo e assustador como o inferno. Claro, estava escuro, mas a frente dele estava iluminada por aquilo que parecia ser centenas de tochas, até mesmo algumas na fachada dos quatro andares e mais algumas no telhado.

A pedra parecia negra contra a luz do fogo sombrio e o pano de fundo branco da neve. Suas linhas eram retas e agressivas, com cinco torres despontando para o ar. Muitas das janelas estavam iluminadas, provavelmente, porque tinham convidados para o Gales. As janelas também pareciam agressivas, considerando que as janelas da casa do Apollo eram arredondadas, em atraentes arcos, enquanto as janelas de Brunskar eram forjadas com molduras de ferro.

E o castelo — tinha que ser um castelo, nenhum outro edifício possuía essa forma — foi construído no alto do que se assemelhava a picos escuros, que pareciam negros contra a o céu estrelado, uma cordilheira bastante impressionante. Nesse mundo, que não havia guindastes motorizados ou escavadeiras, foi construído em um lugar surpreendentemente *alto*, na face dessas montanhas, de uma forma

que parecia vigiar a aldeia abaixo, também chamada de Brunskar, de modo que não parecia bom.

Deve ser dito que *não* tive uma boa impressão do lugar. Isso era estranho, já que não era supersticiosa e nunca me senti assim sobre qualquer lugar em que havia estado antes, exceto, digamos, quando estava em um lugar no qual Pol também estava. Contudo, isso era um comportamento adquirido. Não era a mesma coisa.

Eu simplesmente não gostei de lá. Pior, não tinha um bom pressentimento sobre as coisas que aconteceriam lá dentro. Uma coisa que Apollo compartilhou durante uma das nossas conversas na cama, foi o fato de que Frey não era o Chefe da Casa dos Drakkar, embora devesse ser, mesmo que o seu pai ainda vivesse. Ele só não queria ser e eu conseguia entender.

Ele era bastante ocupado, comandava elfos e dragões, era um corsário em alto-mar — em outras palavras, uma espécie de pirata... bem, na verdade, um pirata mesmo, só que Apollo me disse que Frey era do tipo “bom”, seja lá o que isso fosse — e era casado com uma princesa.

Infelizmente, Apollo também compartilhou que, após a guerra que reuniu Lunwyn e Middleland, Eirik, pai do Frey, havia sido excluído pelo Frey das suas responsabilidades como Chefe da Casa. Frey as tinha entregado ao seu irmão, Calder.

Isso não havia deixado Eirik ou a mãe do Frey, Valeria, felizes. Logo, uma informação chegou ao Apollo. Um deles, ou ambos, ou outro membro da família Drakkar, estava em conluio com a perversa Minerva, suas parceiras malévolas, as bruxas Edith e Helda, o covarde Baldur.

Portanto, Apollo reverteu a sua decisão de não participar do Gales como vinha fazendo, mas só porque Calder e a sua esposa, Melba, assumiram a Casa. Nos preparamos e ali estávamos, mas, eu não tinha um bom pressentimento sobre isso. Nenhum. Especialmente sobre aquele castelo.

O que eu tinha era o Apollo, assim como Draven, Hans, Alek, Remi, Gaston e Laures, sem mencionar Quincy e Balthazar, e eles estavam armados até os dentes. Tinha visto o que havia sob as lonas verdes na parte de trás do trenó que Loretta, Meeta e Bella estavam, sabia que eles compreendiam os perigos e não estavam brincando.

Felizmente, as crianças não perceberam isso, mas eu estava pensando que, mesmo que tivessem percebido, não se importariam. Isso porque Apollo tinha criado, claramente, uma relação estreita entre os seus homens e os seus filhos. Era óbvio que a confiança que as crianças partilhavam com os homens do Apollo era absoluta. Eles eram uma família, uma família próxima, carinhosa, provocadora e amorosa.

Essa foi outra coisa que tornou a viagem boa. Nunca havia tido *nada* parecido, nunca vi *nada* tão bonito, nem mesmo na longa viagem por Fleuridia, no entanto, chegava perto. Contudo, a adição das crianças e dos meus amigos a tornou ainda melhor e amei cada segundo dela.

— Maddie — ouvi Draven me chamando e olhei em sua direção.

Ele estava parado ao lado do meu trenó, oferecendo a mão. Tirei as peles de cima de mim, me levantei, estendi a mão e

peguei a dele. Draven me ajudou a sair do trenó e me puxou para perto, colocando a minha mão em torno do seu braço enquanto me acompanhava até a porta.

— Você está bem? — Draven perguntou enquanto caminhávamos através da neve acumulada. — Você parece preocupada.

— Esse castelo está me assustando — admiti.

— Bons instintos — murmurou, estendendo a mão para abrir a porta, mas eu parei e olhei para ele.

— O que você quer dizer? — perguntei e ele olhou para mim.

— Os Drakkars — balançou a cabeça — exceto por Frey, Calder e o seu outro irmão, Garik, são um antro de víboras. Até o último deles.

Fabuloso.

Ele me puxou para dentro, dizendo:

— Você não precisa se preocupar, doçura. São umas víboras, mas estão longe de serem estúpidos.

Bem, isso era bom, eu achava. Entretanto, diante da sensação de que esse lugar me dava, tinha que saber com certeza. Então, perguntei:

— Ok, o que isso significa?

Ele parou no pé da escada de madeira e olhou para mim.

— Isso significa que amanhã você entra no Gales de braço dado com Apollo Ulfr e nada mais, apenas isso importa. Lo não é um homem para ser confrontado e eles sabem disso. Se alguma

coisa for feita ou dita para incomodá-la, ele não hesitará em deixar o seu desagrado ser conhecido, de uma forma que eles não gostarão.

Oh, Jesus.

— Ok, agora o que *isso* quer dizer? — repeti novamente.

— Isso significa, Maddie — ele falou baixinho e se inclinou para ficar mais perto —, que você é parecida com a Ilsa.

Oh, merda. Tinha esquecido. Como eu poderia esquecer?

— Certo — sussurrei.

— Este será o seu primeiro evento entre as Casas, querida. Houve boatos de que a semelhança entre você e ela é extraordinária. Ainda acho que isso não preparou vários deles para o que verão. A maioria será bem-educada. Os Drakkars, no entanto, muitas vezes não se preocupam com boas maneiras.

Ótimo. Simplesmente ótimo.

— Não é como se você já não tivesse sido confrontada com esta mesma coisa, repetidamente — me lembrou suavemente e virei para as escadas novamente.

— Você está certo. Já fui.

Ele parou de novo, então olhei para ele.

— Há pessoas, as quais importa o que pensam. Há aquelas que não. Posso te dizer agora, no caso dos Drakkars, que qualquer um deles pode dizer ou fazer algo que vai te incomodar, mas eles não importam.

— Vejo que você está no humor de um soldado filósofo — observei e ele sorriu.

— Estou sempre ao seu dispor para transmitir sabedoria — ofereceu.

— Eu sei e é chato, às vezes — respondi provocadoramente.
— Mas, desta vez, foi simplesmente assustador.

Ele começou a rir e nos guiou pelas escadas. Sorri e me inclinei para ele enquanto subíamos. No entanto, por dentro, estava pensando nesse castelo assustador, na família *não tão legal* que o convidou e no fato de que o meu primeiro Gales seria, provavelmente, uma droga.

Não, eu não gostei desse lugar. De jeito nenhum.

* * * * *

— Não tenho bons pensamentos sobre esse lugar — Loretta declarou.

Eu já tinha tomado o meu banho e, mesmo que pudesse fazê-lo, ela estava escovando os meus cabelos. Meeta estava do outro lado do aposento, arrumando as minhas roupas para o dia seguinte.

— Eu também não — Meeta concordou e olhei para ela com surpresa diante das suas palavras. Ela deveria ser o meu Spock, cabeça fria, nada irracional. — Há uma frieza descendo a montanha — continuou e senti um frio descer pela minha pele quando o fez. Os olhos dela vieram até os meus. — Não é o frio normal deste lugar gelado.

— Tudo vai ficar bem — menti e fiz isso porque eu era o capitão Kirk. Era para eu ser confiante e reconfortante, mesmo que estivesse pirando completamente.

— Vai estar para você em cerca de dez minutos, quando Ulfr entrar por aquela porta — Loretta observou, soltando a escova e arrumando os meus cabelos sobre os ombros.

Observei a expressão de mau agouro da Meeta mudar para sabedoria. Um pequeno sorriso iluminou o seu rosto enquanto arrumava o vestido que eu usaria no dia seguinte sobre uma cadeira, fez isso ainda sorrindo. Não dei *nenhuma* resposta porque era verdade, quando Apollo entrasse pela porta, tudo estaria bem. Pelo menos, para mim.

Loretta contornou uma cadeira, sentou-se de frente para mim e disse:

— Ele não tomou *nenhuma* criada, cozinheira ou alguma moça da aldeia.

Essa confirmação do que Apollo me disse era boa. Mesmo assim, não tinha ideia de onde ela queria chegar com isso. Então, Loretta me deu uma pista de onde estava querendo chegar.

— Então, como ele é? — perguntou.

— Não responda a isso — Meeta exigiu. — Não tenho um amante há meses, minha mão está ficando cansada e eu divido a cama com você. — Ela apontou o olhar para Loretta. — Portanto, não vai nem mesmo ter utilidade até estarmos em casa.

Esta não era uma boa notícia. Não que Meeta não pudesse se envolver em determinadas atividades. Não, isso aliado ao fato de que não tinha conseguido *nada* para si mesma havia meses e o bando de *caras* do Apollo por perto. Meeta era linda e eles eram ativos.

— Não vou responder — falei e dei um sorriso para Loretta. — Sinto muito, querida, mas isso é privado.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Privado?

— Tipo, não é da sua conta — Meeta esclareceu.

— Eu sei o que significa — Loretta retorquiu. — Só não sei o porquê ela acha que é.

— Porque ela acha que é — Meeta rebateu.

— Mas, isso é loucura — Loretta retrucou. — Todo mundo fala sobre o que acontece debaixo das cobertas.

— Eu acho que você pode ter notado, linda, que a senhorita Maddie não é todo mundo — Meeta respondeu.

Bem, isso era bom e Loretta olhou para mim sorrindo.

— Essa é a verdade dos deuses. Se você fosse, Ulfr não estaria entrando aqui a qualquer momento.

— Ele tem bom gosto — Meeta murmurou e comecei a ficar relaxada porque era *realmente* bom.

— Obrigada, querida — falei baixinho e ela olhou para mim.

— Você é gentil. É carinhosa e é divertida. Uma mulher com a sua aparência, raramente, é uma dessas coisas, menos ainda todas elas.

— Essa é a verdade dos deuses, também — Loretta concordou. — Geralmente, são vaidosas e presunçosas.

— E exigentes — acrescentou Meeta.

— Sempre querendo atenção — Loretta colocou.

— Mas, você não é *nada* disso — Meeta concluiu.

— O que a torna grande — Loretta terminou, dirigindo um grande sorriso para mim.

Agora, ambas estavam sendo boas.

— *Humm...* não tenho certeza de que vocês duas se olharam no espelho ultimamente, mas vocês são tudo isso, nenhuma das duas tem aparência ruim — aponte.

— Hans parece não pensar assim. Parece que ele acha muito ruim olhar para mim — Loretta murmurou.

Eu conseguia ver que ainda doía, ainda mais agora que estávamos viajando com Hans e ela tinha que lidar com ele a ignorando por horas, dia após dia. Verdade seja dita, não entendia o porquê Hans não achava que Loretta era incrível e voltava para mais. Ou, simplesmente, não voltava para ficar.

Ela tinha bastante curvas, era pequena, tinha um adorável cabelo castanho claro e belos olhos azuis brilhantes. Era engraçada. Era doce. Possuía uma excitação pela vida que era quase semelhante à de Élan. Por último, era leal à família. Sabia disso porque percebi que Loretta sentia isso por mim, mesmo que não me conhecesse há muito tempo.

Hans poderia fazer coisas piores, mas não sabia se ele conseguiria melhorar. Diante desses pensamentos, estendi a mão e agarrei a dela.

— Então, por que *you* não procura em outro lugar? Talvez, alguém vá enxergar tudo o que *you* é. Mas, não um dos homens do Apollo — me apressei a acrescentar. — Nenhum deles parece completamente pronto para sossegar... ainda. Eu acho que *you* está.

— Ela tem grande beleza, é gentil, amável, divertida e *sábia* — Meeta decretou, vindo em nossa direção e segurando a outra mão da Loretta para levantá-la da cadeira, seu significado claro. Então, soltei a mão da Loretta quando ela levantou.

— Vocês duas, descansem um pouco — falei quando se moveram até a porta.

Meeta curvou o longo e elegante pescoço para mim e Loretta acenou.

— Como sempre, obrigada por tudo — concluí enquanto elas desapareciam porta afora.

Exceto a cabeça da Meeta, a qual acenou na minha direção antes de fechar a porta. Levantei da cadeira e puxei o suave manto de lã mais apertado à minha volta enquanto caminhava até a janela.

Estávamos em uma pousada, olhando pelo lado mais agradável. Era limpa, bem decorada e tinha o seu próprio restaurante no piso térreo. Os aposentos tinham tapetes grossos em todos os andares, de modo que o frio não conseguia se infiltrar, e cortinas pesadas para que o frio não pudesse atravessar as frestas das janelas.

Ainda assim, o enfrentei puxando a cortina para o lado e olhando para Brunskar. Sim, ainda assustador. Completamente.

— Maddie, minha pomba, feche a cortina. Você está deixando entrar uma corrente de ar.

Soltei a cortina diante da voz de Apollo, me afastei da janela e o vi dentro do quarto. Sem capa, o cabelo bagunçado — mas de um jeito bom — e sexy. Logo, borboletas esvoaçaram dentro da minha barriga.

— Ei — eu o cumprimentei.

— Venha aqui e diga isso nos meus braços — respondeu.

Dei um pequeno sorriso e fiz o que ele pediu, caminhando em sua direção e colocando os braços ao seu redor enquanto ele fazia o mesmo comigo.

— Ei — repeti, muito mais baixo dessa vez.

— Ei — ele respondeu, também suave e doce, o que causou outra vibração na minha barriga.

Apollo inclinou a cabeça para encostar a boca na minha. Normalmente, isso levava direto para outras coisas, inclusive, eu tirando a sua roupa, ele me despojando do meu robe, da camisola, da calcinha e a diversão não parava por aí. Entretanto, depois de roçar os lábios contra os meus, ele os ergueu para beijar o meu nariz, me soltou e caminhou até a cama.

Fiquei onde ele me deixou e o observei se sentar na cama e tirar as botas.

— Está tudo bem? — perguntei quando Apollo ergueu as duas mãos para trás, entre os ombros, para tirar o suéter.

Seus olhos vieram até os meus.

— Estamos em Brunskar — falou o que eu já sabia e tirou a camisa.

Ignorei a revelação do peito magnífico, sem mencionar a extensão dos ombros largos — ok, não ignorei, mas tentei — e disse:

— *Uh...* sim. Estamos em Brunskar.

— Nada de bom pode vir de uma visita à Brunskar — murmurou, ficando de pé e colocando as mãos na calça.

Ótimo. Até mesmo Apollo estava enlouquecendo com esse lugar.

— Você gostaria de explicar isso? — perguntei.

Desafivelando o cinto, os dedos nos botões da calça, olhou para mim novamente.

— Não, quero a sua boca no meio das minhas pernas. Então, quero ter você montando o meu pau. Quando nós dois tivermos os nossos orgasmos e minha semente estiver escorrendo de dentro de você, vou falar sobre Brunskar.

De repente, não dava a mínima para Brunskar. Dei ainda menos quando ele abaixou a calça e vi que estava *bastante* pronto para a minha boca estar entre as suas pernas. Nem mesmo lembrei que havia uma Brunskar quando ele se acomodou na cama, apoiou as costas na cabeceira, abriu as pernas, ergueu os joelhos, fixou os olhos em mim e, até mesmo, quando envolveu a mão enorme em torno do pênis grosso e duro e começou a acariciá-lo.

Cada centímetro do meu corpo começou a formigar, mais especificamente, os mamilos e a área entre as pernas. Tive a sensação de que não seria suave e lento naquela noite e eu estava ansiando por isso.

— Retire o manto e o vestido antes de se juntar a mim, papoula — murmurou.

Não tinha certeza, mas achava que não registravam esse tipo de coisa no livro dos recordes, contudo, estava relativamente certa de ter tirado o robe e a camisola em tempo recorde e ele gostou do que viu, soube disso porque sua voz estava rouca quando ordenou:

— Rasteje pela cama, desde os pés.

Oh, Deus. Quente.

Não demorei para me mover até o pé da cama.

— Devagar — ele ordenou e engoli em seco.

Coloquei as mãos na cama, os joelhos e fiz o que ele ordenou, todo o tempo mantive os meus olhos na mão que acariciava o próprio pênis. Cheguei ao meu destino e senti a outra

mão dele envolver o lado do meu rosto. Imaginei o que isso significava e fiquei parada, para que ele pudesse me guiar. Presumi corretamente. Deslocando a ponta dos dedos para os meus lábios, a mão no meu rosto deslizou até os meus cabelos e colocou uma leve pressão sobre a minha cabeça, até que o abocanhei.

A voz dele estava rouca quando sussurrou:

— É isso aí, minha pomba.

Estava certo, era isso. Ou era isso, por enquanto. Eu ganharia muito mais, *daqui* a pouco.

* * * * *

Mais tarde, me lembrei de Brunskar quando cheguei ao orgasmo, Apollo também, sua semente estava escorrendo de dentro de mim e a sua mão estava acariciando o meu quadril quando murmurou:

— Brunskar.

— Sim? — falei quando não disse mais *nada*.

Os seus braços me envolveram e ele me puxou para perto, a fim de ficarmos unidos frente a frente, deitados de lado.

— Os Drakkars, exceto Frey e seus dois irmãos, são bastante perversos, gananciosos, lascivos e maldosos. Alguns são até mesmo cruéis. Eles gostam de jogar e os seus brinquedos favoritos são as pessoas.

Maravilha, mais uma boa notícia sobre os Drakkars. Eca.

— Draven *meio* que me alertou sobre eles — compartilhei.

— Bom — ele murmurou. — Eu teria feito o mesmo, mas estive me debatendo sobre levá-la ou não ao Gales. Estar aqui, a

sensação desse lugar, a qual eu havia esquecido o quão desagradável pode ser, decidi que não.

Isso me surpreendeu e inclinei a cabeça para trás, a fim de olhar para as luzes das chamas brincando nos ângulos do seu rosto.

— Sêrio? — perguntei e ele olhou para mim.

— Não gosto da ideia de brincarem com a minha pomba.

Deus, isso era doce.

— Ilsa — sussurrei, mostrando ao Apollo que sabia sobre o que estava falando e ele assentiu.

— Seria um alvo, tenho certeza. Mas, eles não precisam disso.

— Ficarei bem — assegurei, embora não estivesse exatamente segura. Dito isso, sabia apenas que ficaria bem, no fim das contas.

Porque ele me fazia sentir dessa forma e essa percepção praticamente abalou o meu mundo, mas não pude me perder nesse sentimento porque Apollo continuou falando:

— Não quero que você apenas fique bem. Quero que se sinta segura e isso não será seguro.

— Querido — deslizei a mão pelo peito dele, para envolver o seu pescoço. — Já enfrentei coisa muito pior do que pessoas maldosas.

— Sim, enfrentou — concordou. — Mas, não significa que precisa continuar a fazê-lo.

— O que estou dizendo é que esse tipo de coisa não me perturba. Essa coisa da Ilsa, não é como se eu não tivesse prática em lidar com isso também.

Ele não respondeu e me aproximei mais ainda.

— Será que lhe ocorreu que não quero que você vá para o que Draven chamou de antro de víboras, sozinho?

Ele pareceu surpreso quando perguntou:

— Você pensa em me proteger?

— Bem, você é um cara grande que consegue cuidar de si mesmo. Ainda assim, situações desagradáveis são muito mais fáceis de lidar para qualquer um, quando temos alguém na retaguarda. Ou, neste caso, ao seu lado.

Diante disso, a mão dele deslizou até o meu pescoço, em seguida, até os meus cabelos e aninhou o meu rosto em sua garganta enquanto o outro braço me apertava e sentia os seus lábios no topo da minha cabeça.

— Acho que isso significa que eu vou — adivinhei.

— Ainda tenho que pensar.

Suspirei, então, usei as minhas maiores armas.

— Se você não me deixar ir, não poderei usar um daqueles vestidos de arrasar. Estou ansiosa para usar um daqueles vestidos desde que os vi, em Vasterhague. Como estamos em guerra, se não formos ao Gales, onde intrigas estão acontecendo e conspirações são constantes, onde é que usarei os meus vestidos?

Apollo riu, soltando a minha cabeça. Então, pude incliná-la para trás e no instante em que o fiz, ele se moveu e me deu um beijo de língua, profundo e doce. Quando terminou, um pouco sem fôlego, se aproximou um pouco mais e perguntei:

— Então, eu vou?

— Não gostaria de privá-la da chance de usar o seu — fez uma pausa — vestido de arrasar.

— Maravilha — sussurrei e ele passou os braços à minha volta enquanto sentia o seu corpo balançar com a risada silenciosa.

Quando terminou, Apollo sussurrou:

— Durma, minha pomba.

— Ok, *baby*.

Diante disso, recebi outro aperto e fechei os olhos. Minutos mais tarde, dormi.

* * * * *

Senti a cama se mexer e abri os olhos. Isso aconteceu porque Apollo estava se juntando a mim, o que me fez imaginar, meio grogue, o porquê não estava comigo. Ele nunca me deixava, exceto para colocar mais lenha na lareira.

Não tinha ideia de que horas eram. Só sabia que tinha dormido como uma morta. Também sabia que o corpo dele parecia estranhamente frio, quando se moveu para perto do meu, mais frio do que se tivesse deixado as cobertas por pouco tempo. Por último, sabia que tinha algo em mente e também sabia o que era pela forma como se moveu até mim. Isso queria dizer, me virando de costas, me cobrindo e balançando os quadris até as minhas pernas estarem abertas e as dele se encaixarem entre elas.

— *Baby?* — falei, parecendo sonolenta e confusa, porque era assim que eu estava.

A mão dele encontrou a minha e a guiou para o meio de nós dois, direto para o pau duro. Sim, eu sabia o que estava na sua cabeça.

— *Baby* — sussurrei.

— Me guie para dentro, papoula — sussurrou em resposta e fiz o que ele pediu.

Uma vez que posicionei a ponta, Apollo assumiu, deslizando lentamente o resto do caminho. Meu pescoço arqueou enquanto me preenchia e o abracei. Seus lábios foram até a pele sob a minha orelha, ele moveu os quadris e começou a dar estocadas. Meus lábios foram até o ouvido dele e perguntei:

— Está tudo bem?

— Agora está — respondeu.

Não achava que ele quis dizer que estava tudo bem porque estava fazendo amor comigo, mas, não pedi mais esclarecimentos. Então, a mão dele foi até o meu rosto, inclinou o dele para mim e me beijou, um beijo lento, doce, úmido e profundo. Retribuí o beijo da mesma maneira e fez amor comigo da mesma maneira, aumentando a excitação, demoradamente, então gozamos.

Engasguei-me com o orgasmo na sua boca. Apollo gemeu o seu, na minha. Quando nos acalmamos, ele nos virou de lado, mas manteve uma das minhas pernas engatada em seu quadril, para ter um alcance mais fácil e poder acariciar a minha bunda.

— Durma, Maddie — ordenou.

Eu tinha acabado de gozar. Foi doce, mas intenso. Eu estava envolta em torno do Apollo, que estava acariciando a minha bunda. Então, ele não precisava me pedir para dormir, porque segundos depois que falou, eu já estava dormindo.

Capítulo 19

A Intriga Sempre Tem Consequências

— Você parece uma princesa! — Élan gritou.

Virei-me do espelho para Élan, que havia entrado no meu quarto e olhava para mim como eu tinha olhado para a Cinderela no mundo da Disney, quando tinha sete anos, foi a única vez que meu pai nos levou em férias de família. Férias que não foram boas porque o meu pai era a única pessoa no mundo que achava que o lugar mais mágico na terra era chato e não se importava em compartilhar isso, o *dia todo*. Isso fez com que o meu encontro com a Cinderela fosse praticamente a única boa parte das férias. Exceto Matterhorn e Space Mountain, as duas montanhas-russas que eu tinha *amado*.

Colocando essa memória de lado, decidi que deixaria fluir o quão incrivelmente *maravilhosa* me sentia ao ter Élan olhando para mim, como se eu tivesse acabado de sair de um filme. Contudo, deve ser dito até mesmo por mim, que ela estava certa. Eu realmente parecia uma princesa de contos de fadas, ou, pelo menos, uma que vivia em um país coberto de gelo.

Dei aos seus olhos deslumbrados um sorriso, em seguida, olhei além dela e vi que Chris também havia entrado no cômodo. Por outro lado, ele não parecia deslumbrado, parecia assustado e estava se controlando, o que era um comportamento incomum para. Se não tão eufórico quanto a irmã, Chris não era inexpressivo e eu nunca o tinha visto surpreso com *nada*.

Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa sobre isso, os meus olhos foram até o Apollo, que tinha levado as crianças. Contudo, quando o olhei, meu coração parou. Ele não parecia deslumbrado, também. Não. Em vez disso, parecia ter gostado muito do vestido. Tanto que aparentemente gostaria muito de arrancá-lo do meu corpo. Ele tinha controle e esse controle o manteve do outro lado do aposento, mas, não era muito. Conseguia ver no rosto dele algo que já havia visto antes: aquela fome, aquele calor. Os quais eram tão intensos que falavam por si.

Senti aquilo me atravessar e tudo desvaneceu, menos Apollo e aquele calor. Aquela necessidade, que aumentou significativamente por causa da aparência *dele*. Os cabelos espessos penteados para trás. Calça marrom-escura enfiada em botas brilhantes e o manto marrom-escuro forrado com pele marrom-escura, quase negra. A camisa verde-floresta tinha gola alta e ele estava usando um lenço no pescoço dessa vez.

Se me perguntasse, cinco meses antes, se eu achava que aquele visual era *sexy*, teria dito *de jeito nenhum*. Contudo, acredite em mim, Apollo não estava apenas *sexy*, estava incrivelmente *sexy*.

Bella invadiu o nosso concurso escaldante de encarada à distância e disse:

— Se despeçam do seu pai e da senhorita Maddie. Eles estão indo ao Gales.

— Mal posso *esperar* até que Frey Drakkar me leve ao meu primeiro Gales. — Élan suspirou e desviei o olhar do Apollo, a fim de olhar para ela. — Vou usar esse *exato* vestido.

— Vou guardá-lo para você, querida — prometi.

— Urra! — ela gritou.

Assim que Élan começou a correr para me dar um abraço, Chris se aproximou do pai, recebendo um aperto na lateral do pescoço em seguida, se virou para mim e acenou com o queixo. No entanto, não veio até mim. O que foi, mais uma vez, *estranho*. Nós raramente tínhamos contato físico, mas ele se aproximava para trocarmos um aperto de mãos sempre que tínhamos a oportunidade de dizer “boa noite”.

Bella, Loretta e Meeta, no entanto, se aproximaram. Meeta foi até mim, levando a capa de veludo cor de bronze. Loretta também, carregando a bolsa feita de cetim. Bella alcançou as crianças, abraçando e as guiando enquanto Élan acenava e gritava:

— Não se esqueça de dançar!

Oh, merda. Haveria dança? *Oh*, merda! Claro que teria dança, era um baile. O problema era que eu não sabia dançar. *Merda*. Não poderia pensar sobre isso, uma vez que as crianças estavam saindo, então exclamei:

— Durmam bem!

— Dormiremos — Élan exclamou em resposta, antes de desaparecer.

Chris não disse *nada*. Mais uma vez, *estranho*. Contudo, os meus pensamentos foram desviados do Chris assim que Meeta arrumou a capa sobre os meus ombros, em seguida Loretta se aproximou e me deu a bolsa. Inclinei-me para beijar o rosto da Loretta e me virei para Meeta. Quando o fiz, sorrindo, olhei nos olhos dela. Diante do que vi neles, o sorriso congelou em meu rosto e parei.

— Desfrute da sua noite, senhorita Maddie — murmurou.

No entanto, não quis dizer isso. Meeta quis dizer: tenha cuidado e fique segura. Como eu sabia disso, não fazia ideia. Só sabia que o olhar dela parecia preocupado, até mesmo alarmado e isso me assustou *pra caralho*.

— Madeleine, o nosso trenó está esperando — Apollo interrompeu os meus pensamentos, olhei para ele e vi que tinha a mão estendida para mim.

— Lembre-se de tudo... tu-di-nho. Queremos saber sobre tudo quando retornar — Loretta ordenou, avançando para arrumar as dobras da minha capa enquanto me guiava até o Apollo.

Tive a sensação, pelo olhar que Apollo me deu mais cedo, que não teria um tempo só de meninas quando “retornasse”. Eu estava começando a amar as minhas meninas, mas, diante daquele olhar, achei melhor esperar até amanhã. Só que não compartilhei isso com Loretta, apenas disse a ela:

— Vou lembrar, querida. Prometo.

Aproximei-me do Apollo e ele pegou a minha mão, a ergueu e colocou na curva do seu braço. Sem demora, nos guiou até a porta. No exato momento em que a atravessamos, olhei por cima do ombro para Meeta, que estava me olhando com uma intensidade tão estranha que era inquietante, a expressão dela estava carregada. Inusitadamente, levantou uma mão, apenas um dedo magro estendido, e encostou a ponta do mesmo entre os olhos.

Não sabia o que isso significava. Só sabia que queria dizer alguma coisa. Obviamente, não poderia perguntar e não conseguia pensar nisso também. Apollo estava se movendo rapidamente e eu tinha que me preocupar em como acompanhá-lo e não tropeçar.

Antes que eu percebesse, estávamos em um dos trenós, as peles sobre os nossos colos quando ele estalou as rédeas. A corrente de ar gelado acertou as minhas bochechas e atravessou a pesada — mas não tão pesada quanto uma pele — capa de veludo. Estremeci por mais de uma razão quando os meus olhos se ergueram para o castelo iluminado por tochas.

Apollo deve ter sentido, já que passou um braço à minha volta e me aconchegou ao seu lado. Isso fez com que me sentisse melhor, então, ele abaixou a cabeça e murmurou contra o topo da minha cabeça:

— Sua beleza é insuperável esta noite.

Isso aqueceu todo o meu corpo, ao ponto dos dedos dos meus pés se curvarem dentro das sapatilhas de veludo frisado. Eu sabia o que ele quis dizer, as suas palavras significava o mundo. Eu era parecida com a sua falecida esposa, mas, sabia que minha aparência era melhor.

Poderia ser ambicioso e errado amar isso, mas tinha que admitir, eu amei. Por outro lado, eu mesma fiquei chocada diante do quão incrível estava. Eu tive ajuda, não apenas das habilidades impressionantes da Loretta e da Meeta com cabelo e maquiagem.

Não havia outra maneira de descrever, o meu vestido era *sublime*. De veludo verde-escuro, destacava a minha silhueta até os quadris e se abria em uma saia volumosa. O veludo começava em um corpete sem alças, mas esse estava coberto por uma fabulosa renda cor de topázio que descia, delicadamente, pelo meu torso, desaparecendo na altura dos quadris.

A renda criava um decote quadrado na frente e era mais baixa na parte de trás, que era *meio* sem costas. A parte de veludo

só aparecia na parte inferior das minhas costas e nas laterais, mas a extraordinária renda cobria a minha pele, proporcionando uma transparência que encobria as minhas costas, fechada no meio com botões cobertos pelo mesmo tecido. O vestido não possuía mangas, então, eu usava longas luvas de cetim cor de bronze, que se ajustavam até a metade superior dos meus braços.

Os meus pés estavam calçados com sapatilhas de veludo verde, sem saltos, com um solado de camurça espessa e algumas pedras de topázio nas pontas. Minha maquiagem estava carregada e *fabulosamente* esfumada — obra da Loretta. O decote do vestido era tão perfeito que eu não necessitava de *nenhuma* joia no pescoço. Porém, Loretta me deu brincos pendants com topázios e esmeraldas enquanto Meeta colocava pulseira após pulseira, com esmeraldas e topázios, no meu pulso direito.

Por último, meus cabelos foram puxados frouxamente para trás em um grande, fofo e adorável coque, que Meeta prendeu na minha nuca. Nas laterais do coque, fixou presilhas extravagantes que tinham nas extremidades grandes arranjos de esmeraldas e topázios que brilhavam contra o meu cabelo.

Não tinha, por alguma razão, olhado a coleção inteira de joias que Apollo havia me dado. No entanto, depois que as minhas meninas terminaram de me arrumar, decidi que corrigiria esse erro na primeira oportunidade.

Dito isso, me senti um pouco desconfortável, pois ficou muito claro que não era só o vestido e os sapatos, especialmente, eram as joias caras que Apollo me deu que me fazia sentir estranha. Como se o nosso relacionamento fosse deturpado — ele o doador, eu a

usurpadora. Contudo, não tive tempo para pensar nisso também, nessa transformação em uma glamourosa mulher.

Apollo gostava dessa mulher glamourosa e, como sempre, quando Apollo gostava de alguma coisa, eu também gostava. Por isso, cheguei mais perto, encostei o rosto no ombro dele e admiti:

— Toda vez que olho para você, acho que a sua beleza é insuperável.

Ele claramente achou a minha declaração divertida e soube disso quando me abraçou mais forte e riu.

— Estou falando sério — disse a ele, inclinando a cabeça para trás, a fim de olhar para sua mandíbula. Apollo olhou para mim ainda sorrindo e falei: — O melhor, porém, é quando você está com os seus filhos. Não sei exatamente o que é, mas há algo incrivelmente lindo em um cara sexy ser um pai amoroso.

Apollo parou de sorrir diante das minhas palavras e o seu braço me apertou ainda mais, a fim de me puxar para cima enquanto abaixava a cabeça e me dava um beijo profundo e também molhado.

Arruinando completamente o meu *gloss*, eu tinha certeza — sim, eles tinham brilho labial, além de todos os tipos de maquiagem; os recipientes e aplicadores eram um pouco rústicos, mas funcionavam. Entretanto, não me importei nem um pouco. O *gloss* poderia ser retocado, já que seria um crime desperdiçar aquele beijo.

Quando ele levantou a cabeça, falei:

— Não faço a mínima ideia de como dançar.

Isso fez com que ele sorrisse novamente, então, relaxou o braço para eu poder me acomodar novamente ao seu lado e olhou

para a frente.

— Não se preocupe. Detesto dançar e não danço. Portanto, se alguém a convidar para dançar, vou estar lá para afastá-lo.

Graças a Deus. Pelo menos uma coisa na lista de itens com os quais me preocupar, naquela noite, eu poderia esquecer.

— Maddie, lembre-se do que eu disse hoje de manhã.

Sufoquei um suspiro, pois, antes de sair da cama para tomar o café da manhã com as crianças e também depois, quando fiquei lá fora com eles enquanto faziam as suas atividades ao ar livre e Apollo precisava sair para fazer algumas coisas, ele tinha sido bem claro sobre as instruções para essa noite. Tipo, *muito* claro, dando ordens e me pressionando a prometer em voz alta que eu acataria.

— Eu me lembro — falei.

— Os homens já estão lá, exceto Laures, que está seguindo o trenó. Você não os verá durante toda a noite, mas eles estarão sempre por perto.

Apoiei novamente o rosto no ombro dele e acenei com a cabeça, sabendo que, por qualquer razão que fosse, ele precisava reiterar a si mesmo, então o deixei se assegurar.

— Não ficarei fora da sua vista a noite toda — continuou.

Fiz uma nota mental para não beber demais, pois não queria usar a *latrina*. Então, deslizei o braço sobre a barriga dele, a fim de dar um abraço, indicar que ouvi e compreendi.

— Significa que você nunca estará longe, assim, se for preciso, estarei ao seu lado em segundos.

— Vai ficar tudo bem, querido — assegurei em voz baixa e ele não disse *nada*.

Mais uma vez, inclinei a cabeça a fim de olhar para sua mandíbula.

— Você tem um mau pressentimento — adivinhei.

— Estamos em Brunskar — Apollo disse olhando para os cavalos, sem me mostrar os seus olhos.

Aconcheguei-me contra ele novamente, erguendo os olhos para o castelo e, dessa vez, não disse *nada* porque, sério, nós estávamos em Brunskar e estava achando que isso era o suficiente a ser dito. Observei o castelo chegar mais e mais perto e gastei o tempo que tinha me esforçando para controlar o mau pressentimento que aumentava, quando Apollo falou de repente:

— Você amou usar esse vestido tanto quanto estou adorando ver você nele?

Lá estava novamente e eu apreciei isso. Apollo não gostou do meu vestido, na verdade, não gostou do meu vestido. Ele amou e eu amei isso. Tanto que me fez sentir mole por dentro, mas, ainda respondi hesitante:

— *Humm...* acho que sim.

— Espero que sim, minha papoula. Espero que você goste muito de usá-lo. O suficiente para fazer valer a pena o que quer que aconteça hoje à noite.

Oh, Jesus.

— Só para dizer, você está me assustando — compartilhei.

— Bom — respondeu imediatamente. — Isto significa que permanecerá consciente e cautelosa.

— Agora você está me assustando *de verdade* — disse a ele.

— Excelente — afirmou. — Isto significa que permanecerá consciente e cautelosa *de verdade*.

Decidi me calar e manter o meu pânico em silêncio enquanto observava o castelo se aproximar.

* * * * *

Depois de meia hora no Gales, descobri uma série de coisas. Uma delas era que as Casas tinham as suas próprias cores. Isso porque Karsvall era decorada com uma variedade de verdes, marrons e dourados, uma vez que essas eram as cores da Casa do Apollo. Por isso, quem foi para o Gales e pertencia a uma Casa, estava usando cores correspondentes ao seu companheiro, como eu usava as do Apollo. Descobri porque ele sussurrou para mim quando perguntei o que significava.

Também descobri que o interior do castelo de Brunskar era muito mais assustador do que o exterior. Na verdade, era tão assustador que parecia um milagre da bizarrice. Isso porque as cores da Casa dos Drakkars eram vermelho-sangue e preto, logo, fizeram a decoração com ambas, literalmente. Parecia a casa do irmão muito mais malvado do Drácula. A qual não poderiam descrever nos livros porque assustaria *pra caralho* até mesmo os mais fanáticos fãs de terror.

Também descobri que os Drakkars não gostavam de luz. Pelo menos, não lá dentro. O exterior estava iluminado como se esperassem torná-lo visível do espaço. Uma vez que tinha entrado no interior sombrio, percebi que isso era porque queriam ser vistos e temidos. Entretanto, por dentro, embora houvesse toneladas de

peessoas zanzando, havia apenas a iluminação mínima de lamparinas e velas para ajudar a orientar o caminho.

Por último, descobri que Apollo e Draven estavam certos.

Assim que chegarmos, Apollo encontrou Calder Drakkar e sua esposa, Melba, a fim de dar as suas saudações e apresentá-los a mim. Incompatível ao ambiente da sua casa, Melba era doce, tinha olhos bondosos e, quando fomos apresentadas, encostou a sua bochecha na minha. Calder era muito bonito e só mostrou um momento de choque quando olhou para mim, antes de o esconder e levantar a minha mão para encostar os lábios nos meus dedos.

Conversamos com eles brevemente, foi uma conversa calorosa e acolhedora, em seguida Apollo os deixou para que pudessem ver os outros convidados. Pouco tempo depois, encontramos Garik Drakkar, que era muito bonito e também se permitiu mostrar apenas um breve momento de surpresa, antes de escondê-la e levar a minha mão aos lábios.

Ele e Apollo passaram muito mais tempo conversando e notei, diante disso, que poderiam até não ser melhores amigos, mas claramente tinham respeito e consideração um pelo outro. Ambos os homens me incluíram na conversa de uma forma que eu sabia que, se tivesse tempo, teria respeito e consideração por Garik também.

Depois que Garik se afastou, Apollo não perdeu tempo em me guiar através da multidão e apontar os outros Drakkars, mostrando aqueles com os quais eu deveria ser mais cautelosa, mas ele não precisava fazer isso. No minuto em que coloquei os olhos sobre eles, soube disso. Não tinha vivido com Pol durante anos sem ser capaz de enxergar o mal.

— Kristian — murmurou depois de me entregar uma taça de champanhe, que havia pegado em uma bandeja que era servida, e me puxar até uma parede, cuja a vantagem era ter uma visão do enorme salão de baile.

Apollo havia voltado a minha atenção para outro homem bonito, embora não tão bonito quanto Calder e Garik.

Kristian Drakkar.

— Primo do Frey, irmão da Franka — Apollo continuou. — Não está nem perto de ser tão inteligente quanto o resto, portanto, muitas vezes serve de alvo para todos. Contudo, como o mais simplório dos animais, se tiver garras, atacará quando for provocado o suficiente.

Apollo me virou ligeiramente e deu um aceno quase imperceptível com a cabeça na direção de um homem mais velho, que tinha Drakkar escrito na testa. Um homem que vi de relance e não gostei, principalmente porque a minha pele começou a arrepiar no instante em que coloquei os olhos nele.

— Eirik — Apollo afirmou. — Pai do Frey. Ele é vaidoso e vulgar. Ao seu lado está Valeria, a mãe do Frey.

Voltei a minha atenção para ela, que era bem mais velha do que eu, mas ainda muito bonita. Ela tinha consciência disso. Sim, era tão óbvio que pude ver através do salão.

Apollo continuou falando.

— Ela também é fútil, gananciosa e conivente. — Se aproximou de mim e abaixou a cabeça para que os seus lábios encostassem na minha orelha. — Se estiverem conspirando, a ideia partiu dela.

Acenei e Apollo levantou a cabeça, me movendo ligeiramente mais uma vez.

— Se você olhar para o outro lado do salão, verá uma mulher usando um vestido que não se enquadra na sociedade. Os olhos dela estão sobre você — afirmou.

Olhei através do salão e a encontrei. De fato, os seus olhos estavam em mim e soube que, entre todos, ela era a pessoa com a qual eu deveria tomar cuidado. Por isso, desviei rapidamente o olhar, o abaixando e tomando um gole de champanhe.

— Franka — Apollo falou. — Fútil. Debochada. Inescrupulosa. Calculista. Impiedosa e incansavelmente cruel. Evite-a a todo o custo, minha pomba.

Ele não precisava falar, eu soube disso no instante em que coloquei os olhos nela.

— Certo — murmurei.

Apollo se moveu para ficar na minha frente e levantei os olhos para ele.

— Tenho que cumprimentar Eirik e Valeria, mas não quero você ao meu lado quando o fizer.

— Ficarei bem — falei.

Ele me observou atentamente por um momento e sua voz era suave quando respondeu:

— Acredito que sim, mas ainda não a quero ao meu lado. Ravenscroft está aqui e é um conhecido no qual confio. Deixarei você com ele, mas antes de fazer isso, vou explicar que preciso trocar umas palavras com os pais do Frey e que estou relutante em apresentá-la a eles, porém, desejo permanecer perto de você. —

Apollo abaixou a cabeça. — Sua aparência, papoula, ele vai entender e cuidar de você.

Apollo tinha que fazer o que era preciso, não que eu ficasse discutindo sobre isso, mesmo que não o quisesse perto daquelas pessoas sem mim. Então, desvencilhei o meu braço do dele e assenti. Ele me levou até Ravenscroft, um homem mais velho, magro, alto, enérgico e com olhos bondosos, com quem conversamos brevemente antes do Apollo se inclinar e falar baixinho no ouvido dele.

Ravenscroft olhou na direção do Eirik e da Valeria, então, novamente para Apollo. Balançou a cabeça e se virou para mim:

— Minha querida, por que não pegamos algo para você comer? — perguntou.

Olhei para as mesas repletas de comida, que estavam entre nós, Eirik e Valeria. Era o local perfeito para ocuparmos, fazendo algo que parecia natural, mas sem ficar fora da visão do Apollo enquanto o fazíamos.

— Gostaria muito — falei, aceitando o braço que estava me oferecendo. — Estou morrendo de fome.

Apollo encarou os meus olhos enquanto nos afastávamos e sorri para ele. Os lábios dele se curvaram e sua expressão suavizou, então, olhou para os Drakkars e a suavidade desapareceu.

Menti sobre estar com fome, é claro. Meu estômago estava se retorcendo, mas me esforcei para não demonstrar enquanto Ravenscroft — seu primeiro nome era Norfolk — me guiava em torno das mesas de comida, compartilhando comigo os seus petiscos favoritos, os quais provei e, ao fazê-lo, decidi que era uma merda o

meu estômago estar se retorcendo, porque se não estivesse em um castelo assustador com pessoas horrorosas à nossa volta, sabia que acharia todos saborosos. Estava pensando nisso quando Norfolk colocou a mão no meu cotovelo e o apertou.

— Vamos embora — sussurrou com urgência, a boca de repente no meu ouvido.

Virei-me a fim de olhar para Ravenscroft com surpresa, infinitamente consciente e cautelosa, como as advertências do Apollo e o castelo assustador me fizeram ficar. Logo, sua demanda repentina me preocupou e os meus olhos deslizaram para Apollo, que falava com Eirik, o qual olhava para além do Apollo, embora Apollo estivesse falando com ele e, quando verifiquei, vi que olhava o decote de uma mulher enquanto Valeria, cuja atenção estava centrada no Apollo, com uma expressão que me causou um calafrio.

Olhei novamente para Norfolk, que estava colocando pressão sobre o meu braço.

— Se você não se importa, gostaria de permanecer aqui — disse a ele.

— Então, fique perto — disse, me puxando para o seu lado, não olhando para mim, mas por cima do meu ombro.

Olhei para lá exatamente quando Franka Drakkar murmurou um ronronar:

— Norfolk.

Os olhos dela estavam sobre mim e endireitei os ombros. *Oh*, Jesus. Aqui vamos nós.

— Quem é que temos aqui? — continuou o ronronar antes de Norfolk responder à sua saudação.

— Franka — Norfolk afirmou laconicamente. — Esta é a senhorita Madeleine. Madeleine — olhou para mim —, lhe apresento Franka Drakkar, prima do Calder.

— Prima do Frey — corrigiu com a voz afiada, deixando o seu significado claro. Tinha uma conexão poderosa e não estava para brincadeiras.

Frey era conhecido como “O Frey” e “O Drakkar”. O primeiro significava que ele comandava os elfos e o segundo, dragões. Em outras palavras, uma ligação muito poderosa.

— E prima do Frey Drakkar — Norfolk vociferou, humanizando Frey e dizendo a ela, presumi, para se foder.

— Encantada em conhecê-la — murmurei em troca, tomando a decisão de ser rude e não oferecer a mão.

— *Oh*, da mesma forma — ela sussurrou de uma maneira que eu poderia jurar que soou sugestiva.

— Estamos indo dançar — declarou Norfolk e essa foi uma boa jogada para nos afastarmos dessa mulher obviamente vil, mas ainda assim, meu coração acelerou.

Queria ficar longe dela, mas tinha visto a dança. Eles não estavam chacoalhando os corpos em batidas de *rock* — o que eu podia fazer, sem suar — ou valsando em um básico passo de dança marcado, que eu podia *tentar* executar e ter uma pequena chance de não fazer papel de boba ao fazer isso. Não, cada dança tinha os seus próprios passos e alguns pareciam complicados, mas não importava porque não conhecia *nenhum* deles.

Os olhos da Franka se moveram para Norfolk.

— Mas, acabei de conhecer esse espécime adorável — protestou e seu olhar voltou para mim. Diante do brilho perverso em

seus olhos, senti a minha garganta se contrair. — Ou já conhecia? Você parece *muito* familiar.

Cadela.

— Ela tem o mesmo sangue que Ilsa — Norfolk falou secamente.

— O *mesmo* sangue ou é do *seu* sangue? — Franka perguntou sem desviar o olhar de mim, a voz doce como mel.

— Uma prima distante — Norfolk afirmou como se preferisse ter um pouco de ácido derramado sobre a pele do que continuar a conversa, mas, claramente ficou momentaneamente preso pelas ótimas maneiras enquanto Franka se recusava a nos deixar sair.

— Não tão distante — ela respondeu, mantendo o olhar grudado em mim. — Ulfr parece apaixonado, mas suponho que não deveria estar surpresa com *isto*.

Uma completa cadela.

— O que me surpreende — Norfolk começou com firmeza — é que você reparou que ela entrou de braço dado com o Ulfr e, ainda assim, se aproximou com as garras à mostra. Você é mais astuta do que isso, Franka. Com certeza.

— *Oh*, querido — colocou a mão sobre o decote pronunciado e eu era daquelas garotas que imaginava que, caso alguém tivesse o que ela tinha, deveria ostentar. Contudo, não deveria se *expor* tanto. — Estou sendo rude?

Era seguro dizer que foi a gota d'água.

— Não, está sendo imprudente — falei, mas não parei por aí.

Talvez tenha sido estúpido, mas, sério, minha vida não tinha sido uma maravilha até recentemente e não precisava lidar com

aquela merda. Na verdade, ninguém, *já*, precisava lidar com aquela merda.

— Sim, estou ciente de que me assemelho muito à falecida esposa do Apolo, infelizmente para você, já que claramente desejou me ofender ao transmitir essa sabedoria. Como você observou e Ravenscroft confirmou, estou com Apollo. Então, devo admitir que estou desapontada. Ouvi falar um pouco sobre você e pensei que fosse muito mais inteligente para instigar um ataque frontal velado. Uma coisa posso assegurar, Apollo não precisará que eu o informe disso, já que é muito protetor comigo e está, sem dúvida, observando essa conversa. Suponho que você também já saiba que esta é uma conversa que vai desagradá-lo bastante.

Sua expressão mostrou outra emoção quando inclinou a cabeça e perguntou:

— Isso é um convite para instigar um tipo diferente de ataque?

— Entenda como quiser — rebati. — No entanto, deve saber que acho esses jogos tediosos e tendo a não participar deles.

— Agora, *isto* eu acho lamentável — ela respondeu com um sorriso venenoso que declarava claramente que não importava se eu participaria ou não.

Ela iria.

— *Isto* eu acho surpreendente — retruquei. — Você é tão óbvia. O que significa que, se tivesse a intenção de me envolver em tais jogos, dificilmente optaria por jogá-los com você. Se estiver dedicando o seu tempo a tais atividades, deve valer a pena, não ser um desafio superado facilmente.

A mão do Norfolk, ainda no meu braço, me apertou e ele soltou um ruído estrangulado que soou como um riso abafado. Então, os olhos da Franka se estreitaram.

— Acho que você se engana comigo — Franka disse.

— Acho que não, é por isso que você é uma decepção — repliquei. — Esperava que, quando fizesse uma abordagem, a qual tão obviamente não poderia esperar para fazer, que seria muito mais divertido. Em vez disso, foi um pouco tedioso.

Desta vez, Norfolk tossiu para ocultar a risada e os olhos da Franka se tornaram frios.

— Vou esclarecer. É um erro *me subestimar* — vociferou.

— E é um erro *me ameaçar* — retruquei. — Pois, estou com o Ulfr e não sou avessa a chamar reforços.

Franka abriu a boca para falar, mas Norfolk se antecipou.

— Acho que é sempre melhor, Franka, quando se é atingido, recuar. Pelo menos, por tempo suficiente para avaliar os danos.

Franka desviou o olhar para ele, que não havia terminado, e o tom da sua voz baixou significativamente quando concluiu.

— Quando recuar, a exorto a entender, mesmo que tardiamente, o fato de ter descoberto uma adversária digna e, ao mesmo tempo, perceber que a jovem com a qual pensou em brincar tem um alfa que, quando um membro do seu bando é ameaçado, não hesitará em destruí-la *com os dentes*.

Ela olhou para Norfolk por um longo momento antes de enviar um olhar frio para mim, se virar e se afastar deslizando.

— Muito bem, minha cara — disse Norfolk no meu ouvido, me afastando das mesas de comida e nos posicionando em uma parede próxima ao Apollo, mas não muito próxima.

— Obrigada — murmurei, olhando na direção do Apollo para ver o rosto duro e gelado, os olhos virados para as costas da Franka, antes de os desviar para mim.

Dei um sorriso, uma piscadela e acenei com o dedo para cima, como um toque final. Ele levantou um pouco o queixo quando o fiz, assim como também piscou. Então, sorriu lentamente.

Deus, sério, eu tinha olhado, essencialmente, para aquele rosto por mais de uma década e, o enxergando como Apollo, me perguntava se chegaria a me acostumar com a sua beleza.

Ele voltou a atenção aos Drakkars e voltei a minha para Norfolk.

— Obrigada por ser tão... — tentei encontrar uma palavra desse mundo, já que achava que não entenderia “maneiro” ou “impressionante”. Pelo menos, não da maneira com a qual as definiria, por isso, escolhi: — Adorável.

— Foi um prazer — respondeu com um sorriso. — Ulfr é um amigo, é leal aos meus primos, à Rainha e à nossa Princesa do gelo, é um bom homem.

— Apollo é tudo isso — afirmei e ele riu.

No entanto, ficou sério antes de observar.

— Você parece bem acostumada com as reações à sua semelhança com Ilsa.

— Embora não a tenha conhecido, ficou claro quando estive em Lunwyn que sou idêntica a ela, assim, não tive outra escolha senão me acostumar a elas.

— Devo dizer, senhorita Madeleine, que a semelhança não é estranha. O que é estranho é a semelhança incluir diferenças chocantes — ele observou e inclinei a cabeça para o lado, confusa.

— Você se importaria de explicar? — perguntei.

— Só se essa conversa não a ofender — respondeu e balancei a cabeça, por isso, ele continuou.

— Eu não tenho como afirmar, já que nunca estive por perto quando Franka e Ilsa conversaram, mas, assim como você, Ilsa não toleraria a podridão da Franka. No entanto, ela faria isso indo embora.

Perguntei-me brevemente se essa era a maneira como eu deveria ter agido, mas isso foi breve porque ele continuou.

— É mais divertido do seu jeito.

Sorri e ele retribuiu o gesto.

— Você conheceu a minha prima, a Princesa do Gelo de Lunwyn, Sjöfn? — perguntou e balancei a cabeça.

— Não.

— Ela gostará de você — disse, acariciando a minha mão, apoiada na curva do seu braço. — Bastante.

— Leg... — comecei, parei e terminei mais adequadamente. — Bem, isso é simplesmente grandioso.

— Devo estabelecer um rumo onde Kristian corta os subsídios da sua irmã? — Ouvi Apollo perguntar e me virei quando senti a mão dele descansar na parte inferior das minhas costas.

Em uma doce troca de acompanhante, Norfolk tirou a minha mão do seu braço, mas deu um aperto antes de soltá-la enquanto respondia:

— Você pode querer dar à Franka algum tempo para curar as suas feridas. Nossa senhorita Madeleine provou que as suas garras são mais afiadas e é mais hábil em usá-las.

Apollo olhou para mim, a mão deslizando pelas minhas costas a fim de poder envolvê-la ao redor da minha cintura e me puxar para perto.

— De fato?

— Amadora — murmurei, ele jogou a cabeça para trás, começou a rir e Norfolk se juntou às risadas dele.

Apollo parou de rir e encarou os olhos do Norfolk.

— Estou em dívida com você.

Norfolk acenou com a mão.

— Nem um pouco. — Olhou para mim. — Foi um prazer.

Oh, isso foi doce.

— Você é muito gentil — murmurei.

— E você é encantadora — respondeu sorrindo e se virou para Apollo. — Vou deixá-lo na sua encantadora companhia.

Apollo inclinou a cabeça, Norfolk inclinou o queixo para mim e se afastou. Depois que ele saiu, Apollo me afastou da parede e nos guiou lentamente através do espaço lotado. Tomei um gole de champanhe e murmurei:

— E agora?

— Agora, socializamos. — *Eca*.

— Acabou? — perguntei.

— Bem, para saciar a sua necessidade de excitação, poderia desafiar alguém para um duelo, mas além dos Drakkars, não há *ninguém* aqui cujo sangue eu gostaria de tirar.

Parei e olhei para Apollo, que parou junto comigo.

— Vocês duelam neste mundo? — perguntei baixinho.

— Claro — respondeu. — Mas só quando a honra está em jogo.

— Suponho que mulheres não participam de duelos — comentei.

Ele levantou uma sobrancelha com os lábios se curvando.

— Querendo outro encontro com Franka?

— Ela não é muito boa — afirmei, *meio* que respondendo.

— Se tiver oportunidade, prefiro observar você a superando com suas próprias armas — ele murmurou.

— Então, espero que ela seja estúpida o suficiente para tentar outra aproximação.

Apollo balançou a cabeça, sorriu e começou a nos mover novamente.

— Você conseguiu arrancar alguma coisa do Eirik e da Valeria? — perguntei.

— Minha pomba, dificilmente admitiriam conspirar durante uma conversa trivial, em um baile — respondeu.

— Claro que não — respondi. — Mas, não precisam admitir isso para você conseguir tirar alguma coisa deles.

Ele parou, dessa vez para trocar a minha taça de champanhe *meio* quente por uma fresca, além de pegar uma para si mesmo.

— Meu papel, hoje à noite, é estar aqui e manter um olho na Franka, no Kristian, no Eirik e na Valeria enquanto Remi e Hans encontram algumas servas e as seduzem, para tirar delas alguma informação que os leve até os quartos desses Drakkars em particular e possam fazer uma busca.

Interessante.

— Apenas os Drakkars? — perguntei.

— Infelizmente, nosso informante foi bastante cauteloso sobre quem estava conspirando. Apenas os Drakkars seriam

insensatos ou tolos o bastante para se arriscarem à ira de um homem que comanda elfos e dragões.

Balancei a cabeça, levando a taça aos lábios e vasculhando a multidão, até que encontrei Kristian.

— Kristian? — murmurei antes de tomar um gole de champanhe.

— Ele seria o tolo — Apollo respondeu.

— *Humm...* — murmurei, desviando o olhar do Kristian para Apollo. — Devo dizer, Lo, que este mundo é muito mais intrigante que o meu.

Seus olhos se tornaram calorosos quando usei o apelido, mas seus lábios avisaram:

— A intriga sempre tem consequências, papoula. Só precisamos garantir que aqueles que as merecem serão os únicos a obtê-las.

— Bem, mantereí um olho na Franka e no Kristian enquanto você mantém um olho no Eirik e na Valeria. Será que isso parece um bom plano? — ofereci.

Seu olhar ficou ainda mais caloroso quando começou a nos mover de novo, murmurando:

— Ela me dá mais uma razão do que apenas esse vestido para não me arrepender por trazê-la a um antro de cobras.

— Meu objetivo é agradar — respondi baixinho, procurando e localizando Franka.

Contudo, ao fazer isso, de repente, senti os lábios do Apollo contra a minha orelha.

— Você agrada, Madeleine, sempre. Hoje à noite, vamos explorar novas maneiras de você fazer isso.

Era algo pelo qual esperar depois que saíssemos do castelo arrepiante com aquela família, na sua maioria, sórdida. Então, olhei para frente quando Apollo afastou os lábios, o olhei por baixo dos cílios e dei um pequeno sorriso. Ele aumentou a promessa feita pelo meu sorriso simplesmente olhando para a minha boca enquanto passava a língua pelo lábio inferior.

Meu clitóris pulsou e meus lábios se separaram. O olhar dele veio até o meu e sussurrou:

— Venha, minha pomba, vou apresentá-la ao Sinclair, tio do Draven.

Uma distração. Balancei a cabeça e dei a ele um tipo diferente de sorriso. Ele me puxou para perto, me guiou através da multidão e me apresentou ao Walter Sinclair que, assim como Norfolk, também era gentil e mais velho. Descobri, quando conversamos abertamente, que apreciou bastante o fato de que eu me importava profundamente com o seu sobrinho.

Capítulo 20

Hewcrows

Castelos assustadores e famílias — na sua maioria — sórdidas à parte, enquanto descia os degraus da frente de Brunskar, horas mais tarde, Apollo me guiava até o nosso trenó. Fiquei bastante satisfeita porque a noite transcorreu muito bem. Na verdade, a intriga foi *meio* que divertida, embora não contaria isso ao Apollo, já que, obviamente, ele não gostou muito.

Notei que Apollo tinha claramente me guiado para longe de várias pessoas, assim como me guiou até os conhecidos mais próximos, que não seriam indelicados ou inapropriados. Sempre cuidando de mim. Sempre. No entanto, a situação causava uma sensação estranha, mas, uma vez que superei essa estranheza, se tornou uma sensação da qual gostei.

Chegamos ao final dos degraus e puxei mais a capa ao meu redor, observando:

— Esta noite foi divertida.

Apollo se moveu até ficar a minha frente, estendendo a mão para abrir a porta do trenó, mas olhou para mim, exibindo um sorriso confuso.

— Você tem uma ideia interessante de diversão, papoula.

Parei no último degrau e inclinei a cabeça para o lado.

— Tenho? — perguntei, mas não esperei sua resposta. — Champanhe. Boa comida e companhias encantadoras. Você com

essa aparência sexy e eu com essa aparência fabulosa, usando um vestido lindo. Não é a ideia de todos, de diversão?

— Eu posso tirar este lenço do pescoço, guiar o trenó até um penhasco e jogá-lo dali — declarou *meio* que respondendo e eu ri.

— Posso presumir que você não gosta de lenços no pescoço?
— perguntei o óbvio.

Rindo, estendeu a mão na minha direção e respondeu:

— Pode, de fato.

Mas, não estava prestando atenção às suas palavras, à sua mão ou seu bom humor. Isso porque estava tentando levantar o pé, mas parecia congelado no degrau. Olhei para baixo. Estava frio *pra* cacete, mas para fazer o seu pé congelar em um degrau? Não importava. Quando olhei para baixo, vi que os degraus de pedra preta foram limpos de neve e gelo, assim, não poderia ser isso.

— Maddie, chega de brincadeira. Está frio e estou ansioso para chegar à pousada e me aquecer, principalmente, deixar você quente — Apollo pediu, dizendo coisas que eu normalmente gostava muito.

Porém, não prestei atenção porque tentei levantar o outro pé e ele não queria desgrudar, também. Alguma coisa não estava certa e esse não estar certo *realmente* não estava certo. Logo, pânico me invadiu e levantei a cabeça.

— Apo... — comecei, mas não consegui acabar de falar. Ele estava se dissolvendo.

Não. Medo me atravessou porque ele não estava mais ali. Eu estava e o ouvi grunhindo:

— Madeleine!

Então, não ouvi mais *nada*. Não vi *nada*. Não senti *nada*. Estava cercada por uma névoa negra. *Oh, merda*. De repente, estava caindo. Caindo através do nada. *Oh, caralho!*

Bati na neve, o impacto abrupto fazendo todo o meu corpo ranger, enviando dor através das minhas pernas e joelhos. Ambos estavam machucados e caí pesadamente de lado, na neve. Rapidamente, levantei a cabeça e olhei em volta para avaliar a situação.

Luar. Neve. Árvores. Nada mais. Sem luz. Nem castelo. Sem trenós. Nenhum ruído. Ninguém. Estava sozinha em uma floresta, em algum lugar, e não tinha ideia de onde. Bem, presumi que Minerva e seus comparsas tinham decidido usar magia. Em mim. *Merda*.

Fiquei de joelhos e limpei a neve das luvas finas. Luvas, para serem usadas em um baile. Minha capa foi feita para ser usada em um trenó, com uma pele por cima de mim, aninhada ao lado de um *cara* quente. Não estava preparada para estar no frio, no meio do *nada*. Isso não era bom e ficou pior quando notei um movimento através da floresta enluarada.

Fiquei de pé, os olhos grudados onde captei o movimento. Então, vi algo com o canto do olho, se movendo em outra direção. Virei-me para aquilo e comecei a recuar. Outro movimento vindo de outra direção. Estendi uma mão atrás de mim para não bater em *nenhuma* árvore e continuei recuando. Uma das coisas que se deslocava saiu de trás da sombra das árvores e, diante da impossibilidade do que vi, fiquei completamente imóvel.

Era um homem com uma espada cruzada nas costas, mas tinha a cabeça de um pássaro, com um bico afiado, pontiagudo,

aterrorizante e assustadores olhos brilhantes.

— Que diabos? — sussurrei.

Ele ergueu a mão e a levou até a espada. Vi outro movimento quando outra coisa daquelas saiu das sombras. Também estava sacando a sua espada enquanto eu ouvia o silvo do aço quando outro a sacou da sua bainha. Um outro apareceu ao luar com a sua espada já desembainhada.

Ok. Bem. Eu estava *absolutamente* certa. Aquilo *não* era *bom* e, com o meu vestido fabuloso no meio de uma floresta, sem saber onde diabos eu estava, havia apenas uma opção para mim: correr pra caralho.

Encarei essa opção e me virei, peguei as saias, as arrebanhei e fiz isso como se o próprio diabo estivesse nos meus calcanhares e, sério, ele estava. Todos os quatro. Não olhei para trás, pois não tropeçaria em um galho caído como uma cadela estúpida em um filme de terror. De maneira nenhuma. Se eles queriam me pegar, teriam que me alcançar.

Não tinha ideia para onde estava correndo e não me importava. Só corri e os ouvi correndo atrás de mim e pareciam perto. Porra. Merda. *Caralho*. Continuei. Então, ouvi algo na minha frente. Parecia que alguém, ou alguma coisa, caiu em meio à neve.

Eles estavam vindo até mim pelo outro lado. Merda! Atirei-me para o lado e continuei correndo, a respiração entrecortada, as sapatilhas envoltas em neve, os topos dos meus pés cobertos por ela. Era estranho correr através da neve alta, não era fácil, mas continuei seguindo em frente.

— *Senhorita Maddie!* — ouvi um grito.

Continuei correndo, mas conhecia aquele timbre e não conseguia acreditar que ouvi aquela voz onde eu estava. Aquela voz era da Loretta e logo as vi, ela e Meeta correndo na neve, uns três metros à minha esquerda.

Que diabos? Não poderia perguntar o que, diabos, tinha acontecido. Só poderia fazer uma coisa. Então fiz. Corri na direção delas, gritando:

— Continuem. Vão, vão, *vão!*

Elas continuaram avançando enquanto eu corria em sua direção, sentia e ouvia aquelas coisas me perseguindo. Eu as alcancei e Meeta jogou a capa para trás. Na corrida, me entregou um punhal, que peguei e basta dizer que não teria *nenhum* problema em usá-lo em quaisquer que fossem as criaturas que estavam nos perseguindo.

Se tivesse essa oportunidade, que esperava não ter, não hesitaria. Contudo, enquanto a pegava, vi que ela estava fortemente armada e tinha um cinturão de facas com mais armas. Ainda estava correndo, então, não tive chance de contar todas as facas que ela trouxe, mas o que vi me fez sentir esperança, mesmo que ainda estivesse em choque, não só por elas estarem lá, mas por estarem preparadas.

— Onde estamos? — perguntei, ainda correndo.

— Correndo em direção a Brunskar — Meeta gritou e eu não estava certa se queria voltar para lá.

— Mas...

Meeta me interrompeu.

— Sem conversa! Corra!

Achei que era um bom conselho, então, continuei correndo. Até que os ouvi muito próximos. Loretta gritou, olhei por cima do ombro e vi que um dos homens com cabeça de pássaro a tinha pegado. Merda!

— *Não!* — gritei e me virei, mas Meeta já estava preparada.

Arrancou uma espada curta do cinto sem demora e, parecendo que não era a primeira vez que fazia isso, cortou a cabeça dele. Ok. Talvez ela não fosse o Spock, talvez ela fosse um tipo de gladiadora Marooviana, tipo Russell Crowe. No entanto, não havia tempo para comemorar porque os outros se aproximavam.

Um estava bem perto de mim e me abaixei, como vi Apollo fazer quando houve aquela luta de espadas, lá na pousada. A espada dele zumbiu acima de mim e levantei, já apontando o punhal para a frente. Eu o mergulhei em seu estômago e ele caiu para trás.

— Magia negra — Meeta sussurrou, me virei e a vi atingindo outro.

Também observei que aquele cuja cabeça ela cortou não tinha caído ainda, ao mesmo tempo em que notava Loretta abaixada, as mãos nas costas erguendo a própria espada curta, cortando um terceiro.

Não, aquele com a cabeça cortada ficou parado lá enquanto outra cabeça estava crescendo em seu lugar. Pior, outra criatura estava crescendo da cabeça cortada! Só que eu não tinha tempo para surtar diante disso tudo, uma vez que o outro estava correndo para me atacar.

— Não mirem para mutilar! — gritei. — Quando cortamos algo, cresce uma nova criatura.

Infelizmente, Loretta tinha cortado o braço da criatura com a qual estava lutando, ficou de pé e do braço cortado imediatamente começou a se formar outra criatura. Estoquei o punhal em um e ele caiu para trás, apenas para outro se aproximar.

— Mantenha-se correndo em direção a Brunskar! — Meeta gritou, levando aquele com o qual estava lutando na direção que estávamos indo.

Devo dizer que gostava da sua coragem, mas não podíamos ver qualquer luz através das árvores. Mesmo que estivéssemos indo naquela direção, o castelo estava longe. Não conseguiríamos lutar e chegar até lá.

Contudo, a boa notícia era que eu me descobri uma completa amadora e poderia dizer que esses “o-que-quer-que-fossem” não eram bons nessa merda. A má notícia era que os seus braços eram mais longos, assim como as suas espadas, logo, eu lutava contra o que estava na minha frente e notei que mais dois saíram do *nada*.

— Ela mandou mais — Meeta vociferou, parecendo irritada.

Apenas irritada. Sério? Então, fiquei ainda mais irritada, mas não poderia falar, visto que agora estava lutando contra três com um punhal. Vamos apenas dizer que eu estava dando um monte de estocadas, me esquivando, balançando o tronco para trás e rolando pela neve.

Meu vestido estava totalmente destruído, assim como o meu casaco e as sapatilhas. Eu estava muito certa de ter perdido um pente ao longo do caminho. Isso tudo era péssimo e o que tornava ainda *pior* era eu saber que acabaríamos todas mortas. Isso porque estávamos cercadas e não pude deixar de reparar nisso enquanto lutava, a respiração pesada, o coração acelerando no peito, o

sangue rugindo nos meus ouvidos. Escutei os arquejos aterrorizados da Loretta e os grunhidos de esforço da Meeta.

Estávamos cercadas e eles estavam nos rodeando. Senti as costas da Loretta baterem nas minhas. Em seguida, as da Meeta. Se um deles conseguisse um bom golpe, acabaria com nós três de uma só vez.

Fomos derrotadas. Eu morreria com duas mulheres fabulosas que, de alguma forma, foram ao meu encontro para me ajudar e eu gostaria de ter mais tempo para conhecê-las. Nunca veria a Élan se arrumar para o seu primeiro Gales. Não veria o Christophe se tornar um soldado. Nunca sentiria as mãos do Apollo sobre mim novamente. Sua boca. Ver o seu sorriso. Absorver toda a beleza que ele possuía.

Morreria na neve fria de um universo paralelo, tendo experimentado uma vida linda que teria aprendido a amar, mas não tinha me permitido confiar. Eu a experimentei por um breve período de tempo e estava sendo tirada de mim em seguida.

— Garotas, vocês são demais! — gritei, ao mesmo tempo grunhindo, enquanto pulava para a frente e acertava um deles no estômago.

Ele caiu para trás e outro tomou o seu lugar.

— Eu morro com vocês no meu coração, senhorita Maddie e Meeta — Loretta gritou, o nome da Meeta saindo em um grito doloroso, logo, soube que um deles a tinha acertado.

— *Nós não vamos morrer hoje à noite!* — Meeta gritou com voz tão estridente que era como se estivesse tentando fazer isso acontecer, colocando toda a sua força nas palavras.

Admirei a sua bravura, mas ela estava dolorosamente errada. Uma das coisas me atingiu por cima com a espada e o golpeei na lateral com a minha faca, mas a força do seu golpe me deixou de joelhos. Erguendo os braços sobre a cabeça, lutando para segurar a espada do meu atacante, o resto do meu corpo estava pronto para cair. Contudo, se eu a soltasse, ele me cortaria em duas.

Deixei escapar um grito estridente de frustração, terror, mágoa e sua espada desapareceu. Ele não. Continuava diante de mim, mas estava olhando por cima do ombro. Levantei-me e observei, tanto Loretta quanto Meeta, pressionando as minhas costas, mas não ouvi *nenhum* grunhido de esforço nem senti qualquer movimento. Isso porque todas as criaturas estavam olhando para trás.

Estava prestes a apontar aleatoriamente para uma abertura no que parecia ser uma parede grossa de seis ou sete criaturas em torno de nós quando o mundo desabou. Com isso quero dizer que ouvi rugidos, rosnados, latidos, grunhidos e uma linha de visão clareou de repente e não pude acreditar nos meus olhos.

Lobos por toda volta. Dezenas deles. Não. *Mais*. Talvez *centenas*. Todos, atacando aquelas coisas.

— *Oh*, meu Deus — sussurrei. — O que está havendo... — não consegui terminar de falar.

Isso porque, por trás dos lobos, mais criaturas apareceram do *nada* enquanto uma linha de lobos corria, pulava ou arrastava a barriga na neve. Agora, a luta entre lobos e homens-pássaros se dirigia para Meeta, Loretta e eu.

Recuamos. Ótimo. Homens-pássaros e lobos. Se já não fosse bastante ruim a morte certa. Levantei a adaga, mas não a

usei. Isso porque fiquei olhando, em choque, quando os lobos formaram um círculo à nossa volta, rosnando, latindo, mostrando os dentes e mordendo os homens-pássaros que se aproximavam.

Putá merda. Eles estavam nos protegendo e mais lobos se juntaram ao círculo para manter os homens-pássaros afastados. Putá merda! Os lobos estavam realmente nos protegendo! Que incrível! Estendi a mão e agarrei a da Loretta.

— Você está bem?

— Um ferimento no ombro — Meeta respondeu por ela. — É profundo e está sangrando muito, senhorita Maddie. Precisamos obter ajuda, ela está pálida.

Lá estava o meu Spock. Óbvio, pois era claro que Loretta precisava de ajuda. Só não poderia providenciá-la enquanto estávamos cercadas pela luta.

— Fique com a gente, querida — disse, dando um aperto na mão da Loretta. — Está com a gente?

— Sim, senhorita Maddie — sussurrou com voz trêmula.

Diante da exaustão, da dor e do medo na voz da Loretta, decidi que na próxima vez que Spock e eu partíssemos em uma aventura, deixaríamos a líder de torcida para trás. Não que eu tivesse escolha nesse momento.

— Conseguiremos ajuda para você, logo que isto acabe — assegurei a ela, esperando que não estivesse mentindo.

— Certo — ela respondeu, segurando a minha mão com força, sua voz sem *nenhuma* esperança.

Mantendo um olho na atividade, embora o nosso anel protetor de lobos estivesse prevalecendo e, embora pudesse ver ao longe a forma sombria de mais lobos vindo em nossa direção, os

homens-pássaros estavam pipocando por todos os lugares e, como que para provar isso, dois apareceram bem próximos do círculo no qual eu e as meninas estávamos.

Contudo, nem mesmo se viraram para nós, antes disso, cinco lobos pularam sobre eles a fim de rasgá-los violentamente em pedaços. Faíscas azuis voaram por toda parte e os homens-pássaros desapareceram. Foi selvagem. Assustador e totalmente fodido.

Os lobos não hesitavam em cerrar fileiras e continuar rosnando e mordendo os homens-pássaros que chegavam, fazendo faíscas azuis voarem por toda parte. Uivos de lobos feridos vinham rápidos e pesados. Até mesmo pude ver alguns corpos de lobos sem movimento no solo da floresta.

Mais homens-pássaros apareceram. Muitos mais. Apertei a mão da Loretta e os lobos à nossa volta recuaram ainda mais, suas caudas roçando nossas saias. Isso não era bom. Os lobos estavam perdendo. Merda! Então aconteceu, de repente e sem aviso prévio, a confusão se transformou no Armageddon e tudo começou com os lobos na floresta, subitamente, se virando e partindo. Isso não me trouxe um bom pressentimento.

Continuou com o círculo de lobos à nossa volta, encostando a barriga no chão e pressionando o focinho na neve. Definitivamente, isso não me trouxe um bom pressentimento e acabou com Meeta gritando:

— Abaixo! Agora!

Reagi instantaneamente, principalmente porque Meeta me empurrou para baixo, por cima da Loretta, Meeta se jogando em cima de mim.

Em seguida, uma explosão de fogo e calor ardeu em cima de nós enquanto a floresta à nossa volta explodia em chamas. Eu só consegui espreitar por baixo do braço da Meeta, que estava enrolado em volta da minha cabeça e, não estou brincando, sem piada, sem enganação, batendo as enormes asas aterrorizantes acima, expirando fogo por todo lado.

Havia não um... não dois..., mas três dragões gigantescos.

Fiquei olhando, em choque e boquiaberta, quando pararam de jorrar fogo. Não havia ninguém à vista e os observei descer e pousar as bundas na terra arrasada, as línguas bifurcadas para fora serpenteando ao redor, olhos inteligentes e focados na distância.

Meeta se levantou e me puxou para cima. Puxei Loretta para cima e ficamos paradas, olhando à nossa volta. Isso porque tudo, exceto um diâmetro de três metros da neve agora derretida, em torno dos nossos pés, estava totalmente incinerado. Carbonizado. Demolido. Ainda fumegando, mas não havia mais nada.

Nada além de três enormes dragões com finas línguas bifurcadas e um círculo de lobos sentados em torno de nós, alguns se lambendo desinteressadamente, outros apenas ofegantes, um meio que coçando atrás da orelha.

Meeta se aproximou mais ainda e Loretta soltou um ruído, com medo. Olhei para as sombras fumegantes e através da sombra da noite e da fumaça, um homem e uma mulher apareceram. O homem era alto, musculoso e absolutamente sexy. A mulher tinha um fabuloso cabelo loiro, quase branco.

Ambos pararam a uns três metros de distância e ele abriu a boca para falar, mas falei antes dele.

— Acho que vocês são Finnie e Frey.

Ele fechou a boca, mas exibiu um sorriso. Sim, sexy. Ela sorriu e era muito bonita. Certo, com os dragões envolvidos, tive a sensação de que tudo ficaria bem. Então, retribuí o sorriso.

Capítulo 21

O Caminho Para A Vingança

Apollo cavalgou Anguish arduamente através da neve, as agulhas dos pinheiros chicoteando violentamente o seu rosto e o seu corpo, mesmo abaixando o torso para evitar os galhos. Seu destino: onde tinha visto os dragões cuspissem fogo.

Os pulmões dele estavam ardendo, despejando fogo através do seu corpo. Seu pescoço e os ombros estavam duros como rocha devido à tensão. Os pensamentos dele eram torturados quando alcançou o deserto fumegante e as viu.

Meeta e Loretta estavam lá, por alguma maldita razão. Finnie e Frey também estavam lá, o que também era surpreendente, mas não tanto, considerando os dragões e o seu fogo. Seus lobos estavam lá, assim como tinha ordenado. Então, lá estava Maddie, parecendo molhada, gelada e desarrumada, mas de pé. Respirando. Viva. Viva.

Cavalgou direto para ela, sem diminuir o ritmo de Anguish, a alcateia abrindo caminho quando ele jogou a perna por cima da sela e desmontou, com Anguish ainda correndo. Suas pernas sentiram o impacto da queda, mas ele não.

Deu dois passos largos até Madeleine, levantou as mãos e segurou o seu rosto. Incapaz de impedi-las, ele as moveu sobre os seus cabelos, pelo pescoço, por baixo da mandíbula e voltaram para o rosto enquanto seus olhos o examinavam.

De pé. Respirando. Os olhos abertos e olhando nos dele.

— Estou bem, Lo — Maddie sussurrou e ele sentiu a sua mão pousar levemente no estômago dele enquanto se inclinava. — Estou bem, *baby*.

Diante das suas palavras, pressionou a boca contra a dela, usando a língua para saboreá-la, beber dela, devorá-la. Os braços dela envolveram o seu corpo e o apertaram ao mesmo tempo em que ela inclinava a cabeça para trás, para dar o que Apollo precisava. Mais.

Cavalos se aproximavam quando vozes perfuraram o seu alívio extremo e ele afastou a boca da dela. Quando o fez, segurou a sua nuca, empurrou o rosto dela contra a sua garganta e passou um braço ao redor dela, puxando-a firmemente para que ficasse aninhada contra o seu corpo e poder sentir o dela por inteiro. Cheirá-la. Absorver o fato de que ela ainda estava viva. Então, seus olhos foram até Frey.

— O que foi isso? — vociferou.

— Hewcrows — Frey respondeu. — Minerva — prosseguiu, dizendo ao Apollo algo que já sabia.

Todos sabiam que os hewcrows, homens com cabeça de pássaro, eram um feitiço da Minerva. Porém, a névoa negra que tinha visto envolvendo a Maddie era outra coisa. Ele não conseguia *nem* pensar na sua Madeleine sendo atacada por hewcrows, na floresta. Até então. Os seus nervos estavam desgastados, sua fúria na superfície. O pensamento que o levava até a sua pomba lutando com hewcrows na neve faria com que perdesse o controle.

No entanto, em vez disso, olhou para a destruição em volta, parando nos três dragões em repouso. A hostilidade havia aumentado.

— Lo — Maddie sussurrou e ele a ignorou, olhando novamente para Frey.

— Você está aqui por quê? — Apollo perguntou.

— Estou aqui porque a minha família se reúne — respondeu Frey, dizendo o suficiente. — Também estou aqui para encontrar Lavinia — Frey acrescentou.

— O que houve? — Apollo prosseguiu.

— Recebemos uma mensagem da Circe do outro mundo. Ela deseja ajudar e descobriu uma maneira de recuperar a sua magia. É um processo perigoso e vai consumir tudo o que ela recuperou, se fizer a viagem entre os mundos. Precisamos da Lavinia e da Valentine para transportá-la para cá, uma vez aqui, será uma adição formidável. Dito isto, ela explicou o processo e Circe, Cora, Tor, Lahn e os seus homens partiram em uma jornada até a fonte onde a Circe do Lahn pode recuperar a sua magia também.

Apollo assentiu.

— Lo — Madeleine sussurrou.

Mais uma vez, ele a ignorou e observou que os homens do Frey, Ruben e Thaddeus, tinham chegado. Annar, Lund, Oleg e Orion estavam se encaminhando até o grupo. Apollo virou a cabeça e viu que Laures, Remi, Hans e Alek também chegaram. Todos os homens ainda estavam montados, exceto Hans, que estava perto da Loretta, segurando-a enquanto Meeta amarrava uma tira de tecido, que tinha arrancado do seu vestido, em torno do ferimento no ombro da Loretta. Ao ver o sangue da serva, a boca do Apollo se contraiu e a ardência em seu peito retornou.

— Leve Loretta de volta para Brunskar — ordenou ao Hans, que olhou para ele e balançou a cabeça.

— Lo — Madeleine repetiu.

— Minha mãe? — Frey perguntou logo depois dela e Apollo olhou para ele, entendendo a pergunta.

Essa pergunta sendo o porquê de o Apollo estar lá e Frey sabia o motivo provável.

— Ela ou o seu pai, Franka ou Kristian. Estão todos aqui — Apollo respondeu.

Dessa vez, foi a boca do Frey que se contraiu e seus olhos deslizaram para Ruben.

— Eu os quero nas masmorras antes do fim da noite — comandou.

Sem demora, Ruben, Thad, Annar, Lund e os outros giraram os seus cavalos, cravaram os calcanhares nos seus flancos e dispararam através da fumaça. Apollo ouviu mais barulho de patas de cavalos, se virou e viu Draven e Gaston chegarem.

Mal tinham freado as suas montarias quando Apollo chamou a atenção do Laures.

— Um de vocês, ajude Hans com Loretta e Meeta. O resto, ajude os homens do Frey.

Gaston se aproximou do Hans e das mulheres. O resto dos homens cravou os calcanhares no flanco dos seus cavalos e partiu a galope.

— Lo! — Maddie sussurrou contra sua garganta e ele aliviou a pressão na sua nuca, olhando para ela.

— Minha pomba, *o que foi?*

Ela inclinou a cabeça para trás.

— Você está me sufocando.

O braço ao redor das suas costas relaxou, mas ele não a soltou. Maddie caiu contra ele e pressionou a face contra o seu peito. Ao vê-la fazer isso, sentiu uma pontada no músculo da bochecha direita antes de emitir um assobio agudo. Ela pulou nos seus braços e levantou a cabeça, mas Apollo voltou os olhos para o lobo, que correu até ele e parou a três metros de distância. Ele ouviu Maddie recuperar o fôlego, mas falou com o Rei dos lobos.

— Quantos você perdeu?

— Vinte e sete — ouviu em pensamento quando o lobo latiu.

Vinte e sete. Vinte e sete lobos. *Maldição.*

— Eles serão vingados — Apollo prometeu.

O lobo rosnou, balançou o focinho, se virou e correu através da fumaça.

— O que foi isso? — Maddie perguntou com a voz entrecortada, agora por um motivo diferente.

Apollo olhou para ela, que estava observando a partida do lobo. Ele levantou a cabeça e emitiu um tipo diferente de assobio, logo, Anguish trotou até ele. Maddie suspirou quando Apollo a levantou e acomodou em sua montaria. Não demorou a montar atrás dela, acenando com o queixo para Frey, abaixando o queixo para Finnie, no cumprimento tradicional de Lunwyn, apertando Maddie contra seu corpo, se inclinando sobre ela e o corcel.

Pressionou os calcanhares nos flancos de Anguish e seu cavalo disparou através da fumaça. Destino: Brunskar, a caminho da vingança.

* * * * *

Com as botas soando afiadas sobre os pisos de pedra negra das masmorras de Brunskar, Apollo não ficou surpreso com o que viu no final do corredor, quando virou a esquina. Madeleine e Frey surgindo.

Ela estava usando o que ele presumiu ser um dos vestidos da Melba, cor de pêssego. Presumiu isso porque a deixou com Melba, um guarda, uma das bruxas de Calder, um médico da vila e Meeta. Todos estavam cuidando da Loretta. Em outras palavras, todos menos Melba, que foi essencialmente deixada de lado por uma Maddie furiosamente protetora e uma Meeta, também furiosamente protetora, que geralmente acabava entrando no caminho do médico.

Como tinha coisas para fazer, que não incluíam observar um médico costurar carne enquanto a sua Maddie abanava Loretta e Meeta ameaçava o pobre homem se os pontos não ficassem apertados e em linha reta, ele os tinha deixado.

Agora, ela havia encontrado o caminho até as masmorras, as tochas acesas ao longo das paredes, lançando farpas de luz na escuridão. Ele estava descobrindo como era a sua Maddie. Assassinos. Hewcrows. Magia negra. Madeleine era uma guerreira. Ela, definitivamente, não gostava de ser mantida no escuro e não se amedrontava muito.

Exceto os ânimos, que estava aprendendo a enfrentá-los de cabeça erguida, também. Tudo isso, tudo em Maddie, o agradava muito. O que significava que os trinta minutos em que não sabia se ela ainda estava com ele nesse mundo, ou não estava em *nenhum* mundo, tinham sido de imensa angústia.

Apollo não conseguiria lidar com isso, entretanto, ao se aproximar, viu a determinação no rosto dela. Assim como no rosto do Frey. Maddie ouviu o barulho das botas, olhou na direção dele e o cumprimentou:

— Oi, querido.

Mesmo enquanto fúria e medo ardiam em seu peito, diante da sua saudação, Apollo quase sorriu. No entanto, não o fez porque, imediatamente, se virou para o Frey e abriu a boca, porém, Frey falou primeiro:

— Você não vai entrar.

Apollo parou logo atrás da Maddie, mas não teve nem chance de falar.

— Finnie está lá — ela respondeu acaloradamente. — Eu a vi quando abriu a porta.

— Minha Finnie é uma mulher incomum e princesa deste reino — Frey rebateu.

— Bem, *eu sou* uma mulher incomum, também. Sendo que ela é do meu mundo, somos o mesmo tipo incomum de mulher e *eu e as minhas garotas* — apontou o polegar para si mesma para salientar cada palavra, em seguida, apontou o braço para fora — é que ficamos lá fora com aquelas *coisas*.

Apollo sentiu a sua mandíbula se contrair diante da lembrança do perigo no qual Madeleine havia estado, mas Frey não ficou convencido e disse:

— O que você verá lá dentro não é para os olhos das mulheres.

— *Humpf* — Maddie bufou com desgosto e, diante daquele som, Apollo esqueceu a inquietação e a raiva dos eventos que

aconteceram mais cedo, naquela noite, e quase sorriu mais uma vez. — Eu vi Lo cortar a garganta de um homem, estripar outro e cortar a mão de um homem. — Madeleine girou o pescoço e olhou para ele. — Que outra carnificina você executou na minha frente, querido?

Diante disso, sem *nenhuma* esperança de impedi-la, sorriu para ela.

— Lo, você decide — Frey declarou e Apollo olhou para ele.

— Deixe-a entrar.

Apollo a sentiu relaxar na sua frente e Frey assentiu com a cabeça, se virou imediatamente para a porta que estava bloqueando, a abriu e entrou. Ele a deixou aberta e Maddie começou a se encaminhar para lá, mas Apollo a agarrou pelo braço e a virou para ele.

— Apollo — começou, impaciente.

— Um momento, minha pomba — a interrompeu gentilmente. — Antes de entrar nesse aposento, devo lhe dar um aviso. Você já viu Laures trabalhando, mas não estava em condições de registrar isso e ele tinha acabado de começar. Oleg, o homem do Frey, também é hábil em extrair informações. Não gosta de usar essas habilidades, mas o faz. O que você verá na cela pode ser difícil de testemunhar, não importa a... — fez uma pausa — carnificina que já tenha visto.

Botas soaram no fundo do corredor, mas ele não olhou, nem Madeleine. Em vez disso, assegurou a ele:

— Ficarei bem, querido.

— Se desejar sair. Saia, mas não sozinha. Eu ou um dos meus homens ficará com você e irá levá-la imediatamente até a bruxa.

— Tem uma bruxa lá dentro — Maddie disse. — Eu a vi também.

— Independentemente disso, faça o que eu disse. Entendido?

Madeleine encarou os olhos dele enquanto ele sentia outras pessoas se juntarem a eles, mas só olhou ao redor quando ela assentiu com a cabeça. Então, constatou que Alek e Hans tinham chegado.

— Estão com eles? — perguntou Hans.

— Todos eles — Apollo respondeu. — Menos Franka, ela está em um chalé não muito longe daqui. Eles foram buscá-la.

Hans ergueu o queixo.

— As crianças? — perguntou Apollo.

— Quincy e Balthazar estão de guarda. Calder enviou uma bruxa também.

Dessa vez, foi Apollo que ergueu o queixo e Hans olhou para Maddie.

— Alguma notícia da Loretta?

— Ela está bem, Hans — Maddie falou baixinho. — O ferimento foi costurado e está descansando agora.

Com uma leve surpresa, Apollo viu uma sombra nublar o rosto do Hans antes de ele entrar no quarto. Essa nuvem se formou mesmo diante da notícia que recebeu sobre Loretta estar bem.

Alek já tinha entrado e Apollo pegou a mão da Maddie, a guiando. Quando entraram, viu Eirik e Calder cara a cara. Também viu Valeria parada ao lado, observando de maneira desinteressada, os braços cruzados sobre o peito. Por último, viu Kristian agachado em um canto, a cabeça entre os joelhos, os dedos de ambas as mãos entrelaçados aos cabelos.

Kristian, evidentemente, era o elo mais fraco.

Apollo lançou os olhos através do aposento e viu Frey e os seus próprios homens parados, assim como Garik. Finnie estava parada nas sombras, descansando com um ombro na parede de pedra. Os pés calçados com botas estavam cruzados na altura do tornozelo, os braços cruzados sobre o peito, os olhos em Calder e Eirik.

Quando Apollo e Maddie entraram, Finnie olhou por cima do ombro, encarou os olhos do Apollo, depois olhou para Madeleine, até as mãos entrelaçadas, voltou a olhar para Apollo e então piscou. Novamente, ele sentiu os seus lábios se curvarem. Em seguida, sua atenção foi desviada para a ação.

— Três bruxas, as quais pago uma fortuna para proteger a minha esposa, meu filho que ainda está por nascer e a minha casa, e você foi conivente em desviar essa proteção para longe?

— Calder vociferou bem na cara do seu pai.

Claramente, o interrogatório tinha avançado durante a sua ausência. Ninguém sabia sobre a conspiração, exceto os conspiradores.

Apollo sabia, porém, que Frey havia avisado ao seu irmão e Calder tinha tomado precauções. Essa foi a razão pela qual Apollo se sentiu seguro para levar as crianças e Maddie para Brunksar.

Em sua fúria, Calder havia, obviamente, informado aos ocupantes do aposento o que, anteriormente, não poderiam ter conhecimento. A menos que já tivessem. Algo que descobririam em breve.

— Eu não fiz tal coisa — Eirik respondeu.

Os olhos do Calder se voltaram para a bruxa que estava parada, os ombros contra a parede de pedra, os olhos na ação.

— De fato, como já relatado, os feitiços que lançamos foram quebrados — ela declarou e Calder olhou para o pai.

— Explique isso — exigiu.

— Dificilmente, fui conivente em colocar o meu próprio filho e meu neto, ainda por nascer, em perigo — Eirik rebateu.

— Apenas mencionando, ela carrega uma filha — a bruxa colocou.

— Sua interrupção não é bem-vinda — Eirik vociferou.

Maddie se inclinou e sussurrou no ouvido de Apollo:

— Que legal que Melba e Calder estão esperando uma filha.

Apollo balançou a cabeça enquanto abaixava o queixo a fim de olhar para ela e ergueu a mão para pressionar o dedo sobre os seus lábios. Ela revirou os olhos e Apollo sentiu a boca se curvar enquanto olhava novamente para Eirik e Calder, tirou o dedo dos lábios dela, mas levantou a mão que estava segurando e a colocou sobre o seu peito, puxando-a para perto.

— Você não consegue entender a sua posição aqui, pai — observou Frey e Eirik olhou para ele.

— Não o faço porque é indecoroso escoltar o Chefe de uma Casa até as suas próprias masmorras — Eirik respondeu.

As costas do Calder se endireitaram e o seu rosto ficou frio.

— Vou repetir, você não consegue entender a sua posição aqui, pai. Parece fazê-lo em mais de uma maneira, pois, já não é o Chefe dessa Casa há algum tempo — Frey rebateu.

— Posso perguntar, agora — Valeria interrompeu com voz entediada — se alguém me trará uma cadeira? Dancei a noite toda e os meus pés estão me matando.

— Puta merda — Apollo ouviu Maddie sussurrar em choque e enojada, apertou a mão dela, mas não tirou os olhos dos jogadores no palco.

— Parece, mãe, que você também não entende o que está acontecendo nesta sala — Frey observou.

— Fomos informados sobre o que ocorreu esta noite e realmente... — balançou a cabeça com leve repreensão. — Meu querido filho, você sabe que nem o meu marido, nem eu, iríamos conspirar com forças malévolas para derrubar os poderes que estão nos dois continentes. Não com um filho que é O Frey e O Drakkar. Um filho casado com a Princesa do Gelo e um neto que herdará a coroa deste reino, um reino que é grande em tamanho e, agora, legitimamente reunificado.

— É verdade — Frey admitiu e seus olhos baixaram até a garganta da mãe. — Embora, devesse aproveitar este momento para parabenizá-la sobre o diamante de gelo que está usando.

Apollo observou Valeria empalidecer enquanto a sua mão começava a serpentear até a garganta, mas, sabiamente, pensou melhor ao levar mais atenção para a pedra em seu pescoço, uma pedra extraordinariamente cara.

— Mas, devo admitir que estou confuso — Frey continuou. — Já que no último pássaro que enviou para mim, Calder explicou que

teve que reduzir o seu subsídio, juntamente com o do meu pai, já que os seus gastos eram indevidamente extravagantes e estavam ameaçando a subsistência de todos os membros da Casa dos Drakkar. Posso entender que essa joia é uma indicação ao que meu irmão estava se referindo?

Valeria ergueu o queixo, mas o seu rosto expôs brevemente uma rachadura na sua bravata, que Apollo sabia que Frey detectaria.

— Seu pai comprou esta pedra para mim antes do Calder assumir como Chefe da Casa.

— Que estranho, considerando que a condição das finanças da Casa Drakkar estavam uma bagunça antes do Calder assumir a chefia — Frey rebateu de imediato. — Então, apesar da revitalização dos fundos da família Drakkar, feita por Calder, ter sido dramática, meu pai haveria tido menos recursos quando era Chefe para lhe dar tal presente. Ou, talvez, presentes como esses foram a razão dos ativos de Drakkar estarem em tal desordem.

Eirik se voltou para a esposa e Apollo viu os seus olhos se estreitarem sobre o diamante na garganta de Valeria.

— Esse não foi um presente meu — disse a ela. Então, olhou para Frey e repetiu: — Esse não foi um presente meu. Ela conseguiu isso em outro lugar. Ela é viciada nessas bugigangas e encontra uma maneira de obtê-las. Mas, definitivamente, não foi um presente dado por mim.

Frey voltou a observar os olhos da mãe.

— Talvez, você queira algum tempo para formular outra mentira. Tem cinco segundos. — Só então moveu os olhos para o seu pai. — Mesmo enquanto ela está parada lá, mentindo, quando

traição está em questão, aquece o meu coração a rapidez com a qual meu pai tão ferrenhamente defende a mulher que me deu à luz.

— Como você disse, traição está em questão — Eirik respondeu, estufando o peito.

— Sim, é verdade — Frey respondeu. — Em nome da minha esposa, princesa deste reino, agradeço a rápida incriminação da sua própria esposa, mesmo que apenas implícita, para o nosso país de gelo.

O rosto do Eirik se tingiu de vermelho no mesmo momento em que houve uma movimentação na porta, todos se viraram e observaram Draven e Thad levarem Franka para dentro. Seus olhos vasculharam instantaneamente a sala e pararam no Frey.

— Temos que parar de nos encontrar assim — ela comentou gravemente, um sorriso zombeteiro no rosto.

— Sim, Franka — disse Frey em tom baixo, a voz sinistra. — Temos.

Foi quase imperceptível, mas Apollo notou que ela engoliu em seco. Não reparando isso, Eirik exigiu da esposa:

— Quem comprou essa joia para você?

— Você — ela respondeu, a voz fria, os olhos sem expressão, mas não conseguindo mascarar completamente o medo.

— Acredito que me lembraria de ter comprado um diamante de gelo desse tamanho — Eirik devolveu.

— Fui arrancada da minha cama e da companhia que estava nela para testemunhar uma briga doméstica? — perguntou Franka, realizando o feito notável de parecer, tanto surpresa quanto aborrecida.

— Aconselho que você mantenha a calma — Calder falou para Franka.

— Se eu fizesse isso, como é que todos vocês saberiam que Valeria, já bastante cansada dos olhares e do pênis errante do seu marido, há vários anos, se deita com Malcolm Turnish, um comerciante rico que pode pagar dezenas desses diamantes, assim como esmeraldas, safiras e rubis de Korwahk? — Franka fez um gesto de desprezo com a mão. — Poderia continuar, já que ele realmente se casaria com ela, se cortasse os laços com Eirik e permitisse isso. No entanto, é improvável que alguns dos seus conhecidos fossem convidá-la para os seus bailes se ela estivesse acompanhada apenas por um comerciante. Além disso, todos nós sabemos que Valeria gosta de dançar.

Parecendo genuína, olhou para Valeria e continuou:

— Sinto muito por contar sobre a sua traição conjugal, querida, mas eu realmente *gosto* do Malcolm, independentemente da sua profissão, e tenho desejado há algum tempo que você possa ser mantida no estilo ao qual *deve* estar acostumada, sem a necessidade de mendigar. Sem mencionar o bônus nada insignificante de ter um homem conhecido por ser muito bem dotado, de *várias* maneiras.

Franka mal terminou de falar e Eirik rugiu:

— *Você me traiu?* — fez um movimento em direção à sua esposa.

No entanto, não foi muito longe. Garik se moveu e o deteve. Eirik lutou furiosamente, embora inutilmente, contra o agarre do seu filho enquanto Valeria estudava o marido como se ele fosse um inseto pregado em uma placa.

— Eu não o tenho entretido na minha cama há quinze anos, marido. Só o aceitei antes de ter os meus filhos. Depois que os tive, como um dever do nosso casamento — explicou casualmente, como se estivesse informando-o do menu que havia escolhido para a semana.

De repente, Eirik ficou imóvel e vociferou:

— Você nunca teve interesse em sexo.

— *Oh* não, querido — Valeria sussurrou. — Nunca tive interesse em fazer sexo com um homem que não sabe como usar o próprio pênis. Aqueles que sabem são *muito* diferentes.

Franka emitiu uma risada ronronante e Garik olhou para seu irmão mais velho.

— Apenas para mencionar, neste exato momento, não sei se vomito ou corto as minhas orelhas.

Apollo estava farto também e comunicou isso falando em voz baixa:

— Frey. — Frey olhou para Apollo e assentiu.

Em seguida, desviou o olhar para o irmão que estava próximo.

— Você pode preferir sair.

— Ficarei — Calder anunciou imediatamente.

— Eu não perderia isso por *nada* no mundo — Garik murmurou, empurrando o pai e se movendo na direção da Finnie. Ele se acomodou, apoiando os ombros perto de onde ela ainda estava descansando.

Frey olhou para Apollo.

— Oleg ou Laures?

— Vamos ver o que Laures consegue obter — Apollo respondeu.

Apollo sentiu a mão da Maddie tremer na dele e reconsiderou a sua decisão de permitir que ela entrasse, especialmente quando era tão próxima do Laures. Não gostava de pensar que a opinião dela sobre ele poderia mudar, à medida que estava atendendo às necessidades desagradáveis do seu trabalho.

Antes que pudesse tomar uma decisão, Laures avançou. Valeria e Eirik ficaram alertas e começaram a recuar enquanto Franka assistia Laures caminhar na direção do seu irmão. Fez isso com uma expressão que mostrava apenas um leve interesse.

— Você... você quer dizer, que vai... vai... nos *torturar*? — Eirik perguntou com os olhos colados nos olhos do Laures.

— Não — respondeu Frey e finalizou: — Se você não tornar isso necessário.

Os olhos do Eirik voltaram ao filho.

— Já disse a você, não sei *nada* sobre uma conspiração!

— Posso ser a última? — Franka colocou, nesse momento.
— Gostaria de assistir.

Frey olhou para ela, mas Apollo já havia ficado farto dos seus jogos, mais cedo, naquela mesma noite. No entanto, se asseguraria de demonstrar que estava mais do que farto com ela, *agora*. Para comunicar isso, disse:

— O último conspirador que enfrentei e provou ser inútil, teve a garganta cortada.

Os seus olhos deslizaram para ele e Franka ergueu as sobrancelhas.

— Você usaria a sua espada contra uma mulher?

— Apollo, talvez não — Maddie se intrometeu —, mas eu usaria.

Apollo abafou um suspiro, olhou para ela e murmurou um aviso:

— Madeleine.

Maddie virou os olhos para ele.

— Ela não é muito agradável, Lo. O mundo dificilmente seria um lugar mais pobre sem ela.

— E você? — a voz da Franka foi até eles, gotejando desprezo. — Uma mulher que usa os encantos de uma morta para enfeitiçar o seu marido inconsolável, aquecendo a sua cama a fim de usar suas joias e ganhar um lugar ao seu lado. Está o mundo mais rico com a sua presença?

Momentaneamente congelado pela fúria, Apollo ficou completamente imóvel, mesmo quando sentiu o ar da sala ficar mais pesado, ao mesmo tempo em que viu o rosto da Maddie empalidecer e ela se virar inexpressivamente para Franka.

— Franka — Valeria surpreendentemente sussurrou, a voz cautelosa. — Tenha cuidado, querida.

Apollo se esforçou para virar, puxando o corpo da Maddie com mais força para perto do seu e, quando fez isso, pegou Franka olhando para Valeria.

— Dificilmente serei insultada na casa da minha própria família por uma prostituta que sequer tem a coragem de se assumir como tal.

Então, Apollo soltou Maddie e um segundo depois tinha Franka pressionada contra a pedra, a mão apertando a sua garganta, o rosto abaixado para o dela.

— Ela lutou contra hewcrows hoje à noite — Apollo grunhiu e Franka arranhou o pulso dele com as unhas, abrindo e fechando a boca, lutando para respirar. — E — ficou nariz com nariz com ela — *ela está ao meu lado*.

Sentiu a garganta dela convulsionar sob sua mão enquanto ruídos estrangulados escapavam da sua boca, mas, Apollo não tinha mais paciência para adiar. Assim, finalmente chegou ao ponto.

— Por último, um pacote Keer foi encontrado no quarto do seu irmão — Apollo continuou e os olhos arregalados ficaram ainda maiores. — Você teve a sua diversão essa noite, mas está... *acabada* — grunhiu. — Agora, vamos passar para a *minha* diversão. Diga-me, como enredou o seu irmão em seus esquemas, ou são só dele?

— Querido, o que é um pacote Keer? — Apollo ouviu Finnie perguntar ao marido.

— Pequenina, agora não — Frey respondeu e a resposta soou perto das costas do Apollo.

— Não havia *nenhum* pacote Keer no meu quarto — isso veio do Kristian e Apollo olhou para a esquerda, onde Kristian havia levantado e fitava Apollo e a irmã com um olhar selvagem.

O elo fraco se rompeu.

— Por que você acha que está aqui? — Frey perguntou ao primo.

— Não tenho *nenhum* pacote Keer — Kristian sussurrou e os seus olhos se moveram rapidamente, de pessoa a pessoa, através

da sala. — Não conheço nem mesmo uma bruxa que pode conjurar um pacote Keer.

— Kristian, ele foi encontrado no seu quarto, hoje à noite, quando as tábuas foram arrancadas, após Madeleine ser atacada — Frey informou.

Kristian balançou freneticamente a cabeça.

— Não sei de *nada* disso.

— Veio ao meu conhecimento que um Drakkar está em uma conspiração envolvendo Minerva, suas colaboradoras e Baldur — Apollo informou e os olhos arregalados do Kristian ficaram ainda maiores.

— Não tenho *nenhum* envolvimento com Baldur! — ele gritou.

— A... pol... lo — Franka se esforçou para falar e Apollo olhou para ela, vendo o lindo rosto congestionado, os olhos arregalados e a boca ainda abrindo e fechando enquanto ela tentava respirar.

Então, moveu o rosto para perto do dela e sussurrou:

— Esta noite ainda não acabou, para você. Mas, se sair desta sala intacta, nunca mais pronunciará uma palavra sobre a minha Madeleine, ou mesmo olhar na sua direção se estiver novamente na presença dela, do contrário, espremerei a sua vida pela garganta, Franka. Não se engane. Farei isso.

Ela assentiu o melhor que pôde com a mão dele em sua garganta e ele a soltou. Franka, instantaneamente, se virou para o lado, se curvou e levou as mãos até garganta, ofegando em busca de ar. Apollo a descartou e olhou para Frey.

— Minha Madeleine foi atacada hoje à noite, Frey. Cansei desta brincadeira. Vamos retirar as mulheres e deixar Laures trabalhar.

— Apollo — Maddie o chamou em protesto ao mesmo tempo em que Finnie disse:

— Não concordo, Frey.

Frey se voltou à sua mulher e Apollo se voltou para a dele.

— Você é uma distração, minha pomba — falou baixinho e Maddie abriu a boca, mas ele viu o rosto pálido, os olhos atormentados e soube que ela não ficaria mais um minuto naquele aposento, sem se importar se ele mesmo tivesse que levá-la para fora. Contudo, primeiro tentou:

— Por favor.

Ela fechou a boca. Graças aos deuses, funcionou.

— Leve as mulheres até a bruxa — Frey ordenou e Thad se moveu na direção da Finnie.

Apollo olhou para Draven, apontou o queixo na direção da Madeleine e Draven se aproximou dela. Apollo as observou sair da sala, notando que Maddie saiu sem olhar para trás. Então, viu a porta se fechar atrás deles e somente quando a porta se fechou, se virou a fim de encarar os olhos de Laures.

— Comece pela Franka — ordenou.

— O quê? Não! — gritou, toda a audácia perdida, os olhos arregalados encarando Laures.

Laures olhou para Apollo, que sabia o porquê. Ele tinha um limite com as mulheres e Apollo desviou os olhos para Frey, que acenou com a cabeça em seguida, olhando para Oleg.

Então, Oleg avançou.

— Eu não sei *nada* sobre uma conspiração! — Franka exclamou.

— Annar, me dê um gancho — Oleg falou e o rosto da Franka perdeu toda a cor.

Annar se moveu até a porta e os olhos dela o seguiram.

— Eu... você não pode... — Seus olhos voltaram para Frey. — Frey, você não pode realmente acreditar que eu....

Frey a interrompeu.

— Convença-me que não faria isso, prima, mas faça rápido.

Apollo a viu olhar na direção do irmão antes de voltar a olhar para Apollo.

— Os Drakkars são a família mais poderosa de Lunwyn. Você sabe que valorizo os laços com a minha família. Você sabe o porquê. Nós já estivemos aqui antes, durante a *última* conspiração. Que razão teria qualquer Drakkar para...

Contudo, Frey também havia visto o olhar dela.

— Oleg, não Franka. Kristian — ordenou.

— *Não!* — Franka gritou quando Kristian se encolheu na parede.

— O que ele fez, Franka? — perguntou Apollo.

— Ele... ele... — balançou a cabeça. — *Nada.*

Oleg começou a caminhar na direção do Kristian, que virou seu lado para o canto, se pressionando contra ela como se a pedra pudesse absorvê-lo.

— O que ele fez, Franka? — perguntou Apollo e Oleg chegou em Kristian.

— Nada! — Franka gritou e começou a caminhar para Kristian, mas Apollo a segurou pelo peito e a empurrou para trás com força. Observou, sem remorso, quando ela perdeu o equilíbrio e caiu de bunda no chão.

Se curvou profundamente, inclinando-se para ela quando gritou:

— *O que ele fez?*

— *Nada!* — ela gritou.

Houve um barulho de carne atingindo a parede e os olhos da Franka voaram para lá. Apollo olhou por cima do ombro e viu Kristian com o rosto grudado na parede, uma das mãos do Oleg no pescoço dele, mantendo-o lá, a outra em volta do pulso, torcendo-o atrás das costas.

Kristian estava se debatendo e ofegante enquanto Oleg olhava para Frey.

— Quanto duro para começar? — perguntou.

— Marque-o — Frey ordenou e Oleg se voltou para Kristian.

— Eu tenho um amante! — Franka gritou e Apollo olhou novamente para ela.

— *Continue!* — vociferou quando ela não disse mais *nada*.

Ela balançou a cabeça com gestos curtos, fechou os olhos, os abriu e sussurrou:

— Ele foi levado para a Ilha do Espectro.

Deuses malditos.

— E? — Apollo insistiu.

— E me disseram que, já que tenho acesso exclusivo a ambas, Finnie e IIs... quero dizer — se corrigiu às pressas ao ver o olhar que tomou conta do rosto do Apollo — Madeleine. Eles disseram que se eu pudesse garantir acesso a elas, iriam libertá-lo.

Diabos, estavam atrás das mulheres.

— Por que Finnie e Madeleine são os alvos? — Apollo perguntou laconicamente.

— Eles não partilharam sua estratégia — Franka respondeu com voz trêmula.

Claro que não compartilhariam.

— Simplesmente me disseram que, se não fizesse isso, receberia o membro dele de volta, a única parte que afirmaram que eu gostava, o que não é verdade — vociferou. — Isso seria *tudo* o que eu receberia de volta.

Chocado profundamente por Franka se preocupar com alguém o suficiente para arriscar o próprio pescoço, Apollo olhou para ela por um momento, antes de prosseguir.

— E quem falou com você?

— Helda — ela respondeu.

— E a magia dela é negra? — Apollo pressionou.

Ela encarou os seus olhos, mas não conseguiu reprimir o estremecimento óbvio. A magia da Helda era negra e foi a magia dela que levou Maddie para longe. Portanto, seria a cabeça da Helda que apodreceria em uma estaca em Rimée Keep, o palácio da Rainha, em Snowdon.

O próprio Apollo a colocaria lá.

— Eles o machucaram — Apollo presumiu calmamente.

— Helda me mostrou um espelho e ele aparecia nele — Franka retrucou. — Sim. Todos os dias. A cada hora. Em todas as horas. Eles o *feriram*.

Apollo sentiu Frey se aproximar, mas não tirou os olhos da Franka.

— Então, você planejou enganar o seu irmão e colocar a culpa nele se o plano fosse descoberto? — perguntou Frey.

— Não — respondeu. — O pacote Keer é facilmente detectável e tem que ser colocado em algum lugar da casa, pois brilha quando a magia está tentando quebrar os feitiços de proteção de um local, por isso tinha que ser bem escondido. Só que Calder me informou que não havia espaço para mim.

Ela enviou um olhar amargo para Calder, de quem Apollo já gostava e cresceu muito em sua estima, já que ficou claro que ele não tinha *nenhum* desejo de ter Franka sob o mesmo teto. Então, os olhos dela se voltaram para Frey.

— Compartilhei com Kristian o que estava acontecendo e implorei por sua ajuda. Ele não queria ajudar — se apressou a acrescentar —, mas eu... ele... — engoliu em seco. — Meu irmão tem um coração mole.

Seus olhos foram até o irmão e ela engoliu em seco novamente. Em seguida, sussurrou olhando para o chão:

— Ele sempre teve coração mole, o que não combina com um Drakkar.

— Parabéns, prima, com isso você falou mais verdades essa noite do que já falou desde que saiu chorando do ventre da sua mãe — Frey zombou e ela virou os olhos amargurados para ele.

— Eles estão com o meu Antoine — ela sussurrou.

— E lhe ocorreu que, se tivesse vindo direto a mim com este problema, poderíamos dar um jeito de resgatá-lo? — Frey respondeu.

— E por que você me faria algum favor? — rebateu.

— Porque sei o que significa estar apaixonado, prima, mas você surpreendentemente esqueceu. Tenho uma dívida com você — Frey respondeu.

Seu rosto ficou frio enquanto ela colocava a máscara no lugar.

— Não estou apaixonada — retrucou.

— Diga isso a si mesma, Franka — Frey falou baixinho. — Mas você não cometeria traição por causa de um orgasmo inebriante, nós dois sabemos disso. Você sabe disso, lá no fundo, onde enterrou qualquer emoção que a pudesse fazer parecer com um ser humano.

Franka olhou para o primo, mas não havia mais *nada* que ele precisasse saber.

— Você mandou o informante — Apollo observou e os olhos dela se viraram para ele, mas não houve resposta. — Você sabia que eu havia enviado as minhas desculpas para não comparecer ao Gales dos Drakkar e, para me atrair, esperando que eu trouxesse Madeleine, enviou o informante.

Ela ergueu o queixo e confessou, dizendo:

— A esperança prevaleceu e funcionou.

Apollo prendeu a respiração e fez uma anotação mental para enviar os seus homens em uma caçada. O informante não ganharia uma estocada, ganharia um laço no pescoço. Franka cansou do discurso e perguntou:

— Agora, o que você fará comigo e com o Kristian?

— O que farei é enviar os meus dragões para a Ilha do Espectro e aniquilá-la — Frey respondeu e os olhos dela se arregalaram com grande alarme.

— Se você fizer isso, eles vão incinerar Antoine — ela sussurrou.

— Franka — Frey começou com voz gentil. — Isso acabaria com o sofrimento dele e... — enfatizou a última palavra quando ela abriu a boca para falar — pergunte a si mesma se um sacrifício vale a pena para salvar a vida de muitos. Não sabemos o que eles planejam, só sabemos que é maligno e cada alma nos dois continentes está em risco.

Os olhos dela se estreitaram com hostilidade.

— O que eu vou perguntar é, você consideraria a mesma escolha se a Finnie fosse destruída e você tivesse que encarar uma cama vazia até o fim dos seus dias? Pergunte à sua noiva. Sua Noiva do Gelo sabe. — Virou os olhos furiosos para Apollo. — *Você sabe.* — Inclinou-se para ele e vociferou. — *Você sabe.*

— Você compara essa perda com a minha? — perguntou Apollo, seu tom de voz carregado de desgosto.

— Não há sempre uma comparação? — ela rebateu. — Eu nem posso começar a imaginar o que você perdeu, pois não conheci a sua esposa profundamente. Tudo o que sei é que Antoine tem um coração bondoso, um toque suave e é a única pessoa na Terra que já me fez sentir como *eu* mesma. *Não* uma Drakkar. Você pode não achar que vale a pena salvá-lo. Que não vale a pena trair. Que não vale a pena morrer, mas *eu* acho.

Apollo deu um passo para trás, mas manteve o olhar sobre Franka, que também não desviou o dela.

— Lembre-se, Franka, do que você fez esta noite — finalmente disse baixinho. — Quase me custou algo que aprendi a amar.

— Pediria desculpas se as apostas não fossem tão altas — rebateu, sacudiu a cabeça e ficou de pé quando terminou de falar.

— Você não sente remorso — Apollo observou.

Ela endireitou os ombros.

— Acho que você já sabe que tenho pouca consideração com a sua Madeleine. Além disso, sei quem ela é. — Olhou para Frey. — Sei de onde a Finnie vem, também. Helda me disse. — Os olhos dela voltaram para Apollo. — Independentemente disso, não tenho tempo para sentir remorso sabendo que Antoine agoniza a cada hora. Então, me perdoe por não admirar o espírito dela. Enfim, nunca fui boa em fazer amigos.

Apollo respirou fundo e olhou para Frey quando soltou a respiração. Frey estava observando a prima.

— Frey? — chamou e os olhos dele foram até Apollo.

— Hoje à noite enviarei os dragões — decidiu e Apollo assentiu.

Franka não emitiu qualquer ruído, mas isso não significou que a profundidade da emoção que emanou dela não atingiu ambos os homens. Só que, em tempos como esses, soldados não tinham outra escolha além de serem imunes a isso.

Frey se virou para Ruben e ordenou:

— Mantenha Kristian e Franka aqui embaixo. Providencie que fiquem confortáveis. — Olhou para sua mãe e seu pai. — O que viram e ouviram aqui será compartilhado com alguém? Também teremos que providenciar alojamento para vocês nas masmorras de Brunskar?

— *Eu* não vou dizer uma palavra — declarou Valeria rapidamente.

— Eu vou estar muito ocupado dissolvendo a união com a minha esposa para me incomodar com essa... *confusão* — Eirik

afirmou.

— Minha esposa e meu filho — disse Kristian baixinho e Frey olhou para o primo.

— Ficarão isolados com você — Kristian abriu a boca para falar, mas Frey levantou a mão. — Até que os dragões retornem, é necessário que qualquer um que possa ser ligado, mesmo remotamente, com a trama que foi revelada esta noite, fique isolado — explicou Frey, virando a cabeça e acenando com o queixo para Lund, que imediatamente saiu da sala.

Kristian deu um passo adiante e recuperou a atenção do Apollo.

— Eles não sabem *nada* sobre isso — afirmou.

— Eles ficarão confortáveis.

— Mas....

— Kristian — Frey interrompeu, a voz baixa em um tom de aviso. — Sua lealdade para com a sua irmã é admirável, mas também é além de temerária. Você cometeu traição.

— Mas a... a... — seus olhos correram para Apollo e voltaram para Frey — a senhora em questão nem é mesmo deste mundo.

— Agora, ela é e está comprometida em casamento com o general que comanda os exércitos da Rainha — Apollo rebateu e viu Kristian engolir em seco.

— Vamos discutir a sua situação após o retorno dos dragões — decretou Frey.

Kristian encarou o olhar do primo antes de olhar para a irmã, quase suplicante. Claramente não conseguiu *nada* lá, uma vez que abaixou o olhar para suas botas. Então, Frey olhou para os seus pais.

— Se uma palavra for sussurrada, eu saberei.

Isso foi tudo o que precisou dizer. Nenhum dos dois falou, mas ambos os rostos fizeram isso por eles. Não falariam *nenhuma* palavra e Frey virou os olhos para Apollo, que ergueu o queixo, saiu da cela e sentiu Frey o seguir para fora.

Viraram a esquina antes de ele parar e olhar para o amigo.

— Eles querem assassinar as mulheres — afirmou Apollo.

— Enviarei os dragões.

Apollo previu que isso não funcionaria e compartilhou suas preocupações com Frey.

— Eles devem ter feitiços de proteção na Ilha do Espectro.

Frey assentiu e disse:

— É provável que os animais não tenham sucesso.

— Gastarão uma magia poderosa para proteger uma ilha inteira do fogo dos dragões. — Apollo observou.

Os lábios do Frey se curvaram em um pequeno sorriso.

— Eles se enfraquecerão.

Eles o fariam e esse poderia ser o motivo pelo qual não desperdiçaram magia no primeiro ataque. Por outro lado, precisavam de um plano alternativo.

— Se os dragões retornarem sem sucesso, podemos usar Franka e Kristian.

Frey assentiu de novo.

— Concordo.

— Precisamos da Lavinia — Apollo ressaltou.

— E da Valentine — Frey concluiu.

Dessa vez foi Apollo que assentiu.

— A Circe do outro mundo, a que costumava ser feiticeira do Baldur, ela é poderosa?

— Dizem que é. Assim como a Circe do Lahn. Mas, ele trocou algumas palavras comigo e com Tor. Eles estão tentando recuperar os seus poderes, embora Circe não saiba disso, Lahn está permitindo que ela os use quando precisa se proteger. Ele nos proibiu de usá-la, de qualquer maneira. Ela será voluntária e Lahn deixou isso bem claro. Mas, não permitirá isso. Ele não quer que Circe se torne vulnerável de *nenhuma* maneira.

— Compreensível — Apollo murmurou.

Frey o observou atentamente e Apollo soube o porquê quando ele perguntou em voz baixa:

— Ela agrada você? — Frey estava falando sobre Madeleine.

— Ela não é *nada* parecida com a sua gêmea — Apollo disse como resposta.

— Elas nunca são — Frey murmurou.

Apollo respirou fundo e admitiu:

— A perda foi há muito tempo atrás, no entanto, os sentimentos eram frescos. Até ela chegar. Mas, o tempo pode ter aliviado as memórias. Parece uma traição à Ilsa dizer estas palavras, mas estou desfrutando o meu tempo com Madeleine... — fez uma pausa e concluiu — talvez, até desfrutando mais.

Diante disso, Frey sorriu e respondeu:

— Elas nunca são as mesmas, mas são sempre melhores. Para você, meu amigo, nunca precisará considerar que a sua gêmea seria como ela, que se apaixonou por ela como fez.

Apollo sentiu seus lábios se curvarem e concluiu:

— Sim. Em outras palavras, na verdade, ela me agrada. Ela me provoca muitas vezes, mas me agrada mais.

Frey arqueou as sobrancelhas.

— Ilsa não provocava você?

— O que tínhamos era muito estável.

Frey sorriu.

— Você pode ter descoberto que a provocação leva a muitas coisas e a maioria delas é interessante. A maioria dessas coisas interessantes é *muito* interessante.

Apollo se virou e começou a andar novamente, Frey ajustando o passo ao lado dele quando Apollo murmurou:

— Posso ser louco, mas acho a parte irritante simplesmente... interessante.

Frey riu e bateu nas costas do Apollo.

— Não compartilhe isso com a minha pequena Finnie, mas tenho que concordar.

Subiram as escadas e pararam novamente a fim de seguir caminhos separados.

— Vamos partir amanhã de manhã para Karsvall — Apollo disse a ele. — Lavinia está lá e é seguro. Meus filhos e Maddie estão aqui, onde sinto que não é. Você e Finnie são bem-vindos.

— Vou informar a vocês sobre os dragões imediatamente. Se não forem bem-sucedidos, conversaremos sobre Franka e Kristian, como usá-los — Frey respondeu. — Vou deixar um homem aqui para lidar com isso e Finnie, meu filho e eu vamos segui-lo até Karsvall. — Apollo ergueu o queixo e Frey murmurou enquanto se virava para partir: — Vou até os meus dragões.

— Frey — Apollo chamou e Frey parou. — Tenho um homem que está a caminho da Ilha do Espectro. Uma missão autoimposta de exploração. Tenho outro homem que o está seguindo. Acho que já devem estar lá agora, embora não tenha recebido *nenhuma* palavra.

— Esta é uma missão temerária — Frey observou.

— Ele foi avisado — Apollo compartilhou.

— Os mísseis dos dragões podem não ser precisos se não sabemos onde eles estão — Frey disse baixinho. — Após nos aproximarmos de Brunskar, vimos a magia negra na floresta e as faíscas azuis da Minerva, assim como o mar de lobos, por isso sabíamos que um dos nossos estava sob ataque e eu pude instruir os animais. — Balançou a cabeça, observando Apollo de perto.

— A Ilha do Espectro não é grande, mas está longe de ser pequena. Sem saber onde estão, não posso fazer o mesmo pelos seus homens ou pelo amante da Franka.

Apollo prendeu a respiração e desviou o olhar, desejando como todos os soldados — inutilmente, ele sabia — que houvesse um mundo sem guerra. Se Derrik tivesse chegado à Ilha do Espectro e os dragões fossem bem-sucedidos, estaria perdido.

A constatação fez com que Apollo sentisse a pontada no meio da sua alma antes de deixar escapar o fôlego lentamente, então, olhou novamente para Frey.

— Espero que ainda não tenham chegado ao seu destino.

— Também espero isso — Frey respondeu.

Apollo prendeu a respiração outra vez e sussurrou enquanto exalava: — Obrigado. Por hoje à noite e pelo que você fez com os seus dragões na floresta, estou em dívida.

— Você não me deve *nada* — Frey respondeu baixinho. — Minha esposa estava em uma zona de guerra, uma princesa cercada por cobras. Você foi um aliado verdadeiro, aquele que detinha o poder. Você providenciou para que ela não tomasse veneno. Hoje à noite, eu paguei a *minha* dívida.

Apollo aceitaria isso e novamente ergueu o queixo. Frey o abaixou e Apollo se moveu para encontrar a sua Madeleine enquanto Frey se movia em direção às portas da frente, a fim de comandar os seus dragões.

Capítulo 22

Segure Firme A Felicidade

As botas do Apollo não fizeram *nenhum* som na passadeira vermelho sangue que percorria o corredor até o aposento no qual a serva havia dito que encontraria Maddie. Não se surpreendeu quando, a três metros da porta, a serva Marooviana da Madeleine saiu, os olhos voltados para ele. Parou a um metro de distância e manteve o olhar sobre ela enquanto fechava a porta com um clique suave. Só então, afirmou baixinho:

— Você é uma bruxa.

Ela negou com a cabeça e Apollo sentiu os olhos se estreitarem diante da mentira.

— Você sabia do perigo, onde ela estaria. Você foi até lá, armada.

— Fui — ela concordou, segurando o seu olhar de forma constante e passou a explicar: — Minha avó possuía magia. Isto foi passado para mim através da minha mãe, que não a tinha. Não sou uma bruxa, mas tenho o dom da visão.

Ela tinha o dom da visão e era leal à Madeleine. Leal o suficiente para colocar sua própria vida em risco para protegê-la. Malditas notícias brilhantes.

— Já o advirto, lobo, esse dom não está sob meu controle — continuou. — Não consigo invocá-la como a minha avó fazia. Se eu sentir alguma coisa, no entanto, posso localizá-la, mantê-la em foco e ela nunca está errada.

Embora brilhante, isso era irritante.

— Se você sentir alguma coisa no futuro, mulher, exijo que me diga — ele ordenou. — Pois, esta noite poderia ter tido um final diferente.

Ela balançou a cabeça novamente.

— Eu vi os dragões — sussurrou e Apollo inclinou a cabeça para o lado. — Eu sabia que a senhorita Maddie não morreria hoje à noite.

— Se você viu tudo o que viu, explique o porquê não compartilhou comigo.

— Dragões? — perguntou, balançando a cabeça mais uma vez. — Impossível.

— Não em Lunwyn — ele rebateu.

— Ouvi falar muito sobre isso. No entanto, achei ser um mito. Era muito fantástico — respirou fundo e concluiu: — Tem que ser visto para acreditar.

— Agora que você já viu, acredite e compartilhe quaisquer visões do futuro comigo, não importa quão impossível você ache que elas sejam — ele ordenou.

A serva sustentou o olhar dele por um momento, antes de assentir. No entanto, não se afastou da porta. Apollo ficou impaciente com o atraso, bem como o que leu por trás dele. Não gostou tanto, mas gostou mais do que o último.

— Você será recompensada por suas ações e pela lealdade exibida hoje à noite — ele disse, baixinho.

— Não desejo *nada* além de permanecer a serviço da senhorita Maddie — a serva respondeu e ele sentiu a sua cabeça se inclinar com a surpresa.

— Esse não é um desejo difícil de conceder. Você se destacou no seu trabalho e ela gosta de você — Apollo disse. — Dito isso, diante do que fez hoje à noite, ainda vou recompensá-la com moedas ou joias, à sua escolha. Basta dizer à Cristiana quando tivermos voltado e serão entregues a você.

— Vou aceitar ambas, guardarei para quando não conseguir mais trabalhar. Você escolhe o quanto vai dar. Nesse meio-tempo, simplesmente, desejo permanecer ao lado da senhorita Madeleine.

Apollo sentiu a pele formigar diante da reiteração de algo que ele já tinha garantido a ela que teria. Antes que pudesse perguntar mais alguma coisa, ela falou.

— Ela não é deste mundo — disse baixinho e Apollo não disse *nada*. — Ela é especial — continuou.

Apollo disse uma coisa diante disso.

— Ela é — concordou.

A serva respirou fundo pelo nariz, a longa linha do pescoço se alongando, seus olhos nunca desviando dos dele. Hesitante, pois as palavras de alguém como ela para alguém como ele não eram aceitáveis, nunca, ela disse:

— Você não deve sentir *nenhuma* culpa por esse amor que sente por ela, esse amor que cresce além da imaginação. Ele não apaga o amor que você teve antes.

Em respeito às suas ações naquela noite, em vez de protestar por causa da sua insolência, simplesmente respondeu:

— Isso não é problema seu.

Ela o ignorou.

— O amor que você constrói com a senhorita Madeleine é como ela. Não é deste mundo, também não é do mundo dela. Ele é

além dos mundos. É além de qualquer coisa.

Ele estava sentindo, não precisava que uma criada, não importava a sua inteligência ou poder, dissesse isso. Apollo olhou além dela, para a porta, começando a dizer:

— Nós não vamos fal....

— A senhorita Madeleine está em grande perigo — Apollo olhou novamente para ela.

— Eu sei — grunhiu.

— Não sei o porquê esses poderes desejam extinguir um amor além dos mundos. Mas, esse é o desejo e eu senti. Eles querem extingui-lo, a fim de ganhar alguma coisa com isso. — Inclinou a cabeça para o lado. — Há outras pessoas — era uma pergunta e uma declaração.

— Outras três — ele confirmou.

— Elas também estão em grande perigo — a serva o informou de algo que já sabia.

— Mulher, não é algo que já não saibamos — compartilhou.

Ela não se moveu e Apollo ficou mais impaciente, ainda assim, para descobrir o que poderia saber, esperou. Então, a serva finalmente disse:

— Aquela com cabelos brancos que conhecemos hoje à noite e a senhorita Maddie, eu as vejo várias vezes cercadas de verde. Esse verde não me causa medo. Não significa dano a elas, na verdade, é o oposto. Há também uma que está rodeada por ouro. Ela também não me preocupa. Você disse que há outra?

Ele prendeu a respiração e disse:

— Cora, a Benévola. Princesa de Vale.

Ela assentiu com a cabeça.

— Direi a você se a vir.

Brilhante. *Agora*, diabos, ela precisava se mover, mas Apollo não ordenou isso. Esperou mais uma vez, sua paciência diminuindo.

— É o seu amor — ela disse baixinho, os olhos ficando desfocados.

— Perdão? — perguntou.

Ela levantou um dedo. Fechando os olhos, o esfregou entre eles. Finalmente, abaixou a mão e olhou para ele.

— Os homens dessas mulheres, eles são difíceis de amar — a serva declarou e Apollo cerrou os dentes. — Todos, por razões diferentes. Todos, se não tivessem encontrado essas mulheres, teriam vivido solitários, intocados por essa emoção, da companhia que gostam, do contentamento que as suas amantes dão a eles.

— Eu fui tocado por ele — Apollo lembrou com voz fria.

— Foi, ainda assim o perdeu. Pior para você, pois soube como ele é.

Desejou que a serva parasse de dizer coisas que já sabia e saísse do seu caminho, diabos.

— Porque você o perdeu — ela continuou —, o seu amor não é fácil de ganhar, você não é um homem fácil de amar.

Apollo não disse *nada*, pois a serva estava dizendo algo que ele já sabia, mais uma vez.

— Vou compartilhar se vir mais alguma coisa — declarou, finalmente saindo do caminho.

— Minha gratidão — murmurou, se movendo em direção à porta. Com a mão na maçaneta, se virou para ela. — Desejo que fique com Loretta esta noite. Lady Madeleine e eu ficaremos com os

meus filhos. Viajaremos com um guarda e uma bruxa. — a serva assentiu. — Você será escoltada até ela na parte da manhã.

Ela assentiu com a cabeça novamente e Apollo ergueu o queixo.

— Durma bem, Meeta — murmurou, virando as costas para ela.

Antes que pudesse entrar no quarto, ela sussurrou:

— Lobo.

Apollo se virou novamente.

— Não tem como você saber — ela começou baixinho. — Nunca vai saber. Tenho vivido a minha vida inteira a serviço. Isso forçou em mim só o necessário para colocar comida na minha barriga e roupas nas minhas costas. Neste mundo, todos têm o seu lugar. No mundo dela — inclinou a cabeça para a porta — sinto que eles não são assim. No mundo dela, somos iguais. Assim, essa é a forma como ela me trata neste mundo. Mesmo servindo a ela, nunca me faz sentir desta forma. Neste mundo, no meu lugar, algo assim é um presente mais valioso do que uma centena de baús de ouro. Você pode nunca entender isso, mas eu sim. É um tesouro que desejo manter para sempre...

— Então deve mantê-lo — respondeu baixinho e ela abaixou o queixo. Quando levantou o olhar, disse: — Obrigado pelo que fez esta noite, Meeta. Por tudo o que você faz para a minha Madeleine.

As linhas da boca de Meeta suavizaram, Apollo acenou para ela e finalmente se virou para a porta, entrando no quarto.

Madeleine estava aninhada em uma cadeira que foi puxada para perto das janelas. As cortinas estavam abertas e ela tinha o

queixo apoiado nos joelhos erguidos enquanto olhava para a aldeia de Brunskar.

— Minha pomba — falou baixinho e a observou pular, a cabeça virando para ele. — Temos que partir.

— Partir? — perguntou.

— Ir até as crianças — explicou, caminhando em sua direção. Quando chegou perto da cadeira, abaixou ao seu lado. — Teremos um guarda e uma bruxa com a gente. O pacote Keer foi destruído, os encantos refeitos. Estaremos seguros na viagem, papoula. Mas, diante do que aconteceu esta noite, não quero ficar longe de você ou dos meus filhos.

Madeleine respirou fundo, mas acenou com a cabeça enquanto o fazia e se endireitou na cadeira. Então, ele olhou ao redor do quarto.

— Melba lhe ofereceu um manto? — perguntou.

— Não — respondeu e quando Apollo olhou novamente para ela, estava mais uma vez olhando para fora da janela.

— Maddie — ele chamou e os olhos dela foram até os seus. — Estaremos seguros, minha pomba — sussurrou e os dentes dela morderam o lábio, mas ela balançou a cabeça. — Loretta permanecerá aqui para descansar e Meeta ficará com ela. Elas se juntarão a nós amanhã e partiremos para Karsvall.

Madeleine assentiu com a cabeça novamente e ele estendeu a mão.

— Vamos providenciar uma capa para você e nos colocar a caminho.

Ela aceitou a mão dele sem dizer uma palavra e o seguiu para fora. A maioria dos servos estava acordada, providenciando a

onda de atividade que encerrava a noite. Assim, conseguiram um manto facilmente. No entanto, Maddie parou abruptamente ao seu lado quando atingiu o topo dos degraus no lado de fora da porta da frente.

Apollo olhou para o rosto pálido, compreendendo o seu terror e se curvando instantaneamente. Ele a pegou nos braços e a carregou pelos degraus enquanto Maddie segurava firmemente os seus ombros, o rosto pressionado contra o dele.

Ela só o soltou quando Apollo a colocou em cima de Anguish. Montou atrás dela, inclinou ambos sobre o cavalo e cravou os calcanhares nos seus flancos. Seus homens, Remi e a bruxa, estavam logo atrás do seu cavalo e partiram em torno deles.

A viagem até a aldeia foi feita em menos da metade do tempo que levou, quando cavalgaram para o castelo em seu trenó. Assim que chegaram na pousada, Apollo escoltou Maddie até o quarto dela, Gaston ficando de sentinela ao lado da sua porta quando ele a carregou frouxamente nos braços, para dentro.

— Estarei de volta muito em breve, papoula. Quero dar uma olhada nos meus filhos.

Maddie olhou para ele, o rosto ainda pálido, os olhos estranhos, mas balançou a cabeça. Apollo lidaria com os medos dela muito em breve. Por enquanto, se inclinou para encostar os lábios nos dela e a levou mais para dentro do quarto quando ele levantou a cabeça, abaixando o tom da voz para dizer:

— Quero estar presente quando você se despir, minha pomba. Não se troque. Hoje à noite, você dormirá nua, aninhada ao meu lado.

Ele observou com surpresa e alguma inquietação confusa enquanto pensava que quase notou um estremecimento, antes da sua expressão clarear, ela pressionar o corpo contra ele e sussurrar:

— Tudo bem, querido.

Apollo prendeu a respiração, a soltou, deu um abraço e partiu para ver seus filhos, que estavam dormindo em suas camas, Balthazar no quarto da Élan, Quincy no do Christophe. Acenou com a cabeça para os homens, se virou e fez o caminho de volta até Maddie.

Quando fechou e trancou a porta, a encontrou novamente olhando pela janela. A capa emprestada estava jogada sobre uma cadeira e continuava com o vestido emprestado. Ela havia alimentado o fogo e acendido uma lamparina ao lado da cama, mas estava imóvel, os olhos na janela.

— Feche as cortinas, minha pomba — ordenou suavemente e novamente a observou estremecer ao se voltar para ele.

Madeleine assentiu com a cabeça e fez o que pediu, caminhou para o lado da cama mais próximo e se sentou.

— Venha aqui, Madeleine — disse, sua voz ainda baixa.

Como desejava, Maddie foi até ele e chegou bem perto, parando entre as suas pernas abertas. Ele ergueu as mãos e as colocou nos quadris dela, a cabeça inclinada para trás para encarar o seu olhar.

— Você está dolorida por causa dos esforços hoje à noite, minha papoula? — perguntou.

— Não estou sentindo *nada* — ela respondeu.

Apollo não gostou da maneira como Maddie disse isso, sua voz estranhamente sem emoção. No entanto, suspeitava que depois

de tudo o que tinha se abatido sobre ela na véspera, seria preciso várias coisas para processar tudo aquilo, inclusive tempo. Contudo, ele estaria lá para ajudá-la a superar.

— Você vai sentir amanhã — Apollo murmurou.

— Provavelmente — ela murmurou em resposta, os olhos à deriva.

— Você está segura, Maddie — garantiu.

Ela respirou fundo e virou a cabeça na direção da cabeceira da cama.

— Madeleine — chamou e ela olhou novamente para Apollo. — Gostaria de pedir uma coisa a você.

Seus olhos encararam o olhar dele de uma maneira que achou estranho, se movendo, ainda preocupados, mesmo quando ela levantou a mão e segurou o seu queixo. Uma vez que o tocou, sussurrou:

— Eu faria qualquer coisa por você, Apollo.

Suas palavras, o jeito que ela as disse, agora cheias de emoção, o jeito com o qual o tocou, suave e levemente, fizeram o seu estômago se contrair. Talvez não estivesse processando o que aconteceu naquela noite. Talvez estivesse processando algo completamente diferente. Seu estômago se contraiu ainda mais.

— Me dê o seu pé — ele ordenou, a voz rouca de repente.

Madeleine inclinou a cabeça para o lado, mas abaixou a mão, levantou o pé e ele tirou a sapatilha emprestada.

— O outro — disse, uma vez que a tinha deixado cair no chão.

Com os olhos sobre Apollo, ela fez o que foi ordenado e tirou aquela também.

— Agora, tire o vestido, papoula.

Madeleine apertou os lábios, mas as suas mãos não tardaram a se mover para o tecido, juntando-o com os dedos e o puxando para cima e para fora. Ela deixou o vestido deslizar dos seus dedos para o chão e parou diante dele, vestindo nada além de um bustiê de cetim verde-esmeralda com decote baixo na parte de trás, os seios mal contidos nas taças na parte dianteira, com fitas cor de bronze que adornavam a sua estrutura. Também usava uma calcinha de cetim combinando.

Apollo sentiu o pau pulsar enquanto o seu olhar se movia sobre ela. A pele macia. Suas curvas. Os cabelos abundantes brilhando à luz do fogo. Seus belos olhos virados para ele. Lá estava ela. Sua Maddie. Viva. Respirando. Bela. Sua.

Sua voz agora estava rouca por mais de uma razão quando ele instruiu:

— Tire a calcinha, Madeleine. Então, me liberte e suba no meu colo.

Apollo viu as suas pálpebras abaixarem, seus lábios se abrirem e sentiu isso tanto em sua garganta, no seu estômago e no seu membro. Logo, Madeleine deslizou os polegares na calcinha e a puxou para baixo. O pênis dele começou a doer e ela se inclinou para ele, que sentiu os dedos trabalhando nos botões da sua calça. Diante disso, seu pau latejou. Ela o puxou, liberando-o e encarou os seus olhos enquanto se posicionava; primeiro, um joelho na cama, depois o outro, subindo nele.

— Me guie para dentro — sussurrou.

Madeleine lambeu os lábios e Apollo a sentiu alcançar entre eles, sua mão o envolvendo. Abafou o estrondo que rolou pelo seu peito quando ela deslizou a ponta através da maciez molhada até alcançar a sua abertura. Olhando para ele, lentamente, deslizou para baixo, até que ele a penetrou por completo. Apollo passou os braços em torno dela, a cabeça inclinada para trás a fim de encarar o seu olhar, a voz ainda rouca quando continuou a sussurrar:

— Aqui estamos nós, minha pomba.

— Sim, Lo — ela sussurrou em resposta, o sexo pulsando em torno do seu eixo.

— Você está segura — Apollo repetiu.

— Sim. — Maddie ainda estava sussurrando.

— Você é minha — ele declarou, sua voz agora quase gutural.

Ela fechou os olhos, abaixou a cabeça para a sua testa descansar na dele e levantou as duas mãos para envolvê-las em torno dos dois lados do seu pescoço.

— Sim — ela disse baixinho.

— Olhe para mim, papoula. — Os olhos dela se abriram, mas não levantou a cabeça. — Eu gostaria de me deitar de costas e ver você me cavalgar.

Sua testa deslizou sobre a dele quando acenou com a cabeça.

— Qualquer coisa, Apollo.

Gentilmente se livrando do abraço, ele se deitou. Madeleine encarou o seu olhar enquanto ele se deitava e, uma vez que estava acomodado, as mãos dele na cintura dela, ela começou a se mover.

Apollo observou, sentiu e escutou. Enquanto fazia isso, memorizou tudo. Cada centímetro molhado e escorregadio dela, que sentia deslizando sobre o seu pênis, as coxas pressionadas contra os quadris dele, os cabelos caindo sobre os ombros, os seios em movimento contra o cetim, o olhar sobre ele se tornando mais caloroso a cada golpe, os suspiros suaves cada vez que era totalmente preenchida.

— Mais rápido, minha pomba — incentivou.

— Sim — ela sussurrou, se movendo mais rápido sobre ele, que a observava.

Viu quando Madeleine levantou os braços, as mãos se movendo para trás do pescoço, levantando o cabelo como se reagindo ao seu toque, o roçar dele contra a sua pele se tornando demais. Sua Madeleine. Pura beleza.

— Mantenha o cabelo para cima, Maddie — Apollo gemeu.

— Sim, querido — ela gemeu, se movendo mais rápido, seus suspiros suaves ficando mais rápidos, mais profundos. — Lo, preciso do seu dedo — implorou, o que ele imediatamente deu.

Quando pressionou e o deslizou, Apollo a viu arquear as costas.

— Deus — ela gemeu.

— Me tome, Maddie — ordenou, *agora* enrijecendo os quadris, olhando para ela enquanto o tomava, os seios quase escapulindo do cetim.

Ela abaixou os braços para se curvar ainda mais para trás, o cavalgando como *e/le* cavalgaria *ela*, os dedos se curvando em torno das suas coxas.

— Isso, minha papoula — retumbou, uma mão a segurando com firmeza, o polegar da outra mão acariciando mais forte. — Me tome.

— Lo. — Apollo enrijeceu mais ainda. — Deus! Lo! — Ela exclamou, sua vagina convulsionando ao redor do membro dele ao atingir o orgasmo, seus gritos curtos e baixos, mas afiados.

— Continue a se mover — ele grunhiu, movimentando os quadris para cima, contra o lindo corpo que ainda estremecia.

— Sim, Lo, sim. Sempre, *baby*. Vou tomá-lo para sempre — ainda gozando, Maddie suspirou quando ele explodiu.

Ele pressionou a cabeça no colchão. Os músculos do seu pescoço enrijeceram, moveu o polegar para prender ambas as mãos nos quadris dela, para segurá-la com firmeza contra o seu pênis. Assim, despejou a sua semente dentro dela emitindo um grunhido, seguido por um gemido surdo e baixo que reverberou através dele. Diante do gemido dela, soube que reverberou através dela também.

Mal tinha se recuperado quando ordenou bruscamente:

— Venha cá.

Imediatamente, ela caiu para frente, seu peso descendo sobre ele, seu sexo quente e úmido ainda o envolvendo. Quando se aproximou, aninhou o rosto no pescoço dele. Apollo passou os braços em torno dela e virou a cabeça para alcançar a sua orelha.

— Aqui estamos. Isto somos nós. Estamos aqui, minha papoula. Estamos vivos. Estamos juntos, minha pomba.

Apollo sentiu o corpo dela enrijecer contra o seu por um breve momento, antes de o apertar contra o dele, aninhando o rosto ainda mais em seu pescoço.

— Eles não vão tirar você de mim — prometeu e Madeleine deslizou a mão pelo peito dele, envolvendo os dedos ao redor do seu pescoço e segurando com firmeza.

Ele memorizou isso também, gravando no seu cérebro tudo o que era Madeleine naquele momento, antes de se sentar lentamente, levando-a com ele, se divertindo com o ruído que deslizou pela garganta dela, parte surpresa, outra parte prazer.

Apollo se levantou, segurando-a junto a ele. Madeleine dobrou as pernas em volta dele e ele caminhou através do quarto. Parou na frente da jarra de água deixada para eles. Ele a levantou gentilmente, deslizando-a para fora do seu pênis, a colocando de pé. Segurando-a nos braços, cuidadosamente, Apollo a limpou enquanto ela se apoiava nele.

— Fique perto, minha pomba — murmurou enquanto a soltava.

Madeleine fez o que pediu e ele se despiu, largando as botas e as roupas no chão, perto de onde estavam. Então, moveu sua atenção para ela, abrindo o espartilho e o jogando no chão. Apollo, em seguida, a ergueu no colo e a levou para a cama. Se abaixando, levantou as cobertas, ainda a segurando.

Ele a colocou na cama, juntando-se a ela no minuto em que as suas costas tocaram o colchão, cobrindo-a. Puxou a coberta sobre eles e apoiou o seu peso em um antebraço.

Então, olhou e a viu olhando para ele. Seus olhos estavam calorosos, sonolentos e confiantes. Seu peito aqueceu quando

levantou uma mão e afastou uma mecha de cabelo do rosto dela.

— Vou pedir mais uma coisa antes de deixar você dormir — ele sussurrou.

Madeleine deslizou os braços em torno dele enquanto respondia:

— Qualquer coisa, Lo.

— Gostaria que você me escutasse.

Ela assentiu, sua cabeça se movendo sobre o travesseiro, sem desviar os olhos dos dele.

— Claro, querido.

Segurou o rosto dela e puxou sua cabeça para perto antes de começar:

— Primeiro, nós não percebemos aquilo. — Ele a viu piscar em confusão, mas continuou. — A época em que estava grávida da Élan, assim como do Christophe, foi sem complicações. — Quando compreensão a atingiu, Apollo sentiu o corpo da Maddie enrijecer sob o seu, mas ele continuou. — O nascimento, no entanto, foi complicado. Christophe chegou facilmente neste mundo. O parto da Élan deu mais trabalho para Ilsa.

— Apollo — sussurrou e ele pressionou as pontas dos dedos nos lábios dela.

— Escute — ele também sussurrou e Maddie fechou a boca, acenando novamente. — Olhando para trás, devido ao nascimento, nós dois não percebemos. Mesmo ela sendo médica. Pensamos que o corpo dela estava tomando o seu tempo para se recuperar de trazer Élan a este mundo. A fadiga extrema, a letargia constante. Porém, mesmo que tivéssemos percebido, não havia *nada* a ser feito.

— Tudo bem — Maddie sussurrou quando ele não prosseguiu.

— Então, tudo aconteceu muito rápido — disse baixinho. — Ela simplesmente começou a definhar.

Madeleine fechou os olhos e Apollo deslizou a mão pelo pescoço dela, então a deslizou para cima novamente.

— Nós discordamos sobre o Christophe. Ilsa e eu — compartilhou. — Ela pensava como uma médica, às vezes, clinicamente. Assim, ela achava que a vida era a vida, até mesmo para as crianças, que não era sábio protegê-los demais. Ele tinha apenas quatro anos. Portanto, era muito jovem. Não queria que ele visse a mãe daquele jeito. Que lembrasse dela daquela maneira. Ela era enérgica e cheia de vida, assim como Élan, o jeito dela foi herdado completamente da Ilsa. Eu não queria que ele a visse franzina, magra, com dor. Não queria que lembrasse dela dessa forma. Ela queria ver o filho, mas neguei. Fiz isso por Christophe. Ainda me pergunto se tomei a decisão certa.

— Você tomou — ela disse baixinho, os braços ao redor dele o apertando.

Sua Maddie, tão leal, dizendo exatamente o que queria ouvir.

— Nunca vou saber se você fala a verdade, minha Maddie — murmurou. — Eles tinham uma conexão, muito parecida com a que tem comigo. Se fosse eu que estivesse na cama, meu poder despojado, a doença me corroendo, a dor me aleijando, não gostaria que ele me visse assim. Gostaria que ele recordasse do seu pai com vida. Jovial. Inteiro.

— Então, você fez a coisa certa — ela respondeu.

— Ele não a viu por três meses, antes de ela falecer. Eu roubei isso, tanto de um quanto do outro, para proteger o meu filho.
— Maddie engoliu em seco, mas não disse *nada*. — Foi uma tortura — ele sussurrou.

Ela tirou os braços ao redor dele para poder deslizá-los até seu peito, pelo pescoço, até segurar o rosto dele enquanto murmurava com pesar:

— Querido.

— Foi assim, Madeleine, observar ela definhando, observar a dor consumi-la, manter nosso filho afastado dela. Tortura. Todo o tempo. — As mãos dela o apertaram levemente. — Hoje à noite, a névoa negra tomou você e senti toda aquela tortura, meses dela condensados em um instante — declarou e os olhos dela se arregalaram. — Foi o momento mais doloroso da minha vida.

Diante disso, viu os olhos dela se encherem de lágrimas.

— *Baby* — ela sussurrou.

De repente, viu os seus dedos afundando nos cabelos dela, as pontas agarrando o seu couro cabeludo e trouxe o seu rosto para perto, uma respiração distante do dela. — Hoje aprendemos que devemos segurar com firmeza a felicidade, minha pomba. Cada dia... cada *momento*... são um presente. Temos que nos segurar com firmeza a ela, Madeleine, e nunca a soltar.

— Sim — ela sussurrou.

Deslizou o nariz ao longo do dela, até que os seus olhos estavam tão perto que, se qualquer um deles piscasse, seus cílios roçariam nos cílios um do outro.

— Eu não vou perder você — grunhiu.

— Estou bem aqui, querido — ela o tranquilizou.

Apollo respirou profundamente, expirou, inclinou a cabeça para poder roçar a boca levemente contra a dela. Só quando se afastou um centímetro, respondeu:

— Você está, de fato. — Ela deu um sorriso trêmulo. — Obrigada, minha pomba, por lutar tão arduamente nesta noite, para salvar uma vida que adoro.

Seu sorriso trêmulo vacilou enquanto as suas feições começaram a ruir, mas não viu mais *nada* quando ela aninhou cabeça no pescoço dele.

— De... de... de nada — Maddie gaguejou contra sua pele.

Largou o peso em cima dela por um breve momento, a fim de envolver os braços à sua volta, antes de os virar sobre seus lados. Encostando os lábios nos cabelos dela, sussurrou:

— Agora você pode dormir.

Ela deu um suspiro trêmulo que foi *meio* que uma fungada, meio risinho, acenou com a cabeça, o rosto agora apertado contra a sua garganta. Ele a abraçou e acariciou as suas costas enquanto ela recuperava o controle das emoções. Quando o fez, deslizou a mão que estava apoiada em seu peito, o envolveu com o braço e o apertou com mais firmeza. Vários minutos depois, quando seu corpo tinha relaxado, sua respiração tinha se nivelado e achou que estava dormindo, ela falou um sonolento:

— Lo?

Deuses, ele gostava muito quando Maddie o chamava de “Lo”.

— Sim, papoula — respondeu ele, dando um aperto.

Sentiu o seu corpo ligeiramente tenso quando ela começou.

— Você sabe que eu, *hummm...* bem, eu, *hummm...* realmente me importo muito com você, também, certo?

Mais uma vez naquela noite, uma noite na qual pensou que não acharia *nada* engraçado, não conseguiu impedir o seu corpo de tremer de tanto rir.

— Sim, Madeleine, eu *realmente* sei que você se importa comigo também.

Ela relaxou e murmurou:

— Maravilha.

Apollo sorriu contra os seus cabelos e deu outro aperto.

— Durma, Maddie.

— É *pra* já, chefe — murmurou novamente e ele sorriu.

Ela se acomodou, Apollo fechou os olhos e viu a névoa negra a encobrindo, então, os abriu de novo e a puxou para mais perto ainda. Respirou fundo quando Madeleine se aconchegou em seu abraço. Respirou fundo novamente quando, momentos depois, sentiu o sono reclamá-la.

O amor que você construiu com a senhorita Madeleine é como ela. Não é deste mundo, também é do mundo dela. Está além dos mundos. Está além de qualquer coisa.

As palavras da Meeta penetraram a sua mente e Apollo foi forçado a respirar fundo outra vez. Naquela noite, quase a perdeu. No dia seguinte, se certificaria de que não acontecesse de novo. Não tinha a mínima ideia de como faria isso. Só sabia que, diabos, faria isso.

Nada poderia salvar Ilsa, mas nada, nunca mais, machucaria Maddie. Nunca mais. *Nunca*.

* * * * *

Com os pensamentos tumultuados, Apollo não tinha sono. Então, estava acordado quando a batida suave soou na porta. Cuidadosamente, se soltou da Maddie, caminhou rapidamente até a sua calça e a vestiu. Assim, se dirigiu até a porta, a destrancou e abriu um centímetro.

O homem do Frey, Ruben, estava ali fora. A voz profunda estava baixa e preocupada quando declarou:

— Os dragões falharam.

Apollo sentiu a sua boca se apertar. Era uma notícia muito ruim, mas, pelo menos, significava que os seus homens estavam vivos. Também, que a magia do seu inimigo estava enfraquecida.

— Frey irá encontrá-lo aqui, em uma hora, para discutirem o que fazer a seguir. — Ruben continuou e Apollo assentiu.

Ruben se moveu para longe da porta e Apollo a fechou, se apoiou contra ela e apontou os olhos para o corpo da Maddie, dormindo na cama, sua mente enumerando as prioridades mentalmente.

Primeiro, enviaria homens para encontrar o falso informante e colocá-lo na prisão para aguardar o julgamento.

Segundo, interrogariam Franka, a fim de descobrir a bruxa que criou o pacote Keer e colocá-la na prisão, para aguardar o julgamento, também.

Usar Franka e Kristian para atrair o inimigo estava fora de questão. Kristian mal conseguiu aguentar o interrogatório manso pelo qual passou. Ele e sua família “desapareceriam” e Franka se tornaria a ferramenta dos inimigos.

Por último, encontrar a maldita Valentine e colocar a mulher para trabalhar. Havia pago a ela uma quantia considerável e estava na hora de merecê-la.

Com esse pensamento, se moveu até a cama e começou a acordar Maddie com a boca. Então, a fez gozar. Depois, Maddie se encarregou do orgasmo dele com a sua boca e — após se juntar a ela — contente por seu dia começar com felicidade, a beijou com tanta força que machucou os seus lábios e a fez suspirar com uma dor prazerosa, quando finalmente soltou sua boca.

Em seguida, deixou Madeleine, com o propósito de percorrer o caminho da vingança. O caminho que garantiria a segurança dela.

Capítulo 23

Era Tudo O Que Eu Tinha

— Não podemos confiar nela.

Apollo desviou o olhar da janela por onde estava observando Maddie e a sua filha, lá fora. Também estava observando seu filho. Maddie e Élan estavam rindo e, muitas vezes, ouviu o seu riso enquanto faziam “o que quer que estivessem fazendo” na neve, do lado de fora da pousada, à espera de Apollo e Frey terminarem de conversar, para que pudessem deixar Brunskar e partir com destino a Karsvall.

Observando a visão pela janela, ficou aliviado porque parecia que Maddie tinha afastado as suas preocupações da noite anterior, pois não parecia diferente do que era normalmente perto da Élan.

Portanto, os seus pensamentos estavam em Chris, que não ficava muitas vezes afastado da sua irmã, também, mais recentemente, da Maddie. Mas agora, por alguma razão, estava bem afastado de ambas, não de uma forma onde estava simplesmente interessado nas suas próprias atividades.

Não, parecia evitar as duas e isso não pareceu bom para Apollo. No entanto, não tinha tempo para se debruçar mais a fundo sobre isso. Ficaria de olho na situação e conversaria com o seu filho mais tarde, se fosse necessário. *Agora*, estava discutindo os próximos passos com Frey.

— De fato, Franka não é confiável — disse ao amigo quando virou os olhos para Frey. — As coisas serão piores do que antes,

pois mesmo que haja alguma esperança de que ela vá ter o seu amante de volta vivo, não esquecerá a sua disposição em sacrificá-lo.

Frey assentiu.

— É verdade. Parece que Franka não percebeu que, se esse tal Antoine foi torturado a cada hora por algum tempo, se o receber de volta, pode não encontrar o homem que conheceu anteriormente.

— Sem dúvida — Apollo concordou.

A expressão do Frey ficou pensativa.

— Ou tem consciência disso e não se importa. Simplesmente, irá aceitá-lo do jeito que vier.

— Este pode ser o caso, uma vez que parece apaixonada — Apollo apontou.

Frey focou o olhar no Apollo e balançou a cabeça.

— Não gostaria de pensar nisso como sendo uma indicação de que o mundo está chegando ao fim.

Apollo riu e Frey retribuiu com um sorriso.

— Você vai enviar os dragões novamente — Apollo afirmou.

Essa era outra parte da nova estratégia deles. Bombardear a ilha com o fogo dos dragões, na esperança de enfraquecer tanto o escudo, quanto a magia.

— Diariamente, de maneira aleatória — Frey confirmou. — Terão que gastar muita magia para mantê-los fortes contra o fogo dos meus dragões. Terão que fazer isso constantemente, pois não saberão quando o próximo ataque ocorrerá.

— E os elfos? — perguntou Apollo.

— Sempre mantenho o galho de adela comigo. Vou visitá-los depois que falar com Franka e antes de participar de uma festa a

caminho de Karsvall.

Apollo assentiu.

Durante a última guerra, em uma jogada para depor o pai da Finnie e unir Lunwyn e Middleland, o filho de Baldur e os homens de Broderick queimaram todas as árvores de adela até a raiz. Elas eram utilizadas como dutos para que os elfos emergissem do seu mundo sob o gelo, isso foi feito para prender a eles e a sua magia formidável, para que não pudessem oferecer ajuda.

Desde então, Lavinia havia se encarregado de plantar novas árvores de adela por toda Lunwyn. Elas estavam criando raízes, mas levaria décadas até que ficassem fortes. O que tornou afortunado o fato de Frey e seus Raiders terem furtado uma antiga relíquia, um ramo de adela, com o qual Frey poderia tocar a terra em qualquer lugar e convocar os elfos para o gelo.

— Estou repensando em ficar separado do Tor e do Lahn — Apollo disse a ele. — Com a magia que você tem sob o seu comando, a Lavinia, se pudermos encontrar Valentine, Lunwyn é muito mais segura para todos nós.

Frey balançou a cabeça.

— Este raciocínio tem mérito, primo, a sua sugestão para dividir as energias é sólida. Há muito mais bruxas em Vale do que em Lunwyn. Eles não têm o poder da Lavinia e da Valentine isoladamente, ninguém detém o poder dos elfos, a não ser Minerva, mas juntas, essas bruxas são formidáveis. Tor as tem reunidas, mas, enviaremos pássaros e discutiremos como se sentem sobre este curso de ação.

Apollo assentiu com a cabeça e os olhos do Frey se moveram até a porta e novamente para Apollo, antes de dizer:

— Não devemos demorar.

Apollo olhou mais uma vez para a janela, observando Maddie, Élan e Christophe, que não tinha se aproximado da irmã, nem de Madeleine. Virou os olhos para Frey e disse:

— Os trenós devem estar prontos. Finnie e Viktor vão cavalgar com Maddie e Élan. Eu monto ao seu lado. Esperamos você amanhã à noite em Skógarholt.

Frey olhou para o teto, onde Apollo sabia que Finnie estava com o filho pequeno, Viktor, antes do seu olhar voltar para Apollo.

— Amanhã à noite em Skógarholt — ele concordou.

— Até amanhã, então — Apollo respondeu.

— Até — Frey disse com um aceno e saiu pela porta.

Apollo observou as portas se fecharem antes de voltar a atenção para a janela. Sentiu os seus lábios se curvarem quando viu Élan se apoiar pesadamente na Maddie, a cabeça inclinada para trás, o rosto em chamas. Maddie tinha a mão apoiada sobre o gorro rosa na cabeça da filha dele, algo que insistiu que Élan usasse. Também insistiu que Christophe usasse um chapéu, mas ele recusou quando Apollo se aproximou e Maddie não insistiu.

Estava olhando para Élan e sua expressão também era radiante. Seus olhos foram até o Chris, viu que ele estava caminhando em direção à porta da pousada e nem sequer olhou na direção da Maddie e da sua irmã enquanto fazia isso.

Muito estranho. Apollo decidiu ter uma conversa com ele, mas não *agora*, já que precisavam se colocar a caminho de Karsvall, para deixar a sua família segura.

* * * * *

Durante a noite, Apollo girou a maçaneta da porta do quarto da Maddie, entrou e a viu sentada na cama com um xale leve jogado em torno dos seus ombros, para manter o frio afastado, a lareira ardendo e todas as lamparinas do quarto acesas. Ela tinha um livro nas mãos, mas os seus olhos estavam sobre ele.

— Como foi a conversa? — perguntou antes mesmo de ele fechar a porta.

Apollo sentiu os seus lábios se curvarem enquanto fechava e trancava a porta. Ela também notou que havia algo errado com Christophe, pois compartilhou isso quando Apollo contou que pretendia ter uma conversa com o filho. No entanto, Christophe não se abriu com o pai durante a conversa.

Apollo estava preocupado, mas não excessivamente. Conhecia o seu filho, se pedisse e fosse o momento para compartilhar, Chris explicaria. Se não fosse o momento, Christophe explicaria quando fosse. Maddie não conhecia Christophe tão bem e se preocupava bastante. Portanto, estava ansiosa e Apollo não gostava quando ela se sentia assim, mas gostava do porquê ela se sentia dessa forma.

Ele não respondeu até que chegou perto dela e se sentou na cama, ao lado do seu quadril. Então, cuidou para deixar a sua mente sem preocupações. Se inclinou em direção a ela e descansou o peso no punho apoiado na cama.

— Ele disse que está tudo bem.

Maddie apertou os lábios, indicando não acreditar nisso e os cantos da sua boca, mais uma vez, se ergueram.

— Nós dois sabemos que nem tudo está bem, minha pomba — disse a ela e isso havia permanecido verdadeiro durante a viagem, já que Chris não ficou perto do trenó da Maddie, como de costume. Em vez disso, tinha cavalgado com Remi e Gaston.

— No entanto, confio que o que está na mente do meu filho será compartilhado comigo quando ele estiver pronto. Agora, está lidando com isso e preciso dar algum tempo para fazer isso.

— Tudo começou na noite de ontem, quando me viu antes do baile — disse a ele e Apollo inclinou a cabeça para o lado.

— Você percebeu, então? — perguntou.

— Sim — ela respondeu. — Durante todo o dia de ontem, ele foi o Chris de sempre. Quando entrou no meu quarto com você e Élan, parecia estranho. Distante. Ele não é tão amigável comigo quanto com a Élan, mas é amigável. Nunca se comportou assim e seu comportamento não mudou durante todo o dia.

Diante das suas palavras, pensando na noite anterior, no vestido dela, as crianças indo com ele para dizer boa noite, a compreensão o atingiu e Apollo sentiu uma queimação atingir o seu peito enquanto abaixava os olhos para as cobertas ao lado dela.

— Lo? — Madeleine chamou e Apollo voltou a atenção para ela.

— Ilsa e eu éramos sociáveis — explicou baixinho quando encarou o seu olhar. — Minha posição na minha Casa, bem como as minhas muitas empresas ditam que preciso ser. Ilsa gostava de socializar. Nós viajavamos muito e, depois tivemos Christophe, ele ia com a gente. Mesmo quando era bebê. Ilsa não gostava de ficar sem ele, nem eu.

— Ok — ela disse em voz baixa quando Apollo parou de falar.

— Se tivéssemos um evento para ir, era habitual que eu pegasse o Chris enquanto Ilsa finalizava os preparativos para a noite e o levasse até ela, a fim de que pudesse dar boa noite ao seu filho.

Ele observou a compreensão iluminar seu olhar antes dela sussurrar:

— *Oh*, Deus.

No entanto, a atenção do Apollo novamente se afastou, assim como o seu olhar ficou desfocado, seus pensamentos se voltando para o filho e em como ele se sentiu na noite anterior, caminhando até o quarto da Madeleine, vê-la vestida para o Gales usando as cores da casa Ulfr, ficando muito parecida com a sua mãe, prestes a fazer algo que viu sua mãe, tão frequentemente, fazer.

Teve um sobressalto quando sentiu a mão da Maddie no queixo, voltou o olhar para ela e viu que tinha levantado da cama e se aproximado.

— Posso imaginar isso, apesar de me parecer com ela, não parecia muito com ela, até ontem à noite — Madeleine observou.

— Sim — ele concordou.

— Posso imaginar que o que eu sou para você poderia parecer inofensivo para ele, até que entendeu o que estávamos fazendo na noite passada e o que sou para você se tornou mais claro.

— De fato — Apollo concordou mais uma vez, embora tivesse sentido alguma inquietação no uso das palavras “*o que* eu sou para você” em vez de como ela deveria ter referido a si mesma como “*quem* eu sou para você”.

— Merda — Madeleine murmurou antes que ele pudesse fazer uma observação sobre isso, notou que o olhar dela tinha se tornado desfocado e se moveu para o ombro dele, assim como a mão dela se afastou da sua mandíbula.

Apollo segurou a mão dela e deu um aperto para recuperar a sua atenção. Isso funcionou e seus olhos voltaram para os dele.

— Vamos dar esse tempo para o Chris, papoula — disse a ela. — Claramente, ele deseja tentar resolver essas emoções por si mesmo. Devemos permitir que faça isso. Vamos, no entanto, manter um olho sobre ele e, se esse tempo for muito longo, terei outra conversa com ele. Sim?

Seu cenho se franziu e Madeleine perguntou:

— Você está me pedindo ou me dizendo?

Apollo se afastou um pouco dela, confuso com sua pergunta, mas respondendo:

— Estou pedindo.

Algo mudou em seu rosto, mas ela simplesmente murmurou:

— Tudo bem.

— Maddie — começou. — Por que você fez essa pergunta?

— *Hein?* — ela perguntou em resposta, fugindo claramente da sua pergunta, com uma própria, vaga.

— É "*hein*" a resposta para a minha pergunta, pomba?

— Bem... — ela disse, mas parou e não falou mais *nada*.

— Madeleine — disse o nome dela com um tom de aviso e a viu respirar fundo pelo nariz antes de endireitar os ombros e olhar nos seus olhos.

— Não sou a mãe dele — afirmou com uma voz estranha, calma e outra coisa que nunca tinha sentido em sua voz.

Algo que parecia dor.

— Não, minha papoula, você não é — Apollo respondeu baixinho. — Mas, mesmo assim, não entendo o porquê você mencionou isso.

— Bem, você perguntou o que devemos fazer com Chris, que tem um problema que precisa resolver. E isso é, bem... não é realmente da minha conta como você lida com o Chris. Você é o pai dele, eu não sou *nada* para ele.

Diante disso, Apollo piscou e novamente sentiu a queimação no seu peito. Dessa vez, não foi a ardência que acompanhava a lembrança do luto, que sentiu não muito tempo atrás, mas a mágoa que o seu filho reexperimentou bem na noite anterior. Portanto, foi uma ardência de raiva. Raiva que controlou devido ao assunto e a sensibilidade da Maddie em relação a ele, mas sentiu muita raiva.

— Você não é *nada* para ele? — perguntou, seu tom suave e com descrença, mas tenso com a ira.

— Quero dizer, não tipo *nada* — disse rapidamente, entendendo o tom da sua voz e, sem dúvida, o olhar nos seus olhos. — Mas, não tenho *nenhuma* palavra a dizer em como....

— Pare de falar — Apollo ordenou e ela fechou a boca. — É do meu entendimento que estamos construindo uma vida juntos — observou. — Estou enganado?

— Não — ela sussurrou.

Apollo ficou satisfeito com a resposta. Dito isso, não estava satisfeito com a situação.

— Como você está na minha vida, os meus filhos estão na minha vida, você é uma adulta que é próxima a eles e ficará cada vez

mais próxima, não acha que deve conferir a forma como lidamos com os assuntos variados que surgirão enquanto eles amadurecem?

— Não acho que eu....

— Pense nisso — ele a interrompeu. — É um absurdo considerar que você vai estar na minha vida, vai ser *minha esposa*, vamos passar nossos dias juntos, dias que vamos compartilhar com os meus filhos nos próximos anos, e não vai me ajudar a criá-los.

Madeleine sustentou o seu olhar, algo trabalhando nos dela. Mais uma vez, não tinha visto isso antes, mas dessa vez não era dor. Longe disso. Sentiu a queimação sumir do seu peito quando viu que era esperança. Apollo viu os olhos dela ficarem brilhantes antes que ela engolisse em seco e sussurrasse:

— Ok. Acho que é uma boa ideia dar ao Chris algum tempo e, em seguida, se aproximar dele se parecer que não está lidando bem com isso por conta própria.

A voz de Apollo se tornou suave novamente quando disse:

— Então, estamos de acordo.

Ela assentiu e Apollo levou a mão dela até a boca e roçou os lábios contra os nós dos seus dedos. Madeleine o observou fazer isso e ele viu os seus olhos enternecerem quando o fez. Ela ergueu o olhar novamente para o dele e comentou:

— Você continua me dando coisas.

Gostaria muito mais que Maddie pensasse que ele desejava que ela fizesse parte da vida dos seus filhos, em vez de pensar que estava “dando coisas”. Era discutível, mas poderia ter gostado mais do olhar de contentamento e gratidão em seus olhos ao receber isso.

— Irei me esforçar para você se acostumar, Madeleine, pois pretendo continuar a fazer isso.

Com o olhar ainda terno, a pele ao redor da sua boca suavizou e ela se moveu. Inclinando-se, encostou os lábios nos dele e perguntou:

— O que eu posso lhe dar, com o que você gostaria de se acostumar?

Apollo sabia que tinha tudo o que poderia ter dela. O que ele não tinha, noite após noite, dia após dia, ela estava dando a ele. Apollo fez perguntas, ela respondeu, contando sobre sua vida, as pessoas vis e o conhecimento das fraturas que tinham causado à sua alma. Esperava que esse conhecimento forneceria a ele as informações que precisava para curar o que foi quebrado dentro dela.

Contudo, o que ele mais queria era o seu coração e sabia que Madeleine sentia muito “carinho” por ele, só que queria mais. Com Maddie, sempre queria mais. Entretanto, tinha que conquistar isso antes que ela o oferecesse. E conquistaria.

Soltou a mão dela, moveu a dele até o seu pescoço e deslizou os dedos para cima e para baixo pelos cabelos dela, antes de abrir a boca e morder o seu lábio inferior. Sentiu sua respiração acelerar contra a boca e o suspiro excitado, antes de murmurar:

— Com o que eu gostaria de me acostumar, é você me dando o que quiser... contanto que continue encontrando coisas para me dar, pois nunca perderei o interesse no que você tem a oferecer.

Apollo observou os olhos dela se tornarem ainda mais calorosos quando ela apoiou levemente as mãos sobre o seu peito,

antes de as deslizar para baixo, a fim de segurar a barra do seu suéter.

— Isso significa que terei que ser criativa, assim não ficarei sem coisas para dar — respondeu.

— Você é capaz disso? — ele brincou e Maddie encarou os seus olhos.

Enquanto deslizava o nariz ao longo do dele, respondeu:

— Veremos.

Depois que disse essas palavras, puxou o suéter para cima. Apollo levantou os braços para que ela pudesse tirá-lo. Ela o fez, o jogando de lado e levando as mãos até o seu peito, a fim de empurrá-lo sobre a cama. Ele permitiu e em seguida deixou que ela fizesse outras coisas.

Muito mais tarde, teve provas de que Maddie era muito capaz. Ou provas adicionais, já que ela já tinha provado isso antes. Repetidamente.

* * * * *

— Gosto da Finnie — ela sussurrou contra o pescoço dele muito mais tarde, depois que se limpou, vestiu a camisola e deslizou novamente para a cama, a fim de se aninhar ao lado dele.

— Fico feliz.

— É bom ter alguém de casa, aqui.

Ele a apertou com o braço que tinha ao seu redor.

— Você está em casa, papoula.

— Você sabe o que eu quero dizer — Maddie disse, sonolenta, chegando mais perto.

Ele sabia, mas ainda não gostava que ela se referisse ao outro mundo como casa. Casa era um lugar quente, seguro, onde a pessoa era sempre bem-vinda. Onde havia amor, lembranças de risos e momentos felizes. Contudo, casa nunca havia sido isso para ela e as palavras seguintes fortaleceram essa conclusão.

— Eu não tinha amigos em casa — Maddie disse, ainda sonolenta, seu corpo ficando mais pesado contra o seu lado. — É uma sensação boa, finalmente, ter amigos.

Apollo fechou os olhos e por mais que desejasse os seus segredos, tão determinado quanto estava a eliminar o abismo em seus olhos, para iluminar as trevas que ela mantinha lá, os anos de maus-tratos nas mãos de todos os que eram próximos a ela, eles estraçalharam o seu coração.

— Ela é um pouco louca, entretanto — murmurou, *agora* parecendo meio adormecida.

Isso fez Apollo abrir os olhos e sorrir para o escuro.

— Isso ela é.

— Louca de um jeito bom — Maddie explicou, mas ele mal conseguiu ouvi-la, já que a sua voz estava muito sonolenta.

Isso rendeu a ela outro aperto.

— Vá dormir, minha pomba.

— Ok — murmurou e, segundos depois, recebeu todo o seu peso no lado do corpo.

Apollo aumentou o aperto, levando-a ainda mais para perto enquanto puxava as cobertas para cima. Ele olhou para o teto não pensando em dragões e conspiradores, bruxas e prisioneiros, Derrik

e o que ele poderia estar fazendo, ou o que estaria assaltando os pensamentos do seu filho.

Não, não pensou em *nada* além do fato da Maddie, *agora*, ter amigos. *Agora* entendendo que ela poderia opinar na forma como ele criava os seus filhos e quão claramente ela valorizou isso. *Agora*, tendo proteção, carinho e cuidado. *Agora*, tendo uma casa e Apollo dando tudo isso para ela.

Assim, não demorou muito para que Apollo a seguisse em um profundo sono repousante, sem sonhos, como se tudo estivesse certo com o mundo. Mesmo quando não estava.

* * * * *

Maddie

Três dias mais tarde, estava sentada na sala de jantar quentinha, na pousada onde havíamos parado para passar a noite. Tinha Viktor nos meus braços e suas pálpebras estavam fechadas, um longo dia na neve cobrando o seu pedágio.

Meus pensamentos estavam na criança preciosa em meus braços, mas meus olhos estavam sobre o Chris, do outro lado da sala. Estava voltando meus pensamentos para Viktor em um esforço para não pensar em Chris, uma vez que já fazia vários dias e ele continuava me evitando.

Ao fazer isso, estava evitando a sua irmã, o que ela não entendia. Isso provou ser verdadeiro o que eu imaginei, que não eram apenas irmãos, eram companheiros. Apollo tinha um jovem servo na sua casa, já o tinha visto. Mas, Chris e Élan passavam um bom tempo juntos em caso de necessidade, necessidade que era

familiar, calorosa, se não abertamente amorosa, o amor estava lá da mesma forma.

Assim, independentemente da diferença de idades e sexos, eram próximos. Élan, ao desejar ficar perto de mim, tinha que lidar com o fato de que seu irmão não ficaria perto dela. Isso, é claro, deixou a pequena menina confusa porque a todo momento que tentou chamar a sua atenção, ele continuou a fugir dela. Élan não entendia o porquê e também não sabia como comunicar isso.

Reparei que Apolo estava dando a essa situação um amplo espaço. Conseguia ver que ele estava atento, mas não estava intervindo. Eu tinha concordado com ele naquela noite, dias atrás, que deveríamos dar algum tempo ao Christophe. Era apenas um menino, mas estava ansioso para aprender a ser um bom homem e percebi que essa era uma das formas do Apollo ensiná-lo a ser.

Mas, quatro dias pareciam tempo suficiente para mim. Apollo disse que eu poderia opinar na criação dos seus filhos e esse foi, talvez, o mais belo presente que alguém já havia me dado. Considerando que Apollo me deu uma grande quantidade de coisas belas, isso significava alguma coisa. Contudo, sua permissão quando eu concordava com o seu curso de ação e eu opinar quando já não concordasse com o seu curso de ação eram duas coisas diferentes.

— Ele lembra da mãe.

Isso veio da Finnie, que estava sentada ao meu lado. Olhei em sua direção e ela realmente era muito bonita, todo aquele cabelo loiro platinado, aqueles olhos azul-gelo fascinantes. Embora não parecesse muito com uma princesa, isso tinha a ver, principalmente,

com o fato de se vestir como os homens desse mundo, com calças, botas, blusas e casacos.

Também tinha a ver com o fato de que, se não estava no trenó comigo, ou com o marido e o filho, estava treinando com uma faca, lutando com um dos homens do Frey, ou treinando com arcos e flechas com o Chris, o Frey e os homens do Apollo.

Frey tinha se juntado ao nosso grupo alguns dias antes e eu gostava de observá-los juntos, mesmo que isso *meio* que partisse o meu coração — não pensava muito nisso, se eu fizesse, a parte do “meio que” já teria sumido.

Amei o modo como ele a chamava, “minha pequenina Finnie”. Amei o modo que ela se dirigia ao Frey, como “marido” e ele respondia a chamando de “esposa”. Amei o modo como brincavam e se provocavam. Amei o modo como os seus homens agiam com ela. Amei como eles se entreolhavam. Como ambos adoravam claramente o seu filho e igualmente adoravam que o outro adorasse a criança.

Era tão legal observar um homem como Frey, em outras palavras, um homem como Apollo, no departamento macho, que estava completamente despreocupado em demonstrar a qualquer pessoa que prestasse atenção, que o seu coração estava nas mãos da sua esposa e da criança que ela deu. Não, não era legal. Era lindo.

Finnie não fazia segredo sobre amar o seu marido e seu filho também. Eu sabia que não era difícil fazer isso, Frey sendo como ele era e Viktor sendo uma criança extremamente ativa — em

outras palavras, o passeio de trenó era semelhante à tortura para a criança —, mas um doce.

De uma outra maneira, Frey era parecido com o Apollo e Viktor não era parecido com a Finnie. Tinha herdado o cabelo escuro do pai e os olhos verdes acastanhados, também poderiam ser castanhos esverdeados, ainda não havia decidido.

Perguntava-me se, dada outra chance e tivessem uma menina, ela herdaria os cabelos e os olhos da Finnie. Perguntava-me também se me fosse dada uma chance com o Apollo, se teríamos uma menina, ou menino, que herdaria os meus cabelos vermelhos e as minhas sardas.

— Maddie? — Finnie chamou e pisquei, virando-me para ela.

— Desculpe, estava em outro planeta — eu disse e ela sorriu.

— Isso acontece.

Diante da sua resposta ao meu trocadilho não intencional, retribuí o seu sorriso. O sorriso dela desapareceu e seus olhos me avaliaram.

— Você gostaria de conversar?

Eu gostaria de conversar. Na verdade, precisava. Isso, eu achava, acontecia quando realmente tinha alguém em quem poderia confiar para me abrir. Mas, por outro lado, também acontecia quando não tinha *ninguém*. Era uma boa que, *agora*, eu tivesse pessoas com as quais poderia conversar. Mais uma coisa que Apollo havia me dado e já que eu precisava me abrir, o fiz.

— Sim, ele lembra da mãe — respondi ao comentário anterior. — Nós estávamos indo bem. Estou neste mundo há alguns meses, mas só conheci as crianças há algumas semanas. Ele estava bem até recentemente, quando Apollo e eu fomos ao Gales, algo que ele viu os pais fazerem muitas vezes. Não acho que antes disso ele pensou que as duas “eu” fossem tão parecidas. Naquela noite, ao me ver com o pai dele, do jeito que eu estava, juntou tudo.

— Posso apostar — ela respondeu.

— Chris tem estado distante, desde então — compartilhei. — Ele disse ao pai que está bem e apesar do Apollo saber que não está, ele o está deixando lidar com isso por conta própria.

— É uma coisa muito grande para lidar — Finnie observou.

Ela estava totalmente certa sobre isso, mas eu não disse *nada*.

— Você já tentou se aproximar? — perguntou.

— Acho que eu devo seguir o exemplo do pai dele — respondi. — Vendo como eu sou, com quem ele tem um problema, não estou certa de que é o caminho a percorrer.

Ela apertou os lábios enquanto o seu olhar deslizava para Chris e murmurou:

— Suponho que você esteja certa.

Eu achava que estava certa, mas só achava.

— Estou feliz por ele — Finnie disse, com os olhos ainda voltados na direção do Christophe. Então, fiquei confusa.

— Chris? — perguntei.

Ela se virou e a minha respiração ficou presa diante daquele olhar.

— Apollo — ela sussurrou.

— *Oh* — sussurrei em resposta.

— Eu... ele é... — Finnie balançou a cabeça. — Ele passou por um momento sombrio comigo. Ao seu modo, me ajudou a atravessá-lo, na verdade. — Cautelosamente, me olhando de perto, ela concluiu. — Ele entendeu.

Balancei a cabeça.

— Você sabe? — perguntou.

— Que você pensou que tinha perdido o Frey e que ele perdeu a Ilsa?

Dessa vez, ela balançou a cabeça.

— Sim. Eu sei sobre Ilsa e Apollo me contou as histórias de todas as outras mulheres do nosso mundo e os seus homens. Ou, o que ele sabia para contar.

— Então, você deve entender o porquê o Apollo tem um grande significado para mim.

— Eu entendo — falei baixinho.

— Por isso, estou feliz. Observando você dois. Vendo a forma como ele olha para você. Observá-lo sorrir e dar risadas. Honestamente, Maddie, eu o conheço há mais de dois anos e, embora já o tenha visto sorrir, não sei se já o ouvi dar risadas. Fico feliz que ele tenha isso, me faz feliz ver que ele está feliz, que você proporciona isso a ele.

Eu amei isso. Eu amei, absolutamente. Apenas desejava poder dar mais. Não apenas sorrisos e risadas. Coisas como as que ele me deu. Grandes coisas. Coisas importantes. Coisas preciosas. *Tudo*.

— Não cabe a mim agradecer — eu disse e Finnie sorriu. — Mas, farei isso de qualquer maneira.

Retribuí o sorriso, foi um pouco forçado, mas em partes foi genuíno.

— É um prazer prestar este serviço, especialmente desse tipo.

— Agradeço por ter dado à minha pequena esposa um descanso, Maddie, mas vou levá-lo agora. — Pulei levemente quando a profunda e rica voz do Frey soou do meu outro lado.

Tive apenas o tempo suficiente para virar a cabeça, olhar para cima e vê-lo já se inclinando para mim. Sem demora, pegou o seu filho dos meus braços e aninhou o corpinho no peito largo, as pernas do Viktor balançando sob o antebraço do pai, a cabeça apoiada no seu ombro, dando vida à visão de uma daquelas fotos com um cara sexy e um bebê, que eu costumava ver em calendários e tal.

Observando-o, imaginei se seria mais sexy se Frey estivesse com um gatinho em vez de uma criança. Provavelmente, não. Embora, ao vê-lo embalar o seu filho, também gostaria de vê-lo afagar um gatinho.

Os olhos do Frey foram até sua esposa.

— Vou colocá-lo na cama, meu amor.

— Tudo bem, querido — respondeu Finnie.

Senti algo escavar as minhas entranhas enquanto observava essa troca de palavras, mas mantive os lábios sorridentes quando o olhar do Frey veio até o meu rosto, antes de abaixar o queixo e partir com Viktor.

Eu o observei sair e, quando me virei novamente para Finnie, vi que ela também estava observando o marido com um olhar no rosto que eu entendia. Eu conhecia aquele olhar. Já havia olhado

assim para o Apollo. Talvez, não com tanta intensidade. Talvez, depois de alguns anos, algumas aventuras e um bebê, o tornasse mais forte. Contudo, eu conhecia.

Finnie dava ao seu marido sorrisos e gargalhadas. Ela também falou sobre suas aventuras, desde que ambos se conheceram. Aventureiros. Ela desafiava a mente dele com a sua sagacidade. Tinha feito coisas corajosas por um país que não era nem mesmo dela — embora, *agora* fosse —, indo tão longe quanto matar um homem.

Ela tinha muito a dar e aquela sensação de vazio dentro de mim cresceu. Quando Finnie finalmente encarou os meus olhos, ela piscou e, soube pela sua expressão, que leu os meus pensamentos no meu rosto. Rapidamente, para que ela não perguntasse sobre isso, declarei:

— Frey e Apollo são muito parecidos.

— São primos — Finnie disse.

— São? — perguntei e ela balançou a cabeça.

— Sim. A avó do Frey, Eugenie, era uma Ulfr. — Seus lábios estavam se curvando quando comentou: — Você conheceu os Drakkars.

Lutei contra o estremecimento antes de confirmar.

— Sim.

— Bem, então você deve saber que tinha que haver sangue de uma boa linhagem para fazer Frey e os seus irmãos. — Ela se inclinou para mim e os seus lábios não estavam mais arqueados. Me viu lutando contra o tremor, de modo que ela *agora* estava sorrindo. — E foi da Eugenie.

Bem, isso explicava tudo.

— *Ah* — murmurei.

— *Uhum* — ela murmurou em resposta e depois que ela o fez, deu uma risadinha.

Já que ela riu, eu ri também. Nós, então, rimos mais ainda. Só paramos de rir quando outra voz profunda e rica soou ao meu lado. Dessa eu gostava muito mais. Era do Apollo enquanto dizia:

— Detesto perturbar a sua alegria, mas, logo as crianças tomarão os seus banhos.

Olhei para Apollo, sabendo o que isso significava. Tínhamos cavalgado por muito mais tempo quando viajamos para Brunskar. Só fizemos pequenas paradas para esticar as pernas, almoçar, dar comida e água aos cavalos e continuar em frente em seguida.

Mas, devido à Loretta ter uma lesão e Finnie ter uma criança, nossa viagem se encerrava com antecedência suficiente para nos acomodarmos em nossos quartos e ter uma bela refeição quente. Portanto, nos últimos dias, Apollo havia criado o hábito de passarmos algum tempo sozinhos com Chris e Élan, antes de tomarem os seus banhos e irem para a cama.

Esta era, eu sabia, sua maneira de lidar com a situação do Chris, bem como simplesmente oferecer as crianças mais oportunidades para “nos” conhecer como um “nós”, e isso significava mais do que apenas Apollo e eu, mas a família como “nós”.

Normalmente, eu adoraria isso.

A forma como Chris se mantinha afastado nesses últimos dias fez com que Apollo mantivesse breves esses encontros, provavelmente em deferência aos sentimentos do seu filho. Então, não gostava tanto assim.

No entanto, coloquei um sorriso brilhante no rosto e disse:

— Ok.

No instante em que me ouviu dizer essa palavra, Apollo exibiu um sorriso caloroso e íntimo, que deveria ter me aquecido completamente, mas não aqueceu. Simplesmente me fez sentir mais vazia, mas não o deixei ver isso.

Dei boa noite para Finnie e peguei a mão do Apollo. Ele me puxou para fora do meu assento e nos guiou até os seus filhos.

* * * * *

Naquela noite, depois do Apollo fazer amor comigo, estávamos deitados de lado, nos braços um do outro. Estava pensando em como o Apollo parecia segurando um gatinho. Prevendo isso na minha cabeça, senti tudo quente e mole no meu interior — ou mais quente e mole, sempre me senti muito quente e mole depois do Apollo fazer amor comigo.

Não sabia o que o Apollo estava pensando, até que ele me disse:

— Você é muito natural com o Viktor — murmurou, a voz sexy e sonolenta.

Tinha que admitir, apreciava a voz sexy e sonolenta e desejei poder me concentrar nela. Mas, em vez disso, fechei os olhos com força e me aninhei ainda mais no seu calor, as visões do Apollo afagando um gatinho se desintegrando e visões do Apollo embalando nossa filha ruiva, ou filho, invadindo a minha mente. Eram bonitas e machucavam.

Abri os olhos e falei:

— É fácil ser natural com ele quando está dormindo. Perdi a conta de quantas vezes ele tentou pular em direção à frente do trenó, para se jogar nas costas de Anguish.

— Filho do seu pai — Apollo murmurou e isso era verdade.

Ele me puxou ainda mais para perto e sua voz ainda estava sonolenta e sexy quando disse:

— Vendo você com o Viktor, agora entendo o porquê você me acha bonito quando me vê com os meus filhos.

Oh, Deus. Ele estava acabando comigo. Desde que ele e eu estávamos lutando contra esse sentimento, esse sentimento demandava muita luta, não disse *nada*. Apollo, da maneira como era, percebeu que eu precisava que ele parasse por ali. Soube disso quando ele mudou de assunto e falou:

— Tenho que pedir um favor.

— Qualquer coisa — sussurrei, não escondendo os meus sentimentos com essa declaração porque tinha falado sério. Muito.

Eu queria dar a ele qualquer coisa. Qualquer coisa que eu tivesse para dar. Só não tinha muito para dar, mas o que eu tinha era dele.

— Fique de olho na Loretta e no Hans. Algo está surgindo.

Isso também era verdadeiro. Parecia que uma reviravolta havia acontecido.

Compreensivelmente, Loretta estava um pouco assustada por travar uma batalha contra criaturas mágicas e sofrer um ferimento de guerra. O ferimento não era terrível, tampouco era grande. Havia alguns remédios à base de plantas que Draven estava dando a ela, que tirava a dor durante o dia, diferente daqueles que a ajudavam a dormir à noite.

No entanto, alguma coisa tinha despertado no Hans, descobrindo a profundidade da lealdade que Loretta dedicava a mim. Ao mesmo tempo, alguma havia sumido na Loretta, sabendo que ele não a queria antes, a implicação de que talvez ele pensasse que era frívola e não valesse o seu tempo, agora, algo que ele sabia não ser verdade — quando, é claro, isso não era verdade antes, de qualquer forma.

O problema era que, quando uma dama de companhia de senhora se apaixonava por um belo soldado com sangue aristocrático e ele não retribuía seus sentimentos, ela estava fodida, não da forma como gostaria de estar.

Mas, quando um belo soldado com sangue aristocrático colocava os olhos em uma dama de companhia bonita, animada, leal e ela dava um gelo, merdas podiam acontecer. Diante disso, Hans estava ficando impaciente. Visivelmente.

Finnie, Meeta, Bella e eu estávamos observando o desenrolar dessa situação e eu tinha pensado sobre isso repetidamente ao longo dos últimos dias. Nós achávamos que era *impressionante*.

— Eu já estou de olho nele — Maddie disse para Apollo.

— Bom — ele murmurou com a voz mais baixa, mais tranquila, ainda mais sonolenta e muito doce.

Portanto, sussurrei:

— Boa noite, *baby*.

Ele me deu um leve aperto e sussurrou em resposta:

— Boa noite, minha pomba.

Senti o seu grande corpo relaxar, se deslocando ligeiramente para a frente, um pouco do seu peso se apoiando no meu corpo. Quando o fez, inclinei a cabeça para trás. Apollo tinha apagado as

lâmparas, mas o fogo na lareira ainda estava alto. Ainda assim, a fraca luz das chamas mal iluminava as sombras que dançavam através das suas feições.

Apollo era bonito dormindo, era bonito o tempo todo. Sua beleza brilhava para fora e alcançava profundamente a sua alma. Ele tinha tudo para dar, queria que eu tivesse isso e eu estava aceitando. Deitei-me na cama segura e quente dos braços do Apollo, tendo tudo. No entanto, ainda me sentia vazia.

* * * * *

Duas noites depois, as lâmparas já apagadas, a luz do fogo dançando, Apollo decidiu que queria sentir a seda da minha camisola contra ele enquanto dormia, então, me vestiu novamente depois de fazer amor comigo e eu estava em cima do seu corpo, deslizando os lábios ao longo da sua clavícula.

— Posso perguntar uma coisa? — sussurrei contra a sua pele.

Com as mãos apoiadas nos meus quadris, deu um aperto enquanto respondia:

— Pode perguntar qualquer coisa, papoula.

Levantei a cabeça, deslizei para cima e levantei a mão. Observei os meus dedos deslizarem através do cabelo escuro que estava caído na testa, os afastei do seu rosto e os deixei lá enquanto desviava os olhos até os dele.

— Qual é a parada com os lobos? — perguntei.

Seu cenho se franziu enquanto as mãos deslizavam em volta dos meus quadris, para poder me segurar.

— Qual é a parada?

Era bonito e muito doce como ele reagia à maneira como eu dizia coisas com palavras do meu mundo, então disse isso para ele, apenas expliquei:

— Naquela noite, depois que aquelas coisas nos atacaram e você apareceu, você falou com um lobo e, quero dizer, sei que os homens podem falar com os lobos e tal, mas parecia ser algo mais.

— *Ah* — ele murmurou, mas não disse mais *nada*.

— *Ah?* — Insisti.

— Você não sabe.

— Não, eu não sei — confirmei o óbvio, uma vez que estava perguntando.

— Eu sou um Ulfr — afirmou e o encarei.

Quando ele não disse mais *nada*, informei a ele:

— *Humm*, eu sei disso, querido.

— O Chefe da minha Casa — ele continuou.

— Eu sei disso também.

— Os Chefes da Casa Ulfr comandam os lobos. — Diante disso, pisquei e Apollo continuou falando. — A Casa Ulfr sempre comandou os lobos. É mais do que apenas falar com eles. Eles fazem o que pedimos, especificamente se for necessário, durante uma guerra.

Uau. O livro sobre as Casas que li em Fleuridia não tinha mencionado esse fato! Isso era maneiro!

— Sério? — perguntei.

Ele sorriu e apertou os braços à minha volta.

— Sério, minha pomba.

— Então, você pediu a eles para me ajudar quando eu estava em perigo?

— Em essência, sim. Na noite anterior ao Gales, senti que você estava protegida, mas ainda tinha algumas preocupações e queria me precaver. Então, chamei os líderes da alcateia e disse para ficarem alertas, patrulharem e irem ajudá-la, se fosse necessário.

— Foi o que você estava fazendo antes de voltar para a cama — observei.

— Foi. — Aquilo explicou tudo, mas Apollo continuou o fluxo de informações. — A aliança entre o Chefe da Casa Ulfr e os lobos é forte. Isso ocorre porque, durante a guerra, podem suportar muitas baixas, assim, não os chamamos muitas vezes, apenas se a situação for importante ou terrível. Se tiverem vítimas, iremos vingá-las. Portanto, se alguém envolvido nesta trama for encontrado, julgado e considerado culpado por traição e recebe uma sentença de morte, sem dúvida, será entregue aos lobos. Os lobos, em seguida, rasgam o agressor em pedaços como vingança.

Ui. Nojento!

— Puta merda — sussurrei.

— É desagradável e não acontece há décadas, mas é um direito deles.

— Eca — murmurei.

Apollo sorriu novamente, deslizando a mão pela minha espinha, para que os seus dedos pudessem brincar com as pontas dos meus cabelos.

— Você, obviamente, não testemunhará isso — declarou.

Graças a Deus.

— Estou arrasada com isso — disse e o seu sorriso aumentou. — Agora que entendi a parada dos lobos, qual é a parada com os pássaros? — perguntei e mais uma vez o seu cenho se franziu.

— Que parada sobre os pássaros?

— Já ouvi algumas pessoas falarem sobre enviar “um pássaro”, mais de uma vez. Qual é a parada?

Sua testa relaxou, seus dedos seguraram os meus cabelos com mais força, mas a expressão no seu rosto mudou de uma maneira que senti no fundo da minha barriga. De uma forma que fez o meu belo Apollo ficar ainda mais bonito. Gostaria de saber o motivo, quando murmurou:

— Esqueço que você está aqui há tão pouco tempo. Parece que a tenho em meus braços há décadas. Estranhamente, ao mesmo tempo, parece que são momentos fugazes. Daqueles tipos de momentos que são preciosos. Esqueci que você ainda tem muito a aprender sobre o meu mundo. Mas, quando me lembro, também me recordo de como desfrutei as oportunidades ao compartilhar com você coisas sobre o seu novo mundo.

Pressionei ainda mais o corpo contra o dele e sussurrei:

— Aprecio quando você faz isso, também.

Ele me deu um apertão, abaixou o rosto, quase tocando a ponta do nariz no meu, antes de se afastar, deixar de ser incrivelmente maravilhoso e voltar a ser apenas normalmente maravilhoso.

— A comunicação neste mundo, como você sabe, é lenta. Você já falou sobre o seu mundo, com seus telefones e computadores. Como você também sabe, não temos *nada* disso.

Mensageiros em cavalos rápidos são utilizados. Mas se a mensagem for urgente, nós a enviamos com um pássaro. Um pássaro consegue viajar mais rápido e é mais direto do que qualquer cavalo.

— Pombos-correios — disse e as sobrancelhas dele se juntaram.

— Existe isso no outro mundo? — perguntou.

— Sim, embora não sejam mais usados. Não como costumavam usar — respondi.

— Interessante — ele murmurou.

— Então, você usa bastante esses pássaros? — perguntei e Apollo assentiu.

— Sim, muitas vezes. Mas não sempre. Existem alguns problemas, pois como a mensagem é amarrada na perna da ave, não pode ser muito longa, pois ficaria pesada. Assim, tem que ser concisa e inteligentemente escrita. Muitas vezes as mensagens foram mal interpretadas quando as poucas palavras que podiam ser escritas não foram adequadamente compreendidas. Embora as aves sejam treinadas, se a distância for longa, elas podem vir a se machucar, ou extraviar e jamais entregar a mensagem. Ainda assim, elas são utilizadas regularmente e, se uma mensagem é importante, duas, três ou até mesmo mais aves são enviadas com a mesma mensagem, esperando que uma delas chegue ao destino.

Estudei o seu rosto bonito quando pensamentos vazaram em meu cérebro, pensamentos que, em seguida, vazaram para fora da minha boca.

— Há outras pessoas com poderes como o seu, que comanda os lobos? — perguntei.

— Fora o Frey e alguns homens que praticam bruxaria, portanto, são treinados para exercer um poder, não.

Isso disse muito, pelo menos para mim.

— Então, já lhe ocorreu — comecei baixinho — que parece que todos os homens neste cenário, os maridos das mulheres do meu mundo, têm coisas especiais sobre eles? Frey com seus dragões e elfos. Lahn com a sua força. Tor, escolhido por alguma razão para ter sua alma ligada à Cora. Você e os seus lobos?

Ele encarou os meus olhos e os dedos pararam de se mover e acariciar os meus cabelos.

— Sim — respondeu.

— Lo....

— Todos nós somos especiais, Maddie.

Ele estava certo sobre isso, exceto eu.

Diante desse pensamento, abaixei a minha cabeça para pressionar o rosto em seu pescoço e os braços à minha volta me apertaram.

— Você está segura — declarou com firmeza.

Eu estava, porque me fez ficar com ele, com seus homens, seus *Lobos*.

— Você está segura, minha pomba — ele repetiu com o tom de voz mais baixo, mas com a mesma firmeza.

— Eu sei, *baby* — sussurrei e me calei.

Depois de algum tempo, ele virou de lado e me puxou para perto.

— Chega de conversa. Teremos outra longa viagem amanhã. Agora, você deve dormir, papoula.

— Ok, Lo.

Ele me deu um aperto, me aninhei e fechei os olhos. Apollo adormeceu antes de mim e quando dormi, sonhei com lobos, névoa negra e bicos desencarnados me bicando. Assim, acordei cansada e inquieta. Mesmo acordando com o Apollo movendo as mãos sobre mim, sabendo que todos à minha volta eram especiais, aventureiros e cavaleiros, guerreiros e rainhas guerreiras, amantes com almas interligadas, soldados que comandavam lobos... e depois havia eu, ainda assim, acordei sentindo um vazio.

* * * * *

Cinco noites depois, estava com uma mão na cabeceira da cama, a outra mão entre as minhas pernas e as mãos do Apollo nos meus seios, acariciando e apertando os meus mamilos. Apollo estava fodendo a minha bunda e, acredite ou não, eu estava amando. Cada *maldita* estocada.

— *Baby* — sussurrei.

Ele continuou golpeando.

— Não goze, Madeleine.

— Querido, estou quase...

Ele me penetrou mais profundamente, me preenchendo, uma sensação estranha e brilhante, principalmente porque aconteceu depois que ele me fez ficar deitada ao mesmo tempo em que me tocava, então, me deu alguns tapas enquanto me fodia normalmente, me lubrificou e quando eu estava preparada, finalmente, me tomou lentamente e puxou os meus mamilos.

— Você vai gozar ao meu comando.

Oh, Deus. Aquilo foi sexy.

— Vou tentar — balbuciei e ele começou a golpear novamente.

— Isso é tudo o que eu peço, papoula.

Continuou se movendo e eu gemia, me tocando, lutando para conter o meu orgasmo. A luta estava fazendo os meus músculos tremerem e os dedos que seguravam a cabeceira apertavam com tanta força que achei que a quebraria.

— Tão linda — ele grunhiu, mergulhando para dentro.

Deus.

— Tão linda, Maddie — retumbou. — Deuses, gostaria que você pudesse me ver te fodendo.

Deus!

Recuou e me penetrou novamente, declarando com voz rouca:

— Vamos providenciar um espelho.

— *Baby* — choraminguei, suas palavras me deixando no limite e não estava mais conseguindo me segurar.

Ele percebeu e ordenou bruscamente:

— Me faça gozar, papoula, depois você mesma pode gozar.

Deslizou o membro para fora e só deixou a cabeça, assim, empurrei para trás, tomando-o ao mesmo tempo que desmoronava e o orgasmo me atravessou. Quando aconteceu, Apollo nos empurrou sobre a cama e fiquei de bruços, tudo isso enquanto ele ainda estava dentro de mim. O orgasmo continuava a me sacudir, ele continuou golpeando até retirar o pênis, então, ouvi os seus gemidos profundos. Eu sabia que ele havia retirado a bainha quando o senti gozar na minha bunda. Muito. Totalmente sexy.

— Levante a bunda para mim, pomba — murmurou, depois que aliviou o peso de cima de mim e estremeci enquanto deslizava os joelhos para baixo de mim.

Ele esfregou a sua semente na minha bunda deliciosamente dolorida e fechei os olhos, minhas coxas tremendo diante dessa intimidade, a sensualidade derramada sobre mim aquecendo-me, fazendo-me ficar excitada de novo, tudo de uma só vez.

O polegar deslizou entre as minhas nádegas, alcançando e tocando levemente o meu ânus quando sussurrou:

— Tudo bem?

— Totalmente — sussurrei em resposta.

Senti as suas mãos envolverem o meu quadril, os dedos me apertando afetuosamente ao mesmo tempo que os polegares faziam círculos, acalmando a minha pele. Então, as suas mãos se afastaram, apenas para retornarem com um pano. Limpou todo o esperma de mim, o pano sumiu e as suas mãos estavam de volta, me movendo delicadamente, logo, eu estava de costas e ele aninhado entre as minhas pernas.

Surpreendeu-me ao se curvar, beijar a minha barriga, deslizando para baixo quando os seus olhos vieram até os meus e ele murmurou:

— Descanse, minha pomba. Você acabou de me dar tudo isso e merece uma recompensa.

No minuto em que terminou de dizer isso, apoiou minhas pernas nos ombros dele, abaixou a cabeça e me lambeu, gentil, lenta, surpreendente e *maravilhosamente*, até que eu gozei novamente, minhas pernas apertando os seus ombros, meus

calcanhares afundando nas suas costas, meus gritos baixos, mas enérgicos.

No momento em que relaxei, me encontrei em cima dele, um dos braços dele em volta das minhas costas, a outra mão em concha, na minha bunda, as pontas dos dedos pressionando a curva interior da minha nádega, acalmando, reivindicando, possessivo.

Fechei os olhos.

— Você gosta disso, querido? — murmurei.

— Você é muito apertada — respondeu, seus dedos me apertando.

Decidi encarar isso como um “sim”, só que ele não havia terminado.

— Quero você de frente para um espelho, a bunda para cima, os ombros para baixo, gozando para mim enquanto me observa foder a sua bunda — continuou.

Reprimi um gemido excitado diante das suas palavras, mas ele ainda não havia terminado.

— Eu prefiro o que está entre as suas pernas. É mais úmida, mais doce e posso olhar nos seus olhos enquanto a estou tomando, posso fodê-la com força. Quando você goza, ela tem espasmos, ordenhando a minha semente de uma maneira que gosto muito. — O braço e a mão na minha bunda me deram um aperto. — *Muito* mesmo.

O que acabamos de fazer foi sexy e eu adorei, mas tinha que admitir, fiquei feliz por ele preferir “tomar” as minhas partes normais de menina, principalmente porque gostava de olhar nos meus olhos enquanto fazia isso.

Seu aperto novamente se intensificou.

— Agora, todo o seu corpo conhece a estocada do meu pau.

— Abaixou o tom da voz. — Isto é um presente, Maddie. Um que eu estimo. Obrigado por me dar isso.

Apollo achava que era um presente. De repente, assim como fizeram uma e outra vez, desde que ela as disse, as palavras daquela mulher detestável deslizaram pela minha cabeça e apertei os olhos, fechando-os firmemente.

E você? Uma mulher que usa os encantos de uma morta para enfeitiçar o seu marido inconsolável, aquecendo a sua cama a fim de usar suas joias e ganhar um lugar ao seu lado. Está o mundo mais rico com a sua presença?

A resposta à pergunta dela era não. Não estava. Esse mundo ou o antigo mundo, *nenhum* deles estava mais rico com a minha presença. Eu não tinha feito *nada*. Nada importante. Nada espirituoso ou inteligente. Nada corajoso. Nada mesmo.

Isso somos nós, minha pomba.

Apollo havia dito isso para mim quando tomei o seu pênis naquela mesma noite. Ele estava certo, também. Isso era nós dois. Isso era o que eu podia dar. Tudo o que eu podia dar enquanto ele me dava roupas, joias, belas casas, trenós fantásticos, viagens para bailes onde intrigas aconteciam, um lar, risos, segurança, bondade, bons amigos e crianças.

Eu poderia dar a minha bunda, meu corpo e minha boceta, mas não poderia ser Ilsa. Não poderia fazer *nada*, ter outra finalidade, dar mais de qualquer outra coisa. Não poderia substituir o que ele perdeu com a morte dela, algo pelo qual havia se desviado do

caminho para encontrar, novamente, quando me trouxe para esse mundo.

Isso era bom. Apollo não queria que eu fosse a Ilsa, mas queria o meu corpo e eu podia dar. Então, entregaria a ele. Entregaria porque era o que ele queria, proporcionaria isso a ele porque queria que tivesse tudo o que desejasse. Estava dando isso a ele porque era tudo o que eu tinha.

Capítulo 24

Me Descobrimdo

— Você me chamou?

Apollo se virou na sua cadeira, atrás da mesa do seu escritório em Karsvall. Estava olhando para fora da janela, para a floresta que levava até a casa anexa. Seus pensamentos tão absortos em Madeleine, assim como no Christophe, que não só não estava enxergando a floresta, como também não havia percebido a chegada dela.

Contudo, lá estava Valentine, a bruxa, usando um vestido verde, sentada em uma cadeira do outro lado da sua mesa, observando-o como se ele fosse levemente interessante, mas tivesse coisas melhores a fazer.

Em vez de cumprimentá-la, declarou:

— Gostaria de lembrar que você foi muito bem paga para ajudar em nossos esforços de reprimir qualquer mal que ameaçasse a nossa terra. No entanto, você esteve desaparecida por semanas. Repetidas mensagens foram enviadas pelas bruxas deste mundo e ficaram sem resposta. Aconteceram coisas que colocaram Madeleine e os meus filhos em perigo. Finalmente, você chega e demonstra irreverência? — Balançou a cabeça. — Vou te avisar que a minha paciência esgotou, bruxa. Portanto, não restou mais *nada* para testar.

— Você deve saber que tenho me mantido atenta e verifiquei que você resolveu os assuntos prontamente, *mon loup*. — Deu um

sorriso malicioso. — *Bem rápido.*

Apollo sabia exatamente ao que ela estava se referindo. Era irritante, mas não poderia pensar sobre isso ou acabaria o instigando à ação. Precisavam conversar, não discutir. Portanto, a informou:

— Você não foi chamada aqui para discutir como as coisas progridem com Maddie.

Seu sorriso continuou firme no lugar, quando ela disse:

— Não precisamos discutir como as coisas estão progredindo com Madeleine. — Seu sorriso ficou mais largo. — Você foi muito bem no tempo em que estive fora, *chéri*.

Absolutamente, ele foi bem até *demaís*. Contudo, algo estava errado com sua Madeleine. Algo preocupante. Algo que Apollo não conseguia determinar, mas não era algo que discutiria com a bruxa. Consequentemente, direcionou o diálogo ao que discutiriam:

— Você recebeu a mensagem da Lavinia — afirmou, mas seu tom era de interrogação.

Eles chegaram em Karsvall dois dias antes. Lavinia estava lá como planejado e, após a sua chegada, Frey e Apollo pediram a ela para entrar em contato com a bruxa urgentemente. Já que as duas eram amigas, deduziu que o chamado da Lavinia havia sido aquele que finalmente foi respondido.

— Recebi, na verdade — ela confirmou. — Embora tenha que admitir que recebi as outras mensagens das suas bruxas, mas outra questão vem tomando o meu tempo.

Apollo levantou uma sobrancelha.

— Esse outro assunto tem prioridade sobre o que está acontecendo no mundo? E com isso, bruxa, estou perguntando se o

pagamento foi mais elevado, considerando que paguei extraordinariamente bem pela sua ajuda, algo que não estamos recebendo muito, mas pagamos mais do que o suficiente, então, deve ser a sua prioridade.

O olhar dela fitou com firmeza o seu quando respondeu:

— Talvez o pagamento não tenha sido tão alto, entretanto, os diamantes Sjofn que recebi para fazer o trabalho que estou terminando se transformaram em um colar extraordinário, o qual eu prezo muito.

Apollo sentiu a sua paciência já em frangalhos rasgar ainda mais porque, novamente, sabia ao que a bruxa estava se referindo. Ele havia entregado a Valentine uma bolsa com diamantes de gelo Sjofn para encontrar Maddie e levá-la até ele. Também sabia que o único trabalho que ela tinha nesse mundo era o dele, algo que eles avaliaram antes de pagar, a fim de se certificarem de que teriam a atenção dela sobre esse mundo.

Algo que não estavam recebendo.

— Devo lembrá-la que o trabalho está completo. Maddie está aqui, está segura e está comigo. Estamos construindo uma vida juntos e estamos satisfeitos.

Ou, ele estava. Maddie também estava, aparentemente. Contudo, havia uma nova escuridão em seus olhos. Algo que ela não partilhava durante as conversas sussurradas após o ato sexual. Algo que a estava corroendo mais fundo, na alma.

Christophe permanecia distante. Fazia as refeições e passava algum tempo com Madeleine, Apollo e a irmã, mas deixou claro, em uma forma tranquila e rebelde, que não era da sua natureza, de que não gostava.

Isso poderia ser o que preocupava Madeleine, mas Apollo sentiu que era mais do que isso. Esses pensamentos eram preocupantes, porém, ficou alerta quando observou a normalmente imperturbável bruxa se mover sobre a cadeira com o que parecia ser agitação. Ao vê-la fazer isso, não teve um bom pressentimento, portanto, ordenou:

— Fale.

Ela suspirou delicadamente antes de declarar:

— Tenho algumas preocupações.

— Sobre?

Novamente sustentou seu olhar quando disse:

— Não consigo ver o *seu eu* do meu mundo.

Apollo soube pelo comportamento dela que aquela não era uma boa notícia.

— Isto significa? — pressionou quando Valentine não falou mais *nada*.

— Ele não pode se esconder de mim — explicou. — Ao procurar Madeleine para você, eu o vi pela primeira vez. Como ele também a estava procurando, lancei um feitiço sobre ele para que eu pudesse vê-lo quando a encontrasse e me levasse até ela. Por razões óbvias, continuei a vê-lo, mesmo depois que a encontrei. Desde que lancei o feitiço, nunca tive qualquer problema em vê-lo.

— E agora não consegue mais vê-lo.

Ela balançou a cabeça, mas continuou a encarar os olhos dele.

— Não. Para explicar o porquê isso é uma preocupação, ele não pode se esconder de mim. Mesmo se viesse a compreender, de alguma forma, que existem forças mágicas trabalhando em nosso

mundo, não conseguiria fazer por si mesmo. Precisaria de uma bruxa. — Fez uma pausa. — Uma bruxa poderosa. — Outra pausa e uma respiração profunda. — *Muito* poderosa.

Apollo não gostou para onde a conversa estava se encaminhando.

— Ele está aqui — presumiu calmamente, o estômago se contraindo, a pele formigando.

— Não faço a mínima ideia — Valentine respondeu. — Mas, passei algum tempo procurando por ele. Nunca houve um feitiço para esconder alguém que eu não conseguisse quebrar. É uma certeza de que isso não foi feito por qualquer bruxa do meu mundo. O que me leva a crer que há uma possibilidade dos nossos adversários terem descoberto a existência dele e o recrutaram.

— Para quê? — Apollo perguntou, sua voz seca.

— Qual objetivo eles têm para qualquer coisa que fazem, *chéri*?

Uma questão válida, mas sem resposta. A bruxa sabia disso e continuou falando.

— No entanto, ele é vil e mau. Deseja o mal da Madeleine e ousou dizer que, desde que arrancou a mão dele, deseja o mesmo a você. Ele pode não ter magia. Pode não ser deste mundo, mas tem motivação para fazer o mal, é hábil com isso e eles podem prometer grandes riquezas pelo seu talento.

Apollo olhou por cima do ombro dela, murmurando:

— Nós não precisamos disso.

— Não precisamos, de fato — a bruxa concordou e Apollo olhou novamente para ela. — Na minha ausência, posso lhe garantir que não fiquei vadiando, *mon loup*. Passei uma boa parte do tempo

procurando o *seu eu* do meu mundo. Também tenho estado em constante contato com Lavinia. Sei sobre o que aconteceu com Madeleine em Brunskar. Sei que são as mulheres que eles almejam. Também sei que não lançaram um encantamento no seu amigo. O belo Derrik age por sua predileção por Madeleine e sua absurda, mas definitiva, necessidade masculina de competir com outro homem, neste caso você, pelo coração dela. Seu orgulho foi ferido ao ser rapidamente substituído, da maneira como aconteceu, e começou a fazer algo para curá-lo. Sei também que ele entrou na Ilha do Espectro e o perdi de vista. No entanto, o outro homem decidiu sabiamente não o seguir até a Ilha e está retornando.

Notícias contraditórias, mas era bom saber que Derrik não estava sob algum feitiço. Contudo, se invadiu a Ilha, poderiam tê-lo capturado. Se estavam torturando o amante da Franka, Apollo não gostou nem de pensar no que fariam com um soldado. Então, não pensou nisso, pensou em uma coisa que tinha algum poder de controlar.

— Temos que nos assegurar de que todas as mulheres estejam seguras — ordenou e Valentine assentiu.

— Vou falar com Lavinia depois da nossa reunião, *chéri*. Os outros chegaram na fonte. Circe está atualmente realizando o ritual para recuperar os seus poderes. Deve estar concluído dentro de um dia, ou pouco mais. Depois que estiver concluído, minha sugestão seria a de deixar todas as mulheres juntas, para que Lavinia e eu possamos protegê-las do mal.

Apollo balançou a cabeça.

— Não acredito que Tor e Lahn permitirão que as suas mulheres fiquem longe deles. Minerva e os seus aliados estão

gastando grandes quantidades de magia na Ilha do Espectro, para protegê-la do fogo do dragão. Frey a bombardeia com seus dragões todos os dias, para que eles tenham que manter o escudo forte, o fogo de dragão é potente, então, isso não deve ser fácil para eles. Mandaram criaturas para o seu mundo, as utilizaram aqui e, talvez, tenham trazido o *outro eu* para cá. Estão gastando grandes quantidades de magia. A nossa separação do Lahn e da Circe, do Tor e da Cora, faz com que se concentrem em duas frentes.

Ela gesticulou com a mão afirmando:

— Vejo que você deseja dividir as energias e usar isso para conquistar, mas, as mulheres espalhadas também dividem as minhas energias e as da Lavinia. Se os homens vierem com elas, pois isso terá que acontecer, você terá que elaborar uma nova estratégia.

Não poderia argumentar com isso, uma vez que havia tido o mesmo pensamento, de modo que não o fez. Em vez disso, declarou:

— Frey tem se reunido com os elfos. Não está em questão se vão nos ajudar; é como farão isso que devemos decidir. Eles estão se reunindo e Frey vai encontrá-los novamente, em breve, para discutir como ajudarão.

Ela assentiu com a cabeça.

— Enquanto isso, trarei a Circe do meu mundo para cá. Quanto aos outros, levaria muito tempo para viajarem até aqui, já que estão no coração de Vale. Quanto mais tempo permanecem separados de você, da Lavinia e de mim, mesmo com Circe recuperando o seu poder pleno, temo que mais perigo estejam enfrentando. Ela tem grande poder, mas não o tem sob controle. Ele

vaza através das suas emoções e isso seria um obstáculo em vez de uma benção.

Dessa vez, foi Apollo que assentiu e se inclinou ligeiramente para frente, na cadeira, encarando o olhar dela.

— Aquela bruxa, Helda, se os dragões não quebrarem o escudo e a incinerarem, eu a quero capturada e incapacitada, diante de mim. Ela não morrerá por *nenhuma* outra mão. Ela é minha.

— Brunskar — Valentine sussurrou.

— Perfeitamente — Apollo respondeu.

Os lábios dela se curvaram de modo vagaroso e predatório que, Apollo suspeitou, muitos homens poderiam achar atraente. Homens que, ao contrário dele, em tais assuntos preferiam ser o predador.

— Conversarei com Lavinia — ela declarou. — Então, vou realizar as minhas jornadas e colocar o nosso pessoal em posição.

— Então, ficará aqui — ele ordenou, fazendo com que a bruxa exibisse outro sorriso malicioso.

— É claro, *chéri*.

Apollo permaneceu em silêncio e Valentine não disse mais *nada*, apenas ficou parada, sorrindo para ele. Como isso durou algum tempo, Apollo foi forçado a sugerir secamente:

— Seria benéfico se cuidasse disso tudo sem demora.

Sabidamente, os olhos dela se fecharam um pouco, a fim de esconder a diversão crescente, ao mesmo tempo em que se levantava e erguia as mãos. Uma névoa verde emanou imediatamente e a bruxa voltou a sua atenção ao Apollo, porém, não havia mais humor na sua expressão.

— Obrigada.

A frase o surpreendeu, sendo essa a palavra que pronunciou. Valentine fez isso, da mesma forma que o deixou perplexo.

— O que eu fiz para você, bruxa? — perguntou quando a névoa verde aumentou em torno dela.

— Não é uma coisa, *mon loup* — respondeu, o corpo já desaparecendo, os lábios se curvando. — Não expressei gratidão por mim, mas pela minha irmã.

Isso o deixou ainda mais perplexo.

— Não conheço a sua irmã — disse algo que ela já sabia.

— Nós, mulheres, somos todas irmãs — disse algo que ele não sabia e desapareceu.

Contudo, Apollo entendeu e desejou sentir satisfação ao saber que Valentine sentiu que ele deu algo para uma das suas “irmãs”, algo que merecia a gratidão dela. Só não se sentiu assim, considerando à sua maneira de agir, porque havia mais trabalho a fazer para curar a sua pomba quebrada.

Apollo precisava conversar com Madeleine, só que seria forçado a fazer isso mais tarde. Contudo, estava ficando cada vez mais impaciente com todos os “mais tarde” que eram impostos a ele. Mais tardes que significaram que não viu a sua pomba. Mais tardes que significaram que não viu o seu filho.

Agora, tinha que encontrar Frey e relatar o que acabou de acontecer. Então, precisaria dar ordens a fim de que se prepararem para ter mais pessoas em sua casa e, provavelmente, mais soldados em suas terras. Além disso, havia a questão da Franka e o próximo passo, que precisava ser intrinsecamente

planejado, o que significaria que em breve teriam que viajar até o Palácio de Inverno, para o Bitter Gales.

Entretanto, depois de falar com Frey, precisava almoçar com os seus filhos. Enviaria alguém para convocar Maddie a se juntar a eles e conversaria com ela depois. Após a conversa, talvez, ambos abordariam Christophe, cuja distância Apollo sentiu que havia ido longe demais.

Era uma pena ter que forçar esse assunto ao seu filho, mas queria Madeleine fortemente unida a ele e aos seus filhos. Queria que todos eles construíssem o relacionamento como uma família unida. Queria os seus filhos se acostumando com isso, trabalhando em direção a esse mesmo objetivo, não lutando contra demônios, sozinhos.

Diante desse pensamento, se levantou e estava contornando a mesa quando bateram na porta. Antes que pudesse dar o seu comando para a pessoa entrar, a porta se abriu e Achilles entrou, fechando-a atrás de si. Assim como Apollo, Achilles parou e antes que pudesse falar, Apollo o fez:

— A bruxa verde acabou de sair daqui, primo. Peço desculpas, mas tenho que encontrar o Frey.

— Eu estava com ele e Lavinia, que sentiu a presença dela. Vim para ver se a bruxa ainda estava com você.

— Ela foi falar com a Lavinia agora — Apollo disse.

— Frey foi até a sua esposa com a mesma missão que a minha.

— Então, devo ir até ele e explicar o que discutimos. Você tem que me acompanhar, já que também precisa saber de tudo.

— Se não for urgente, enquanto você está sozinho, gostaria de um momento antes de irmos.

Apollo observou o seu primo e perguntou:

— O que você precisa falar comigo é urgente?

— É sobre a Maddie.

Qualquer coisa sobre Maddie era urgente. Portanto, Apollo cruzou os braços sobre o peito, uma indicação de que seu primo deveria prosseguir, o que de fato fez:

— Vou começar dizendo que a minha intenção não é bisbilhotar, mas Draven me disse que Maddie e as crianças estavam se dando bem, conhecendo uns aos outros enquanto você estava fora. Ele observou que agora isso mudou, desde o seu retorno, já vi muitas vezes Maddie com Élan, mas não com Chris. Ele é seu filho, Lo. Você tem o seu jeito com ele, mas estou surpreso que ainda não tenha interferido. — Ele inclinou a cabeça para o lado e questionou, de repente: — Se posso perguntar, por que Maddie ainda está na casa anexa?

Maddie continuar a morar na casa anexa era algo que Apollo esperava que mudasse quando voltassem. Depois de passar semanas na presença dos seus filhos, ela sentiria que era apropriado se mudar para a casa principal.

Além disso, Apollo sentia que quanto mais o seu filho o visse com Madeleine, mais acostumado ficaria, ao descobrir que ela era Maddie, não a mãe dele. Também veria que ela era importante para Apollo e para sua irmã. No final, chegaria à conclusão de que

deveria abandonar o seu comportamento atual e estabelecer o seu lugar na família, que Apollo estava tentando construir.

Contudo, após a chegada, Madeleine havia se recusado a mudar, dizendo que estava claro, diante do comportamento do Christophe, que ele não estava pronto para isso e Apollo não podia discordar dela.

Ele não gostou, mas não discordou. Assim, definitivamente, estava na hora de falar com o seu filho. Além disso, havia mais de uma razão pela qual a desejava em sua casa, na sua cama, uma razão que ainda não tinha compartilhado com Madeleine.

Maddie havia compartilhado muito sobre a sua vida passada e ele só havia falado levemente sobre a dele. Ao mudar para a casa principal, teriam tempo para conversar sobre a vida dele, que estava longe de ser tão complexa e devastadora quanto a dela. Aquele tempo viria depois que tivesse tudo dela.

— Precisamente, a razão pela qual Maddie ainda está na casa anexa é porque Chris se distanciou dela — explicou. — Ela acha que as crianças devem estar confortáveis com a sua presença e conhecê-la bem, antes do nosso relacionamento ser definido para eles.

Achilles deu um passo em direção a ele e parou, dizendo:

— Acho que isso é sábio. No entanto, também acredito que o relacionamento de vocês, neste exato momento, é relativamente claro, ou tão claro quanto as suas idades permitem que seja. Élan a acha incrível e se beneficiaria muito em ter uma dama na casa que não seja uma serva. Contudo, permitir que Christophe aja dessa maneira, mesmo silenciosamente, contra o relacionamento que você

está construindo com a mulher com a qual pretende se casar, pode não ser sensato.

— Concordo. Desse modo, Madeleine e eu vamos conversar com ele hoje à tarde.

Achilles assentiu, mas o seu olhar se tornou intenso.

— Trago isso à tona, Lo, não só devido ao que Draven compartilhou sobre Chris, mas também porque Alek trouxe fofocas da aldeia.

— Maldição — Apollo murmurou, sabendo exatamente o que os aldeões estavam dizendo, sem precisar que essa informação fosse transmitida.

— Agora, sabem abertamente que você pretende se casar com ela. No entanto, acomodá-la na casa anexa trouxe à tona uma especulação que, tenho certeza, não vai surpreendê-lo, mas, não seria bom para você se Maddie ouvisse isso, sem que estivesse no contexto.

Apollo ficou impaciente com aquela discussão e repetiu:

— Como eu disse, vou lidar com essas questões em breve, Lees.

O olhar do Achilles não mostrou tranquilidade, mostrou o contrário quando perguntou:

— Maddie está bem?

Apollo lançou um olhar para ele antes de suspirar, apoiar a mão nas costas de uma cadeira na frente da sua mesa e dizer:

— Você é muito observador.

Achilles deu um pequeno sorriso.

— Você normalmente acha isso uma benção.

Ele achava. Já que Achilles sabia, não confirmou. Em vez disso, respondeu:

— Estou incerto se me sinto confortável com a atenção que está dedicando à Maddie.

O sorriso do Achilles sumiu.

— Você não pode estar pens...

Apollo o interrompeu.

— Claro que não. Posso lidar com os meus assuntos românticos, Lees.

— Estou ciente disso — Achilles respondeu instantaneamente. — Mas, você se recuperou rapidamente. *Muito* rapidamente. Maddie está em perigo. — A expressão dele mudou e Apollo se preparou ao testemunhar isso. — Você sofreu uma perda considerável, Lo.

— Posso ter seguido em frente em relação a isso, primo, mas me lembro de tudo — Apollo disse a ele.

— Ela está conversando com você? — Achilles perguntou baixinho.

— Sim — respondeu Apollo.

— Você está conversando com ela? — Achilles pressionou.

Apollo se endireitou e mais uma vez cruzou os braços sobre o peito.

— Este é o ponto onde vou colocar um fim na sua curiosidade.

Achilles o ignorou e continuou.

— Maddie parece forte, surpreendentemente forte, depois de tudo o que sofreu. Draven falou que ela se recuperou do ataque

muito rapidamente. No entanto, desde a sua chegada em casa, não consigo deixar de achar que alguma coisa mudou.

— Mais uma vez, repito que vou lidar com essas questões em breve, Lees. Também que essa hora chegaria muito mais cedo se pudéssemos terminar esta conversa.

Achilles o observou e Apollo permitiu, durante três segundos. Então, descruzou os braços e se moveu em direção ao primo, afirmando:

— Vamos. Vamos encontrar o Frey.

Apollo parou quando Achilles colocou a mão em seu ombro, no momento em que passaria por ele.

— Nós vivemos agora com muitas incertezas — seu primo falou baixinho. — Para você, Maddie, seus filhos, uma incerteza a menos seria importante, a solidez da sua família seria benéfica. Especialmente para Maddie, pois isso é algo que ela nunca conheceu. Maddie está se adaptando a um lugar que é totalmente estranho para ela e está se saindo bem. — Seus lábios se curvaram. — Ela está se adaptando a você e está indo bem, também. Mas, depois de tudo o que ocorreu, desde Vasterhague até Brunskar, ela está bastante ciente dos perigos que estão à espreita. Maddie viveu muito tempo com perigos à espreita, primo. Uma base como essa, só posso supor, vai percorrer um longo caminho para fazê-la se sentir segura durante os tempos difíceis.

Apollo ergueu as sobrancelhas.

— Um mês atrás você achou que tudo estava indo muito rápido. Agora está me aconselhando a acelerar as coisas?

— Um mês atrás, vocês tinham essencialmente acabado de se conhecer. Agora, já a vi sorrindo para você. Vi você fazê-la rir. Eu

a vi fazer o mesmo por você. Vi como ela é com a Élan. Maddie não esconde, nem um pouco, o quão profundamente se importa com você, primo. Com os seus filhos. Todos vocês perderam muito e é uma coisa bonita vê-los juntos.

Diante das palavras dele, palavras que gostou, Apollo suspirou. Em seguida, compartilhou:

— Maddie sabe que quero me casar com ela, Lees. Ela quer se conhecer melhor antes de permitir que isso aconteça.

Achilles tirou a mão do ombro do Apollo, o cenho se franzindo.

— Como uma pessoa pode não conhecer a si mesma?

— Não tenho a mínima ideia — Apollo respondeu, balançando a cabeça. — Maddie explicou isso. Fez sentido no momento. Ou, mais precisamente, o que fez sentido foi a emoção que senti por trás das palavras que disse, as quais não faziam sentido. No entanto, faziam para ela, que queria muito dizê-las. O que entendi é que ela precisa de tempo e estou dando a ela.

— Isto não é característico de você, primo — Achilles comentou.

Apollo sustentou o seu olhar quando respondeu com firmeza:

— Sou um homem apaixonado. Fazemos muitas coisas atípicas.

Ele observou surpresa tomar as feições do seu primo, antes do calor inundá-las.

— Isto me deixa feliz — falou baixinho.

Apollo sorriu para ele.

— Me sinto feliz também. — Achilles retribuiu o sorriso.

— Obviamente.

Apollo não respondeu, então Achilles disse:

— Agora, não vou mais atrasá-lo. Assim você poderá resolver essas questões importantes.

— Por que acho que você não está se referindo a eu falar com Frey?

— Porque nada é mais importante do que a busca pela felicidade.

Mais uma coisa com a qual Apollo não podia argumentar. No entanto, tinham outro assunto para discutir e, infelizmente, ele os deixava fora das discussões sobre a busca pela felicidade.

— Uma coisa importante que a bruxa compartilhou comigo é que ela não conseguiu localizar o meu gêmeo do outro mundo.

O calor fugiu do rosto do Achilles e seus olhos voltaram a ser afiados.

— Não parecem boas notícias, Lo — observou ele.

— Não acredito que sejam, nem Valentine, que presume que ele está escondido pelo nosso inimigo neste mundo, que foi trazido por eles a fim de fazer o mal.

— Como permanecemos em Lunwyn, com Frey aqui, os dragões e os elfos sob o comando dele, Lavinia e a bruxa verde, ambas fornecendo as suas habilidades, eles podem estar buscando meios *não mágicos* para trazer prejuízos para Maddie e as outras mulheres.

— Precisamente — Apollo concordou. — Esse *outro eu* provou irrevogavelmente que não tem *nenhum* problema em causar danos à Maddie. Portanto, a qualquer outra mulher.

— Aumentarei a guarda na casa anexa e sobre ela — Achilles declarou.

— Também em Loretta, Meeta e Cristiana. Elas significam muito para Maddie. Se o nosso inimigo conseguir chegar até elas, podem ser usadas para causar danos à Madeleine.

— Feito — Achilles afirmou. — Providenciarei isso antes de acompanhá-lo até o Frey.

Apollo ergueu o queixo, Achilles retribuiu o gesto e finalmente se moveram até a porta.

* * * * *

Uma hora depois, Apollo entrou em seu escritório, onde foi dito a Maddie para esperá-lo, a fim de levá-la para almoçar com seus filhos. Ao entrar, descobriu que ela estava realmente lá, parada ao lado da janela, por algum motivo, espiando pelas cortinas abertas como se as estivesse usando para se esconder.

O que quer que Maddie estivesse olhando, tinha a sua total atenção. Sabia disso porque ela não sentiu a sua presença e, portanto, não se virou para cumprimentá-lo. Dessa forma, enquanto se aproximava, reparou no vestido dela, que era quase do mesmo tom de verde profundo do vestido da Valentine. Contudo, o dela era de malha, cobrindo-a do pescoço até as pontas das botas.

Os cabelos extraordinários estavam soltos, mas a frente e as laterais haviam sido puxadas para fora do seu rosto e presas em cachos macios na parte de trás da sua cabeça. O vestido abraçava a parte superior do corpo magnificamente até a cintura, onde escoava até a saia. Contudo, até mesmo a saia era colada ao seu corpo, especificamente, nos quadris e na bunda, fazia isso de uma maneira sedutora, que trouxe à sua mente o fato de que precisava pedir que

instalassem um espelho em seu quarto. Ou no dela, se escolhesse permanecer na casa anexa por mais tempo.

Poderiam levá-lo para o seu, quando ela se mudasse, mas queria que Maddie visse a si mesma enquanto ele estava olhando para sua bunda, algo que ele apreciou bastante, mas apreciou mais ainda porque ela claramente gostou.

Na verdade, poderiam fazer muitas coisas com um espelho e ambos queriam isso. Diante desses pensamentos, se aproximou das suas costas e a sentiu ter um sobressalto quando deslizou as mãos ao longo das suas costelas. Madeleine virou o pescoço para olhar para ele, que sorriu para ela.

— Olá, minha pomba — cumprimentou.

Sua mão deslizou para o rosto dele, o dedo estendido sobre os seus lábios quando sussurrou:

— *Shh!* — Então, se virou novamente para olhar para fora.

Sentiu as sobrancelhas se erguerem enquanto movia o olhar até a janela. Então, sentiu os lábios se curvarem quando viu Hans falando com Loretta lá fora, na neve, ao lado da casa.

Hans estava muito próximo da criada e Loretta não gostou disso, estava recuando. Logo depois, Hans tinha um braço em volta da sua cintura, puxando-a para o seu lado, assim como tinha o pescoço inclinado, para poder levar o seu rosto para perto do dela.

— Eles mal podem nos ouvir, papoula — Apollo apontou, ainda olhando pela janela.

— Estou me concentrando — ela disse.

— Em quê? — perguntou.

— Em ler os lábios do Hans.

Isso o surpreendeu tanto que ele desviou o olhar para o topo da sua cabeça.

— Você consegue ler lábios?

— Não! — Ela retrucou, impaciente, sem tirar os olhos da janela. — É por isso que você tem que se calar, para que eu possa me concentrar.

Seu corpo tremia com a risada enquanto ele puxava o seu corpo, que resistia, para os braços.

— Lo! Estou perdendo isso — falou um pouco irritada quando ele a colocou de frente.

— Talvez devêssemos deixar o que vai acontecer sem uma audiência — ele sugeriu.

— Se fizermos isso, como apresentarei um relatório para Finnie, Meeta e Bella?

— Você só precisa perguntar para Loretta o que ocorreu, quando tiver essa oportunidade.

Sua expressão mudou para frustração quando compartilhou:

— Ela está de boca fechada sobre a coisa toda.

Apollo novamente foi surpreendido.

— Pensei que vocês, mulheres, falavam sobre essas coisas livremente — observou e fitou os olhos semicerrados.

— Nós, *mulheres*, somos muitas em número, Apollo. Algumas falam, outras como a Loretta, *não*.

Apollo sorriu para ela.

— Tudo bem. Então, talvez devesse permitir que ela compartilhe ou não, como desejar.

— O que há de divertido nisso?

Madeleine o tinha pegado nisso e ele não tinha resposta. Ao contrário, mudou de assunto.

— Como está o ferimento dela?

Tanto sentiu quanto ouviu o profundo suspiro enquanto Maddie cedia à sua demanda em deixar o seu homem e a criada dela sozinhos, algo que não teve outra escolha a não ser fazer com o abraço que ele dava nela e sabia disso. Em seguida, ela respondeu:

— Está cicatrizando bem.

— Ela está se recuperando do incidente?

Seus olhos deslizaram para o ombro dele quando respondeu:

— Isso talvez não esteja cicatrizando tão bem.

— Aquilo a assustou bastante — Apollo deduziu e o seu olhar voltou para ele.

— Assustaria qualquer um, Lo — observou. — Aquelas coisas eram *arrepiantes* e havia *muitas delas*.

Não precisava ser lembrado da Maddie e as suas criadas lá fora, na neve, com um monte de coisas “arrepiantes”. Infelizmente, foi lembrado e estavam falando sobre isso, como deveriam fazer, já que evitar esses assuntos nunca é saudável. Portanto, apontou:

— Ela foi até a floresta por vontade própria, papoula.

— Foi — Maddie concordou. — Mas aquela merda foi extrema.

Nunca ouviu ninguém usar essa expressão, nem mesmo a Maddie. Mesmo assim, entendeu.

— Então, vamos esperar que Hans possa chegar até ela. Se alguém entende de *merda extrema*, é o Hans.

— Bem observado — ela murmurou, o olhar agora se movendo sobre o seu ombro enquanto se virava um pouco nos

braços dele, a fim de olhar novamente para fora da janela. — Vou ter que mencionar isso a ela.

— Eu permitiria que Hans tentasse romper a barreira, Madeleine — aconselhou.

Ela olhou novamente para Apollo, os olhos arregalados.

— Você é louco?

— Não — ele apontou o óbvio.

— Eu tenho que me meter. É meu dever fraternal.

Apollo estava ainda mais surpreso com outra referência à irmandade, até agora desconhecida, das mulheres. Por outro lado, tinha visto isso funcionar na noite em que Loretta e Meeta saíram no frio, fortemente armadas, fazendo isso baseadas no conhecimento duvidoso, que eventualmente ficou provado estar correto, de que Maddie poderia precisar delas. Contudo, o conhecimento de haver uma irmandade entre as mulheres, estava longe de ser desagradável em tempos como aqueles.

— Antes de irmos almoçar, temos coisas a discutir — Apollo falou.

Os olhos dela se moveram sobre o seu rosto antes de encarar os dele e Maddie se acomodou em seus braços, se apoiando nele e erguendo as mãos para apoiá-las levemente nos seus bíceps.

— O que precisamos discutir? — perguntou.

— Depois do almoço com as crianças, gostaria que permanecesse aqui para podermos conversar.

— Nós estamos conversando agora — ela observou.

— Precisamos de tempo e privacidade, minha papoula. Eu deixaria para mais tarde, quando voltasse para a casa anexa hoje à noite, após o jantar, mas é importante.

Seu corpo enrijeceu ligeiramente nos braços dele quando perguntou:

— Sobre o que vamos conversar?

— Entre outras coisas, quando você se mudará para cá — disse a ela e seu corpo enrijeceu um pouco mais.

— Apollo...

Ele a interrompeu.

— E depois da nossa conversa, falaremos com Christophe sobre continuar se mantendo afastado.

Diante disso, o seu corpo relaxou e ele sabia o que aquilo significava.

— Acho que você concorda que é hora de confrontá-lo sobre isso — ele observou.

— Sim — Maddie respondeu. — Embora não tenha certeza se devo estar lá.

Ele balançou a cabeça.

— No futuro, se houver questões que precisarão ser discutidas, fora aquelas que tratadas de homem para homem, você estará presente. Ele tem que aprender a se acostumar e é melhor fazer isso agora.

Madeleine inclinou a cabeça para o lado, seu olhar ficou desfocado e ela mordeu o lábio. Apollo deu um aperto e ela, mais vez, olhou para ele.

— Você discorda?

Hesitante, disse:

— Não exatamente. Só acho que a minha presença nessa discussão em particular pode não ser uma coisa boa.

— Explique — Apollo pediu.

— Não posso — ela rebateu. — Não sou um garoto que perdeu a mãe e se depara com outra mulher na sua vida que parece exatamente como ela, mas não é ela. Não sei o que o Chris está sentindo. Só sei que sou *eu* que o está fazendo sentir isso. — Maddie se aninhou mais ainda contra ele e ficou na ponta dos pés. — Embora eu concorde plenamente que o assunto tem que ser discutido, acho que você, especialmente você, Lo, precisa ser sensível a tudo isso. Me causa dor causar dor nos outros, nas pessoas que conheciam e amavam Ilsa. Me causa ainda mais dor fazer isso com o Chris e prefiro não o fazer. Em vez disso, prefiro ofertar a minha companhia quando ele quiser, não quando for pressionado sobre isso.

Ao ouvi-la, permitindo que as suas palavras o penetrassem, observou o rosto requintado, as adoráveis sardas que salpicavam o seu nariz, sardas que se tornavam mais pronunciadas quando ela passava algum tempo ao ar livre. Apollo esperava que tivessem uma filha a quem ela concedesse essas sardas, assim como os seus cabelos e aqueles olhos notáveis.

Sem mencionar o seu senso de humor. Sua bravura. Seu espírito de luta. Seu raciocínio rápido. Sua lealdade e sua vocação em nunca desistir, mesmo quando as chances estavam contra ela. Para comunicar tudo isso, quando ela terminou de falar, Apollo a puxou mais para os seus braços, abaixou o rosto para perto do dela e sussurrou:

— Você será uma mãe maravilhosa.

Distraidamente, sentiu o corpo dela inteiro enrijecer enquanto o rosto congelava. Foi distraidamente que observou ambos, porque Bella entrou correndo no aposento e falou quase gritando:

— Senhor Apollo!

Ele se virou, ainda segurando Maddie nos braços, mas foi Apollo que ficou parado como uma pedra quando olhou para o rosto da Bella.

— Ele se foi! — Bella gritou.

Apollo abaixou um braço, mas segurou o corpo tenso da Madeleine ao seu lado quando se virou totalmente para a babá das crianças.

— Explique, Bella — ele vociferou, as palavras ásperas e abrasivas enquanto atravessavam a sua garganta.

— Chris! — a babá exclamou e o peito do Apollo se contraiu quando sentiu a mão de Maddie subir e agarrar o suéter na altura do seu estômago. — O tutor disse que saiu para atender ao chamado da natureza e quando fui até lá, buscá-los para o almoço, Chris ainda não havia retornado. — Balançou a cabeça freneticamente de um lado para o outro e levantou as mãos em um gesto de impotência, que fez cada centímetro da pele do Apollo parecer que tinha toxina queimando dentro dela. — Já faz algum tempo desde que deixou a sala de estudo. Procuramos em todos os lugares e não conseguimos encontrá-lo.

— *Oh*, meu Deus — Maddie sussurrou e Apollo se moveu.

Apollo se afastou, se virou para ela, se inclinou e usou um dedo para erguer um pouco o rosto dela.

— Não saia desta casa — ordenou.

— Ok, querido — concordou imediatamente.

— Por motivo algum, Madeleine — ele a interrompeu.

— Ok — ela repetiu. — *Vá* — sussurrou, o coração na garganta tornando a sua voz rouca, os olhos brilhando por causa do

medo.

Apollo se virou e caminhou até a porta enquanto ordenava à Bella:

— Envie um homem até a casa anexa com ordens para trazer Cristiana e Meeta para cá. Faça Hans trazer a Loretta para dentro.

— Sim, senhor — a babá respondeu e saiu correndo do escritório, logo depois dele.

Contudo, não olhou para ver aonde ela tinha ido. Não olhou novamente para Madeleine. Moveu-se com o propósito de encontrar os seus homens, dar ordens e encontrar o seu filho em seguida.

* * * * *

Apollo, montado em Torment, avançou pela floresta em um galope pleno, tão rápido que conseguia sentir a capa esvoaçando atrás dele. Estava guiando o cavalo com os olhos pregados nas trilhas na neve, mas deixou a sua montaria evitar as árvores e os galhos baixos.

Havia dois conjuntos de pequenas pegadas. Dois conjuntos de pequenas pegadas que mostravam que, a menos que Christophe tivesse sido sequestrado por um anão, ele tinha fugido com Nathaniel. Se Chris havia feito isso, uma vez que o encontrasse, abraçaria o seu filho e daria uns tapas na sua bunda.

Como se sentisse que esses eram os seus pensamentos, ouviu Achilles falar atrás dele:

— Fique calmo, Lo.

Conselho fácil de dar sem ter um filho nessas horas... ou *nunca*. Um aconselho que não poderia, ou iria aceitar.

— Apollo! — Ouviu Frey gritar, também atrás dele, os dois sendo escolhidos por Apollo para procurar junto com ele enquanto os homens se separavam, a fim de cobrir mais terreno.

Não foi sorte, foi pela excelente qualidade em rastreamento que notaram, bem perto da casa, como os meninos varreram a neve para esconder os seus rastros. Eles seguiram a trilha bem disfarçada, mas não bem o suficiente. Em seguida, viram onde os garotos pensaram que estavam a uma distância segura e pararam de se preocupar em esconder os seus rastros.

Diante do grito do Frey, desviou os olhos da neve e viu o que estava se aproximando deles. Era um cavalo e sobre ele estava um homem que não parecia acostumado a montar um cavalo em uma floresta congelada. Em vez disso, pareceria perfeitamente em casa no convés de um navio.

Isso porque era o homem que ensinou ao Frey tudo o que ele sabia sobre navios. O homem que *agora* era o primeiro-comandante dos navios do Frey. Um homem que dominava a arte de ficar com raiva. Kell.

O cavalo do Kell estava arrastando um trenó estreito e, precariamente no topo da carga, estava Nathaniel. Na frente do Kell, sobre o cavalo, estava Christophe. Refreando o medo que tinha se transformado em raiva, Apollo freou Torment e sentiu Frey e Achilles pararem, um de cada lado.

Kell se aproximou e parou o cavalo e o trenó próximo dos homens e sem uma saudação olhou diretamente para Apollo e

gritou:

— Encontrei estes dois montando a barraca e tentando acender uma fogueira. Já que eu não acreditei que você quisesse que o seu menino e quem quer que seja o outro garoto — virou a cabeça para indicar Nathaniel atrás dele — virassem comida de urso, os convenci a vir comigo.

Diante do olhar rebelde no rosto do seu filho e do aterrorizado no rosto do Nathaniel enquanto ele olhava para o Chefe da Casa, na qual foi empregado, Apollo imaginou, brevemente, como Kell os convenceu de algo, mas não teve oportunidade de perguntar, porque Frey falou:

— Os ursos estão hibernando, Kell.

— Sim — Kell assentiu. — Verdade, mas acho que sairiam desse estado por um bocado de carne macia de menino.

Apollo viu o seu filho ficar pálido e descobriu como Kell o convenceu a ir com ele. Usou os calcanhares para cutucar Torment e seu cavalo o levou até o lado da montaria do Kell.

— Coloque-o no chão — ordenou.

Kell deu uma olhada no rosto tenso do Apollo, em seguida, o olhou de cima a baixo. Apollo soube o que ele viu quando disse:

— Farei isso depois que me falar sobre a sua posição em relação a punição corporal.

Apollo o encarou com uma carranca.

— Coloque. Ele. No. *Chão*.

Kell sustentou o olhar irritado por um momento antes de o desviar para Frey e, finalmente, deslizar Christophe para o chão. No minuto em que Apollo ouviu o ruído das botas dele no chão, o couro de sela rangeu quando desmontou.

Apollo colocou a mão no ombro do menino e o levou para longe dos cavalos, até as árvores. Sentiu os músculos tensos do seu filho e viu o rosto determinado, mas quando Apollo parou, Christophe não hesitou em inclinar a cabeça para trás e olhar bem nos olhos do seu pai. Então, sentiu orgulho, assim como raiva. *Diabos.*

Apollo respirou fundo e soltou o ar antes de falar baixo:

— Você está bem consciente de que existem perigos.

Os olhos do Christophe brilharam, mas ele não disse *nada*. Apollo não fez o mesmo.

— Assim, estava bem consciente de que a notícia de estar desaparecido causaria pânico e angústia.

Viu seu filho engolir em seco, mas ele permaneceu em silêncio.

— Bella estava fora de si — Apollo disse a ele e, diante disso, seu filho desviou o olhar. — Olhe para mim, Chris. — Christophe olhou novamente para ele. — A notícia do seu desaparecimento foi mantida em segredo da sua irmã. Mas, se isso não tivesse

acontecido, se ela fosse a primeira pessoa a descobrir que você havia sumido, como acha que ela se sentiria?

Finalmente, ele falou.

— Bella nos disse que ela almoçaria com a gente.

— Ela? — Apollo observou Christophe cerrar os dentes, mas não respondeu. — Então, você nem diz o nome da Maddie agora? — perguntou.

Christophe olhou para o lado.

— Olhe para mim, filho — Apollo ordenou apertando o seu ombro e Christophe olhou para ele. — Por que você fugiu? — perguntou.

— Eu não queria ficar perto dela.

— Por que você fugiu? — Apollo insistiu.

— Eu só não queria ficar perto dela.

— E você fugiu, em vez de discutir isso comigo?

Seus lábios se torceram em um meio-sorriso de escárnio quando afirmou:

— Você quer ficar perto dela.

— Eu quero — Apollo concordou. — Ela me faz rir. Ela me faz feliz. Ela....

— Ela faz tudo isso porque se parece com a minha mãe — Chris deixou escapar.

Apollo respirou fundo outra vez e soltou a respiração, só então falou:

— Você sabe que não é verdade.

— Não é? — perguntou, a voz do seu filho cheia de sarcasmo. — Como?

— Você passou algum tempo com Maddie. Você está bem ciente de que ela não é a sua mãe.

— Sim. Eu estou *muito* ciente disso, pai. Você está?

Sua mão apertou novamente o ombro do Christophe, mas ela fez isso involuntariamente dessa vez.

Pelos deuses. Aquela tristeza. Aquela raiva. Apollo havia se enganado. Não deveria ter deixado aquilo prosseguir por tanto tempo e olhou nos olhos do Christophe.

— Sim, filho — sussurrou. — Estou muito ciente disso. Estou muito consciente de que a perda de sua mãe foi sentida como se metade da minha alma tivesse sido arrancada. Estou muito consciente de que os únicos momentos que me deram alegria desde que ela partiu, foram os momentos que passei com sua irmã e com você. Estou muito consciente de que fiquei tão acostumado a me sentir triste que perdi a esperança de me sentir assim novamente, da maneira como só sua mãe me fazia sentir. Também estou muito ciente de que, no início, senti algo muito parecido ao que você sente. Senti raiva pela Madeleine ser tão parecida com a sua mãe e não ser ela. Essa raiva veio depois de eu ter esperança, embora soubesse que era errado, talvez até mesmo cruel, esperar isso da Maddie, que ela poderia ser a sua mãe retornando. Eu tratei Madeleine com essa mesma raiva quando descobri que não era.

Apollo viu o *flash* de alívio brilhar nos olhos do seu filho, alívio pelo pai o compreender e, em um mundo perfeito, Apollo deixaria por isso mesmo, mas esse não era um mundo perfeito. Era um

mundo complicado e era dever do Apollo orientar o seu filho para aprender a navegar nele. Assim, seguiu em frente:

— No entanto, uma vez que passei algum tempo com ela, sem essas expectativas, ficou claro que Madeleine não é a sua mãe e ela fez várias coisas que me trouxeram alegria. Fez muitas coisas que me deixaram irritado. Fez várias coisas para me levar a refletir. Fez várias coisas que me fizeram querer mantê-la segura. Fez muitas coisas que me fizeram *sentir*.

Ele viu o rosto do seu filho ficar vermelho, pelo aumento da raiva ou outra emoção, Apollo não sabia, mas não parou.

— Sua irmã não conheceu a mãe. Contudo, se você tem prestado atenção, Chris, sei que você presta muita atenção, deve ter visto que Maddie faz muitas coisas que trazem alegria à sua irmã.

— Mamãe era uma mãe melhor — afirmou com rebeldia. — Élan nunca vai saber. Élan nunca vai saber quão boa a mãe era.

Quanta tristeza. Deuses. Ele tinha estado muito enganado.

— Não — Apollo sussurrou. — Você está correto. Sua mãe era uma mãe melhor porque você era dela e ela era sua. Não há, nunca, uma mãe melhor do que a sua própria. Sua irmã nunca entenderá isso, o que é uma tragédia que ambos conhecemos bem. Mas, por que não permitir que eu receba o que a Maddie me dá, não permitir que sua irmã receba o que Maddie pode dar a ela, se permitir receber o que ela tanto quer te oferecer, mesmo que não seja a mesma coisa, mesmo que não seja tão bom, simplesmente porque você merece isso e ela merece o privilégio de te dar isso?

— Você age como se fosse melhor do que o que mamãe poderia dar.

Ainda estava sussurrando quando respondeu.

— Eu nunca fiz tal coisa.

Christophe novamente olhou para o lado e não disse *nada*. Apollo não o forçou a olhar para ele novamente. Em vez disso, moveu a mão para envolver os dedos ao redor da lateral do pescoço do seu filho e se abaixou, apoiando um joelho na neve.

— Você é o meu homenzinho — disse baixinho e Christophe não olhou para o pai, mas engoliu em seco. — Eu esqueço — Apollo continuou — que você é o meu homenzinho. Tão corajoso, forte, adulto, esqueço que você ainda é o meu menino.

Apollo viu os seus lábios tremerem, aquela visão o ferindo profundamente na alma, mas continuou falando.

— Eu estava errado. Sabia que havia algo errado. Percebi que você estava reticente. Entendi o porquê, Chris, vendo a Maddie vestida com as cores da nossa Casa, pronta para tomar o seu lugar ao meu lado. Algo do qual você lembrava da sua mãe e eu fazermos.

Diante disso, Christophe encarou os olhos do seu pai e havia raiva neles, desafio. Principalmente, dor. Apollo entendeu essa dor e deu algum aperto.

— Eu estava enganado — repetiu. — Enganado ao pensar que o meu homenzinho poderia trabalhar através dessa mágoa e ver as coisas como elas são, a felicidade que sua irmã e eu temos com Madeleine em nossas vidas. A felicidade que você poderia ter ao recebê-la na sua. Esqueci que você ainda é o meu menino. Sendo assim, eu deveria cuidar de você.

— Eu não sou um menino — Christophe vociferou.

— Não, você não é, embora ainda seja. Meu filho — Apollo se inclinou para ele, assim como puxou Christophe tão para perto que estavam quase nariz contra nariz, os olhos firmemente presos nos do seu filho —, até que você seja pai, não entenderá isso. Mas, eu estava errado em outra coisa e isso é o que eu *quero*, que você seja o meu menino por tanto tempo quanto puder ser. Vou ter décadas vendo você ser um homem. Agora, preciso valorizar essa época enquanto é o meu menino e cuidar de você como um pai deveria. No tempo em que você for um menino, farei isso. Vou corrigir esses erros e, de agora em diante, cuidarei de você.

— Isso significa que você vai mandá-la embora? — perguntou Christophe, o tom da voz *nada* parecido com qualquer coisa que Apollo tivesse ouvido dele. Era feio.

— É isso o que você quer? — perguntou. — Que eu fique sozinho de novo? Que a sua irmã perca o contato com uma mulher?

— Élan tem Bella — Christophe retrucou.

— De fato — Apollo confirmou. — O que vai restar para mim?

Christophe cerrou os dentes, mas Apollo não desistiu, pois não poderia fazer isso. Ele amava seu filho e estava apaixonado por Madeleine.

— O que vai restar para Maddie? — pressionou. — Eu tenho você. Élan. Achilles. Draven. Como você sabe, essa lista é bem grande. Se fosse enviar Maddie para longe como você deseja, o que ela teria?

Christophe sabia a resposta para isso, mas em vez de falar em voz alta, deslizou os olhos para longe.

— Não sei como curar a sua mágoa, pois mesmo tendo Maddie, ainda choro por sua mãe — Apollo disse gentilmente. — Eu sinto por minha causa e sinto por você e pela sua irmã. Assim, sei que isso dói e nunca vai se apagar completamente. O que também sei é que perdemos a sua mãe, mas ainda vivemos. A única maneira de *viver* é encontrando tanto riso e felicidade ao longo do caminho quanto for possível.

Christophe manteve os olhos afastados e Apollo sabia que era muita coisa para ele lidar *agora*, na neve fria, enquanto os homens estavam lá fora procurando pelo seu filho e muitos estavam preocupados.

— Conversaremos mais quando estivermos em casa e aqueles que estão preocupados souberem que você está seguro.

Christophe finalmente olhou para ele.

— Vou voltar com o Lees.

Apollo sofreu outro baque e balançou a cabeça.

— Você vai voltar com o seu pai.

Christophe cerrou os dentes, mas não disse mais *nada*. Apollo levantou da neve e se moveu para Torment, guiando Christophe junto a ele com a mão em seu ombro. Achilles, Frey, Kell e Nathaniel assistiram em silêncio enquanto ele montava, se inclinava e puxava o filho para montar na frente dele.

Christophe montou rigidamente, claramente tentando ficar o mais longe possível do seu pai. Sem dizer uma palavra, Apollo

colocou Torment em um galope, cavalcando na frente dos homens que, silenciosamente, os seguiu, desejando estar em casa para aliviar as preocupações, especialmente da Maddie.

Ele fez isso com a própria mente em tumulto.

O estrategista da Rainha, o comandante dos soldados dela, enquanto os seus pensamentos perseguiam um ao outro através do seu cérebro, não poderia elaborar uma estratégia para ajudar o próprio filho a lidar com a sua dor e sofrimento. Tinha esperado muito dele, mas isso não era culpa do Christophe. Foi um erro do Apollo.

Madeleine era parecida com a mãe dele e Christophe ainda não tinha alcançado os dois dígitos. Não processaria as diferenças entre as duas mulheres como um adulto faria. Ele iria se ressentir e Apollo soube no instante em que explicou a existência da Maddie, meses atrás, quando Chris ficou desconfortável com isso.

Deveria ter prestado atenção e planejado como ir para a batalha quando os demônios surgissem. Devia isso ao seu filho e esses pensamentos o assaltavam enquanto a sua atenção estava voltada para a abertura na floresta à frente deles.

Quando chegavam na casa, Frey grunhiu:

— Maldição.

Apollo sabia o porquê Frey estava irritado. Finnie estava em cima de um cavalo, galopando em direção a ele. Frey cravou os saltos no cavalo e disparou para a frente, trovejando:

— Esposa! Eu te disse....

— Maddie! — ela gritou, interrompendo o marido, os olhos virados não para ele, mas para Apollo, seu cavalo a pleno galope, a levando na direção deles. — Maddie se foi!

Mesmo sentindo seu filho fazer o mesmo, Apollo ficou completamente imóvel e só freou no último minuto, quando Finnie puxou para trás suas próprias rédeas tão rapidamente que o cavalo girou embaixo dela.

Finnie virou a cabeça para manter os olhos sobre Apollo enquanto continuava a dar a notícia terrível.

— Nós viramos a casa de cabeça para baixo e os homens foram até a casa anexa. — Finalmente conseguiu parar o cavalo e seus olhos ainda estavam no Apollo. — Ruben encontrou dois conjuntos de pegadas, ambas, disse ele, do sexo feminino, levando para longe da casa. As mulheres na casa não foram contabilizadas, por isso, não sei ao certo quem está com ela. Mas, as pegadas sumiram abruptamente e não há mais *nenhum* outro sinal.

Ela respirou fundo, os olhos arregalados e preocupados, antes de terminar em um sussurro, suas palavras acertando mais um golpe direto na alma do Apollo.

— Ela desapareceu.

Capítulo 25

Fodida. Completamente

Algo não estava certo.

Esse algo que não estava certo não era o fato de que, trinta minutos atrás, Cora, a Benévola, me surpreendeu *pra* caralho ao aparecer no escritório do Apollo, me dizendo que ela e o príncipe Noctorno estavam cavalgando para Karsvall e encontraram um menino que Noctorno sabia ser o filho do Apollo.

Ele disse que esse menino se recusava a sair de onde estava quando encontrou com eles, escondido no tronco de uma árvore. Quer dizer, se recusava a sair a menos que ele me visse. A casa estava em desordem, as pessoas estavam apavoradas, a maioria dos homens estava à procura do Chris e eu estava sozinha no escritório, me preocupando e desejando poder fazer alguma coisa.

Isso era algo que eu poderia fazer.

Sem falar que essa era Cora, a Benévola. Uma mulher do meu povo. Uma das mulheres dos quatro casais unidos através dos mundos. Uma de nós. Além disso, não podemos esquecer, eu estava assustada demais. Chris havia sumido e, com os inimigos que tínhamos, isso poderia significar qualquer coisa.

Nada disso era bom. A maior parte disso tudo *realmente* não era boa. Então, a segui enquanto ela dizia que o príncipe Noctorno estava com Chris. Avaliando Cora, a Benévola, eu sabia que era ela. Havia visto jornais em Hawkvale, até mesmo em Lunwyn, que tinham desenhos feitos à pena, que foram impressos ao lado de

artigos que descreviam o que ela vestia em algum baile ou quando praticava uma boa ação, como visitar um hospital infantil.

O motivo de ela estar lá com o Tor, sem que soubéssemos que estavam indo, eu não sabia. Por outro lado, Finnie e Frey apareceram sem aviso, então, talvez o pássaro enviado com a mensagem que eles estavam a caminho levou um tiro, para servir de jantar para alguém ou algo assim.

Enquanto a seguia, seguia *e seguia* para dentro da floresta que rodeava Karsvall, preocupada por entrar em uma zona que não estava protegida pelas bruxas do Apollo, comecei a perceber que as coisas não estavam bem. Primeiramente, se pensasse sobre isso — o que não tinha feito — o fato de ela mencionar o Príncipe Nocturno repetidamente e o ter feito dessa maneira, era estranho.

Ela o chamou de *Príncipe Nocturno*.

Agora, eu não conhecia *nenhum* aristocrata de Vale e talvez estivesse errada, mas o *cara* era o seu marido e ela era do meu mundo. Eu não conseguia imaginar que Cora chamasse o marido de Príncipe Nocturno, a menos que estivesse em alguma função oficial. Na verdade, não conseguia sequer imaginá-la fazendo isso. Nunca havia estado em um evento oficial com o Apollo, mas não conseguia me imaginar chamando-o de nada além de Apollo, mesmo na frente dos servos, como ele me chamava de Lady Ulfr ou Senhora Madeleine para eles.

Isso era outra coisa. Ela era do meu mundo, mas falou como se fosse desse mundo. Já havia ouvido que os americanos que viviam na Inglaterra, ou qualquer lugar, poderiam adquirir o sotaque. Contudo, ela não estava nesse mundo há décadas, pelo amor de

Deus. Eu não conseguia imaginá-la falando exatamente como as pessoas desse mundo.

Ainda não.

Além disso, não conseguia imaginar o Christophe querendo me ver. Duas semanas atrás estava se esforçando para me evitar. Exigiria ver o pai, com certeza. Mas eu?

Tendo tempo para pensar nisso, muito dele enquanto nos embrenhávamos na floresta, não parecia certo também. Sem mencionar que ela disse que o *Príncipe Nocturno* não estava longe, mas estava.

Continuamos prosseguindo e ela tinha que saber que estávamos desprotegidas de homens ou armas, que quanto mais distantes ficávamos da casa, em maior perigo ficaríamos. Apollo havia me dito que todas as mulheres sabiam o que estava acontecendo. Seus homens as deixaram a par disso para que pudessem permanecer vigilantes e cautelosas. Também acrescentou a palavra “obediente”, mas decidi esquecer que disse isso; porém, foi se tornando assustadoramente evidente que eu tinha esquecido da parte “cautelosa” também.

Se ela estivesse me levando até o seu marido, que estava com o Chris não muito longe de Karsvall, eu até conseguiria entender. Contudo, ela estava me levando para o que parecia ser *nada*, exceto para o interior na floresta e para longe de Karsvall.

Por último, ela não tinha *nenhuma* guarda. Seu marido a tinha deixado sair sem *nenhuma* proteção. Pelo que ouvi falar sobre ele, não era algo que faria. Jamais. Não. Isso não estava certo e eu estava tendo a distinta sensação de que tinha sido uma idiota.

Conhecia esse sentimento, já havia acontecido muitas vezes na minha vida, sendo essa vez pior do que o resto. Exceto, é claro, quando escolhi o Pol para prometer a minha fidelidade; por outro lado, isso permanecia a ser considerado, dependendo se eu conseguiria me safar do que estava me metendo.

Decidi que era hora de parar de ser idiota e falei:

— Ei!

Ela seguiu em frente, sem olhar para trás enquanto respondia:

— Não estamos muito longe, agora.

— *Humm*, penso que devemos voltar, encontrar um homem para achar o Apollo e você o levar até Tor e Christophe.

— Não estamos muito longe — repetiu. — Seria insensato voltar agora.

Eu a observei caminhando pela neve. Então parei.

— Ei! — falei novamente, ainda em movimento. — Estou achando que isto não é inteligente.

Ela olhou para trás, parou e vi um *flash* de aborrecimento atravessar o seu rosto antes que o escondesse e dissesse mais uma vez:

— Realmente, não estamos muito longe.

Será que a Cora, a Benévola, que era amada por todo um país e visitava hospitais infantis, abrigos para animais abandonados, sem mencionar ler para cegos, ficava irritada?

Olhei para o rosto bonito, com todo aquele cabelo castanho fabuloso e brilhante. Quando o fiz, percebi. E o que percebi foi que não tinha sido apenas idiota. Estava fodida. Completamente.

Cora, a Benévola, provavelmente tinha momentos nos quais ficava irritada, especialmente se o marido fosse um homem do outro mundo, machista como o Apollo. Contudo, a gêmea da Cora, desse mundo, aquela que desapareceu após ter sido sequestrada pela Minerva e o seu grupo, piraria completamente. Pelo que Apollo me disse, era uma cadela.

Tinha que ser ela. Tinha que ser. Cora não me levaria para o perigo. Não teria sequer sugerido isso. Ok, não sabia com certeza. Mas, se fosse comigo, não levaria Cora para o perigo. Nada nem mesmo perto disso. Não em tempos como esses.

Nunca! Deus! Eu tinha fodido tudo!

Comecei a recuar.

— *Humm*, que tal você ir até o Príncipe Noctorno e eu volto para a casa. Quando encontrar alguém, peço para avisar ao Apollo para seguir a trilha até você — sugeri.

Mais aborrecimento atravessou a sua expressão antes de olhar de um lado para o outro de uma maneira estranha, que não gostei. Em seguida, começou a vir até mim, a mão levantada apontando na minha direção.

— É muito mais longe voltar do que seguir em frente.

— Estou bem com isso — disse a ela, me movendo mais rápido.

Ela se moveu mais rápido também, dizendo:

— Temo por sua segurança, caminhando sozinha até Karsvall.

— Está tudo bem — respondi. — Há encantos que vão me manter segura.

Mais uma vez, ela olhou de lado a lado e me mantive recuando, olhando de lado a lado também. Também esperava ardentemente que Apollo, ou alguém, encontrasse Chris e que agora estivessem procurando por mim.

Aguentaria a bronca que o Apollo iria me dar depois que descobrisse que eu tinha sido uma completa idiota, aceitaria, já que era merecida. Eu só queria voltar.

Não notei coisa alguma quando olhei para os lados, mas quando olhei para baixo para verificar se estava seguindo as mesmas pegadas de onde tinha vindo, não só para poder chegar em casa, mas para qualquer pessoa que pudesse estar procurando por mim fosse realmente me encontrar e parei abruptamente.

Não havia pegadas. Virei a cabeça e olhei para trás. Não havia pegadas lá, também. *Oh, oh.* Olhei novamente para os meus pés e dei outro passo. No instante em que meu pé tocou a neve, ela voltou ao normal onde minha pegada tinha estado, por isso não havia *nenhuma* pegada. *Oh, oh.*

Poderia dizer que, definitivamente, saí da zona de segurança encantada porque isso não deveria acontecer. Exceto com magia. *Merda!*

Levantei a cabeça e meu sangue gelou quando vi Cora parada, os braços cruzados na frente dela, as mãos enluvadas descansando sob seus ombros. Estava exibindo um sorriso muito mal-intencionado. *Merda!*

Nesse ponto, três coisas aconteceram de uma só vez. A primeira foi que me virei para correr. A segunda foi que dois homens vieram me cercar, saindo de trás das árvores e, ao vê-los, fiquei

assustada *pra* caralho. Isso porque não eram como qualquer outro homem que já vi na minha vida.

Eram enormes e quando digo enormes, quero dizer *enormes*. Tinham longos cabelos negros, um com uma trança nas costas, o outro só puxado para trás na parte superior. Também estavam usando couro. *Tudo* de couro. Botas de couro. Calças de couro. Camisas de couro presas na altura da garganta com grossos fios de couro e jaquetas de couro que tinham longas lapelas, que pareciam ser feitas de algum pelo curto, como o de vaca.

Oh, e estavam carregando espadas pesadas. *Longas*.

As espadas deveriam ser, pelo menos, trinta centímetros mais longas do que as do Apollo e eram muito mais pesadas. Mesmo de relance, percebi que deveriam pesar o dobro das de Apollo e a dele já era bastante *pesada*.

Eles também estavam correndo, na *minha* direção. E a última coisa que aconteceu foi um enorme bando de pássaros, que apareceu de repente no céu. Não eram belos pássaros. Eram pássaros feios. Enlouquecidos pássaros assustadores que tinham asas com membranas, que faziam um som doentio quando batiam.

Havia tantos deles que bloqueavam a luz do sol. Sim. Bloqueavam. Todo. O *sol*. Estavam voando rápido, também na minha direção. Não gritei, embora quisesse. Não fiquei paralisada. Não tropecei. Não. *Eu corri*.

Ouvi os homens correndo atrás de mim, então, me esforcei para correr mais rápido, sabendo que com as suas longas pernas, eles me alcançariam. Contudo, eu não desistiria. Claro, se eu chegasse em Karsvall, Apollo ficaria puto, mas preferia isso ao que as aves e os homens poderiam fazer comigo, mil vezes.

Em poucos segundos senti os homens quase me alcançando e no instante em que me alcançaram, ouvi um grunhido de esforço. No instante seguinte, gritos poderosos encheram o ar e uma chuva de faíscas azuis caiu sobre mim, faíscas que havia visto antes em um momento não tão feliz. Não que eu precisasse verificar que aquelas aves provinham de magia ruim, ainda assim, aquelas faíscas confirmaram isso, de qualquer maneira.

Quando ricochetearam na minha pele e nos meus cabelos, tropecei, mas não caí. Continuei correndo, curvada, as mãos na minha frente para me amortecer se eu caísse, enquanto tentava desesperadamente me manter de pé e *em movimento*, acima de tudo.

Não caí porque me controlei, mas também não caí porque um braço forte me envolveu na altura do estômago e me levantou. Segurou-me junto a um corpo grande enquanto aquele mesmo corpo continuava correndo antes de me colocar novamente sobre a neve, me obrigando a correr junto com ele, bem nas minhas costas.

Sobre a minha cabeça, grunhiu palavras sem sentido:

— *Veeyoo maya*. — Então disse: — *Vá* — e finalizou com outro grunhido: — *Rápido!*

Corri rapidamente e fiz isso me sentindo um pouco melhor porque tinha a sensação, ao ver que ainda estava correndo e não sendo jogada na neve ou sendo levada, que aqueles eram os mocinhos. *Caras* do meu lado.

Ele se manteve nas minhas costas e não fazia menor ideia de como nós dois correremos tão perto juntos, mas correremos. O que estava nas minhas costas, tinha as minhas costas, literalmente. O

outro eu sabia que estava lutando com as aves. Ouvi seus grunhidos de esforço. Vi os *flashes* das faíscas azuis.

Contudo, havia toneladas dessas aves. O som sinistro das pesadas asas batendo enchia o ar ao nosso redor. Conseguia ouvir os seus gritos enquanto, a cada golpe de espada, o *cara* abatia não um, não dois, mas sim o que parecia dezenas de aves.

Meu corpo estava eletrizado diante daquele terror, mas continuamos correndo e o homem que estava atrás de mim colocou a mão nas minhas costas duas vezes, para me guiar para uma direção diferente.

Ele conhecia o caminho para casa. Graças a Deus, ele sabia o caminho de casa. Diante desse pensamento, mais uma vez, ele colocou a mão nas minhas costas para me guiar para uma direção diferente e segui dessa forma, a cabeça erguida, olhando para onde estava indo, assim não bateria em uma árvore ou algo do tipo.

Foi quando eu o vi e quando o vi quase parei de correr. Sim, minha vida estava em perigo, mas diante da primeira visão daquele homem, quase parei de correr. Porque ele era simplesmente... Completamente... *Magnífico*.

Maior do que os homens que estavam comigo, impressionantemente bonito, sentado em cima de um enorme cavalo, usando o mesmo estilo de roupa que os outros dois, mas a pele dentro do seu casaco era mais grossa e mais longa. Estava com os cabelos soltos e soube que o homem que galopava na

nossa direção em um magnífico animal era Dax Lahn. O guerreiro mais poderoso do mundo.

Antes mesmo de parecer possível, os homens desapareceram atrás de mim porque Lahn e seu cavalo estavam lá. Se inclinando para o lado, me puxou para cima e me acomodou na frente dele com tanta graça e fluidez que perdi o fôlego.

Ele virou o cavalo e se abaixou, me apertando contra o pescoço do cavalo, me cobrindo com o enorme tronco para me proteger das aves. O cavalo então galopou para frente, através da neve e com tal velocidade que os meus cabelos voaram para trás e o ar gelado açoitou furiosamente a pele do meu rosto.

As aves nos seguiam e conseguia ouvi-las, mas não diminuimos o ritmo. Ele também não pegou a espada da bainha em suas costas. Nós simplesmente galopamos e poucos segundos depois, espreitando o caminho entre as orelhas do cavalo, eu a vi.

A Rainha, Guerreira Dourada. Circe.

Estava montada em seu próprio cavalo e vestia o seu próprio casaco de pele, o dela longo, com uma saia de tecido ricamente colorido, esplendidamente bordada com fios de ouro ao redor dos quadris e até as botas.

Seus cabelos eram incríveis e os seus olhos estavam sobre nós. Lahn cavalgou direto para ela, que não moveu seu cavalo um centímetro enquanto passávamos por ela.

No instante em que a cauda do cavalo do Lahn ultrapassou o focinho do cavalo da Circe, um grito imponente encheu o ar, a neve à nossa volta explodindo em azul, então, tudo ficou em silêncio, exceto pelo barulho dos cascos dos cavalos na neve.

Bem, lá vamos nós. Aparentemente, alcançamos a fronteira dos encantamentos que as bruxas do Apolo tinham lançado. Soltei um suspiro de alívio quando Lahn nos endireitou sobre o cavalo e uma vez que me virei, vi o céu limpo, sem nenhuma ave, a floresta gelada tranquila, então Lahn trotou de volta até sua esposa e parou.

Olhei para ela e vi que já estava olhando para mim.

— Ei — eu disse e ela sorriu.

Uau. Ela era realmente maravilhosa.

— Ei — disse em resposta.

Exibi um sorriso trêmulo para ela, olhei para Lahn e o vi olhando para sua esposa. Ele sentiu o meu olhar e olhou para mim. Ok. Sério. Vindo até mim em cima de um cavalo? Magnífico. Bem ali, há poucos centímetros de distância? *Espetacular.*

— Ei — sussurrei.

Sua boca se curvou em sorriso incrivelmente lindo e deslumbrante. Lutei para não desmaiar e Circe explodiu em risos.

* * * * *

Esperamos apenas o tempo suficiente para os outros dois *caras* aparecerem incólumes, felizmente, recolherem os seus cavalos que estavam vagando um pouco afastados da Circe, do Lahn e de mim, para Circe apresentá-los como Zahnin e Bain, antes de continuarmos nossa jornada, galopando em direção a Karsvall.

Zahnin, por sinal, era o único com a parte superior do cabelo puxada para trás. Bain estava com o cabelo arrumado em uma trança. Soube disso porque ele resmungou algo ininteligível, por sua vez, quando os seus nomes foram ditos pela Rainha.

Olhando para eles, era insano, eu tinha um *cara* impressionantemente *sexy*, tipo *bastante* impressionante e bastante *sexy*, mas meio que desejei ter sido transportada para o lugar de onde eles vieram.

Começamos a nossa jornada comigo sentindo alívio por estar viva e não encontrando a morte através dos pássaros mágicos, porém, esse alívio rapidamente se transformou em tremedeira porque, em primeiro lugar, não tinha ideia do que havia acontecido com Christophe.

Será que foi levado para longe e depois atacado pelos pássaros também? Se assim aconteceu, alguém o encontrou e salvou?

Em segundo lugar, se encontraram Christophe, eu pedia a Deus que tivessem encontrado, quando voltássemos para Karsvall e Apollo soubesse o que eu tinha feito, perderia a cabeça. Christophe ser levado era uma coisa, pois era apenas um garoto. Eu? Estúpida. A pior parte de tudo isso era que, quando Apollo ficasse louco comigo, seria justificável, já que eu havia sido uma idiota.

Minha ansiedade era tão profunda que forcei as palavras a saírem da minha boca e essas palavras foram um murmúrio.

— Apollo vai ficar louco.

— Sim — Lahn declarou imediatamente, o estrondo da voz profunda soando não só sobre a minha cabeça, mas retumbando nas minhas costas.

Mordi o lábio, olhei para Circe e ela estava olhando para mim novamente.

— Você está segura — observou. — Ele vai ficar chateado, mas uma vez que cair em si e ver que você está segura, tudo vai

ficar bem.

Circe estava sendo educada e gentil, decidi que já gostava dela, com sua saia de arrasar, os cabelos incríveis, os olhos bondosos, os sorrisos rápidos e a habilidade para fisgar um *cara* incrivelmente quente, mas diante daquilo tudo, decidi que realmente gostava dela.

Então, vi o seu olhar se deslocar para o marido e qualquer que fosse o olhar que devolveu, a fez olhar novamente para mim e revirar os olhos. Ela estava tentando me tranquilizar enquanto o seu marido estava pensando em como se sentiria se a Circe, estupidamente, se afastasse quando o mal estava à solta e seguisse um estranho para o perigo, mesmo sabendo disso.

Em outras palavras, seu olhar estava afirmando claramente que ele também ficaria louco. Completamente. Assim como Apollo ficaria. *Merda*.

— A gêmea da Cora apareceu — falei para Circe.

Ela assentiu com a cabeça.

— Nós sabemos. Lahn a viu.

— Pensei que fosse a verdadeira Cora — compartilhei algo que Circe, provavelmente, tinha adivinhado. — Christophe, o filho do Apollo, desapareceu. Aquela mulher disse que o Tor e ela encontraram o menino, que ele só sairia de onde estava se me visse. Eu estava preocupada com Chris. — Inspirei profundamente para tentar acalmar os meus medos, mas não funcionou. Então, concluí baixinho: — Ainda estou e não pensei.

— É o não pensar que vai fazer com que o seu guerreiro perca a cabeça — Lahn trovejou, informativamente, mas assustadoramente, atrás de mim.

Arregalei os olhos para Circe e ela absorveu o meu olhar antes de virar a cabeça e sorrir para o seu cavalo. Para tirar a minha mente da apreensão que crescia rapidamente, lancei um olhar para os lados, depois para trás, do Zahnin até Bain, então para o Lahn e disse:

— *Humm...* obrigada por me salvar da Cora, a Desagradável e dos pássaros mágicos.

Logo depois que falei, Lahn se pronunciou, mas disse um monte de palavras, as quais não tinha a mínima ideia do significado. Depois que ele terminou, Circe falou e olhei novamente para ela.

— Zahnin e Bain sabem um pouco de inglês, já que têm estado perto de mim há algum tempo, em Hawkvale por um outro tempo, mas não sabem muito. Lahn estava traduzindo.

— *Ah* — murmurei.

Zahnin disse algo em sua língua e vi Circe sorrir, então, rapidamente falou algo em troca.

— O que ele disse? — perguntei.

Ela olhou mais uma vez para mim.

— Você não quer saber.

Zahnin também achava que fui estúpida. Não poderia ser arrogante porque ele estava *muito* certo. Decidi permanecer em silêncio e todos os outros o fizeram também, o que não melhorou em *nada* o meu temor.

Medo que se transformou em pânico quando notei que à nossa frente estavam os homens do Frey, Ruben e Oleg, montados em cavalos. Estavam galopando através da neve com o que parecia ser determinação. Frearam no segundo em que nos viram, nos

observaram e levantaram o queixo para o Lahn. Em seguida, viraram e galoparam para longe.

Eles não estavam à procura do Chris, estavam procurando por mim. Eu esperava que isso significasse que alguém o havia encontrado. Embora, tivesse a sensação de que estavam indo adiante para compartilhar que Lahn e o seu grupo me encontraram, o que não me fez sentir melhor.

Eu me senti ainda pior quando, cinco minutos depois, a floresta se abriu e Karsvall apareceu. Karsvall tinha uma porrada de homens parados na sua frente, um deles era Apollo, assim como Chris que, graças a Deus, parecia saudável e apto. Também estavam Finnie, Frey, um *cara* velho que nunca havia visto antes e tinha um rosto desgastado, um surpreendente cabelo branco que era tão chocante que *meio que* me assustou, mais do que eu já estava, finalmente a bruxa ruiva, Valentine.

Não consegui pensar no *cara* com cabelo branco ou no fato da Valentine estar lá, depois de meses sem vê-la. Não, cabeças se viraram na nossa direção, mas depois de avaliar rapidamente o nosso público, só tinha olhos para o Apollo, que estava se controlando para ficar parado. Contudo, mesmo de longe, vi que a expressão no seu rosto era dura como granito.

Sim, ele iria perder a cabeça.

Circe incitou o seu cavalo a ir mais rápido, Lahn seguiu o seu exemplo, Zahnin e Bain fizeram o mesmo. Mas, Circe chegou primeiro e sem *nenhuma* saudação, ela falou uma vez e quando o fez, mesmo que isso não estivesse em questão, eu *realmente* soube que gostava dela:

— Ela foi levada pela gêmea da Cora — afirmou.

Apollo não tirou os olhos de mim quando ordenou ao Lahn, também sem *qualquer* cumprimento:

— Coloque-a no chão. — *Merda*. — Agora — ele enfatizou quando Lahn não se moveu rápido o suficiente.

No entanto, Lahn havia se movido e tinha os meus pés a caminho da neve antes que estivesse pronta.

— Ela não tinha como saber que era a gêmea da Cora, Apollo. — Circe continuou. — A outra Cora não é vista há meses. Nós não tínhamos nem certeza de que ainda estava viva. Ela explicou que seu filho estava desaparecido e que estava preocupada. A outra Cora disse que o tinha encontrado, mas ele só queria falar com ela.

Circe estava fazendo um trabalho estrondoso ao explicar, mas, tive a sensação de que Apollo estava tão furioso que nem a ouviu, uma vez que a sua resposta foi para mim. E foi outra ordem.

— Venha cá.

Encarei seus olhos e disse baixinho:

— Sinto muito. Estraguei tudo.

— Venha cá — repetiu.

— Sei que ferrei tudo, querido — disse a ele.

— Não sei o que significa esse termo, também não dou a mínima. — Se moveu para se curvar levemente na minha direção. — Agora, venha... cá.

Respirei fundo e mantendo o meu olhar no dele, fui até lá. No instante em que estava ao seu alcance, me esmagou contra o seu corpo, exatamente como havia feito após Frey e os seus dragões salvarem Meeta, Loretta e eu.

— Sinto muito — sussurrei contra o seu peito.

Apollo me deu um poderoso aperto, que achei que poderia quebrar algumas costelas, antes de me soltar abruptamente. Ele deu um passo para trás e, ao olhar no seu rosto, que não demonstrava o mesmo alívio que senti em seu abraço, me preparei.

— Você tem sorte por ter a oportunidade de se desculpar, Madeleine. Suas outras opções seriam: morta, capturada, torturada e usada para me obrigar a fazer algo temerário para salvá-la e, em seguida, quem sabe... talvez os meus filhos estivessem sem um pai, além da mãe.

Ok. Sim. Completamente fodida. Enormemente.

Ouvi um barulho que sabia vir do Christophe, foi pequeno, mas senti que perfurava a minha pele como um punhal.

— Foi estúpido — admiti porque foi, também porque queria que ele soubesse que eu reconhecia isso.

— Maldição, foi — Apollo concordou.

— Eu estava preocupada com o Chris — sussurrei.

Foi patético, eu sabia e Apollo também.

— Antes de sair, dei ordens para você não deixar esta casa — me lembrou, totalmente. Mordi o lábio. — Por nenhuma razão — Apollo continuou.

Parei de morder o lábio e perguntei com cautela:

— Podemos continuar com isto lá dentro?

— Nós não vamos continuar com isto, absolutamente — Apollo me interrompeu, suas palavras soando em um tom sinistro, o qual me fez pensar que ele não estava falando sobre a nossa discussão, mas sobre algo completamente diferente.

Um calafrio deslizou sobre a minha pele e não tinha *nada* a ver com o frio. Então, Apollo se virou para Achilles.

— Leve-a para a casa anexa.

Meu coração falhou dolorosamente dentro do peito diante das suas palavras. Parou completamente quando virou as costas para mim, se moveu um pouco para o lado e colocou o braço sobre o seu filho, envolvendo o seu ombro. Logo, o levou para dentro da casa e Chris olhou para mim com uma expressão que não consegui decifrar. Havia alívio nela. Estranhamente, havia culpa.

Então, as cavernas escuras do interior da casa se fecharam atrás deles e desapareceram.

* * * * *

Mais tarde, naquela noite, me acomodei na sala de estar da casa anexa, aninhada no sofá com um xale em volta dos ombros, em um esforço para afastar o frio, que até mesmo a lareira crepitante não estava mantendo fora do aposento.

Meus olhos estavam virados para as janelas, como sempre fazia, quando Cristiana acendeu as tochas na frente da casa, apenas no caso de termos visitantes. Algo que muitas vezes tínhamos. No mínimo, Apollo vinha todas as noites.

Agora, olhando fixamente para a tocha iluminando a noite, observando a neve cair pesadamente, tive a sensação de que Apollo não viria. Sua reação no meu retorno não foi bizarra. Ele era fenomenal em se distanciar na raiva e aprendi essa lição da maneira mais difícil, mas havia algo estranho nisso. Algo errado. Algo que não tinha certeza se conseguiria compreender direito.

Eu já tinha pedido desculpas e admiti que errei. *Agora* não sabia o que fazer, a não ser dar algum tempo. Tempo que percebi que ele tomaria, considerando que a última vez em que se distanciou na raiva, tinha durado quatro dias, eu tive que me aproximar dele e ficar nua para resolver as coisas.

Eu não daria quatro dias dessa vez, mas daria algum espaço. Isso significou que surpresa me atravessou quando ouvi a porta da frente abrir e fechar. Virei a cabeça para a porta da sala de estar, *meio que* esperando alguém aparecer lá. Por isso fiquei ainda mais surpresa quando o grande corpo do Apollo apareceu na porta.

Ele hesitou antes de dar um passo para dentro do aposento. Saí do meu estupor e fiz um movimento para ficar de pé. Parei quando ele ordenou bruscamente:

— Parada. — Pisquei.

Parada?

Sua ordem estranhamente formal fez o meu coração começar a acelerar enquanto olhava para ele do outro lado da sala. Distante. O comprimento de uma sala que, por algum motivo, senti que era do tamanho de um oceano. Parecia um oceano porque o seu rosto estava impassível. O mesmo que tinha mostrado quando ficou com raiva de mim, antes.

Odiava quando ele ficava assim, isso me assustava *pra* caralho, mas era definitivamente melhor do que ele me bater, ou me chutar. Apollo era superior a isso. Dessa vez, eu merecia e me preparei para escutá-lo.

— O que você fez hoje, foi além de estúpido — afirmou.

Respirei fundo, balancei a cabeça e disse baixinho:

— Eu sei, querido.

— Meu filho tinha desaparecido e não precisava trazê-lo de volta para encontrá-la da mesma forma.

— Não — concordei. — Não precisava.

— Eu lhe disse para não sair de casa — ele me lembrou, novamente.

Respirei fundo, dessa vez pelo nariz, antes de balançar a cabeça e dizer:

— Eu sei, Lo. O que fiz foi estúpido. *Muito* estúpido. Eu sinto muito, *mesmo*.

Apollo não mostrou qualquer indicação que tinha ouvido meu pedido de desculpas. Em vez disso, declarou:

— Não sei se você foi informada, mas ao contrário de você, Christophe não caiu em uma trapaça. Ele fugiu.

— Cristiana me explicou — disse, pois ela havia explicado quando Achilles me escoltou para casa depois do Apollo virar as costas para mim.

Isso não foi uma surpresa, também. Chris não estava bem desde Brunskar e era uma merda que tivesse feito isso. Ele tinha que estar sentindo coisas muito profundas, coisas ruins, coisas com as quais não conseguiu lidar sozinho, para o levar a fazer algo assim, especialmente em tempos como esses.

Eu estava preocupada sobre o porquê ter feito isso e seu atual estado de espírito, mas achei que *agora* não era hora de abordar esse assunto em particular.

— Meu filho tem uma variedade de coisas se esgueirando em sua mente. Ele precisa da atenção do pai — Apollo anunciou.

Assenti de novo, lentamente. Não acenei lentamente porque não estava esperando que o Apollo fosse cuidar do seu filho. Eu

acenei lentamente porque ele estava dizendo essas palavras, mas tive a impressão de que não queria dizer somente elas, também algo mais.

— Eu tenho uma variedade de coisas sobre as quais pensar — continuou.

Isso não pareceu bom.

— Como o quê? — perguntei, minha voz fraca e com medo porque não gostava da maneira como esta conversa estava se desenrolando, absolutamente.

— Vou discutir isso com você depois que pensar nelas — afirmou. — Enquanto isso, vou precisar cuidar do meu filho, então, não estarei perto de você.

Merda. Lá estava. Oh, Deus. Deus. Deus.

Meu peito estava apertado, o que tornava difícil respirar, mas lutei contra isso e, lentamente, fiquei de pé ao lado do sofá.

— Apollo — sussurrei.

Ele me permitiu chegar mais perto e disse:

— Eu cometi alguns erros graves. Preciso retificá-los.

O que isso significava?

Meu coração começou a acelerar dentro do peito, por isso minha voz soou ofegante quando perguntei:

— Que erros?

— Vou explicar quando pensar sobre eles, tiver um plano, colocá-lo em ação e retificá-los — declarou.

— Você ainda está chateado comigo — deduzi calmamente.

— Furioso — ele vociferou, o comportamento arisco e formal deslizando quando disse a palavra de quatro sílabas, em um tom que provou ser absolutamente verdadeira.

Então, incrível e infelizmente, continuou falando. Senti o que ele estava prestes a dizer, quando o fez sem controlar a emoção. Cada vez que fez isso, tinha me eviscerado. Mas dessa vez, me destruiu.

— Parece que sou muito parecido com o seu pai, Madeleine, pois não importa o quanto eu deseje mantê-la longe do perigo, você sempre encontra o caminho até ele, ao tomar decisões precipitadas que levam a consequências terríveis.

Depois que terminou, olhei para ele esperando que não tivesse dito isso. Ou, já que obviamente tinha dito, retiraria as suas palavras imediatamente. Contei ao Apollo tudo sobre o meu pai. Ele sabia. Ele *sabia*. Ele sabia que não era certo e sabia como as suas palavras me faziam sentir.

Fiquei ali, olhando para ele e dei tempo, mas Apollo não retirou o que disse.

— Ele não queria impedir que eu me machucasse — sussurrei e quis chutar a mim mesma por parecer tão inconstante, o que, diabos, não era. Então apontei: — Quando oferecida a oportunidade, ele nem sequer tentou.

— Ou pode ter sido inteligente o suficiente para saber quando desistir.

Agora, acabou de dizer *isso*. Ele disse. Diretamente. Eu sabia, senti o golpe e vacilei, colocando a mão na barriga para aliviar a dor que passou por mim. O rosto do Apollo não mudou nem um pouco quando testemunhou isso.

Eu tinha fodido tudo. Eu sabia. Eu sabia que tinha cometido um erro enorme. Admiti e pedi desculpas por isso, mas, mesmo

sendo tão grande como foi, eu não merecia um ataque tão brutal assim.

Completamente desnecessário.

— Tente se manter em segurança e não faça *nada* imprudente, se é que consegue fazer isso — continuou, o tom da sua voz agourento e definitivo quando um calafrio de puro gelo deslizou sobre a minha pele, me fazendo tremer. — Vamos falar mais quando houver algo a dizer.

Eu tinha coisas a dizer. Eu tinha *toneladas* de coisas a dizer, mas não pronunciei uma única sílaba porque, pela segunda vez naquele dia, a quarta vez desde que nos conhecemos — sim, porra, eu contei —, sem outra palavra, depois de ter soltado aquela bomba em mim, Apollo se virou e foi embora.

Capítulo 26

Aonde Você Vai?

— Vi algumas coisas sérias neste mundo, quero dizer *graves*. Realmente graves. Seriamente loucas. Seriamente doentes, mas isso foi seriamente *lindo*.

Circe, Finnie, Loretta, Meeta e eu estávamos na sala de estar da casa anexa e Circe estava explicando o procedimento para obter a sua magia de volta enquanto Loretta estava abraçando e arrulhando para a filha sonolenta da Circe, Isis, que estava quase dormindo. Meeta estava afagando, mas não arrulhando para Viktor, filho da Finnie. Eu estava tentando conter o bebê muito ativo de Circe, Tunahn, uma criança que Circe compartilhou ser imune a cochilos e ao sono em geral, na maioria das vezes.

Eu estava escutando porque era interessante, mas também não estava escutando porque o meu coração estava sangrando. Fazia dois dias desde que eu tinha fodido tudo completamente, Apollo havia vindo, descarregou sua raiva em mim e não tinha visto ou ouvido falar dele desde então.

Isso não foi uma surpresa. Deve ser dito, o homem sabia guardar rancor. Contudo, dessa vez foi pior. Ele tinha o direito de estar com raiva, mas a forma com a qual se expressou não foi legal e pensando nisso, me ocorreu que não foi legal na primeira vez. Ou na segunda. E definitivamente, não na última.

Tinha fugido do Pol para não ser mais o seu pelourinho literal. Não tinha necessidade de estar com um homem que me usava

como um pelourinho verbal. Quero dizer, sério. Desde que o Apollo estava, mais uma vez, mantendo distância, Cristiana, Meeta e Loretta estavam de olho em mim, especialmente Cristiana. Mas, dessa vez, não sentia que eu tinha que ir até o Apollo e pedir desculpas. De jeito nenhum.

Não era como se eu tivesse feito merda e tentasse fingir que não foi grande coisa e dito para ele apenas superar. Eu havia admitido tudo imediatamente. Então, ele passou da conta. Na verdade, não tinha certeza de que houve alguma situação na qual a sua reação foi apropriada. Ou, honestamente, perdoável.

Desde que voltamos de Brunskar, estava cada vez mais me sentindo como uma merda porque Apollo tinha muito a oferecer e eu tinha tão pouco. Com certeza, diabos, não precisava que ele jogasse essa merda em mim.

A boa notícia foi que Apollo permitiu que Élan almoçasse comigo ontem, a pedido dela. Isso foi super doce e eu adorava passar o tempo com ela porque a *menina* era super doce. Também era tão exuberante que, ao testemunhar a sua alegria natural diante de praticamente tudo, foi a única vez que pude esquecer minha raiva crescente.

A outra boa notícia era que Finnie e Circe iam e vinham quando queriam. Com os homens reunidos, falando sobre dragões, elfos, bruxas e os planos para a guerra, elas tinham tempo para ir e vir como quisessem. Então, estava começando a conhecer melhor a Finnie e a Circe, o que era bom, uma vez que ambas eram maravilhosas.

A má notícia era que não só Apollo estava totalmente ausente, mas também o Chris, que tinha fugido por minha causa.

Isso estava pesando na minha consciência e eu estava preocupada. Esperava que Apollo estivesse dando a ele o que precisava e me sentia impotente porque não poderia fazer *nada* para ajudar.

Na verdade, eu era a razão pela qual ele estava magoado e saber que eu estava causando dor ao Christophe não era ruim, me matava. Isso também estava pesando na minha consciência e me chamando de egoísta, sabia que ele tinha coisas pesando em sua mente também. Apollo sabia disso e ainda atacou. Pensei sobre o assunto e pensei mais uma vez. Não havia *nenhuma* maneira de mudar o que Apollo tinha dito para algo compreensível. Apenas não era certo.

Durante a visita do dia anterior, havia descoberto que Circe e Lahn, com Zahnin e Bain como guarda pessoal da Circe, foram transportados para cá pela Valentine. Digo guarda da Circe porque Lahn não precisava de uma guarda. Ele era uma guarda inteira em um homem só, tudo por conta própria. Só um tolo atacaria aquele homem. Quero dizer, aquelas aves sequer tentaram bicá-lo, eram criaturas sem cérebro criadas através da magia, ainda assim, acharam melhor nem tentar.

Circe me disse que, quando chegou em Lunwyn, Valentine sentiu imediatamente que eu estava em perigo e Lahn, Zahnin, Bain — trazendo Lahn junto com a Circe porque ele se recusou a ficar longe dela — surgiram ao meu socorro sem dizer ao Apollo ou a qualquer outra pessoa que estavam aqui.

Aparentemente, o ritual que Circe estava conduzindo para recuperar os seus poderes havia ido muito mais rápido do que o esperado. Já que Valentine estava lá para dizer que levaria todos

para Lunwyn quando o ritual estivesse terminado, acabou transportando todos logo.

A verdadeira Cora e o Tor estavam com eles, mas não puderam vir porque tinha algo premente acontecendo, visto que ele não era apenas um homem marcado com uma mulher marcada, mas também era o príncipe de dois reinos, logo, merdas tinham que ser resolvidas.

Eles chegariam logo, assim que ele resolvesse o que precisava ser resolvido. Os outros quinhentos — sim, *quinhentos* — membros da guarda pessoal da Circe, que Lahn insistiu em acompanhá-la até Northland, estavam cavalgando através de Vale, já que Valentine não era tão boa a ponto de transportar um exército inteiro.

Dependendo do quão bem eles viessem, chegariam em três semanas, no máximo, um mês. Portanto, agora estávamos na minha sala de estar e eu estava tentando descobrir como consertaria a mais recente bagunça que havia feito.

O que estava tentando não fazer era pensar no fato de que, talvez, não quisesse fazer isso. Eu não tinha dormido desde que aquilo aconteceu. Nem um piscar de olhos. Estava exausta mentalmente, uma vez que o Senhor sabia, era uma verdadeira impossibilidade ficar fisicamente exausta com uma governanta e duas criadas, não havia nada para eu fazer.

Tudo que eu poderia fazer era pensar no que o Apollo disse para mim. Quão feio foi. Quão desnecessário foi. Como ele deveria saber o quanto aquilo me machucaria. Por último, ele já tinha deixado passar dois dias, talvez esperando que eu fosse até ele para acalmar as coisas como Cristiana aconselhou.

Talvez eu devesse, mas lá no fundo senti que não deveria ir. Aguentei muita coisa do Pol e tinha que colocar um limite com Apollo. Contudo, por causa do homem que era, talvez não viesse até mim. Vê? Com toda essa merda na minha cabeça, não era de admirar que eu não conseguisse dormir.

Sem falar na preocupação com Christophe e o fato de ainda estar me sentindo uma idiota, já que havia feito algo tão imensamente estúpido para começar a resolver tudo isso. Tinha superado *tanto*. O problema era que tinha superado, mas isso simplesmente não tinha *acabado*.

Estava começando a ver a sabedoria do capitão Kirk, amando-os e deixando-os enquanto partia corajosamente para onde nenhum homem havia ido antes, no caso de alguns dos seus parceiros estrangeiros, provavelmente de duas maneiras.

Porque doía amar. Especialmente quando você fodia tudo. Completamente. Em seguida, fodiam tudo. Indiscutivelmente, ainda mais severamente. Porque, para onde você iria a partir dali?

Sim, eu amava o Apollo. Apaixonei-me por ele no instante em que olhou para mim, os olhos cheios de ternura e dor. Sabia disso porque, sozinha à noite — também quando estava sozinha durante o dia —, quando não estava preocupada ou chateada, eu repassava cada momento que tínhamos compartilhado na minha cabeça.

Ao fazer isso, sabia que um homem que conseguia se mostrar daquela forma era um homem que conseguia sentir qualquer coisa, tudo, e fazê-lo profunda, completa e magnificamente. Praticamente, tudo o que ele tinha feito, tinha provado isso de forma irrevogável. Incluindo — é foda admitir, mas

era verdade — como ele expressava raiva, embora, essa parte não fosse magnífica.

Diante desse pensamento, minha atenção voltou à sala, quando vi Zahnin passar caminhando em frente às janelas, a cabeça virada para olhar além da clareira. Lahn estava em Karsvall, reunido com Apollo, Frey, Valentine e outra bruxa que só conheci de passagem, uma bruxa que, ao contrário da Valentine, era realmente doce. O nome dela era Lavinia.

Circe e Finnie vieram com Zahnin e Bain, já que que Circe não movia um músculo, a menos que Lahn estivesse ao seu lado. Ou a guarda estivesse. Isso era super doce também.

— A caverna não era como *nada* que já vi antes — ela disse, me tirando dos meus pensamentos e desviei o olhar do Zahnin para ela. — Quero dizer, *brilhava*. Não que a pedra da qual foi feita tivesse algo nela que brilhasse. Não sei como descrever isso, exceto que era mágico.

— Eu *realmente* tenho que ir até lá quando todo esse negócio tiver, finalmente, terminado — declarou Finnie.

— Você *realmente* tem que ir. É *incrível* — Circe concordou.

— Então, você só entrou na fonte da caverna e *poof*, sua magia foi restaurada? — Loretta perguntou, os grandes olhos excitados sobre a Circe.

— Tive que ir todos os dias, por cinco dias, entrar nua na fonte no instante em que o sol se põe no horizonte, o que não é fácil de sincronizar já que estava em uma caverna e não podia, na verdade, ver o sol se pondo no horizonte. Felizmente, Lahn tem um bom relógio interno. Também, por sorte, só demorou três dias. No

terceiro dia — ela balançou os ombros — simplesmente me senti preenchida.

— Você conseguiu sentir isso? — Loretta consultou.

Os olhos da Circe ficaram meio que sonhadores, de uma forma *sexy* que lançava ainda mais testemunho sobre o porquê ela conquistou um *cara* quente como Dax Lahn. Em seguida, ela sussurrou:

— *Oh*, sim. Eu pude sentir.

O jeito que ela falou me provocou um formigamento em um lugar privado, o que foi uma merda porque me fez sentir falta do Apollo ainda mais. Assim, ficar ainda mais chateada com ele.

— Parece estranho — Meeta colocou — que você possa fazer algo tão vital, tão importante como recuperar a sua magia simplesmente entrando em uma fonte.

Circe olhou para ela.

— Também acho. Claro, tivemos que resolver cinco enigmas todos os dias, em seguida, enfrentar cinco testes, sendo que a cada dia eram diferentes enigmas e testes. Tivemos que fazer isso para atravessar as cavernas interligadas que levavam à fonte e a rota era diferente a cada dia. Então, tivemos que sair das cavernas e começar tudo de novo, no dia seguinte. Felizmente, só tivemos que fazer isso por três dias, em vez do total de cinco.

Ela olhou através da sala, mas continuou falando.

— O lugar tinha toneladas de esqueletos de quem tinha falhado em resolver os enigmas, ou dos que falharam nos testes. Havia alguns corpos frescos que eram desagradáveis. Então, é claro que Lahn quase teve sua cabeça cortada uma vez — ela sorriu. — Contudo, eu sabia que o meu homem triunfaria.

Fiquei boquiaberta e ainda não tinha fechado a boca quando Loretta sussurrou:

— Ele quase teve a cabeça cortada?

— Nós falhamos em decifrar o enigma na primeira vez e uns esqueletos armados com espadas voltaram à vida. Lahn lutou contra eles. — Outro sorriso. — Ele venceu.

— Puta merda — sussurrei.

— Eu sei, foi incrível — ela respondeu. — Você acharia que eu acabaria me acostumando com o quão incrível ele é, mas não me acostumei.

Tive a sensação de que também não me acostumaria. Foi nesse momento que vi algo pelo canto do olho, olhei novamente para as janelas e vi que ambos, Bain e Zahnin, estavam parados na neve, os olhos voltados para a porta da frente.

Eu estava recebendo um grande número de visitantes, nos últimos dias, Finnie, Circe, Élan. Entretanto, era início da tarde e Élan estava estudando enquanto as outras duas visitantes já estavam lá. Então, fiquei tensa quando ouvi a porta da frente abrir, pensando que, talvez, fosse o Apollo finalmente vindo me chamar, imaginando o que faria se fosse ele.

Logo descobri que não era. Também não era Valentine ou Lavinia, que os homens na casa principal estavam monopolizando. Não tinha sequer dito uma palavra à Valentine enquanto estava lá. Não, era o Hans. Um Hans que só tinha olhos para Loretta. O meu olhar saltou para Meeta e ela olhou para mim, balançando a cabeça como se a situação entre Hans e Loretta estivesse forçando o seu limite e desejasse que acabassem com o drama, que apenas se resolvessem.

Eles não estava forçando o meu, era algo para manter a minha mente desviada da minha própria situação. Queria que Loretta fosse feliz, mas estava orgulhosa dela. Hans foi o seu *crush* por algum bom tempo. *Agora*, ela o tinha nas mãos e o estava fazendo trabalhar por isso. Como ela merecia. Como ele deveria trabalhar por isso.

Só não tinha ideia de como isso terminaria, uma vez que ela o estava fazendo trabalhar *arduamente* por isso e eu conhecia Hans, mas não fazia ideia se ele desistiria ou lutaria até conseguir o que queria. Esperava que fosse o último porque Loretta valia a pena. Olhei novamente para o Hans quando ele falou:

— Nossa conversa foi interrompida ontem — afirmou, os olhos ainda presos aos da Loretta, estava falando como se ela fosse a única pessoa na sala. — Gostaria de terminar essa conversa agora.

Olhei para Loretta quando ela respondeu com falsa doçura:

— *Oh*, nós estávamos conversando?

Olhei para Hans, quando ele rebateu:

— Com certeza, estávamos.

Voltei a olhar para Loretta, quando respondeu:

— Engraçado, pensei que em uma discussão duas pessoas falassem. Havia duas pessoas lá, mas só um de nós estava falando. Esse alguém era *você*.

Apertei os lábios e me virei para o Hans, que não parecia feliz quando vociferou:

— Certo. Ainda tenho coisas a dizer e, desta vez, você pode usar sua boca, mas só depois que eu falar. Quando eu terminar, não vai poder usá-la para falar.

Caraca!

Minhas sobrancelhas se ergueram enquanto eu apertava os lábios com mais força, desviei os olhos para Loretta e vi suas bochechas coradas pela raiva, ou vergonha, ou ambas.

— Por isso, não vamos conversar agora ou *já* — ela falou de maneira afiada em resposta.

Voltei a olhar novamente para o Hans, que a ignorou e ordenou:

— Entregue a criança para a Rainha Circe e venha.

Mais uma vez o meu olhar foi para Loretta quando ela vociferou:

— Eu acho que não!

— Mulher — Hans grunhiu, impaciente.

— Homem — Loretta grunhiu, irritada.

Foi o que bastou para o Hans. Soube disso quando ele caminhou para frente com determinação, tirando cuidadosamente a Isis dos braços da Loretta, se virou para depositá-la nos braços da Circe, em seguida, pegou a mão da Loretta. Ele a levantou do sofá e a arrastou para fora da sala.

Eu observei, virei o pescoço para olhar por cima do ombro e testemunhar tudo aquilo, antes de me virar e olhar novamente para a sala. Todas as mulheres estavam olhando uma para a outra em silêncio, os olhares compreensivos. Exceto Meeta. Ela também tinha um olhar compreensivo, mas não ficou em silêncio.

Puxando Viktor para perto, ela observou suavemente:

— Sinto que vocês, fêmeas, que se permitem ser capturadas por esses homens arrogantes, são completamente loucas.

— Quando foi a última vez que você se permitiu um pouco disso? — perguntei e ela olhou para mim.

— Me permiti um pouco disso? — Meeta questionou, erguendo as sobrancelhas elegantemente.

— Ser levada para a cama — expliquei.

— Ontem à noite — ela declarou. — Ruben. Já são sete noites seguidas. Ele é um amante excepcional. De longe, o melhor que já tive. É especialmente talentoso com os dedos. Ele faz coisas com os dedos que eu nem sabia que eram possíveis, não sou inexperiente.

— Eu não precisava saber disso — Finnie murmurou e olhei para Circe, que vi sorrindo para Finnie.

Eu não sorri. Não porque não era engraçado, mas porque nos últimos dias, não sentia vontade de sorrir. Meus olhos se voltaram para as janelas e não vi nem Zahnin, nem Bain. Não vi *nada* além da floresta e das árvores.

Mesmo tão simples quanto a vista era, ainda era bonita. Mesmo diante dessa beleza, olhando para ela, percebi que, com tudo o que tinha no meu mundo, tráfego, *shoppings* e TV, mesmo da forma como a minha vida havia sido lá, era ainda mais simples do que a minha vida aqui.

Eu tinha um objetivo: ficar longe do Pol.

Não poderia dizer que era feliz fazendo isso. Eu *poderia* dizer que tinha uma missão. Tinha um propósito. Tinha algo para fazer. Não tinha muito naquela vida e não estava contente, mas tinha uma razão de ser. Não era uma grande razão, mas era alguma coisa. *Agora*, com tudo que eu tinha, nos últimos dois dias, me lembrei que ainda estava à mercê do Apollo.

Ele me deu tudo e levou tudo embora quando quis.

Ouvi a porta da frente abrir e fiquei tensa novamente, porém, mais uma vez não era o Apollo. Era o Lahn. A sala não era pequena, mas também não era enorme e havia um bom número de mulheres na mesma. Ainda assim, no instante em que entrou, a sala pareceu cheia demais, não só pelo corpo grande do homem, mas também pela força da sua presença.

Como Hans, ele só tinha olhos para sua mulher. Ao contrário do Hans, uma vez que os seus olhos estavam sobre a sua Rainha, desceram até a sua filha. Sem demora, caminhou até Circe, aliviou-a do peso do bebê e aninhou a sua menina nos braços. Ok, não havia maneira de parecer melhor com um gatinho. É verdade que pareceria sexy segurando um gatinho, mas o modo como segurava a menina e olhava para ela com franca devoção nas feições ferozes, nenhum gatinho conseguiria superar, não importa o quão bonito fosse.

Uma vez que prestou adoração silenciosa para sua filha, *agora* dormindo, com quatro mulheres extasiadas o observando — sim, até mesmo a prática Meeta, que como uma Maroovian já tinha enfrentado inimigos de Korwahk, lançou o testemunho de quão impressionante era Lahn —, olhou para mim.

— Uma pequena fêmea em Karsvall se aproximou de mim, antes da minha partida. Ela pediu sua presença em uma festa nos seus aposentos. Eu disse a ela que mandaria Zahnin levá-la até lá. Ele está esperando lá fora para levá-la.

Somente Élan caminharia até um guerreiro incrivelmente enorme e diria para buscar alguém para um dos seus chás. Diante desse pensamento, sorri. Era genuíno, mas pequeno.

— Parece que fui convocada — murmurei enquanto me levantava. Uma vez de pé, olhei ao redor. — Espero que não se importem.

— Vá — disse Finnie com um sorriso.

— Diga a ela que eu quero um convite da próxima vez — Circe acrescentou, estendendo os braços para eu poder entregar Tunahn para ela.

Foi o que fiz, dizendo:

— Direi.

Olhei através do grupo enquanto me despedia, vendo Meeta me observando de perto enquanto fazia isso. Ela fazia isso muitas vezes. Na nossa viagem de volta de Brunskar, explicou que tinha “a visão”. Foi por isso que estava na floresta, fortemente armada, arrastando Loretta com ela.

Entretanto, Loretta também relatou essa história para mim e disse que se voluntariou, mas tive a sensação de que o seu trabalho voluntário foi um pouco forçado. Dito isso, ela tinha participado e foi ferida por causa disso, então, não importa. Mas, *agora*, não poderia dizer se Meeta estava me observando porque teve uma visão, também não perguntei.

Se eu estivesse prestes a cair em outra armadilha, queria saber.

O jeito com o qual ela estava olhando para mim *agora*, especulativa e preocupada, fez com que eu tivesse a sensação de que ela não estava preocupada que eu fosse lutar com aves assustadoras *pra* caralho, em vez disso, lidar com um macho alfa que poderia me fazer sentir maravilhosa, era raro, mas também poderia me fazer sentir uma merda.

Então, inclinei a cabeça para o lado e dei um pequeno sorriso para ela, que não foi genuíno, antes de me dirigir à porta. Coloquei o meu manto, as luvas, saí e vi que o Lahn não havia mentido. Zahnin estava esperando por mim, em cima de um cavalo.

Olhei em volta enquanto caminhava até ele e não vi Bain. Sem dúvida, estava patrulhando. Com a atenção desviada, me engasguei quando fiquei ao alcance dos braços do Zahnin e ele me puxou para cima, me colocando sentada na frente dele.

Claramente, ele queria terminar a sua missão e voltar à função de guarda, já que tão logo acomodou a minha bunda na frente dele, cravou os calcanhares na sua montaria, que saltou para frente através da neve.

Zahnin não disse *nada*, mas ele não sabia muito inglês e eu não sabia Korwahkian. Assim, o passeio foi feito em silêncio. Até que freou na porta da frente de Karsvall. Eu tinha a mente ocupada com o Apollo e no que faria se o encontrasse. Minha mente também estava ocupada com o que ele poderia fazer e no que eu poderia fazer em resposta ao que ele faria.

Em outras palavras, depois do passeio de cinco minutos, estava começando a sentir uma leve dor de cabeça. Para minha surpresa, Zahnin não me colocou nos degraus, aos quais parou ao lado, e partiu prontamente. Em vez disso, jogou uma perna sobre o cavalo e desmontou. Então, colocou as mãos na minha cintura e me puxou para fora do cavalo.

Ele me colocou de pé, mas não segurou o meu cotovelo ou envolveu a minha mão na curva do seu cotovelo. Curvou os dedos ao redor do meu bíceps e meio que me levou, meio que me arrastou

até os degraus, já que as suas pernas eram mais longas e eu não conseguia, exatamente, acompanhá-lo.

Então, paramos na frente da porta e quando me soltou, inclinei a cabeça para trás para dizer obrigada, uma palavra que ele tinha que saber, ou pelo menos eu esperava que soubesse. Não cheguei a pronunciar a palavra, já que a voz dele soou com um estrondo.

— Eu tenho esposa.

Pisquei, surpresa não só pelo pronunciamento estranho, mas pelo fato de ele falar.

— Ok — respondi, esperando que conhecesse essa palavra também.

— Nos conhecemos. Ela não falar — declarou, respirei fundo e ele continuou. — Não bom. Ruim. Falar bom.

Humm. Parecia que eu estava tendo outra palestra estilo Cristiana, mas, com menos palavras.

— Falar é bom, Zahnin — concordei.

— Guerreiro. Você. Conversa.

Novamente, poucas palavras, mas não havia dúvida de que era uma ordem. Não tinha certeza de estar pronta. Não tinha certeza do que dizer. Só sabia o que eu precisava que Apollo dissesse, mas não tinha certeza de que ele havia resolvido dizer isso. Também não sabia como me sentiria, mesmo que dissesse.

Ainda assim, falei:

— Ok, Zahnin.

— Guerreiro sofre.

Oh, Deus. Olhei para ele.

— Apollo sofre? — sussurrei.

— Mulheres de guerreiros não falam, guerreiros sofre.

Ok, esse era um grande cara, um cara sexy, um cara assustador. Mesmo não podendo conversar assim tão bem, não precisava de palavras para saber que ele estava seriamente nervoso. Zahnin se preocupava com a sua esposa. Muito.

Por isso, estava tentando fazer algo bom para Apollo e para mim. O que significava que eu esperava que a sua esposa se preocupasse com ele também. Muito.

Hesitante, estendi a mão, toquei a dele brevemente e disse:

— Obrigada. Vou pensar nisso.

Suas sobrancelhas se ergueram sobre os olhos apertados e eu estava certa. Definitivamente nervoso.

— Não pensar. — Se inclinou para mim. — *Conversar*.

Achei que era melhor concordar nesse momento, simplesmente porque o seu vocabulário limitado significava que não poderíamos ter uma discussão completa. Então, concordei:

— Ok, Zahnin.

Zahnin assentiu bruscamente, se virou e desceu os degraus até o seu cavalo. Montou em um movimento fluido que, só por isso, renderia a ele um contrato com um agente de Hollywood, o que levaria a um ressurgimento dos faroestes. Uma vez montado no animal poderoso, olhou para mim e falou secamente:

— Dentro.

Apertei os lábios, acenei com a cabeça, coloquei a mão na maçaneta da porta e entrei. Uma vez tendo fechado a porta atrás de mim, dei seis passos hesitantes e olhei à direita. A porta do escritório do Apollo estava fechada e isso provavelmente significava

que ele estava lá, o que felizmente significava que não esbarraria nele.

Soltei a respiração, que nem percebi que estava prendendo, e corri até as escadas. Uma vez que as subi, a fim de não correr riscos, corri para o quarto da Élan. No instante em que apareci na porta, ela estava apontando para uma boneca em uma pequena cadeira e dizendo alguma coisa, ficou claro que a boneca tinha se comportado mal e Élan estava dizendo isso a ela, quando os belos olhos verdes vieram até mim e se iluminaram.

— Você veio! — gritou deliciada, como se a Rainha de Lunwyn tivesse aparecido em sua porta, o que poderia acontecer, já que a princesa do país estava a um curto passeio a cavalo de distância.

Absorvendo aquilo, ela era uma coisa que o meu antigo mundo não poderia me oferecer. Nunca. Era, talvez, a única coisa que poderia me fazer esquecer de tudo e apenas me sentir feliz.

— É claro que vim — respondi, entrando e tirando as luvas, sorrindo para ela. — Não tenho um convite tão importante há anos. Não — corriji. — Décadas.

Ela inclinou a cabeça para o lado e colocou as mãos nos pequenos quadris, seus olhos me observando abrir o fecho do manto na altura da minha garganta. Em seguida, os ergueu até a minha face.

— Você não está usando uma touca — observou ela.

— Não — concordei, tirando a capa dos ombros.

— Você sempre me faz usar uma touca — falou.

Larguei o manto e as luvas em uma cadeira estofada com um tecido com flores pintadas e voltei minha atenção para ela.

— Eu faço. — Levantei as mãos na minha frente, na posição de “não atire”. — E antes que o diga, você está certa. Eu deveria. Assim como você sempre deve. É importante para se manter quente, a fim de não pegar um resfriado, é tão importante para mim como é para você. — Abaixei as mãos e sorri para ela novamente. — É que fiquei tão animada para atender o convite transmitido pelo Dax Lahn, para participar da sua festa, que esqueci.

— Chris não usa touca — ressaltou.

Eu me aproximei dela e parei quando cheguei perto. Inclinei ligeiramente os joelhos, assim como a cintura, para me aproximar e declarei:

— Ele deveria. Deveria ficar aquecido e saudável, assim como você e eu. Mas, ele é um menino e meninos têm razões para não fazer coisas desse tipo. Razões que as meninas nunca vão entender, não importa o quanto tentemos. Temos que ser inteligentes e fazer algumas coisas, como usar toucas quando está frio e ser ainda mais inteligentes quando os meninos fazem coisas que não têm sentido, apenas deixá-los fazer isso. Vão ser eles a pagar o preço no final, se tiverem um nariz entupido. Estou certa?

— Chris fica mal-humorado quando está com o nariz entupido — ela me informou.

— Todos nós ficamos, minha doçura — respondi.

— Eu não. — Élan sorriu. — Isso significa que não preciso estudar. Posso ficar deitada, Bella traz gelos aromatizados para a minha garganta se estiver doendo e o Papa sobe e lê histórias para mim.

Apenas Élan encontraria uma fresta de esperança em ter um resfriado.

— Aposto que você preferiria estar lá fora fazendo castelos de neve — disse e ela franziu o cenho.

Suas feições relaxaram e ela disse:

— Bella me dá gelos aromatizados mesmo quando a minha garganta não dói e Papa lê histórias também. Então, ter isso e ser capaz de fazer castelos de neve é melhor.

Estava feliz por ela ter chegado a essa conclusão, mesmo que não tenha gostado, de repente, de ter a visão do Apollo contando histórias para sua filha na minha cabeça. Isso me lembrou de como ele era maravilhoso, o que conseguia me fazer esquecer de quando ele não era.

Uma coisa que tinha acontecido com Pol nos primeiros dias, também. Ele fazia algo horrível e voltava a ser o Pol pelo qual me apaixonei, logo, eu esquecia. No fim das contas, antes de desistir desse esforço, me *obriguei* a esquecer. Então, eventualmente, foi tão ruim que nenhuma lembrança boa conseguiu apagar isso.

Apollo não era Pol. Eu sabia disso, completamente. Ainda havia o fato de que se eu tolerasse isso, eles iriam abusar e ficaria pior. Aturei isso do Apollo e novamente ele abusou disso. Fez ainda pior. Contudo, parei de remoer esses pensamentos terríveis quando senti Élan agarrar a minha mão e me puxar.

— Você se sinta aqui, ao lado da Ariel — ela instruiu, me acomodando ao lado de uma boneca com uma coroa e um vestido tricotado muito bonito, parecido com vários que eu tinha no meu guarda-roupa.

Mas, enquanto ela me acomodava, peguei algo com o canto do olho e vi Christophe espreitando, apenas a cabeça aparecendo no vão da porta. Meu corpo estremeceu quando os meus olhos

encontraram os dele. Estava olhando para nós e eu não sabia há quanto tempo estava lá. Também não pude perguntar, pois antes que eu pudesse dizer uma palavra ou até mesmo dar um sorriso, ele desapareceu.

Suspirei enquanto deixava Élan me acomodar ao lado da Ariel — não era uma tarefa fácil, visto que as cadeiras não tinham nem a metade da altura das cadeiras normais — e meus olhos se voltaram para a porta enquanto ela conversava e servia um falso chá de um bule de porcelana requintado, que também não tinha nem metade do tamanho de um bule normal.

Ele não voltou a aparecer e tomei o acontecimento como um sinal de que tudo o que Apollo estava fazendo com Chris não estava funcionando. Uma vez que processei essa informação e permiti que um peso enorme repousasse em volta do meu coração, deixei isso de lado e voltei a minha atenção para Élan.

Ela me queria aqui, ela me tinha aqui. Não deprimida ou presa em pensamentos, preocupada com a minha vida, com Apollo ou Christophe. Eu já havia participado de várias festas de chá e faria isso sorrindo.

Para Élan, aquele sorriso seria genuíno. Sempre.

Capítulo 27

Lembre-se Deste Beijo

Trinta minutos mais tarde, Bella entrou no quarto, lançando um sorriso na minha direção, mas terminando nossa festa do chá dizendo:

— Seu tutor disse que você tem exercícios para fazer, pequena senhorita. Hora de encerrar o chá. Vocês podem concluir o que estavam discutindo no jantar, hoje à noite.

Pouquíssima probabilidade de isso acontecer. Por duas noites jantei com Meeta, Loretta e Cristiana na cozinha da casa anexa. Elas eram boas companhias, o júri estava deliberando se eu era ou não. Isso significava que, pela primeira vez em semanas, tinha jantado sem o Apollo e as crianças. Senti falta disso também e ele nem piscou ao tirar isso de mim. Completamente à sua mercê.

Ignorando o biquinho que Élan apontou na sua direção, Bella continuou:

— E, Senhorita Maddie, o Senhor Apollo pediu para dizer que ele gostaria que o encontrasse no escritório quando a sua festa com Élan terminar.

Talvez, houvesse uma chance de o jantar acontecer. Então, por outro lado, era por capricho do Apollo se aconteceria ou não. Sem mencionar que eu realmente não tinha escolha a não ser encontrá-lo em seu escritório. Enquanto tudo isso se assentava na minha cabeça, senti algo estranho borbulhar dentro de mim. Não era

um estranho ruim. Não era um estranho bom. Era algo que nunca senti antes. Era um *nada* estranho.

Não pensei nisso quando Élan me deu um abraço e me soltou, apenas me abaixei para beijar sua bochecha, me afastei e sussurrei:

— Me convide novamente. Foi muito divertido.

Ela me deu um dos seus sorrisos doces, um sorriso que, por alguma razão, gravei na memória, como se quisesse arquivá-lo para que pudesse lembrar dele sempre que eu precisasse, mesmo antes de Élan cantarolar:

— Convidarei. Vamos fazer isso amanhã! E vamos pedir ao Frey para vir!

Tentei forçar a minha mente a visualizar Frey Drakkar acomodando o longo corpo em uma das pequenas cadeiras da Élan, uma das mãos grandes mãos segurando uma delicada xícara de chá. Minha mente se recusou a fazê-lo, mas meus lábios se curvaram diante desse pensamento.

— Mesmo se formos só você e eu, estarei aqui — eu disse.

— Urra! — Ela gritou.

Élan ficaria feliz apenas comigo. Inferno, ficaria feliz apenas com as suas bonecas, pois era simplesmente uma criança feliz. Contudo, ainda que eu tenha percebido que ficaria mais feliz se Frey aparecesse, continuei sorrindo para ela enquanto levantava. Então, dei um sorriso para Bella e me movi até a minha capa.

— Vejo vocês duas mais tarde — falei enquanto caminhava até a porta.

— Vejo você no jantar! — Élan respondeu.

Dei outro sorriso para ela, imaginando se iria mesmo. Então, acenei e saí pela porta, me ocupando em arrumar a capa sobre o meu braço, apertando as luvas firmemente na mão, tentando pensar no que eu estava sentindo. Tudo o que eu pude perceber era que não estava sentindo *nada*.

Era a parte do nada que me preocupava e estava tão perdida em pensamentos enquanto caminhava pelo corredor que quase não percebi o murmúrio de vozes femininas, vindo de não muito perto, mas também não muito longe.

— Estou chocada — disse uma delas. — Nem parece o Ulfr. Parece com o pai dele, completamente. Ele? Não. Mas o que está fazendo é a mesma coisa.

— É e não é a mesma coisa — outra voz respondeu. — Você sabe, Jeremiah me contou. Aparentemente, Ulfr tem uma casa em Estranvegue inteiramente preparada para essa Madeleine, para quando for seguro mandá-la embora.

Ao ouvir meu nome, parei. Ou, talvez, fosse por ouvir a parte sobre o Apollo me mandar embora.

— Em Estranvegue? — perguntou a primeira voz.

— Sim — a segunda voz confirmou.

— Meu Deus, isso é do outro lado de Lunwyn — a primeira voz observou.

— De fato — a segunda voz declarou. — Ele também providenciou uma conta para ela. Obviamente, ainda tem a intenção de assumir a responsabilidade de cuidar dela, mas não vai fazer isso aqui.

— Mas — a primeira voz começou —, ouvi dizer que eles iam se casar.

— Também ouvi isso. Talvez pretendesse fazer isso, se as crianças a tivessem aceitado. Agora, isso não vai acontecer, obviamente. Sei que a pequena Élan gosta dela, mas ela gosta de todo mundo. O jovem Christophe não gosta dela. Não é da sua natureza causar alarme, fazendo algo como fugir, mesmo quando as coisas estão de cabeça para baixo, como estão agora. Por ela estar aqui, ele fugiu. Quem pode culpá-lo? Eu a vi e ela é a cara da mãe. É estranho e também é absolutamente cruel impor uma amante ao seu filho, se ela se parece exatamente com a sua falecida esposa. Ulfr pode estar se comportando como o seu pai, tão chocante quanto isso é, mas acho que, no final, não vai fazer *nada* para prejudicar o filho.

Minha respiração, de repente, saiu em soluços e eu estava oscilando sobre os meus pés. Deveria me deslocar para o lado, para apoiar uma mão na parede a fim de me segurar, mas não consegui fazer o meu corpo me obedecer.

Não conseguia fazer *nada*, apenas ouvir.

— Cristiana me falou que ela é adorável — disse a primeira voz.

— Ouvi isso também. Ela pode ser adorável, mas isso não vai torná-la menos parecida com a falecida mãe do Christophe. Não é *nenhuma* surpresa Ulfr assumi-la, considerando o quão gravemente sentiu a morte da sua esposa. Ela não teria sequer que ser linda para ele fazer isso, mas quando algo começa a ser demais, já é o suficiente. Acho que a fuga do jovem Christophe fez Ulfr se decidir e dar um basta.

Diante disso, engoli em seco e finalmente me inclinei para o lado. Apoiando pesadamente a mão na parede, abaixei a cabeça

porque o esforço de segurá-la era demais enquanto as suas palavras torravam o meu cérebro. Minha pele. Minha alma.

— Pelo menos, ela está usando pennyrium — a primeira voz observou. — A Sally, da aldeia, disse que Ulfr manda Loretta pegar com ela. Embora, ainda seja chocante diante do que o pai dele fez com a mãe. Do jeito que ele é, é impossível acreditar que esteja repetindo a história dessa maneira, mas parece que está, já que o seu pai também instalou uma amante na casa anexa, exatamente como Ulfr fez com essa Madeleine.

— Mas o velho Ulfr fez isso para obrigá-la a ter uma criança — a segunda voz comentou e olhei para os meus pés em estado de choque.

Houve um ruído cacarejante antes da primeira voz dizer:

— Eu sei. Desesperado por um herdeiro, fez sua esposa passar por isso. Você pode imaginar, viver nesta casa sabendo das viagens do seu marido, há dez minutos de distância, todas as noites para se engajar em tais atividades?

— Você pode imaginar o que é viver na casa anexa sabendo que o seu amante retorna, todas as noites, para a esposa estéril e você nunca o terá desse jeito? — A segunda voz respondeu.

A primeira voz afirmou claramente que não podia imaginar isso, quando disse:

— Eu sentia por ela, por ambas. Especialmente quando o velho Ulfr teve o seu herdeiro. Com tudo isso acontecendo, tendo o melhor dos dois mundos, ela tinha que ficar na casa anexa tendo que esperar pela visita do seu próprio filho, que a senhora da casa estava criando. Visto que a senhora não achava bom ter que criar uma criança do seu marido com outra mulher, uma mulher que

estava ali ao lado. Eu estava aqui quando isso aconteceu e foi realmente um alívio quando ele finalmente a mandou embora.

Sobre o que, diabos, elas estavam falando?

— Com tudo o que aconteceu com a mãe, Ulfr já deveria saber — a segunda declarou com firmeza, cortando os meus pensamentos. — Todos na aldeia estão falando sobre essa tal Madeleine. Sobre como o jovem Christophe fugiu porque não consegue suportar ficar perto dela. Como Ulfr está repetindo a história. Você sabe, ninguém acredita que ele vai se casar com ela. O que não entendo é o porquê envolveu os seus filhos nisso tudo.

A voz da primeira mulher foi sumindo, quando respondeu:

— É totalmente contrário a ele. Verdadeiramente, é decepcionante. Mas, ele é um Ulfr e é o chefe da Casa. Eles fazem o que querem. Sempre.

Claramente estavam partindo, uma vez que mal ouvi a segunda responder.

— Isso eles fazem.

Soube que tinham ido embora quando não ouvi mais *nada*, mas não me movi. Eu não saberia ao certo o porquê Apollo não me disse, mas parecia que a sua mãe tinha morado na minha casa e não se mudou para lá quando seu marido morreu. Ela não casou com o pai dele, não criou o seu filho, exceto por algumas visitas que o pai do Apollo permitiu, então foi mandada embora.

Essa era uma merda das grandes.

Uma merda que o Apollo deveria ter compartilhado comigo, talvez, quem sabe, durante uma das malditas *dezenas* de vezes que ficamos na cama sussurrando um para o outro. Ele tinha mandado preparar uma casa para mim em algum lugar. Em algum lugar bem

longe. Tinha aberto uma conta para mim, apesar de tão devastadora quanto essa notícia deveria ter sido, não foi. Porque não era uma surpresa.

Christophe tinha fugido por minha causa e Apollo estava claramente preocupado com isso. Também deixou claro que estava farto de lidar comigo, mas não me colocaria para fora ou permitir que eu fosse embora sozinha. Aparentemente, nos últimos dois dias, fez alguns arranjos para me sustentar.

Só que ele não iria *me sustentar*.

Diante desse pensamento, soube o porquê não estava sentindo *nada*. Não estava sentindo *nada* porque essa era a forma mais inteligente de agir, porque se eu sentisse o que deveria estar sentindo, aquilo não me atingiria. Não me magoaria. Aquilo me destruiria.

Enquanto pensava nisso, lembrei que Apollo estava esperando por mim e um calafrio amargo rastejou pela minha pele. Ao me afastar da parede, ergui os ombros e a cabeça e mais uma vez parei.

Isso porque vi o Chris parado na porta de um quarto, apenas um metro à minha frente, a cabeça virada, olhando para o corredor, na direção de onde as vozes haviam desaparecido. Aquele era o quarto dele e a porta estava aberta. Ele tinha ouvido tudo e eu sabia disso porque, apesar de só ver o seu perfil, seu rosto estava pálido e ele parecia chocado.

Eu me movi e vi o seu corpo pular antes da sua cabeça se virar na minha direção.

— Por favor, não saia — sussurrei e, felizmente, ele não se moveu. — Obrigada — disse quando parei perto dele.

Então, não perdi tempo para dizer o que eu tinha a dizer. Fiz isso porque queria que ele me ouvisse, não queria que saísse correndo no meio do que eu tinha a dizer. Também fiz isso porque não queria torturá-lo com a minha presença por muito tempo.

— Não vou tomar muito do seu tempo, Christophe. Só queria dizer que sinto muito. — Respirei fundo, me preparando, e prossegui. — Eu nunca quis te magoar. Antes de te conhecer, estava muito preocupada que isso fosse acontecer. Não estou surpresa, mas sinto muito. — Abaixei a voz e continuei encarando o seu olhar enquanto concluía. — Sinto muito, querido.

Ele olhou para mim e não disse *nada*, o rosto estava inexpressivo. Olhando para o seu rosto, mais uma vez, pensei que ele era muito parecido com o pai, de várias formas. Contudo, já estava na hora disso acabar. Ele não precisava sofrer mais. Nem eu.

— Apesar de ter te magoado — comecei honestamente —, para mim, ainda foi uma honra ter a oportunidade de conhecê-lo. Você é um bom irmão. É um grande garoto e seu pai está muito orgulhoso de você. Você será um excelente soldado algum dia, Chris. Na verdade, você será excelente em qualquer coisa que quiser ser.

Ele continuou olhando para mim sem dizer uma palavra. Então, decidi concluir.

— Obrigada por ter passado esse tempo comigo. Queria que tivéssemos passado esse tempo sem que eu magoasse você, mas ainda sou grata por isso.

Chris engoliu em seco. Era necessário, assim, dei um sorriso para ele que não foi genuíno, no mínimo, desejando poder tocá-lo. Eu não era gananciosa, não precisava de um abraço ou um beijo na

bochecha. Só queria acariciar os seus cabelos ou passar o dedo ao longo da sua bochecha, mas não o fiz porque ele não iria querer isso.

Em vez disso, me virei e caminhei rapidamente pelo corredor. Sem olhar para trás porque falar com Chris exigiu muito de mim. Muito. Estava começando a sentir mais do que *nada*. Muito mais do que *nada*. Eu precisava desse nada, a fim de conseguir falar com Apollo. Então, precisava encontrar Valentine.

Uma vez que falasse com ela, quando ela fizesse o que eu iria pedir, só nesse momento me permitiria sentir alguma coisa. *Agora*, eu precisava desse nada. Por isso, me segurei nele enquanto descia as escadas e caminhava direto ao escritório do Apollo.

Não hesitei em bater, também não hesitei em colocar a mão na maçaneta, girá-la e entrar no quarto quando o ouvi falar:

— Entre.

No minuto em que entrei, notei que estava sozinho. Estava sentado à sua mesa, a cabeça inclinada sobre um papel, no qual estava escrevendo. No minuto em que entrei, a minha decisão de não sentir *nada* tomou outro golpe porque, em um segundo, soube que sentia falta dele. Sentia falta de tudo sobre ele, incluindo o observar fazer algo banal, como rabiscar no papel, maravilhada com o quão bonito ele era fazendo isso.

No segundo seguinte ao que atravessasse a porta, ele ergueu a cabeça, sua expressão mudou e ele largou a pena. Apaguei a sua expressão da minha mente. Eu precisava, senão, sentiria alguma coisa e não seria uma coisinha. Eu não poderia me permitir. Logo, não permiti.

— Feche a porta, pomba — ele falou baixinho enquanto levantava da cadeira.

Fiz o que ele pediu, ignorando o fato de ter me chamado de “pomba”. Senti falta disso, também. Fechei a porta e me posicionei na frente dele, mantendo a capa sobre o braço, as luvas apertadas na minha mão.

Apollo se moveu para frente da mesa, seus olhos sobre mim enquanto fazia isso, e parou.

— Você não vai vir até aqui? — perguntou.

Apollo queria que eu fosse até ele e mesmo sendo tão irritante quanto poderia ser, senti falta também.

— Não, obrigada — respondi e vi a sua mandíbula se apertar.

Ele fez isso encarando o meu olhar e fez uma pequena pausa, antes de declarar:

— Eu falei algumas coisas.

— Sim, falou — concordei casualmente.

Apollo reparou no tom da minha voz imediatamente e soube disso porque o vi vacilar quase que imperceptivelmente, antes de se recuperar e seguir em frente.

— Me arrependo de ter falado, papoula. — Não respondi. — Estava preocupado com você — ele disse e permaneci em silêncio. — Quando o encontramos, Christophe compartilhou as coisas que o estavam incomodando. — Não falei nada. — Estava com muitos assuntos pesando na minha mente. Muitos, de uma só vez.

Mantive o meu silêncio e Apollo começou a vir até mim, dizendo:

— Lamentavelmente, minha pomba, descarreguei tudo em você.

Finalmente quebrei o silêncio e ele parou de se mover, quando eu disse:

— De verdade, prefiro que você continue onde estava.

— Maddie... — Apollo começou com a voz suave e doce, mas não poderia me permitir ouvir aquilo, também.

Se o fizesse, sua voz me faria sentir muito mais do que *nada*. Então, o interrompi ao anunciar:

— Quero ir para casa.

O corpo dele ficou todo imóvel, de cima a baixo. Vi o poder das minhas palavras o imobilizar completamente, deve ser dito, era uma visão notável. Então, o vi ficar alerta e isso foi ainda mais notável. Contudo, disse a mim mesma, nenhuma dessas coisas me fez sentir *nada*.

— Você está em casa — falou baixinho.

— Não estou — rebati. — Estou em Karsvall, na sua casa. Karsvall fica em Lunwyn, o seu país. Nas Northlands, seu continente. Tudo isso fica no seu mundo. Quero voltar para o meu mundo.

Apollo começou a caminhar novamente na minha direção, os olhos presos aos meus.

— Eu falei rudemente com você. Disse palavras que lamento profundamente. Foi inadmissível, Madeleine, e peço desculpas.

Apollo falou sério, cada palavra. Eu soube pelo jeito com que estava olhando para mim e soube pela forma como as suas palavras soaram. Ele realmente falou sério, mas isso não me fez sentir *nada*. Ou, pelo menos, isso foi o que disse a mim mesma.

Em vez disso, me controlei e mantive o meu olhar preso no dele.

— Aprecio isso. Agora, se você me levar até Valentine, pedirei que me mande para casa.

Ele parou bem na minha frente e me observou de perto. Eu conseguia ver a raiva nos seus olhos. Raiva controlada. Também via preocupação. Essa, descontrolada.

— Você não pode achar que eu vou, simplesmente, permitir que retorne ao seu mundo — ele comentou.

— Não, não posso achar — concordei. — Você só vai me *permitir* fazer o que você *quer* que eu faça. Você tem a tendência de querer as coisas à sua maneira e eu tenho a tendência de concedê-las. Devo admitir, tenho sofrido muito para pensar sobre isso de forma racional ao longo dos últimos dois dias. Mas, há poucos instantes, enquanto vinha até você, ficou muito claro o que eu tenho que fazer e onde tenho que estar. Acabei de passar belos momentos com Élan, um tempo que ambas aproveitamos. Não estou feliz em deixá-la, mas tenho a esperança de que será uma boa recordação com a qual deixá-la.

Eu esperava que fosse. Quando tivesse ido embora, sabia que ela sentiria a minha falta. Ela gostava de mim e seria um golpe, mas era melhor ir *agora* do que mais tarde, quando o pai dela me mandasse embora.

Quanto a mim, não poderia pensar em como deixar Élan me faria sentir. Então, não pensei. Sem pausa, continuei:

— Eu me encontrei com Christophe. Espero que as palavras que disse a ele tenham ajudado de alguma forma, apesar de ser duvidoso. Mas, só tenho uma escolha e não é boa, mas é a escolha certa. Já que Valentine está aqui, independentemente do que você

me deixaria fazer, Apollo, ela é a única que tem o poder de me mandar de volta. Pedirei a ela para fazer isso.

Pude sentir a emoção que emanava dele e não era uma emoção boa. Era assustadora. Contudo, disse a mim mesma que não a sentiria, também.

— Você não está segura no outro mundo — lembrou-me.

— Não estou segura aqui — eu o lembrei e Apollo balançou a cabeça.

— O que eu disse para você é injustificável, Madeleine, é verdade. Mas, revidar cometendo o mesmo erro? Infligir as suas próprias feridas desta maneira? Depois de tudo o que compartilhamos, do que nos tornamos um para o outro, pedir sem um pinga de emoção para me deixar?

— O que você disse foi indesculpável, injustificável e imperdoável — respondi, encarando os seus olhos e enrijecendo os ombros. — Não aguentei o abuso físico do Pol por uma década só para chegar aqui e permitir que o seu gêmeo abuse verbalmente de mim.

Eu o vi respirar fundo quando o seu torso se inflou abruptamente e o clima na sala, que já não estava bom, piorou ainda mais. Entretanto, disse a mim mesma que não sentiria isso, também.

— Já disse antes, mas direi novamente. Eu não sou ele, Maddie — Apollo respondeu logo em seguida.

— Não, não é — retuquei com um tom afiado. — Você me atingiu de uma maneira diferente, bastante imerecida e, talvez, não tão fisicamente dolorosa, mas ainda assim, dolorosa.

— Eu pedi desculpas.

— Ele costumava fazer isso, também.

Apollo balançou a cabeça e percebi outro vacilo, esse não tão imperceptível. Esse eu não deixei de perceber. Ele sentiu essas palavras, eu o feri. Eu o feri com a compreensão do quão profundamente havia me machucado. Contudo, disse a mim mesma que não sentiria isso, também.

— Com toda a beleza que compartilhamos, com toda a beleza que você me deu, eu esqueci — falei. — Esqueci que estava tentando encontrar o meu caminho. Esqueci tão profundamente que o perdi de novo. Até que uma mulher o apontou para mim. Então, você fez o que fez e ficou ainda mais claro.

— Que mulher? — Apollo perguntou, seu cenho se franzindo.

— Franka Drakkar — respondi.

Apollo balançou a cabeça de novo. No entanto, fez isso e deu um passo para perto. Não me movi e ele falou.

— Nada do que aquela mulher diz, vale a pena ouvir.

— Você está errado — rebati. — Valeu. Depois que ela falou, eu entendi. Só que entendi da forma errada. Veja, como vi que eu era a prostituta do Pol. Uma prostituta com um anel no dedo. Eu ganhei isso, sendo eu mesma. Sendo quem eu sou. Sendo uma mulher que gostava de coisas bonitas e queria uma vida boa. Uma vida nada parecida com a que a minha mãe viveu com o meu pai. Trabalhando e poupando, dia após dia, salário após salário, mas não fazendo isso alegremente, sabendo que minha casa era um lugar acolhedor, onde o amor prosperava. Fazendo isso e aturando muita merda. Vivendo com a negatividade me sufocando a cada respiração. Eu queria tanto ter certeza de não ter *nada* disso, ter apenas o que eu

queria, que estava cega para o que aguentaria quando tomei o caminho mais fácil e me tornei uma prostituta.

— Madeleine... — Apollo começou, mas ignorei novamente o olhar no seu rosto.

Um olhar que não era confuso, irritado ou preocupado. Um olhar torturado que doía muito testemunhar, o que ameaçou me fazer sentir algo. Então, o interrompi:

— No meu mundo, um homem trata uma prostituta como o Pol me tratou. Um homem não trata sua esposa daquela maneira. — Apontei uma mão na sua direção. — Agora, eu sou sua prostituta, mas sem o anel, mesmo que você o tenha oferecido. Não quero ser uma prostituta, Apollo. Tenho certeza de que conseguiria seguir em frente neste mundo e, talvez, ganhar a vida dessa maneira, essa é a única coisa que eu poderia fazer. Não sou boa em mais *nada*, mas não quero isso. Venho fazendo isso há muito tempo. Estou farta de ser uma prostituta. Assim, já que não posso recomeçar a minha vida neste mundo sem me prostituir com você ou outra pessoa, prefiro ir para casa e me arriscar.

— Você não é a minha prostituta — ele sussurrou e não foi um daqueles seus doces sussurros. Não, bem longe disso.

Era como o olhar nos seus olhos, um sussurro torturado. Disse a mim mesma que isso não me afetaria, também.

— Então, o que eu sou? — perguntei.

— Eu quero que você seja a minha esposa — afirmou.

— E o seu filho? — insisti.

— Ele vai cair em si com o tempo.

— Ou talvez não — retruquei. — Talvez, como o pai que ele adora, só ficará melhor em esconder a própria dor.

Outro estremecimento antes do Apollo encurtar a distância entre nós, levar a mão até a minha mandíbula e murmurar:

— Outro erro fatal.

Não tinha ideia do que ele estava falando, mas não perguntaria. Ele estava me tocando e eu sabia que se não terminasse logo com isso, com essa conversa, *em breve* sentiria alguma coisa, com certeza.

— Apollo... — comecei, mas ele me interrompeu.

— As asneiras da Franka. Foi isso que levou a escuridão para os seus olhos — declarou.

Oh. Era sobre isso que ele estava falando. Estava absolutamente certo.

— Sim — confirmei. — Se há escuridão nos meus olhos, Franka a colocou neles. Mas, não estava errada. Não foi agradável o modo como ela disse isso, mas o que disse foi absolutamente certo. Você tem muito a dar, Apollo. Eu não tenho *nada*, apenas o meu corpo. Aceitei o que você me deu. Inclusive, quando me tratou como merda.

Seus dedos enrijeceram contra a minha pele, seus olhos brilharam mais uma vez, mas continuei.

— Na verdade, o mundo está mais rico por eu estar nele? — Neguei com a cabeça. — Não. Não está. De maneir...

Seus dedos enrijeceram novamente contra a minha pele, seus olhos brilharam, estavam mais brilhantes e mais irritados antes de me interromper:

— Pare de falar.

— Pare de me interromper — respondi.

Quando falei, de repente e preocupantemente, Apollo sorriu. *Então*, desejei que ele não tivesse feito isso porque poderia dizer a mim mesma que não senti um monte de coisas, mas não poderia dizer a mim mesma que não senti aquele sorriso. *Merda*.

— Você deu ouvidos à conversa fiada da Franka, não vou dar ouvidos à sua — declarou.

— Apollo...

Parei de falar, dessa vez não porque ele me interrompeu, mas porque se inclinou na minha direção enquanto a sua mão deslizava sob a minha orelha, os dedos seguraram a parte de trás do meu cabelo e ele me puxou mais para perto.

— Eu tive servas e prostitutas, paguei pelas melhores, mas, nenhuma delas me fez sentir qualquer coisa, nem remotamente. Certamente, não me apaixonei por elas.

Meu Deus. Ele disse o que eu achei que disse? De repente, eu não estava respirando.

— Papoula... — Apollo continuou antes que eu pudesse lidar com a bomba que tinha acabado de jogar em cima de mim — você pode, honestamente, ficar parada e me dizer que o mundo não é mais rico por você estar nele, quando acabou de brincar de festa do chá com a minha filha? Eu duvido, se ela entendesse o conceito, que concordaria que você não torna este mundo mais rico.

Meu coração se apertou, mas me forcei a respirar para não desmaiar.

— Como você sabe — prosseguiu. — Christophe está reagindo mal à lembrança da perda da mãe. Ele está longe de ser pouco inteligente, mas é muito jovem para reconhecer que o que está sentindo é o ressurgimento do luto. — A mão dele aumentou a

pressão antes de continuar. — E sim, papoula, isso foi causado por você, mas não nega o fato de que não tem *nada* a ver com você. Além disso, não é culpa sua.

Abri a boca para falar, mas Apollo não me deu oportunidade.

— É culpa do destino e é *minha* culpa. Ele atacou e eu mereci. Eu não estava cuidando dele e tratou de tornar isso claro me causando muita dor. Eu mereci isso, também. Mas, nem por um segundo, acredito que o meu filho não vai chegar a um acordo com a situação e ver a riqueza que você traz para a minha vida, para a vida da minha filha, de qualquer um que você toque a vida, incluindo a dele. No final, apreciará isso. Eu simplesmente tenho que me lembrar de atentar ao fato de que ele perdeu a mãe e honrar a sua memória, mantê-la viva para ele, de uma forma que não envolva você. Isso, eu farei. Ele vai corresponder a isso. Tenho certeza.

— Você não pode ter certeza — disse baixinho.

— Com certeza, posso — respondeu com firmeza e não parou por aí. — Ambos concordamos que a maneira como me comportei depois de encontrar Christophe, depois de encontrá-la novamente em perigo, foi imperdoável. Mas, papoula — Apollo se inclinou ainda mais —, você seguiu a Cora errada para dentro da floresta. Você colocou a *si mesma* em perigo. Mesmo que fosse a Cora certa, teria sido a coisa errada a fazer. Apesar de entender que você estava preocupada com o Chris, foi imprudente.

— Eu já admiti isso — apontei.

— Admitiu e deixei tudo o que estava acontecendo levar a melhor sobre mim. Falei palavras descuidadas que a machucaram. Esqueci que o meu filho, que deseja tanto ser um homem e está agindo com uma maturidade que está além dos seus anos, é

apenas um garoto. Também esqueci, com a força de vontade e a força de caráter que você exibe de forma consistente, que você já estava destroçada, que deveria lidar com você com cuidado.

Força de vontade? Caráter forte? Ele pensava isso de mim? Mesmo diante disso, também achava que eu estava destroçada?

— Eu não estou destroçada — sussurrei.

Sua voz era suave.

— Pomba, você está. Sei disso porque você acha que é a minha puta. Sei porque acha que não tem *nada* a oferecer, quando só a sua bondade fez com que duas mulheres, que não a conheciam há muito tempo, se armassem e se aventurassem em uma floresta congelada, no caso de você vir a precisar de ajuda.

Isso, tive que admitir, era verdade. Só não tinha pensado nisso dessa maneira. Contudo, Apollo ainda não tinha terminado e voltou a um tema anterior, que eu não tinha processado na primeira vez que o abordou, que praticamente abalou o meu mundo. Então, tinha certeza de que não estava preparada para ouvir uma segunda vez.

— É a minha responsabilidade, como homem que te ama e quer que você seja a sua esposa, curar o que está destroçado em você. Com o Chris, não esquecerei novamente que devo cuidar do meu filho. Com você, não esquecerei novamente que devo tratá-la com cuidado.

Olhei dentro dos seus olhos, ele olhou dentro dos meus e esperei que a sala sumisse. Que a terra tremesse. Que alguém, usando camiseta e calça de brim, na moda, corresse para dentro da sala, apontasse para mim e gritasse que eu estava enganada. Entretanto, nada disso aconteceu.

Então, perguntei:

— Você me ama?

— Sim, Maddie, eu te amo — Apollo respondeu de imediato e o meu estômago afundou. Contudo, ele *ainda* não tinha terminado. — Por isso, precisamente, dois dias se passaram e eu precisava me preocupar com o fato, nem um pouco insignificante, de que estamos em guerra, mas a única coisa na minha cabeça era o olhar no rosto do meu filho, quando me mostrou a dor dele, o olhar no seu quando me mostrou o mesmo. Assim, pela primeira vez em muito tempo, mas não acho que já aconteceu antes, eu não tinha ideia do que fazer. Me desculpe, minha pomba, eu precisava cuidar do meu filho, que precisava de um tempo longe de você. Contudo, eu não precisava da mesma coisa. Senti agudamente que quanto mais tempo te deixasse com as palavras que falei, mais difícil seria para consertar o que eu mesmo havia destroçado. *Ainda* fui incapaz de agir, temendo exatamente este tipo de resposta. Só fiz alguma coisa porque me disseram que você estava em casa, visitando a Élan. Sabia que não poderia tê-la em minha casa e permitir que saísse sem, pelo menos, saber a profundidade do meu pesar e a sinceridade do meu pedido de desculpas.

— Você não sabia o que fazer? — perguntei, minha voz soando tão chocada, quanto eu estava.

— Nenhuma ideia — respondeu com firmeza e não era uma admissão. Era uma declaração.

Oh, céus. Eu já estava começando a sentir algumas coisas. Um monte de pequenas coisas. Um monte de *grandes* coisas. Entretanto, *agora* eu estava sentindo muito mais coisas, parte disso era confusão.

— Você não passou os últimos dois dias se preparando para me mandar para Estranvegue?

De repente, ele abaixou a mão e se afastou.

— Onde você ouviu sobre Estranvegue? — perguntou com uma voz estranhamente calma, que eu tive a nítida sensação de não ser calma, absolutamente.

Oh, oh.

— Não importa — respondi rapidamente.

— *Oh*, sim — ele rebateu. — Importa.

— Apollo....

— Onde você ouviu sobre Estranvegue? — insistiu e olhei em seus olhos, mas não respondi.

Eu tinha uma pergunta mais importante. Já havia perguntado, mas ainda não conseguia acreditar. Por isso, perguntei novamente.

— Você está apaixonado por mim?

— Sim, Madeleine — vociferou. — Agora, onde ouviu sobre Estranvegue?

Ele estava apaixonado por mim. Apollo Ulfr, o bom, estava apaixonado por mim. *Oh*, meu *Deus*. *Oh*, sim. Eu estava sentindo alguma coisa, uma coisa muito grande.

— Você está apaixonado por mim — sussurrei.

— Sim — Apollo me interrompeu, sua mão voltou a envolver o meu pescoço e novamente se inclinou. — Vou perguntar de novo, papoula, onde...

Eu o interrompi com:

— Por quê?

Ele fechou a boca, em seguida, a abriu para perguntar:

— Por quê?

— Sim. Por quê? — retruquei e ele balançou a cabeça, confuso.

— Por que o quê?

— Por que você está apaixonado por mim?

Apollo piscou antes de levar a mão livre ao outro lado do meu pescoço, seus olhos encontraram com os meus e perguntou em troca:

— Por que você me responde com a minha pergunta?

— Obviamente, porque é mais importante saber o porquê você está apaixonado por mim, além disso, colocarei alguém em apuros se eu responder a sua pergunta — finalmente respondi.

— Você fez uma pergunta que não tem resposta — ele retrucou. — Agora, responda uma que realmente tem.

Sério? Ele achava que a minha pergunta não tinha resposta? Honestamente, não conseguia acreditar que os homens desse mundo, assim como os do meu, achavam que poderiam se livrar dessa balela de “eu te amo simplesmente porque te amo, então, apenas acredite e me deixe ver o jogo”.

Bem, esse homem não poderia. Quero dizer, não havia *nenhum* jogo para assistir. Havia uma guerra, bem como um monte de outras coisas. Ainda assim.

— Há uma resposta, Apollo — retruquei.

— Você está certa — declarou. — Há uma resposta que levaria uma década para recitar. Mas, como você parece determinada a tê-la, em uma tentativa de responder de forma sucinta, me apaixonei porque a trouxe para este mundo, um mundo totalmente novo, e virei as costas para você. Só que você não ficou ainda mais melancólica e se fechou dentro de si mesma. Você não

se tornou assustada, não foi dominada pelos seus medos e se distanciou de tudo. Você desafiou um chef para um duelo de frutos do mar.

Olhei para ele, pensando que *realmente* fiz isso. Não sabia que seria algo digno do amor do *cara sexy* do outro mundo, mas fiz.

Apollo continuou falando:

— Eu me apaixonei por você porque estava em uma batalha mortal e você não correu, mesmo quando te disse para fazer. Você pegou a minha espada e acertou um homem na cabeça com um abajur, em um esforço para me ajudar.

Continuei a olhar para ele, principalmente, porque estava tão absorta em tudo o que estava acontecendo que realmente *meio que* esqueci que fiz isso.

Isso era algo que a Finnie e a Rainha guerreira, Circe, fariam. E bem, *eu*....

Apollo continuou a falar:

— Além disso, muitas mulheres bonitas e inteligentes que conheço foram despedaçadas pelas garras da Franka Drakkar. Ela a atacou e você nem piscou. — Apollo parou e fez uma careta para mim. — Até que a Franka foi mais fundo e você se deixou atingir, se envenenar sem falar comigo sobre isso. Essa última não faz parte do porquê eu te amo, mas é parte de você, então, acaba sendo. Mesmo que, naquele momento, fosse malditamente frustrante.

Eu queria aquilo, tinha exigido aquilo, mas não estava mais aguentando. Então, sussurrei:

— Você pode parar de falar agora.

— Certamente — Apollo respondeu. — Embora só o farei ressaltando que nem arranhei a superfície. Por exemplo, não

mentionei como você me faz sentir, ao ter você entregando o seu corpo para mim tão livremente, me libertando de uma forma que nunca senti antes. De uma forma que eu valorizo. Uma forma que constrói a nossa proximidade, de uma maneira que também nunca experimentei antes. Ou, o quão magnífico me faz sentir ao saber que a minha filha a convida para uma festa do chá e ainda que as coisas não estejam bem entre nós, você vem assim mesmo e proporciona a ela o que deseja, mesmo sabendo que a sua vinda poderia implicar em um confronto comigo.

— Você não parou de falar — ressaltei com voz trêmula.

— Não. Não parei, mas vou parar. Agora, é a sua vez de falar. Como você ficou sabendo de Estranvegue?

— Eu, bem... — fiz uma pausa e Apollo se manteve carrancudo. Então, continuei. — Ouvi duas criadas conversando.

Ele não me soltou, mas se endireitou e olhou por cima da minha cabeça para a porta, como se fosse abrir buracos nela com o olhar ardente. Mesmo que não quisesse, achei prudente averiguar, logo, acrescentei:

— Elas falaram algumas coisas sobre a sua mãe, seu pai e... *hummm...* a esposa dele.

Apollo olhou para mim e eu senti como se estivesse em chamas diante do calor, do brilho em seu olhar. Assim, falei:

— Eu *meio que* gostaria de falar sobre você estar apaixonado por mim, novamente.

— Você ainda deseja voltar para o outro mundo? — Apollo perguntou abruptamente.

— Precisamos conversar mais — respondi.

— Você ainda deseja ir para o outro mundo? — insistiu e olhei em seus olhos.

Olhos que pareciam irritados, mas eram os olhos do homem que me amava. Então, sussurrei:

— Não.

— Meu amor é correspondido? — perguntou.

Oh, Deus. Deus!

Engoli em seco e ainda sustentando o seu olhar, sussurrei:

— Sim.

Apollo deslizou os dedos pelos meus cabelos e imediatamente não aparentava estar irritado. Aparentava estar *muito* melhor. Algo que tornou um homem incrivelmente lindo em um homem mais belo ainda. *Deus*.

— Você me ama — ele sussurrou em resposta, mas não repeti a minha resposta.

Repeti outra coisa:

— Precisamos conversar mais, Apollo.

— Sim. Por exemplo, sobre o porquê *você* me ama.

Estava novamente o encarando, porém, desviei o olhar quando vi os seus lábios se curvarem. Não achei *nada* daquilo engraçado. Na verdade, de repente, tudo o que estava acontecendo me oprimiu, todos os sentimentos que reprimi me atingiram e fechei os olhos para me concentrar em não deixar isso me consumir.

Ele estava apaixonado por mim. Apollo Ulfr, general do exército da Rainha, proprietário de vários negócios e pai de dois filhos maravilhosos, estava apaixonado por mim.

Abri os olhos novamente quando senti a sua testa encostar na minha e no instante em que o fez, declarou:

— Você tem a minha promessa de que não irei falar com você dessa forma novamente, Maddie. Não importa o que estiver passando pela minha cabeça, o que estiver sentindo, quão significativas forem as coisas que estiverem me incomodando. Tal como o meu filho, ataquei alguém que amava, esperando que aguentasse a dor que eu estava infligindo, assim, poderia liberar um pouco da dor que eu estava sentindo. Já tenho idade suficiente para ter juízo. Saiba que me arrependo. O que preciso saber é se você confia que isso não acontecerá novamente.

— Eu... você... eu — gaguejei, mas me recompus e terminei:
— Confiança é construída.

Apollo se afastou um centímetro e declarou:

— Sim. Neste caso, deve ser conquistada. É o que eu farei.

Ok. Sim. Esse homem me amava e eu o amava. Ele me irritava. Aquela merda era louca e era extrema, mas eu ainda o amava. Não sabia se isso era incrível ou assustador *pra* caralho e as próximas palavras de Apollo não ajudaram.

— Nossa última conversa, antes de você fazer algo tolo e eu retaliar cruelmente — ele fez uma pausa e afirmou severamente —, algo que nenhum de nós fará novamente — parou de novo e esperou até eu concordar com essa demanda, através de um aceno de cabeça —, foi o início de uma discussão sobre você se mudar para Karsvall. Infelizmente, do jeito que as coisas estão com o meu filho, você não pode fazer isso. Ele ainda está tendo dificuldade para lidar e não seria prudente.

Balancei a cabeça porque ele estava certo. Não seria prudente.

— No entanto, gostaria que você viesse para o jantar — continuou: — Por mim e pela Élan. Ela sente falta da sua presença nas nossas refeições, assim como eu. Jantaremos juntos, a fim de observar e avaliar a reação do Chris. Depois, discutiremos como seguir em frente.

Eu sentia falta do Apollo, da Élan e do Chris, mas não achava que o jantar era uma boa ideia. Então, disse a ele:

— *Uh...* Chris ouviu o que as criadas disseram também. Ficou claro que isso o assustou. Quando eu... *hummm...* conversei com ele, foi tipo uma... — fiz uma pausa para respirar fundo e concluí: — Despedida.

Vi a mandíbula do Apollo se contrair novamente, antes de relaxar e responder:

— Então, você não virá para o jantar. Voltará para a casa anexa e conversarei com o meu filho sobre o que ouviu. Seguindo em frente, gostaria que Christophe tivesse a minha atenção e presença, espero que entenda que ele deve ter as duas coisas sem você estar por perto, por algum tempo. Dito isto, seria imprudente continuar com sua ausência completa, para que ele possa se acostumar com você. Deste momento em diante, por causa dele, iremos muito mais devagar. — Diante disso, assenti. — Hoje à noite, irei até você depois que ele estiver dormindo — Apollo declarou.

Ele iria me ver quando Christophe estivesse dormindo. Engoli em seco e assenti mais uma vez.

— Quando eu chegar, vamos discutir todas as coisas sobre as quais deseja falar — concluiu.

Encontrei a voz e a utilizei para dizer:

— Ok.

Ele encarou o meu olhar e repetiu o meu “ok”, mas o dele foi melhor. Foi melhor porque os seus olhos eram calorosos, sua voz era suave e ele estava usando as mãos para me puxar para perto. Quando estava a um sopro de distância, o olhar perfurando o meu, ele sussurrou:

— Você me ama.

Amava, mas não disse isso. Falei:

— Estou com medo.

Uma das suas mãos soltou os meus cabelos para acariciar o meu queixo com o polegar, quando algo passou pelos seus olhos e senti na minha barriga. Não de uma maneira boa. Soube disso quando Apollo disse baixinho:

— Prometi mantê-la segura, fazê-lo de forma que você nunca sinta medo de novo e lhe dar o melhor. Aqui estou, com você tão perto, mas ainda parecendo cautelosa porque falhei em lhe dar todas essas coisas.

Aquilo o magoou muito e eu *realmente* sabia o quão ruim era, quando alguém fazia algo estúpido ou imprudente, algo que afetava outras pessoas. Uma merda completa. Sentindo aquilo por ele, disse baixinho:

— Lo — no instante em que disse, ele fechou os olhos.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, Apollo os abriu e prometeu:

— Não falharei novamente, minha pomba.

Ele estava falando sério, cada palavra. Senti os meus olhos ficarem úmidos enquanto respondia com um trêmulo:

— Ok, *baby*.

Seus dedos enrijeceram contra o meu couro cabeludo enquanto a mão que deslizou até a minha mandíbula descia pela minha espinha e ele murmurava:

— E ela se entrega novamente.

Como se eu quisesse provar que as suas palavras eram verdadeiras, deixei a capa e as luvas caírem no chão, levantei as mãos e as apertei contra o peito dele.

— Cuidarei de tudo o que você me der nesse tempo, minha papoula — Apollo disse.

— Não tenho certeza do que eu te dou, querido — admiti. — Mas aprecio isso.

— Então, parte de como cuidarei de tudo o que você me dá, é me assegurar que você entenda exatamente o que tem dado.

Achei que era um bom plano, mas Apollo estava pensando em outra coisa. Soube disso quando o seu braço envolveu a minha cintura e puxou o meu corpo contra o dele. Minha cabeça se inclinou para trás e a dele abaixou. Então, seus lábios estavam nos meus, mas ele não tomou a minha boca.

— Lembre-se desse beijo — ordenou em um sussurro, seus olhos encarando os meus.

Não havia muitos beijos que o Apollo tivesse me dado dos quais não me lembrasse, mas não compartilhei isso. Apenas perguntei:

— Por quê?

— Porque é especial — respondeu.

— Todos são especiais, Lo — apontei e observei os seus olhos sorrirem enquanto senti os seus lábios fazendo o mesmo.

— São, minha pomba — concordou. — Mas, este é o primeiro que darei sabendo que você retribui o meu amor, será o que guardarei como o tesouro mais precioso pelo resto da minha vida.

Ok. Era seguro dizer que não estava mais incerta se amar Apollo era incrível ou assustador *pra* caralho. Era incrível e ficou mais quando ele parou de abalar o meu mundo com as suas palavras, fez outra coisa com a boca, tomando a minha com um beijo. Foi profundo, molhado, longo e insuportavelmente doce.

Deslizei os braços ao redor do seu pescoço e me derreti no seu beijo, fiz isso sabendo que o meu homem estava muito certo. Porque todos os seus beijos eram especiais. Todos eles valiam a pena ser lembrados.

Contudo, esse foi o primeiro que Apollo me deu, sabendo que ele me amava, era o beijo que eu guardaria como o tesouro mais precioso. Pelo resto da minha vida.

Capítulo 28

Tive Um Pressentimento

Apollo estava parado no topo das escadas de Karsvall e viu Maddie com Achilles, montada no cavalo do seu primo enquanto cavalgavam até o bosque, em direção à casa anexa. Enquanto observava, não se permitiu pensar no que ela havia dito, incluindo o fato de que estava disposta a voltar para o outro mundo, para a vida que levava lá, se é que aquilo era vida. Ela estava disposta a voltar ao invés de ficar com Apollo, porque ele a destroçou com as suas palavras.

Só pensou no fato de que tinha o seu amor e esperou que, juntos, pudessem superar o resto dos seus problemas. Seus pensamentos se desviaram para esses problemas e Apollo suspirou quando se virou e entrou em casa, a fim de encontrar o seu filho. Contudo, parou quando algo chamou a sua atenção pelo canto do olho.

Se virou naquela direção e o que viu o fez apertar os dentes com frustração, pois parecia que, mesmo tendo que resolver um problema importante, mais uma vez teria que adiá-lo para resolver outro. Alguém poderia argumentar que nada era mais importante do que a mulher que ele amava e o seu filho. Exceto, talvez, o destino de dois países.

Ficou parado, olhando o trenó se mover em direção à casa, dois dos seus homens montados em cavalos lideravam o caminho, dois o seguindo. Claramente, eles interceptaram e decidiram

acompanhar o piloto do trenó. Foi uma decisão acertada e soube disso quando o trenó se aproximou e viu Valeria Drakkar.

Seus homens a guiaram até o pé da escada, onde pararam. Apollo aguardou e a viu se recostar no trenó, olhando para ele por baixo do atraente gorro de pele. Continuou assim por algum tempo, até que se deu conta de que Valeria estava à espera de que ele descesse para abrir a porta do trenó para ela.

Apollo encarou o seu olhar, firmou os pés e cruzou os braços sobre o peito. Logo, viu o rosto dela se contrair com aborrecimento, antes de se levantar do assento, jogar para o lado as peles que estavam sobre seu colo e sair do trenó por sua própria conta.

Ele permaneceu imóvel enquanto a observava subir os degraus, as luxuosas e pesadas peles do seu manto eram tão compridas que mal via o movimento dos seus pés enquanto subia, fazendo parecer que ela estava deslizando. Quando ficou a dois passos de distância, Apollo perguntou:

— A que devo a honra dessa visita?

Valeria parou e olhou para cima, seus olhos se estreitando até ele.

— Saudações a você também, Ulfr. — Ele inclinou a cabeça, mas não disse mais *nada*. — Conversaremos nos degraus da sua casa ou permitirá a minha entrada, a fim de que eu possa me aquecer? — Ela perguntou.

Preferia falar com aquela mulher nos degraus da casa, mesmo assim, suspirou e se virou para a porta, abriu e se deslocou para o lado, permitindo a sua entrada. Ela passou sem olhar para Apollo e enquanto o fazia, infelizmente, sentiu o aroma do seu perfume forte.

Apollo a seguiu, fechou a porta contra o frio e a contornou, percebendo o seu olhar antes de apontar com o braço.

— Meu escritório — indicou.

— Meu filho? — ela rebateu.

— Vou encontrá-lo — Apollo falou.

Ela não fez *nenhum* movimento por longos segundos, antes de inclinar a cabeça para o lado.

— Você vai retirar a minha capa?

— Como você não ficará mais tempo do que o necessário, a fim de explicar o porquê está aqui, seria um desperdício de esforço ir muito longe com isso.

Mais uma vez, suas feições enrijeceram, mas Apollo ignorou isso e inclinou a cabeça na direção do seu escritório.

— Acredito que você consegue encontrar o caminho. Vou procurar Frey e a encontraremos em breve — disse.

— Seria pedir muito que você envie um servo com uma bebida quente? — Ela perguntou.

— De fato, seria — afirmou vagamente e se afastou dela, a fim de procurar pelo Frey.

Ele poderia estar em qualquer lugar. Na casa anexa, buscando Finnie. Com seus homens. Felizmente, a caminho do quarto de Frey e Finnie, o primeiro lugar que pretendia verificar, se deparou com a sua governanta, que estava indo em sua direção.

— Temos companhia? — perguntou quando Apollo parou.

— Temos — respondeu. — Preciso que sirva um chá quente no meu escritório. Além disso, reúna a equipe para encontrar Drakkar e pedir para que ele se junte a mim.

— É claro — a governanta murmurou, balançando a cabeça e se virando para sair.

Enquanto ela se retirava, Apollo decidiu que, uma vez que o destino não estava ao seu lado e não permitiu que tivesse tempo para resolver a variedade de coisas, com as quais tinha que lidar, aproveitaria as oportunidades quando elas aparecessem.

— Lucretia — ele chamou, sua governanta parou e se virou com um olhar de questionamento no rosto. — Chegou ao meu conhecimento que duas empregadas estavam fofocando sobre mim e a minha família nos salões de Karsvall.

Seu rosto empalideceu e seus olhos se arregalaram. Ela entendeu a gravidade do assunto, mas Apollo continuou falando:

— Isso não será tolerado. É do meu conhecimento que o meu filho ouviu a conversa. Embora não seja uma infração pequena, neste caso, confiarei em você para encontrar as duas criadas que tiveram esse comportamento e lidar com elas. No entanto, todos os funcionários devem ser notificados que, se acontecer de novo, serei eu a lidar com eles. — Apollo fez uma pausa e encarou seus olhos antes de concluir. — Pessoalmente.

— Claro, Senhor Apollo — ela respondeu com a voz trêmula.

— Agora, por favor, encontre Drakkar.

A governanta assentiu com a cabeça e saiu correndo. Contudo, Apollo não se apressou a ir para o escritório. Quando chegou, descobriu que Valeria providenciou os seus próprios meios para se desfazer do seu casaco, das luvas e do chapéu. Estavam jogados em uma das cadeiras que ficavam na frente da mesa e ela estava sentada na outra, tamborilando os dedos no braço.

Assim que Apollo fechou a porta atrás dele e sua cabeça se virou na sua direção.

— Você sabe, venho de Brunskar em uma missão de urgência e auxílio — ela falou entre os dentes enquanto ele entrava no escritório.

— Na verdade, minha senhora, eu não sabia disso. Perguntei qual o seu propósito em vir até aqui e você simplesmente não respondeu — Apollo falou, se movendo até o lado da mesa, mais distante dela, apoiando uma coxa contra ela.

— Bem, foi o que eu fiz — retrucou.

— Suplico, que missão urgente é esta? — ele questionou.

— Receio que terá dificuldade para compartilhá-la, uma vez que a minha garganta ainda está congelada por causa da louca viagem através da tundra — disse ela como resposta.

Apollo estudou a mulher, da qual nunca havia gostado porque ela nunca deu razão para isso, querendo saber como, diabos, pariu o Frey. Então, disse:

— O chá já foi providenciado. Assim como a presença do seu filho. Embora existam aqueles capazes de grande magia nesta casa, receio que nenhum deles tem ordem minha para estalar os seus dedos e fornecer qualquer um dos dois para você. — Valeria olhou para ele e Apollo enfrentou o seu olhar, sugerindo: — Talvez possamos começar essa discussão antes do Frey se juntar a nós.

— Se fizermos isso, terei que contar a mesma história duas vezes, sendo que poderia contar apenas uma vez.

— Você também pode simplesmente expor o que tem a dizer e eu farei o extremo esforço de passar um relatório ao seu filho.

— Eu sou mãe dele — ela rebateu. — Gostaria de vê-lo, também ao meu neto.

Valeria não mencionou Finnie e, embora Apollo tenha observado isso, não perguntou a respeito, pois não se importava nem um pouco com a resposta. Nem a Finnie. Quando não houve retorno, o olhar dela se tornou astuto e ela perguntou:

— Você vai ao Bitter Gales? — Apollo não respondeu verbalmente, simplesmente inclinou a cabeça. — Levará a outra Ilsa com você?

Ele respondeu a isso e, mesmo que o modo com qual ela formulou a pergunta o tenha irritado, não permitiu que percebesse.

— O nome dela é Madeleine e ela é minha noiva. Por isso, sim. Ela irá ao Bitter Gales comigo.

A astúcia deixou o rosto dela e despeito a substituiu, relembrando-o precisamente do porquê nunca gostou dela. Assim, Valeria declarou:

— Você deve saber o que todo mundo está falando sobre você e essa... *Madeleine*.

— Na verdade, não sei — respondeu ele. — Também não me importa.

— *Ela* vai se importar, especialmente quando levá-la ao Gales.

— Isso é duvidoso — Apollo respondeu e teria acreditado que essa afirmação era verdadeira, semanas atrás.

No entanto, Maddie estava vulnerável *agora*. Teria que conversar com Frey, Finnie, Lahn e Circe. No Gales, seria necessário manter um olho sobre a sua Maddie e ajudá-lo a mantê-la longe daqueles que causariam danos, intencionalmente ou não.

— Os homens fazem o que querem e o que os outros pensam não importa — ela retrucou. — As mulheres não agem dessa forma.

Apollo balançou a cabeça.

— Tive a única e requintada experiência prazerosa de descobrir com grande plenitude como cada mulher é bastante singular. Estou certo de que há algumas que não agem dessa forma. Também estou certo de que há aquelas que agem.

Valeria manteve a boca fechada e naquele momento, felizmente, a porta do escritório se abriu e Frey entrou. Ele deu uma olhada na sua mãe, o rosto rígido, mas os seus lábios murmuraram:

— Brilhante.

As costas da Valeria se enrijeceram imediatamente antes de vociferar para o filho:

— É assim que você cumprimenta a sua mãe?

— Eu diria que sim, já que foi o que eu fiz — Frey respondeu e Apollo lutou para conter o riso enquanto olhava para suas botas.

— Com as boas-vindas que recebi de vocês dois, estou incerta se gostaria de retransmitir a mensagem importante que foi passada para mim — anunciou.

Frey parou a um metro e meio dela e cruzou os braços sobre o peito.

— Suponho que você pode tomar essa decisão. No entanto, recebi a mensagem de que o pai não perdeu tempo em peticionar à Rainha uma dissolução da união com você. Se isso acontecer, a menos que Calder esteja se sentindo generoso, você precisará voltar a ficar na casa deles, a fim de conseguir o seu sustento. Como foi bastante hostil com eles ao longo das décadas, é duvidoso

que estarão dispostos a fazer isso. Se eu tiver uma conversa com o Calder, temo que ele não estará se sentindo muito generoso. Então, por fim, deve estar esperando que Malcolm Turnish irá tomá-la como esposa. Mas, suponho que a sua permanência em Brunskar signifique que Turnish não lhe ofereceu suas boas-vindas.

Apollo desviou o olhar das botas para a mãe do Frey e viu que os seus olhos estavam voltados ao filho, apertados.

— Precisamente, o que eu fiz para você, que o faz sentir que é apropriado me tratar dessa maneira? — ela perguntou.

— Precisamente, nada — Frey respondeu imediatamente. — Uma mãe que não faz *nada*, não é mãe, absolutamente. Assim, não tenho *nenhum* problema em tratar você dessa maneira.

Ela olhou para o filho por um momento, antes de engolir em seco e Frey a interromper.

— Agora, por que está aqui, sem que *nenhum* pássaro ou homem trouxesse notícias de que você viria?

— Minha mensagem é sensível demais para confiar a uma ave ou homem — respondeu.

— E a sua mensagem? — Frey pressionou.

Valeria inspirou pelo nariz e olhou do Apollo para o filho quando declarou:

— Antoine pereceu.

— Merda — Frey murmurou enquanto as palavras dela fizeram Apollo desencostar da mesa.

Frey olhou para ele, que balançou a cabeça para Apollo. Frey voltou sua atenção para a mãe.

— Franka lhe enviou esta mensagem — afirmou.

— Enviou — ela confirmou.

— Como ele morreu? — Apollo perguntou e Valeria olhou para ele.

— Eles o torturaram por uma grande quantidade de tempo. Há um limite que um corpo consegue aguentar. Ele simplesmente pereceu.

Apollo levantou uma sobrancelha.

— Eles compartilharam isso diretamente com a Franka?

Ela balançou a cabeça.

— Como sempre fazia, durante as suas discussões com eles, Franka pediu para vê-lo novamente, a fim de determinar a sua condição. Foi uma coincidência e, ousado dizer, um grave erro da parte deles que, quando abriram o espelho para mostrá-lo, ele tenha dado o seu último suspiro.

Diante disso, Apollo sentiu algo que pensou que nunca sentiria na sua vida: pena da Franka Drakkar. Em seguida, percebeu o olhar do Frey e voltou os olhos para o primo.

— Eles não têm mais *nada* para usar contra ela — observou.

— Portanto, Franka não teria razões para agir por eles — Apollo respondeu.

— Verdade — Valeria colocou e ambos os homens olharam para ela. — Mas, Franka é uma Drakkar. Como ordenou, ela contou que você, erroneamente, chegou à conclusão de que foi Kristian quem estava por trás do complô contra — seus olhos deslizaram para o Apollo — *Madeleine*. Como ordenou, Franka também contou que você prendeu o irmão dela e à sua família nas masmorras de Brunskar, a fim de aguardar o transporte até Snowdon, para ser julgado por traição. Um veredito deculpado, que prevê uma pena da qual toda irmã gostaria de salvar um irmão. Apesar do seu amante

estar morto e não terem *nada* para usar contra ela, Kristian está preso e o que ele teria que enfrentar, se for considerado culpado, faz com que ela tenha algo para negociar. Franka está fazendo isso e o plano prossegue como o combinado, com essa alteração.

— Sua exigência? — Apollo perguntou.

— Uma vez que eles tiverem feito o que desejam fazer, Kristian e sua família serão liberados. Assim como o irmão, terão permissão para continuar a viver as suas vidas, sem restrições por qualquer mal que pretenderam infligir. — Valeria respondeu. — Mas, como você ordenou, ela os tem pressionado a agir e fazer isso rapidamente. Agora, a fim de salvar Kristian, ao invés de pararem de torturar o seu amante.

— Devemos acreditar que Franka continua a se colocar em risco pelos seus parentes e pelo país? — perguntou Frey, sua voz cheia de incredulidade.

Valeria apontou o olhar afiado para o filho.

— Eles mataram o seu amante.

— De fato — Frey respondeu. — Mas, estamos falando da Franka. Tenho certeza de que encontrará algo para distraí-la, que amenizará a sua dor.

Ela ergueu o queixo e enfrentou o olhar do filho.

— É claro que você não conhece bem a sua prima, meu filho. Eles *torturaram* e *assassinaram* o único homem que ela amou. Isto não é pelos parentes ou pelo país. Isto é por vingança.

— Nisso eu posso acreditar — Frey murmurou.

— Então, eu o convido a crer nisso — Valeria retrucou. — Ela não estava se lamentando em desespero quando transmitiu a mensagem para mim. Estava decidida. Excepcionalmente

determinada. Acredito que você conheça a sua prima bem o suficiente para saber o que isso significa.

Foi então que Frey ergueu o queixo, já que ele conhecia. Nessa conjuntura, bateram na porta e Apollo falou:

— Entre.

Lucretia apareceu segurando uma grande bandeja de prata que continha o chá, para quem Valeria disse, irada:

— Finalmente.

Apollo a ignorou e se moveu, ordenando à Lucretia:

— Sirva Lady Drakkar.

Quando ela acenou com a cabeça, olhou para Frey, mas ele já estava se movendo até a porta e uma vez fora do escritório, Apollo fechou a porta e seguiu o primo, que continuou andando. Pararam a uns três metros de distância do escritório e se viraram um para o outro.

— Seus pensamentos? — perguntou Frey.

— Gostaria de ter olhado no rosto da Franka quando essas palavras foram entregues — Apollo respondeu. — Contudo, não posso acreditar que ela mentiu para sua mãe. Nossas proteções são tais que eles não podem quebrá-las. Se ela compartilhou nosso plano, eles saberiam que é uma emboscada e ela não estaria sugerindo que continuássemos com ele, tal como é. Ela o estaria alterando.

— Concordo. Não há vulnerabilidades em nossos planos e Franka sabe disso.

Apollo assentiu.

— Vou mandar uma resposta através da minha mãe — Frey declarou.

— Deixarei você fazendo isso, pois preciso falar com o meu filho — respondeu Apollo e o foco do Frey sobre ele se intensificou.

— Está tudo bem?

— Nem perto — Apollo confidenciou. — Mas estou trabalhando nisso.

— Não pude deixar de notar que hoje a Madeleine passou algum tempo no escritório com você — Frey observou.

— Pelo menos, isso está tudo bem.

— Fico feliz ao ouvir isso, primo — murmurou Frey. — Essa desavença estava preocupando a Finnie. No entanto, sente que não conhece Maddie bem o suficiente para abordar o assunto.

Ele inclinou a cabeça para Frey.

— Sinta-se livre para compartilhar esta notícia com a sua esposa, para aliviar as suas preocupações. Agora, preciso ver o meu filho. — Olhou para a porta do escritório e novamente para Frey. — A fim de descansar antes de viajar novamente, sua mãe é bem-vinda para passar a noite aqui.

Frey sorriu antes de falar:

— Muito bem, falou isso sem pestanejar. — Apollo balançou a cabeça, sentindo os seus lábios se curvarem. — No entanto — Frey continuou —, eu acredito que ela ficará perfeitamente confortável no *O Cisne*.

Frey a queria sob o telhado de Karsvall ainda menos que Apollo.

— Você decide — Apollo murmurou.

Frey assentiu com a cabeça e se virou na direção da porta do escritório. Apollo se moveu para as escadas e encontrou Christophe no primeiro lugar que procurou, no quarto dele. Seu filho estava

sentado à mesa, a cabeça inclinada, uma pena na mão, rabiscando em um pedaço de papel.

Estava tão absorto na tarefa que Apollo apoiou um ombro contra o batente da porta e demorou algum tempo observando a concentração do seu filho, por longos momentos, antes de ver Christophe pular e olhar na sua direção.

— Papa — disse ele.

— Se você está estudando, Chris, não vou incomodá-lo — Apollo respondeu.

Chris rapidamente virou o papel sobre a mesa enquanto balançava a cabeça e dizia:

— Não estou estudando.

Estava escrevendo e o que estava escrevendo não era para o Apollo ver. Isso era uma prerrogativa do seu filho, sempre foi e sempre seria. Apollo nunca leu as cartas do Christophe, a menos que solicitado a fazer isso. Na verdade, ninguém lia, a menos que fosse uma atribuição do seu tutor. Christophe era muito específico sobre quem tinha permissão para fazer isso.

O emocionou quando Christophe havia oferecido esse presente para Maddie, no caminho para Brunskar. No entanto, do jeito que as coisas estavam, desde então, a havia renegado. Ainda assim, Apollo tomou isso como um convite e entrou no quarto.

Christophe não levantou da cadeira, então, Apollo parou a alguns metros na frente da sua mesa.

— Disseram-me — começou cautelosamente, não compartilhando quem disse, mesmo sabendo que seu filho saberia — que você ouviu algumas servas fofocando.

Um rubor invadiu as bochechas do Christophe enquanto ele olhava para baixo, para a pena que ainda estava segurando, uma pena que estava girando nos dedos. Apollo esperou que Christophe começasse a falar.

Finalmente, ele falou:

— Elas falaram algumas coisas sobre o vovô.

— Eu sei — Apollo falou e recebeu o olhar do seu filho. — Isso é lamentável, Chris. Apesar de lamentável, quero que você saiba que eu tinha a intenção de compartilhar com você quando fosse mais velho.

Uma firmeza obstinada apareceu no rosto do Christophe, a mesma firmeza que Apollo havia visto várias vezes quando era mencionado que ele era jovem demais para fazer alguma coisa, de modo que Apollo continuou.

— Infelizmente, você sabe disso agora. Provavelmente, não tudo e não vou aproveitar esta oportunidade para compartilhar o resto. Você ainda é muito jovem.

— Mas... — Christophe começou.

— Você é muito jovem, meu filho — Apollo declarou baixinho. — O que eu vou dizer agora é que há muito tempo, seu avô tomou uma decisão. É minha opinião que foi uma decisão errada. Quando for a hora de conhecer a plenitude desta história, você terá idade suficiente para formar a sua própria opinião. Mas, independentemente de qualquer uma das nossas opiniões, tudo aconteceu há muito tempo e não há *nada* que possamos fazer para mudar.

Christophe encarou os olhos do pai e declarou:

— Tia Lynne era a sua mãe.

— Era, da forma como pôde ser, foi uma boa mãe.

— Você cresceu sem ela.

— Sim e não. — Dessa vez, foi ele que encarou os olhos do filho quando compartilhou: — Há muitas coisas que uma mãe aceita fazer para ficar com os seus filhos. Minha mãe aceitou tudo isso.

Christophe olhou novamente para a pena.

— Você... você tinha que... — ele parou e não falou mais *nada*.

— Chris, filho, por favor, olhe para mim — Apollo pediu e Christophe ergueu os olhos para o pai. — Eu não sofri. Era a vida que eu conhecia e eu tinha o amor dela. Eu tinha o amor do meu pai. Não era uma situação normal, mas era a minha.

— É por isso que a vovó nunca vem nos ver? — perguntou. — Porque não somos netos dela?

— É — Apollo confirmou.

— Ela ainda está com raiva? — perguntou.

— Eu não tenho como saber. O que sei é que ela ainda sente algo que a mantém longe, isso pode ser o que ela está sentindo. Ela também pode estar triste, mas seja o que for, é uma escolha dela continuar afastada.

— Ela foi má com você? — Chris sussurrou.

— Nunca — respondeu Apollo. — Quando fiquei mais velho, pude entender o porquê ela era do jeito que era, quando estava com o marido. Contudo, nunca foi assim comigo.

— As criadas disse....

— As criadas sabem *pouco* e não deveriam ter dito *nada*. Essa, Chris, é a lição que você deve aprender a partir do que aconteceu. Quando você fala, deve estar ciente do que diz, como

isso pode ser entendido e que podem ouvi-lo. Mas, principalmente, se falar sobre qualquer coisa, deve estar certo do que está falando.

Ele acenou para confirmar que tinha entendido a mensagem do seu pai, em seguida, esfregou os lábios antes de perguntar:

— Será que... *uh*, bem... Maddie... ela está... — respirou fundo e deixou escapar, falando em voz baixa: — Ela parecia muito triste.

— O que elas disseram a feriu profundamente. Nós conversamos sobre isso e ela está se sentindo melhor agora.

Apollo sentiu alívio o inundar quando viu o mesmo na face do seu filho, mas não durou muito, já que voltou a parecer perturbado. Ele soube por que quando Chris perguntou:

— Você vai enviá-la para longe?

— Não — respondeu Apollo e quando o fez, infelizmente, seu filho escondeu a reação, assim, Apollo não conseguiu desvendar os seus pensamentos.

— Elas disseram que você a mandaria embora — Christophe observou.

— Elas estavam erradas — Apollo explicou e Christophe esfregou os lábios novamente. Então, Apollo não falou *nada* por um tempo, antes de arriscar. — Como expliquei, sua irmã e eu desfrutamos da companhia dela. Maddie também gosta da nossa. Pedi a ela para vir para o jantar hoje à noite, mas ela se recusou. Estava preocupada com você e com o que escutou. Maddie também está, simplesmente, preocupada com você. Gostaria que ela se juntasse a nós, em breve. Posso me organizar para passar um tempo com ela, assim como Élan pode, nos momentos que não compartilhamos com você. Portanto, se não quiser a companhia

dela, preciso que me diga. — Abaixou o tom da voz quando terminou. — Tenho que ser honesto com você, meu filho. Você deve seguir o seu coração e espero que sempre compartilhe livremente comigo o que está nele. Me esforçarei para ouvi-lo sem recriminações. Vou retribuir esse favor agora e compartilhar que, por sua irmã, por mim e também pela Maddie, espero que você pense muito bem e encontre momentos que todos nós poderemos compartilhar juntos. Se não puder, isso será compreendido, mas isso não nega o fato que espero que você possa.

— Eu acho... — Christophe balançou a cabeça, mas depois continuou falando. — Acho que ela estava tão triste porque pensou que você a mandaria embora.

— Você presumiu corretamente.

Chris esfregou os lábios um pouco mais, antes de observar:

— Ela é legal com a Élan.

— Ela se importa profundamente com a sua irmã.

Christophe olhou novamente para sua pena e manteve a atenção nela quando falou:

— Você estava zangado com ela porque foi procurar por mim.

— Estava — confirmou Apollo.

— Eu a fiz entrar em apuros — Chris sussurrou para sua pena e o estômago do Apollo se contraiu com esperança.

— Maddie e eu temos conversado, Chris — falou baixinho. — Isso é passado. Ela não fará algo tão tolo novamente, mesmo que o tenha feito por causa da sua preocupação com você e Élan, não vou mais perder a paciência com ela da maneira que perdi.

Christophe não disse *nada*, simplesmente contemplou sua pena e Apollo decidiu que já era suficiente. Então, mudou de

assunto perguntando suavemente:

— Você já terminou as suas tarefas, filho?

Christophe olhou para ele e balançou a cabeça afirmativamente.

— Não testo as suas habilidades com a espada já faz algum tempo — Apollo falou e viu os olhos do seu filho se iluminarem. Sorriu e se virou para a porta, ordenando: — Pegue nossas espadas. Te encontro lá fora.

— Mas já escureceu, Papa — Christophe retrucou. Na porta, Apollo se virou para o filho.

— Então, é bom termos tochas. Nem toda luta de espadas é travada sob o sol, Chris. Para estar preparado, você deve ser preparado para qualquer coisa.

Christophe concordou com entusiasmo.

— Espadas — Apollo solicitou.

Chris soltou a pena e se levantou da cadeira. Correu até o seu guarda-roupa. Apollo respirou fundo e soltou a respiração enquanto saía do quarto. Só quando estava bem no final do corredor, que se permitiu sorrir.

* * * * *

— Com isso, Princesa Arianna pisou na nuvem... — Apollo parou de ler e olhou para a filha, que estava dormindo.

Ela sempre dormia naquela parte, na terceira vez que ele lia. Fechou o livro suavemente e o colocou sobre a sua mesa de cabeceira. Tirando cuidadosamente o braço que envolvia, ele rolou para o lado e saiu da cama. Puxou as cobertas para cima e as

enrolou nela, antes de se inclinar profundamente e depositar um beijo na sua têmpora.

Em seguida, se endireitou, apagou as lamparinas e saiu do quarto, mantendo a porta aberta alguns centímetros, como ela gostava. Apollo se encaminhou para o quarto do Christophe e viu a porta aberta alguns centímetros. Como ele gostava.

Ele a abriu e caminhou através do quarto escuro em direção à cama do seu filho. A luz do corredor mal iluminava o espaço. Portanto, Apollo fez uma pausa para que os seus olhos se acostumassem à escuridão antes de se inclinar sobre o filho, puxar as suas cobertas até o pescoço e cuidadosamente o envolver com elas.

Acordado, Chris era muito velho para poder receber isso. Dormindo, Apollo podia fazer o que quisesse. Assim, passou os dedos sobre a testa do filho, afastando os cabelos da sua pele. Em seguida, se inclinou e encostou os lábios em seus cabelos, antes de se endireitar e se afastar.

Estava no meio do quarto quando ouviu um sonolento:

— Papa.

Apollo se virou e respondeu baixinho:

— Acordei você.

— Não.

Ele não disse *nada* e Christophe também não. Quando isso durou algum tempo, Apollo perguntou:

— Você precisa de alguma coisa, Chris?

Houve uma longa pausa antes do Christophe responder:

— Não... eu só... — outra pausa. — Eu só queria dar boa noite.

Apollo caminhou novamente até a cama, se inclinou e colocou a mão ao redor da lateral do pescoço do filho.

— Boa noite, meu filho — sussurrou.

— Boa noite, Papa — Chris sussurrou em resposta.

Apollo deu um aperto no pescoço dele, em seguida, se moveu novamente até a porta. Ele a puxou e quase fechou, mas a manteve aberta alguns centímetros, como Christophe gostava. Então, foi até o seu quarto, pegou a capa que estava em cima da sua cama, saiu do quarto e a colocou.

Encontrou Torment como ordenou, selado, esperando por ele no pé da escada da frente de Karsvall. Montou em seu cavalo e o cutucou com os calcanhares. Torment avançou em um galope através da neve.

Alcançou a casa anexa rapidamente e notou, enquanto fazia isso, que havia luzes fluindo pelas cortinas das janelas em maior quantidade do que o normal. Na sala da frente, no quarto da Maddie, no segundo andar. Na lateral em que a cozinha ficava. Na parte de trás, onde as criadas ficavam.

Guiou Torment até os estábulos, rapidamente o acomodou para a noite, ao sair, se assegurou de fechar a porta contra o frio. Em vez de se mover até a frente da casa como faria normalmente, por causa da luz que vinha da cozinha, pensando que, talvez, Maddie estivesse sentada com as amigas para um papo à noite, se aproximou da porta lateral.

Abriu e fechou-a rapidamente para limitar o frio que deixou entrar. Uma vez que soltou a barra para travar a porta, se voltou para a cozinha e viu apenas Cristiana, sentada em uma cadeira perto

da lareira, os pés sobre um banquinho estofado, um xale sobre os ombros, um tricô no colo.

Sua cabeça estava virada para ele e seu rosto inexpressivo quando ela o cumprimentou, muito menos entusiasmada do que normalmente.

— Senhor Apollo.

— Cristiana — respondeu. — Onde está Maddie?

Ela voltou a atenção para o tricô, dizendo:

— Sala de estar.

Apollo começou a se mover naquela direção, antes de parar e olhar para a mulher.

— Você não tem um marido para cuidar?

Seus lábios se curvaram quando os seus olhos se voltaram para ele.

— Espero que, a esta altura e com a idade dele, seja capaz de cuidar de si mesmo. — Nitidez entrou no seu olhar quando ela concluiu. — Também tenho uma menina para cuidar.

Sua lealdade à Madeleine era bem-vinda. Sua insinuação, não. Porém, Apollo não disse *nada*, apenas acenou com o queixo, moveu-se para a sala e viu que Cristiana estava correta. Maddie estava na sala de estar e teve um mau pressentimento ao vê-la não reclinada no sofá, lendo ou conversando com Loretta e Meeta, mas na janela.

Ela tinha aberto um pouco a cortina e estava olhando para a noite, sua expressão estava ilegível. Já a tinha visto assim antes, na noite em que Franka Drakkar disse palavras que atravessaram a sua alma.

Esperava que a discussão anterior entre eles tivesse dado muito o que pensar, para mostrar que as palavras da Franka eram o que eram: intencionalmente maliciosas e totalmente falsas. Contudo, parecia que não.

— Espero, minha pomba, que Hans e Loretta não estejam lá fora neste frio — brincou quando entrou no cômodo e a sua cabeça chicoteou na direção dele. — E se estiverem, espero que Hans a esteja mantendo aquecida. Se estiver, acho que é de uma forma que você não deveria estar testemunhando.

— Eles não estão lá fora — Maddie disse e ele parou de avançar em sua direção, se posicionando no centro da sala.

— Então, o que você está olhando, papoula?

— Eu... — olhou para a janela antes de fechar a cortina e se virar para ele. — Nada. Estava pensando. Não sei o porquê faço isso parada em frente a uma janela gelada, mas acho que é porque parece tão sereno lá fora. Isso me ajuda a ordenar os pensamentos. — Ela encolheu os ombros. — Não há um monte de janelas pelas quais você poderia olhar para fora e testemunhar imobilidade completa, no meu mundo.

— No outro mundo — Apollo corrigiu.

— O quê? — Ela perguntou.

— Este é o seu mundo, Maddie. É a *do outro* mundo que tem uma quietude limitada.

Ela mordeu o lábio e Apollo não gostou disso também, mas se manteve afastado e perguntou em voz baixa:

— Sobre o que você estava pensando, Maddie?

— Como está o Chris? — perguntou imediatamente em troca.

Se pedissem para adivinhar o que ocupava os pensamentos dela, seria isso.

— Nós conversamos — respondeu. — Considerando o assunto, não havia muito que eu pudesse falar. Isso o frustra, pois ele tem quase nove anos, mas acha que tem trinta e nove. No entanto, finalizamos a nossa conversa lutando com espadas de madeira na neve. Então, acho que ele está bem.

— Vocês lutaram? — ela perguntou, os olhos arregalados.

— É só uma brincadeira — explicou. — Élan gosta de festas de chá. Chris gosta de esgrima.

— *Oh* — Maddie sussurrou, mas não disse mais *nada*.

Portanto, pressionou:

— Chris era a única coisa em sua mente?

— Não exatamente — respondeu.

Apollo sentiu o rosto relaxar enquanto prosseguia.

— O que mais estava na sua mente?

— Bem — ela começou e acenou com a mão. — O outro assunto.

— Meu pai, minha mãe e Lady Ulfr — Apollo afirmou, Maddie assentiu com a cabeça e ele não demorou em compartilhar o que ela claramente queria saber. — Como acontece ainda hoje, o casamento do meu pai foi arranjado. Ele poderia ter se oposto a isso, mas não o fez. Isso porque, embora tenha vindo de uma casa muito menor, sua pretendida detinha grande beleza.

Maddie assentiu com a cabeça novamente enquanto apoiava o seu peso, colocando uma mão na parte de trás do sofá para se acomodar e ouvir a história. Apollo não gostou disso, pois significou

que ela estava longe dele. Contudo, sentiu que ela precisava desse espaço e concedeu isso, continuando a falar.

— Também era uma mulher amável e bem tranquila. Infelizmente, ficou claro no início do seu casamento que ela não poderia fornecer um herdeiro. Quando acontece, o Chefe de uma Casa pode aceitar isso e o próximo na linha herdar o seu título. Meu pai não sabia disso, pois Achilles nasceu depois de mim. Agora sabemos que Achilles teria sido o próximo na linha de sucessão, que teria sido um bom Chefe para a Casa dos Ulfr. Porém, ele deveria saber disso, pois o meu tio era tão bom homem quanto Achilles. Mas, mesmo se pudesse conhecê-lo, como o homem que era, meu pai ainda teria tomado a decisão que tomou. Uma decisão que muitos Chefes já tomaram antes e até agora, se descobrissem que as suas mulheres eram incapazes de proporcionar um herdeiro. Encontrariam uma substituta para que pudessem cuidar dessa tarefa pessoalmente.

Apollo soube que esta informação a chocou pela expressão no seu rosto, mas tudo o que ela disse foi:

— Ok.

— Minha mãe, no entanto, não foi uma substituta — continuou. — Também tinha grande beleza e meu pai sentia alguma afeição por ela. Assim, ele a instalou nesta casa e se as fofocas forem verdadeiras, aproveitou completamente o fato de ela estar aqui.

Apollo a viu estremecer, mas, prosseguiu mesmo assim.

— Ela me teve. Como não era uma substituta disposta a proporcionar um herdeiro, embora acredite que ela soubesse o seu lugar, ainda esperava poder criar o filho que deu ao seu amante,

mas isso não aconteceu. Fui criado em Karsvall pelo meu pai e a sua esposa. Embora morasse muito perto e eu a visitasse regularmente, não era tão regular quanto a minha mãe teria gostado. Isso a levou a se proteger contra outra gravidez. O tempo passou e eu era muito jovem para saber o que ocorreu naquela época, como os envolvidos se sentiam a respeito. Só sei que muitos anos depois que ela me teve, meu pai mandou minha mãe embora e fui criado aqui em Karsvall, somente por ele e a sua esposa, vendo minha mãe apenas durante visitas curtas que o meu pai permitia.

— Isso é terrível — Maddie sussurrou, o tom de voz com que disse essas palavras afirmavam claramente que sentia exatamente isso.

— É, mas não é — respondeu. — Sei sobre as fofocas, mas aqueles que falam sobre isso não sabem como os envolvidos se sentiam sobre o que estava acontecendo. Só sei que Patience Ulfr era uma boa mulher, que pode não ter me criado com adoração, mas essa simplesmente não era a sua natureza. Ela era pensativa e gentil, mas era triste. Talvez, por seu casamento ter se transformado no que se transformou. Não tenho como saber como eles eram antes de eu vir a este mundo, mas eram muito distantes durante o tempo que passei com eles. Talvez estivesse triste porque eu não era o seu filho e ela desejava o seu próprio filho. Talvez a tristeza fosse simplesmente parte da sua disposição. Não tenho como saber. Nunca perguntei, mas mesmo que perguntasse, ela não era do tipo de mulher que contaria. Porém, independentemente da sua tristeza constante, ela nunca me fez sofrer por isso.

— E a sua mãe?

— Depois que me tornei velho o suficiente para decidir como passar o meu tempo, eu a vi com muito mais frequência. Depois que meu pai faleceu e Lady Patience voltou para sua casa, trouxe minha mãe novamente para esta casa. Ela deixou este mundo um ano depois que a Ilsa morreu.

Quando Apollo parou de falar, ela o observou e não disse *nada*. Ele permitiu isso por algum tempo, antes de começar a falar novamente.

— Agora que compartilhei isso, minha pomba, posso perguntar o porquê você está tão longe?

Maddie não respondeu, fez a sua própria pergunta.

— É por isso que você parece ter algum problema por eu estar nesta casa?

— É — ele confirmou. — Tenho várias memórias boas dos momentos que compartilhei com a minha mãe nesta casa, antes do meu pai morrer e depois que ela voltou. Mas, você não é ela. Não gosto que fique aqui, não só porque me lembra de quem era ela para o meu pai, mas também lembra a todos aqueles ao nosso redor. Não quero que pensem em você dessa maneira, pois não é isso que você é para mim. Você é muito mais.

Ele viu as suas feições suavizarem quando observou:

— Mas agora, da forma como Chris está se sentindo, não posso me mudar.

— Infelizmente, não pode. No entanto, você estava certa semanas atrás. Por ele, você deve permanecer aqui até que esteja confortável com a sua presença lá.

Maddie a apertou os lábios, parecendo incerta por um momento, antes de perguntar em voz baixa:

— Por que você não me contou *nada* disso?

— Você deve concordar que tínhamos coisas mais importantes para discutir — ele observou e suas sobrancelhas se ergueram.

— Mais importante do que isso? — Ela perguntou.

— Completamente — Apollo rebateu.

— Mas... quero dizer... — Ela balançou a cabeça como se para clarear as ideias. — Apollo, sua mãe, seu pai, crescer dessa maneira... como você deve ter se sentido, não há realmente muitas coisas que são mais importantes do que isso.

— Há — ele retrucou. — Você.

No instante em que a última palavra passou pelos seus lábios, a viu endireitar as costas, os lábios entreabertos. Então, viu os olhos dela ficarem brilhantes e diante disso, decidiu que o assunto tinha terminado por ali. Por isso, perguntou:

— Agora, você virá até mim ou eu vou até você?

Mais uma vez, ela não respondeu, apenas sussurrou:

— Eu deveria ter contado.

— O quê? — ele perguntou.

Madeleine encarou os olhos de Apollo, os dela ainda brilhantes quando repetiu:

— Eu deveria ter contado.

— Papoula...

Ela o interrompeu para explicar.

— Eu deveria ter contado que o que aquela mulher disse me incomodou profundamente.

— Deveria — ele concordou gentilmente.

— Não sou o que ela disse que eu era — afirmou.

— Não — sua concordância para isso foi muito menos suave.

— Você não é.

Apollo a viu respirar fundo, antes de admitir:

— Ainda não sei o que sou.

— Para isso, minha pomba, tenho que perguntar: por que você precisa ser alguma coisa, além de si mesma?

Ela piscou como se estivesse extremamente perplexa com o comentário dele.

— Perdão?

— Você é engraçada, espirituosa, é inteligente, leal e valente. Conheceu uma vida onde mulheres mais fracas, mulheres como a sua própria mãe, há muito tempo admitiram a derrota. Mas, você nunca desistiu. Você não consegue se contentar com tudo o que é você, sabendo que há muito disso, desfrutar do que aqueles ao seu redor podem lhe oferecer em troca? Mais especificamente eu, que simplesmente quero que você deixe a vida que levou para trás, assim como os demônios com os quais viveu, para ter uma vida em que eu posso te fazer feliz.

Mais uma vez, ela não respondeu, apenas olhou para o assento do sofá. Contudo, ele viu uma lágrima cair do seu olho e deslizar pelo seu rosto. Parecia que a visão daquela lágrima solitária perfuraria o seu coração.

— Madeleine, por favor, venha cá — Apollo sussurrou e ela virou os olhos para ele.

— Você me dá muito — ela sussurrou em resposta.

— Dou, mas, essa balança não é desequilibrada.

— Eu....

— Maddie, pare de falar e me *escute*. Enumerei anteriormente os presentes que você me deu, sendo essas razões pelas quais eu amo você. Mesmo depois de compartilhar todos eles, você me presenteou com algo que eu valorizo acima de tudo, o seu amor. Não sei como ajudá-la a ver que não há *nada* que você deve fazer, ou ser, ou dar para os outros, para entender irrevogavelmente que tê-la em nossas vidas vale a pena. Mais uma vez, especificamente, para *mim*, pois tenho você de maneiras que os outros não. Eu tenho o seu coração.

— Isso é suficiente? — ela perguntou e, diante da sua pergunta, Apollo lutou contra a sensação lancinante que ardeu em seu peito.

Essa sensação louca deixou a sua voz rouca quando declarou:

— Quisera eu ter tempo para encontrar o *outro eu*, para localizar o seu pai, ter tempo de uma forma que seguramente não iriam gostar, para expressar *exatamente* como me sinto por fazerem o que fizeram a você, para que nunca pensasse em proferir tal pergunta.

Maddie olhou para ele, então disse:

— Acho que isso é suficiente.

— Maldição, é — Apollo falou entre os dentes.

— Ok — ela sussurrou.

— Agora, você tem um segundo para vir até aqui. Se você não...

Apollo não terminou de falar, ela deu um passo na sua direção e deu outro. Então, foi o último passo que Maddie deu. O restante do caminho, ela correu. Seu corpo oscilou para trás quando

o dela o atingiu. Mas, quando isso aconteceu, ele passou os braços ao seu redor, os dela se curvaram ao redor dos seus ombros e ela aninhou o rosto no seu pescoço.

— Estava esperando que deixasse de ficar parada do outro lado da maldita sala e viesse para onde pertence, que você fosse colocar a sua boca em outro lugar — ele resmungou, irritado.

O corpo dela tremeu em seus braços por alguns segundos, antes do seu riso se tornar audível. Ainda rindo, ela afastou o rosto do pescoço dele, ficou na ponta dos pés e pressionou os lábios com firmeza contra os dele. Bem melhor, mas não permaneceram assim, pois ela se afastou quase que instantaneamente.

— Assim está bom? — Maddie perguntou, com os olhos ainda brilhando pelas lágrimas não derramadas, mas essas lágrimas não iriam a lugar algum. Sabia disso porque, por trás da umidade, havia o brilho da diversão.

Apollo sentiu falta desse brilho e estava imensamente satisfeito por tê-lo de volta.

— Dificilmente — ele pronunciou lentamente a resposta.

O brilho de divertimento nos olhos dela flamejou, em seguida, diminuiu lentamente, apenas para que a pele em volta da sua boca pudesse relaxar enquanto os olhos percorriam o seu rosto dele.

Madeleine encontrou os olhos de Apollo e a respiração dele ficou presa na garganta diante do que viu, quando ela sussurrou:

— Então, é essa a sensação de não estar quebrada.

Maldição. Seus braços estremeceram ao redor dela, mas não conseguiu fazer com que a sua boca se movesse para responder. Contudo, ela não precisava disso, pois tinha algo mais a dizer:

— Amo você, Lo.

De repente, Apollo estava farto de falar. Então, parou de fazer isso. Apesar de ter parado de falar, ainda assim usou a sua boca. Em contrapartida, Maddie usou a dela.

* * * * *

No quarto escuro, o peso macio e quente do corpo nu da Maddie descansava sobre ele, os joelhos dobrados na altura dos quadris dele, a testa em sua garganta, os dedos acariciando preguiçosamente a extensão do seu ombro, quando achou que ela estava quase dormindo, estava ansioso para fazer o mesmo com a sua pomba aninhada junto a ele, sentiu o seu movimento.

Não. Sentiu o seu tremor.

— Madeleine?

Ela começou a tremer mais ainda e os braços dele, que já estavam em torno dela, a apertaram quando Apollo levantou a cabeça, em uma tentativa de enxergá-la através da escuridão. Essa tentativa falhou. Tudo o que pôde ver foram as mechas dos cabelos ruivos brilhando à luz do fogo.

— Maddie — falou de forma mais acentuada.

Ela inclinou a cabeça e enfiou o rosto na lateral do pescoço dele, o corpo tremendo com mais força. Apollo achou que Maddie estava chorando e não conseguia imaginar o porquê, quando uma fungada delicada soou pelo quarto e ela tremeu ainda mais. Uma fungada que não era de choro. Era de riso.

Apollo a virou de costas, cobrindo-a com seu corpo, e levantou a cabeça para olhar para ela assim que o riso se tornou

audível. Madeleine se agarrou a ele e quando o fez, riu incontrolavelmente.

— O que é tão engraçado? — quis saber.

Ela continuou rindo, tremendo e bufando, mas não falou *nada*.

— Madeleine — ele deu um aperto nela — o que é tão engraçado?

Ela afastou o rosto do seu pescoço e, ainda rindo, gaguejou:

— Eu... você... eu estava...

Em seguida, apoiou o rosto novamente no pescoço dele, o apertou com mais força e explodiu em novas gargalhadas. Então, ele esperou e isso levou algum tempo. Finalmente, o riso começou a diminuir e ele disse:

— Agora, será que você poderia contar o que é tão divertido?

Ela apoiou a cabeça na cama, mas fez isso ainda o segurando. Então, encontrou os olhos dele no escuro.

— Sabe — Madeleine começou —, praticamente no minuto em que isso começou entre nós, eu me sentia um lixo por causa de todas as coisas que você estava me dando.

Apollo achou isso alarmante, mas não teve oportunidade de fazer *nenhum* comentário, uma vez que ela levantou a cabeça ligeiramente do travesseiro e deslizou a sua mão até o queixo dele.

— Eu gosto de coisas bonitas, Apollo.

Disse isso como se fosse uma confissão quando ele não conhecia uma viva alma que não gostasse. Assim, ele respondeu:

— Eu também gosto, Madeleine. Todo mundo gosta.

Sentiu seu corpo enrijecer um pouco debaixo dele e soube que aquele pensamento não havia ocorrido a ela. Logo, quando

Maddie não disse *nada*, ele insistiu:

— Isso foi a causa da sua alegria?

— Não. Quer dizer, sim... quer dizer, não inteiramente. Estou rindo pelo fato de você me dar tanto. Belas roupas. Uma linda casa. Amigos. — Ela fez uma pausa, acariciando o lábio dele com o polegar, antes de sussurrar: — Élan. *Você*.

Apollo sentiu o estômago aquecer, mas ela não tinha concluído.

— Agora eu entendo que é dessa forma que as pessoas se preocupam com o outro. Há muitas maneiras de se dar.

Sua voz estava rouca quando ele concordou:

— Sim.

Madeleine deslizou a mão pelos cabelos dele, a fim de puxar o seu rosto para perto do dela enquanto continuava a explicar.

— O motivo de eu estar rindo, querido, é que hoje você me deu algo mais.

— E o que eu te dei foi engraçado? — perguntou.

— Sim — ela respondeu.

— E o que foi?

Apollo sentiu o seu corpo relaxar sob o dele quando Maddie espalmou a mão na cabeça dele, puxando-o ainda mais para perto.

Sua voz era provocante, ainda rouca, quando respondeu:

— *Oh*, nada tão grande. Nada como um belo casaco ou um vestido de arrasar. — O tom da sua voz diminuiu. — Só o seu amor e, bem... *eu*.

O calor no estômago dele aumentou enquanto Apollo deslizava a mão até o lado dela, perguntando:

— Você?

Madeleine assentiu com a cabeça.

— Você me deu para *mim*. Todas aquelas coisas pelas quais me sentia culpada, o *grand finale* foi se apaixonar por mim e me devolver para *mim*.

Com o estômago ainda quente, a área em torno do seu coração também se aquecendo, continuou a deslizar a sua mão para cima e para baixo, do peito até garganta, até que alcançou o queixo dela.

— Vou te avisar, minha pomba, esse foi quase o *grand finale*.

Maddie virou a cabeça para beijar a palma da mão dele e o calor dentro de Apollo se intensificou quando ela endireitou a cabeça e sussurrou:

— Eu tive um pressentimento.

No momento em que terminou de pronunciar essas palavras, Maddie levantou a cabeça e apertou a boca contra a dele. Apollo inclinou a cabeça e tomou o que ela ofereceu. Em seguida, deu mais.

Capítulo 29

Feliz?

Eu me joguei no assento levemente desbotado do sofá perto da lareira e murmurei:

— Este mundo precisa, pelo menos, de trens.

Ouvi as risadas suaves da Circe e da Finnie enquanto esticava as pernas, com alívio, na minha frente.

— Você vai se acostumar com isso — Finnie falou e olhei para ela.

— É fácil para você dizer isso — respondi com um sorriso. — Você passa a maior parte do seu tempo em um galeão, tendo aventuras em alto-mar. Quem se importa se um galeão viaja mais rápido? Você está tendo aventuras em alto-mar.

— Eu viajei com frequência suficiente em um trenó para te entender — ela respondeu.

Imaginei que Finnie tivesse viajado, então, não falei *nada*.

— Amanhã chegaremos em Fyngaard e no Palácio de Inverno, não vamos ver um trenó por... *oh*, não sei, pelo menos três dias — Finnie continuou.

— Não é muito — murmurei. — Mas já é alguma coisa.

— Você também vai conhecer a Cora e o Tor — Circe acrescentou. — Lahn me disse que eles já estão lá, Valentine está com eles, lançando encantamentos ou... o que quer que seja.

Pelo menos conheceria a verdadeira Cora e o Tor.

— O *Dream Team*^[28] reunido — murmurei.

Circe sorriu para mim antes de dirigir o seu sorriso para Finnie. Nesse ponto, Meeta desabou no sofá ao meu lado, mas fez com muito mais elegância do que eu, tinha certeza. Observando-a fazer isso, me ocorreu que Meeta havia estado bem próxima a mim, todo o tempo possível, desde que deixamos Karsvall. Por outro lado, ela era o Spock do meu Kirk. Era ali que deveria estar. Sem mencionar que, na última vez que fizemos uma viagem, as coisas ficaram extremas.

Uma vez acomodada, Meeta murmurou:

— Se eu nunca mais na minha vida sentar o meu traseiro em uma daquelas engenhocas que deslizam pelo gelo, que gruda nos ossos, ficarei muito feliz.

Diante das suas palavras, comecei a rir. Obviamente, estávamos a caminho de Fyngaard, para acompanhar o Bitter Gales. Todos nós. Os homens do Apolo. Os homens do Frey e os homens do Lahn. As únicas que não estavam lá eram Lavinia e Valentine. Estavam fora, em missões mágicas inexplicáveis, cuidando da segurança dos dois continentes.

A boa notícia sobre isso era que eu teria que usar outro vestido de arrasar e participar de um baile, onde a intriga estava em andamento. O vestido que eu tinha providenciado para o Gales não era simplesmente espetacular, era *impressionante*.

A má notícia sobre isso era que Fyngaard estava a aproximadamente duas semanas de cavalgada de Karsvall e eu estava *farta* dos passeios de trenó. Claro, a princípio, pareciam incríveis, mas depois que passei *zilhões* de horas em um trenó, nem tanto.

Diante desse pensamento, Tunahn, que estava brincando no chão, agarrou a minha saia e puxou com força. Brincar para Tunahn incluía encontrar maneiras de entrar em apuros, ganhando assim uma bronca da sua mãe, uma bronca que ignoraria, pois no instante em que ela o colocasse no chão novamente, ele alegremente se ocuparia em encontrar uma outra maneira de entrar em apuros.

Já que ele estava puxando com força e o seu puxão estava deformando a malha da minha saia, inclinei-me para frente, o segurei e puxei o grande bebê que se contorcia, para o meu colo. Olhei em seus olhos e falei:

— É rude puxar a saia de uma mulher.

Sua resposta foi segurar o decote quadrado do meu vestido e puxá-lo. Eu o abracei, rindo, mas efetivamente o impedindo de me expor a todos, no salão da pousada onde estávamos hospedados.

Abaixei o queixo e vi os olhos escuros, inteligentes, mas irritados, apontados para mim, quando disse:

— Isso é ainda mais rude.

Ele bateu no meu peito com a mão e sorri novamente, mas quando o fiz, senti alguma coisa vindo do outro lado da sala, então, virei os olhos naquela direção. Prendi a respiração quando vi Apollo parado ao lado do Laures, conversando, mas o seu olhar estava sobre mim. O olhar no rosto dele era sexy, doce e belo, como todas as outras coisas no Apollo.

Eu gostava desse olhar e gostava do que esse olhar dizia, mas enquanto refletia sobre o quanto gostava de tudo isso, senti algo mais e os meus olhos se moveram novamente. Dessa vez, viram Chris e meu coração falhou dentro do peito quando reparei que ele estava prestando atenção no seu pai.

Não estava olhando para ele. Estava *prestando atenção* nele. Então, o meu coração falhou novamente quando os olhos do Chris deslizaram até mim. Engoli em seco antes de dar um pequeno sorriso na sua direção e ele ergueu o queixo em um cumprimento, então, olhou para longe.

Progresso. Apenas um pouco, mas aceitaria o que ele pudesse me dar. Podemos dizer que as coisas não haviam mudado muito com o Chris, nos três dias que permanecemos em Karsvall, antes de partir para Fyngaard. Na última noite em que passamos lá, porém, ele procurou Apollo e disse que estava tudo bem se eu fosse até lá para o jantar, mas foi só isso.

O jantar correu bem e ele não estava distante, mas também não foi o mesmo de sempre. Chris estava vigilante, averiguando como Élan conversava comigo. Vigia quando o seu pai falava e olhava para mim. Observando tudo.

Eu me esforcei para agir normalmente, esperando que, se o pai dele conseguia encontrar coisas para amar em mim, Chris conseguiria, pelo menos, descobrir coisas para gostar em mim. Ao que tudo indicava, ainda não havia encontrado.

Entretanto, durante a viagem, às vezes guiava o seu cavalo para perto do trenó em que eu e Élan estávamos. Não era falante como havia sido quando viajamos para Brunskar, mas Élan era. Logo, ele não precisava ser e tudo o que ela queria era que o seu irmão fosse mais próximo.

Decidi encarar isso como mais um progresso. A propósito, Apollo não forçou *nada* disso. Eu tinha o meu tempo com ele, tinha meu tempo com Élan e tinha o meu tempo com os dois. Chris escolhia o momento de participar da última parte.

Embora as coisas estivessem progredindo lentamente com Christophe, não eram assim com Élan. Tal como aconteceu na nossa última viagem, mesmo antes de deixarmos Karsvall, ela me queria por perto o tempo todo.

Élan me queria e me tinha. Eu havia me apaixonado pelo seu pai e demorou *menos* tempo para me apaixonar por ela. Além disso, as coisas não progrediram lentamente com Apollo. Por causa do Chris, tivemos que retomar as visitas noturnas na casa anexa, ele se levantava cedo para tomar o café da manhã com os seus filhos, ficava até tarde para poder jantar com eles e não saía até que eles estivessem na cama.

Contudo, Apollo achava momentos para me visitar, para eu visitá-lo. Fizemos isso funcionar. Não. Era mais do que fazer funcionar. Isso nos deixava felizes. Apollo se preocupava com o filho, isso era verdade e falamos sobre o assunto muitas vezes, mas descobri que ele não mentiu quando disse que ter o meu coração era suficiente.

Ele estava simplesmente feliz por estar comigo. Comigo. Como eu era. Era incrível. Então, depois de dizer que me amava, retribuí esse gesto me desfazendo de toda aquela merda que me corroía, as coisas mudaram. Sem amarras. Sem dúvidas. Sem *nada* mais me atormentando. Mais nada destruído. Tudo saudável, real. Forte.

Após levar a vida que vivi, foi incrivelmente difícil me acostumar. mas conheci a felicidade, Apollo a deu para mim. Conheci a satisfação, Apollo me deu isso também. Contudo, essas duas coisas unidas por um sentimento estável e Élan adicionada a isso? *Felicidade pura.*

Esses eram os meus pensamentos, nos quais estava perdida quando de repente pulei porque Tunahn não estava mais nos meus braços. Estava nos braços do pai, que estava se afastando, murmurando algo para o seu filho em Korwahkian.

Eu não tinha ideia do que ele estava falando, mas Circe tinha e soube disso quando ela retrucou:

— Lahn!

Ele enviou a ela um olhar tão severo que me fez olhar com espanto para Finnie, que testemunhou o olhar dele também e, portanto, imitou a minha expressão de espanto. Circe não viu isso. Estava concentrada no seu marido e não tinha uma expressão de espanto no rosto.

Estava falando alguma coisa entre os dentes para ele, mas na língua de Korwahk. Sua resposta foi:

— *Rayloo, kah Rahna fauna*.

— Não me diga: *rayloo, kah Dax* — ela respondeu.

De repente, ele sorriu para Circe e diante disso, não exibiu mais a cara de espanto. Nem Finnie. Nem Circe, que respondeu ao marido soltando um:

— *Humpf*.

Ele se afastou com o filho e Circe reclamou:

— É realmente uma porcaria ele ser tão sexy. Ele se livra de um monte de merda por ser assim tão sexy. Ao me chamar de sua *rahna fauna*, ele pode fazer praticamente qualquer coisa. Mesmo fazendo essas coisas de pai idiota. — Seus olhos foram até Finnie. — Você me entende?

— Completamente — Finnie respondeu e Circe olhou para mim. — Cuidado com isso — ela aconselhou.

Concordei com a cabeça, incapaz de falar diante da ideia de ter a oportunidade de testemunhar Apollo bancando o pai idiota com uma criança concebida por nós, mesmo que eu soubesse que era algo que não faria. Ao mesmo tempo, estava pensando que o meu futuro reservava um monte de oportunidades dele se livrar de um monte de coisas, sendo tão bonito e também utilizando aquele negócio de “minha pomba”.

— O que ele disse para o Tunahn? — perguntou Finnie, me tirando dos meus pensamentos.

Circe se inclinou, assim como Finnie e eu nos inclinamos, mas Meeta não se inclinou. Quando estávamos em posição, Circe contou em um sussurro.

— Lahn disse ao filho que ele não pode rasgar a roupa de uma mulher antes que aprenda a usar o pênis.

Senti os meus olhos se arregalarem.

— Entende o que estou dizendo? — perguntou Circe, vendo os meus olhos arregalados. — Coisas de pai idiota e se livra de ter a bunda chutada por mim porque é sexy.

Olhei para Finnie.

— O Frey faz essas coisas idiotas?

— Não sei — respondeu. — Quando Viktor não conseguia dormir, Frey o levava até o leme do navio no meio da noite e o mantinha lá por horas enquanto navegava pelas águas, conta como uma coisa idiota? Só para observar, estava frio *pra* caralho lá fora e Viktor estava tão animado por estar com seu pai ao ar livre que não conseguia pregar o olho, então, ficava ranzinza no dia seguinte e com o nariz escorrendo. Isso é uma coisa de pai idiota?

— Sim — respondi.

— Certo — Finnie começou. — Então, devo dizer que depois que fez isso, troquei umas palavrinhas com ele. Frey ouviu cerca de quatro delas antes de me agarrar, me beijar e dizer: Ele é saudável e forte, forte o suficiente para sobreviver a uma corrente de ar, minha pequenina. Deixe isso para lá. Então, me soltou e se afastou. Mas não precisou me chamar de sua pequenina, ou até mesmo falar. Eu ainda estava hipnotizada pelo seu beijo.

Estava imaginando que deveria encontrar alguma maneira de me escorar contra a grandiosidade do Apollo, se chegasse a acontecer de ele me dar algo que eu estimasse tanto quanto o seu amor, um bebê, quando Isis engatinhou no tapete entre os dois sofás em que as mulheres estavam sentadas.

Ela estava sendo perseguida pelo Viktor, que tinha uma vantagem injusta. Ele estava andando. Portanto, Viktor a pegou, caindo sobre ela, a girando e dando um beijo babado nos lábios rosados e sorridentes.

— Querido Deus — Finnie murmurou e se jogou para trás contra o assento do sofá à minha frente.

Não pude evitar de sorrir, mas o fiz desviando os olhos para Meeta, quando ela falou, olhando para Finnie:

— Seu filho é saudável e forte, pode sobreviver a uma corrente de ar. Sei disso porque ele sobreviveu. — Depois de falar, olhou para Circe e declarou com lógica: — E é verdade. O seu filho não deve rasgar a roupa de uma mulher até que saiba como usar o pênis.

— Ele só tem um ano — respondeu Circe.

Meeta arqueou as sobrancelhas e perguntou:

— Será que isso torna a declaração do seu Rei menos verdadeira?

Circe fechou a boca. Nessa conjuntura, Loretta se jogou no sofá, do meu outro lado e perguntou:

— Você está rindo. O que eu perdi?

Todas olharam para ela, mas ninguém disse uma palavra. Em seguida olhamos para o chão, pois Isis estava gritando, isso porque Viktor estava de pé e parecia estar tentando levantá-la em seus braços, a fim de fazer Deus sabia o que com ela.

Isso significava que Loretta ainda não conseguiria uma resposta, porque antes que Circe ou Finnie pudessem fazer qualquer movimento que estavam se preparando para fazer, a fim de separar os jovens pombinhos, Lahn entrou correndo. Pegou a filha e, sem olhar para *ninguém*, caminhou para fora com ambas as proles seguras fortemente junto ao peito enorme.

Tunahn estava se contorcendo e Isis imediatamente começou a se aconchegar no colo do pai. Loretta aproveitou a oportunidade para alterar a pergunta, essa proferida depois de tirar os olhos do Lahn e direcioná-los para Circe.

— Você disse que tanto Bain quanto Zahnin já foram fígados?

Mais uma vez, não obtive resposta. Dessa vez porque estávamos todas muito ocupadas, rindo novamente.

* * * * *

— E... assim... a Princesa Arianna pisou... na... nuvem ... *Oh*.

Nisso, Élan, que lia para mim, caiu no sono. Quando o fez, após sorrir, puxei cuidadosamente o livro das suas mãos e o coloquei sobre a mesa de cabeceira. Então, me inclinei sobre ela, beijei o topo do brilhante cabelo escuro e finalmente me desvencilhei do corpo aninhado ao meu lado.

Fiquei de pé ao lado da cama e me inclinei para puxar as cobertas para cima e envolvê-la nelas. Depois disso, ela se aconchegou mais ainda e se virou de lado. Concedida uma nova oportunidade, afastei os cabelos do seu rosto e me inclinei mais ainda para encostar os lábios na sua bochecha.

Quando me endireitei, demorei algum tempo observando o sono de beleza da menina. Após longos momentos fazendo isso, apaguei a lamparina ao lado da cama, me movi até a lareira, afastei a tela, joguei alguns troncos nela e fui para o outro lado da cama. Apaguei a outra lamparina e saí do quarto.

No corredor, vi Gaston patrulhando próximo ao quarto da Élan. Ele também me viu e perguntou com um sorriso:

— Ela apagou?

— Depois de ler o mesmo livro três vezes, sim. Ela finalmente apagou.

Ainda sorrindo, Gaston se aproximou e observou:

— Lo lê para ela.

Inclinei a cabeça para o lado.

— Desculpe?

— O Lo lê para ela quando está por perto, à noite. Sei disso porque ela gosta quando ele faz isso, então, Élan fala sobre isso depois. Frequentemente. Contudo, é ela quem lê para você. — Seu sorriso ficou maior. — Tentando impressioná-la.

Calor me inundou diante das palavras dele, embora tenha percebido que algo mais estava em jogo.

— Ela tem o pai na palma da mão — retruquei.

Seus olhos brilharam quando murmurou:

— Exatamente.

Isso fez com que mais calor me inundasse enquanto olhava pelo corredor e via um homem do Frey, Lund, em sentinela, parado no topo das escadas. Estranhamente, isso não parecia proteção, o que seria um lembrete do perigo. Estranhamente, parecia apenas uma família. Não estranhamente, mais calor me percorreu.

— Tudo está seguro, Maddie, pode ir para a cama — Gaston disse.

Olhei por cima do ombro dele, para o outro lado do corredor, em seguida, novamente para ele.

— Você sabe onde o Lo está? — perguntei.

— Ainda com o Christophe — respondeu.

— Quando ele deixar o Chris e for para o meu quarto, pode dizer a ele que estou com a Loretta?

Gaston assentiu e me inclinei, ficando na ponta dos pés para encostar a minha bochecha na dele. Então disse:

— Se eu não o vir novamente, tenha uma boa noite.

— Você também, querida — ele murmurou.

Afastei-me e dei um sorriso para ele, depois segui pelo corredor. Eu já estava de camisola e robe, chinelos forrados de pele nos meus pés, pronta para ir para a cama depois que Loretta e Meeta, como de costume, me ajudaram, quando veio o pedido da Élan para que eu a ouvisse ler. Assim, fui para o quarto dela enquanto as minhas meninas iam para o delas.

Meeta, sem dúvida, estaria agora com o Ruben, no quarto dele. Essa situação permanecia calma, sem alarde, como era característica da Meeta. Isso não queria dizer que era inteiramente sincera sobre ela. Muitas vezes a vi buscar por Ruben com os olhos enquanto atravessávamos a neve.

Ela gostava dele e, infelizmente, não era do tipo de mulher que responderia — de forma alguma — se eu brincasse com ela sobre isso. Logo, como seria um desperdício de esforço e uma provocação, não o fiz. Mas queria fazer.

Entretanto, Loretta dormiria em uma cama vazia *hoje* à noite. Surpreendentemente, Hans não tinha feito *nenhum* progresso. Não era surpreendente que, depois de uma grande quantidade de tempo ter passado, ele tenha recuado. Embora isso não o tenha deixado feliz e seu olhar furioso, quase constantemente, destinado à Loretta me dissesse isso. Também dizia praticamente o mesmo para qualquer um que o testemunhasse. E todos já tinham testemunhado.

Por alguma razão, não aceitava isso muito bem. Embora tenha feito em tom de brincadeira, mais cedo naquela noite, perguntar pelo *status* de relacionamento do Bain e do Zahnin também me pareceu errado. Ela estava atraída pelo Hans e pensei que eventualmente cederia, mas não cedeu. Também não falou *nada* sobre isso.

Imaginei que amigos deveriam cuidar dos amigos, já que não tinha muita experiência. Os amigos que eu tinha *agora* pareciam cuidar de mim, mas eu não estava certa de estar cuidando dela. Então, lá estava eu, indo até a porta dela.

Uma vez que fiz isso, antes de perder a coragem, levantei a mão. Não bati porque ouvi a porta atrás de mim se abrir e me virei naquela direção, percebi que Meeta estava parada lá dentro.

— Oi, querida — a cumprimentei.

— Senhorita Maddie — respondeu.

Um calafrio deslizou sobre a minha pele quando vi o olhar no seu rosto. Já que ela estava me observando atentamente, de uma forma que *meio que* me assustou, me virei totalmente para ela.

— Tudo bem? — perguntei, mas ela continuou a me observar e não respondeu. — Meeta? — chamei.

Ela inclinou a cabeça para o lado e, sim, me assustando *pra* caralho. De repente, o rosto dela se iluminou e disse:

— Está tudo bem.

O frio foi embora. Se a Meeta dizia que estava tudo bem, ela não mentiria. Um braço musculoso apareceu, um braço que envolveu Meeta na altura do seu peito. Então, o rosto bonito do Ruben apareceu ao lado da cabeça dela. Ele abaixou o queixo para mim, e exibiu um sorriso feroz. Meio segundo depois, Meeta desapareceu e a porta se fechou. Sorri para a porta antes de me virar e bater na da Loretta.

Dentro de alguns instantes, ouvi a tranca girar e a porta se abriu, apenas alguns centímetros. Quando me viu, a abriu ainda mais e o seu cenho se franziu.

— Está tudo bem, senhorita Maddie? — perguntou.

— Tudo bem, querida — respondi. — Posso entrar por um segundo, para conversarmos?

Ela pareceu confusa, mas abriu ainda mais a porta e me convidou a entrar, dizendo:

— É claro.

Entrei no quarto e observei que o fogo na lareira estava alto, a lamparina ao lado da cama estava acesa e um livro estava de cabeça para baixo sobre a coberta. Então, me virei para ela.

— Me desculpe, você já tinha se recolhido.

— Sempre fico feliz ao receber uma visita sua, senhorita Maddie — respondeu, caminhou até a cama, se sentou na beira, pegou o livro e o colocou na mesa de cabeceira, finalizando: — É boa a qualquer hora, mas, é definitivamente muito melhor do que este livro.

Eu a segui e me sentei ao lado dela.

— Não é bom?

— Não tenho certeza se o herói vai acabar com a heroína.

— Sorriu para mim. — Prefiro um final feliz.

Eu também e estava lá para perguntar sobre o dela.

— Tudo bem, querida — comecei. — Só para dizer, não é da minha conta e você não é obrigada a falar sobre isso, mas parece que você conseguiu afastar o Hans.

Ela olhou para os joelhos, murmurando:

— Finalmente.

Essa palavra deveria ter vindo carregada de alívio, mas não ouvi alívio, também não soube identificar o que ouvi.

— Posso... — fiz uma pausa e ela voltou os olhos para mim — perguntar por quê?

— Por quê?

— Hans é um bom homem, Loretta, e você gostava dele muito antes do que aconteceu em Brunskar.

Ela olhou novamente para os joelhos e parecia desconfortável. Ok, talvez tivesse estragado tudo. Talvez amigos não devessem meter o nariz nos assuntos dos amigos. Recuando, assegurei rapidamente:

— Você não tem que falar sobre isso comigo. É um problema seu. Não meu.

Seu olhar retornou para mim.

— Eu sou exigente... — declarou.

— Exigente? — perguntei.

Ela se virou totalmente para mim.

— Definitivamente, gosto de sexo, mas sou exigente com quem eu faço. Não tive um grande número de parceiros por causa disso — declarou abertamente.

— Ok — respondi devagar quando ela não prosseguiu.

— Ele me perseguiu — Loretta continuou.

— Nós estamos falando sobre a primeira vez? — perguntei e ela assentiu.

— Eu pensei que... bem, ele parecia — balançou os ombros — interessado em mim, não somente em sexo.

— E você ficou decepcionada porque ele não estava — imaginei.

— Sim — ela confirmou. — Mas, foi mais do que isso. Ficou claro que ele era muito bom porque gostei muito do que fizemos. Muito mais do que já gostei antes, só que quando ele não quis mais, pensei que, talvez, eu... bem... eu *não fosse* boa nisso, quero dizer.

Opa. Isso machucava. Não falei *nada* e ela continuou falando.

— Por causa da sua perseguição, também comecei a conhecê-lo. Gostei do que conheci. Você está certa, ele é um bom homem e me tratou de uma maneira que eu gostei. Em seguida, depois que me teve, depois de tudo aquilo... foi embora.

Senti a minha boca enrijecer. Hans idiota.

— Sei que deve ter sido horrível — falei, estendendo a mão e segurando a dela.

Seus dedos se enroscaram nos meus enquanto ela concordava.

— Foi. Doeu muito e me fez ficar com raiva. Quando ficou interessado em mim novamente, depois do que aconteceu em Brunskar, era como se tudo o que tinha acontecido antes tivesse sido uma brincadeira. Hans conversou comigo como se quisesse me conhecer, mas era um meio para um fim. Ele não queria me conhecer, acho que ele nem mesmo me ouviu. Só fez isso para conseguir o que queria. Então, depois do que aconteceu em Brunskar, de repente, foi como se ele tivesse decidido que eu valia a pena....

— Quando você já valia antes — concluí por ela.

— Espero que sim — respondeu.

— Valia — assegurei. — Você vale.

— Espero que sim, senhorita Maddie — sussurrou.

Apertei a sua mão e me inclinei.

— Você valia. Você *vale* — repeti com firmeza e cheguei mais perto. — Descobri, muito recentemente, que há coisas dentro de nós que temos para oferecer, da forma com a qual aqueles que nos rodeiam se comportam, como nos tratam, pode não nos deixar ver o que temos a dar. Gostaria de pensar, querida, que também acontece

no sentido inverso. Que aqueles que nos rodeiam não conseguem ver o que temos a oferecer, até que algo acontece, de repente — apertei a mão dela com a minha — *eles veem*.

Loretta não disse *nada*, então continuei.

— Podemos simplesmente dizer que o que aconteceu em Brunskar, o que você e Meeta fizeram por mim, foi uma coisa gigantesca. Na verdade, em tempos normais, demonstrar esse tipo de bravura poderia jamais acontecer. Hans é um homem que valoriza demais a bravura e lealdade, coisas que você exibiu em abundância. Assim, pode nunca ter reconhecido tudo o que há em você porque não estava abrindo os olhos para ver, mas também porque não houve oportunidade para ver tudo o que existe.

Respirei fundo antes de falar a parte mais difícil.

— Mas, tenho que admitir, da maneira como você explicou, odeio dizer isso, pareceu que o Hans estivesse só se divertindo um pouco.

— Sim — ela disse baixinho.

— Mas, então ele *enxergou* você.

Ela me estudou por um momento antes de declarar:

— Você quer que eu fique com ele.

Balancei a cabeça.

— Eu quero que você faça o que quiser. O que você merece. Simplesmente não consigo evitar, mas acho que você o queria antes, muito mesmo. Embora entenda totalmente o porquê de não o querer agora, não consigo esquecer de como você se sentiu antes. No fim — dei outro aperto na mão dela —, só quero que você seja feliz.

— Eu... bem... — ela gaguejou e olhou para o lado, de repente, exclamou: — *Oh*, porcaria!

— O quê? — perguntei.

Seus olhos se voltaram aos meus.

— Agora estou com raiva porque ele parou.

Pisquei, antes de repetir:

— O quê?

— Eu... eu... bem, senhorita Maddie, devo admitir, eu queria saber se desta vez seu interesse era genuíno, se era *maior*, então estava — sua expressão mostrava vergonha e constrangimento — o *testando*.

Oh, Jesus.

— E ele desistiu — Loretta continuou. *Merda*. — Agora, eu não sei o que fazer — confidenciou. — Porque Hans está fazendo apenas o que eu *disse* a ele para fazer, que é me deixar em paz, não está fazendo o que eu *quero* que ele faça, que é lutar para me conquistar.

— Você quer que eu dê uma palavrinha com ele? — perguntei, esperando que ela não quisesse porque Hans gostava de mim, mas tinha a sensação de que ele não gostaria que eu me envolvesse.

Ainda assim, falaria. Pela minha Loretta. Contudo, ela imediatamente e felizmente gritou:

— Não!

— Ok — falei apressadamente. — Não falarei com ele.

— Eu cometi um erro terrível — declarou. — Ele é muito bonito e pertence à uma Casa. Desde Brunskar, quando não estava

sendo mandão e chato, foi muito doce. Tive sorte de chamar sua atenção, em primeiro lugar.

Oh não, ela não teve.

— É aí que você está completamente errada — disse a ela.
— Hans teve a sorte de chamar a sua atenção. Você é linda, querida, cada parte de você. Por dentro e por fora.

Loretta me deu um pequeno sorriso enquanto a sua mão apertava a minha, mas, o sorriso desapareceu em seguida e ela olhou novamente para os joelhos.

— Eu não sei o que fazer.

— Bem, não sou *nenhuma* perita em relacionamentos, não chegaria nem perto — comecei e ela olhou para mim.

— Não chegaria nem perto?

— *Humm...* bem, vamos apenas dizer que não sou muito boa nesse tipo de coisa — expliquei.

— Mas o Senhor Apollo adora você.

Ele adorava, de fato. Não conseguiria reprimir o sorriso que aquela lembrança causou, então não o fiz, mas mantive o foco.

— O que eu estou dizendo é que, embora tenha fisgado o meu homem e ele seja um dos bons, antes disso houve um período atribulado, onde cometi alguns erros. Portanto, aceite o meu conselho sabendo disso, mas acho que vocês dois precisam parar de jogar esses joguinhos e cair na real.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Cair na real?

— Converse com ele. Fale sobre os seus sentimentos. Conte como ele a magoou antes, explique que o admira e que não quer ser apenas uma transa. — Quando ela pareceu confusa novamente,

eu disse: — Apenas sexo. Se não estiver interessado, diga a ele que você quer saber, pois assim ambos podem seguir em frente. Contudo, se for mais do que isso para ele, você saberá.

— Ele pode ficar com raiva de mim por jogar esses... joguinhos.

— Pode — concordei. — Por outro lado, pode perceber que pediu por isso e engolir calado.

Ela olhou para mim.

— Às vezes, você fala de maneira muito estranha, senhorita Maddie.

Era uma merda ter que manter segredo para um amigo, sobre quem eu realmente era, e era nesse tipo de momento que fedia mais. Ainda assim, Loretta não podia saber, então não pude responder *nada*. Em vez disso, falei:

— Nós temos maneiras diferentes de dizer as coisas de onde eu venho, em Vale.

— Reparei — ela murmurou.

Estava na hora de deixá-la sozinha, então, encostei o meu ombro no dela e levantei as nossas mãos, fazendo uma oferta. — Se você precisar falar sobre esse tipo de coisa, ou qualquer outra coisa, estou aqui. Se não quiser falar sobre isso, tudo bem também. Só quero que saiba que pode contar comigo. Sim?

Ela sorriu e dessa vez o seu sorriso não era pequeno.

— Sim, senhorita Maddie.

Retribuí seu sorriso e disse:

— Durma bem, querida.

— Você também.

Soltei a sua mão, mas me virei para dar um abraço, que ela retribuiu. Quando os seus braços se fecharam à minha volta, me perguntei como tinha vivido por tanto tempo uma vida intocada por boas pessoas. Por outro lado, não importava. Porque eu não vivia mais aquela vida.

Eu a soltei, levantei-me da cama e pisquei para ela antes de me dirigir até a porta. Quando cheguei no corredor, notei que Gaston estava na outra extremidade e Lund ainda estava na mesma posição, no topo das escadas. Contudo, enquanto caminhava para o meu quarto, também notei que a porta de um dos quartos estava ligeiramente aberta.

Era o quarto do Christophe, pensei que Apollo a tivesse deixado aberta por algum motivo e estava me perguntando o porquê quando cheguei mais perto. Então, vi o olho do Christophe espiando pela fresta e olhei rapidamente para longe, já que a sua posição me dizia que ele não queria ser pego espreitando. Tentei lembrar de dizer ao pai dele que ele ainda estava acordado e que algo estava acontecendo, enquanto passava pela sua porta fingindo que não sabia que ele estava lá.

Dei dois passos quando o ouvi falar.

— Senhorita Maddie.

Meu coração acelerou dentro do peito quando me virei e vi que ele havia colocado a cabeça para fora da porta e seus olhos estavam em mim. Ele estava se dirigindo a mim. Estava falando comigo.

— Está tudo bem, Chris? — perguntei.

Ele virou a cabeça a fim de olhar para o outro lado da sala, em seguida, olhou novamente para mim.

— Você falou para a Loretta ficar com o Hans?

Olhei para ele, surpresa com a pergunta. Uma pergunta que colocou testemunho no fato de que Chris não observava apenas seu pai, sua irmã e eu. Parecia que Chris prestava atenção em tudo. Então, me obriguei a falar.

— *Humm...* bem, não. Não exatamente.

Chris pareceu desapontado.

— Loretta está... — não sabia o que compartilhar e decidi falar:

— Ela tem alguns problemas.

— Hans gosta dela — afirmou.

— Bem, sim — respondi.

— O belo soldado deve conquistar a donzela que deseja no fim da história — declarou e senti os meus lábios se curvarem enquanto lutava para não sorrir.

— Você está absolutamente certo — disse a ele.

— Então, o que há de errado com Loretta? Ela está arruinando a história — falou.

Novamente contive um sorriso, fazendo isso pensando que queria conversar com ele. Chegar mais perto. Para me abaixar em frente a ele e encarar o seu olhar quando falasse minhas próximas palavras, mas não era um pequeno progresso. Era um enorme progresso. Então, não forcei isso.

— Algumas histórias têm voltas e reviravoltas, Chris. Pode ser que essas voltas e reviravoltas façam Hans conquistar Loretta. Pode ser que Hans pense que Loretta é a moça que ele deseja, mas que uma outra está no horizonte e será aquela que ele pretenderá conquistar e conseguirá. Como acontece com qualquer boa história, só temos que vê-la se desenrolar e observar.

— Ela é a donzela que Hans deseja — Chris informou com autoridade. — Eu o ouvi dizer ao Remi que ele a acha muito bonita.

— Fico feliz em saber disso — respondi baixinho.

— Então, ela precisa parar de ser tão teimosa — Chris afirmou.

— Bem, espero que tenha dado a ela algumas coisas para pensar, no que diz respeito ao Hans — compartilhei.

— Espero que tenha — concordou.

Diante disso, me permiti sorrir e disse calmamente:

— Mas, nós vamos apenas ver o seu desenrolar, não é?

Ele estava olhando para o meu sorriso quando elevou os olhos e assentiu.

— Agora, quer que eu encontre o seu pai e peça a ele para vir te acomodar, ou você está bem? — perguntei.

Sua cabeça, a única coisa que eu conseguia ver através do batente, se ergueu uns cinco centímetros, antes de declarar:

— Eu posso me acomodar.

— Claro — murmurei e em seguida falei mais alto: — Durma bem, querido.

Algo mudou na sua face diante do carinho, algo que não consegui determinar com exatidão, antes dele falar:

— Durma bem, também.

Sem mais delongas, sua cabeça desapareceu e ele fechou a porta. Eu me virei rapidamente, girando com alegria. Acenei para Lund e Gaston enquanto corria pelo corredor, me contendo para não pular.

Abri a porta e vi Apollo sentado em uma cadeira no meu quarto, tirando a bota. Ele ergueu a cabeça e sua expressão se

tornou suave quando me viu, gostei muito disso e fechei a porta atrás de mim.

— Tranque a porta, minha papoula — ele ordenou, mas não tranquei.

Eu me permiti pular através do quarto até ele, vendo-o me observar enquanto largava a bota e se endireitava na cadeira. Quando cheguei perto dele, me permiti dar um giro e finalizei caindo em seu colo. Seus braços se fecharam à minha volta instantaneamente e levantei as mãos imediatamente, batendo-as contra o peito dele.

— Adivinha? — perguntei.

Apollo estava sorrindo para mim enquanto perguntava:

— O quê?

Cheguei mais perto e, quando estávamos quase nariz contra nariz, compartilhei:

— Chris me chamou quando eu estava passando no corredor e *começou uma conversa comigo*.

Seus olhos brilharam, seus braços estremeceram e os seus lábios se curvaram mais acentuadamente.

— Bom — Apollo murmurou e eu me atirei para trás, para longe dele.

— Bom? — perguntei antes de bater as minhas mãos no peito dele e me inclinar novamente. — *Ótimo!*

— Sim, minha pomba, é ótimo — concordou, seus braços se estreitando ainda mais à minha volta, me puxando para perto, os olhos cor de jade brilhando com diversão. Calor tomou conta deles antes de sussurrar:

— Feliz?

Apollo queria muito que a resposta fosse “sim”, pois trabalhou duro para obter essa resposta. Por isso, com profunda satisfação, deslizei a minha mão sobre o seu peito, envolvi o seu pescoço e sussurrei em resposta:

— Muito.

Ele abaixou a cabeça para que os seus lábios ficassem a um sopro de distância dos meus.

— Agora, veremos se eu posso fazer você ficar mais feliz.

Suas palavras. O tom da sua voz. O calor que tinha tornado os seus olhos calorosos.

Eu me contorci.

— Ok — sussurrei.

— Vá trancar a porta, minha pomba. Quando se juntar a mim na cama, quero apenas você, não as suas roupas, se juntando a mim.

Eu poderia *realmente* fazer isso. Assim, sem um segundo de hesitação, fiz.

* * * * *

Deus, ele estava me matando.

— Lo — sussurrei.

Apollo e eu estávamos debaixo das cobertas, um diante do outro, na cama. Nus. Ele tinha a minha perna estendida sobre o seu quadril, a coxa dele engatada entre as minhas pernas, seus dedos estavam brincando lá, como estiveram por um longo tempo. Um tempo muito longo.

— Olhe para mim, Maddie.

Levantei o olhar desfocado da sua garganta, pressionei os quadris contra a mão dele e encarei os seus olhos enquanto os seus dedos deslizavam para longe.

— *Lo* — sussurrei novamente e dessa vez foi um apelo.

Sua boca foi até a minha, os olhos presos nos meus quando os seus lábios sussurraram:

— Case comigo.

Todo o meu fôlego me deixou. Ok. *Agora* isso... *Isso* era uma proposta de casamento e os seus dedos, que deslizaram para o meio das minhas pernas, simplesmente se afastaram mais uma vez.

— Case comigo, Maddie — repetiu. *Oh, Deus.*

— Apollo — disse o nome dele baixinho, mas não falei mais *nada*.

Não pude. Seus dedos voltaram a deslizar sobre o meu clitóris e se moveram para baixo, um deles parando na entrada da minha vagina.

— Diga que vai se casar comigo — ordenou suavemente.

Mordi o lábio, seu dedo deslizou e eu soluzei.

— Diga, papoula.

— Eu vou casar com você, *baby*.

Seu dedo me penetrou e fechei os olhos, empurrei o quadril contra a mão dele e arqueei as costas. Apollo moveu a boca até o meu pescoço enquanto deslizava o dedo para fora. Quando o deslizou para dentro, perguntou:

— Você passará o resto da sua vida comigo?

— Sim.

Seu dedo saiu e entrou em seguida.

— Feliz.

— Sim, Lo.

Para fora, em seguida, para dentro.

— Ao meu lado.

— Sim, querido.

Fora, dentro e circulou suavemente.

Sim. Deus. Ele estava me matando e eu adorei.

— Sempre ao meu lado — continuou.

— Absolutamente — concordei.

— Você vai tentar fazer um bebê comigo?

Meu corpo enrijeceu e as minhas mãos, que estavam no peito dele, o pressionaram mais. Contudo, a minha resposta à sua pergunta foi:

— *Por Favor.*

No segundo em que ouviu isso, levantou a cabeça, tomou a minha boca com um beijo profundo, molhado e ardente enquanto deslizava o dedo para fora e apertava o corpo grande contra o meu. Caí de costas, Apollo me cobriu e os seus quadris se encaixaram entre as minhas pernas. Ele interrompeu o beijo, se apoiou em um antebraço com a outra mão entre nós e senti a cabeça do seu membro deslizar até onde os dedos haviam estado, mas não me penetrou.

Levantei a cabeça e encostei o rosto no pescoço dele.

— Lo, por favor.

Ele percorreu a minha orelha com a ponta do nariz, antes de fazer o mesmo com a língua, enquanto esfregava a ponta do seu pênis contra o meu clítoris. Então, engoli em seco.

— Você me ama? — sussurrou no meu ouvido.

— Sim — sussurrei contra a sua pele.

— Diga.

— Eu te amo, *baby*.

Apollo deslizou o pênis para baixo e o colocou exatamente onde precisava colocar, mas não me penetrou.

— Diga isso de novo.

— Eu te amo, Lo.

Ele me deu alguns centímetros e eu me esforcei para ter mais, passando os braços em volta dele, levantando os meus joelhos nas suas laterais.

— Mais uma vez, papoula.

— Amo você, Lo — sussurrei e ganhei mais alguns centímetros.

Mordi o lábio e deslizei a mão pelas suas costas, para entrelaçar os dedos no cabelo dele. Sua voz estava rouca quando ordenou:

— Mais uma vez.

— Eu amo você.

Mais alguns centímetros.

— Amo você, querido — repeti sem ele precisar pedir e foi aí que entendi tudo.

Por outro lado, eu já tinha tudo. Apollo havia me dado. Estava apenas me dando mais. Ele se moveu e eu movi com ele, ouvindo a sua respiração acelerar contra o meu ouvido, sentindo arrepiar a minha pele.

Ele se moveu mais rápido, com um impulso mais forte, e escutei a sua respiração enquanto ficava mais forte, meu corpo formigando em todos os lugares, o orgasmo chegando. Eu o agarrei com as mãos, pressionando as coxas nas suas laterais e balbuciei:

— *Baby*.

— Tome-o, Maddie — ele grunhiu, me penetrando profundamente.

Eu o tomei, segurando firme, empurrando o meu rosto no seu pescoço ao mesmo tempo em que ele continuava estocando em mim, o meu clímax me sacudia e eu o segurava. Então, ele afundou os dentes no lóbulo da minha orelha, o beliscão da dor irradiando para baixo, se tornando uma coisa completamente diferente enquanto ele gozava e gemia no meu ouvido.

Aguentei seu peso, absorvi seu calor e a sua força quando a minha me deixava, a dele o deixava. Logo, o senti beijar a lateral do meu pescoço. Descendo lentamente, beijou o meu ombro. Mais para baixo novamente, onde beijou o meu peito. Mais para baixo, onde beijou o meu umbigo. Ainda mais para baixo, onde beijou meu ventre.

Erguendo a cabeça, olhou nos meus olhos e deslizou para cima. Tocou a minha boca com a dele, levantou ligeiramente e alcançou a cabeceira. Ele pegou um pano e seus olhos voltaram aos meus, gentilmente pressionando o pano entre as minhas pernas, limpando a sua essência antes de jogá-lo no chão, ao lado da cama.

Envolvendo-me com os braços, me levou com ele enquanto rolava e levantava para apagar uma lamparina, fazendo o mesmo com a outra. Finalmente se acomodou, eu em cima dele, absorvendo o meu peso, absorvendo o meu calor quando puxou o cobertor sobre nós dois.

Apoiei o rosto no pescoço dele enquanto passava os braços ao seu redor, o melhor que pude.

— Feliz? — sussurrei.

— Completamente — ele sussurrou em resposta.

— Segure firme, *baby* — continuei a sussurrar e os braços dele ficaram super apertados ao meu redor.

Então, sorri contra a sua pele.

Capítulo 30

O Plano Está Em Vigor

— *Oh*, meu Deus — Élan suspirou. — Aquele é o Príncipe Negro?

Não respondi de primeira. Estava muito ocupada olhando para o homem e a mulher que estavam no topo das escadas de um palácio incrível *pra* caralho, que estava em uma cidade incrível *pra* caralho, na base de alguma, você adivinharia, montanha incrível *pra* caralho.

Eu sabia que a mulher era Cora, a Benévola. Também sabia que o homem era o Príncipe Nocturno de Hawkvale, regente de Bellebryn, conhecido como o Príncipe Negro. Havia visto as suas imagens feitas à pena nos jornais de Vale, também.

Elas simplesmente não faziam justiça, de forma alguma. Ao olhar para ele enquanto guiava o nosso trenó até o pé das escadas — ou, mais corretamente, os cavalos se moveram para lá sem muita direção da minha parte, já que eu não estava prestando atenção —, imaginei se toda aquela loucura era sobre Frey comandar dragões e tal, Lahn ser poderoso e tal, Tor compartilhar a sua alma com a esposa e tal, Apollo comandar os lobos.

Estava achando que aquelas bruxas, umas cadelas, estavam com ciúmes porque os nossos homens eram sexys. Sério. Lutei para encontrar a voz e disse:

— Acho que é ele, doçura.

— *Uau!* — Élan respondeu e podia dizer isso de novo.

Eu a puxei para mais perto enquanto começava a prestar atenção e guiava o nosso trenó até parar. Pude fazer isso depois que desviei os olhos do pedaço de mal caminho que era o Príncipe Negro. Então, olhei para a outra pessoa parada nos degraus, ao lado do Tor e da Cora.

Era uma mulher com uma postura muito ereta, os olhos voltados para baixo, vestindo um manto feito de peles marrom-escuras tão brilhantes que eram quase, quase, tão fabulosas quanto os cabelos de Élan.

Uma mulher que levava a realeza aos extremos. Uma mulher que deveria ser a mãe da Finnie — meio, ela era a mãe da outra Sjöfn, mas havia adotado Finnie.

A Rainha Aurora.

Sem demora, parei o trenó quando Finnie colocou Viktor em meu colo, pôs a mão na lateral do trenó e jogou as pernas para fora dele. Então, subiu correndo as escadas e, mesmo com a Rainha de Lunwyn olhando para baixo e sem mover um músculo, Finnie não hesitou em se atirar nos braços da mulher.

Observei a Rainha revirar os olhos para o céu azul e gelado. Também vi os seus braços envolverem com força a filha adotiva. Que doce. Não pude assistir mais porque Apollo preencheu a minha visão e fez isso ao se aproximar do trenó e puxar Élan sobre a lateral.

Ela riu quando o pai fez isso, por nenhuma razão aparente, apenas pela oportunidade de rir. Então, sorri quando Élan fez isso, sem *nenhuma* razão, exceto por achar bonito. Movi o Viktor até o meu quadril enquanto levantava e os cobertores de pele deslizavam do meu colo.

Apollo abriu a porta do trenó e Frey estava lá. Estendeu a mão para o filho e eu o entreguei. Ele o pegou, murmurando:

— Minha gratidão, Maddie — em seguida, se virou e caminhou até as escadas.

Saí do trenó ao mesmo tempo em que Apollo falou:

— Chris!

Chris já havia desmontado e estava se movendo na nossa direção. Senti a mão do Apollo segurar a minha e levantá-la. Ele a envolveu em torno do interior do seu cotovelo e me movi para perto dele quando pegou a mão da Élan. Para minha alegria absoluta, um prazer que significou inclinar a cabeça para trás, a fim de poder mostrar o meu sorriso de felicidade para Apollo, Chris tomou lugar ao meu lado.

Observando o meu sorriso, os lábios do Apollo se curvaram e ele voltou a sua atenção para o palácio. Assim, todos nos movemos até os degraus. Quando fizemos isso, Apollo murmurou:

— Isso me deixa feliz.

Isso me deixava feliz também, era um grande momento.

— O que, Papa? — perguntou Chris.

— Maddie vai conhecer o Príncipe Nocturno de uma forma normal, não no meio de um resgate.

Eu não sorri diante disso, virei o olhar na sua direção e ele sorriu maliciosamente para mim. Chris começou a rir e instantaneamente parei de olhar. Apollo me puxou para mais perto, até ficar do seu lado, e voltou a sua atenção aos degraus, nos guiando.

Desejei que houvesse câmeras nesse mundo, para que pudesse ter uma imagem da nossa aproximação. Eu realmente,

realmente desejei. Infelizmente, não havia e guardei o momento na memória.

— Aurora é a nossa Rainha, Maddie — Apollo disse baixinho.
— Você precisa fazer uma reverência.

— Falou — murmurei em resposta e tive a minha mão enfiada mais fundo, no seu lado.

— Lembre-se, minha preciosa, você também precisa fazer uma reverência — Apollo instruiu a filha.

— Tudo bem! — Élan cantarolou.

Ele nos parou dois degraus abaixo da Rainha Aurora e eu pude sentir Lahn e Circe nos seguindo com os olhos. Esperamos enquanto ela se inclinava e encostava os lábios no rosto do seu neto, em seguida, Frey se moveu com a família de Aurora, em direção à Cora e Tor, então, Apollo nos guiou até os últimos degraus.

Ele nos soltou e se inclinou em uma profunda reverência. Fiz o meu melhor ao me abaixar e me curvar em uma medida.

— Levantem-se — ela murmurou, praticamente no instante em que todos nós prestamos a reverência, algo que achei muito bom, considerando que uma reverência não era uma posição confortável.

Nos erguemos e senti Chris se aproximar de mim. Meu coração inflou.

— Você está bem, meu general? — Aurora perguntou ao Apollo.

— Estou, sua graça — respondeu e inclinou o queixo para baixo, para um lado e depois para o outro. — Você já conhece meus filhos, Christophe e Élan.

Ela olhou para as crianças e murmurou:

— Claro. — Falou mais alto em seguida: — Estou satisfeita em ver vocês dois.

— Nós também! — Élan guinchou.

Aurora abaixou a cabeça para ela e para Chris, que não disse *nada*, quando, finalmente, os olhos dela vieram até mim.

— Esta é Madeleine, Lady Ulfr — Apollo disse, sua mão puxando a minha e levantando ambas até pressioná-las firmemente ao lado do seu peito.

— Madeleine, Lady Ulfr — ela disse baixinho, me olhando. Então, olhou para Apollo. — Minhas mais sinceras felicitações, Apollo.

Ele inclinou a cabeça e Aurora se virou para mim. Achei bom quando os seus lábios se ergueram ligeiramente nas extremidades. Eu não sabia o que dizer, então falei rápido.

— É um prazer conhecê-la, sua alteza.

— Conhecendo Apollo desde a sua juventude — seu olhar o varreu, a mim, ao Christophe e a Élan, antes de voltar para mim. Não deixei de reparar que os seus olhos eram excepcionalmente astutos —, posso lhe garantir que o prazer é meu.

Ok, ela foi um pouco distante, mas definitivamente doce. Sorri para ela e as extremidades dos seus lábios se curvaram mais um milímetro. Então, Apollo nos guiou para longe e Circe e Lahn se moveram atrás de nós. Queria ver como eles se aproximariam da Rainha, já que acreditava que o Lahn não se curvava a ninguém, mas como Apollo estava nos guiando até Tor e Cora, me concentrei nisso.

Quando paramos, como eles também eram da realeza, me abaixei em outra reverência.

— *Oh*, não fazemos questão desse tipo de coisa — disse Cora no instante em que me curvei.

— *Ela* não faz — Tor resmungou, parecendo exasperado.

Eu me endireitei e vi Tor e Apollo apertando as mãos, mas só peguei um vislumbre porque Cora estava me puxando para os seus braços. Ela me balançou um pouco de um lado para outro, dizendo no meu ouvido:

— É *tão* bom finalmente conhecer você. As pessoas aqui são impressionantes, mas é bom ter amigos de casa.

Ok, ser enganada pela outra Cora? Uma completa idiota.

Eu soube, em aproximadamente um nanosegundo, que a verdadeira Cora era uma bomba. Eu retribuí o seu abraço e nos soltamos. Apollo apresentou a mim e seus filhos ao Tor, que não me deu um abraço, mas se curvou elegantemente para Élan, o que obviamente a fez rir. Então, Apollo nos guiou até onde Frey, Finnie e Viktor estavam, para Lahn e Circe poderem cumprimentar Cora e Tor.

A Rainha Aurora não deu a eles muito tempo, antes de falar:

— Vamos sair do frio. Tenho bebidas e uma coisa especial preparada para as crianças.

Ela disse isso enquanto deslizava majestosamente até as portas da frente, onde dois empregados em uniformes estranhos — shorts de couro, meias de lã, botas, casacos e longas capas —, correram para abri-las, sem que ela tivesse que hesitar um momento a fim de esperar para entrar.

Mal havíamos entrado quando três mulheres se aproximaram da Finnie. Enquanto outros serviçais se moviam entre nós, tirando as nossas capas e luvas, elas se abraçaram, exclamaram e balbuciaram como meninas.

Aurora permitiu isso por trinta segundos inteiros, antes de ordenar:

— Sjöfn. As meninas estão aqui para cuidar das crianças. Bebidas para adultos estão nos esperando na sala de visitas.

Foi a vez da Finnie revirar os olhos, mas Frey entregou Viktor, Circe e Lahn entregaram Isis e Tunahn enquanto Apollo se inclinava para Chris e Élan.

— Vão, se certifiquem de que aquelas servas cuidam bem dos nossos pequenos príncipes e princesas — ele pediu.

Chris assentiu formalmente, estufando o peito, sentindo claramente que essa era uma tarefa importante. Élan saltou para frente, a fim de dar em seu pai um sonoro beijo na bochecha, antes de pular na direção das mulheres que esperavam.

Apollo me virou na direção da Rainha Aurora e vi que ela tinha o seu braço estendido para algo. Vi que o algo era alguém quando Finnie foi para frente, o segurou e se inclinou contra a mãe.

Elas lideraram e Frey caminhou atrás delas, Apollo e eu atrás do Frey, o resto atrás de nós, nos seguindo. Assim, estava em uma posição na qual pude ouvir Aurora dizer para Finnie:

— *Precisa* usar calças quando vem para Fyngaard?

Assim, também estava na posição de ouvir a resposta da Finnie.

— *Você* se arrasta atrás de uma criança quando está usando um vestido longo.

— Minha querida, você não é a primeira mulher de Lunwyn, nesta geração, ou dezenas antes, que conseguiu criar uma criança usando um vestido. Na verdade, eu consegui esse mesmo feito.

— Você tinha servos — Finnie retorquiu.

— Você poderia ter também, se instalasse a sua família no Palácio de Inverno, onde o futuro Rei de Lunwyn *deveria* ser criado, em vez de navegar em direção ao pôr do sol.

— Ok, *você* convence Frey a não navegar por uma centena de pores do sol — Finnie retrucou.

Nós entramos em um salão extraordinário, que parecia ser inteiramente feito de madeira escura esculpida, incluindo a madeira ao redor do estofamento de veludo azul do mobiliário, quando Aurora retorquiu:

— Seu marido iria se ancorar a um bloco de granito se você pedisse.

— Não, não iria — Frey entrou na conversa. — Então, esposa, não peça.

Finnie jogou um sorriso por cima do ombro, mas não soltou sua mãe.

— Eu nunca faria isso, marido.

Ele não respondeu porque provavelmente sabia disso. Eu tinha que admitir, achei bonita a maneira com que a Princesa Sjöfn, que não era realmente a Princesa Sjöfn, se relacionava com a Rainha Aurora.

Não estava a par de toda a história que as levou a serem dessa forma. Só sabia que a Sjöfn desse mundo escolheu deixá-lo. Por causa de algum motivo que foi considerado um ato de traição.

Portanto, não poderia retornar ou seria enforcada — um pouco macabro, por outro lado, um monte de coisas nesse mundo era.

Estando apaixonada pelo seu homem, Finnie não quis ir embora. De qualquer maneira, ela não tinha cometido *nenhuma* traição, questionável ou não. Na verdade, fez o oposto. Então, ocupou o lugar da outra Sjöfn.

Eu sabia que Finnie havia ficado muito próxima do Rei antes que ele falecesse e era, obviamente, próxima da Rainha. Muito próxima. Mesmo que não fossem do mesmo sangue. Fiquei feliz por ela ter isso. Era doce.

Não procurei saber a respeito dos pais da Ilsa, minha mãe e meu pai desse mundo, e Apollo raramente os mencionava. No entanto, se soubessem da minha existência, pela forma como perderam a filha, seria duvidoso que me recebessem de braços abertos. Entretanto, era um ponto discutível. Ambos havia falecido, após a morte da Ilsa. Eles viveram para ver a única filha deixar esse mundo muito jovem e ambos se foram em seguida.

Quando soube dessa tristeza adicional, não me alonguei sobre isso. Também não faria isso agora. Em vez disso, me sentei em um assento aveludado, mas porque Apollo me acomodou ali. Ele me seguiu e se sentou ao meu lado. Os outros estavam fazendo o mesmo em torno dos quatro sofás, que ficavam de frente um para o outro.

Uma vez instalada, me maravilhei com o quão quente estava no salão. Havia duas lareiras maciças em cada lado dele, ambas ardendo. Apesar de estarmos nos acomodando e o Palácio de Inverno ser a estadia da Princesa do Inverno — o que significa que

era da Finnie —, isso não queria dizer que Aurora não fosse a Senhora dessa residência também.

No entanto, da maneira como ela era, imaginei que simplesmente reinava sobre tudo.

— Você poderia interromper esta espera providenciando o meu segundo neto — disse ela, direcionando a censura para Frey. — Quanto mais tempo você espera, mais Viktor se torna mimado.

Frey passou o braço em torno da Finnie, no sofá onde estavam, um pouco afastados da Aurora, que estava no mesmo sofá, quando falou lentamente:

— Não se desgaste, minha Rainha. Já cuidei disso e amei a tarefa. Finnie está carregando uma criança.

Engasguei-me em delírio quando senti Apollo ficar alerta ao meu lado, mas Finnie se virou para Frey e deu um tapa no seu estômago.

— Você está louco? Não se diz a uma avó que ela será avó, assim!

Ele virou os olhos tranquilos para a esposa.

— Que estranho. Acabei de fazer isso.

Finnie olhou para ele e aproveitei a brecha, dizendo:

— *Oh*, meu Deus! Isso é tão excitante!

— Sim, de fato, é — Aurora falou suavemente, seus lábios se curvando uns dois milímetros a mais do que se curvaram quando sorriu para mim, o que deu a entender que ela estava super feliz. — Muito excitante. Comemorações a caminho. Devemos mandar embora este chá e solicitar champanhe.

Ela parecia prestes a fazer exatamente isso, mas não o fez porque Apollo falou, sua voz com um tom estranhamente contida:

— Tor?

Olhei para o Apollo, em seguida, para o sofá onde Cora e Tor estavam sentados. Ele a acomodou ao seu lado, como Apollo havia feito comigo, Frey também havia feito isso com Finnie e — dando uma rápida olhada na sua direção — Lahn fez o mesmo com Circe. Desviei o olhar rapidamente do Lahn e da Circe porque Cora parecia chocada e Tor estava alerta, não alerta como o Apollo quando seu primo anunciou, um tanto inadequadamente, que seria pai novamente.

Os olhos de ambos estavam sobre Circe e Lahn, logo, olhei para eles. Lahn parecia assustador, não sua habitual aparência sexy e assustadora. Um cara *sexy* assustadoramente *preocupado*, o que era muito pior. Circe parecia preocupada.

Oh, oh.

— Cora está grávida — Apollo falou baixinho.

— Sim — Tor respondeu secamente e questionou: — Lahn?

Todos olharam na sua direção.

— Minha Rainha Dourada carrega outro guerreiro ou uma princesa — Lahn confirmou.

Oh, oh.

Todos os olhares vieram até mim e levantei a mão. *Oh, merda.*

— Eu não...

Minha mão, de repente, caiu sobre o meu colo enquanto fazia as contas mentalmente. Então, me assustei e refiz as contas. Em seguida, todo o meu corpo enrijeceu.

— Papoula? — Apollo falou.

Antes de Brunskar. Meu último período foi antes de Brunskar. Seria possível? Lentamente, virei a cabeça para o Apollo.

— O pennyrium não é infalível? — sussurrei.

Seus olhos estavam nos meus, mas não estavam totalmente focados em mim. Ele estava fazendo as contas também. Chegou ao mesmo resultado que cheguei e soube disso quando as suas feições se iluminaram.

Seus olhos se tornaram calorosos e o seu braço me envolveu com força, então, me retorci contra ele. Quando o fiz, ele me puxou ainda mais para perto.

— Você carrega um filho meu? — sussurrou como se estivesse esperando que a resposta fosse “sim”.

Eu queria que a resposta fosse *sim*, também.

Apollo e eu combinamos que só casaríamos quando Chris me aceitasse e as pessoas com as quais nos importávamos não fossem alvo do mal extremo.

— Eu estou usando o pó — sussurrei em resposta.

Ele abaixou o rosto e abaixou o tom da voz, tinha certeza de que a atenção de todos estava sobre nós, mas, naquele momento caguei e andei por estar entrando em uma discussão sobre o meu período na frente de duas rainhas, duas princesas, um príncipe, um rei e o que quer que Frey fosse.

— Você não tem um ciclo há algum tempo, minha pomba.

— O pennyrium não é infalível? — repeti.

— É raro isso acontecer, mas conhecemos casos em que isso ocorreu.

Olhei para ele enquanto respirava fundo. Então, soltei a respiração com força, sussurrando enquanto exalava:

— *Oh* merda, *oh* droga, *oh* merda.

Ele me puxou ainda mais para perto.

— Minha pomba...

De repente, entrei em pânico e segurei a sua camisa com força e gritei:

— Temos que voltar para o outro mundo!

Ele sacudiu a cabeça e seus olhos se estreitaram, antes de declarar:

— Não.

Balancei a cabeça e me aproximei ainda mais.

— Nós *temos* que fazer isso, Lo. Se estiver grávida, vou precisar de vitaminas, ultrassonografias, exames pré-natais e...

Ele me sacudiu levemente.

— Acalme-se, pomba.

— *Você* que tem que se acalmar! — quase gritei. — Estou grávida em um mundo que não tem peridural!

Apollo, provavelmente, não fazia a mínima ideia sobre o que eu estava falando, mas também não perguntou. Ele levou a mão até o meu queixo, aproximou o rosto novamente e repetiu em um sussurro suave:

— Acalme-se, minha pomba.

Respirei fundo. Ele não. Afirmou, parecendo feliz e orgulhoso:

— Você carrega o meu filho.

— Nós não somos casados — respondi.

— Nós vamos corrigir isso — retrucou imediatamente.

— Chris não me aceitou — eu o lembrei.

— Ele está chegando lá — Apollo me lembrou e concedi isso a ele.

— Não me saí muito bem com isso, antes, Lo — falei baixinho.

O polegar dele acariciou a minha bochecha enquanto respondia:

— Então, se você se sentir mais confortável em tratar o nosso filho com o recurso que pode ter no outro mundo, depois que resolvermos esses problemas, iremos todos para lá, assim você pode ter isso. Voltaremos quando ela chegar em segurança.

Apollo faria isso, ele realmente faria isso. Por mim. *Deus*. Eu amava esse homem, mas não disse isso. Diria mais tarde, novamente. Em vez disso, também sussurrando, falei:

— Ela?

Apollo ainda estava sussurrando quando respondeu.

— Seus cabelos. Suas sardas. Seu espírito. Sim, minha pomba. *Ela*.

Ele queria que ela tivesse as minhas sardas.

Lágrimas brotaram nos meus olhos, então o sorriso do Apollo ficou embaçado. *Oh*, sim. Eu amava esse homem. A Rainha Aurora interrompeu nosso momento quando declarou:

— Agora *precisamos* de champanhe.

— Virei o olhar embaçado para ela enquanto continuava:

— Ou sidra espumante para você, criança. Se você for como a minha Finnie, que não ingere álcool quando está grávida.

Quando está grávida. Eu estava grávida. *Urra!*

Engoli o nó na garganta antes de confirmar:

— Não.

— Eu também não — Cora colocou.

— Nem eu — disse Circe.

— Você já sabe que não faço isso — acrescentou Finnie.

— Estranho — Aurora murmurou quando se levantou do sofá e se dirigiu a um cordão de veludo pendurado no canto.

Olhei para Frey quando comentou, seu olhar sobre Apollo:

— Muito bem, primo. Você superou o pennyrium.

Finnie revirou os olhos e me aconcheguei no Apollo quando ouvi a sua risada.

— *Humm...* é tão bonito testemunhar isso — Circe começou, olhei para ela e vi que estava olhando para mim com olhos suaves. — *Foi* bonito, Maddie. — Então olhou ao longo dos outros sofás. — Estou imaginado que isso é mais do que uma feliz coincidência.

Lahn não parecia menos assustador quando grunhiu:

— Concordo.

— As mulheres estão protegidas. O plano vai seguir em frente. A guerra acabará em breve — Frey declarou e virei os olhos surpresos para ele.

— Que plano? — perguntei e o braço do Apollo, já apertado à minha volta, me apertou ainda mais, então, inclinei a cabeça para trás, a fim de poder olhar para ele.

— Os dragões, os elfos, as bruxas, os lobos e os conspiradores, todos estão posicionados — informou. — Amanhã à noite, vocês participarão do Bitter Gales. Por causa dos feitiços sobre este palácio, Helda será obrigada a sair e será capturada por Lavinia. A Circe deste mundo, agora do outro, será trazida de volta a este mundo amanhã. Ela ficará no palácio com as bruxas do Tor, mantendo vigilância sobre vocês quatro. Com a magia da Helda eliminada, o que suspeitamos que enfraquecerá as suas defesas, ao mesmo tempo, a Ilha do Espectro será atacada pelos dragões,

invadida pelos elfos e pela Valentine. Minerva, Baldur, Cora e Edith perecerão pelo fogo dos dragões ou serão despachados de outra maneira. Não realizaremos *nenhum* julgamento. Vão encarar a justiça onde estão. Exceto Helda, que atacou você. Ela encontrará a justiça através da minha mão.

Justiça pela mão do Apollo. Helda estava fodida.

— *Humm...* — murmurei.

— Você e as outras mulheres estão aqui porque os nossos inimigos foram informados que estariam. Temos certeza de que estão observando, então, já devem ter visto que chegaram. Também foram informados que vocês serão entregues à Helda. — Apollo continuou. — Obviamente, não vão. Valentine e Lavinia criarão sócias sem alma, que atrairão Helda para fora da Ilha do Espectro.

— Puta merda — sussurrei.

— O plano está em vigor. Isto termina amanhã à noite — concluiu.

Mesmo imensamente feliz diante dessa declaração, tinha perguntas.

— Você pode matar uma deusa?

— Não — respondeu ele. — Lavinia e Valentine também podem não ter esse poder. Os elfos não tiram vidas, mas podem retirar o poder e devolvê-lo para a terra, uma vez despojado, qualquer um pode matá-la.

— Você tem certeza? — insisti.

Foi Frey que respondeu a isso.

— Os elfos têm certeza — falou isso com firmeza.

Olhei para ele e balancei a cabeça. Lahn se levantou, os olhos presos na Rainha Aurora.

— Gostaria de falar com as bruxas e avaliar as defesas que protegem *kah dahksahna*.

— Nós tomaremos champanhe — ela respondeu e o olhar dele mudou. Então, Aurora percebeu e reavaliou, murmurando com sabedoria: — Tomaremos champanhe depois de avaliar as defesas do palácio.

Lahn marchou até a porta e Aurora o seguiu. Apollo me deu um aperto para chamar minha atenção e quando olhei nos seus olhos, disse:

— Vou acompanhá-los. Quero me certificar de que tudo está em ordem.

Balancei a cabeça. Ele me observou, em seguida, seus olhos desceram até a minha boca. Um segundo depois, sua boca estava lá, não para me dar um beijo, mas para ele dizer:

— Celebraremos mais tarde.

Apollo estava muito feliz, assim como eu. Então, tive a sensação de que a nossa comemoração seria das boas e estremeci. Quando o fiz, os seus olhos se tornaram sorridentes. Assim, roçou os lábios contra os meus, me deu outro aperto e roçou os lábios contra a minha testa enquanto se levantava do sofá.

Olhei ao redor da sala, observando que Frey e Tor tiveram a mesma ideia que Apollo, porque todos estavam caminhando em direção à porta. Em poucos segundos, as mulheres estavam sozinhas no aposento, todas olhando umas para as outras.

Cora quebrou o silêncio:

— Isso foi super doce, Apollo estar disposto a levá-la de volta ao outro mundo para que você possa ter o bebê lá.

Foi super doce. Por outro lado, Apollo era super doce. Logo, sorri para ela e respondi:

— Sim. É assim que ele é.

Cora retribuiu o meu sorriso e Finnie se inclinou para frente e estava servindo o chá quando falou:

— Tudo bem, senhoras, nem tudo são coisas boas, mas já que estamos todas esperando e temos que aproveitar a ocasião, isso terá que servir.

Ela largou o elegante bule de prata e ergueu uma xícara de porcelana. Cora, Circe e eu nos inclinamos para frente, pegamos as nossas próprias xícaras e as erguemos.

Os olhos da Finnie vieram até mim.

— *Ao Dream Team.*

Circe e eu levantamos as nossas xícaras um pouco mais e repetimos:

— *Ao Dream Team.*

— O que é isso? — Cora murmurou, mas levantou a xícara e tomou um gole enquanto o resto de nós ria.

Depois que ela parou de rir, Finnie explicou e enquanto o fazia, os meus olhos vagaram além dela, para o fogo que ardia na enorme lareira atrás dela. Segurei a xícara com uma mão e pressionei a outra na minha barriga. Então, levei a xícara até os lábios mais uma vez e sussurrei para mim mesma:

— *Ao Dream Team.*

Sorri.

Eu estava grávida e enviei uma oração aos céus. Então, tomei um gole.

* * * * *

Apollo

Apollo estava parado na frente da janela da sala de estar formal, na frente do Palácio de Inverno, impaciente para voltar à sua Maddie. Era tarde. O jantar já havia sido consumido. As crianças estavam na cama. Amanhã haveria uma caçada. Amanhã à noite, o baile. Amanhã à noite, tudo estaria terminado.

Haviam planejado tudo. Absolutamente tudo. Exceto uma coisa.

Ouviu a porta se abrir atrás dele e soltou um suspiro irritado quando a bruxa da magia verde entrou. Estava irritado porque a havia chamado fazia mais de meia hora e *agora* ela estava caminhando tranquilamente, como se estivesse entrando em uma festa. A bruxa deu um daqueles sorrisos felinos e Apollo se afastou da janela e cruzou os braços sobre o peito.

— Você mandou me chamar? — perguntou, entrando na sala e parando em frente a uma cadeira.

— Você sabe o porquê a chamei — ele respondeu. — Você o viu?

Ela sustentou o seu olhar, mas balançou a cabeça.

— Não.

Apollo inclinou a cabeça para o lado.

— Seu comportamento sugere que você não está preocupada com isso — observou.

Apollo não gostou dos seus olhos terem desviado dos dele. Ela levantou a mão e estudou as unhas enquanto voltava a falar e

ele não pôde evitar de achar que a sua indiferença era um ardil.

— Tudo está bem planejado — a bruxa disse, olhando para as unhas.

— Isso não responde a minha pergunta — rebateu e Valentine ergueu o olhar para ele, as sobrancelhas arqueadas.

— Você fez uma pergunta?

— Talvez não. Então, farei agora. Você não está preocupada por não conseguir ver o *outro eu*?

Seu olhar era firme no dele, mais uma vez, quando respondeu:

— Não. Se você compartilhar com a nossa *pomba* que ele pode estar por perto.

Ele balançou a cabeça.

— Não quero assustar Maddie com essa informação.

— Posso entender isso, *mon loup*. Cabe a você optar por assustá-la ou prepará-la. — Apollo sentiu a mandíbula enrijecer. — A minha opinião é que ela deve saber — Valentine continuou.

Seria da opinião da Maddie também. *Diabos*.

— Você já tomou a sua decisão? — perguntou, observando-o atentamente.

— Contarei a ela.

Ela pareceu relaxar e foi outra coisa da qual Apollo não gostou.

— Infelizmente, isso tira um pouco do brilho de um dia feliz — ela murmurou.

Maldição, realmente tirava.

Apollo não respondeu e ela inclinou a cabeça para o lado, um pequeno sorriso brincando na sua boca.

— Você gostaria de saber o que ela carrega?

Apollo sentiu o seu peito se contrair.

— Você sabe?

— É claro, *chéri*.

— Você sabe se o nosso filho será saudável e forte?

Ela sacudiu a cabeça.

— Posso sentir qual é o sexo da criança que ela carrega, mas não tenho essa visão, Apollo. — Outro pequeno sorriso. — Você pode perguntar à Meeta.

Ele faria isso, mais tarde. Depois que tivessem derrotado seus inimigos. Então, encarou os olhos dela e declarou:

— Eu gostaria de uma filha.

Seus olhos se estreitaram antes de sussurrar:

— A sorte brilha sobre você, *mon loup*.

Apollo sentiu o peito apertar.

Maddie estava grávida da sua filha. *Sua* filha. Deuses, esperava que ela tivesse os cabelos vermelhos e sardas. Mas, a aceitaria como viesse, contanto que ela viesse, deixando a mãe bem e feliz, chegando nessa terra da mesma maneira.

Valentine o arrancou dos seus pensamentos quando perguntou:

— É tudo o que você precisava?

— Sim — respondeu.

Ela abaixou o queixo, cumprimentando-o, seus olhos nunca deixando os dele quando disse:

— Então, deixarei você. Durma bem, *chéri*.

Apollo inclinou a cabeça e observou enquanto ela caminhava até a porta e depois saía. Ficou olhando para a porta por algum

tempo, até que saiu da sala e percorreu os corredores do palácio, três destinos a alcançar, antes de se juntar à Maddie, em seus aposentos.

O primeiro o levou até a entrada dos aposentos dos serviçais. Pediu à primeira serva que viu para que levasse Meeta até ele.

— Claro, Senhor Apollo — murmurou e se afastou rapidamente.

Apollo ficou parado na porta, ainda impaciente. No entanto, ao contrário de Valentine, Meeta não o fez esperar.

— Meu senhor — ela cumprimentou, ainda totalmente vestida. Isso, provavelmente, se devia ao fato de que pretendia atravessar os corredores para encontrar Ruben, no quarto dele. Na verdade, teve sorte por ela já não estar lá.

— Meeta — respondeu. — Farei uma pergunta breve, então, não vou mais incomodá-la.

Ela não esperou que Apollo perguntasse, apenas respondeu:

— Eu não a vejo.

Apollo sentiu as suas sobrancelhas se erguerem.

— De nenhuma maneira?

— Não — respondeu ela.

— Você explicou que pode se concentrar nela — ele lembrou.

— Expliquei que poderia ver com precisão se sentisse alguma coisa. — Balançou a cabeça. — No entanto, não sinto *nada*.

— Então, está tudo bem — Apollo comentou.

— Nunca está tudo bem, lobo — ela disse baixinho. — Devo admitir, não estou a par dos seus planos, mas não deixei de perceber que todos viajaram até aqui juntos, sob uma guarda pesada e com a proteção de bruxas poderosas. Então soube, antes

que você mencionasse, que alguma coisa estava acontecendo. Sabendo disso, fiquei preocupada por não conseguir ver absolutamente *nada*, mas a senhorita Maddie parece mais feliz. Talvez seja, simplesmente, porque não há *nada* para ver.

Pelos deuses, esperava que ela estivesse certa.

— Você me avisará imediatamente se isso mudar — ordenou.

— Definitivamente — ela respondeu.

— Então, desejo uma boa noite para você, Meeta.

— Para você também — respondeu com uma inclinação da cabeça.

Apollo se virou, se moveu para dentro da casa e subiu os degraus. Seu segundo destino era o quarto da sua filha. Se assegurou de que havia lenha suficiente na lareira, que as cobertas estavam puxadas até o seu pescoço e que ela estava bem acomodada, antes de dar um beijo na sua têmpora e sair.

Seu terceiro destino era o quarto do seu filho. Repetiu os movimentos que realizou com Élan e saiu do quarto. Isso o levou ao destino final. Entrou no quarto da Maddie e a encontrou ainda aninhada em uma cadeira ao lado da lareira, uma manta cor de creme no colo, um xale sobre os ombros, o corpo inclinado para o lado, na direção de uma lâmpada acesa.

Tinha um grande maço de papéis nas mãos e sua cabeça estava inclinada para eles, tão concentrada no que estava lendo que não olhou para ele. Nem mesmo após o som da trava da porta, sendo trancada.

— Pomba? — chamou, se movendo na direção dela e o seu corpo pulou levemente antes de levantar a cabeça.

Quando Maddie o viu e sua expressão mudou, ele parou.

— Eu vim para o meu quarto — ela sussurrou e levantou os papéis que estavam em suas mãos. — Isso estava no meu travesseiro.

Apollo não olhou para os papéis quando as lágrimas molharam os seus olhos e um rubor de emoção tingiu as suas bochechas. Estava prestes a ir até Maddie, quando ela declarou:

— Chris deixou para mim a história que está escrevendo.

Novamente, o peito dele se contraiu. Pelos deuses.

— Ele não a terminou — continuou e engoliu visivelmente em seguida. — Como não poderia, uma vez que se trata da Loretta e do Hans.

— Ele deixou isso para você? — Apollo perguntou.

— Sobre o meu travesseiro — respondeu. — Você tem o seu próprio quarto, querido — Madeleine lembrou. — Não acho que ele esteja ciente de que você dorme comigo.

Apollo tinha o seu próprio quarto. Isso significava que o seu filho havia deixado uma história para Madeleine. Christophe não deixava qualquer um ler suas histórias. nunca mudaria à sua maneira de compartilhar uma delas com alguém, a menos que alguém significasse algo para ele. Não. A menos que alguém significasse *muito* para ele.

Maddie sabia disso, foi por isso que a sua voz estava rouca quando disse:

— Acho que isso é um sério progresso.

Sua declaração o fez sorrir e finalmente caminhar até ela. Quando chegou perto, a levantou da cadeira e se sentou, a aconchegando no colo junto com as suas coisas e passando os braços em torno dela.

— É boa? — perguntou, mas já sabia a resposta. Seu filho era um escritor muito talentoso.

Ele a viu respirar fundo para obter o controle sobre as suas emoções, antes de balançar a cabeça.

— Sim. Na verdade, é ótima. Me envolveu imediatamente. — Ela olhou para baixo, para os papéis que tinha na mão. — Embora, é claro, ele queira que a Loretta se apaixone por Hans. Por isso, espero que ele não fique desapontado.

— Espero isso, também — murmurou.

Os olhos dela encararam os dele e estavam cheios de admiração.

— Ele os deixou para mim, *baby*.

Apollo a puxou para mais perto.

— Ele deixou, papoula.

Seu sorriso era trêmulo, mas se tornou maior e finalmente chegou aos olhos dela.

— Hoje é o melhor dia... *de... sempre* — ela sussurrou.

Apollo teve dias muito melhores do que ela, casando com a mulher que amou, uma mulher que trouxe os seus dois filhos ao mundo, Maddie compartilhando que ele tinha o seu amor. Contudo, decidiu que esse dia estava, definitivamente, entre os cinco melhores.

— Estou feliz que você pense assim, papoula — respondeu baixinho.

Isso tornou o que precisava dizer a ela mais frustrante ainda, mas, tinha que dizer. Ela não só gostaria de saber, ela precisava saber. Preparando-a e a ele próprio, Apollo a abraçou com mais força e compartilhou:

— Por falar nisso, tenho algo a contar que vai tirar um pouco do brilho do dia de hoje.

Seus olhos se moveram sobre o rosto dele enquanto os lábios murmuravam:

— Ótimo.

— Em primeiro lugar — começou, ainda a mantendo bem perto. — Vou introduzir o que tenho a dizer, lembrando do fato de que todos os esforços foram feitos para manter você segura aqui, papoula. Você está.

— Tudo bem — disse lentamente quando ele parou de falar.

— No entanto, há algumas semanas, Valentine relatou que vinha mantendo um olho sobre o *meu eu* do outro mundo.

Apollo sentiu o corpo dela enrijecer, portanto, contou rapidamente o resto.

— Ela não consegue mais vê-lo e não sabe o porquê, mas concluiu que deve ser porque ele está neste mundo, protegido pelos nossos inimigos, trazido aqui para fazer o mal.

Depois que deu a notícia, o olhar dela se desviou para sua garganta. Ele abriu a boca para tranquilizá-la, mas não disse uma palavra até que ela olhou para ele novamente.

— Imaginei — falou baixinho. — Ele é *realmente* um *babaca*.

Apollo olhou para Maddie, que continuou falando.

— Veja, eu estraguei tudo com a outra Cora, então, devem estar pensando que podem chegar a mim através dele, já que ele é, tipo, um ser humano normal e provavelmente pode passar por encantamentos e afins. Eles imaginam que vou confundi-lo com você e que terão as suas mãos perversas em mim.

— Eu não sei quais são os planos deles, minha pomba. Simplesmente, você deve saber que ele pode estar aqui e, se estiver, eles têm planos de usá-lo. Assim, você deve ficar alerta.

— Bem, o que quer que seja — afirmou despreocupadamente e Apollo piscou. — Eles estão doidos se acham que eu não consigo ver a diferença. Quer dizer, sério? Primeiro de tudo, ele não tem uma mão. Segundo, ele é *tão o contrário* de você.

Apesar das suas palavras o agradarem, *imensamente*, os seus olhos se estreitaram sobre ela com surpresa.

— Você não está preocupada?

— *Uh...* em um milhão de anos, você permitiria que o Pol me machucasse de novo?

Deuses.

— Não — a palavra soou firme, sua voz era baixa e mais uma vez o seu peito estava apertado. — Nem em um milhão de anos.

— Então... — Maddie deu de ombros — que seja. Pode vir. Talvez você possa cortar a outra mão dele, desta vez.

Apollo olhou para ela e a segurou com mais força, antes de cair na gargalhada. Quando parou, Maddie estava sorrindo para ele. Se inclinou, tocou a boca contra os lábios sorridentes e se virou para a mesa que ficava perto da cadeira. Cuidadosamente, colocou a história do Christophe lá e se virou novamente.

Então, levou a mão até as costas, segurou o seu pulso e puxou o braço dele. Sua mão deslizou sobre a dele a fim de poder pressioná-la sobre a barriga dela. Fez tudo isso encarando o seu olhar. Uma vez que tinha a mão dele no lugar, sussurrou:

— Nós temos algo para comemorar, *baby*.

Eles tinham.

Madeleine se inclinou novamente, a distância não era grande, mas Apollo a encontrou no meio do caminho. Fez isso se levantando da cadeira, levantando-a com ele. Aceitou o beijo dela enquanto a levava até a cama. Uma vez que a tinha sobre os lençóis, ela retribuiu o seu beijo.

Depois que Maddie o retribuiu, deu a ela muito mais.

Capítulo 31

O Amor É Tudo

Bati a pena nos meus lábios, olhando para a folha de papel em branco, totalmente perdida em pensamentos.

— Maddie?

Diante do chamado, meus olhos foram até Apollo.

— *Hum?*

Ele estava completamente vestido, pronto para montar Torment e atirar flechas em coelhos e veados na caçada. Eu estava de camisola, roupão e chinelos forrados de pele, sentada à escrivaninha do quarto, tentando não pensar no meu homem lá fora, espetando flechas em coelhos e cervos.

Eu o vi olhar para a mesa, em seguida para mim, antes de perguntar:

— O que você está fazendo?

— Escrevendo um bilhete para o Chris — respondi e voltei a olhar para o papel.

A voz do Apollo foi ficando mais próxima enquanto observava:

— Pomba, ele está a apenas quatro portas de distância. —

Olhei para Apollo enquanto terminava: — Por que você vai escrever um bilhete para ele?

— Ele não se expôs realmente ao me entregar essa história, Lo — expliquei. — Não quero deixá-lo desconfortável quando devolvê-la, mas *realmente* quero dizer a ele o quanto gostei. Então, estou escrevendo um bilhete.

Ele parou ao lado da escrivaninha e sua expressão suavizou enquanto os seus lábios murmuravam:

— *Ah*.

Foi diante desse “*Ah*”, que só Apollo conseguia tornar *sexy*, que os meus olhos percorreram, tardiamente, a sua deliciosa vestimenta, em verde-escuro e marrom, e perdi o foco na minha tarefa.

Levantei o olhar para o seu rosto e disse:

— Não temos trens, telefones ou *Cheeto’s* em formato de concha aqui, mas estou vendo uma variedade de vantagens. Homens no meu... quero dizer, no outro mundo, não parecem tão *sexys* quando vão caçar.

Apollo ignorou a minha observação sobre ele parecer *sexy* e perguntou:

— *Cheeto’s* em formato de concha?

— Salgadinhos de milho que, normalmente, são impressionantes, mas esses são especialmente projetados para serem mergulhados no molho, o que aumenta a sua grandiosidade exponencialmente, principalmente porque ainda não provei um do qual não gostei — respondi.

Suas sobrancelhas se juntaram, dizendo-me que isso, claramente, não contou como uma explicação.

— Comida — disse simplesmente. — Uma comida que eu gosto.

Após a minha resposta, se inclinou para mim e ofereceu calmamente:

— Darei um diamante à Valentine para trazer alguns deles para você.

Só o Apollo trocaria um diamante por *Cheeto's*. Sério. Meu *cara* era uma bomba.

— Não tenho certeza de que é uma troca justa — compartilhei.

— Qualquer coisa que a minha pomba queira, vale o que for preciso para dar a ela — retrucou.

Sério. Meu cara era *a bomba*.

Nesse momento, sentada, usando robe e camisola, olhando para a sua beleza, carregando o seu filho, sabendo que teria, em breve, o seu nome — bem, um nome que eu já tinha, mas dessa vez era diferente —, decidi que ele precisava saber disso, então disse:

— Você é a bomba.

Seus olhos brilharam com humor.

— Acho que isso é bom — observou.

— Você achou certo — respondi e ele sorriu.

Inclinei a cabeça para trás na esperança de que ele entenderia o convite e entendeu. Inclinando-se ainda mais, me deu um beijo curto e doce, mas felizmente molhado, a parte molhada sendo um toque das pontas das nossas línguas. Delicioso.

Ele se afastou um centímetro, mas manteve os olhos no meu rosto.

— Qualquer coisa que você escrever para Christophe será boa. Não se preocupe com isso. Apenas seja você.

Basta ser eu. Apollo pensava que era o suficiente e me ensinou que era. Mais do que suficiente. Uma bela lição para aprender.

— Ok — sussurrei.

Ele ergueu a mão para deslizar os dedos no lado dos meu cabelo e o afastou do meu rosto. Uma vez posicionado, empurrou a minha cabeça para baixo para que pudesse tocar os lábios no topo do meu cabelo. Permitiu que eu inclinasse a cabeça para trás novamente e ordenou:

— Deseje ao seu prometido sorte na caçada.

Com um sorriso, sem pensar no cervo e nos coelhos desavisados, eu o fiz.

— Boa sorte na caçada.

Ele retribuiu o meu sorriso, em seguida, seu rosto ficou sério.

— Não saia desta casa, minha pomba.

Como se eu fosse cometer esse erro novamente.

— Não vou sair — prometi.

— Não falta muito tempo e tudo com o que precisa se preocupar é lidar com os preparativos da nossa festa de casamento e decorar o berçário.

Felicidade me inundou. Tanta que, mesmo sentada, tive que levantar a mão e segurar o antebraço dele para me apoiar com firmeza. Entretanto, tudo isso havia ido embora antes de eu compreender o significado de nublar a felicidade.

Dessa vez, não me segurei e falei imediatamente.

— Você acha que eu vou con...

Ele me interrompeu com um firme:

— Sim.

— Isto é... ela é... — Engoli em seco. — Ela é nossa, Apollo, nós a fizemos. Se alguma coisa...

Apollo torceu a mão suavemente nos meus cabelos e se aproximou a metade do centímetro que havia se afastado.

— Você e eu, Madeleine, tivemos mais do que a nossa quota de tristeza e tragédia. Pense nisso, minha papoula. Era uma impossibilidade encontrarmos um ao outro, mas conseguimos. Quando nos encontramos, as chances estavam contra nós, com tudo o que veio antes... para você e para mim. Nós superamos as probabilidades. Além disso, para se instalar no seu ventre, esta criança venceu o pennyrium. Você não acha que tudo isso diz que é hora de deixar a tristeza e a tragédia onde pertencem e olhar para frente, para um futuro que não pode ser *nada* menos do que brilhante?

Bem, se ele colocava dessa maneira...

— Sim — concordei.

— Sim — repetiu com firmeza. — Você comprovou, mais de uma vez, que pode fazer qualquer coisa. Se manteve ilesa quando estava em grave perigo. Encontrou o seu caminho em um mundo totalmente novo para você. Ganhou o afeto de um menino sobrecarregado pela dor. Ao testemunhar você fazer tudo isso, acredito no fundo do meu coração, minha papoula, que você também pode fazer isso.

Ok, eu acreditava também, já que Apollo colocava dessa maneira.

— Tudo bem, querido — respondi.

— Tudo bem — ele afirmou, percorreu aquele último meio centímetro e encostou os lábios nos meus. Quando recuou novamente, não foi longe e senti isso na minha barriga de uma forma calorosa, que nunca havia sentido antes, sendo que antes eu o havia sentido de um jeito para lá de morno, quando sussurrou:

— Eu te amo, minha Madeleine.

Esperava que parecesse tão sexy quanto ele quando respondi:

— Eu também te amo, *baby*. — Sorri para ele. — Agora, vá mostrar aos coelhos bonitinhos e aos veados desamparados quem é o chefe.

Os olhos dele se estreitaram e, mais uma vez, me puxou para frente, dessa vez para encostar a boca na minha testa antes de me soltar, se endireitar e começar a se afastar.

— Vejo você hoje à tarde — falou.

— Vejo você à tarde — falei para as costas dele.

Ele abriu a porta, parou, se virou para mim e fez uma profunda reverência.

Quando se levantou, piscou e eu sorri. A porta se fechou, inspirei profundamente e coloquei a mão na barriga.

— Um futuro que brilha intensamente. — falei para ninguém, mas falei sorrindo.

Então, tive uma inspiração e me virei para o papel, adicionando mentalmente canetas esferográficas à lista de compras que Apollo pagaria em diamantes, uma vez que me levou dez idas e vindas ao tinteiro para escrever:

Chris, isto foi fabuloso. Obrigada por permitir que eu o lesse.
Não consegui parar de ler e mal posso esperar para ver o final.

Em mais de um sentido.

xx Maddie

* * * * *

Estava passeando pelos corredores, fazendo um *tour* por toda a maravilha que era o Palácio de Inverno, sendo interrompida nesse esforço, várias vezes, já que havia uma multidão em Fyngaard para o Bitter Gales, parecia que a maioria se hospedaria no palácio.

Também estava vivenciando algo estranho. Aparentemente, várias dessas pessoas tinham me visto no Gales dos Drakkar, em Brunskar, mais, a fofoca sobre mim se espalhou amplamente, então, a maior parte das pessoas não ficou assustada ao me ver, a própria imagem da falecida Ilsa Ulfr, passeando pelos corredores da residência real da sua princesa.

Por outro lado, também parecia que eu havia sido substituída. Havia novos objetos de fascínio, ao saber que Dax Lahn e sua Dahksahna estariam participando. As pessoas que conheci no Baile dos Drakkar, pessoas que nunca vi antes na vida, me pararam para perguntar se eu tinha visto algum deles.

Era óbvio que a Realeza das Southlands não confraternizava regularmente com a aristocracia das Northlands, portanto, isso era um acontecimento. Contudo, todo mundo estava bem ciente de quem eram Lahn e Circe, logo, a forma como muitos perguntaram sobre eles, não gostei tanto assim. Porque não achavam que eram celebridades. Achavam, claramente, que eram aberrações.

Eu não era uma grande fã disso, então, rapidamente aprendi a não fazer contato visual enquanto rapidamente decidia encontrar Circe e atualizá-la, de modo que não seria pega de surpresa por isso, esperando que já não tivesse sido.

Encontrá-la foi uma tarefa fácil, já que o primeiro servo com o qual me deparei sabia exatamente onde ela estava e havia sido

enviado especificamente para me buscar, para “encontrar a nossa Princesa do Inverno, Cora, a Benévola e a Rainha Dourada na biblioteca”.

Dei um sorriso para ele, agradei e fugi até a biblioteca. Encontrei as portas guardadas pelos homens do Frey, Gunner e Stephan. Já que o palácio deveria ser seguro, não estava certa se isso era bom.

— Está tudo bem? — perguntei quando parei na frente das portas.

— Finnie não quer ser incomodada. É o Bitter Gales e uma vez que está fora com o Frey metade do tempo, agora têm uma chance e todos querem ser ouvidos. — Gunner respondeu.

— Estamos aqui para impedir isso.

— Vejo que é bom ter Raiders na retaguarda — observei.

— Sempre — concordou Gunner enquanto Stephan se movia para abrir uma porta para mim.

— Obrigada — falei ao entrar e Stephan ergueu o queixo para mim.

Entrei e vi seis mulheres paradas na frente das janelas, Circe, Finnie, Cora e as três mulheres que se jogaram em cima da Finnie, quando ela chegou no dia anterior.

— O que está acontecendo? — exclamei e todos os olhos se voltaram para mim, mas foi Finnie quem falou. Acenando com a mão na minha direção, ela chamou:

— Venha para cá.

Eu me movi através do vasto espaço abarrotado de livros. Estava quente, mesmo havendo só uma lareira. Por outro lado, essa

lareira era chocantemente enorme, por isso estava definitivamente apta para a tarefa de aquecer esse espaço.

Juntei-me a elas na frente das janelas enquanto Circe anunciava:

— Acho que as coisas estão chegando a uma resolução.

Imaginei que estava certa porque estava olhando para Loretta e Hans, através das janelas. Ele estava parado, empertigado e afastado, mal abaixando o queixo para olhar nos olhos dela. Loretta estava um pouco inclinada para ele, uma postura suplicante, que era solidificada pelo olhar no seu rosto, que era definitivamente implorante.

À primeira vista, as coisas não pareciam estar indo bem para Loretta. Estúpido, *estúpido* Hans.

— Quanto tempo eles estão nisso? — perguntei, chegando mais perto do grupo para poder me aproximar mais da janela.

— Eu os vi e chamei todas — respondeu Circe. — Pelo menos, vinte minutos.

Vinte minutos? *Oh*, droga.

Hans a estava fazendo trabalhar duro por ele e não gostei disso. De modo algum. De repente, ele se moveu como se fosse se afastar e Loretta pulou para pegar a sua mão. Ele a afastou antes que ela pudesse agarrá-la e custou todo o meu esforço não bater na janela e gritar para ele parar de ser esse tipo de *cara e ouvir*, mas não precisei fazer isso.

Loretta deu imediatamente um passo para trás, decepção inundando o seu rosto, antes que a escondesse e erguesse o queixo. Sua boca se moveu e, infelizmente, mesmo tentando, já

fazia algumas semanas que eu vinha tentando, não consegui ler os seus lábios.

Hans estava de costas para nós, então, não pude ver a sua expressão. Só pude ver que, quando Loretta terminou de falar, ela estava simplesmente *farta*. Soube disso quando ela se virou instantaneamente e começou a caminhar através da neve. Hans permitiu que ela desse quatro passos, antes de ir atrás dela.

Ok. Isso foi bom. Hans agarrou a mão dela. Ok. Isso foi melhor. Ela a desviou antes que ele pudesse pegá-la. Ok. Isso foi ruim. Mas, ao fazer isso, Loretta teve que virar na direção dele e Hans se aproveitou, segurando-a com um braço na altura da sua cintura.

Agora, isso sim, foi *excelente*.

— Pegue-a, homem — Finnie sussurrou.

Nós vimos Loretta se inclinar para longe enquanto Hans se curvava profundamente. Ele estava, obviamente, falando. Ela, obviamente, não estava a fim de escutar. Então ele parou de falar e começou a beijá-la.

— Isso aí — Circe falou baixinho.

Loretta não o fez trabalhar muito por isso, sequer protestou um pouco. Colocou os braços ao redor dos seus ombros e se aninhou contra o corpo dele. Hans se inclinou ainda mais, curvando-a sobre o seu braço.

— Lindo — observou Cora.

Certamente era. Eu só esperava que durasse. Christophe ficaria satisfeito. Estava segurando meu veredito até que... Hans interrompeu o beijo de repente e endireitou Loretta nos seus braços, antes de segurar o seu queixo de forma carinhosa, o que fez a

expressão da Loretta se tornar suave, de uma forma que gostei muito.

Ok, demorou cerca de três segundos, mas parei de segurar meu veredito e sorri.

— Demais — Cora disse: — Queria ter visto toda a história, desde o início.

— Não se preocupe, nós vamos atualizá-la — Finnie assegurou.

Estava prestes a sugerir que déssemos um pouco de privacidade, pedindo para ser apresentada às amigas da Finnie, quando uma delas perguntou:

— O que é aquilo?

Meus olhos foram até ela e vi que estavam ainda olhando pela janela, logo, olhei além do Hans e da Loretta. Então o meu sangue se transformou em gelo porque um mar de lobos estava saindo da floresta atrás do palácio e vindo até a clareira.

Não um. Ou cinco. Ou sete. *Um mar*. Isso não poderia significar coisa boa.

— *Oh*, merda — sussurrei.

— Pelos deuses! — Outra das amigas da Finnie gritou. — O céu!

Pressionei-me contra a janela, assim como todas as meninas, olhei para cima e vi o céu repleto de meteoros. Sim. *Meteoros!* Pequenos mísseis vermelhos, pretos e azuis, centenas deles, talvez milhares, estavam caindo do céu e explodiam contra o que tinha sido uma cúpula invisível, mas agora, não era.

Agora, a cada batida dos mísseis, uma explosão de faíscas vermelhas, pretas e azuis disparava. Onde havia atingido, uma

frondosa nuvem cor de esmeralda se propagava, mas havia tantos mísseis que as nuvens verdes estavam bloqueando o sol.

Isso não era bom.

— Merda — falei enquanto observava tudo isso, vendo os lobos preencherem o espaço e Hans arrastar Loretta em direção ao palácio.

— Isso não é bom — Circe sussurrou os meus pensamentos em voz alta.

Absolutamente não, estávamos sendo atacados. A cúpula estava se segurando, os lobos pareciam formar um perímetro ao redor do palácio, minha mente entrou em ação e os meus pensamentos giraram em torno de duas coisas. Portanto, eu girei.

Quando me virei, as portas se abriram e Gunnar e Stephan entraram. Corri por toda a biblioteca a fim de sair, mas Stéphan me segurou, colocando um braço em volta da minha cintura. Lutei contra o seu abraço enquanto a sala escurecia ainda mais, os mísseis atingindo a cúpula encantada com tanta fúria que as nuvens de magia protetora bloquearam.

— Vocês têm que ficar juntas! — Stephan exigiu, controlando os meus movimentos com uma facilidade irritante.

De repente, parei e me virei no seu abraço.

— Élan e Chris — foi tudo o que eu disse.

— Estamos todos a salvo no palácio — respondeu Stephan.

Podia até ser assim, mas eu não me importava.

— Até que o pai volte, eu os quero comigo! — rebati.

Stephan olhou nos meus olhos e viu o que eu queria que ele visse. Soube disso quando ele olhou por cima da minha cabeça.

Torci o pescoço para olhar para Gunnar, que ergueu o queixo e se moveu rapidamente até as portas.

Conseguia sentir o pânico e a confusão tomando conta das outras pessoas que estavam no palácio quando Alek e Remi aparecerem nas portas. Eles olharam para Stephan e Remi, ordenando:

— Feche as cortinas — antes de um pegar uma maçaneta, Alek a outra e nos trancarem lá dentro.

Stephan me soltou e foi até as janelas.

— O que devemos fazer? — uma das amigas da Finnie perguntou.

— Nada — Finnie respondeu. — Basta manter a calma.

Não fiquei calma, mas imóvel. Fiquei parada no aposento escuro, olhando para as portas enquanto Cora e Circe se moviam ao redor para acender as lâmpadas. Segundos se passaram e o meu pânico aumentou.

— Vamos lá, traga-os para cá — disse para a porta. — Traga-os para cá.

Cora se aproximou, tocou a mão dela na minha e pediu:

— Venha se sentar, Maddie.

Não tirei os olhos das portas.

— Sente-se, Maddie — disse Finnie do meu outro lado. — Gunnar vai trazê-los para cá.

Não me movi. As portas se abriram e meu coração saltou, mas apenas por um instante. Meeta estava entrando por elas e corri até ela.

— Élan e Chris — eu disse no instante em que a alcancei.

Ela olhou nos meus olhos e respondeu:

— Vou buscá-los.

Meeta se virou para as portas que Alek e Remi fecharam atrás dela, só para encontrar Stephan parado lá.

— Fique aqui com a sua senhora — Stephan ordenou.

— Minha Maddie quer as crianças — Meeta respondeu.

— Fique... — Stephan começou, mas não terminou.

As portas se abriram novamente e Hans quase empurrou Loretta através delas. Fiquei feliz em ver Loretta, mas, meu Deus! Onde estavam as crianças? Loretta correu até nós. Seus olhos estavam assustados e, quando pegou a minha mão, senti a dela tremendo. Senti o medo dela cortando através de mim. Tardamente, mas estava lá.

Eu havia sobrevivido a muita merda. Uma família terrível. Um marido abusivo e criminoso. Fui transportada para um mundo totalmente diferente. Eu era o capitão Kirk. Kirk não surtava. Kirk mantinha a calma e eu precisava me acalmar. Então, peguei as mãos de ambas, Loretta e Meeta, e as segurei firme.

— Vamos apenas esperar as crianças chegarem aqui e tudo ficará bem — disse a elas. — Nós estamos seguras.

— Sim — Meeta disse, apertando a minha mão e soube que ela apertou a da Loretta também. — A magia do bem prevalecerá.

Loretta passou a língua nos lábios e segurou a minha mão com firmeza. Olhei ao redor da sala para ver se os outros estavam calmos e respirei fundo para manter a minha calma. Isso funcionou um pouco. Então, fiz isso de novo. Nada bom, mas já estava um pouco melhor.

As portas se abriram e Élan e Chris foram levados para dentro por Gunnar. Vi Laures e Draven lá fora, com Alek e Remi.

Laures captou o meu olhar e acenou com a cabeça. Ok, as crianças estavam *aqui*, os caras estavam lá fora, Laures parecia calmo. Era ainda melhor. Então, retribuí o aceno e Gunnar fechou as portas, se juntando a nós.

Élan correu para mim. Soltei a mão das minhas meninas e me agachei, bem a tempo do pequeno corpo atingir o meu. Passei os braços ao redor dela.

— Está escuro lá fora, senhorita Maddie! — ela gritou, a pequena voz tremendo de medo.

Posso apenas dizer que a sensação foi extrema quando o gelo no meu sangue ficou imediatamente quente, quando o medo foi embora e a raiva tomou o seu lugar. Meus olhos foram até o Chris e mantive a sua irmã apertada contra mim enquanto dizia:

— Tudo vai ficar bem. Seu pai nos deixou seguros. Ninguém vai nos levar.

Chris caminhou na nossa direção, os olhos presos nos meus, parou bem perto, colocando a mão sobre as costas da irmã.

— Vai ficar tudo bem, Élan — ele murmurou, seu olhar ainda no meu.

Dei a ele um sorriso trêmulo, mas o sorriso com o qual retribui não era trêmulo. *Assim* como o do seu pai. Infelizmente, no momento seguinte, ouvimos gritos vindos do corredor. Élan me apertou mais ainda e um ruído de medo escapou da sua garganta. Ao ouvir o seu medo, engoli o grunhido e senti as mulheres chegando mais perto, nos rodeando.

— Talvez devêssemos ir para o berçário — ouvi Cora dizer baixinho. — Não tenho certeza de que o meu Hayden vai dormir com tudo isso e não quero que ele acorde assustado.

— Concordo — Finnie respondeu, mas sua voz era incerta e preocupada, seus olhos estavam sobre o Stephan. — A creche fica em um andar mais alto e devemos ficar todos juntos.

— Vocês ficam aqui — respondeu Stephan. — É um erro movê-las. Além disso, Zahnin, Bain, Oleg, Quincy, Balthazar, Max, Annar, Ruben e Thad estão guardando as crianças.

Isso era um monte de proteção, só esperava que fosse suficiente. Um olhar para o rosto do Finnie, que ainda estava preocupado, mas não mais incerto, e soube que era suficiente. Então, houve um baque que soou como um corpo batendo na parede do lado de fora.

Maldição!

Pulei e Élan pulou nos meus braços. Murmúrios filtrados através das mulheres ao meu redor e Chris virou o olhar para a porta.

— Nós estamos seguros — sussurrei para Élan, passando a minha mão sobre o seu cabelo.

Estava esperando, com a graça de Deus, que os rapazes do lado de fora estivessem bem quando ela me apertou com mais força, se lamentando:

— Eu quero o Papa.

Eu também queria.

— Nós ficaremos bem, doçura — disse a ela. — Ele estará aqui, em breve.

Eu a puxei ainda mais para perto, à medida que mais gritos soavam. Estavam perto e o barulho de outro corpo sendo jogado soou. Dessa vez, contra a porta. Chris se virou para mim, os olhos

arregalados. O menino estava aparecendo e ele não conseguiu ocultar seu medo. Diante disso, fogo ardeu dentro de mim.

Aquelas fodidas e malditas bruxas, umas cadelas, todas elas. As mulheres se aproximaram mais ainda, Cora colocando a mão no ombro do Chris e o guiando para o nosso amontoado.

— Senhorita Maddie — Meeta sussurrou.

— Nós estamos seguros — falei.

— Senhorita Maddie, me dê a criança. — Meeta ainda estava sussurrando.

Oh, merda.

Inclinei a cabeça para trás, a fim de olhar para ela. Não gostei do que vi.

— Não — falei baixinho e ela olhou nos meus olhos.

— Eles me bloquearam — também falou baixo. — O poder deles está dirigido a outras coisas. Agora, então não estou mais bloqueada.

Meeta havia sido bloqueada, mas não estava mais bloqueada. Ela sabia o que aconteceria e queria Élan. Ok. *Merda.* Não.

As palavras do Apollo atingiram o meu cérebro:

Você não acha que tudo isso diz que é hora de deixar a tristeza e a tragédia onde pertencem e olhar para a frente, para um futuro que não pode ser nada além de brilhante?

Olhei nos olhos da Meeta. Aparentemente, Apollo estava errado. Logo, tomando a minha decisão, me levantei e empurrei Élan na direção dela.

— Vá! — exclamei e me virei para Loretta. — Leve o Chris!

Loretta pegou instantaneamente o Chris.

— Maddie, isso é... — começou Finnie.

Ao mesmo tempo, Chris gritou:

— Eu fico com a senhorita Maddie!

Foi então que aconteceu uma explosão ensurdecedora, sua força estourando as janelas e as cortinas, lançando cacos de vidro e pedaços de veludo no ar. Estendi a mão para Chris, o empurrei para baixo e todos fomos lançados para o chão.

Quando o vidro assentou, levantei a cabeça e meus os olhos encontraram os da Meeta.

— Leve-os agora! — gritei, rolando para longe do Chris, ficando de pé e o puxando comigo, puro instinto me levando a concluir. — Leve-os para os lobos!

Meeta levantou, saindo de cima da Élan, sobre quem ela havia se jogado, arrastando o peso da menina em seus braços e começando a correr.

— Eu fico com a senhorita Maddie! — Chris gritou e vi Loretta o puxando para as portas, mas ele estava resistindo a ela.

— Vá com a Loretta, Chris, por favor! — gritei quando o quarto começou a se encher de névoa.

Névoa Vermelha. Névoa azul. Névoa negra. Uma névoa do mal.

Todas elas girando ao meu redor, ao redor da Cora, da Finnie e da Circe. Os homens que estavam no lado de fora ficaram à vista e reparei que todos os homens do Apollo estavam lá, alguns do Frey.

Merda!

— *Senhorita Maddie!* — Élan gritou e a vi esticando os braços na minha direção enquanto ela e Meeta desapareciam

depois de atravessarem as portas.

Em seu lugar, a outra Circe correu para dentro, seguida pela Valentine. Elas levantaram as mãos e faíscas douradas e verdes encheram a sala. Senti que pegavam a minha mão e olhei à direita. Cora a tinha pegado. Senti que pegavam minha outra mão e olhei à esquerda. Circe a tinha segurado. Olhei para a frente. Circe e Cora estavam de mãos dadas com Finnie.

— Merda, merda, *merda* — Finnie sussurrou exatamente quando a sala desapareceu.

* * * * *

Apollo

Apollo seguiu Lahn até a sala de pedra nas entranhas do Palácio de Inverno, uma sala cheia de homens e uma mulher. No momento em que chegou lá, Lahn se virou para olhar por cima do ombro do Apollo.

— É ela? — grunhiu.

Apollo tinha ideia do que estava perguntando e não se importava. Maddie havia desaparecido. Sabendo que os seus filhos estavam sob forte vigilância de soldados, bruxas e lobos, trazê-la de volta era a única coisa em sua mente. Lahn decidiu encarar a sua falta de resposta como uma resposta e caminhou diretamente para Franka Drakkar, que se encolheu no canto, sob Oleg e Laures.

Lahn empurrou os homens para o lado e Apollo viu quando ele levantou a mulher pela garganta e a jogou através da sala. Franka não teve nem tempo de gritar. Lahn seguiu até onde ela se

chocou contra a dureza da pedra com força, se inclinou, o rosto a um centímetro do dela.

— Traição — ele gritou — leva à punição severa.

Frey, já no quarto, se aproximou do Lahn.

— Por enquanto, precisamos dela viva — Frey disse baixinho, mas a sua voz era firme e controlada. Havia raiva em sua postura, tornando-a dura, e estava evitando olhar para Franka, provavelmente com medo do que ele próprio faria se olhasse para ela.

— Eu fiz o que você pediu — Franka sussurrou e Apollo se se forçou a olhar para ela.

O olhar dela passou do Lahn para o Frey.

— Eu fiz o que você pediu! — ela gritou.

— Traga-a até mim.

Todos os homens se viraram para ver a outra Circe e Valentine no quarto, Tor caminhando atrás delas. Apollo se moveu, até que estava de igual para igual, cara a cara com a bruxa quando grunhiu:

— Você disse que elas estavam a salvo.

— Traga a mulher até mim — ela exigiu e deu um passo vagaroso para o lado, virando os olhos para Frey. — Chame os seus elfos. Nos encontraremos na Ilha do Espectro.

Tor se moveu para o lado dela, ordenando:

— Nos envie para lá agora.

Valentine se virou para ele.

— Com a tríade intacta, sua magia é muito forte. Eu não posso levá-los até lá. Não posso nem *me* transportar até lá. Lavinia foi derrotada por Helda.

O estômago de Apollo se retorceu diante dessa notícia e Valentine continuou falando:

— Temos que ser inteligentes. Para que os elfos façam o trabalho contra os nossos inimigos e por Lavinia, temos que ser rápidos. Temos que ter esperança.

Apollo abriu a boca para falar, mas Valentine continuou, antes que pudesse pronunciar uma palavra:

— Como eu suspeitava, esta é uma batalha de irmãs e magia. Apenas irmãs e magia. Ambas a mesma coisa. Nem tudo inteiramente bom. Nem tudo inteiramente mal. Veremos qual lado prevalece. Mas, você deve confiar no bem, pois o *nosso* lado possui aliados cujos vínculos são formados de uma maneira que não podem ser quebrados.

Apollo sentiu algo desagradável se mexer dentro dele e sussurrou:

— Você sabia. Você sabia que nosso plano seria um fracasso.

Valentine olhou para ele.

— Eu te disse, *mon loup*, não tenho o dom da visão.

Apollo se inclinou para ela e trovejou:

— *Você sabia!*

Ela não respondeu a isso, apenas disse:

— Mantenha os seus lobos prontos ao redor do palácio e traga a mulher para mim. — Seus olhos enfrentaram os dele. — Traga-a para mim, Apollo. Para vencer, precisamos do nosso próprio mal. Há apenas uma coisa mais poderosa do que a vingança, se você a trazer para mim, teremos ambas do nosso lado.

Apollo segurou o olhar dela e contraiu a mandíbula. Em seguida, deu um passo para o lado e se virou para Frey e Lahn.

— Entreguem Franka para ela.

Frey não se moveu. Lahn se moveu somente para se endireitar, se afastando da mulher, ainda de costas no chão. Foi Achilles que se deslocou para frente, ajudou Franka a levantar da pedra e a escoltou como qualquer *gentleman* faria, como só Achilles conseguiria fazer *agora*, até Valentine.

— Segure o meu braço — Valentine ordenou a ela.

— Eu não... — Franka começou, se encolhendo. Valentine a alfinetou com seu olhar.

— Você busca vingança? — a bruxa perguntou.

Franka hesitou, antes de levantar o queixo e responder:

— Sim.

— Então, segure o meu braço — Valentine ordenou.

Franka passou os dedos ao redor do braço da Valentine, que olhou para a outra Circe.

— Reúna as crianças — a bruxa disse. — Se uma escolha tiver que ser feita, você sabe qual a única proteção que irá mantê-los seguros. Sua vida pela deles.

O clima na sala, já sombrio, virou breu. Circe assentiu. Valentine levantou as mãos. Frey, Lahn e Tor se reuniram em torno do Apollo.

— Traga-as de volta — Apollo vociferou e Valentine exibiu o seu sorriso felino.

— *Oh, chéri*, tenha fé.

Deuses, aquela mulher era malditamente irritante.

A névoa verde se formou. Franka e Valentine desapareceram, mas as palavras finais da Valentine ainda podiam ser ouvidas.

— Lembrem-se, o amor é tudo.

* * * * *

Maddie

Segurando firme, estávamos caindo, mas aterrissamos com um baque que dobrou os joelhos de todas, cada uma de nós. Recuperando-me, estiquei as mãos, puxando Cora e Circe para perto. Obviamente, elas fizeram o mesmo e Finnie estava tão perto que nós quatro formávamos um amontoado apertado.

— Tudo bem? — perguntou Finnie.

— Tudo bem — Cora sussurrou.

— Sim — disse Circe.

— Ok — respondi.

Olhamos uma para a outra, em seguida, olhamos em volta.

— Porra — Circe suspirou e ela tinha esse direito.

Estávamos em um aposento gigantesco que deveria ter, pelo menos, o tamanho de um campo de futebol. Era inteiramente feito de blocos de pedra branca-acinzentada. Havia duas portas de madeira gigantes atrás da Finnie, as quais tinham, no mínimo, dois metros de altura e eram feitas de madeira branca-acinzentada, com o que pareciam ser dobradiças de estanho. Além disso, parecia que seria preciso meia dúzia de homens para abri-las. Por último, estavam trancadas.

Entretanto, essa não era a parte ruim. Não. A parte ruim era que conseguíamos ver além das cintilantes, vacilantes e etéreas barras azuis que formavam uma jaula. Olhei para cima, vendo as barras curvadas no topo que se transformavam em uma enorme gaiola mágica. Bem, uma coisa era certa, Minerva tinha uma coisinha para as aves.

Cora chegou mais perto, olhei na sua direção e vi que ela estava olhando por cima do ombro.

— Nada bom — ela murmurou.

Olhei naquela direção e fiquei dura como pedra. Isso porque a gaiola estava situada perto de alguns degraus, que levavam até um estrado. Naquele palanque estava um grande trono, que parecia ser feito de ramos branco-acinzentados, que caíam para fora e para cima, terminando em espinhos que pareciam letais. Sentado no trono estava Pol e se aconchegando no seu colo estava Cora, a Desagradável.

Porra.

Todas nós viramos na direção deles, em uníssono, soltando a mão uma da outra, mas reforçando a nossa aproximação. Cora, a Desagradável, estava sorrindo para nós. Pol estava olhando de cara feia para mim.

Porra.

— Parece que os dois encontraram o par perfeito — Cora murmurou baixinho.

Era divertido. Também era verdade, mas ninguém riu. Todas nós apenas ficamos paradas e vimos o casal nos observando. Infelizmente, Pol se moveu. Ele se levantou do trono, erguendo Cora com ele. Ele a colocou de pé e passou um braço em volta dos

seus ombros, puxando-a com força para o seu lado. Ela se aconchegou ainda mais, passando um braço em volta da sua cintura.

Nessa posição, desceram os degraus até a nossa gaiola. Nós continuamos paradas e os observamos. Eles continuaram a descer e eu me esforcei para não morder o lábio enquanto Pol continuava a se aproximar, cada movimento que fazia, o fazia com os olhos grudados em mim. Se aproximaram das brilhantes barras azuis da gaiola e eu preendi a respiração.

Meu estômago se contraiu quando eles atravessaram. As mulheres se moveram e fizeram isso me empurrando, para poderem me cercar. Entretanto, Pol não se aproximou. Ele parou a um metro e meio de distância e, no instante em que parou, Cora, a Desagradável, se virou para ele e passou os dois braços em torno da sua cintura.

Seus olhos estavam voltados para Cora, a Benévola. Depois que notei isso, virei os olhos novamente para Pol. Quando o fiz, ele levantou o braço que estava em torno dos ombros da Cora e acenou com a mão no ar. Eu não havia notado, então, reparei e senti os meus lábios se abrirem com terror apavorante.

— Lindo — ele disse baixinho, sua voz penetrando na minha pele, não de um jeito bom. — Aço — continuou ele e os meus olhos deslizaram pela brilhante prata moldada, que se movia como uma mão normal, mas *não* era absolutamente isso. — É pesado — continuou, finalizando —, mas funciona.

As mulheres chegaram mais perto de mim.

— Seu — Cora, a Desagradável, começou a falar e desviei os olhos do Pol a fim de olhar para ela. Vi que ainda estava olhando

para Cora, a Benévola — defeito — ela continuou e se aconchegou mais ainda contra o Pol — é perfeito para mim.

Pol passou o braço ao redor dela novamente e senti a bile encher minha garganta. Todas nós pulamos quando ouvimos o rangido alto de dobradiças encher o espaço. Então, olhamos por cima dos ombros e vimos as portas imensas se abrirem.

Um homem gordo entrou, usando uma capa de veludo vermelho e calças de veludo preto, excepcionalmente brilhantes, botas pretas e uma brilhante camisa de seda vermelha. Quando chegou perto, notei que também tinha pequenos olhos redondos. Ele parou do lado de fora das grades da gaiola e olhou para dentro, seu olhar se movendo direto para a Circe. Em seguida, olhou para o Pol.

— Essa é a minha? — perguntou.

— Não — Pol respondeu. — A sua está vindo.

O homem olhou novamente para Circe com tal olhar no rosto que, dessa vez, tive que engolir a bile quando declarou:

— Se não a trouxerem, ficarei com essa.

— Baldur — Circe murmurou baixinho.

Fantástico.

— Espionando-os todos esses meses — Cora, a Desagradável, afirmou e todas olhamos para ela, percebemos que havia se desvencilhado do Pol e estava nos rodeando. — Todos eles pareciam tão valentes. — Ela parou e inclinou a cabeça para o lado, nos estudando. — Não são tão valentes sem as espadas nas costas.

Mais uma vez, o meu corpo congelou, exceto os meus olhos, que saltaram para Pol quando disse:

— Finalmente, parece que vou tirar uma criança de você. — Minha respiração gelou quando continuou. — Eu e a Cora vamos criar a sua. — Ele inclinou a cabeça na direção da Cora, a Benévola. — E a dela.

Oh, Jesus. Isso estava piorando.

— Edith quer a do gelo — disse Baldur, todas nós olhamos para ele e o vimos olhando para Finnie. — Ela a quer porque quer os dragões e elfos. Ela ficará com a sua.

Oh, Deus. Pior.

— A sua apenas vai sumir — Baldur continuou, seu olhar se movendo para Circe. — Como farão com os outros dois que você colocou para fora, para aquele selvagem. Para eu ter as Southlands, a Dinastia Dourada deve cair.

Estendi a mão, agarrei a da Circe e os seus dedos se apertaram ao redor dos meus, no instante em que os meus encontraram os dela, ouvi:

— Vai ser legal *pra* caralho dominar os lobos — disse Pol, olhei para ele e vi que havia se juntado à Cora, a Desagradável, abraçando-a novamente. — Minha mulher só quer um lugar chamado Bellebryn. Gosta do castelo de lá. Assim, será dela.

Cerrei os dentes, então, evitei morder o lábio e encarei os seus olhos, sabendo que ele não havia terminado. Não tinha.

— Claro, isso significa que não só as crianças da cadela loira têm que morrer, todas elas têm.

Merda, merda, merda.

— Viktor é o próximo Frey e Drakkar — Cora, a Desagradável, adicionou. — Com ele fora e com a ajuda da Minerva, a menina que você carrega fará história, sendo a primeira

mulher a comandar os elfos e os dragões. Nós temos que agradecê-la por isso, não sendo deste mundo, partilhando a força do seu amor pelo seu marido, com uma criança do sexo feminino. Não só faz com que o que você carrega, mas todos os que vocês carregam imensamente poderosos.

Lá estava a coincidência de estarmos grávidas ao mesmo tempo, não era uma coincidência. Eles sabiam que isso aconteceria e planejaram tirar os nossos bebês.

— É por isso que a sua filha comandará os lobos — acrescentou Pol na minha direção. — Obviamente, depois de me livrar do menino.

Minhas entranhas se contorceram. Chris.

— E a sua filha assumirá as Northlands — Cora, a Desagradável disse para Cora, a Benévola. — Iremos governar por ela a princípio, é claro. Mas, Minerva tem grandes planos para a sua criança. — Ela se inclinou e sorriu com doçura fingida. — *Grandes* planos. Minerva escolheu bem, com você e o Príncipe Nocturno. Ela moldará uma bruxa poderosa, da criança que vocês fizeram. — Ela se inclinou para trás e nos olhou de cima a baixo. — Moldará bruxas poderosas de *todas* as meninas que vocês fizeram.

— Então, você nos trouxe aqui para roubar as nossas filhas? — perguntou Circe.

— Ela é rápida — Pol murmurou, com um riso baixo, para Cora, a Desagradável.

— Foi ideia da Helda — Baldur compartilhou e olhamos para ele. — Sabendo que demanda grande magia para construir o amor entre os mundos. Uma magia maior que a dos dragões. Maior que a dos elfos. Maior do que qualquer coisa. Magia do tipo que nenhum

mundo já conheceu. Minerva, ao dividir as almas do príncipe Nocturno e da sua noiva, deu a ideia. Em seguida, histórias vieram das terras de gelo e das terras selvagens. Amor criando lendas. Ela sabia que se pudesse aproveitar essa magia, bem... — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Ela também sabia que não conseguiria fazer isso sozinha. Ela se aproximou da Minerva, elas recrutaram Edith e, é claro, elas tinham que ter aqueles de nós que queriam cuidar das tarefas do dia a dia, de governar nações, uma vez que despachassem o mais forte dos guerreiros, reclamassem as suas filhas poderosas e conquistassem a terra. — Ele caminhou para frente, atravessou as barras e inclinou a cabeça na direção de Cora e Pol. — Isso é o que temos.

— Então, essencialmente, para ser um governante a única qualidade que você tem que ter é ser tolo? — Cora, a Bomba, perguntou.

Baldur não se ofendeu. Soube disso quando ele exibiu um sorriso seboso.

— Vejo que você percebe que nenhum dano virá a você por alguns meses — ele respondeu. — Ainda assim, bravatas de uma coisa deliciosa como você são mais agradáveis.

— Por que as suas bruxas não se mostram? — perguntou Circe.

— Mais bravatas — Baldur murmurou, seus olhos se movendo sobre Circe de uma forma que fez com que todas nos aproximássemos. — Não pense que a sua magia irá atendê-la aqui, minha filha. Toda magia, exceto das nossas amantes, é restrita. Isso não funcionará. Sua bruxa verde, quando chegar, será inútil. Em seguida, será despachada. — Seu rosto se iluminou com alegria

maliciosa quando terminou. — Vocês, lamentavelmente, subestimaram o poder. Pensaram que algo tão imenso enfraqueceria sob o fogo do dragão. Compreensível. Definitivamente, a chama de um dragão é imensa e, é claro, ninguém é mais poderoso do que um elfo. — Ele se inclinou, exibindo um grande sorriso. — Exceto elas.

Isso não era bom e ficou ainda pior quando, de repente, quatro coisas penetraram o teto. Uma delas foi a fumaça negra, que se dirigiu ao estrado e formou um trono do que parecia ser um *spray* de hastes de aço pretas. Sentada nele estava uma mulher, usando um vestido preto no estilo da moda de Vale. Tinha cabelos pretos e olhos negros, pele de alabastro e, surpreendentemente, um rosto incrivelmente bonito.

Por trás do trono, ao seu lado, Derrik apareceu. *Derrik*. Meu coração parou e ele olhou para mim. Que porra era aquela? Pensei que ele estava fora, em alguma missão autônoma, do nosso lado. O que estava fazendo aqui? Com *eles*?

Eu queria poder pensar sobre isso, mas não poderia pensar naquele momento. Tive que olhar para o outro lado, onde havia uma chama vermelha caindo. Ela também foi para o estrado, em frente ao trono preto e ao cinza. Formou outro trono, que irradiava fogo vermelho, nele estava uma mulher um tanto robusta, usando um vestido de folhas amarelas, alaranjadas e vermelhas que pareciam algo que uma palhaça usaria — exceto de maneira mais assustadora do que um palhaço comum, é claro. Ela tinha os cabelos armados, vermelho-fogo e era, não surpreendentemente, nem um pouco atraente.

Houve outro *flash* de faíscas azuis. Ele apontou e obliterou o trono cinza em uma labareda de reflexos azuis. Em seu lugar, formou um trono transparente, composto pelo que pareciam cristais. Nele, pairou — não se sentou — uma mulher vestindo um fino vestido azul flutuante, os cabelos brancos iluminados por faixas elétricas azuis e a pele pálida do rosto era esticada sobre características que não poderiam ser descritas como algo diferente de um pássaro.

Bem, lá vai. Sua afinidade com pássaros explicava.

Por último, um *spray* verde que parecia líquido choveu do teto. Ele caiu bem nos pés do estrado, quando pousou, o corpo suspenso da Lavínia, a bruxa boa de Lunwyn, bateu sem vida sobre a pedra.

Merda, merda. *Porra*.

— Não — Finnie sussurrou, a voz embargada com horror e tristeza.

— Eles não estão aqui?

As palavras soaram em torno de nós, não vinda de uma pessoa. Contudo, a bruxa preta, definitivamente Helda, e a bruxa vermelha, pelo processo de eliminação, Edith, olharam para a bruxa azul, absolutamente Minerva. Assim, imaginei que era a voz desencarnada da Minerva, que soou em torno de nós.

Ninguém respondeu e imaginei que ela estava falando pelo menos sobre Valentine, porque ela tinha que ver que estávamos lá. Embora ninguém tenha respondido a pergunta, Pol falou:

— Eu a quero.

Olhei para ele e vi que havia soltado Cora, a Desagradável, apontando na nossa direção. Contudo, eu sabia que ele estava se

referindo a mim.

— Paciência — a bruxa preta, Helda, disse. — Poucos meses e ela será sua para brincar.

Ok, as coisas pareciam muito ruins, mas essa merda foi *não* aconteceria. Pol estava se movendo na sua direção, com um sorriso no rosto que eu conhecia. Um sorriso encantador e bonito que, no início, o ajudou a escapar de um monte de merda.

— Eu serei gentil — disse a elas.

— Paciência — Helda repetiu.

Pol parou e perguntou:

— Você acha que eu faria qualquer coisa para foder este show?

As bruxas olharam para ele e finalmente Helda levantou a mão, murmurando:

— *Oh*, muito bem.

Merda.

Esse foi o único pensamento que tive tempo de ter, pois gritei com surpresa quando, de repente, fui arrancada de perto das mulheres. Meu corpo se movendo, não sob a minha vontade, atirado através do espaço direto para Pol. Tentei me retorcer e virar. Tentei fazer *qualquer coisa* para ficar longe dele.

Eu conseguia me retorcer e me virar, mas nada me impediu de bater direto nele. Seus braços me envolveram instantaneamente.

Fabuloso.

— O que é isso? — Cora, a Desagradável, perguntou, sua voz aguda ligeiramente alta.

— Apenas brincando — Pol respondeu, mas os seus olhos estavam em mim.

Eu lutava em seus braços quando ouvi barulhos que indicavam que Finnie, Circe e Cora estavam lutando, também. Com o quê, não fazia ideia e não conseguia olhar. Só poderia me concentrar em ficar longe do Pol. Contudo, ele não tinha dificuldade em me segurar, mas isso não era mágica, ele sempre foi mais forte do que eu.

— Você o deixou tocar em você — ele sussurrou.

Aqui vamos nós.

— Me solte, Pol — também sussurrei, ainda lutando.

— Aceitou o seu pênis — vociferou. — Deixou plantar um bebê dentro de você.

Empurrei contra ele, tentando encontrar uma maneira de dar um chute, mas não respondi.

— Ambos os meus filhos desapareceram. Este virá. — Ele sacudiu a cabeça para indicar as bruxas. — Elas já a viram.

Eu ainda estava nos seus braços. Elas viram o meu bebê. Ela nasceria e algo brotou dentro de mim, me senti bem. Incrivelmente bem. Eu me manteria viva a todo custo e não desistiria fácil, mas ainda tinha que lidar com Pol.

— Um deles se foi — rebati. — O outro, você matou.

Seus olhos brilharam, os braços enrijeceram, seu rosto se inclinando até no meu, ignorando palavras que eram hediondas e verdadeiras.

— Aceitou seu pênis — ele sussurrou.

— Sim — vociferei.

— Você pensou em mim quando ele estava fodendo com você? — perguntou.

Olhei bem nos olhos dele, levantei o queixo e respondi:

— *Nem uma... fodida... vez.*

Seus braços ficaram tão apertados que temi pelas minhas costelas.

— Quando sua filha estiver fora de você, só terá a mim — falou entre os dentes. — Eles têm planos. Será um dia ruim para você, *baby*. Eles te pegaram e pegarão a sua menina. Cuidarão do resto e isso significa que aquele cara, que você estava deixando fodê-la, vai virar pó.

Eu não poderia acreditar nisso. Eu não acreditaria nisso. As coisas não pareciam boas, mas Apollo encontraria uma maneira. Frey encontraria uma maneira. Lahn encontraria. Tor encontraria. Havia uma maneira e eles iriam encontrá-la.

A mão de aço do Pol subiu e ele tocou o meu rosto com ela. Parecia tremendamente fria, muito pesada contra a minha pele e, de repente, tudo em que eu conseguia pensar era que faria um buraco na minha cabeça se me acertasse com raiva.

Pol ficou tão perto que tudo o que eu conseguia ver eram os seus olhos.

— Farei você esquecer-lo.

— Sem chance — respondi.

Ele sorriu, um sorriso que não era bonito ou charmoso.

— Encontrarei um caminho.

— O que é... *isso*? — Cora, a Desagradável, perguntou e Pol olhou para ela.

— Se afaste um segundo, sim? — ele ordenou.

— O que é *isso*? — ela retrucou.

Má ideia. Pol não gostava quando alguém não fazia o que pedia.

— Cai fora — ele grunhiu, os olhos se estreitando. Quando ela não se moveu, ele continuou. — Porra, há bastante de mim para todas.

Olhei para ela e vi que seus olhos eram fendas e suas costas estavam rígidas.

— Eu não compartilho — ela retrucou.

— Eu digo se você compartilha ou não — Pol rebateu.

Ela acenou com a mão na direção das bruxas.

— Elas o deram para *mim*.

— Não, querida, elas deram *você* para *mim* — ele rebateu.

— Você não é nem mesmo deste mundo! — ela gritou.

— Você não teve *nenhum* uso, exceto para enganar Ilsa — ele respondeu. — Jesus, se liga.

— Serei a Rainha das Northlands — declarou.

— Rainha do meu reino, mulher. — Pol balançou a cabeça. — Assim, caralho, se preocupe em ter o rímel corrigido. Você não consegue dominar uma sala de aula, muito menos um maldito continente. Eu sei como comandar um império, cadela. Eles sabem disso. Agora — inclinou nós dois em direção a ela — cai... fora... *porra*.

Ela partiu para cima do Pol de uma forma que ele não teve outra escolha a não ser me soltar. Então, ouvi uma voz desencarnada:

— *Que incômodo.*

Entretanto, aparentemente, nem Minerva nem suas amigas cadelas sentiram vontade de intervir. Isso foi bastante desafortunado para Cora, a Desagradável porque, obviamente, não havia conhecido as partes ruins do Pol e não sabia que ele não se continha. Então,

ela não conseguiria prever o que estava chegando e após uma breve luta, quando o punho de aço caiu sobre a cabeça dela, Pol fez um buraco nela.

Eu estava congelada, em choque, quando ela caiu inerte no chão e o sangue fluiu, vermelho-vivo, através da pedra branca-acinzentada, sangue que escorria da cabeça dela. Esperei, sem fôlego, mas ela não se contraiu, nem mesmo gemeu. *Putá merda*. Pol simplesmente a matou. Ali mesmo.

Ele acabou de matá-la.

Recuei, bile novamente subindo pela minha garganta.

— Maddie! As barras! — Finnie gritou antes de uma faísca de eletricidade explodir ao longo das minhas costas e faíscas azuis chiarem em torno de mim.

Mergulhei para frente no momento em que Pol se virou para mim.

— Caralho! Olhe o que você me fez fazer!

Sério?

— Eu? — perguntei.

— Você — ele falou entre os dentes, começando a andar na minha direção. — Cristo, sempre perco a cabeça quando estou perto de você. Louco *pra* caralho.

Pol *era* louco *pra* caralho, mas não pelas razões que achava que era. Contudo, não poderia compartilhar isso. Eu estava circulando enquanto ele continuava me perseguindo e ouvi um comentário, obviamente, nem um pouco chateado sobre a recente morte da Cora, A Desagradável. Baldur falou:

— Por favor, não. Isso é muito divertido.

Portanto, eu sabia que uma das bruxas interviria. Só que elas não o fizeram e Pol continuou me perseguindo. Eu continuei circulando e elas provavelmente acharam muito divertido. Claramente, Pol estava certo. Cora, a Desagradável, era dispensável.

Olhei para o Pol, pensando que isso era uma merda. Isso tudo era uma merda! Como a vida poderia ser tão incrível, tão cheia de promessas, tão bonita em um momento e no outro me encontrar ali, enfrentando o meu maldito ex-marido, confinada por uma gaiola mágica, em um outro mundo? Quero dizer, sério?

— Confio em você para estragar tudo, quando estou finalmente feliz — vociferei para Pol.

— Não me faça te perseguir, cadela — ele também falou entre os dentes.

— Quando Apollo chegar aqui, cortará a sua mão de aço, a outra mão e acertar você na cabeça com a espada dele.

— Acorde, Ilsa. Esta merda não será boa para você. O cara, provavelmente, já está morto.

Eu não poderia acreditar nisso. Não acreditaria nisso, mas só de pensar, o meu coração doeu.

— Ele vai me salvar — sussurrei.

— Mande um beijo de adeus, *baby* — Pol rebateu.

— Venha para perto de nós, Maddie — Circe falou.

— Eu não o quero perto de vocês — respondi, ainda circulando, mas fazendo isso bem longe das meninas.

— Chegue mais perto, Maddie! — gritou Finnie.

— Eu não... — comecei.

— Venha! Agora! — Cora gritou.

Não sei o porquê fiz isso, mas corri na direção delas e no instante em que me aproximei, Circe apertou a minha mão e notei que todas as mulheres estavam de mãos dadas, formando um círculo. Finnie agarrou minha outra mão e no segundo que o fez, Circe ordenou:

— Pense no seu homem.

Não tinha ideia do porquê ela queria fazer isso, mas o fiz. Não era difícil. Era bom. Bonito. Tranquilo. Visualizei uma imagem do Apollo, alto, forte, grande, bonito, a capa esvoaçando atrás dele, em seguida, balançando para frente, balançando ao redor dele, envolvendo-o em seu abraço. Aquela capa era de arrasar, assim era o meu homem.

Diante desse pensamento, um fluxo de energia atravessou as minhas mãos e um anel explodiu do nosso amontoado, com listras cor de ouro, azul-gelo, violeta e papoula. Atingiu Pol e Baldur, levantando-os do chão.

Em seguida, o anel se expandiu e subiu, as barras azuis da gaiola se desintegrando. Finalmente, ele explodiu e faíscas multicoloridas voaram para todos os lados. Imaginei que eles estavam errados sobre a magia da Circe não funcionar aqui. Graças a Deus

— Agora, corram! — Circe gritou e corremos na direção das portas.

Elas fecharam com um estrondo. *Merda!* Derrapei até que meu braço foi puxado, porque ainda estava segurando a mão da Circe e ela havia caído, sendo derrubada por Baldur. Ela rolou sobre Baldur e Finnie agarrou os cabelos dele, puxando-o para trás.

Ele uivou.

— Ele estava certo — a voz desencarnada soou. — Isto é *muito mais* divertido.

Bruxas *fodidas*, mas não poderia pensar nelas. Ainda não. Estava prestes a ajudar na briga com Baldur quando fui puxada para trás pelo antebraço do Pol, na minha garganta. Ele me puxou uns dois passos para trás, mas me retorci em seu aperto, me soltando. Abaixei-me e me arrastei para longe.

Pol estendeu a mão de aço para mim, mas nem chegou perto. Isso aconteceu porque Cora o atacou pelo lado. Sem estar pronto para ela, eles caíram no chão e vi Pol se preparar, mirando um golpe do punho de aço na cabeça dela, então, fui até eles. Dando o bote, envolvi as duas mãos em torno dele e o puxei para trás.

Circe e Finnie provavelmente lidaram com Baldur, já que elas apareceram e Finnie deu um chute na virilha do Pol. Sempre uma ótima escolha. Pol gemeu, parou de se debater — reconhecidamente perdendo — e se enrolou de lado, colocando ambas as mãos no meio das pernas.

Cora correu até as portas, colocou as mãos sobre ela e foi imediatamente ofuscada pelo grande círculo oscilante. Isso não a perturbou. Ela empurrou, corri até ela e também empurrei. Finnie e Circe se juntaram a nós e empurraram.

— Use a sua magia! — Finnie gritou para Circe.

— Aquilo não foi minha magia — Circe respondeu.

— O que foi aquilo? — gritou Cora.

— *Nossa* magia — respondeu Circe.

— Onde está a... *Valentine*? — Finnie perguntou em um grunhido, empurrando.

O som da voz desencarnada estava realmente soando com humor, quando afirmou:

— *Muito mais* divertido.

— *Argh!* — gemi e exigi em seguida: — Precisamos formar outro círculo, senhoras!

Quando o fiz, de repente, todas caímos para frente e as portas se abriram. Nos levantamos e me acalmei, olhando para Franka Drakkar do lado de fora das portas. Ela não olhou para *nenhuma* de nós enquanto deslizava para dentro. Deslizava. Para. Dentro.

Não tivemos oportunidade de aproveitar e atravessá-las. No instante em que Franka passou o limiar, as portas se fecharam. Nós nos viramos e observamos enquanto ela caminhava lentamente por toda a extensão do espaço até as bruxas.

— Que porra é essa? — ouvi Finnie sussurrar.

— Não tenho certeza se isso é bom — também sussurrei a resposta.

— Você a conhece? — Cora perguntou.

— Fiquem quietas e juntas — Circe falou e nos unimos novamente.

— Isso é interessante — disse Helda, abaixando os olhos para Franka, que parou no pé da escada, na parte inferior do palanque. Ela inclinou a cabeça para o lado. — Você teria sido uma boa governante, mas, você será nada em breve.

— Você deveria ter perguntado, sem levar o meu Antoine — Franka respondeu e tive que admitir, ela era boa. Fria, mesmo em momentos como aquele. Ela parecia tão calma quanto conseguia ser.

— Antoine? Quem é Antoine? — perguntou Finnie.

— *Shh!* — Cora nos silenciou.

— Preparem-se — advertiu Circe.

Oh, merda, pensei.

— Esta foi a sua falha. Ele não era nada. A lição vem tarde demais, mas vou dá-la a você, independentemente disso. Você não deve desperdiçar suas energias se preocupando com *nada* — Helda disse para Franka.

Eu poderia afirmar que não foi a coisa certa a dizer, pela forma como a linguagem corporal da Franka mudou.

— Que assim seja — Helda continuou.

— Sim — respondeu Franka. — Que assim seja.

Foi quando aconteceu, ela se abaixou, girando o torso ao mesmo tempo. Esticou o braço e da sua mão uma cintilante onda verde-esmeralda disparou. Nesse momento, um corpo atravessou o teto. Caindo de pé e se agachando na beira do estrado estava Tor, vestindo calças de brim estranhas, uma camisa de algodão e botas marrons.

Ele se levantou, puxando uma arma — sim! Uma arma! — da parte de trás do seu cinto. Tor a apontou para Edith, que estava saindo do seu trono, e disparou. A bruxa caiu para trás, batendo no trono, o que a lançou para frente. Ela rolou os degraus, deixando um rastro de sangue por todo o caminho. Mal parou na parte inferior quando Tor virou a arma na direção da Helda.

Entretanto, Derrik entrou em ação e se moveu rapidamente. Respirei fundo, chocada, quando ele segurou a cabeça da Helda com ambas as mãos, a bateu no braço do seu trono e a soltou. Ela caiu contra o assento e Lavinia foi erguida por uma chuva de faíscas

azul-gelo que, quando atingiram o chão, se transformaram em criaturas em miniatura, que se transformaram, imediatamente, em criaturas não mais em miniatura, com orelhas iguais ao do Spock. Também usavam pequenos chapéus com penas apontando para fora. Por último, seus corpos eram de um brilhante azul-gelo.

Instantaneamente, criaturas enormes parecidas com trolls e os homens com cabeça de pássaro apareceram, às dezenas, por todos os lugares. *Merda!* As criaturas de chapéu não deram sequer um olhar. Em uníssono, ergueram as mãos e uma parede de gelo envolveu Minerva. Assim como surgiram, os trolls e os homens com cabeça de pássaro explodiram sem alarde e desapareceram.

Uau.

Minerva não ressuscitou da sua cadeira, mas, segundos após a parede de gelo a rodear, a atravessou, flutuando alto, o corpo arqueado para trás, um grito de gelar o sangue encheu o ar, fazendo o nosso grupo se aproximar ainda mais quando um líquido azul jorrou do seu corpo, que ainda pairava sobre a pedra.

— De joelhos! — Tor ordenou, correndo na nossa direção, a arma levantada, meus olhos voaram para o lado e vi o Pol se levantando.

— Estou achando que esse não é o Tor — murmurei.

— Não é — Cora sussurrou. — É o Noc. Gêmeo do Tor, do nosso mundo.

Aparentemente, o gêmeo do Tor era um *cara* legal. Sorte a dela.

— De joelhos! — Noc gritou.

Olhei novamente para Pol, que estava sorrindo. *Oh, oh.*

— *De joelhos!* — Noc berrou e Pol disparou para o lado.

Porque era um idiota, fez isso indo na minha direção, mas não conseguiu me alcançar porque um homem apareceu na minha frente. Ele estava de costas, então, só consegui ver que era um homem usando uma capa. Um homem carregando uma espada. Um homem que não hesitou em usar a espada.

Ele a girou em um poderoso arco e ouvi um corpo bater no chão. Um milésimo de segundo depois, ouvi um outro barulho mais silencioso, que incluía um rolar nauseante.

— Ok — Cora murmurou. — Nojento.

Apollo se virou para mim e olhei nos furiosos olhos cor de jade.

Olhos cor de jade que eram lindos, furiosos, assassinos, tanto faz, não me importava. Simplesmente amava aqueles olhos. Adoraria aqueles olhos para sempre, assim como adoraria o homem que os possuía. Sem falar que eu estava pirando porque estava olhando para eles naquele momento.

Então, ignorei a espada ensanguentada — sem mencionar as gotas de sangue no seu rosto e nas roupas — e corri para os seus braços. Braços que se fecharam em torno de mim. Senti os seus lábios no meu ouvido e ouvi a voz profunda dizer para mim:

— Você está segura agora, minha pomba.

Eu *soube* que ele havia encontrado uma maneira. Então, respirei fundo e me controlei enquanto desabafava:

— Estou supondo que você não arrancou a outra mão dele — falei baixinho.

— Você está certa.

Tchauzinho, Pol.

Fechei os olhos.

— Acabou, Frey Drakkar.

Abri os olhos, olhei para o lado e vi que um daqueles homens com orelhas pontudas tinha o olhar voltado na nossa direção. Apollo afrouxou o abraço, mas não me soltou. Então, pude olhar em volta. Frey estava lá, assim como Lahn e o Tor — o verdadeiro, ou o *outro* real. Tudo estava bem e olhei para o teto abobadado de pedra.

Obrigada, Deus.

— Ele é meu — Lahn grunhiu e seguiu em frente.

Deveria ter imaginado, pela direção que estava seguindo, mas nem pensei. Assim, não desviei o olhar e vi Lahn se curvar diante de um Baldur arruinado, levantando-o do chão pelos cabelos. Felizmente, ele estava de costas para nós, mas ainda ouvi o estalo inconfundível quando os braços do Lahn se moveram rapidamente.

Então, sem mais delongas, Lahn soltou o corpo sem vida do Baldur no chão e se virou, indo atrás da sua mulher. Ele havia quebrado o pescoço do Baldur sem derramamento de sangue, mas, ainda assim... *Urgh*.

— Acredito que aquela é a sua — disse Frey e meus olhos se moveram para ele.

Estava olhando para o Tor. Logo, olhei para Tor e o vi acenar com a cabeça, se inclinar, beijar Cora na testa e se mover até os tronos. Lahn soltou Circe e seguiu atrás dele. Frey soltou Finnie e Apollo me soltou. Todos se moveram até a gaiola de gelo. As criaturas de chapéu, que imaginei serem elfos, recuaram quando eles se moveram.

Apollo foi o primeiro a levantar a espada. Subiu outro degrau e Frey puxou a espada da aljava em suas costas. Ao lado dos dois, Lahn desembainhou a sua. Em seguida, todos juntaram as suas

espadas enquanto Tor subia os degraus. Eles as giraram e engoli em seco quando as espadas atingiram a parede de gelo e ela quebrou, lançando cacos de gelo para todo lado.

De repente, os cacos ficaram presos no ar em uníssono, antes de tilintarem no chão como pedaços inofensivos de gelo picado. Quando caíram, o corpo da Minerva também caiu sobre o seu trono. Quando o fez, Tor subiu o resto dos degraus e observei a bruxa olhar para ele.

— Isso não pode acontecer — disse ela, sua voz não mais soando por todos os lados, mas vindo diretamente da sua boca, o rosto lívido. — Eu sou uma deusa.

— Deuses têm fé. Deuses têm lealdade. Deuses têm amor — Tor respondeu. — Você nunca foi uma deusa.

— Mas...

Essa foi sua última palavra. Tor balançou a espada e a cabeça da Minerva voou para o lado. Ok, eu poderia lidar com algumas coisas horríveis, já tinha provado isso, mas já era o suficiente. Desviei o olhar e olhei para trás quando ouvi:

— Acredito que esta é sua.

Quando olhei para trás, vi Valentine apoiada casualmente contra o trono negro. Helda ainda estava inconsciente, caída sobre ele. Derrik estava do lado da Valentine e Apollo subiu os degraus, caminhando naquela direção. Eu o vi olhar para Derrik, antes de olhar novamente para Valentine.

— Vamos embora — ordenou.

— É claro, *chéri* — Valentine respondeu e levantou as mãos. Tão logo fez isso, a enorme sala se encheu com névoa verde.

Era uma névoa estranha, mas poderia dizer que Valentine não era assim.

— Lá vamos nós, de novo — Finnie murmurou enquanto a névoa nos envolvia.

O quarto desapareceu e dessa vez não caímos, mas não posso dizer o quão feliz fiquei quando a tundra congelada e os pinheiros adornados de neve apareceram em torno de nós. Segura. Viva. Em casa.

Vi um movimento com o canto dos olhos e olhei naquela direção enquanto sentia os outros se movendo à minha volta. O movimento vinha do Apollo e a minha visão era das suas costas, ele estava se afastando e percebi que carregava algo nos braços. Não tive chance de ver o que era, antes de ele esticar os braços para frente e o que ele estava carregando voar e aterrissar na neve.

Então, vi um corpo em um vestido preto rolando pela neve. Senti um braço envolver a minha cintura e olhei à direita. Finnie estava lá. Outro braço envolveu minha cintura e olhei à esquerda. Cora estava lá. Além da Cora, estava Circe. Deslizei os braços em volta das mulheres ao meu lado.

Os homens, menos o Apollo, se aproximaram das nossas costas. Valentine e Lavinia se moveram na direção da Circe. Franka, Derrik e Noc ficaram ao lado da Finnie. Meus olhos foram até o Apollo quando o ouvi dar um assobio agudo e minha respiração ficou presa nos pulmões quando os lobos se esgueiraram para fora da floresta. Centenas deles. Talvez milhares. Eu estava certa, ontem. Helda estava fodida.

Ele se virou para olhar para Valentine.

— Acorde-a — a voz profunda retumbou.

— Como quiser, *chéri* — Valentine respondeu e balançou a mão em um gesto ondulante em seguida.

Olhei novamente para a bruxa caída na neve e ela estava se apoiando nos braços, olhando ao redor, mas não tive muito tempo para prestar atenção nela. Apollo falou:

— A justiça está feita — afirmou e virou as costas para a bruxa sem demora, a impressionante capa esvoaçando atrás dele enquanto caminhava na nossa direção.

Os lobos também não demoraram, eles atacaram como um só e ela gritou. Então, nada mais, apenas grunhidos, rosnados e o som nauseante de carne sendo rasgada. Engoli em seco e Apollo, felizmente, bloqueou a minha visão da carnificina, caminhando direto para mim.

Quando parou na minha frente, respirei fundo e olhei nos olhos dele. Os dele ainda pareciam irritados. Mais uma vez, achou que tinha me perdido e não gostou disso. Eu precisava fazer algo sobre isso, logo, ofereci parte do que eu tinha para oferecer.

— As crianças estão bem? — perguntei.

— Sim — resmungou.

— Todas elas? — insisti.

— Sim — ele repetiu, o tom da sua voz seco.

— Os rapazes? Estão todos bem? — perguntei.

— Sim — falou entre os dentes.

Hmm. Parecia que tudo estava bem e ele ainda estava irritado.

— Todos eles? — pressionei. — Os homens do Frey, os homens do Lahn....

— Sim, Maddie — Apollo me interrompeu.

— Ok, então, você acha que há tempo para eu colocar o meu vestido fodão e participar do baile? Vai ser chato, sem intrigas em andamento, mas estou imaginando que gostaria de testar as minhas habilidades na dança.

Ele me encarou e fez isso por algum tempo. Esticou as mãos, me puxou e bati contra o seu corpo enquanto o observava jogar a cabeça para trás e desatar a rir. Passei os braços em torno dele e sorri. Meu trabalho estava feito.

Epílogo

Uma Bolsa Cheia De Esperança

Desnecessário dizer que, uma vez que a cúpula de proteção caiu, o Palácio de Inverno foi atacado por hewcrows e algo chamado de toilroism, as criaturas parecidas com Trolls que vi na Ilha do Espectro. Já que todas as janelas foram quebradas e nem todas foram reparadas, ainda, quase todo mundo estava assustado e o Bitter Gales foi adiado.

Assim, o meu vestido fodão ainda estava pendurado no armário do meu quarto e eu tinha os dedos no braço do Apollo enquanto ele nos guiava atrás do Tor e da Cora, que estavam atrás da Circe e do Lahn, que estavam seguindo Frey e Finnie até uma sala de estar do Palácio de Inverno.

Entramos e vi Valentine e Lavinia sentadas uma ao lado da outra, em um sofá. Derrik estava de pé ao lado da lareira. Rainha Aurora estava sentada em uma cadeira. Franka estava em um canto, parecendo que queria estar em qualquer lugar, menos ali. Noc estava parado na frente da janela ampla, a outra Circe não muito longe dele.

Todos os olhos se voltaram para nós quando entramos. Já que o aposento era enorme, felizmente havia muitas opções de lugares, logo, consegui descansar o meu muito necessitado corpo quando Apollo reivindicou uma cadeira, me sentando no braço dela e curvando o braço nos meus quadris.

Não tinha certeza de quem estava no comando da operação. Só soube, quando ele falou, que Apollo estava assumindo o comando da reunião.

— Você primeiro — ele ordenou, a voz cortante, os olhos no Derrik.

— Infiltrei-me na Ilha do Espectro — Derrik respondeu.

— Pude adivinhar essa parte — Apollo rebateu.

Derrik se virou inteiramente para Apollo e cruzou os braços sobre o peito.

— Não foi difícil convencê-los de que havia uma razão para eu estar com raiva e me tornar um traidor — afirmou Derrik, confusamente.

— Posso imaginar que não. A questão é, você se tornou um traidor? — Apollo perguntou.

O rosto do Derrik ficou rígido.

— Não me pergunte isso, irmão.

— *Uh...* só para dizer — rapidamente coloquei, diante dessa troca de palavras desconcertante. — Quando a missão de resgate começou, Derrik havia acabado de incapacitar Helda.

O rosto do Derrik suavizou enquanto seus olhos se voltavam para mim.

— Seu propósito ao fazer isso? — Apollo consultou e Derrik olhou mais uma vez para ele.

— Estando com eles, não conseguiria saber qual era o seu plano, também não poderia fugir para contar qual era o deles. Tudo o que eu sabia era que vocês iriam pegá-los e eu estaria na posição de fazer alguma coisa, quando eles fizessem a jogada. Não poderia fazer muita coisa, mas, fui capaz de fazer alguma coisa no final.

— Isso é verdade, *mon loup* — Valentine colocou. — O Nocturno do meu mundo foi enviado para lá a fim de despachar Edith, assim como incapacitar Helda. Essa última foi a parte mais difícil, o que tornou bastante arriscada a sua ida. No entanto, você a queria viva. Ouso dizer que nenhuma das três considerou que armas de fogo entrariam no quadro, ou o belo Nocturno do outro mundo. Suspeito que não levaria muito tempo para eles se recuperarem da morte de Edith. Os elfos precisavam se concentrar em ressuscitar Lavinia, para que pudessem usá-la como um condutor até a Ilha do Espectro e depois drenar os poderes da Minerva. Foi muita sorte o seu homem estar lá. Ele tornou as coisas mais fáceis para todos nós.

Uau. Lavinia havia estado, realmente, morta. Os elfos a ressuscitaram. Eles *eram* poderosos.

Apollo voltou sua atenção para Valentine.

— Certo. Então, como explicou, é claro que você tinha esse plano em prática, um plano que não compartilhou, quando já tínhamos um plano em prática.

— Você tinha, *chéri*, e era um dos bons. Eu não o vi falhando e não queria causar alarme, sugerindo que poderia falhar. Contudo, você tem que admitir, é sempre bom ter um plano B, não é?

Olhei para o perfil de Apollo e vi um músculo tremer na sua bochecha. Isso significava que era bom, mas simplesmente não admitiria em voz alta.

— Você sabia que as bruxas poderiam derrotar os encantamentos e que nossas mulheres estariam em perigo? — perguntou Frey e Valentine olhou para ele.

— Se eu estava ciente de que elas *ficariam* em perigo? —
Balançou a cabeça. — Não. Mais uma vez, eu não vi as proteções
sobre este palácio caindo. — Os olhos dela se tornaram lânguidos
quando declarou: — Sou bastante boa no que faço. — Seus lábios se
inclinaram para cima. — Mas, eu sabia que possuíam grande poder
e pedi ao Noctorno para ficar preparado, apenas se fosse preciso.

— *Uh*, só para dizer, ninguém me chama de Noctorno — Noc
declarou, parecendo irritado.

Os lábios da Valentine se curvaram ainda mais e ela olhou na
direção dele.

— Como você fez isso? — perguntei e Valentine olhou para
mim. — Eles disseram que você não conseguiria usar sua magia lá.
Como o fez?

— *Ma colombe*, Você e suas irmãs quebraram esse
encantamento — Valentine respondeu. — Eu esperava que vocês
descobrissem isso. E vocês descobriram.

— Mas, eu não tenho magia — Cora comentou.

— Eu também não — disse.

— Nem eu — acrescentou Finnie.

Valentine olhou entre nós.

— Nós, mulheres, temos a habilidade de transportar magia.
Nós só precisamos de motivação. O amor é uma motivação
poderosa, você não concorda?

Bem, isso não poderia ser discutido.

— Independentemente disso — ela continuou —, Circe
possui magia e ela foi o canal para despertar a de vocês. Como eu
esperava, foi muito poderoso. Infelizmente, não poderia enviar os
homens ou batalhões de soldados para lá, pois mesmo com as suas

proteções recolhidas, a tríade ainda estava em plena força e alguém poderia se ferir na briga que se seguiu. No instante em que visse qualquer um de nós, eles levantariam as suas defesas, vickrants, toilroys e etc. Portanto, só poderia transportar uma pessoa para lá e enviei alguém que não veriam como uma ameaça, Franka, envolvida em um feitiço que abriria uma linha para os elfos chegarem até Lavinia, bem como criaria um desvio para — olhou na direção do Noc — Noc chegar e finalmente tornar seguro para eu e os homens irmos, sem o tedioso incômodo de lidar com exércitos de criaturas.

Tedioso incômodo. Essa mulher era uma coisa.

— Então, Franka possui magia? — perguntou Finnie, olhando na direção da Franka.

— Ela é uma mulher. Uma mulher com sua própria motivação — Valentine murmurou.

Eu estava olhando na direção da Franka também. Ela estava evitando todos os olhos. Mesmo assim, eu disse:

— Obrigada.

Sua cabeça levantou abruptamente e ela olhou para mim.

— Obrigada — repeti. — Isso precisou de muita coragem e eu... bem, agradeço por isso.

— Eu não o fiz por você — declarou friamente.

— Talvez não, mas você nos ajudou no final das contas e eu ainda sou grata — rebati.

O braço do Apollo, que estava à minha volta, me deu um apertão. A boca da Franka se contraiu enquanto ela encarava os meus olhos por longos momentos, antes de desviar o olhar.

— Você está bem, Lavinia? — perguntou Finnie e o meu olhar foi até a bruxa.

— Não é divertido estar morta — Lavinia respondeu, então, deu um pequeno sorriso. — Mas, como não estou mais assim e tudo está bem na minha Lunwyn novamente, estou bem.

— Já terminamos? — Valentine perguntou, diante desse intercâmbio. — Estou precisando desesperadamente de uma bebida.

— Eu também — Rainha Aurora murmurou, se levantando da cadeira. — Talvez duas. Chamarei um servo.

Ela se moveu e assim terminou o interrogatório. Cora, seguida por Tor, se moveu na direção do Noc. Finnie foi até Lavinia e desci do braço da cadeira, agarrei a mão de Apollo, o puxei para fora da cadeira e nos dirigimos até o Derrik.

Ele só olhou para mim enquanto caminhávamos até ele. Não sabia o que isso significava, mas algumas coisas precisavam ser ditas agora, então, decidi perguntar ao Apollo mais tarde. Sorri e soltei o Apollo quando cheguei perto do Derrik, me aproximei e me movi para dar um abraço nele. Seus braços se fecharam em torno de mim e senti a sua mandíbula ao lado da minha cabeça.

— Deve ter sido uma merda ficar com eles por tanto tempo — observei e ouvi a sua risada quando me deu um aperto e se inclinou um pouco sem me soltar.

Inclinei a cabeça para trás a fim de poder olhar para ele.

— Não foi divertido, mas não estou mais *com eles*, então estou bem — ele disse.

— Fico feliz — sussurrei e concluí com emoção: — Obrigada.

— Eu faria qualquer coisa por você, Maddie — ele sussurrou em resposta e senti a minha garganta se contrair porque ele provou que isso era verdade.

Seus braços me soltaram e me movi para o lado enquanto ele olhava para Apollo.

— Eu faria qualquer coisa por você — ele declarou.

No segundo em que falou isso, Apollo ergueu a mão, segurou a lateral do pescoço do Derrik e o puxou para frente, para ficarem cara a cara, olho no olho.

— Minha gratidão, meu irmão — afirmou Apollo, engoli em seco e meu nariz começou a formigar.

Ambos olharam nos olhos um do outro por algum tempo e eu esperei, observando e respirando profundamente. Apollo finalmente soltou o amigo e me aproximei rapidamente.

— Ok, odeio interromper essa reunião — comecei, dando ao Derrik um sorriso de “espero que você entenda” quando olhei para Apollo. — Mas, eu *realmente* quero ver as crianças.

— Então, vou levá-la até eles — Apollo respondeu imediatamente.

— Meeta e Loretta — acrescentei.

— Vou buscá-las para você, também.

— Então, preciso comer urgentemente — terminei e ele sorriu para mim.

Em seguida, se inclinou para mim e encostou a boca na minha. Depois disso, como era típico dele, Apollo não demorou a providenciar tudo o que eu precisava.

* * * * *

Uma semana depois, eu estava em uma antecâmara da Habitação dos Deuses, olhando para o feixe brilhante de ramos

delicados que Finnie havia acabado de colocar nas minhas mãos.

— Antes de você ir até lá e participar da cerimônia de casamento mais *longa* e mais *chata* de todos os tempos... uma coisa emprestada — ela disse. — Eu o usei quando me casei com o Frey. — Sorriu. — É claro que não tinha ideia de quem ele era na época, mas acabou tudo bem.

Sim. Certamente terminou bem.

Retribuí o seu sorriso e ela se afastou quando Circe se aproximou.

— Uma coisa antiga — disse, pegando minha mão, virando a palma para cima e colocando uma pena dourada lá.

Parecia que era da coroa de penas fodona que ela tinha em torno da testa e que se misturava aos seus cabelos.

— É da minha primeira coroa — ela me disse e meus olhos fitaram os dela. — Eu a destrocei quando fiquei zangada com o Lahn e voltei para o meu mundo. — Ela colocou a mão em cima da pena. — Ele guardou os pedaços. Alguns deles estão nessa coroa que estou usando agora. Alguns outros estão em uma bolsa que ele carrega todo o tempo. Ele a manteve, mesmo quando as probabilidades de me trazer de volta e me *conquistar* novamente estavam contra ele. — Circe inclinou a cabeça para o lado. — Então, acho que elas representam a esperança. Sério, não há um dia preenchido com mais esperança do que o dia de um casamento.

Eu poderia acreditar perfeitamente no Lahn carregando as penas da coroa da Circe durante todo o tempo, mas não na esperança de qualquer coisa. Aquele homem a queria de volta, então, encontraria uma maneira. Ele encontrou. Assim, era uma honra absoluta ter uma delas.

— Obrigada — sussurrei, levantando a outra mão para colocar em cima da mão dela.

Circe me deu um sorriso, apertou a minha mão e se afastou. Enfie a pena na manga da minha luva enquanto Cora se aproximava.

— Uma coisa nova — Cora disse, levantando a minha mão e a deixando suspensa enquanto prendia no meu pulso uma pulseira feita de delicadas argolas de platina, das quais pendiam pequenos símbolos de platina que me mostrou, virando o meu pulso.

À medida que ficavam à vista, a pele do meu pulso começou a formigar porque eu sabia o que cada um significava. A presa de um lobo: Apollo. Um arco e uma flecha: Christophe. Uma pequena boneca: Élan. Um chocalho em miniatura: nossa menina, ainda por chegar.

Cora fechou os dedos ao redor dos meus e desviei o olhar da pulseira a fim de olhar para ela.

— Você pode adicionar coisas a ela enquanto a vida lhe traz mais recompensas — falou.

— Obrigada — agradei mais uma vez, com voz rouca.

Ela sorriu para mim e respirei fundo para não voltar a estragar minha maquiagem.

— Uma coisa azul. — Nós ouvimos e virei a cabeça, piscando ao ver Valentine.

Ela levantou a mão elegante, a girou e senti algo gelado no meu pescoço.

— Puta merda — Circe sussurrou.

Nem tive chance de fazer *nada* quando Valentine se aproximou, colocou as mãos nos meus ombros e me virou, me

movendo para a frente de um espelho com bordas douradas, onde parou. Eu contra a minha garganta, no lugar da joia que havia estado lá, um requintado e reluzente colar feito com diamantes Sjofn, extraordinariamente bem cortados, de Lunwyn.

Também vi Valentine atrás de mim e observei quando ela inclinou a cabeça para sua boca ficar perto da minha orelha.

— Algum tempo atrás, um homem cheio de tristeza me entregou uma bolsa cheia de esperança. Essas pedras estavam naquela bolsa — ela disse em voz baixa e meus olhos voltaram ao colar. — Ele sabia, como eu sabia e agora você sabe, mesmo pagando para ter a chance de tê-la novamente, que o amor não tem preço. O amor vale cada batalha travada, cada ferida infringida. Ele sabia disso, como você já sabe, *ma colombe*, que o amor é tudo.

Levantei a mão e toquei as pedras com as pontas dos dedos, mas os meus olhos se moveram até os dela, através do espelho.

— Você o está dando para mim? — perguntei.

— *Oh* não, *ma chérie*. Ele sempre foi seu, só estou devolvendo.

Putá merda! Balancei a cabeça.

— Mas, é o seu pagamento.

— Aprendi, Madeleine, e devo admitir que foi contra a minha vontade, mas aprendi que existem muitas maneiras de ser recompensada. — Os dedos, com unhas pintadas de vermelho-sangue, pressionaram os meus ombros. — Hoje você irá se vincular a um homem que cuida de você como uma preciosidade. Você se une a ele carregando uma criança feita de amor. Tenho uma pequena parte nisso e esse é o único pagamento que preciso.

Eu estava *totalmente* convencida a falar com Apollo para dar mais diamantes, a fim de buscar os meus *Cheeto's*.

— Não sei o que dizer — falei para ela.

— Não diga *nada*. Apenas seja você mesma. Sendo você mesma, seja feliz — ela respondeu.

Ok. Até então, não estava certa de que ela era a minha pessoa favorita, mas *agora* ela havia atingido as dez mais.

Sorri para ela através do espelho e seus lábios se curvaram, retribuindo o meu sorriso. Então, a porta abriu e Loretta entrou.

— Os homens estão ficando impacientes! — gritou.

Meeta entrou atrás dela, o olhar fixo em mim quando observou:

— Isso é verdade. No entanto, as coisas dificilmente podem começar sem você. É um exercício de caráter aprender a esperar.

Ela não estava errada, mas eu não queria que meu homem esperasse, por isso me movi e senti as mãos da Valentine saindo dos meus ombros.

— Já está na hora do *show* começar — Finnie murmurou, veio até mim e se inclinou para concluir contra o meu ouvido: — Tente não cair no sono.

Sorri contra o seu cabelo.

Apollo havia me explicado como eram as cerimônias de casamento em Lunwyn. Eu sabia que ficaria muito tempo de pé, ouvindo palavras que ninguém na sala entendia porque os homens santos daquele lugar falavam na língua antiga. Não me importei.

Quando tivesse terminado, Apollo Ulfr — o bom — seria meu, oficialmente. Para conseguir isso, ficaria em pé durante um ano e

ouviria alguém tagarelar durante todo esse tempo. Felizmente, não tinha que fazer isso.

Finnie pegou a minha mão e a apertou antes de se afastar e piscar.

— Vejo você na festa, depois do casamento — Circe disse e encostou seu rosto no meu, antes de correr para frente quando Finnie se afastou.

— Vejo você lá — respondi.

Ela me deu outro sorriso antes de se afastar, então, Cora estava lá e encostou o rosto no meu também, dizendo:

— Não seja feliz. Seja *extravagantemente* feliz. Você merece. Isso foi *tão* doce.

— Serei — prometi.

Ela se afastou, todas se reuniram, Valentine não disse *nenhuma* palavra e, diante disso, fiquei feliz. Ela havia dito o suficiente e eu estava me segurando. Não poderia chorar. Queria que Apollo se casasse com o *meu eu* impressionante, não o de olhos inchados, manchados de rímel e com o rosto vermelho.

Entretanto, antes que elas saíssem, as observei enquanto pensava que era legal *pra* caralho ser amiga de duas princesas legítimas e uma rainha completamente explosiva. Apenas pensando nisso, era legal *pra* caralho que eu tivesse tantas amigas.

Finnie, em seu vestido de veludo azul-gelo, com a coroa fodona nos cabelos platinados, feita de diamantes em formato de pingente.

Circe, usando um pesado sarongue de seda dourada, preso por um cinto feito de argolas de ouro. O top dourado podia ser visto porque estava coberto por uma blusa colada na pele, dourada e de

manga comprida. Um colar de ouro de aparência pesada no pescoço, brincos de ouro pendendo das orelhas e o que pareciam ser centenas de pulseiras de ouro nos pulsos. A coroa de penas brilhando na sua testa.

Cora, usando um vestido de veludo azul-royal ao estilo de Lunwyn, uma pesada corrente de ouro indo até os quadris, safiras enormes nas extremidades, uma coroa de ouro de muito bom gosto, fabulosa, se entrelaçando nos brilhantes cabelos castanhos.

O *Dream Team*. O meu *Dream Team*. Mulheres que, como eu, viram o impossível, incrível e *fantástico* sonho se transformando em realidade. Sonhos que *ninguém* ousaria sonhar. Sonhos que vivemos todos os dias.

Soprei um beijo para elas, que retribuíram o gesto — menos Valentine — e caminharam até a porta. Loretta e Meeta correram para frente quando elas saíram, ambas colocando suas mãos em mim. As da Meeta arrumando os meus cabelos, as da Loretta arrumando a saia do meu vestido.

— O que é isso? — perguntou Meeta, se inclinando para trás, os olhos no meu colar antes de olhar para mim. — Isso não combina com o seu vestido, senhorita Maddie.

Ela estava certa. Não combinava. Meu vestido era aquele que eu usaria no Bitter Gales. Um vestido que, *agora*, era o meu vestido de casamento. Cetim no tom de verde dos Ulfr, sem ombro e com decote baixo. Em volta dos antebraços foi luxuosamente enfeitado com uma ampla faixa de pele marrom-escuro. A bainha e a cauda da saia tinham a mesma pele as contornando. O cinto era de ouro, mas possuía esmeraldas e topázios incrustados nas argolas. Havia meia dúzia de presilhas, com pedras combinando com

o cinto, segurando as torções intrincadas e as ondas dos meus cabelos, brincos no estilo pingente, que caíam dos lóbulos das orelhas. Também usava luvas para noite cor de topázio, com uma barra de pele nas extremidades.

Os diamantes azul-gelo não combinavam. Ainda assim, eram absolutamente perfeitos.

— É um presente do Apollo — disse para Meeta, mas não era exatamente verdade.

Ainda assim, era verdade.

— *Ah* — Meeta murmurou e sorri para ela.

Ela encarou os meus olhos e retribuiu o sorriso.

— Há duas senhoras que precisam ocupar os seus lugares e o Chefe de uma Casa que está ficando um pouco impaciente — a voz de um homem foi ouvida, olhamos para a porta e vimos que Achilles enfiou a cabeça para dentro.

— Certo! Temos que correr! — exclamou Loretta, que saltou para frente e me deu um beijo na bochecha, depois disparou para fora da sala.

— Até mais tarde, senhorita Maddie — Meeta falou baixinho, se inclinou para frente, encostou seu rosto no meu, se inclinou para trás quando pegou a minha mão e a apertou, antes de soltá-la e caminhar para fora, como se estivesse fazendo uma caminhada noturna.

Achilles havia se deslocado para fora do caminho delas e as deixou passar, mas quando foram embora, se juntou a mim no quarto.

— Pronta, pequena? — perguntou em voz baixa.

— Pronta, Lees — respondi calmamente e ele ofereceu o braço.

Eu me movi para frente e o aceitei. Ele me guiou para fora da antecâmara e para o vestíbulo da Habitação dos Deuses. Draven, Hans, Alek, Remi, Gaston e Laures estavam todos parados ao redor, vestindo as cores das suas Casas, esperando. Todos, exceto Derrik, que estava caminhando para mim, sorrindo.

— E ela está uma noiva muito bonita — murmurou quando chegou perto de mim.

— Obrigada, querido — murmurei em resposta.

Apollo havia explicado tudo o que aconteceu entre ele e Derrik. Fiquei surpresa e, tinha que ser dito, um pouco triste por compreender isso. Foi um milagre que ambos os homens tivessem superado e agora... Bem agora...

Ele se moveu para o meu lado e ofereceu o braço.

Agora, ele era nosso de novo. Meu. Do Apollo e da Casa dos Ulfr.

Respirei fundo, re arranjei o buquê de ramos de adela para descansar contra o cotovelo do Achilles e aceitei o braço dele. Com Achilles de um lado e Derrik do outro, me viraram até a porta.

Laures, Draven e Hans entraram em formação na nossa frente. Remi, Gaston e Alek se moveram para nossa retaguarda. Laures ergueu o queixo aos dois rapazes parados na frente das portas e eles as abriram. Meu estômago se contraiu.

— Tudo bem? — Derrik perguntou, entrelaçando os seus dedos nos meus.

— Com certeza — respondi, olhando para frente. Os homens se moveram e eu me movi junto com eles.

Na parte da frente do santuário, estavam as estátuas dos deuses desse mundo e um homem trajando vestes brancas, uma longa faixa colorida enrolada em torno do seu pescoço, pendendo na frente.

Apollo também estava na frente, usando uma camisa bem cortada no tom de verde dos Ulfr, um casaco marrom igualmente bem cortado, calça marrom excepcionalmente bem costurada, botas marrons extremamente polidas e um lenço no pescoço. Tive a sensação, ao vê-lo naquele momento, que teria muitas outras oportunidades na vida para ficar impressionada com a sua beleza, mas nenhum momento seria melhor do que esse.

Paramos na frente da primeira fileira de bancos e viramos à direita, a fim de que os homens pudessem se curvar e eu fazer uma reverência à Rainha Aurora, que estava sentada no meio do banco, Frey e Finnie, Circe e Lahn, Cora e Tor, compartilhando o lugar com ela. Christophe e Élan, porém, estavam sentados ao seu lado.

Quando ela acenou para nos levantarmos, nos erguemos e abaixei a cabeça para ela, enviei um sorriso ao longo da totalidade do banco, mas pisquei para Christophe e Élan. Élan riu e acenou. Christophe apenas inclinou o queixo para mim. Viramos e os homens me levaram até Apollo.

Eu só tinha olhos para Apollo e ele só tinha olhos para mim. Na verdade, quando Laures, Draven e Hans se afastaram e o homem de vestes brancas começou a falar, Apollo nem mesmo olhou para ele. Também não olhou para ele quando o homem parou de falar e Apollo levantou o punho.

Continuou a encarar o meu olhar enquanto Derrik me soltava, Achilles avançava comigo, levantava a minha mão e colocava os

meus dedos em torno do punho do Apollo. Ele nem mesmo desviou o olhar quando o homem de vestes brancas disse algo e todos os homens do Apollo exclamaram:

— Sim!

O homem de vestes brancas continuou a falar enquanto eu sentia os homens do Apollo se afastarem e lá estava eu, ao seu lado, a cabeça dele inclinada para baixo, a minha inclinada para trás, tudo para que pudéssemos manter o contato que Apollo não quebraria. Senti que ele gostou da minha roupa. Entretanto, tive uma sensação muito mais forte de que ele gostou, pura e simplesmente, de mim.

Apollo finalmente desviou o olhar, mas apenas por um instante, a fim de olhar para a minha garganta, antes dos seus olhos voltarem aos meus, e vi algo brilhar nos dele.

— Esse é um colar estonteante — observou, murmurando.

— Um presente de casamento precoce — murmurei em resposta.

— E uma surpresa agradável — Apollo ainda estava murmurando.

Ele sabia o que era.

— Realmente — respondi e ele sorriu.

Absorvi aquele sorriso, aquele olhar, a sensação da sua mão sob a minha e falei:

— Eu te amo, Apollo Ulfr.

Dessa vez, seus olhos não brilharam. Eles arderam.

— E eu te amo, Madeleine Ulfr.

Encarei o seu olhar e cheguei mais perto. Então, quebrei o contato visual só para instigar uma espécie de contato diferente. Eu

me inclinei para ele, descansei a cabeça no seu ombro e virei o meu olhar ao homem com as vestes.

Vi o homem santo acenar para mim, mas senti os lábios do Apollo tocarem os meus cabelos. O homem balbuciou algumas palavras. E mais algumas. E mais outras. Ele até passeou em torno das estátuas, continuando a balbuciar, mas não caí no sono e não fiquei entediada.

Eu podia não ter memorizado cada momento — porque houve um monte deles, a cerimônia de casamento de Lunwyn era *longa* —, mas definitivamente memorizei o que eu estava sentindo.

Quando a cerimônia estava oficialmente terminada, o meu novo marido me virou para ele, passou os braços à minha volta e mergulhou os lábios nos meus. Entretanto, antes que pudesse me beijar, sussurrei:

— Lembre-se desse beijo.

Seus olhos já calorosos, perscrutando os meus, se tornaram doces.

— Sempre — respondeu.

Sem demora, meu marido me deu exatamente o que eu queria, na verdade, o que sempre me deu. Um beijo que vale a pena lembrar.

* * * * *

Apollo

Seis meses depois, Apollo desviou o olhar do contrato que estava assinando e encarou o homem sentado em frente à sua

mesa.

— Isso é tudo? — perguntou.

— É — Jeremiah respondeu.

Apollo acenou com a cabeça, levantou o papel e o jogou sobre a mesa, murmurando:

— Agora, aproveite o resto do seu dia.

— Você também — Jeremiah respondeu e Apollo não disse *nada*.

Mas tinha certeza de que ele sabia que iria aproveitar. Logo, Apollo se levantou da cadeira, abaixou o queixo para o seu secretário e caminhou até a porta do escritório. Ele os ouviu no instante em que abriu as portas. Assim, foi direto para a grande sala de estar.

Chegou no topo da escada e não conseguiu ver todos os ocupantes do aposento, antes que a Élan corresse para ele, parando apenas quando bateu em seu corpo. No momento em que ela o fez, colocou os braços ao redor dos seus quadris e inclinou a cabeça para trás, a fim de poder olhar nos olhos dele.

— Maddie e eu fizemos *cookies*! — ela gritou

— É mesmo? — perguntou suavemente, colocando a mão nos cabelos grudentos dela.

— Açúcar — Élan declarou animadamente.

— Estão bons? — perguntou.

— Estão! — ela exclamou, depois acrescentou animadamente: — E nós os passamos em cristais de açúcar colorido, por isso eles são azuis, rosa e verde!

— Mal posso esperar para experimentar um — disse a ela.

— É seguro, agora — respondeu com autoridade. — Mas o Chris tem uma língua queimada. Maddie disse a ele para esperar até que esfriassem, só que ele não deu ouvidos. — Élan sorriu. — Ele ainda disse que estavam gostosos.

Apollo sorriu para a filha e deslizou a mão até sua bochecha, onde roçou carinhosamente com o dedo. Seu sorriso se ampliou e ela o soltou, mas apenas para ficar ao seu lado e segurar a mão dele.

Quando Apollo viu plenamente tudo o que estava acontecendo no salão, ficou completamente imóvel. Isso aconteceu porque o fogo estava queimando alegremente na lareira. Uma neve macia estava caindo do lado de fora das janelas. Laures, Alek, Draven, Derrik, Remi e Gaston estavam acomodados em cadeiras ao redor de uma mesa, que havia sido colocada no meio do espaço.

Em um canto, sentados nos degraus e quase escondidos em torno de uma curva, Hans e Loretta estavam nos braços um do outro, os rostos próximos, sua atenção nem um pouco focada no que estava acontecendo a uns seis metros de distância. Meeta estava sentada em uma cadeira, os olhos sobre a ação que se desenrolava no centro da sala.

A ação era Achilles sentado em frente à Madeleine, um jogo de Ricken montado em uma mesa entre eles, Christophe sentado em uma cadeira puxada para perto da Maddie. Sua Maddie tinha os olhos no tabuleiro, mas a mão descansava sobre a barriga arredondada.

Achilles fez um movimento. Christophe e Maddie estudaram o tabuleiro, então, Chris se inclinou profundamente, deslizando para o lado da sua cadeira, a fim de sussurrar na orelha dela.

Maddie olhou para ele.

— Tem certeza? — ela perguntou e Christophe assentiu.

Ela se inclinou e sussurrou na orelha do menino. Quando se afastou, Apollo viu o filho sorrir para sua esposa.

— É melhor.

Ela se virou para o tabuleiro com os lábios curvados e fez sua jogada.

— Caramba — Achilles murmurou.

Remi provocou:

— Saia dessa agora, Lees.

Achilles olhou para Christophe e Madeleine.

— Vocês dois são um par formidável.

Maddie sorriu para Achilles antes de se virar e levantar a mão, a palma voltada para Chris. Seu filho levantou a mão e deu um tapa na mão dela. O peito do Apollo se expandiu com tanta força que achou que explodiria. Porque lá estava ela. Sua pomba. Sua Maddie. Sua esposa. Em um lugar acolhedor, seguro, onde seria sempre bem-vinda, porque era a sua casa, rodeada por amor, criando lembranças de risos e momentos felizes. E lá estava o seu filho, bem ao lado dela. Um par formidável.

De repente, Maddie se virou para ele, sorriu e falou:

— Aí está você.

Apollo não se moveu porque não viu *nenhum* desespero, *nenhuma* escuridão nos olhos dela. Ele havia eliminado ambos e nada, apenas luz, brilhava através deles. Ele deu isso à Maddie. Essa havia sido a missão mais importante da sua vida e ele venceu.

Engolindo o nó na garganta, respondeu:

— De fato.

Foi então que sentiu a filha puxando sua mão e Apollo deixou que ela o levasse até sua família. Puxou uma cadeira para o outro lado da Maddie e permitiu que sua filha subisse em seu colo. Quando ela o fez, passou os braços à sua volta.

Nesse momento, viu Christophe e Madeleine vencerem Achilles no Ricken. Logo após, sentado no coração da sua casa com sua esposa e filhos seguros, próximos e felizes, com grande contentamento Apollo Ulfr ouviu o riso da sua família tocando o ar.

* * * * *

Maddie

Estava sentada no sofá, lendo uma carta da Finnie.

Ou estava tentando, uma vez que ela havia escrito no convés do navio do Frey, então, o ar salgado do mar havia deixado as letras borradas. Entretanto, peguei a ideia geral e a ideia geral dela era que, aparentemente, pais de filhos deixavam de ser pais idiotas quando tinham filhas. Pelo menos, não eram pais idiotas com suas filhas.

Eu poderia afirmar pelas histórias da Finnie, de como Frey era com sua Alyssa. Provas adicionais foram as histórias que li através das cartas da Circe, de como Lahn era com Andromeda — por outro lado, ele não era um pai idiota com a Isis, apenas com Tunahn. Por último, a partir do que descobri através das cartas da Cora, de como o Tor era com sua pequena Dara.

Eu estava sorrindo enquanto chegava ao fim dos contos da Finnie, sobre Frey passando de pai idiota para pai superprotetor,

quando senti um movimento no quarto. Olhei para cima e vi Élan entrar. Ela caminhou diretamente para mim, se jogou no sofá, ao meu lado, e cruzou os braços sobre o pequeno peito de menina.

Eu sabia o que aquilo significava.

— Acho que a carruagem está pronta — comentei e ela inclinou a cabeça para trás, a fim de apontar os olhos verde-jade para mim.

— Eu tenho que voltar, Maddie? — perguntou fazendo beicinho.

— Receio que sim, doçura. A escola é importante.

Ela apontou os olhos para frente e manteve o bico.

— Eu não sei o porquê você tem que ficar tão distante, do outro lado do país, quando Papa tem uma casa bem em Benies.

Eu também não sabia. Exceto que era calmo aqui e suspeitava que meu marido, como qualquer soldado faria em uma época sem guerra, necessitava de paz.

— Talvez eu possa falar com seu pai e morar lá por algumas semanas, para que você e Chris possam voltar para casa depois da escola, em vez de ficar lá — ofereci. — E nos fins de semana podemos ir às compras, comer uma torta em um café, talvez ele nos leve para jantar no *Le Pont de L'eau*.

Ela virou a cabeça abruptamente e olhou para mim de novo.

— Você faria isso?

— Qualquer coisa por você — respondi e não foi, absolutamente, uma mentira.

O rosto dela se iluminou. O rosto da minha doce Élan se iluminava muitas vezes, mas suspeitava que, dessa vez, era porque ela sabia que era verdade. Logo, uma voz veio da porta.

— Se apresse — Chris falou. — A carruagem está esperando.

Élan começou a fazer beicinho de novo, mas coloquei a carta de lado, me levantei do sofá, agarrei sua mão e a puxei. Andamos de mãos dadas até a porta enquanto Christophe observava as nossas mãos entrelaçadas. Ele nunca perdia nada. Não o Chris. Estava sempre atento, como qualquer bom soldado ou escritor precisaria estar.

Ele saiu da porta quando a alcançamos. Então, andou do meu outro lado enquanto caminhávamos até a porta da frente. Pensei que me acostumaria com isso, com o contentamento, a calma que vinha a partir da compreensão absoluta de que eu tinha tudo.

Caminhando até a porta com Chris e Élan, maravilhada com a doce sensação de tê-los na minha vida, tê-los me aceitando na deles, soube que nunca me acostumaria com isso e sabia o porquê.

Porque ficou ainda melhor quando Chris abriu a porta e meu marido, que estava nos degraus esperando por nós, o sol brilhando nos cabelos escuros, a camisa verde aberta no colarinho, a calça marrom com um caimento realmente muito bom, se virou na nossa direção.

Seus olhos calorosos e felizes deslizaram sobre mim, antes de olhar para os seus filhos.

— Pronto? — perguntou.

— Eu estou pronto — respondeu Chris.

— Eu nunca estou pronta para voltar à escola — lamentou Élan.

— Vamos ver você no final da semana, menina preciosa — Apollo disse a ela. — Agora, dê um beijo na Maddie e vamos partir.

Élan soltou a minha mão, mas só para se virar para mim e estender ambos os braços. Eu me inclinei para ela e abracei, assim como dei um beijo na bochecha. Ela tocou os lábios nos meus antes de me soltar e arrastou os pés enquanto caminhava até o seu pai. Seu passo suavizou quando ele ergueu a mão para ela, que estendeu a mão para pegá-la.

Chris se virou e olhou para mim.

— Até o final de semana, Maddie.

Levantei a mão e novamente fiquei maravilhada com a sensação de como era bonito quando ele permitia que eu inclinasse e tocasse a sua mandíbula.

— Cuide da sua irmã — disse a ele em voz baixa.

— Cuidarei — ele respondeu.

Dei um sorriso para ele, que retribuiu. Fiquei maravilhada com a sensação que isso causou, também. Abaixei a mão e Chris se virou, caminhando com a mesma graça do seu pai até a carruagem na qual Élan já havia entrado. Eu me movi até Apollo, coloquei a mão no seu estômago e inclinei a cabeça para trás.

Ele aceitou o convite e abaixou a cabeça para encostar a sua boca na minha.

— Voltarei em poucas horas, minha pomba — disse ele.

— Vejo você mais tarde, *baby*.

Apollo sorriu contra meus lábios e voltei a sorrir. Em seguida, ele roçou a boca contra a minha, antes de se afastar e montar em seu cavalo. Eu estava nos degraus da nossa casa de campo, em Fleuridia, o primeiro lugar que havia conhecido nesse mundo, e

acenei quando a carruagem deslizou para longe, Apollo cavalgando ao lado dela.

Meu marido não acenou de volta, mas abaixou a cabeça para mim. Élan, no entanto, se pendurou para fora da janela da carruagem e acenou freneticamente. Permaneci ali até que ficaram fora da vista. Já que a paisagem era vasta, isso levou algum tempo. Contudo, eu tinha várias horas sem *nada* para fazer, antes do meu homem voltar, então, continuei parada.

Gostei da visão diante de mim, das cores vívidas ferindo os meus olhos, a lembrança de que foi *aqui* onde deixei para trás uma vida que não valia a pena viver, que me foi dada uma vida pela qual valia a pena morrer.

Quando desapareceram, me movi de volta para casa pensando que deveria escrever uma carta para Finnie. Cora. Circe. No entanto, não fui até a minha escrivaninha. Fui até as escadas, imaginando que seria bom quando Loretta voltasse da sua lua de mel com Hans. Eu sentia falta dela. Estava feliz por ela, mas sentia sua falta. Também pensei que seria bom quando Meeta voltasse das férias repletas de sexo com Ruben.

Ele pediu a mão dela, mas Meeta disse que não queria me deixar e ele disse que não podia deixar Frey. Então, eles estavam em um impasse, trabalhando nisso na casa do Ruben em Houllebec, Lunwyn. Isso significava que, mesmo que partisse em viagem até mim, em Fleuridia, não a veria durante meses.

Eu esperava que nesses meses ela decidisse conceder sua mão ao Ruben. Sua amizade e lealdade significavam muito para mim, sem mencionar que ela era mestre em fazer penteados, mas o amor. O amor era tudo.

Diante desse pensamento, entrei no quarto e caminhei tranquila até o berço excepcionalmente feminino, com seus lençóis verdes de babados, o móbile pendurado sobre ele feito de lobos cinzentos acolchoados. Olhei para o berço e pisquei.

Nele estava Valentine, minha filha, com seu pequeno cabelo ruivo ondulado e um nariz minúsculo, através do qual sardas salpicavam. Entretanto, se ela abrisse os olhos sonolentos, poderia ver o puro e translúcido verde-jade. Isso não foi o que me surpreendeu.

O que me surpreendeu foi que, nos pés do berço, havia um saquinho de *Cheeto's* em forma de concha, uma caixa com canetas esferográficas, uma bolsa feita de seda verde-esmeralda e um envelope com meu nome escrito.

Eu me abaixei, peguei o envelope e o abri, puxando a carta para fora, as palavras escritas com tinta verde:

Ma Colombe,

Seu lobo desejou que você tivesse estas coisas e aqui estão. O que há na bolsa, no entanto, é um presente meu. Ofereço isso a você para que as coisas nem sempre fiquem chatas, felizmente. O amor está no ar e com ele vem as suas atribulações.

Desta vez, veremos se uma mulher daí pode arrumar sua vida com um homem daqui. Acredito que o Nocturno desse mundo terá uma tarefa difícil. Mas, no final, não tenho nenhuma dúvida de que ele terá sucesso. Com um pouco de intromissão.

Claro, a minha xará é linda, chérie.

Como sempre, lhe desejo felicidade,

Valentine.

Sorrindo para mim mesma, coloquei a carta de volta no envelope, tirei as guloseimas do berço da Valentine e as coloquei de lado. Então, toquei a suave pele rosada da bochecha da minha bebezinha.

A gravidez não correu sem seus dramas normais. O parto não foi curto. Felizmente, não foi longo. Aconteceu neste mundo, por minha escolha. A minha escolha foi que este é o meu mundo e eu não queria deixá-lo.

Ali estava ela, a prova de que o futuro irradiava brilho.

Na verdade, eu estava junto ao berço da minha filha e estava cega por ele. Mesmo assim, poderia ficar ali por dias, mas não fiquei. Eu me movi até a bolsa verde que Valentine havia deixado e a segurei na mão, empurrei os dedos pela abertura e a abri.

No mesmo instante, um brilho emanou do saco. Encarei o brilho por um momento, antes de aproximar o nariz e cheirar. Hortelã-pimenta com notas de baunilha e alcaçuz.

Foi então que sorri.

* * * * *

Apollo caiu de costas, me levando com ele. Eu estava respirando pesadamente, minha mão se movendo sobre a pele lisa, meus olhos se movendo através do quarto. Lá estávamos nós, nos espelhos que Apollo havia mandado colocar nas portas do grande guarda-roupa.

Ele estava deitado de costas, o corpo musculoso, forte, comprido estendido na cama, eu montada nele, minha testa no seu pescoço, meu torso nu pressionado contra o dele, nossos corpos conectados. Minha pele parecia leite em contraste com o tom moreno da dele. Nós parecíamos incríveis.

Meus olhos deslizaram até as duas xícaras de porcelana vazias, pousadas na mesa de cabeceira, mas voltaram ao espelho quando senti seu toque. Vi sua mão deslizar preguiçosamente sobre a bochecha da minha bunda. Vendo-o, sentindo-o, levantei a cabeça, deslizei sobre o seu peito e olhei nos olhos dele.

Lá estava aquele olhar. O primeiro olhar que havia me dado. Menos uma coisa, ele estava olhando para mim com ternura, mas nenhuma dor.

Eu dei isso a ele. *Eu.*

Um calor que não tinha *nada* a ver com o chá de adela subiu através de mim e abaixei a minha boca contra a dele.

— Mais? — sussurrei.

— Está pronta para isso? — Apollo sussurrou em resposta.

Senti meus lábios sorrirem e vi o mesmo nos seus olhos, mas também vi mais.

Ternura. Satisfação. Felicidade. Amor.

Eu dei tudo isso. *Eu.*

— Claro — murmurei, pressionando o meu corpo contra o dele e concluí: — Sempre.

Apollo inclinou a cabeça, seus braços se curvaram ao meu redor enquanto a boca segurava a minha e ele me virava de costas. Então, assim como Apollo era, me deu mais. Fez de novo, logo em seguida.

Fez isso novamente nove meses depois, quando nosso filho, Aether, nasceu.

FIM.

Glossário do Universo Paralelo

Lugares, mares, regiões da série Fantasyland de Kristen Ashley

Bellebryn — (lugar) Pequeno principado pacífico e do tamanho de uma cidade, localizado nas Terras do Norte e totalmente dentro dos limites de Hawkvale e do Mar Verde (oeste)

Fleuridia — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nas Terras do Norte; com limites para Hawkvale (norte e oeste) e Mar Marhac (sul)

Mar Verde — (mar) Corpo de água parecido com o oceano, com costas próximas a Bellebryn, Hawkvale, Lunwyn e Middleland

Hawkvale — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nas Terras do Norte; fronteiras com Middleland (norte), Fleuridia (sul e leste) e o Mar Verde (oeste) e Mar de Marhac (sul)

Keenhak — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas terras do sul; limites com Korwahk (norte) e Maroo (oeste)

Korwahk — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas terras do sul; limites com o Mar de Marhac (norte) e as nações de Keenhak (sudeste) e Maroo (sudoeste)

Korwahn — (lugar) Grande capital de Korwahk

Lunwyn — (lugar) Uma nação pacífica e avançada, localizada nos lugares mais distantes das Terras do Norte; limites com Middleland (sul), Mar Verde (oeste) e Mar de Inverno (norte)

Mar de Marhac — (oceano) Separa Korwahk, Hawkvale e Fleuridia

Maroo — (lugar) Nação primitiva guerreira, localizada nas Terras do Sul; limites com Korwahk (norte) e Keenhak (leste)

Middleland — (lugar) Uma nação um tanto avançada com um rei tirano, localizado nas Terras do Norte; Limites com Hawkvale (sul), Fleuridia (sul), Lunwyn (norte) e Mar Verde (oeste)

Mar de Inverno — (oceano) Corpo de água no Ártico, que forma a costa norte de Lunwyn, cheia de grandes geleiras.

Northlands — (região) A região ao norte do equador na terra alternativa

Southlands — (região) A região ao sul do equador na terra alternativa.

[1] Chérie: do francês, equivale a “querido”.

[2] Tout de suite: do francês, equivale a “imediatamente”.

[3] A Múmia: filme estadunidense dirigido por Stephen Sommers e lançado no Brasil em Junho de 1999.

[4] Chaise: sofá alongado em que a pessoa pode se sentar e esticar as pernas ou até mesmo se deitar.

[5] Je suis désolée. Je ne pas comprends: do francês, é equivalente a “sinto muito. Eu não entendo”.

[6] Tuna: peixes de água salgada pertencentes à família Scombridae. Inclui as espécies conhecidas por atum.

[7] Éclair: também conhecido como bomba, é um doce de confeitaria caracterizado pelo formato longo, idêntica à das carolinas com recheio cremoso e cobertura.

[8] Profiteroles: sobremesa feita com uma massa açucarada recheada com cremes, sorvetes e caldas, de acordo com a preferência do consumidor.

[9] Wreck Ramblin from Georgia Tech: é a música tema do Instituto de Tecnologia da Geórgia. A composição é baseada em “Son of a Gambolier”, a letra se baseia em uma antiga canção sobre uma bebida inglesa e escocesa do mesmo nome.

[10] Johnny Depp: John “Johnny” Christopher Depp II é um ator, músico, produtor de cinema e diretor norte-americano.

[11] Torment: do inglês, equivale a “tormento”.

[12] Ruão: designa cavalos cuja pelagem é caracterizada por uma mistura de pelos brancos e coloridos no corpo enquanto a cabeça e as extremidades do animal — parte de baixo das pernas, crina e cauda — são principalmente de cores uniformes e sólidas.

[13] Holiday Inn é uma cadeia multinacional norte-americana de hotéis que pertence à InterContinental Hotels Group.

[14] Cashmere: ou lã de caxemira, termo para alguns tecidos de lã e poliéster, que usam ligamento em sarja e possuem trama fechada. São geralmente usados na confecção de ternos, saias e tailleurs.

[15] Chéri: do francês, equivale a “querido”.

[16] Mon loup: do francês, equivale a “meu lobo”.

[17] Colombe: do francês, equivale a “pomba”.

[18] Odre: recipiente feito de pele de animal, geralmente de cabra, usado para o transporte de líquidos como água, azeite, leite e vinho.

[19] Anguish: do inglês, equivale à “angústia”.

[20] Bustiê: peça íntima de vestuário que cobre apenas o busto.

[21] Snickerdoodles: cookie feito com manteiga, açúcar e farinha, envolto em açúcar com canela.

[22] Spock: personagem icônico da franquia Star Trek, conhecido por não demonstrar emoções.

[23] Uhura: personagem da franquia Star Trek, conhecida por quebrar estereótipos e empoderar às mulheres negras nos USA na década de 70.

[24] Dr. McCoy: personagem da franquia Star Trek, conhecido por ser médico a bordo da Enterprise.

[25] Enterprise: nome da nave espacial da franquia Star Trek.

[26] Capitão Kirk: personagem da franquia Star Trek, conhecido liderar a equipe da Enterprise.

[27] Seahawks: franquia profissional de futebol americano sediada em Seattle, Washington.

[28] Dream Team: seleção de basquete dos USA campeã da Olimpíada de Barcelona em 1992. Era formado por grandes astros da NBA e foi campeão invicto, durante todo o torneio.